



Universidade de Brasília – UnB
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

AIDS-ENTRETENIMENTO:
a genealogia e os ecos sociossemióticos de um dispositivo da aids em redes sociais na
internet

FÁBIO DE SOUSA FERNANDES

Brasília/DF
2023

FÁBIO DE SOUSA FERNANDES

AIDS-ENTRETENIMENTO:

a genealogia e os ecos sociosemióticos de um dispositivo da aids em redes sociais na internet

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguagem e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Discursos, Representações Sociais e Textos.

Orientadora: Dra. Viviane Cristina Vieira.

Brasília/DF

2023

FÁBIO DE SOUSA FERNANDES

AIDS-ENTRETENIMENTO:

a genealogia e os ecos sociosemióticos de um dispositivo da aids em redes sociais na internet

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Viviane Cristina Vieira – Presidenta
Universidade de Brasília (PPGL/UnB)

Profa. Dra. Maria Carmen Aires Gomes – Membro efetivo interno
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Germán Canale – Membro efetivo externo
Universidad de la República de Uruguay (Udelar)

Prof. Dr. Leandro Colling – Membro efetivo externo
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profa. Dra. Juliana de Freitas Dias – Membro suplente interno
Universidade de Brasília (PPGL/UnB)

Prof. Dr. Carlos Henrique de Lucas – Membro suplente externo
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Brasília, 15 de dezembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

À minha família, minha mãe Luiza, meus irmãos Nando e Lorena, pelo acolhimento e guarita em todos os momentos de minhas travessias, tanto nas diversas cidades por onde morei quanto no recente retorno para casa em fase de escrita da tese. Ganho a estrada de novo, mas sei que estamos juntos.

Aos meus amigos que se tornaram minha família em Brasília. A Pedro, o primeiro que conheci ainda por telefone e foi extremamente acolhedor, generoso, querido. A Luciara, obstinada, sensível e acolhedora, chegamos praticamente juntos a Brasília e foi lindo acompanhar sua trajetória de sucesso na cidade. A Camila, sensível, sonhadora, criativa, acolhedora, sempre com projetos para um futuro melhor e mais bonito. A Leonardo, incansável, risada larga, humor afiado, acolhedor, sempre tornando o ambiente mais leve. Vocês fazem o clichê da arte do encontro ser transformada em uma verdade irrefutável.

Aos meus amigos que começaram comigo a travessia de mudança até Barreiras e se tornaram meus irmãos, meus ouvidos, meu afeto na aridez, na secura, mas, principalmente, no amor e na alegria que transborda quando estamos juntos em qualquer lugar. A Carlos, *mi hermana*, pela inspiração e referência como intelectual, pelo amigo de sensibilidade aguda e coração em brasa. A Murillo, pelas tantas acolhidas, de casa, de alma, pela generosidade que não cabe no corpo, pela intensidade na vida, pelo afeto sempre disponível. Obrigado, amigos-irmãos!

A Leandro Colling, por fazer parte de um momento de ressignificação na minha vida, quando em 2011, em Salvador, adentrei o/pelo CUS – Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade e pude refazer meus caminhos, ampliar meus horizontes e amenizar com tantas leituras, ouvidos e relações interpessoais as dores e transições que começaram naquele período. Eu olho para Salvador e vejo a beleza dos anos passando e suas transformações na carne.

A Juliana Dias, professora que faz da palavra arte e encantaria, que pela escrita nos incita a pensar em formas de cura. Aprendi muito com sua sensibilidade e estímulo à escrita criativa, de si, do outro, do mundo.

A minha orientadora Viviane Vieira, olhar grande, sensível, transformador, sorriso largo, que entende e aciona o conhecimento como partilha. Meu encontro com a Viviane aconteceu em 2008 em Feira de Santana, na Bahia, quando tive contato com seu livro, que foi decisivo para a escrita de meu TCC. Anos depois o destino, a estrada, as cartografias acidentadas da vida nos colocam como parceiros de pesquisa. Só tenho a agradecer por tanto aprendizado e afeto em todos esses anos.

Esta jornada é longa e atravessada pelas muitas vidas que, em alguma medida, foram afetadas pela emergência da aids em mais de quarenta décadas de epidemia. A minha reverência e a homenagem aos que se foram e a quem lutou por direitos, dignidade, respeito e atravessou, além da crise de saúde em seu momento mais agudo, as violências institucionais diversas.

Doente, a gente fica. Morrer, toda a gente vai. No entanto, quando se tem Aids, dizem más e poderosas línguas que a gente é “aidético” e, para fins práticos, carrega um óbito provisório, até o definitivo passamento que logo virá. Eu, por mim, descobri que não sou “aidético”. Continuo sendo eu mesmo. Estou com Aids. Uma doença como outras doenças, coberta de tabus e preconceitos. Quanto a morrer, não morri: sei que Aids pode matar, mas sei melhor que os preconceitos e a discriminação são muito mais mortíferos. Quando morrer, que a morte me seja leve, mas não me vou deixar matar pelos preconceitos. Estes matam em vida, de morte civil, a pior morte. Querem matar os doentes de Aids, condenando-os à morte civil. Por isto, desobedientemente, procuro reafirmar que estou vivíssimo. Meu problema, como o de milhares de outros doentes, não é reclamar mais fáceis condições de morte, mas reivindicar melhor qualidade de vida. Problema, aliás, que é comum à quase totalidade dos brasileiros.
(Daniel, 2018 [1989], p. 21)¹.

¹ Herbert Daniel (1946-1992) faleceu vitimado por complicações causadas pela aids. Foi um guerrilheiro exilado por conta da luta armada contra a ditadura militar brasileira, mas também escritor, jornalista e sociólogo. Execrado pela ditadura de direita, ele desafiou a heteronormatividade de setores da esquerda, lutando incansavelmente pelos direitos dos homossexuais e das pessoas vivendo com HIV/Aids.

RESUMO

Esta pesquisa objetiva reconstituir a genealogia de um dispositivo que emerge no contexto da cultura de massas na década de 1980, produzindo e circulando transnacionalmente produtos midiático-culturais sobre a aids. A outra faceta da investigação foca nos ecos sociossemióticos desse dispositivo: eles se materializam em redes interacionais e nos processos de construção/contestação político-identitária realizados por ativistas e influenciadores digitais brasileiros que utilizam a plataforma de compartilhamento de conteúdo e rede social multimídia *Instagram*, cuja temática do perfil seja focado em HIV/Aids. Para isso, é preciso considerar que, desde 1980, as epidemias de aids geraram crises de âmbito político, cultural, social, econômico e moral, extrapolando a esfera da doença nos níveis biomédico e epidemiológico. Organizou-se uma imensa rede constituída por saberes científicos (de diferentes disciplinas) e não científicos, por instituições governamentais e não governamentais, por serviços médicos específicos, por movimentos sociais e redes de discriminação. A investigação utiliza referenciais teórico-metodológicos dos Estudos Críticos do Discurso, sobretudo a Análise de Discurso Crítica e a Análise de Dispositivo (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003a, 2016a; Jäger, 1993; Jäger; Jäger, 2007; Jäger; Maier, 2016; Kress; Leeuwen, 2021; Resende, 2019; Resende; Ramalho, 2016), em diálogo com os estudos sobre Cultura de Massa e Cultura de Mídia, Cibercultura e Redes Sociais (Morin, 1997; Lévy, 1999; Han, 2018a, 2018b, 2019; Recuero; Bastos; Zago, 2020; Di Felice, 2020; Sibilia, 2016) e com os Estudos *Queer* e pós-estruturalistas (Butler, 2008, 2015a, 2015b, 2019, Grunvald, 2009; Sáez, 2007; Preciado, 2018). A primeira etapa desta pesquisa empreende o mapeamento da aids como símbolo coletivo, por meio da cartografia documental de produtos midiático-culturais de fontes variadas, de épocas, gêneros discursivos, nacionalidades e temáticas diversas, tendo em comum o tema HIV/Aids (obras literárias, fílmicas, materiais publicitários, pedagógicos e de comunicação de movimentos sociais etc.). A fase seguinte foca na geração de dados de pesquisa em ambientes virtuais, por meio de netnografia discursiva, partindo do princípio de que a pesquisa investiga o que entendemos por “realidade social *big data*”, isto é, o tecido digital não como uma extensão do mundo *offline*, mas como uma realidade ontológica com estrutura social peculiar. Os dados de pesquisa geradas por netnografia na plataforma de rede social *Instagram*, em confluência com o uso de técnicas etnográfico-discursivas, objetivam contemplar aspectos da produção, circulação e apreciação estético-discursiva dos vídeos selecionados. Esses dados são analisados com base no repertório teórico-metodológico da ADC e nos diálogos transdisciplinares com os Estudos *Queer* e os de Cultura de Massa e Cibercultura. A compreensão desse complexo processo de embate social, interação a partir de redes e construção político-identitária é fundamental para a ressignificação e a potencialização das estratégias de resistência e enfrentamento às epidemias de HIV/Aids no Brasil.

Palavras-chave: Aids. Histórias da aids. Cultura Digital e Redes Sociais. Identidades. Análise de Discurso Crítica.

ABSTRACT

This research aims to reconstruct the genealogy of a device that emerged in the context of mass culture in the 1980s, producing and circulating media-cultural products about AIDS transnationally. The other facet of the investigation focuses on the sociosemiotic echoes of this device: they materialize in interactional networks and in the processes of political-identity construction/contestation carried out by Brazilian digital activists and influencers who use the content sharing platform and multimedia social network Instagram, whose theme of the profile is focused on HIV/AIDS. To do this, it is necessary to consider that, since 1980, AIDS epidemics have generated political, cultural, social, economic and moral crises, going beyond the sphere of the disease at the biomedical and epidemiological levels. An immense network was organized consisting of scientific (from different disciplines) and non-scientific knowledge, governmental and non-governmental institutions, specific medical services, social movements and discrimination networks. The investigation will use theoretical-methodological references from Critical Discourse Studies, especially Critical Discourse Analysis and Dispositive Analysis (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003, 2016; Jäger, 1993; Jäger; Jäger, 2007; Jäger; Maier, 2016; Kress; Leeuwen, 2021; Resende, 2019; Vieira; Resende, 2016), in dialogue with Cyberculture and Social Networks studies and Mass Culture and Media Culture Theory, (Morin, 1997; Lévy, 1999; Han, 2018a, 2018b, 2019, Recuero; Bastos; Zago, 2020; Di Felice, 2020; Sibilia, 2016; Santaella, 2003); with Queer and post-structuralist Studies (Butler, 2008, 2015a, 2015b, 2019, Grunvald, 2009; Córdoba; Sáez; Vidarte, 2007; Preciado, 2018). The first stage of this research undertakes the mapping of AIDS as a collective symbol, through the documentary cartography of media-cultural products from varied sources, eras, discursive genres, nationalities and diverse themes whose theme is HIV/AIDS (literary works, films, material advertising, pedagogical and communication of social movements etc;). The next phase will be to generate research data in virtual environments, through discursive netnography, assuming that the research investigates what we understand as “big data social reality”, that is, the digital fabric not as an extension of the offline world, but as an ontological reality with a peculiar social structure. The research data generated by netnography on the social network platform Instagram, in conjunction with the use of ethnographic-discursive techniques, aims to contemplate aspects of the production, circulation and aesthetic-discursive appreciation of the selected videos. These data are analyzed based on the ADC theoretical-methodological repertoire, and on transdisciplinary dialogues with Queer Studies and Mass Culture and Cyberculture. Understanding this complex process of social conflict, interaction based on networks and political-identity construction is fundamental for the reframing and strengthening of resistance strategies and coping with the HIV/AIDS epidemics in Brazil.

Keywords: AIDS. Histories of AIDS. Digital Culture and Social Networks. Identities. Critical Discourse Analysis.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo reconstruir la genealogía de un dispositivo que surgió en el contexto de la cultura de masas en la década de 1980, produciendo y haciendo circular productos transnacionales mediático-culturales sobre el SIDA. La otra faceta de la investigación se centra en los ecos sociosemióticos de este dispositivo: se materializan en las redes interaccionales y en los procesos de construcción/contestación identitario-política llevados a cabo por activistas e influyentes digitales brasileños que utilizan la plataforma de intercambio de contenidos y red social multimedia Instagram, cuyo tema de perfil se centra en el VIH/Sida. Para ello, hay que tener en cuenta que, desde 1980, las epidemias de SIDA han generado crisis políticas, culturales, sociales, económicas y morales, que van más allá del ámbito de la enfermedad a nivel biomédico y epidemiológico. Se ha organizado una inmensa red formada por conocimientos científicos (de distintas disciplinas) y no científicos, por las instituciones gubernamentales y no gubernamentales, por los servicios médicos específicos, por los movimientos sociales y por las redes de discriminación. La investigación utiliza referencias teóricas y metodológicas de los Estudios Críticos del Discurso, especialmente del Análisis Crítico del Discurso y del Análisis de Dispositivos (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003a, 2016a; Jäger, 1993; Jäger; Jäger, 2007; Jäger; Maier, 2016; Kress; Leeuwen, 2021; Resende, 2019; Resende; Ramalho, 2016), en diálogo con los estudios sobre Cultura de Masas y Cultura Mediática, Cibercultura y Redes Sociales (Morin, 1997; Lévy, 1999; Han, 2018a, 2018b, 2019; Recuero; Bastos; Zago, 2020; Di Felice, 2020; Sibilia, 2016) y con los Estudios Queer y el postestructuralismo (Butler, 2008, 2015a, 2015b, 2019, Grunvald, 2009; Sáez, 2007; Preciado, 2018). La primera etapa de esta investigación consiste en cartografiar el SIDA como símbolo colectivo, mediante una cartografía documental de productos mediático-culturales de diversas fuentes, de distintas épocas, géneros discursivos, nacionalidades y temáticas, con el tema del VIH/SIDA en común (obras literarias, películas, materiales de publicidad, pedagógicos y de comunicación de movimientos sociales, etc.). La siguiente fase se centra en la generación de datos de investigación en entornos virtuales a través de la netnografía discursiva, partiendo del principio de que la investigación indaga en lo que entendemos como "realidad social big data", es decir, el tejido digital no como una extensión del mundo offline, sino como una realidad ontológica con una estructura social peculiar. Los datos de investigación generados por netnografía en la plataforma de redes sociales Instagram, en confluencia con el uso de técnicas etnográfico-discursivas, pretenden contemplar aspectos de la producción, circulación y apreciación estético-discursiva de los vídeos seleccionados. Estos datos se analizan a partir del repertorio teórico-metodológico de la ACD y de diálogos transdisciplinarios con los Estudios Queer, Cultura de Masas y Cibercultura. La comprensión de este complejo proceso de choque social, interacción en red y construcción político-identitaria es fundamental para resignificar y potenciar las estrategias de resistencia y enfrentamiento a la epidemia del VIH/SIDA en Brasil.

Palabras clave: Sida. Historias de SIDA. Cultura digital y Redes Sociales. Identidades. Análisis Crítico del Discurso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “O perigoso” (série “O perigoso”)	18
Figura 2: Margarida (série “O perigoso”).....	19
Figura 3: Prímula (série “O perigoso”).....	19
Figura 4: A persistência de infecções entre as populações-chave.....	20
Figura 5: Jornal Luta Democrática (1987).....	21
Figura 6: Revista Manchete (1988).....	21
Figura 7: Lisiantros (série “O perigoso”).....	22
Figura 8: Copo de leite (série “O perigoso”).....	22
Figura 9: Os chatos unidos foram enfim vencidos.....	24
Figura 10: Evandro Manchini – Imagens Instagram – 28/6/2023.....	26
Figura 11: Frame de encontro dos ativistas digitais em “Youtubers e HIV: prevenção, irreverência e informação: prevenção, irreverência”	33
Figura 12: O Terço (parte do projeto “Oração a Contrapelo: O Terço”).....	34
Figura 13: Esboços ontológicos da aids enquanto acontecimento.....	41
Figura 14: Campanha Ministério da Saúde 2003 – “Tire o peso da dúvida. Faça o teste do vírus da aids”	42
Figura 15: Estudos críticos do discurso como um processo circular.....	45
Figura 16: Mapa ontológico do funcionamento social da linguagem.....	48
Figura 17: Estrutura dupla da linguagem.....	50
Figura 18: Os processos, seus significados e a sobreposição de suas fronteiras.....	51
Figura 19: Revista NY Times: “no <i>Coming Home Hospice</i> , em São Francisco, David Brewster, um paciente com AIDS, sendo atendido por seu amigo Michael Boller, 29/1/1989”	57
Figura 20: VITOR HIV + – Imagens Instagram – 21/1/2021.....	57
Figura 21: Perspectivas epistemológicas.....	69
Figura 22: Movimentos da pesquisa netnográfica-discursiva e da cartografia documental	75
Figura 23: O processo reflexivo da metodologia netnográfica-discursiva.....	76
Figura 24: Gerando dados a partir da delimitação ontológica da aids-entretenimento.....	81
Figura 25: A aids e o escorpião.....	85
Figura 26: O HIV e Gabriel Comicholi – Imagens Instagram – 1/12/2020.....	87
Figura 27: As linhas do tempo da aids.....	94
Figura 28: Desenhando uma genealogia da aids.....	95

Figura 29: Cazuza "Cara a Cara" com Marília Gabriela – 6/12/1988.....	97
Figura 30: Ilustração de abordagens na imprensa mundial.....	103
Figura 31: Metonímia da aids.....	106
Figura 32: Frames de “Viver Melhor”	107
Figura 33: AIDS: os que vão morrer contam sua agonia, 1988.....	113
Figura 34: Untitled, Barton Lidice Benes (Paper and HIV medication), 2006.....	115
Figura 35: Folheto de oração com ilustração da sífilis (1500), retirada do “Archiv für Geschichte der Medizin”	116
Figura 36: Filipe Estevam Terapeuta HIV+ – Imagens Instagram – 18/9/2023.....	121
Figura 37: “HIV / AIDS - EU SOU AIDÉTICO?”: Canal “Drew”, 21/5/2020.....	127
Figura 38: O “paciente zero” como fonte de transmissão (destaque meu)	131
Figura 39: “O monstro que nos deu a aids”: frame de manchete de jornal da época no filme “Killing Patient Zero”	133
Figura 40: “Perverso”: página riscada da edição “The 25 Most Intriguing People of '87”, Revista People, 28 de dezembro de 1987.....	134
Figura 41: Silêncio = morte: policiais retiram membros do ACT UP que realizavam um protesto dentro do corredor do Capitólio do Estado de Nova York, em Albany, em 28 de março de 1990.....	137
Figura 42: Coletivo artístico <i>Gran Fury</i> , 1988.....	138
Figura 43: Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS no Rio de Janeiro em 1994.....	140
Figura 44: Ativistas na marcha do Orgulho Gay de Nova York, 1983.....	141
Figura 45: Cartazes representando o número de vítimas da AIDS em uma manifestação no Central Park, Nova York, 1983.....	141
Figura 46: HIV/AIDS - Por que continuamos lutando? - Dezembro Vermelho.....	141
Figura 47: Evandro Manchini – Reels <i>Instagram</i> – 23/7/2023.....	145
Figura 48: Fé: búzios x antirretrovirais.....	148
Figura 49: Possibilidades e exemplos do símbolo coletivo da aids.....	150
Figura 50: Andrew Beckett, o suporte de soro e <i>La Mamma Morta</i>	151
Figura 51: África e aids na imprensa – Jornal A Luta Democrática, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1983.....	161
Figura 52: Léxicos do medo: peste e câncer gay na imprensa.....	162
Figura 53: The Face of AIDS.....	164
Figura 54: O rosto da aids no Brasil.....	164

Figura 55: Ressignificando a capa da Veja. Gaê – Imagens Instagram – 1/12/2022.....	168
Figura 56: Gabriel Comicholi – Reels Instagram – 18/10/2022	172
Figura 57: O tratamento do HIV e a queda do número de mortes relacionadas à aids.....	177
Figura 58: Charge de um jornal russo em 1986, acusando os EUA de terem inventado a Aids.....	185
Figura 59: Posithividades Lucian Ambrós – Reels <i>Instagram</i> – 18/10/2022	190
Figura 60: O dispositivo da aids e o dispositivo aids-entretenimento.....	195
Figura 61: Determinantes do estigma da AIDS (segundo De Bruyn, 1999)	197
Figura 62: Esquema geral do dispositivo.....	200
Figura 63: Manifestação com abraço coletivo no Cristo Redentor, no Dia Mundial da Aids, em 1988.....	202
Figura 64: Promoção do sexo seguro a partir da instalação de uma “camisinha” no obelisco da Cinelândia. Rio de Janeiro, 1991.....	203
Figura 65: Capa da Veja São Paulo sobre o Hospital Emílio Ribas (1992)	205
Figura 66: Relações entre os significados do discurso, de Fairclough (2003a), e os eixos de Foucault (1994a)	206
Figura 67: Entre a militância e o ativismo: a aids como ponto de inflexão nos movimentos sociais.....	220
Figura 68: Allan Bruno – Reels Instagram – 30/10/2023.....	227
Figura 69: Psi Guilherme Lima Vivo com HIV – Reels Instagram – 15/05/2023.....	232
Figura 70: Os rostos dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids.....	236
Figura 71: Lucas Raniel – Vivo com HIV – Reels Instagram – 27/3/2021.....	237
Figura 72: Outras identificações em perfis de Instagram que discutem HIV/Aids.....	243
Figura 73: Populações-chave – políticas públicas de resposta ao HIV/Aids.....	244
Figura 74: O anonimato em perfis do Instagram falando sobre HIV/Aids.....	246
Figura 75: As interfaces básicas do Instagram.....	254
Figura 76: Exemplos de stories.....	256
Figura 77: Miniaturas de lives de Posithividades Lucian Ambrós – Reels Instagram – 26/10/2022 e Evandro Manchini – Reels Instagram – 20/12/2020.....	257
Figura 78: A iconografia no Instagram e seu algoritmo.....	259
Figura 79: Questionando o Google sobre as redes sociais.....	261
Figura 80: Posithividades Lucian Ambrós – Reels Instagram – 26/10/2022.....	269
Figura 81: Da direita para a esquerda: perfil profissional e pessoal de Psi Guilherme Lima e depois o perfil profissional e o perfil reserva de Filipe Estevam.....	275

Figura 82: As dinâmicas do texto, da sociedade e das instituições de mídia social.....	276
Figura 83: The Aids Memorial: biografias e rostos ressignificados.....	278
Figura 84: Vídeos verticais: reel de Evandro Manchini e story de Filipe Estevam Terapeuta HIV+.....	283
Figura 85: Filipe Estevam Terapeuta HIV+ – Imagens Instagram – 6/7/2023.....	295
Figura 86: Evandro Manchini – Imagens Instagram – 28/6/2023.....	299
Figura 87: Gabriel Comicholi – Reels Instagram – 23/5/2022.....	300
Figura 88: Lucas Raniel – Reels Instagram – 13/2/2023.....	303
Figura 89: Posithividades Lucian Ambrós – Reels Instagram – 12/7/2023.....	307
Figura 90: Ação-interação-relação e gêneros discursivos no <i>Instagram</i>	308
Figura 91: Intervenção artística Indetectável = Intransmissível de Vinícius Couto.....	311
Figura 92: Kako Arancibia conversa com participante durante realização da ação CONTAGIAR em praça pública (Foto de Jefferson Fonseca, cedida pelo autor)	313
Figura 93: Evandro Manchini – Imagens Instagram – 13/8/2022.....	321
Figura 94: Evandro Manchini – Imagens Instagram – 7/6/2023.....	324
Figura 95: Lucas Raniel – Reels Instagram – 6/2/2020.....	326
Figura 96: Gabriel Comicholi – Reels Instagram – 9/5/2022.....	331
Figura 97: Psi Guilherme Lima – Imagens Instagram – 1/11/2021.....	335
Figura 98: Leo não consegue mudar o mundo, 1989. Arte de José Leonilson. col. Dias Reichert.....	339
Figura 99: O Monte das Oliveiras, 1992. Arte de José Leonilson. Projeto Leonilson, Sergio Guerini.....	349

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfis de <i>Instagram</i> dos ativistas de criadores de conteúdo de aids.....	28
Quadro 2: Metafunções da LSF transpostas em metafunções da GDV.....	52
Quadro 3: Potenciais de significado do design identitário.....	53
Quadro 4: Subsistemas do Sistema de Avaliatividade (Metafunção Interpessoal)	55
Quadro 5: Agenda crítico-explanatória da pesquisa sobre a aids-entretenimento.....	82
Quadro 6: Análise de discurso a partir dos signos e dos eixos do dispositivo da aids- entretenimento.....	207
Quadro 7: Oposições entre a primeira e a segunda modernidade.....	225
Quadro 8: Informações básicas dos perfis dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids.....	247
Quadro 9: Dialogismo e debate na contemporaneidade.....	264
Quadro 10: A governança algorítmica no <i>Instagram</i>	282
Quadro 11: Fatores hipermediáticos e situacionais.....	314

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids
- ACT UP – *Aids Coalition to Unleash Power*
- ARCA/ISER – Religioso Contra Aids/Instituto de Estudos da Religião
- AD – Análise de Dispositivo
- ADC – Análise de Discurso Crítica
- ADTO – Análise de Discurso Textualmente Orientada
- CDC – Centro de Controle e Prevenção de Doenças
- CID – Classificação Internacional de Doenças
- Covid-19 - *coronavirus disease 2019*
- DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos
- ECD – Estudos Críticos do Discurso
- GAPA – Grupo de Apoio à Prevenção da Aids
- GDV – Gramática do Design Visual
- GNP+ – Grupos Rede Global de Pessoas Vivendo com HIV
- HIV – *Human Immunodeficiency Virus*
- ICW – Comunidade Internacional de Mulheres Vivendo com HIV/Aids
- IPPF – Federação Internacional de Planejamento Familiar
- LGBT+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais e outros/as
- LSF – Linguística Sistêmico-Funcional
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- Pela Vidda – Grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids Apoio
- PEP – Profilaxia Pós-exposição
- PrEP – Profilaxia Pré-exposição
- PVHIV – Pessoa Portadora do Vírus da Aids
- SINAN – Sistema de Informação de Agravos de Notificação
- SOMOS – Grupo de Afirmação Sexual
- SUS – Sistema Único de Saúde
- TARV – Terapia antirretroviral
- UNAIDS – Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids
- UnB – Universidade de Brasília

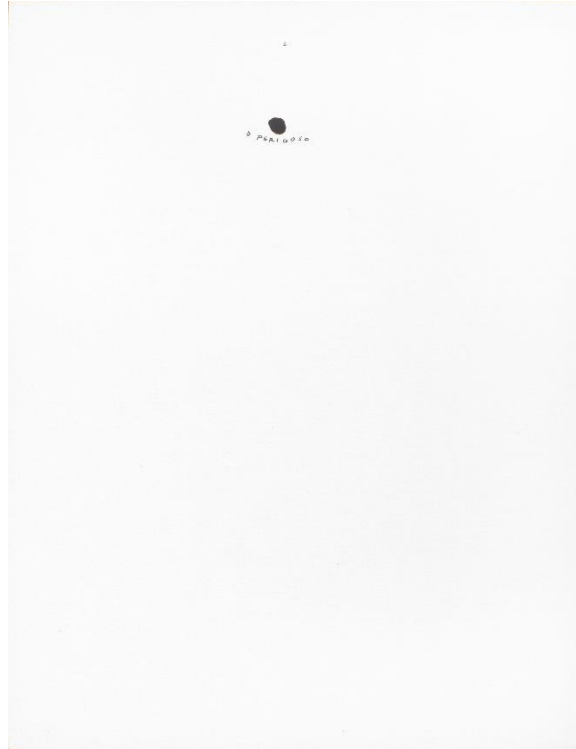
SUMÁRIO

SOBRE EXAMES, DEVANEIOS, COMPRIMIDOS E ESCRITURAS – NOTAS INTRODUTÓRIAS	18
1 SOBRE FIOS DISCURSIVOS E ESCRITURAS SOBRE A AIDS: NOTAS, MAPAS E RASCUNHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	37
1.1 Esboços e pilares ontológicos: a aids como um objeto-signo de consumo	38
1.2 Perspectivas epistemológicas	43
<i>1.2.1 Os Estudos Críticos do Discurso (ECD)</i>	<i>43</i>
<i>1.2.2 Concepções basilares de discurso: as perspectivas Dialético-Relacional e da Análise de Dispositivo</i>	<i>45</i>
<i>1.2.3 Os Estudos de Cibercultura e de Mídias Sociais</i>	<i>61</i>
<i>1.2.4 Os Estudos Queer</i>	<i>63</i>
<i>1.2.5 Conectando conceitos de cultura e identidades em torno de crises e remodelações sociais</i>	<i>64</i>
1.3 A aids-entretenimento e suas textualidades: do recorte sincrônico de dados em mídias sociais digitais ao mapeamento diacrônico de produtos midiáticos-culturais	70
<i>1.3.1 A aids e os seus fios discursivos: ilustrações de um símbolo coletivo</i>	<i>84</i>
1.4 A genealogia da aids como parte de uma “ontologia de nós mesmos”	89
<i>1.4.1 A montagem de um símbolo coletivo: “os que vão morrer contam sua agonia”</i>	<i>97</i>
2 AIDS COMO SÍMBOLO COLETIVO E MIDIATIZAÇÃO GORE	115
2.1 Contagem regressiva: o tempo e o fim das identidades soropositivas	115
<i>2.1.1 Três arquétipos: mitos e narrativas de origem e disseminação da aids</i>	<i>125</i>
<i>2.1.2 Crônicas sobre o fim</i>	<i>146</i>
2.2 Direitos Humanos, Contracultura e Cultura das Mídias: dignidade e vida em disputa	150
<i>2.2.1 Aids, estigma e regime farmacopornográfico</i>	<i>160</i>
3 AIDS-ENTRETENIMENTO, ONTOLOGIA SOCIAL BIG DATA E AS ECOLOGIAS COMUNICATIVAS DAS IDEIAS NO INSTAGRAM	176
3.1 Fissuras no dispositivo da aids-entretenimento	177
<i>3.1.1 Entretenimento como faceta alienante do consumo ou como abertura para utopias?</i>	<i>180</i>
<i>3.1.2 O esquema teórico-conceitual da aids-entretenimento</i>	<i>188</i>
3.2 A era do entretenimento: da lógica industrial a uma dimensão informativo-digital de sociedade	212
<i>3.2.1 A experiência como ponto de partida: as redes de ativismos de aids e o fenômeno dos net-ativismos</i>	<i>218</i>
3.3 A identidade como performance imagético-relacional na plataforma multimídia de rede social Instagram: desenhando rizomas netnográfico-discursivos	234

<i>3.3.1 Os rostos e personagens da aids nas redes sociais: geração de dados no entrelugar entre o net-ativismo e a fama on-line dos influenciadores digitais</i>	242
<i>3.3.2 A netnografia discursiva na plataforma de compartilhamento de conteúdo e rede social multimídia Instagram</i>	249
<i>3.3.2.1 Imersões participativas no Instagram</i>	251
<i>3.3.2.2 A rede social digital de net-ativistas e influenciadores de aids: as práticas sociais dialógicas e a micropolítica da aids</i>	263
<i>3.3.2.3 Esquadrinhando dados em redes: os gêneros multimodais globais e o espaço-tempo conversação</i>	272
<i>3.3.2.4 Emergindo e integrando os dados: os ecos sociossemióticos do dispositivo da aids-entretimento</i>	308
RASCUNHOS DE UM FUTURO SEM AIDS	339
REFERÊNCIAS	351
APÊNDICE A – COLETÂNEA DOS DADOS	374

SOBRE EXAMES, DEVANEIOS, COMPRIMIDOS E ESCRITURAS – NOTAS INTRODUTÓRIAS

Figura 1: “O perigoso” (série “O perigoso”)



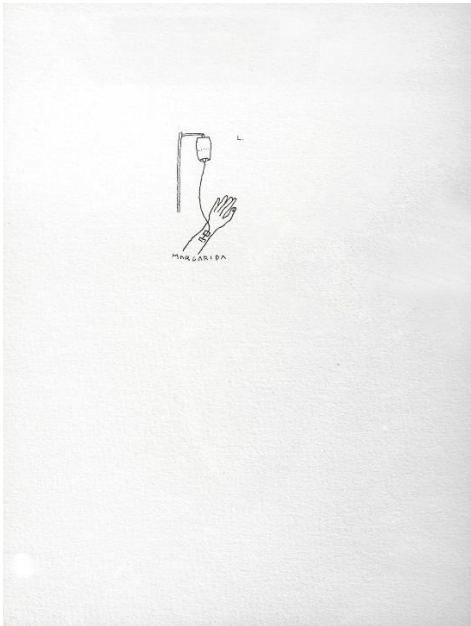
Fonte: Cassundé; Resende, 2012, p. 52

O exame positivo para HIV ainda é o passaporte para o mundo da doença, esse lugar genérico no qual não importa onde começa o vírus e termina o ser. Entre um e outro, a aids² se faz presente discursiva e emocionalmente, mesmo ausente naquele corpo. Não faz mais diferença. A imagem acima (Figura 1) é do multiartista brasileiro (pintor, desenhista, escultor) José Leonilson, que descobre estar vivendo com HIV em 1991, fato que influenciará sua última fase de produção, marcada por suas projeções autobiográficas e por suas reflexões sobre corpo, vida e morte. O percurso de sua dor é desnudado, de forma lírica e sutil, na série de sete desenhos intitulada “O perigoso”, de 1992, em que são representadas a sua ritualidade com a doença e o tratamento, atravessada por uma série de signos religiosos. A “gota do sangue contaminado” do “perigoso”, emoldurada em um grande vazio (e silêncio), é o ponto de partida da ironia entre imagem e palavra que se refletem na sutileza visual da autoexposição de suas

² Nesta tese, utilizo “aids” como palavra e não como uma sigla, visto que, na década de 90, a imprensa já tinha adotado essa concepção (Machado, 1996), sendo reconhecida como uma palavra da língua portuguesa na edição de 2001 do dicionário Houaiss. Atualmente, após a Reforma Ortográfica, foi dicionarizada também pela Academia Brasileira de Letras (Palavra, 2016).

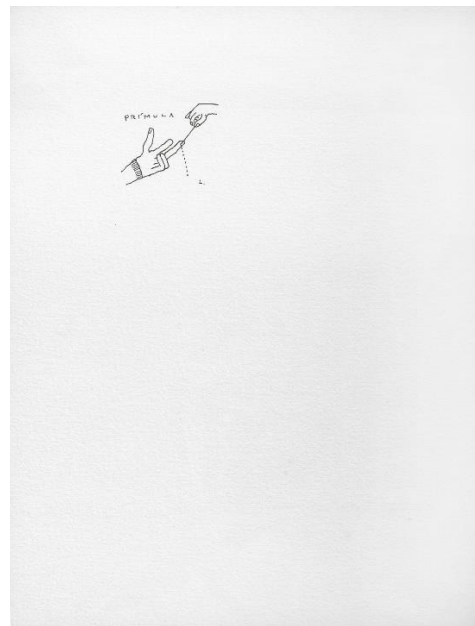
feridas a partir de elementos que remetem ao cotidiano da vivência com a aids (sangue, soros, agulhas, pílulas) e nos desenhos seguintes com as palavras referentes a uma variedade de flores (margarida, prímula, lisianthro, copo-de-leite) e elementos místicos (anjo da guarda e fadas). A experiência da morte é aqui uma forma de dialogar com a vida, mas, explicitamente, é o desenho de um calvário que se anuncia a partir de sua tradução pela arte, no encontro com o processo poético (Cassundé; Resende, 2012, p. 51), como demonstrado também nas Figuras 2 e 3.

Figura 2: Margarida (série “O perigoso”)



Fonte: Cassundé; Resende, 2012, p. 52

Figura 3: Prímula (série “O perigoso”)



Fonte: Cassundé; Resende, 2012, p. 51

A minha história com o HIV é como muitas, atravessada pelo drama, e é justamente o tecido dele que me impulsionou a ler, pesquisar e escrever sobre o tema: literalmente a teia que estrutura histórias tão similares e pendentes em um limite ao melodrama. Outras razões se somaram nessa minha empreitada. Em uma esfera mais coletiva, os diagnósticos tardios para a soropositividade, por conta de alguma complicação decorrente da aids, são ainda hoje um desafio essencial a ser superado na Saúde Pública. Inquieta-me profundamente que pessoas continuem morrendo em decorrência da aids, porque, entre a infecção e o seu estágio mais grave, houve uma lacuna no acesso ao diagnóstico e ao tratamento.

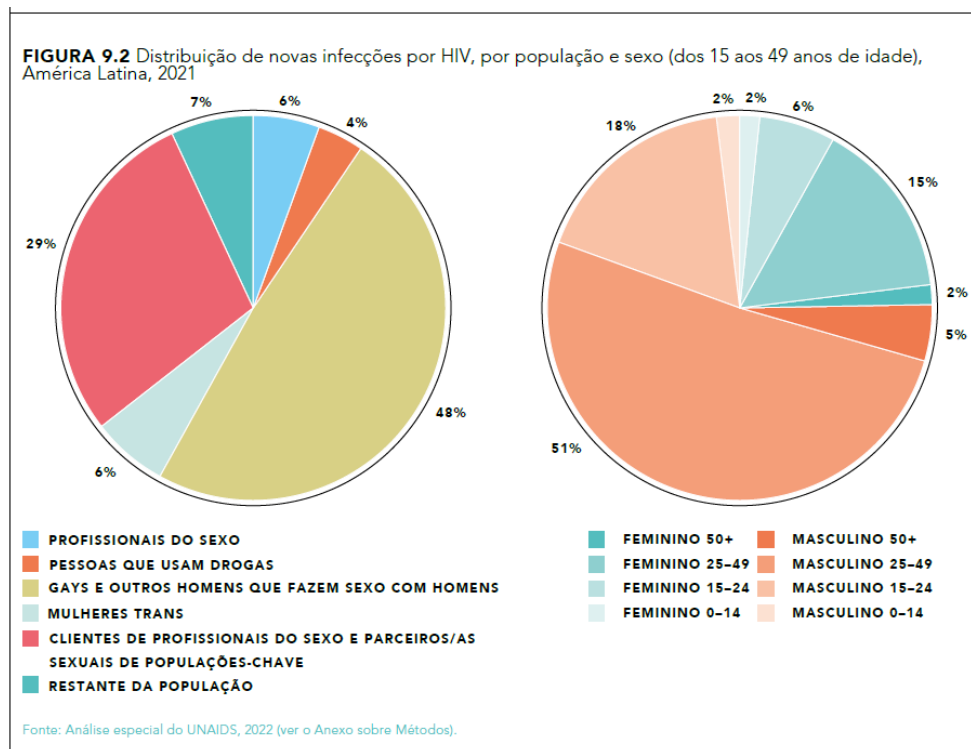
Vivemos em uma era em que o avanço tecnológico no campo da saúde continua perpendicularmente distante das populações vulneráveis socioeconomicamente no planeta. No período da pandemia da covid-19, houve uma precarização nos serviços fundamentais para o diagnóstico, o tratamento e a prevenção do HIV, gerando cerca de uma morte por minuto em

2021, um total de 650 mil mortes relacionadas à aids em um contexto de existência de diagnóstico rápido, eficiente e tratamento eficaz para o HIV, além de ferramentas para prevenção, diagnóstico e tratamento das infecções oportunistas (UNAIDS, 2022, p. 2).

No Brasil, temos um dos melhores programas de resposta ao HIV/Aids do mundo. No entanto, como representado pelos gráficos da Figura 4 e, conforme o Relatório Global sobre AIDS do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids:

A América Latina, uma das primeiras histórias de sucesso na disponibilização do tratamento do HIV, perdeu força, permitindo que as epidemias ganhassem impulso novamente entre os jovens gays, outros homens que fazem sexo com homens e outras populações-chave (UNAIDS, 2022, p. 5).

Figura 4: A persistência de infecções entre as populações-chave



Fonte: UNAIDS, 2022

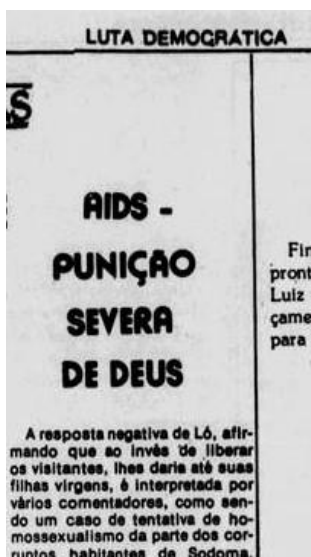
Intersecções entre o estigma e a discriminação e as profundamente arraigadas desigualdades econômica, violência racial e de gênero, além das crises humanitárias no continente, impossibilitam o acesso universal aos serviços para HIV, ampliam a vulnerabilidade e prejudicam os esforços regionais na resposta à epidemia. Quando detectado em estágios iniciais, o vírus pode ser eficazmente mantido sob controle de forma contínua por meio das diversas terapias disponíveis, reduzindo as chances de transmissão a zero. Cria-se, entretanto, para as pessoas que vivem com HIV, um limbo de indefinição entre ser diagnosticado, viver

com o HIV e ser considerado doente. Esse entrelugar é alicerçado por uma epidemia de estigmas e significados solidificados por décadas.

O estigma é certamente parte da liga que explica o paradoxo de coexistência entre a possibilidade de um tratamento eficaz e disponível de forma gratuita pelo estado brasileiro e a ainda persistente quantidade de infecções e mortes – menor que em outras décadas, mas ainda preocupante, principalmente pela prevalência em grupos mais vulneráveis. Isso me impulsionou a pensar o problema sob o ponto de vista da cultura e da linguagem, o que me leva diretamente ao elemento-chave, à problemática e ao campo que definem minhas escolhas para esta pesquisa: *o alastramento, na última década, de comunicadores e ativistas, páginas e canais falando sobre HIV e aids na internet, além da propagação de comunidades on-line fechadas onde as pessoas construíram espaços seguros e redes de cuidado e autocuidado.*

A partir desse ponto de inflexão, reiterei em minhas memórias o contato que tive com o tema aids e como ele sempre foi atravessado por elementos simbólicos, imagéticos e mediados pelas mídias de cultura de massa. As hiperbólicas, assustadoras e onipresentes imagens das duas primeiras décadas da epidemia de aids nunca deixaram de se fazer presentes. Falar sobre aids é como entrar em um ambiente em que sobressaltam cacofonia e poluição visual, como retratam as Figuras 5 e 6:

Figura 5: Jornal Luta Democrática (1987)



Fonte: A luta (1987)

Figura 6: Revista Manchete (1988)



Fonte: Revista Manchete (1988)

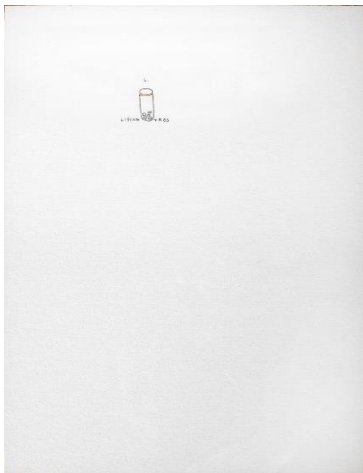
Nas décadas de 1980 e 1990, circulavam em produção de larga escala pela imprensa tradicional brasileira discursos de cunho religioso, associando imagens de cenas bíblicas à

epidemia de aids, assim como as capas de revista com imagens chocantes e carregadas simbolicamente (mesmo que o conteúdo, como no caso dessa Revista Manchete, seja esclarecedor, didático e destoante do que era publicado no período). Nessa época, a alcunha de “peste gay” era repetidamente mencionada pelo jornalismo em todo o mundo. O processo de compreensão biomédica a respeito do vírus e da síndrome não acompanhava o ritmo de (des)informação e a quantidade de imagens veiculadas pela imprensa.

Até a metade da década de 1990, os tratamentos ainda eram pouco eficientes e viver com HIV significava experienciar a morte-própria a partir de uma relação com o tempo estabelecida a partir de outros parâmetros. A iminência da morte forçava a experimentação intensa com o presente, haja vista a insegurança quanto ao futuro. A perda desse futuro e a consciência do uso do presente promovia uma descronologização do tempo, uma ausência de diferença entre o “ontem”, o “hoje” e o “amanhã”. Nas narrativas autobiográficas da época, evidenciava-se uma nova relação com a vida, não em uma espera passiva da morte, mas em um processo de fruição singular dela.

O *status* de cronicidade gerou a expressão “pessoa vivendo com HIV”, que nos remete à complexa relação das pessoas que vivem com HIV, com seu “hóspede”. A medicação permanente produz cada vez menos efeitos secundários, mas a medicalização diária enseja uma produção farmacológica de si. Um exemplo disso seria a obsessão das pessoas que vivem com HIV com a quantificação das células TCD4, que evidencia o estado de imunidade e torna-se um cartão de identidade para elas (sua oscilação gera apreensão, desespero ou tranquilidade). Vida e morte são quantificadas, sintetizadas por números em um protocolo médico (Carvalho, 2010), como demonstram as Figuras 7 e 8:

Figura 7: Lisiantros (série “O perigoso”)



Fonte: Cassundé; Resende, 2012, p. 51

Figura 8: Copo de leite (série “O perigoso”)



Fonte: Cassundé; Resende, 2012, p. 50

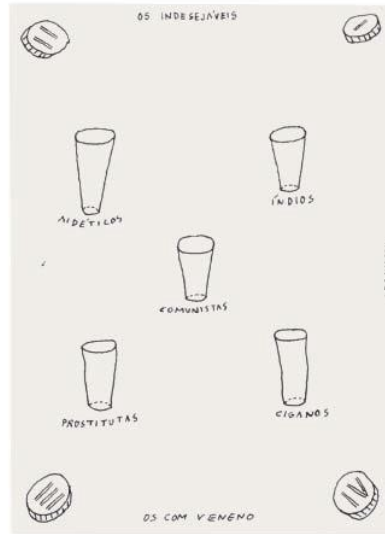
Antes disso, as manifestações físicas e a noção de proximidade da morte fizeram com que muitos armários fossem implodidos nas décadas de 80 e 90, fase mais aguda da crise. Essa ultraexposição das vítimas ocorreu no mesmo ápice dos discursos que estabeleceram interdependência entre o exame positivo para HIV, as práticas e as identidades sexuais (e, em outras camadas, os marcadores de gênero, raça, origem geográfica). A soropositividade provocaria um efeito dominó à confissão da sexualidade homossexual, em um movimento de exibição obrigatória da verdade sobre si, cuja expressão máxima estaria na confissão sexual, como refletiu Foucault (1999).

Relatórios e estudos médicos, biológicos, sociológicos etc. foram produzidos e revisados efusivamente, dado o caráter de ineditismo e a complexidade daquela condição de saúde e do seu vírus causador. Nesse sentido, José Leonilson afirma, em entrevista em 1992, que a ironia de sua poética na coleção “O perigoso” está na ideia do perigo em contraponto à banalidade da vida representada na folha de papel em branco, na delicadeza dos desenhos, na seleção das palavras e na simplicidade daquela “coisinha” que é a gota de sangue. Ele reitera que, sim:

Eu sou uma pessoa perigosa no mundo. Ninguém pode me beijar. Se eu me corto, ninguém pode cuidar dos meus cortes. Eu tenho que ir numa clínica. Tem gente perigosa porque tem uma arma na mão. Eu tenho uma coisa dentro de mim que me torna perigoso. Não preciso de arma. Basta me cortar. Veja os caras nas prisões com HIV positivo: eles se cortam e ficam ameaçando contaminar os outros (Lagnado, 1998, p. 123-124).

O olhar cético diante da morte vivida na experiência da aids o impulsionou a fazer de sua obra tanto uma biografia quanto uma crítica do seu tempo e de suas injustiças sociais, situado em um Brasil se reconstituindo pós-ditadura militar e em um mundo marcado por outras muitas crises políticas e cisões como a queda do Muro de Berlim. No olho desse furacão, ele era também um homem gay, vivenciando a ruptura do seu cotidiano com o seu desejo de viver e de gozar, sendo contraposto ao risco de matar e morrer. Ao pensar em uma ética do prazer em tempos de aids, ele é confrontado sobre fazer a sua escolha pela “morte em nome do prazer”, no que ele confirma que sim. Leonilson afirma que as pessoas fazem as suas escolhas e há a possibilidade do cuidado (camisinha, testagem etc.), “mas acontece que o desejo é uma coisa louca. O desejo é maior que o medo da morte”. Aqui ele afirma a preponderância do desejo, da pulsão de vida ao invés da entrega passiva ao calvário da doença. Nesse sentido, ele reafirma que é humano (Lagnado, 1998, p. 124).

Figura 9: Os chatos unidos foram enfim vencidos



Fonte: Cassundé; Resende, 2012, p. 193

Reproduzidos e distorcidos rapidamente, os conteúdos das mídias de massa em torno da aids operaram de modo a construir em torno dela signos apelativos a um consumo que ultrapassou noções como o acesso e o direito à informação: o sensacionalismo subjacente ao conteúdo e o formato da notícia e outros gêneros discursivos sobre a aids incitava o seu consumo como uma forma de entretenimento.

Desde a década de 1980, são inúmeros os trabalhos investigativos em diversos campos do conhecimento que se propõem a escrutinar as relações entre a aids e a esfera da comunicação social, seja nos campos do jornalismo impresso e audiovisual e da publicidade, seja nas artes, na literatura até o advento das mídias sociais. Esses trabalhos concentram-se principalmente na perspectiva do problema da representação para formular suas análises – e, como consequência dela, os processos de construção e ressignificação de identidades. Como a aids foi e é representada? Quais os impactos dessa representação? Como ressignificá-las? Quais identidades se constroem em torno da aids e como o estigma que a atravessa afeta essas pessoas? Como elas resistem? Perguntas como essas nortearam (e ainda norteiam) as investigações nas Ciências Humanas e Sociais, nas Artes e na Educação em torno do HIV e da aids.

As representações metafóricas e metonímicas entre doença, morte e identidade deteriorada tornam-se marca e produto, pois foram produzidas, distribuídas, proliferadas e consumidas intensamente no Ocidente por meio da TV, cinema, literatura, artes visuais, jornalismo etc., que se engajaram nessa profícua mercantilização. A esse respeito, ressalta Sontag (2007, p.75):

A metáfora dá forma à visão de uma doença particularmente temida como um ‘outro’ alienígena, tal como o inimigo é encarado nas guerras modernas; e a transformação da doença em inimigo leva inevitavelmente à atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele continue sendo encarado como vítima.

Mais do que a noção de um inimigo ou de um mal que ameaçam as sociedades, as representações metafóricas da doença provocariam curiosidade e desejo pela fruição, seja na ficção literária, seja no cinema de horror. Assim, a imagem e os símbolos são elementos fundamentais para a compreensão dos sentidos e estratégias engendradas tanto em representações hegemônicas da aids (principalmente na mídia jornalística) quanto nos focos de resistência daquele período (os ativismos e suas mídias alternativas) até as disputas realizadas hoje em torno das crises da aids.

Quando penso em aids e mergulho no extenso emaranhado de textualidades sobre ela, sobressaem-se as imagens impactantes e os textos verbais com explícita carga ideológica – seja no tratamento estigmatizante definido pela imprensa ou nas respostas dos ativismos de aids. Esse é o movimento da representação. Por outro lado, o HIV e a aids não podem ser isolados das pessoas que vivem com eles, isto é, texto e imagem não apenas representam as primeiras como produzem, em movimento metonímico, identidades das segundas. Esse é o movimento da identificação. Se desenharmos uma linha histórica mais linear da aids como fenômeno da cultura, o primeiro olhar é para a sua representação em meios hegemônicos e logo em seguida, ainda no ápice da crise epidêmica, essa disputa avança no surgimento de formatos alternativos de mídia e tentativas de ressignificação dessas representações que possuem o estigma como alicerce.

De modo dialético, identidades emergem como facetas de uma mesma moeda, na qual doença e pessoas são confundidas no mesmo signo. Inicialmente, o foco desta pesquisa situava-se nas representações e identidades/identificações da aids a partir dos discursos de influenciadores digitais. No entanto, considero os movimentos/modos de ação e interação como elementos nucleares para a composição desse mapa e que, por vezes, acaba sendo ocultado, posto que não apenas disputa-se a narrativa das representações da aids ou a (des)construção das identidades em torno de doenças, mas o controle dos meios, modos e formatos de criação, circulação e leitura de discursos como forma de agir e interagir no mundo (Fairclough, 2003a; 2016b).

A essa formação histórica de complexas redes de práticas sociais e dispositivo intitulo *aids-entretenimento*. Há uma batalha que ocorre nos ‘bastidores’ pela interação que se intensifica, seja no esforço dos ativistas e na proliferação de biografias das vítimas como

alternativa a outros repertórios de gêneros discursivos mais hegemônicos distribuídos pelo jornalismo impresso, pelo cinema, pela TV etc., seja na proliferação de influenciadores digitais de aids produzindo outras imagens na atualidade. A partir dessas definições, algumas questões de pesquisa foram estabelecidas:

- Como o acontecimento aids provocou a emergência de articulações sistemáticas para a construção de símbolos coletivos que atravessam décadas a partir de ecos sociossemióticos?
- O que é o dispositivo e a estrutura sociodiscursiva definida como aids-entretenimento, como se articula e funciona interdiscursivamente e é disputado nos espaços sociais estudados?
- A partir de quais pressupostos e modos de funcionamento os espaços digitais são definidos e analisados como elementos constituintes de uma realidade *big data* relativamente estável, com códigos, leis, noções espaciais, práticas específicas e modos de governança e modos de ser-existir? Quais os impactos para pesquisas nesse campo?
- Como se configuram as redes dialógicas dos sistemas de gêneros discursivos e sua potencialidade de proliferação, fluidez, hibridização no contexto das mídias sociais digitais e em momentos de outras práticas interrelacionadas à aids?
- Como os influenciadores digitais de aids, produtores de conteúdo, ativistas e pessoas que vivem com HIV constroem suas identidades, representam a aids e outras pessoas que vivem com HIV em seus conteúdos produzidos na plataforma multimídia e rede social *Instagram*?

Figura 10: Evandro Manchini – Imagens Instagram – 28/6/2023



Fonte: [Manchini \(2023\)](#)

Nesse contexto, os influenciadores digitais de aids reiteram os discursos que estabeleceram suas identidades como “perigosas” para reconfigurá-las, realizando uma autoavaliação positivada de si, ressignificando os estigmas e preconceitos sobre as pessoas que vivem com HIV (“celebrando o orgulho de ser quem se é”), em um movimento similar ao realizado por Leonilson: relatando a si mesmo a partir dos próprios recursos linguísticos que os significaram como o “perigo” (seja pela ironia, seja pela metáfora). A metáfora da tatuagem é a da inscrição identitária pelo atravessamento da vivência com o HIV e o sorriso na imagem também confirma a positivação no processo de autoidentificação. Por fim, o ciberespaço onde ocorre esse diálogo é uma plataforma de rede social aberta com múltiplos recursos que possibilitam ampliar a participação, o debate e o compartilhamento da imagem.

Com base nessas reflexões e nas questões acima traçadas, foi definido como objetivo geral *investigar a aids enquanto um acontecimento sociodiscursivo dividido ora por um movimento diacrônico que atravessa tempo e espaço através de símbolos coletivos, ora por uma mirada sincrônica em que influenciadores/ativistas de aids mobilizam em plataformas de redes sociais estratégias de ação-interação a partir de gêneros multissemióticos digitais, mediação e ressignificação de representações discursivas e de autoidentificações ante as epidemias de HIV/Aids.*

Este trabalho intenta em seus objetivos secundários: 1) compreender e conceituar a aids-entretenimento, isto é, a partir da genealogia do dispositivo de entretenimento da aids que funciona desde a década de 1980 até os novos códigos sociosemióticos, modos de ação e interação e produção de subjetividades que a subjazem; 2) mapear, definir e questionar as possibilidades, os códigos e os limites ontológicos de uma realidade social *big data* e suas estratificações a partir de uma plataforma de rede social específica e das redes sociais que nela se formam e se conectam em torno do HIV e da aids; 3) analisar a resposta a esse dispositivo, a potencialidade da recriação no contexto digital de outros discursos e representações imagéticas em torno da aids e das pessoas que vivem com HIV, inclusive em sua relação com a gama de conhecimentos e saberes acumulados em décadas de epidemias; 4) discutir a relação entre sexualidade e identidade em um mundo pós-aids, além dos processos intersubjetivos e de identificação política e ativista a partir do cenário da cibercultura; e, por fim, 5) cooperar com projetos de desdramatização da aids.

A partir desses objetivos, assim como vislumbrado por Sontag (2007), almeja-se que as metáforas de doenças sejam superadas, ou seja, que as identidades em torno da aids sejam desarticuladas, fossilizadas e alocadas para museus concomitantemente à ambição em torno da

superação da aids e do seu vírus como um problema de saúde. O fim da identidade soropositiva é a utopia derradeira de um projeto de mudança social pertinente ao HIV/Aids.

Para o movimento diacrônico, foram selecionados, por meio de cartografia documental, diversos produtos midiático-culturais que servem para construir uma ilustração panorâmica da aids enquanto acontecimento e apontam para a disputa em torno da concepção e remodelação do dispositivo que atravessa décadas: a aids-entretenimento. De modo a situá-la em uma mirada diacrônica, foram gerados dados a partir de netnografia discursiva e selecionados oito perfis brasileiros da plataforma de rede social *Instagram* que focam seu conteúdo e ativismo prioritariamente na temática HIV/Aids e sejam pessoas vivendo com HIV. A relação dialética entre ambas as perspectivas de geração de dados compõem a proposta de escritura de uma história possível da aids a partir de um recorte sociossemiótico e político-discursivo. Os perfis selecionados foram os seguintes:

Quadro 1: Perfis de *Instagram* dos ativistas de criadores de conteúdo de aids

Lucas Raniel - Vivo com HIV 

Criador(a) de conteúdo digital

lucasrael_

Psi Guilherme Lima | Vivo com HIV

Psicólogo

psi.guilima

Filipe Estevam | Terapeuta HIV+

Mais de 7 anos dedicados aos cuidados de pessoas vivendo com HIV | Autoconhecimento e educação emocional para você viver mais leve

filipe.estevam.leve

VITOR | HIV +

Criador(a) de conteúdo digital

@_xramos

Evandro Manchini ele/dele

Criador(a) de conteúdo digital

@evandromanchini

Gabriel Comicholi

- ator, produtor, criador de conteúdo, comunicador

@gabrielcomicholi

Allan Bruno

Fica vai ter reels 🤪

@oallanbruno

Posithividades | Lucian Ambrós

📌 Há 6 anos ajudando as pessoas compreenderem sobre HIV

@posithividades

Fonte: elaboração do autor

Essa diacronicidade se deu por considerar, assim como revela o mapeamento de Marcelo Secron Bessa (1997) sobre a literatura de aids em prosa no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, que a epidemia biológica emerge de forma concomitante ao que ele intitula “epidemia discursiva”. Como aponta o autor, a compreensão, a nomeação e a classificação da doença que se tornaria uma epidemia foi significada e narrativizada a partir de mitos como o da peste gay, e, por contiguidade, o da interrelação com grupos de risco, além de teorias conspiratórias sobre o vírus ter sido criado em laboratório ou a culpabilização da África e do Haiti como o seu local de gênese e distribuição, respectivamente (Bessa, 1997).

Desde, então, muito tem sido dito sobre a aids, e fazer um recorte dos textos que foram basilares para entendê-la sempre gerará exclusão de obras que foram fundamentais em meu processo de imersão no universo temático. Reitero que o foco da minha escrita é a de construção de uma genealogia da aids a partir do escrutínio e reconstituição de um dispositivo centrado na criação, circulação e recepção/consumo de produtos midiático-culturais e dos elementos não discursivos ao seu redor (instituições, objetos, ações etc.) em uma era de cultura de massas, da emergente cultura das mídias e, por fim, da cultura digital. Intitulo esse dispositivo de aids-entretenimento.

Portanto, a lista de obras a seguir é uma síntese das principais referências de pesquisas e reflexões teórico-acadêmicas que acionei para compreender o que é a aids e que destaquei por

sua singularidade e capacidade de afeto em minha escrita. Mobilizo por toda o trabalho a ideia um *corpus* infectado, diálogo tecido com a reflexão de Anselmo Alós (2019, p. 8), que, ao pensar as escritas literárias sobre a aids, destaca o esforço de racionalidade artística dos escritores em materializar, diante da calamidade da epidemia, as suas experiências caóticas de vida ou convivência com o HIV/Aids, ou mesmo diante do medo e da possibilidade de infecção. Alós afirma que:

As narrativas de aids, curiosamente, possuem um corpo. Se a corporalidade humana é a fronteira que separa a experiência vivida do “eu” do espaço social em que esse “eu” se constitui, as narrativas de aids podem ser pensadas como elementos que fazem a mediação entre a aids entendida como experiência vivida e a aids como narrativa estruturada em termos de um enredo coerente e verossímil (Alós, 2019, p. 8).

Em “Actualizações em Foucault: aplicações da noção de dispositivo ao VIH/SIDA”, Maria Manuela Carvalho (2010), partindo de uma reflexão no campo da Filosofia, tece um diálogo com a obra de Michel Foucault e o seu conceito de dispositivo aplicado ao HIV/Aids. A dinâmica complexa entre os elementos de Saber, Poder e Ética (Sujeito/Subjetividade) funciona não apenas para dispor macrocategorias analíticas para contar histórias possíveis sobre a aids, mas também para rearticular as fundações, as questões ontológicas que dela emergem e como alteraram os rumos da humanidade em fins do Século XX. Percebi nessa leitura que, de modo interdiscursivo, dispositivos internos se articularam proficuamente em torno da aids e, por uma questão sensível de foco, recortei um aspecto que considero central para pensar nela, que somente um movimento de mapeamento genealógico poderia trazer à tona. Assim, foi olhando para a pujança no consumo da aids como entretenimento em plataformas de redes sociais que puxei os fios intertextuais de sua proveniência até montar um dispositivo específico.

Marcelo Secron Bessa, em suas obras “Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids” (1997) e “Os perigosos: autobiografias & Aids” (2002), realiza um panorama das narrativas literárias no Brasil, focando suas análises, portanto, na gama diversa de gêneros em prosa, como a novela, o romance, as autobiografias etc. Seja abordado de sub-reptício (nas referências indiretas, elípticas e metafóricas), seja de modo explícito como nas autobiografias, a “vontade de dizer” era uma urgência que cumpria não apenas a função de um ato de ativismo, mas uma forma de se fazer ser ouvido em meio à verborragia perniciosa dos discursos que circulavam sobre a aids, ressignificando a “absoluta necessidade de uma honestidade cruel” (Alós, 2019, p. 1) que a doença e a abjeção impunham. No entanto, a literatura de aids possibilitou isso a seus escritores, os quais, por extensão, intentavam alcançar nos leitores o exercício de escrita de si. Segundo Bessa (2002), a subversão de gênero proposto pelas

autobiografias inventou estratégias narrativas que estética e poeticamente transfiguraram a experiência da aids. Como complemento a essa leitura, a pesquisa de Leandro Noronha da Fonseca “HIV/aids e poesia contemporânea brasileira na antologia ‘Tente entender o que tento dizer’”, organizada por Ramon Nunes Mello (2022), monta um painel da escrita poética sobre HIV e aids.

A aids é uma página muito recente da história e de nossa humanidade, e, ainda sob os escombros das fases mais agudas de sua epidemia, contá-la e recontá-la nunca parece ser suficiente. Este trabalho é mais uma tentativa de contar uma narrativa possível. E por quê? Seus atravessamentos atingiram escalas transnacionais, podendo ser contada como uma história de todos nós, mas quais seriam os aspectos locais que as distinguem? Erigida em dois volumes, o trabalho de Lindinalva Laurindo-Teodorescu e de Paulo Roberto Teixeira (2015a; 2015b) propõe contar, de forma sistemática, com farta documentação e análise de atores, movimentos sociais e instituições governamentais as “Histórias da aids no Brasil”, divididas em volume 1 “as respostas governamentais à epidemia de aids” e volume 2 “a sociedade civil se organiza pela luta contra a aids”.

Segundo os autores, o contexto de emergência da aids é o mesmo da redemocratização do Brasil e da luta pelas liberdades individuais, que saía de um longo período ditatorial e começava a desenhar uma Constituição “cidadã”, trazendo em seu germe a democratização do acesso à saúde no país e a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS), posto que “A emergência de um debate para ativar a democracia e responder às demandas sociais e políticas do país explica, em muito, a rapidez e a eficiência da resposta brasileira contra a doença, quando comparada com as políticas públicas adotadas frente a outras epidemias no Brasil” (Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015a, p. 16). Com ênfase na escuta das vozes que construíram as respostas governamentais e os movimentos sociais de aids, que, muitas vezes, se imiscuíram no Brasil, a obra é esquematizada a partir de uma lógica espaciotemporal na escritura das histórias da epidemia em suas duas primeiras décadas.

Nesse sentido, dialogo com as pesquisas de José Henrique Pires Azevêdo, Phelipe Daniele Rodrigues da Silva e Joseylson Fagner dos Santos, respectivamente: (1) “Textualizando experiências com o HIV: a resiliência em canais do YouTube criados por pessoas soropositivas” (2019); (2) “40 anos depois: relatos no Youtube de comunicadores vivendo com HIV” (2021); e (3) “Luz, câmera, positHIVação! Narrativas audiovisuais como estratégias de visibilidade soropositiva a partir do YouTube” (2023). As duas primeiras são pesquisas de mestrado e a última de doutorado, ambas apontam que o fenômeno da discussão sobre HIV e aids na internet, protagonizado por pessoas que vivem com HIV, alcançou uma

dimensão de visibilidade que seus conteúdos midiático-culturais não puderam passar despercebidos nem pela academia nem pela imprensa³. Antes dos sites de redes sociais como o *Youtube*, o *Facebook*, o *Instagram*, as pessoas que viviam com HIV também utilizaram os blogues como forma de exposição e interação com seus conteúdos na rede mundial de computadores.

Esses trabalhos exploram: (1) trajetórias narradas pelos youtubers que, pelo vigor de sua resiliência, ensinam uma “positivação da soropositividade”; (2) são estudos acerca da construção dos discursos em primeira pessoa sobre o HIV e a experiência como pessoa que vive com HIV no espetacularizado espaço da internet, isto é, modos como os testemunhos e relatos autobiográficos se relacionam a um *ethos* que mescla um tom pessoal e uma autoridade no assunto; (3) apontam que o empoderamento político dos atores protagonistas dos canais de *Youtube* compreendem um ativismo digital, com uso dos recursos e técnicas disponíveis para ensinar participação em suas pautas políticas; portanto, a visibilidade soropositiva ali construída forma uma esfera pública digital em torno da temática do HIV/Aids (#EsferaPositiva). A maior parte desses trabalhos⁴ está situada nos estudos da Comunicação Social, mas todos ambicionam uma aproximação com os estudos sobre Discurso e Linguagem.

Com a visibilidade alcançada, muitos desses influenciadores digitais de aids foram abordados nos últimos anos pela imprensa para contar suas trajetórias e o documentário “Youtubers e HIV: prevenção, irreverência e informação: prevenção, irreverência” (Agência, 2019), dirigido e produzido por Roseli Tardelli, diretora do portal de comunicação Agência de Notícias da Aids, narra os bastidores e as histórias pessoais dos protagonistas dos referidos canais de *Youtube*. Apesar dos canais isolados na plataforma, eles eventualmente promovem encontros *on-line* para conteúdos específicos, no documentário se reúnem em espaço *off-line* e explicitam a rede política e interdiscursiva formada nas redes sociais em torno da temática HIV/Aids.

³ Alguns artigos de imprensa: Dia Mundial da AIDS: conheça *youtubers* que mostram como é viver com HIV: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2020/12/01/dia-mundial-da-aids-conheca-youtubers-que-mostram-como-e-viver-com-hiv.htm>; EXPOR PARA ACOLHER: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/super-indetectavel-prosa-positiva-e-hdiario-de-gabriel-comicholi-hiv-e-aids-no-youtube>; 8 COISAS QUE DIGITAL INFLUENCERS QUE VIVEM COM HIV GOSTARIAM QUE VOCÊ SOUBESSE: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/8-coisas-que-digital-influencers-que-vivem-com-hiv-gostariam-que-voce-soubesse-2/>.

⁴ Há outras pesquisas relevantes sobre PVHIV seja utilizando blogues, *Facebook*, seja utilizando mesmo o *Youtube* como campo: Bastos, 2018; Melo, 2020; Oliveira Neto, 2015; Santos Filho, 2020; Santos, 2019.

Figura 11: Frame de encontro dos ativistas digitais em “Youtubers e HIV: prevenção, irreverência e informação: prevenção, irreverência”



Fonte: [Agência \(2019\)](#)⁵

Concomitante a esta pesquisa, organizei com Bruno Puccinelli e Ramon Fontes e contribuí na escrita da coletânea de artigos “Aids sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-aids” (Puccinelli; Fernandes; Fontes, 2022). O mote dos quarenta anos das epidemias de aids instiga uma reflexão sobre os acelerados processos de mudança que o mundo atravessa e o impacto delas em nossas subjetividades, mesmo cientes de que essa referência temporal é convencionalizada por uma marcação colonial – a história da aids nos Estados Unidos é quase sempre universalizada e o marco temporal de quatro décadas é um dos elementos que corroboram essa lógica. Ao mesmo tempo, a ressaca que certa verborragia e poluição visual pelo excesso de imagens impunha nos inspirou a esgarçar a proposta do livro para um diálogo plural, aberto às possibilidades de textualidades dissidentes, “estranhas”, ou seja, que escapem do formato acadêmico tradicional. Abrimo-nos para perspectivas dissonantes, pessoais, poéticas e transdisciplinares sobre aids e os seus afluentes, reunindo artigos científicos, poemas, textos teatrais, memórias, cartas, ensaios, manifestos e crônicas. Assim, redigimos nas notas introdutórias da obra também atravessados pela experiência do corpobicha, das clivagens identitárias que são contíguas a epidemia discursiva que não escapamos:

Nós, que aqui escrevemos essas linhas iniciais, nascemos na era da aids, não conhecemos um mundo sem aids, um mundo de bichas que não sejam apontadas como vetores e que tenham que apresentar socialmente suas credenciais de negatividade, repassar seu conhecimento sobre a prevenção, louvar o látex, justificar a PreP (“não, eu não sou promíscua, só quero mais garantias de não me tornar positiva”), se desculpar pelo que a levou à PeP. As

⁵ Para facilitar o acesso, os links relacionados ao *Youtube* e ao *Instagram* são hiperlinks, ou seja, podem ser clicáveis no texto e direcionados diretamente ao site. Além disso, estão disponibilizados também nas referências.

tecnologias parecem muitas, mas sempre esbarram nas significações alimentadas sobre a aids e as bichas. A aids vem junto com a bicha, independente do resultado do teste (Puccinelli; Fernandes; Fontes, 2022, p. 15).

A experiência de organizar uma obra sobre aids a partir dessa perspectiva, no contexto de isolamento da pandemia da covid-19, reforçou a importância e a necessidade do diálogo transdisciplinar com formas não acadêmicas de dizer e fazer conhecimento. Isso posto, a proposta dialógica da obra intentou se diferenciar de uma revisão das últimas quatro décadas da aids, que foi e continuará sendo feita como realiza esta pesquisa, mas apontando para diferentes aproximações ativistas, institucionais, acadêmicas e subjetivas ao tema. A ideia de “capa” no título realiza um jogo semântico com o preservativo, pois “capa” é uma gíria que remete à camisinha. “Sem capa” é também uma expressão referente a uma prática de sexo sem o uso de preservativos (ou bareback), mas a provocação e a ironia lá inculcadas referiam-se a uma proposta de discussão aberta, sem censuras e limitações temáticas e estéticas (Puccinelli; Fernandes; Fontes, 2022, p. 16).

A imagem da capa faz parte do projeto de arte multimídia do artista Chris *The Red* chamada “Oração a Contrapelo: O Terço” (2021), que mescla objeto, um terço feito com camisinhas, o texto homônimo ao título da obra, uma releitura da oração do pai nosso, e uma ação gravada em formato de videoperformance. A subversão do sagrado realizada a partir da referência bíblica salienta o corpo, a sexualidade e objetos sexuais que profanam o texto original. A cor vermelha, símbolo do sangue, elemento ideologicamente marcado nas epidemias de aids, é recorrentemente discursivizada como imagem de sujeira, risco e contaminação, mas resignificada identitariamente pelos ativistas e pessoas vivendo com HIV como fonte e pulsão de vida, como representado na Figura 12.

Figura 12: O Terço (parte do projeto “Oração a Contrapelo: O Terço”)



Fonte: Oração a Contrapelo: O Terço (2021)

Diante de todo o exposto, optei por organizar esta tese em três seções. A primeira seção põe à mesa do cartógrafo uma imensa quantidade de mapas, notas e rascunhos para a montagem deste projeto genealógico sobre a aids. Diante do repertório teórico-metodológico selecionado e das suas ferramentas analíticas pululam textualidades que não cessam de circular. Ao perscrutar histórias da aids, sinto que elas demandam sua presença e saliência no corpo do texto desde o espaço das notas introdutórias. As definições ontológicas não poderiam se descolar do contexto histórico de emergência da aids: em diálogo com a estratificação de eras culturais propostas por Lúcia Santaella (2003), a realidade desenhada para a compreensão da aids e de seu dispositivo de entretenimento precisam situá-los no contexto da cultura de massas, da emergente cultura das mídias e do que virá a ser a cultura digital, discussão que aprofundada ao longo do texto. Com base nessa premissa, são escrutinadas as decisões teóricas e definidas as perspectivas e estratégias metodológicas, e, simultaneamente, analisados discursos que emergem no desenho desses mapas. Logo, o tracejado dos mapas que compõem uma cartografia documental de textualidades para a montagem de um *corpus* também contamina as escolhas epistemológicas deste trabalho – e como rizomas, indagações e apostas teórico-metodológicas são testadas nas páginas seguintes.

Em seguida, na segunda seção do texto, realizo um panorama da conjuntura socio-histórica e discursiva da aids na cultura e no entretenimento a partir de um mapeamento que objetiva dar estofamento a uma análise genealógica da aids como símbolo coletivo. Ainda durante esse percurso, emergem manifestações sociodiscursivas pertinentes à discussão, examinadas brevemente para costurar a análise prático-teórica em construção. O levantamento de ascendências da aids-entretenimento parte justamente do resgate de formações discursivas que construíram os símbolos coletivos, categoria analítica fulcral para o seu escrutínio. No mesmo processo, são trazidos à tona e analisados os fragmentos discursivos digitais que se conectam histórica, política e intertextualmente com o projeto genealógico em desenvolvimento, justamente porque a reflexão sobre a atualidade da aids demanda que as análises sincrônica e diacrônica ocorram concomitantemente.

Desse modo, nessa seção, são apresentadas as bases para pensar a aids e o seu dispositivo de entretenimento. O ponto de partida é a discussão sobre o dispositivo da aids como uma formação histórica resultada de um acontecimento que atende a uma urgência, uma necessidade em determinado momento histórico com suas funções estratégicas específicas. A pesquisa realiza um recorte no aspecto do conhecimento e, mais especificamente, do

entretenimento, esse conjunto de símbolos, imagens e metáforas que possuem função específica no mercado simbólico da cultura de massas.

Finalmente, após o mapeamento diacrônico da aids interrelacionado com as pulsões sociodiscursivas digitais de sua atualidade, discorro na terceira seção, de forma detalhada, acerca do conceito de aids-entretenimento, sintetizando-o em termos de análise e aplicação de categorias sociodiscursivas. A compreensão e a recontextualização do esquema conceitual do dispositivo são realizadas de forma concomitante a uma discussão acerca da categoria do entretenimento e o seu papel no cenário das eras da cultura de massas, da cultura de mídias e da cultura digital. No movimento seguinte, estabeleço um panorama das eras culturais e repenso os movimentos e as camadas ontológicas dos sistemas socioculturais em tela.

A partir do delineamento dos ativismos de aids em suas primeiras décadas, de seus atravessamentos com os net-ativismos e da relação fronteiriça com a persona dos influenciadores digitais, discuto as disrupções ensejadas por uma era cultural marcada pela reconfiguração nas ecologias comunicativas e de asseveração de uma sociedade informativo-digital. A partir desse esforço de intersecção entre o material e o digital, detalho o processo de abordagem netnográfico-discursiva e examino as práticas sociais na rede de influenciadores e ativistas digitais cujos perfis no *Instagram* se concentram na temática do HIV/Aids. Analiso de que maneiras e por meio de quais relações-interações eles constroem representações da aids e incitam novos processos de identificação, conectando essas dinâmicas aos ecos sociossemióticos e aos símbolos coletivos construídos em torno da aids.

1 SOBRE FIOS DISCURSIVOS E ESCRITURAS SOBRE A AIDS: NOTAS, MAPAS E RASCUNHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Alguma coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que foi, essa coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer (Abreu, 2014, p. 116).

Esta pesquisa emerge da proposta de pensar sobre e, ao mesmo tempo, compor a tessitura de sistemas de redes sociodiscursivas ruidosas e complexas que definitivamente mudaram a história humana recente: a da aids. Não, a aids não se reduz a um aparato simbólico e ideológico, ela continua vitimando pessoas ao redor do mundo, principalmente as que, por diversos motivos, não acessam em tempo hábil a estrutura básica de saúde. Porém, desde a sua emergência na década de 1980, ultrapassa a esfera das repercussões biomédicas e epidemiológicas nos atravessando cultural, social e afetivamente. Naturalizamos uma relação de muita proximidade da aids com os nossos corpos, desejos e prazeres. Mesmo em sua ausência, ela se faz notar, nas entranhas de cada subjetividade afetivossexual há décadas, seja na rotina dos exames regulares, no risco do jovem experimentando o sexo ou através do sujeito que se previne dela utilizando a PREP⁶.

Nesse sentido, Eduardo Jardim (2019, p. 66) afirma que a aids é uma história de todos nós, posto que:

[...] o drama da aids não se confina em nenhum gueto. Ele não é condicionado por nenhuma geografia. As perguntas que a aids suscita dizem respeito a todos os homens e se refere precisamente a nossa mortalidade. Ao perseguir uma resposta para elas vislumbra-se a possibilidade de se reconsiderar o valor da vida.

Tratarei brevemente nestas notas, mapas e rascunhos de pesquisa algumas questões que ainda reverberam das crises da aids e, a partir delas, explicitarei os pilares ontológicos, epistemológicos e metodológicos. Ainda neste mesmo espaço, tratarei das decisões que envolvem o campo e o processo de geração de dados. Proponho desenhar um mapa cujas ramificações sejam rizomáticas, isto é, sempre que necessário, caixas de ferramentas teórico-

⁶ “A Profilaxia Pré-Exposição ao HIV é um novo método de prevenção à infecção pelo HIV. Consiste na tomada diária de um comprimido que permite ao organismo estar preparado para enfrentar um possível contato com o HIV, ou seja, o indivíduo se prepara antes de ter uma relação sexual de risco para o HIV” (BRASIL, 2022).

metodológicas serão acionadas durante o percurso da escrita, em diálogo com textualidades que remontem historicamente à emergência da aids.

1.1 Esboços e pilares ontológicos: a aids como um objeto-signo de consumo

Este texto possui como ponto de partida duas compreensões que, por conseguinte, impactam e definem os alinhamentos ontológicos e, por conseguinte, epistemológicos e metodológicos. A primeira é a de que não há uma distinção temporal e ontológica entre a aids enquanto um acontecimento e as suas representações culturais: ela emerge como um objeto-signo cuja tessitura genérica é desde a sua “gênese” a de um produto consumível como entretenimento (ou infotainment) e mediado, principalmente, por grandes corporações hegemônicas de comunicação. Obviamente, há em sua composição uma retroalimentação social difusa e complexa de discursos pré-existentes sobre doenças, sexualidade e minorias sexuais (e de outras naturezas) e não uma mera imposição linear de estruturas de poder soberanas, isto é, dos conglomerados corporativos de mídia, de governos ou indústria farmacêutica, por exemplo, pois “não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes” (Foucault, 1999, p. 94).

O estofo do simbolismo coletivo em torno da aids é anterior a ela e bastante difundido nas sociedades ocidentais em todas as camadas sociais e esferas da vida. Assim, interessa-me pensar a aids como um símbolo coletivo (Jäger; Maier, 2016) devidamente codificado pelas ferramentas da comunicação em produtos para os mercados de entretenimento, mas que é ativa e mutuamente constituída e consumida por engrenagens e ramificações de toda a sociedade. Ressalta-se que a noção de entretenimento nas sociedades moderno-ocidentais-capitalistas ultrapassa o momento específico e literal do consumo, mas compõe outras muitas esferas da vida e de nossa subjetividade. Baudrillard (1995) conceitua consumo como o elemento fulcral que invade e preenche toda a vida em sua totalidade de modo organizado, combinado, lúdico e, mais importante, culturalizado, porque o que consumimos são signos. Paradoxalmente, para esse estudioso, o entretenimento, como faceta na lógica do consumo, funcionaria vetando o prazer e a fruição ao coagir os indivíduos a uma obrigação pelo prazer e pela fruição, isto é, a partir de um “sistema de felicidade” que possui como função última a (re)produção dentro de um sistema sociológico de signos:

[...] o que confere ao consumo o carácter de facto social não é o que aparentemente lhe fica da natureza (a satisfação, o prazer), é o passo essencial pelo qual dela se separa (definindo-o como código e instituição, como sistema de organização). Assim como o sistema de parentesco não se funda, em última instância, na consanguinidade e na filiação, num dado natural, mas no arranjo arbitrário de classificação – assim também o sistema de consumo não se baseia em derradeira instância na necessidade e no prazer, mas num código de signos (de objectos/signos) e de diferenças (Baudrillard, 1995, p. 79).

No entanto, outras perspectivas teóricas sobre a noção de entretenimento o concebem a partir da possibilidade do aguçamento de sensibilidades, seja do ponto de vista de quem produz ou de quem o recebe e no interior das contradições do sistema capitalista e de suas “fábricas de sonhos” na cultura. A emergência de tecnologias de criação midiática acessíveis e as consequentes culturas participativas que se fortalecem a partir das redes de comunicação digital complexificam e questionam o cenário homogeneizante de uma cultura de massas e de reprodução de objetos-signo.

A segunda compreensão é a da ênfase na modelagem multigenérica da aids como um produto para o entretenimento, isto é, a sua potencialidade de rearranjar gêneros discursivos a partir de tecnologias multissemióticas híbridas e fazer da arena política uma disputa não somente por representação e, por conseguinte, identificações, mas em torno dos formatos das atividades comunicativo-interacionais, do próprio tecido genérico e das movimentações retóricas dos discursos em torno do HIV, da aids e das pessoas que vivem com HIV, justamente porque “a associação do potencial genérico a relações sociais específicas e, sobretudo, a modos de ação discursiva temporal e espacialmente desencaixados, em termos das ‘cadeias de gêneros’, implicam uma relação entre gêneros e exercício do poder” (Vieira; Resende, 2016, p. 60).

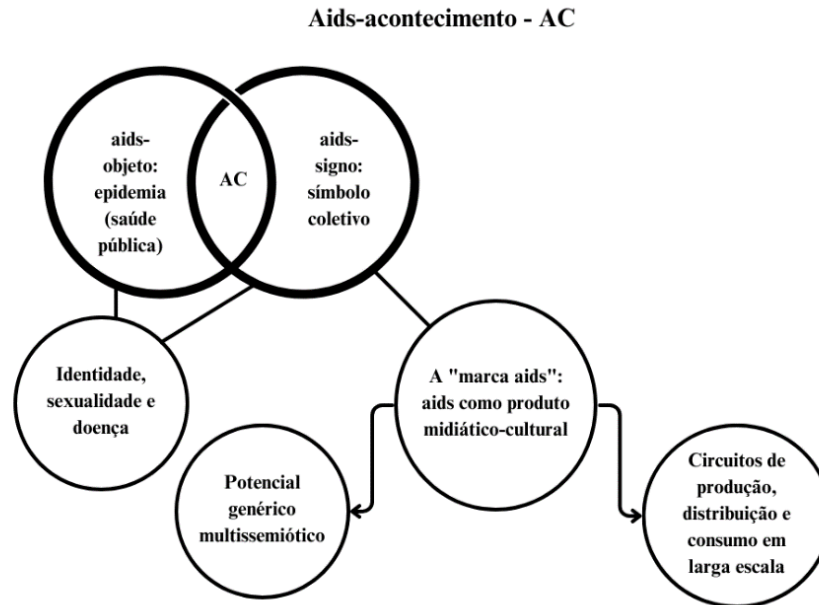
Desse modo, as tecnologias que moldam semiótica e simbolicamente a “marca aids” para o jornalismo (rádios, TV, impressos, espaços virtuais), o cinema, a televisão, a internet etc. e, por isso, sua estrutura genérica, a lógica de distribuição e os recursos potenciais desses circuitos de interação, mediação e consumo e o modo como são aglutinadas a ela outras muitas vozes e textualidades compõem uma monta complexa e alinhavada a narrativas específicas sobre doença, sexualidade e abjeção a minorias sexuais (que se costumam a gênero, classe, raça, nacionalidade etc.).

Parti de um deslocamento histórico em que os principais objetos-signos e os moldes dessa representação se situavam em meios hegemônicos, viralizando com rápida adesão social imagens estigmatizantes e, logo em seguida, ainda no ápice das crises de aids (décadas de 80 e 90), a disputa por ela se deu via construção de meios alternativos de mídia por movimentos

sociais radicais e tentativas de ressignificação dessas representações. Os modos de ação-interação da mídia hegemônica foram dilatados, apropriados e ressignificados publicamente no esforço dos ativistas de aids e da comunidade homossexual (como definida na época), produzindo outras imagens e textualidades a partir dos materiais de suas ONGs e das imprensas alternativas, obras de arte e na proliferação de autobiografias como possibilidade e resposta ao jornalismo impresso, o cinema, a TV etc. e os seus repertórios de gêneros discursivos, espaços de circulação e consumo e atores sociais mais tradicionais. O empenho das pessoas vivendo com HIV, portanto, sempre foi para esgarçar as imagens e a representação sobre o HIV, a aids e si mesmas ao ampliar o diálogo, a interação, os consumidores e, portanto, a disputa pela narrativa. Os textos-interações situam-se na camada mais palpável dos eventos sociais, mas a discussão sobre sua natureza, estrutura e configuração precisa considerar o papel preponderante do poder econômico como elemento essencial em uma peleja que envolve técnicas, tecnologias, inovação e capacidade de alcance.

Assim, os primeiros *esboços ontológicos* desta pesquisa partem de um esquema que considera a aids como um *acontecimento* que rearranjou práticas sociais e discursivas em diversos campos do conhecimento, da medicina às artes e da vida cotidiana, como na vivência básica da afetividade e da sexualidade. É fundamental ressaltar que este arranjo ontológico reitera longos fios discursivos que entrelaçam, a partir de uma *estrutura social*, isto é, um substrato ideologicamente marcado pela abjeção, a relação entre identidades e práticas sexuais marginalizadas e doenças ao longo da história humana. As noções de acontecimento e estrutura social, respectivamente delineados por Michel Foucault (1999; 1998; 1994a) e Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003a; 2016a), compõem a tessitura ontológica da realidade social estudada, no sentido da compreensão dos seus atravessamentos históricos para o entendimento da atualidade e a abertura para a mudança dessa estrutura constituída pela aids como um símbolo coletivo.

Figura 13: Esboços ontológicos da aids enquanto acontecimento



Fonte: elaboração do autor

A aids e as crises por ela geradas emergem na década de 1980 do Século XX, fase em que a cultura de massa seguia a passos largos em seu processo de expansão industrial até evoluir para o que entendemos hoje como cultura digital, cibercultura e suas inquietações acerca da pós-humanidade. Com efeito, a cultura de massas e a cultura das mídias seguem as normas da fabricação industrial e da maciça distribuição e consumo de suas tecnologias, dispositivos de comunicação e produtos e significados culturais por um contingente imenso de pessoas, ultrapassando os limites das categorias impostas pelas estruturas sociais (classes, famílias etc.). Atravessando e se reinventando da cultura das mídias à cibercultura, a aids se constituiu como um signo da comunicação. A profusão de narrativas, imagens e símbolos sobre e em torno dela construíram paulatinamente o que aqui denomino de aids-entretenimento, isto é, um dispositivo de entretenimento da aids, pois ela basicamente se constitui como possibilidade de “marca”, produto e símbolo disputado no espaço público por diversos atores sociais em posições distintas, por vezes antagônicas.

Desse modo, o conceito de aids-entretenimento se refere a um dispositivo que implica um conjunto de estratégias, instituições, práticas, ideologias e discursos articulados em jogos de poder, configurações de saber e processos de subjetivação específicas da aids na cultura e no entretenimento que interferiu ativamente na reorganização da vida social e suas diversas práticas sociais (discursivas, afetivossexuais, no campo de valores, moralidade e ideologias e

nas atividades materiais como a saúde e a educação etc.) desde a década de 80. Em suma, essa é a síntese ontológica do mundo social que intento esmiuçar nesta investigação.

Figura 14: Campanha Ministério da Saúde 2003 – “Tire o peso da dúvida. Faça o teste do vírus da aids”



Fonte: Brasil (2003)

Além do jornalismo, as campanhas publicitárias de resposta ao HIV a partir das chaves da prevenção e do cuidado se tornaram parte de nossa rotina como um gênero discursivo bastante consumido, como componentes de nossa educação sexual. Na Figura 14, há uma representação narrativa em curso, um homem cujo vetor de seu movimento indica uma aproximação ao espectador e o olhar é a ele direcionado, como se tentasse compartilhar aquele peso. O piano é justamente a representação conceitual simbólica da dúvida a respeito do diagnóstico sobre o HIV e um exemplo de como a aids foi metaforizada através de imagens diversas e impactantes.

Com a ascensão da internet, os modos de interação se multiplicam, adquirem velocidades inimagináveis e essa potencialidade é devidamente aproveitada pelas pessoas vivendo com HIV que decidem utilizar os espaços virtuais para falar abertamente sobre o tema, identificando-se como ativistas ou não. O apelo das redes sociais na internet é por mais conexão, produção e circulação de conteúdo próprio e para que a representação ocorra nessa dinâmica da conversação-interação intrarredes. Reitero, a partir dessa mirada, que as disputas por representações da aids são disputas pelo domínio da interação e da audiência, isto é, do gênero discursivo, do suporte e dos canais de acesso, distribuição e da dinâmica da audiência e do

consumo como modo de mediar as representações e ressignificar as identificações – ambas carregadas pelas tintas do estigma. Ao perguntar como a aids foi e é representada ou como as identificações de quem vive com HIV é constituída, *minha inquietação é principalmente como, por quais meios, tecnologias, suportes-gêneros multissemióticos e utilizando quais estratégias essa representação e essa identificação são manejadas em redes sociais na internet, isto é, os mecanismos de poder subjacentes à aids-entretenimento, premissa na qual esses elementos são essencialmente articuladores dos processos de representação e identificação* (Fairclough, 2003a).

1.2 Perspectivas epistemológicas

A minha pesquisa estabelece relações epistemológicas com os campos dos *Estudos Críticos do Discurso, dos Estudos de Cibercultura e de Mídias Sociais e dos Estudos Queer*. O primeiro se constitui como elemento central e aglutinador dessa trama epistemológica, tanto pelo seu caráter transdisciplinar quanto porque sua agenda de pesquisa é alicerçada pelas noções de *discurso, poder e ideologia* em uma perspectiva *crítica*. Os dois últimos funcionam principalmente para alicerçar a análise conjuntural da pesquisa. Esse conjunto de princípios definitivamente atravessa os outros campos em suas especificidades, seja nas pautas ou categorias analíticas ao pensar cultura, mídia e tecnologias na contemporaneidade, seja nos processos de identificações e resistências de grupos sociais minoritários, por exemplo, e formam uma grande articulação para pensar a aids pela perspectiva de uma pesquisa social transdisciplinar.

1.2.1 Os Estudos Críticos do Discurso (ECD)

O primeiro campo é formado pelas redes de abordagens teórico-metodológicas da Análise de Discurso Crítica (ADC) e sua perspectiva dialético-relacional, em diálogo com a abordagem foucaultiana da Análise de Dispositivo (AD) e com os estudos de Semiótica Social e análise crítica de textos visuais e multimodais. Da reflexão sobre a estrutura social, isto é, os sistemas sociossemióticos e culturais até as práticas e os eventos sociais, a análise de discurso nessa abordagem é definida como “crítica” porque:

[...] está relacionado a questões de como as coisas são, por que são assim *e como poderiam ser diferentes* (Fairclough 2010; Wodak 2011a). Tais questões só se mostram significativas diante do pano de fundo de uma epistemologia amplamente construcionista, postulando que o discurso é performativo e

constitutivo, ao invés de representativo. Isso significa que a realidade social é uma conquista humana e poderia ser – pelo menos em teoria – construída de maneira diferente (Jancsary; Höllerer; Meyer, 2016, p. 183, tradução minha, grifo meu).

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD) são diretamente influenciados pelas Teorias Críticas/Ciência Social Crítica como as da Escola de Frankfurt e de Jürgen Habermas e sua noção de “crítica” como estopim não apenas para entendimento ou explicação da sociedade, mas também para sua transformação radical, além do seu caráter interdisciplinar e da noção de emancipação via produção de conhecimento e autorreflexão. Conforme sintetizado por Wodak e Meyer (2016, p. 4), em geral, são definidos como campo acadêmico ou paradigma pelos seguintes princípios-chave:

1. Orientado para problemas: os ECD estão centrados na abordagem de problemas sociais ou linguísticos específicos. Este foco em questões concernentes à linguagem e sociedade tornam os ECD inerentemente inter e transdisciplinares e ecléticos, recorrendo a vários campos para analisar e compreender o discurso. Como resultado de sua natureza orientada para problemas, os ECD integram insights e metodologias de diversas disciplinas acadêmicas, como a linguística, a sociologia, a ciência política, por exemplo. Não adere a um quadro disciplinar único, mas se adapta conforme necessário;

2. Desconstrução de ideologias e poder: os investigadores dos ECD partilham um interesse comum na desconstrução de ideologias e estruturas de poder. Eles analisam e criticam como a linguagem e o discurso são usados para construir e manter relações de poder e ideologias dominantes;

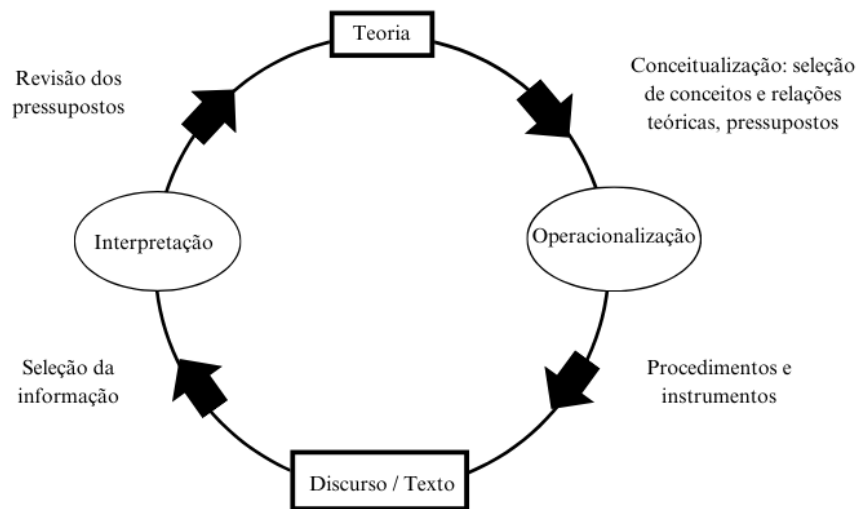
3. Análise sistemática de dados semióticos: os ECD concentram-se na investigação sistemática e *retroalimentável* – isto é, cuja análise seja suficientemente explícita e transparente para que outros investigadores possam compreendê-la e replicá-la, possivelmente com objetivos e resultados diferentes – de dados semióticos, o que inclui a comunicação escrita, falada ou visual. Os pesquisadores examinam como a linguagem e outros sinais transmitem significado e influenciam as percepções e ações da sociedade;

4. Transparência e reflexividade: os investigadores do ECD estão empenhados em explicitar as suas próprias posições e interesses no seu trabalho. Reconhecem que as suas perspectivas podem influenciar as suas análises e esforçam-se por obter lisura e autorreflexão nos seus processos de investigação.

Em resumo, os Estudos Críticos do Discurso são um campo transdisciplinar e orientado para problemas que procura desconstruir ideologias e estruturas de poder através da análise

sistemática de dados semióticos. Os investigadores estão comprometidos com a transparência e a autoconsciência no seu trabalho e aplicam diversas metodologias conforme necessário para abordar questões sociais específicas. As diversas abordagens teóricas dos Estudos Críticos do Discurso não são apenas essenciais para formular questões de pesquisa que orientam investigações desde a seleção/geração, análise de dados e interpretação, elas também devem estar fundamentadas em interpretações prévias de análises empíricas. Portanto, os ECD implicam uma relação circular e recursiva entre teoria e discurso/sociedade. Nos ECD, como em toda a investigação social, a teoria, os métodos e a análise estão intimamente interligados e as decisões sobre um afetam os outros. Os dados, discursos e textos, nunca são teoricamente neutros, pois quais dados são gerados e como são interpretados depende da perspectiva teórica; teorias podem ser construídas a partir de conceitos, e conceitos podem ser medidos e ressignificados usando os dados como indicadores, como demonstra a Figura 15:

Figura 15: Estudos Críticos do Discurso como um processo circular



Fonte: Wodak; Meyer, 2016, p. 14

1.2.2 Concepções basilares de discurso: as perspectivas Dialético-Relacional e da Análise de Dispositivo

Fairclough (2003a) designou a fase temporal que marcou a fase final do século XX como “novo capitalismo”, em que se combinam tanto o papel das mídias como universalizadoras de visões particulares de mundo e instrumento de manutenção de hegemonia quanto a radicalização das relações sociais imbricadas à economia e à política; as assim

conceituadas “economias baseada no conhecimento” possuem como alicerce a linguagem, que reestrutura e reorganiza em larga escala os discursos (conhecimento e informação) e o modo como são produzidos, circulados e consumidos (Fairclough, 2003b, p. 188). Ele enfatizou o papel da publicidade, do jornalismo e das ferramentas de comunicação social em geral como fundamentais na inserção das massas nesse sistema capitalista de mercadorias e símbolos, apontando que:

As sociedades modernas complexas envolvem a conexão em rede de diferentes práticas sociais em diferentes domínios ou campos da vida social (por exemplo, economia, educação, vida familiar) e em diferentes escalas da vida social (global, regional, nacional, local). Os textos são uma parte crucial destas relações em rede – as ordens de discurso associadas às redes de práticas sociais especificam encadeamentos específicos e relações de rede entre tipos de texto. As transformações do novo capitalismo podem ser vistas como transformações na rede de práticas sociais, que incluem transformações nas ordens do discurso, e transformações no encadeamento e na rede de textos, e nas “cadeias de gênero” (Fairclough, 2003a, p. 188, tradução minha).

As mídias, e seus discursos, com importante papel no mundo contemporâneo, são instrumentos que podem contribuir estabelecendo, mantendo ou transformando relações de poder e, conforme discutido anteriormente, a epidemia de significados e estigmas da aids emerge nesse cenário de expansão multimidiática da segunda metade do Século XX. A internet e as redes sociais rearticularão os modos de concentração de poder, mais pulverizado com a quantidade de conteúdo produzido e consumido nos diversos dispositivos acessados 24 horas por dia, muito diferente da TV, rádio, jornalismo impresso ou mesmo da internet em seus primórdios. Esse tópico será desenvolvido com mais profundidade adiante, porque nenhum dos veículos acima citados foram eliminados, no entanto reinventados, remodelados e adaptados às novas demandas.

De acordo com Fairclough (2016a [2001]) em sua obra “Discurso e Mudança Social”, o conceito de discurso envolve uma perspectiva que vai além de ser uma ação individual isolada ou apenas um resultado das implicações sociais ou situacionais. O discurso aqui é compreendido como uma prática social em si, um modo de ação através do qual as pessoas podem influenciar o mundo e, especialmente, as outras pessoas. Além disso, o discurso também é considerado um modo de representação. Nesse sentido, os sujeitos do discurso, por meio dessa prática social, interagem e interferem na estrutura social, contribuindo para sua modificação. Essa interação pode tanto estimular quanto restringir e possibilitar a formação de identidades, crenças e conhecimentos, ou até mesmo substituir esses elementos por outros.

Norman Fairclough (2016a, p. 19-20) propõe uma teoria social da linguagem, que não havia sido organizada e aplicada adequadamente segundo o autor, devido ao: 1) distanciamento entre os estudos linguísticos e as ciências humanas e sociais, cuja prevalência é ainda das perspectivas formalistas e cognitivas (base dos currículos dos cursos de Letras no Brasil, por exemplo); e 2) desinteresse das ciências humanas e sociais pela linguagem, vista como “pura” e transparente, em que o conteúdo de dados linguísticos eram interpretados desconsiderando a própria linguagem. Fairclough (2016a, p. 20) aponta, no entanto, uma “virada linguístico-discursiva” nas teorias sociais, em que a linguagem recebe mais ênfase como parte constituinte dos fenômenos sociais e que, portanto, deve ter destaque nas pesquisas.

Em reelaboração posterior, Chouliaraki e Fairclough (1999) enfatizam a prática social: *o discurso é concebido então como um momento das práticas sociais*. A inter-relação entre discurso e prática social é também definida na observação de que nem tudo é discurso, apesar deste estar internalizado em todos os momentos da prática, formado por outros elementos, como crenças, valores e desejos, atividade material e relações sociais. Esse movimento de ênfase nas práticas sociais aponta o caráter transdisciplinar da ADC e da virada linguístico-discursiva nas Ciências Sociais, o que promove um alargamento do caráter crítico da teoria e de seu foco na mudança social. A partir desses pressupostos e como forma de operacionalizar a análise, um esquema em forma de agenda crítico-explanatória é proposto com o passo a passo de sua realização (aqui adaptado para os objetivos traçados e detalhado em seção posterior).

Fairclough (2003a) explicita que a ADC é baseada na ontologia social realista proposta por Bhaskar (1998a; 1998b): assume-se o pressuposto básico de que as ciências devem atuar como lanças em sentidos transformacionais da sociedade. Deriva daí a estratificação dos níveis da vida social em estruturas sociais, práticas sociais e eventos, também revisada por Resende (2017; 2019) e Vieira (2019) para dar mais ênfase à recursividade. Em elaborações posteriores da agenda programática dos grupos de pesquisa da Universidade de Brasília, são construídos diálogos dos ECD com as perspectivas decoloniais com foco em problemáticas concernentes a gênero, raça/etnia, sexualidade, classe etc⁷.

Nessa concepção, os domínios da realidade vão do *potencial*, relativo às estruturas, mecanismos e naturezas das coisas do mundo, que se materializam em eventos no domínio do *realizado*, isto é, desse potencial concretizado, e podem, pelo domínio *empírico*, referir-se à experiência sensório-corporal dos eventos em que somos testemunhas e participantes e, portanto, devemos entender ambos como níveis, visto que “o potencial inclui os eventos

⁷ Conferir a obra “Decolonizar os estudos críticos do discurso”, organizada por Viviane de Melo Resende (2019) e publicada pela Pontes Editores.

realizados e as experiências empíricas, mas também inclui o que existe apenas como potência, mesmo que não se torne realizado (por contingências contextuais) ou não nos seja empiricamente dado” (Resende, 2017, p. 22). É fundamental ressaltar que a possibilidade de mudança social se dá no movimento contínuo e dialético entre a força das estruturas que atuam constringendo ou permitindo nossas ações ao passo que o impulso de nossa agência atua forçando transformações ou reproduzindo-as. O resultado é sempre algo diferente, uma movência que é sociocultural e, principalmente, histórica. Com base nessa concepção, Resende (2017) desenha um mapa ontológico (cf. Figura 16) do funcionamento social da linguagem, com o qual este projeto se alinha ante a dinâmica da abertura para a mudança social e da agência de grupos e indivíduos. Nesse sentido, uma das inquietações deste trabalho é o de pensar que o atravessamento das tecnologias digitais e da virtualidade constitui e compõe outras formatações no tecido das estruturas sociais ao passo que os eventos que ocorrem nesses espaços fazem parte de práticas sociais com certa singularidade:

Figura 16: Mapa ontológico do funcionamento social da linguagem

Figura 7: Mapa ontológico do funcionamento social da linguagem.



Fonte: elaboração própria, inédito.

Fonte: Resende, 2017, p. 25

Fairclough (2003a), portanto, apresenta duas concepções de discurso que balizam a análise: na primeira, mais abstrata, como sinônimo de linguagem/semioses, sendo um dos momentos irreduzíveis da vida social; na segunda, mais estrita, compreendo-o como formas particulares de representar o mundo, situado como um dos componentes de *ordem do discurso* (gêneros, discursos e estilos), a materialização de um campo de ideias, saberes, assuntos e conhecimentos que se conectam histórica, cultural, política e juridicamente e possuem uma relação direta com as práticas sociais, representando-as, definindo-as, construindo-as. Essa conceptualização dialoga de forma direta com os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), abordagem funcionalista da linguagem que emerge nos anos 1960, a partir das pesquisas do linguista Michael Halliday (2004). O seu princípio básico é a concepção do sistema linguístico como um potencial de significação materializado em unidades semânticas que, contextualizadas em uma situação concreta e abstraídas em três metafunções, constituem os textos: a ideacional – a de construir e representar a experiência; a interpessoal – a de estabelecer relações entre atores sociais; e a textual – a de organizar a mensagem de forma coerente e coesa. Dessa forma, conforme destacado por Halliday e Matthiessen (2004), a linguagem é concebida com dois objetivos fundamentais: a representação do mundo (atribuindo significado à nossa experiência) e a interação com os outros (exercendo influência sobre os demais). Esses propósitos são estruturados na forma de informação, traduzida em mensagem (texto). Assim, as configurações de significados e as relações entre esses significados são os elementos que conferem à língua uma unidade coerente e de significativa importância.

Em articulação com os conceitos de gênero, discurso e estilo, Fairclough (2003a) configura esses momentos semióticos internos através da concepção de significados acionais (gêneros como modos de inter-agir – gêneros /suportes), significados representacionais (discursos como de modos de representar – discursos) e significados identificacionais (estilos como modos de ser – estilos). Redes de ordens do discurso são, portanto, nesse esquema, um subsistema que, estratificados e em constante diálogo com outros momentos da prática social, fornecem categorias de análise em nível micro e macrodiscursivo. Esse sistema de redes de ordens de discurso são momentos semióticos de natureza sociodiscursiva possibilitados por um sistema semiótico interno (palavras, orações e textos) constituídos por diferentes estratos (semântico, lexicogramatical, fonológico, fonético).

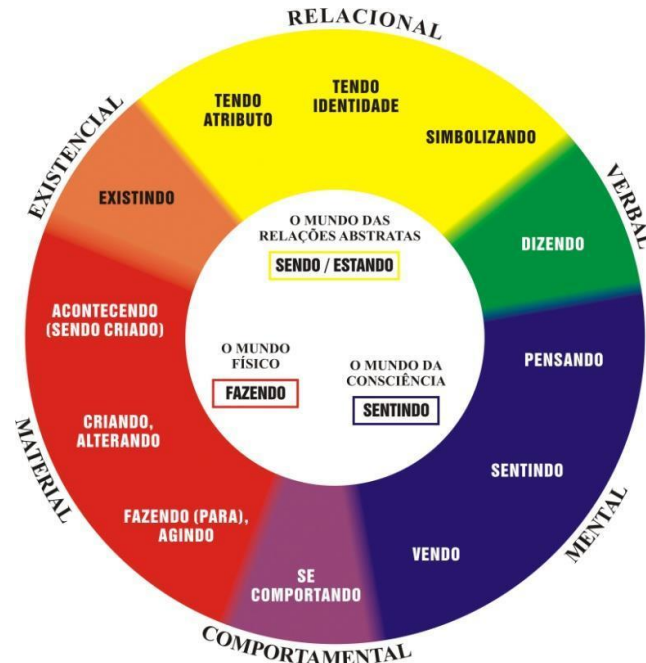
Figura 17: Estrutura dupla da linguagem



Fonte: Vieira; Resende, 2016, adaptado de Halliday; Matthiessen, 2004

Um dos sistemas mais acessados para a análise microlinguística é o ideacional, relacionado ao significado representacional, realizado léxico-gramaticalmente pelo Sistema de Transitividade e Relações lógico-semânticas. Nesse viés, a linguagem reflete nossa visão de mundo como um construto de acontecimentos (Processos) que envolvem entidades (Participantes) com um pano de fundo de detalhes de tempo, lugar, modo etc. (Circunstâncias). Assim, os grupos verbais, nominais e preposicionais são os constituintes das orações, respectivamente, aos Processos, Participantes e Circunstâncias. A conexão entre esses três elementos forma uma estrutura linguística que nos possibilita um esquema de interpretação da experiência e da dinâmica de acontecimentos experienciados pelos participantes.

Figura 18: Os processos, seus significados e a sobreposição de suas fronteiras



Fonte: Barroso (2009, p. 63) adaptado de Halliday e Matthiessen, 2014, p. 172.

Cada vez mais interconectado e mediado pelos textos digitais disponíveis em dispositivos tecnológicos que nos acompanham diuturnamente, a experiência humana com a linguagem no século XXI é pluri-intergenérica e multissemiótica. As imagens, os vídeos, os sons e os textos verbais combinados nos conteúdos consumidos diariamente fazem parte da rotina no uso dos smartphones e medeiam nosso acesso à informação, entretenimento, trabalho, relações interpessoais e contato com outras pessoas (mensagens multimídias, ligações de áudio e vídeo etc.). A Semiótica Social e, mais especificamente, os Estudos de Análise Multimodal surgem para preencher uma lacuna no campo dos Estudos do Discurso, cujo foco é o texto escrito e oral e acabam, por conseguinte, ignorando e dando menos importância a outros formatos de linguagem, que mesclam diversos recursos como imagem, escrita, som, música, gestos, fala, movimentos etc. Cultural e historicamente situados, as formas multissemióticas de representação e comunicação, isto é, a multimodalidade é governada por regras culturais e institucionais – normas, convenções e diretrizes que nos dizem o que é adequado e o que não é, mesmo em um mundo completamente afetado pelas revoluções da cultura digital:

No mundo ocidental moderno, temos testemunhado um incrível aumento, por exemplo, na quantidade e qualidade da informação visual que experimentamos em nossas vidas cotidianas (por exemplo, Kress e van Leeuwen 2006; Meyer et al. 2013; Mitchell 1994). A possibilidade de digitalizar a informação visual e a oportunidade de difundi-la globalmente em segundos trouxe uma enorme mudança na forma como comunicamos uns com os outros. Poderíamos ficar tentados a falar de algum tipo de “democratização” da comunicação (por exemplo, Kress 2010) – com todas as suas implicações positivas e negativas. Noutras sociedades e culturas, o verbal nunca foi tão estritamente diferenciado do visual, o que significa que a multimodalidade pode assumir outras formas e cumprir funções diferentes (Jancsary; Höllerer; Meyer, 2016, p. 183, tradução minha).

Em diálogo direto com as proposições da Linguística Sistêmico-Funcional, Halliday e Matthiessen (2004) e o seu sistema de significação do mundo a partir de uma gramática sistêmico-funcional, Kress e van Leeuwen (2006; 2021) elaboram uma gramática do design visual com o intuito de sistematizar a forma como os recursos visuais “funcionam” e podem ser entendidos com base em categorias analíticas análogas. Os autores elencam vários aspectos do visual, do conteúdo ao estilo e ao significado latente, compreendendo que tanto a linguagem verbal quanto a linguagem visual possibilitam: a construção de representações do mundo e da experiência humana, em sua *função de representação*; a designação de funções aos participantes representados, sejam eles pessoas, objetos ou instituições, e a definição das várias conexões entre esses participantes no texto, assim como entre eles e o leitor, em sua *função de interação*; e os formatos de organização das imagens percebidas a partir de um significado textual, em sua *função de composição*. Esses elementos serão definidos por Leeuwen (2022) como o *design funcional*, que se relaciona com o que textos, objetos e performances construídos multissemioticamente realizam. As macrocategorias da Gramática do Design Visual (GDV) são:

Quadro 2: Metafunções da LSF transpostas em metafunções da GDV

Metafunções	Macrocategorias
Metafunção ideacional – Função de Representação	Estruturas narrativas – processos de ação, processos de reação, processos mentais e processos verbais; Estruturas conceituais – processos classificatórios, analíticos ou simbólicos.
Metafunção interpessoal – Função de interação	Contato (olhar); distância social, atitude/ponto de vista, poder.

Metafunção textual – Função de composição	Valor da informação, saliência, enquadre.
---	---

Fonte: adaptado de Kress e van Leeuwen (2006; 2021)

Leeuwen (2022) apresenta o conceito de design identitário para tratar das textualidades-artefatos e performances multissemióticas que intentam expressar identidade através da aparência, *status* social, valores culturais e *estilos* vislumbrados em características concretas e visualmente explícitas como cor, textura, forma, timbre, movimento. Os dois tipos de design não se excluem, mas se arranjam de forma complexa e concomitante. A diferença é o foco de um na funcionalidade e do outro nos aspectos semióticos que incluem não somente imagens situadas em coisas/objetos, mas também em diversas práticas contemporâneas como a interação em plataformas de redes sociais na internet, nos modos de se vestir, de falar e usar o corpo em situações sociais.

A tendência à diferenciação nas formas de expressão identitária e a pluri-intergenericidade dos modelos visuais que são marcas de discursos tecnologizados apontam o design identitário como particularmente central nas práticas multissemióticas contemporâneas, uma semiótica da criatividade e da ênfase na subjetividade do estilo, pois o seu “[...] foco não está nas estruturas conceituais, mas nos processos semióticos criativos que concretizam o estilo, e não nas conceitualizações específicas, mas nos potenciais de significado e na forma como eles são restringidos no contexto” (Leeuwen, 2022, tradução minha).

A potencialidade de construção identitária ensejada pelo dispositivo da aids-entretenimento reforça o design identitário como forma de ressignificar a abjeção que fundará o aidético e será ressignificado por ativistas e pessoas que vivem com HIV que rejeitam esse rótulo. A partir desses pressupostos, Leeuwen (2022) esquematiza três potenciais de significado para organizar a leitura e a análise de textos, de objetos e de ações multissemióticas:

Quadro 3: Potenciais de significado do design identitário

Potenciais de significado	Chaves teóricas e categorias analíticas
Experiencial	Metáfora como chave (inspirado em Lakoff e Jonhson); materialização/categorias de análise: cor, forma, textura, movimento, timbre.
Proveniência	A conotação e o mito na cultura popular como chaves (inspirado em Barthes); relação

	e conexão entre os sentidos “importados” de um contexto histórico, político e cultural para outro (trocas entre eras, grupos sociais, culturas etc.).
Contextualização	A iconografia como chave (inspirado em Panofsky); pormenorização da circunstância, do contexto histórico, político e cultural de criação do objeto, coleta de dados e informações factuais e leitura de paratextos, manuais e guias sobre ele (análise de proveniência e pesquisa etnográfica).

Fonte: adaptado de Leeuwen (2022)

Um dos aspectos semânticos mais sobressalentes durante a crise da aids se refere à seleção léxico-gramatical e semiótica agressiva na comunicação midiática. A epidemia foi a justificativa para que discursos moralistas, religiosos, homofóbicos, classistas e racistas viessem à tona como uma recorrente *avaliação* sobre a aids e, principalmente, sobre as pessoas que viviam com HIV/Aids na interação cotidiana. Ora carregado de metáforas, ora explicitamente violentos, os discursos da mídia hegemônica se posicionavam de forma nada sutil. Visto como uma ampliação da Metafunção Interpessoal da LSF, o Sistema de Avaliatividade investiga a postura dos falantes/escritores/atores em relação aos acontecimentos do mundo, concentrando-se na forma como eles expressam, negociam e internalizam posicionamentos ideológicos (Martin; White, 2005). Esse sistema também funciona de forma correlata às metafunções da LSF e, obviamente, ocorre simultaneamente aos outros sistemas sociocomunicativos dele derivados, porém acionando como recursos basilares a retórica e os efeitos comunicativos.

Assim, o Sistema de Avaliatividade estrutura as diversas formas de avaliação da linguagem utilizadas para discutir emoções, julgamentos e valores ao mesmo tempo em que incorpora recursos para enfatizar e interagir com essas avaliações (Martin; White, 2005). As pesquisas em Avaliatividade também investigam como os elementos avaliativos são cuidadosamente organizados, considerando a constante possibilidade de desafios ou contradições apresentadas por indivíduos com perspectivas distintas. Nesse contexto, as avaliações presentes nos textos tendem a promover a concordância com aqueles que compartilham opiniões semelhantes, ao passo que se distanciam daqueles que mantêm pontos

de vista opostos, como ressaltam Martin e White (2005). O alicerce dos símbolos coletivos em torno da aids é a explícita construção identitária do aidético, um *juízo* (e condenação) como inimigo da sociedade, pária e risco de contaminação e morte e, em termos de gradação, os discursos eram cada vez mais carregados de intensificação no uso de termos e sentenças estigmatizantes. Em suma, os textos eram carregados de qualificadores e operadores argumentativos. Por outro ângulo, a experiência das vítimas é textualizada a partir da exibição de seus dramas, na exposição de suas *emoções* relatadas autobiograficamente ou no uso retórico da violência dos ativistas que questionam os sistemas políticos, de saúde e econômicos, julgando-os como culpados pela crise e pelo preconceito vividos, isto é, *valores* sociais são questionados nessa disputa sociodiscursiva, como explicitado no quadro a seguir:

Quadro 4: Subsistemas do Sistema de Avaliatividade (Metafunção Interpessoal)

Subsistema / domínio	Conceitualização e categorias
Atitude	Expressão de emoções, julgamento de comportamentos e avaliação de objetos, ações e fenômenos; Recursos: Afeto Julgamento Apreciação
Engajamento	Potencialidade retórica dos discursos, isto é, recursos acionados para a expressão, negociação e naturalização de posicionamentos subjetivos e ideológicos; Recursos: Heteroglossia Monoglossia
Gradação	Recursos de gradação dos impactos, força, extensão e volume dos discursos; Recursos: Força Foco

Fonte: adaptado de Martin e White (2005)

Pensar a aids como uma formação histórica que é constantemente reiterada, ressignificada e atualizada é um elemento fulcral desta pesquisa. Os eixos analíticos da *intertextualidade* e da *interdiscursividade* atravessam todas os sistemas acima sintetizados e as práticas sociais escrutinadas, inclusive no âmbito das ordens do discurso, influenciam sua tríade de significados e as categorias analíticas mais relevantes delas extraídas e recriadas. Quando se trata da aids, a análise da intertextualidade é o exercício de remontar blocos da história que nos constituem enquanto sujeitos e sociedade. Evidencia-se, assim, como os elementos de outros textos são incorporados e recontextualizados a partir da manifestação explícita a temas, atores e eventos sociais ou em alusões e evocações a partir de pressuposições e da transferência dos argumentos e linhas de pensamento principais de um texto para o seguinte, em uma cadeia que pode ser mapeada diacronicamente, mas que se mantém circulando na atualidade.

Distinta, mas convergindo com a intertextualidade em diversos aspectos, a análise interdiscursiva examina a conexão interna entre os elementos da rede de ordens de discurso e suas articulações com outros momentos da prática social e com os níveis dos eventos e da estrutura social. A aids como uma epidemia de significados, estigma e discriminação se constrói a partir da *recontextualização e apropriação de discursos* de diversos campos e instituições sociais particulares (médicos, religiosos, jurídicos, morais etc.). Eles são operacionalizados com base em constante reconfiguração dos modos de agir e interagir a partir de gêneros multimidiáticos dinamizados pelo seu evidente caráter de hibridismo⁸: as imagens visuais se destacam e os textos são marcados por tropos desde o jornalismo impresso e biografias até as redes sociais na internet; assim como incitam novas formas de ser do aidético ao ativista de aids até o influenciador digital que é uma pessoa vivendo com HIV; não obstante, podem se materializar fisicamente nas formas de organizar o espaço e as relações sociais (seja na arquitetura dos hospitais e dos centros de prevenção, tratamento e acompanhamento para PVHIV, nos procedimentos de atendimento médico e protocolos de saúde, nas propagandas institucionais de ONGs e do Ministério da Saúde até no uso de preservativos no ato sexual) (Fairclough, 2016a, 2016b).

⁸ “Vários investigadores e teóricos sociais chamaram a atenção para as formas como as fronteiras sociais são confusas na vida social contemporânea e para as formas de “hibridismo” ou mistura de práticas sociais daí resultantes. Isto é amplamente visto, por exemplo, como uma característica da “pós-modernidade”, que escritores como Jameson (1991) e Harvey (1990) veem como a faceta cultural daquilo que chamo de novo capitalismo. *Uma área da vida social onde o hibridismo tem recebido atenção particularmente intensa é a da mídia – os textos da mídia de massa podem ser vistos mediadores da indefinição de fronteiras de vários tipos: fato e ficção, notícias e entretenimento, drama e documentário, e assim por diante (McLuhan 1964, Silverstone 1999).* A análise do hibridismo interdiscursivo em textos fornece um recurso potencialmente valioso para aprimorar a pesquisa baseada nessas perspectivas, oferecendo um nível de análise detalhada que não é alcançável com outros métodos” (Fairclough, 2003a, p. 35-36, tradução minha).

Nesse viés, nas imagens a seguir, reitero o frequente registro do paciente com aids em contexto hospitalar nas mídias hegemônicas das duas primeiras décadas da epidemia:

Figura 19: Revista NY Times: “no *Coming Home Hospice*, em São Francisco, David Brewster, um paciente com AIDS, sendo atendido por seu amigo Michael Bolleri, 29/1/1989”



Fonte: Krulwich (1989)

Figura 20: VITOR | HIV + – Imagens Instagram – 21/1/2021



Fonte: [Vitor \(2021\)](#)

Menos recorrentes na atualidade, até em função da evolução dos tratamentos e das terapias antirretrovirais (apesar de ainda haver índices preocupantes de adoecimento e mortalidade por todo o globo), tais imagens são incomuns na linha do tempo dos influenciadores digitais que utilizam as plataformas de redes sociais. No entanto, Vitor (2021) narra em seu perfil, como parte de sua trajetória, a superação da aids em estágio grave. Ao construir no *Instagram* a sua persona de “vitorioso” em relação à aids, exhibe imagens de seu

internamento, tratamento e cura em comparação ao seu estado atual, dialogando diretamente com as imagens que outrora eram apontadas como a de estágio terminal nas mídias de outras décadas (cf. Figura 20)

Nessa relação intertextual, há uma *orientação para a diferença* reconhecendo e explorando-a, mas apontando uma luta por outros significados, principalmente na construção da autonomia na voz de quem narra a própria história – também na legenda da imagem (“Valorizem suas vidas, suas escolhas e seu corpo! Jamais desistam de vocês!”) (Fairclough, 2003a, p. 41-42). Destaco a representação do “rosto saudável” como uma importante categoria de imagem na significação da identidade social de quem vive com HIV na contemporaneidade.

Nas cenas do hospital, os corpos adoecidos já reconhecidos como símbolos da morte são enquadrados, destacados como se uma linha divisória os enfatizasse mesmo sem um recurso explícito de saliência. As escalas de cinza da foto em preto e branco enfatizam a expressividade dos participantes, sua iluminação com os contrastes fortes entre o branco das paredes do hospital e a figura do doente amplificam os sentimentos para centrar no seu assunto. Apesar de não acessar o recurso da cor, a fotografia de VITOR | HIV + informa seu grave estado de saúde e contrasta com seu olhar firme de demanda e proximidade para o espectador com *close-up* no seu rosto e parte do peito desnudo. Na legenda da foto de Victor, ele avalia a própria experiência utilizando como recurso o afeto, ao relatar, carregado de emoção, sua história de superação com a aids.

Como dito, a ênfase deste trabalho é na questão genealógica da aids, porque falar sobre o conhecimento produzido sobre ela é explicitar a sua historicidade. Por isso, interessa-me dialogar com a Análise de Dispositivo, que, na esteira da crítica de Michel Foucault sobre a construção de regimes de verdade, corrobora que a ciência é iminentemente política e o *discurso é um conceito político transdisciplinar que serve para interpretar a realidade social* (Jäger; Jäger, 2017, p. 15). A interrelação entre discurso, conhecimento científico e poder implicam, de modo dialético, noções de sujeito e sociedade em dado momento histórico. Sobre o papel do intelectual e da aplicabilidade dos seus trabalhos na luta cotidiana, Foucault comenta que:

Há um combate "pela verdade" ou, ao menos, "em torno da verdade" – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer "o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar", mas o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder"; entendendo-se também que não se trata de um combate "em favor" da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de "ciência/ideologia", mas em termos de "verdade/poder" (Foucault, 1998, p. 13).

A noção de discurso – não somente os científicos e especializados, mas, de forma ampliada, os de outros campos como os da mídia, política e vida cotidiana etc. – aqui construída parte da noção foucaultiana de que cada sociedade e suas instituições possuem seus regimes de verdade, e deles se produzem efeitos regulamentados de poder sustentados a partir de múltiplas coerções, não existindo, portanto, fora ou isento do poder (Foucault, 1998, p. 12). Logo, o discurso funciona como uma instância reguladora devido à recursividade dos seus elementos de conhecimento, que, paulatinamente, se ancoram na formação das instituições e suas relações com os indivíduos (obviamente, articulado com os aspectos não discursivos que constituem a realidade social). A formulação de Jäger (1993), Jäger e Jäger (2007) e Jäger e Maier (2016) aponta para o esquema conceitual de *fios, fragmentos e nós discursivos*. Os fios discursivos atuam:

como um “fluxo de 'conhecimento' ou reservas sociais de conhecimento através do tempo, semelhante a um rizoma e sinuoso”, que também pode fluir para trás, deixar para trás ou atravessar lagos, podendo secar temporária ou totalmente, e cria as especificações para a formação dos sujeitos e a estruturação e desenho das sociedades, que, portanto, se revelam extremamente diversas (Jäger; Jäger, 2007, p. 23).

Nessa formulação, os discursos estão estreitamente interligados, entrelaçados uns com os outros e formam um “emaranhado discursivo” que, ao mesmo tempo, resulta na “proliferação de discursos” e que a análise teria de desembaraçar. A primeira questão que se coloca é como os discursos podem ser analisados apesar da sua “grande proliferação” e da sua heterogeneidade e interligação. Os fios discursivos são, ao mesmo tempo, síncronos e diacrônicos, atuais e históricos, e referem-se à grande variedade de tópicos que emergem e circulam de forma ampla e até mesmo como discursos mais globais, como no caso da aids. Eles são cursos discursivos tematicamente uniformes, geralmente com um grande número de subtópicos com as suas diversas posições discursivas neles assumidas, e seus conteúdos e acumulações consistindo em diferentes *fragmentos de discurso*, isto é, a materialização em textos dos tópicos dos respectivos fios em eventos discursivos. Sua análise traz à luz os enunciados e os seus acúmulos que, no curso de sua difusão, intentam universalidade e homogeneidade (Jäger; Jäger, 2007, p. 25-26). Os fios discursivos possuem dimensões tanto sincrônicas quanto diacrônicas, pois:

De certo modo, um corte sincrônico através do fio discursivo é também sempre diacrônico. Isso porque cada tema tem uma gênese, um a priori histórico. Ao analisar um tema, o analista deve ficar de olho em sua história. Para identificar o conhecimento de uma sociedade sobre um tema, o analista deve reconstruir a gênese desse tema. Foucault empreendeu várias tentativas nesse sentido, não apenas no que diz respeito às ciências, mas também no que

diz respeito à vida cotidiana e às instituições (por exemplo, o hospital e a prisão em França) (Jäger; Maier, 2016, p. 121).

Os fragmentos de discurso podem conter partes de outros fios discursivos que abordam vários tópicos em diversos graus que precisam ser destrinchadas na análise e esse enunciado onde vários discursos estão emaranhados é chamado de *nó discursivo*. Em se tratando da aids, os discursos do campo médico, jurídico, religioso, midiático etc. originam uma amálgama complexa e as conexões mais profundas e estabilizadas desses fios discursivos formam os *símbolos coletivos*. Aparentemente redundantes e sobrepostos aos conceitos da versão dialético-relacional da Análise de Discurso Crítica, a decisão pela inclusão desse repertório é uma questão de ênfase na questão histórica que envolve a aids e a sua presença na atualidade. Do ponto de vista metodológico, fragmentos discursivos eclodem em todas as seções deste texto, compondo a monta da aids como símbolo coletivo, parte essencial do esquema de análise da aids-entretenimento como *dispositivo*.

Nesta pesquisa, a aids eclode e se estabiliza como símbolo coletivo que interconecta e atravessa instituições e saberes de forma contundente na década de 1980, principalmente por sua ultramidiatização. A aids, quarenta anos depois de sua emergência, continua a impactar de forma diferente os países marcados pela desigualdade socioeconômica, em que o (não) acesso à saúde se soma à precariedade de políticas de proteção e cuidado às pessoas de sexo e gênero diversos, marcadas racialmente e vulneráveis socioeconomicamente. Como marco histórico, destaca-se a publicação de um artigo científico pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC-EUA) divulgando uma nova enfermidade associadas a homens homossexuais em 1981 que, logo em seguida, solidifica-se como epidemia quando o vírus afeta o Ocidente de forma contundente, mais especificamente os Estados Unidos da América (EUA), ganhando notoriedade mundial. A epidemia de aids enquanto síndrome continua a fazer vítimas mesmo em um mundo onde as multiterapias são eficientes no sentido de seu controle biomédico, e, na realidade brasileira, é também atravessada pela complexidade de outros fenômenos que marcarão sua diferença e caracterização como a pauperização, a racialização, a feminização, a heterossexualização e a interiorização. No entanto, interessam-me as práticas sociais que circundam a aids como emergência na cultura, constituída pelo estigma e discriminação direcionados às minorias sexuais que a ela foram ontologicamente atreladas e, pelo prisma da saúde pública, ainda são as populações-chave.

1.2.3 Os Estudos de Cibercultura e de Mídias Sociais

O segundo bloco não forma um grupo coeso ou um campo único de pensamento, mas diferentes perspectivas teóricas e fontes sobre cultura digital, tecnologia e mídias sociais. O ponto fulcral para este trabalho é que a aids emerge como acontecimento em um contexto de transformações radicais nos modos de criação, compartilhamento e consumo de produtos midiático-culturais. Na década de 1980, ascende o que a estudiosa do campo da comunicação e da semiótica Lucia Santaella (2003) define como *cultura das mídias*, a partir de um esquema que sintetiza a história da comunicação humana a partir das culturas oral, escrita, impressa, de massas, das mídias e digital. O ponto de inflexão da cultura das mídias a viabilidade de recepção dos produtos midiático-culturais de modo mais personalizado, diversificado (muitas vezes mais direcionado a nichos) e dinamizado pelos recentes aparatos tecnológicos como o *walkman*, o videocassete, o videogame, as câmeras fotográficas e de filmagem para uso doméstico etc., em contraponto um consumo de forma massiva. Outro elemento dessa era é o estímulo que essas novidades proporcionam para que cada pessoa comum crie seus próprios conteúdos e os compartilhe.

A década seguinte marcará a emergência da revolução tecnológica proporcionada pela era digital expandindo seus limites e se tornando pilar da sociedade contemporânea. Aparentemente contraditórios, mas em constante disputa, os estudos em torno das tecnologias e da cibercultura, principalmente na perspectiva de quem popularizou o termo, o filósofo Pierre Levy, intentam compreender e impulsionar o uso das tecnologias digitais como etapa fundamental na democratização do conhecimento e do próprio fortalecimento da democracia diante de suas crises. O autor defende a ideia de um “universal sem totalidade”, o conceito de uma humanidade conectada por uma identidade global, mas, ao mesmo tempo, plural e diversa, pois, ao pensar a proeminente expansão da cibercultura, afirma que:

Uma nova ecologia das mídias vai se organizando ao redor nas bordas do ciberespaço. Posso agora enunciar seu paradoxo central: quanto mais universal (extenso, conectado, interativo), menos totalizável. Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga, a tal ponto que o sentido global encontra-se cada vez menos perceptível, cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar. Esse universal dá acesso a um gozo do mundial, à inteligência coletiva enquanto ato da espécie. Faz com que participemos mais intensamente da humanidade viva, mas sem que com isso seja contraditório, ao contrário, com a multiplicação das singularidades e a ascensão da desordem (Lévy, 1999, p. 120).

As indagações sobre noção de espaço são fundamentais, haja vista a disseminada e clichê metáfora de um ciberespaço existindo em uma dimensão paralela. A discussão acerca da dimensionalidade na sociedade contemporânea nos instiga a pensar no digital se materializando e alterando profundamente a realidade que nos encontramos, isto é, como parte indissociável de nossas existências no Ocidente e sendo construída de “dentro para fora” (da tecnologia para a vida), mas de um “dentro” que dialeticamente é demandado e impulsionado por um “fora”, ao passo que, gradativamente, ambos se borram (Jones, 2014).

Entretanto, filósofos como Byung-Chul Han apontam como a sociedade capitalista contemporânea nos enreda e nos monetiza em uma competição acirrada via ultraexposição permanente da vida e do corpo em mídias sociais, ao passo que grandes corporações controlariam e definiriam algoritmicamente as conexões e interações que realizamos:

A sociedade do controle atual apresenta uma estrutura panóptica bastante específica. Contrariamente à população carcerária, que não tem comunicação mútua, os habitantes digitais estão ligados em rede e têm uma intensiva comunicação entre si. O que assegura a transparência não é o isolamento, mas a hipercomunicação. A especificidade do panóptico digital é sobretudo o fato de que seus frequentadores colaboram ativamente e de forma pessoal em sua edificação e manutenção, expondo-se e desnudando a si mesmos, expondo-se ao mercado panóptico. O expor pornográfico e o controle panóptico misturam-se entre si; o que alimenta o exibicionismo e o voyeurismo é a rede enquanto panóptico digital. Nesse sentido, a sociedade de controle chega a sua consumação ali onde o sujeito dessa sociedade não se desnuda por coação externa, mas a partir de uma necessidade gerada por si mesmo; onde, portanto, o medo de renunciar à sua esfera privada e íntima dá lugar à necessidade de se expor à vista sem qualquer pudor (Han, 2017, p. 60).

Por outro ângulo, a condição habitativa passou por uma significativa transformação devido às diversas conexões de fluxos de informações, bancos de dados e territorialidades. Essa mudança resulta da disseminação de dispositivos móveis (*tablets, smartphones, notebooks*) e formas de conexão *wi-fi*, além da expansão das redes sociais. Essa forma única de interatividade representa o surgimento de modalidades conectivas e transorgânicas do habitar, que expressam uma interação e uma ecologia reticular distintas, indo além das abordagens teóricas tradicionais e da dimensão antropomórfica da política.

Di Felice (2018) enfatiza a ascensão de um modelo de comunitarismo digital que transforma a esfera pública e suas dinâmicas sociais ao repensarmos as arquiteturas informativas de disseminação e de diálogo, a emergência de espaços imateriais de criação, a circulação e recepção de informações, da dimensão material das ideias a partir dos dispositivos e suas interfaces e a circulação livre de material para o debate público. Os processos interacionais nas redes digitais estariam cada vez mais dinâmicos, globalizados e

multidirecionais, apontando para uma possível pluralidade dos processos democráticos e dialogantes.

Dessa forma, compreendo que o diálogo entre essas contradições e perspectivas em confronto são inerentes à revolução em curso no tecido social contemporâneo, processo que gera um rearranjo profundo nas organizações sociais e no âmbito individual e psíquico, impactando, portanto, nos modos de escrita, produção, leitura e consumo, acesso e circulação de textualidades, saberes e tendências identitárias, impondo tanto reflexões quanto atitudes.

1.2.4 Os Estudos *Queer*

Crises sociais como a da aids impactam diretamente o modo como construímos, negociamos e adaptamos as nossas identidades e foi justamente no âmbito de sua epidemia que os entendimentos sobre subjetividade e sexualidade foram abalados com efeito:

[...] similar ao impacto do Holocausto e da bomba atômica sobre os ideais progressistas do Iluminismo. Depois do fato nada poderia ser como antes. Foi nesse contexto do ativismo relacionado à aids e da rejeição às estratégias assimilacionistas que o termo ‘queer’ foi empregado em seu sentido atual, tanto na cultura popular como na teoria (Spargo, 2017, p. 30).

Naquele mundo pré-aids, no contexto ocidental, as políticas baseadas em identidades homonormativas apostavam em uma noção assimilacionista de igualdade com base na conquista de direitos e proteção legal, pois vistas por muitos como limitadas por serem excludentes, ao desconsiderar outras miríades de situações e identidades como as trans, as imigrantes, as racializadas e as mais pobres, justamente por privilegiar valores da classe média branca em suas campanhas. Tanto esses movimentos por inclusão e igualdade quanto as posturas críticas a eles foram afetados contundentemente pela crise de saúde pública e pela explosão de violência lgbtfóbica que se seguiu; e o que se viu foi um intenso rearranjo mobilizado pela urgência para repensar criticamente a identidade com base em políticas que explicitem as diferenças e denunciem a exclusão através do “estranhamento” às normas, à abjeção e à violência, e da ressignificação do *queer* (outrora xingamento homofóbico em língua inglesa que também poderia ser traduzido como “estranho”, “esquisito”) como forma de emancipação e confronto ao *status quo*. Os então definidos como movimentos gays e lésbicos tiveram suas agendas redefinidas com a epidemia e muitas dessas associações imiscuíram-se aos emergentes ativismos de aids, pois não havia como escapar de uma intersecção entre outras

pautas e grupos que se articulavam diante do abandono estatal contra os centros financeiros e a indústria farmacêutica diante da crise.

Dos movimentos sociais para a academia, os Estudos *Queer* foram fortemente influenciados por ideias pós-estruturalistas, pela noção de identidade instável e descentrada da psicanálise lacaniana, pela proposição de Jaques Derrida acerca da desconstrução de estruturas conceituais e linguísticas binárias e, obviamente, pelas concepções sobre poder, saber, subjetividade e discurso elucubradas por Michel Foucault. Tecendo diálogos entre esses pressupostos e os estudos feministas, Judith Butler justamente pensa a sexualidade, o gênero e a libido como efeitos performativos, isto é, o resultado de repetições estilizadas de modelos, arquétipos e um conjunto de significados já assentados, muito embora essa reencenação gere novas possibilidades, experiências e modos de ser. Além disso, há um interesse e um questionamento às políticas de representação, a partir de análises de produtos da cultura visual e escrita, literatura, cinema, discursos políticos etc.⁹ Os Estudos *Queer* não apenas ressignificam a noção de ‘outro’ produzida pelas normas ao pensar identidades sexuais, de gênero e racializadas, mas “estranham” ontológica, epistemológica e metodologicamente o fazer ciência e política, e o papel dos investigadores sociais, visto que:

[...] na teoria e na prática, podemos entender o queer como um adjetivo que atua como performativo, que tem a força de um verbo. David Halperin entende o queer como um ‘horizonte de possibilidades’, e o sujeito queer como ocupante de um ‘posicionamento excêntrico’ em relação ao normal, legítimo e dominante (HALPERIN, 1995, p. 62). [...] De modo geral, alguns dos mais recentes trabalhos de teoria queer buscam compreender como as relações entre identidade e ação possibilitam a capacidade individual e coletiva de agir em resistência a saberes e práticas opressores sem retornar à ideia modernista de sujeito autônomo (Spargo, 2017, p. 48).

1.2.5 Conectando conceitos de cultura e identidades em torno de crises e remodelações sociais

A premissa de um modelo transformacional da atividade social (Realismo Crítico) compreende uma concepção relacional entre estrutura e agência – que não se resume apenas a uma negociação e mudança discursiva, mas possui níveis de estratificação com e a partir de efeitos materiais e enfatiza a possibilidade de emancipação humana. Em termos de crítica

⁹ “Como seria de se esperar, a teoria queer não tem origem em um movimento isolado, mas retrospectivamente, costuma-se dizer que seu início se cristalizou a partir de uma série de conferências acadêmicas que, nos Estados Unidos, no fim dos anos 1980, abordaram a relação de questões gays e lésbicas com as teorias pós-estruturalistas. Os estudos que, em conjunto, são chamados de teoria queer situam-se predominantemente no campo das humanidades, na história, nos estudos literários e culturais e na filosofia, embora os temas incluam o discurso científico, o jurídico e outros” (Spargo, 2017, p. 34).

explanatória, a noção de natureza estratificada da realidade impele a uma necessária historicidade na análise (por mais curto que seja o lapso de tempo envolvido), pois, em vez de explicações horizontais relatando uma experiência, passível de observação entre um evento e outro, o fato de esses próprios estarem condicionados a antecedentes exige explicações verticais em termos das relações geradoras indispensáveis à sua realização ou mesmo não atualização e manutenção. A profundidade ontológica introduz necessariamente à causalidade vertical que implica simultaneamente a temporalidade (Archer, 1998a, p. 196).

Para não incorrer na simplificada dicotomia individualismo x coletivo, a relação dialética entre estrutura e agência pode ser categoricamente distinguida entre pessoas e sociedade, porque as propriedades que constituem as formas sociais diferem daquelas possuídas pelos indivíduos a partir das quais dependem suas atividades, isto é:

Para Bhaskar, este efeito das propriedades emergentes implica que é necessário algum “ponto de contato” entre os dois e que a sua ligação depende de um “sistema mediador” que consiste em “*posições* (locais, funções, regras, tarefas, deveres, direitos etc.) ocupadas (preenchidas, assumidas, promulgadas etc.) por indivíduos, e das *práticas* (atividades etc.) nas quais, em virtude da ocupação dessas posições (e vice-versa), eles se envolvem” (Archer, 1998a, p. 200).

Essa distinção entre posições e práticas é crucial para entender como as primeiras dizem respeito ao cumprimento de regras encarnadas por um conjunto de instituições, poderes, conhecimento e restrições que condicionam a rede de práticas. As próprias distribuições de posições e papéis em instituições específicas envolve o condicionamento das atividades ao contexto estrutural e cultural herdado. Os agentes são moldados nas suas tentativas sequenciais de remodelar as estruturas que confrontam, mas que não criaram. A natureza contínua da agência age e constrange a continuidade das atividades estruturadas e estabelecidas social, cultural e historicamente com base nas posições que os agentes ocupam. Uma posição tem que existir antes da sua ocupação. E, ainda que as mesmas pessoas se tornem titulares de posições recentemente elaboradas, o novo conjunto de relações internas em que estão então envolvidas exerce uma influência condicional *sui generis* sobre elas – que se torna visível precisamente através de suas práticas alteradas pelos agentes em seu processo de elaboração da própria agência (Archer, 1998a).

Mas qual seria o estofo dessa estrutura que dialeticamente é afetada pela agência de grupos e indivíduos? Archer (1998b) explicita a relação dual entre os Níveis Socioculturais e um Sistema Cultural, que possui uma existência objetiva e relações autônomas entre seus componentes: linguagem, conhecimento, crenças, teorias, padrões semióticos, esquemas

conceituais, sistemas de significação, símbolos coletivos etc. e é constituído por um *corpus* de *inteligibilia*, isto é, por todas as coisas capazes de serem apreendidas, decifradas, compreendidas ou conhecidas por alguém. Por definição, os *inteligibilia* culturais formam um sistema, pois todos os itens devem ser expressos em uma linguagem comum (ou serem traduzíveis em princípio), uma vez que esta é uma pré-condição para que sejam inteligíveis. Logo, eles têm pelo menos uma característica partilhada com um outro componente (linguagem), o que é também a pré-condição para serem um sistema. Os Sistemas Culturais são paulatinamente alterados na linha do tempo com base no desenvolvimento do conhecimento, (re)elaboração de crenças, acumulação de literatura etc. (Archer, 1998b, p. 504).

Portanto, os Sistemas Culturais são o produto de uma *interação sociocultural historicamente situada e que emerge como um processo contínuo*. Há contradições e disputas inerentes acontecendo nesses Níveis Socioculturais, apontando que, apesar de conter restrições, os Sistemas Culturais incorporam novas possibilidades (aplicações técnicas baseadas em novas teorias) e introduzem novos problemas através das relações entre as próprias entidades emergentes (teorias e técnicas), entre elas e o ambiente físico, e entre essas e os atores humanos. A década de 1980 tanto é marcada pela emergência da crise sanitária global da aids como, ao mesmo tempo, é palco de transformações e fissuras geopolíticas, sendo também definida pelas transformações sociossemióticas e tecnológicas da fase de transição entre a Cultura de Massas e a Cultura Digital (a Cultura das Mídias). Os Sistemas Culturais sofreram definitivamente remodelações significativas no último quarto de década do século XX.

Um dos aspectos do tecido ontológico que subjaz essa análise compreende a realidade social e a cultura (estratificadas a partir da fórmula Níveis Socioculturais => Sistema Cultural) em diálogo com o que o filósofo Paul B. Preciado (2018, p. 36) denomina de era *farmacopornográfica*, um regime pós-industrial global e midiático que “se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a *Playboy* são dois resultados paradigmáticos”. As identidades, material e discursivamente, passam a ser mediadas pelas tecnologias biomédicas e pelo consumo incessante de imagens dos corpos, prazeres e do desejo humanos a partir de novas tecnologias de cultura de massa e de mídia. Segundo Preciado (2018, p. 36):

[...] somos confrontados com um novo tipo de capitalismo: quente, psicotrópico e punk. Essas transformações impõem um conjunto de dispositivos microprotéticos de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares e multimídia. Nossa economia mundial depende da produção e circulação interconectada de centenas de toneladas de esteroides sintéticos e órgãos, fluidos e células (tecnossangue, tecnoesperma,

tecno-óvulo etc.) tecnicamente modificados; depende da difusão global de um fluxo de imagens pornográficas; depende da elaboração e distribuição de novas variedades de psicotrópicos sintéticos legais e ilegais (bromazepam, Special k, Viagra, *speed*, cristal, Prozac, *ecstasy*, *poppers*, heroína); depende do fluxo de sinais e circuitos digitais de informação; depende de que todo o planeta se renda a uma forma de arquitetura urbana em que megacidades miseráveis convivem com altas concentrações de capital sexual.

A proposição de Preciado é tecida em diálogo com o conceito de biopolítica (conexão entre sistemas de gestão da vida, controle e regulação da vida e da morte) mobilizado por Michel Foucault (1999). Ambos são, nesse sentido, ferramentas teóricas pertinentes para refletirmos sobre como as estruturas sociais agem em determinadas populações, haja vista refletirem a ação dos macropoderes (governos, centros de saúde, educação e mídia), catalogando os sujeitos com um “rótulo CID” (identificação no Código Internacional de Doenças), em prontuários, filas de atendimento e protocolos rígidos e também em nível micropolítico, como na rotina de ingestão de fármacos, atividades físicas e intervenções cirúrgicas que alteram o corpo a partir de modelos propagandeados como “perfeitos” e “saudáveis”, ideais para a construção das subjetividades e identidades.

Em situações mais radicais, o não acesso ao básico, como saneamento e sistema de saúde ou a exposição sistemática a situações de violência também compõe um cenário de dispositivos que organiza a lógica dessa administração e/ou eliminação dos corpos. Essas chaves conceituais encetam o esquadramento da lógica de funcionamento de sistemas de vida e morte, que também tornam mais ou menos disponível o acesso a saberes e técnicas, dispositivos e procedimentos médicos que garantem a vida, ao passo que radicalizam a precariedade da existência social e promovem mortes escalonadas. Assim, as pessoas que vivem com HIV são também dados estatísticos, números em inventários de saúde (dos prontuários de controle da vida aos registros de morte), porque consideradas populações-alvo.

Destaca-se, portanto, a relação indissociável entre identidade e cultura, posto que há uma movência no cenário em que os Sistemas Culturais analisados se encontram. Nessa reconfiguração, há uma crise da identidade em níveis globais, locais, pessoais e políticos. Para Kathryn Woodward (2014, p. 39):

Os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes por meio da luta e da contestação política. As dimensões políticas da identidade tais como se expressam, por exemplo, nos conflitos nacionais e étnicos e no crescimento dos “novos movimentos sociais”, estão fortemente baseadas na construção da diferença.

A autora aponta como os sistemas classificatórios fabricam as identidades por meio da marcação da diferença tanto através de sistemas simbólicos de representação quanto de exclusão social. Em períodos de crise como as epidemias, essa diferenciação é acentuada. No caso da aids, a epidemia se assentou gradativamente no seio da sociedade atravessando décadas em uma construção que se deu numa relação intrínseca com as identidades a ela relacionadas. Lúcia Santaella (2003, p. 54), em diálogo com Walter Benjamin, enfatiza que a dinâmica cultural neste momento histórico que ela intitula como Cultura das Mídias (que precede em poucos anos e prepara o terreno para a Cultura Digital) é produtiva, no que a cultura é concebida como um “tipo muito especial de produção humana” e é dividida a partir de quatro aspectos: “a) o nível da produção em si; b) o da conservação de produtos culturais, ligados à memória; c) o da circulação e difusão, ligado à distribuição e comunicação dos produtos culturais; d) o da recepção desses produtos, isto é, como são percebidos, absorvidos, consumidos pelo receptor” (Santaella, 2003, p. 54).

Nesse sentido, Di Felice (2018) aponta que o advento da cultura digital e suas formas de comunicação eletrônica transformaram nossa concepção do sujeito. A noção de um eu fixo, no tempo e no espaço, com controle cognitivo sobre os objetos ao redor, torna-se obsoleta (modelo emissor-receptor). A comunicação eletrônica remove os pontos fixos essenciais para as teorias modernas, resultando em uma concepção de realidade múltipla nas mídias sociais. As práticas inclusivas da comunicação em rede geram um sujeito múltiplo, instável, mutável, difuso e fragmentado, uma constituição incompleta, sempre em formação.

Assim, ressoam perguntas sobre *onde e quando* esses produtos midiático-culturais são produzidos (em quais contextos geográficos, regionais, étnicos e em qual ponto histórico); por quem (os principais produtores de conteúdo e seus coadjuvantes, as forças econômicas em torno deles e as posições e imposições políticas, ideológicas em torno dos agentes etc.); como (quais meios tecnológicos – artesanais, industriais, eletrônicos, telemáticos – são utilizados para produzir os bens simbólicos, distribuí-los e serem consumidos); quem (o nível do consumo que, gradativamente, será cada vez mais nichado na cultura digital). No entanto, questionar sobre o que é produzido é essencialmente indagar sobre as formas, os tipos e os gêneros dos produtos midiático-culturais que são o âmago da dinâmica cultural (Santaella, 2003, p. 55).

No cerne da revolução digital, marcada pelas mobilidades e contradições de uma heterogeneidade pluritemporal e espacial, está a possibilidade aberta pela máquina de reunir o denominado hipertexto ao som, imagem e vídeo em uma linguagem universal, que, como enfatiza Santaella (2003), poderá ser transmitida globalmente através de redes comunicacionais digitais que instituem novas formas de socialização e serão compreendidas como cultura digital

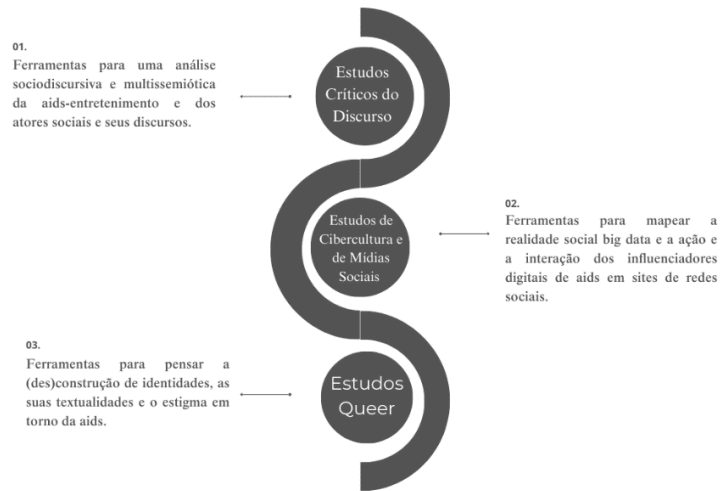
ou cibercultura. Pierre Lévy (1999, p. 119-121) aponta que o significado último da cibercultura é a universalidade, que ele defende ser um universal (extenso, interconectado, interativo) sem totalidade. Esse estudioso afirma que as interconexões globais propiciadas pela imersão no virtual dão acesso a um “gozo do mundial”, uma inteligência coletiva acontecendo enquanto um ato da espécie, na qual se multiplicam singularidades ao passo que ascendem desordens. Em uma crítica à postura pós-moderna de rejeição ao universal em valorização do micro e da diferença, Lévy sinaliza que ela apontou certamente o esfacelamento da totalização, proclamando o fim das grandes narrativas totalizantes, mas que confundiu essas últimas com o conceito de universal. Para ele, o universal:

É a presença (virtual) da humanidade em si mesma. Quanto à totalidade, podemos defini-la como a conjunção estabilizada do sentido de uma pluralidade (discurso, situação, conjunto de acontecimentos, sistema etc.). Essa identidade global pode fechar-se no horizonte de um processo complexo, resultar do desequilíbrio dinâmico da vida, emergir das oscilações e contradições do pensamento. Mas qualquer que seja a complexidade das modalidades, a totalidade ainda permanece no horizonte do *mesmo*. A cibercultura, por outro lado, mostra precisamente que existe uma outra forma de instaurar a presença virtual da humanidade em si mesma (o universal) que não seja por meio da identidade do sentido (a totalidade) (Lévy, 1999, p. 121).

O desafio aqui é o de pensar conceitos e possibilidade materiais de cultura e de realidade social tanto a partir da identidade construída pela diferença radical do estigma e de sua ressignificação quanto da consideração do universal enquanto possibilidade e projeto. São as contradições e as complementaridades que balizam os Sistemas Culturais. As referidas contradições podem ser resolvidas ou superadas, incluindo a criação de novos elementos culturais que sintetizam elementos opostos, a negação de elementos culturais existentes e a transformação do Sistema Cultural como um todo. A análise das contradições dentro de Sistema Cultural pode ajudar a entender como as mudanças culturais ocorrem e como as forças sociais interagem para moldar a realidade social.

Figura 21: Perspectivas epistemológicas

PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS



Fonte: elaboração do autor

1.3 A aids-entretenimento e suas textualidades: do recorte sincrônico de dados em mídias sociais digitais ao mapeamento diacrônico de produtos midiáticos-culturais

Esta tese insere-se na tradição da pesquisa qualitativa, pois, conforme explicitado anteriormente, se abre para a multiplicidade propiciada pela transdisciplinaridade e para um panorama amplo de práticas interpretativas, além de situar-se em um campo substancialmente político, aguçado por posturas éticas e políticas que compreendem como fundamental a compreensão e a elaboração de respostas às desigualdades sociais e a opressão em suas diversas formas. Por ter como ponto de partida os Estudos Críticos do Discurso, dedica-se à análise detalhada de textos e discursos e à crítica social, partindo de um olhar agudo sobre um determinado problema social, um mergulho etnográfico no campo e a reflexão sobre o próprio fazer teórico-metodológico, com vistas a uma mudança social e discursiva. A Análise de Discurso Crítica é um conceito eminentemente político atravessado pela Ciência Social Crítica e pela pesquisa crítica sobre mudança social em uma sociedade contemporânea marcada por crises profundas, transformações econômicas, socioculturais e de reinvenção do capitalismo, a exemplo da conceituação de Giddens sobre “modernidade tardia/posterior” (Chouliaraki, Fairclough, 1999, p. 1). Assim, compreende-se como centrais essas escolhas e definições porque:

A palavra *qualitativa* implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos

experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o *modo* como a experiência social é criada e adquire significado (Denzin; Lincoln, 2006, p. 23).

Nessa perspectiva, iniciei a geração de dados em canais e perfis nas plataformas de compartilhamento de conteúdo e redes sociais multimídia *Youtube* e *Instagram*, cujo escopo de discussão ou centralidade fosse o HIV/Aids. Esses espaços são protagonizados por ativistas digitais brasileiros e/ou influenciadores digitais/criadores de conteúdo ou, simplesmente, por pessoas que vivem com HIV e ocupam a esfera pública tratando do tema. A minha movimentação entre as diferentes de plataformas de redes sociais apontou conexões que propiciavam o esgarçamento da intergenericidade, e a dinâmica de frequentes atualizações de seus programas impulsiona que seus usuários se reinventem no formato de suas textualidades e nos modos de interação com sua audiência.

Uma das questões fundamentais desta pesquisa é a compreensão acerca da manutenção e do funcionamento social e discursivo na contemporaneidade do que intitulo *aids-entretenimento* – transdisciplinarizando o conceito foucaultiano de dispositivo e a discussão sobre cultura de massa, consumo e entretenimento – para refletir a emergência simbólica da *aids* como um produto “embalado” e reproduzido massivamente para o consumo midiático. Dito isso, compreendo que a faceta de ativista digital de *aids* é nesses canais e perfis modelada e subsumida à atuação como influenciador digital e criador de conteúdo, camadas as quais me propus a esmiuçar como forma e estratégia de ação-interação.

O *Youtube* é uma plataforma de vídeos que se tornou um fenômeno massivo mundialmente como um novo modelo de produção cultural e criação de mídia, pois proporcionou aos seus usuários participantes a adesão a uma cultura participativa na qual podem criar e compartilhar conteúdo original, se desenvolvem, interagem e aprendem enquanto fazem novas conexões sociais (Chau, 2011). Para esse autor, a noção de cultura participativa no contexto do *Youtube* possui como características principais:

- 1) barreiras relativamente frágeis para a expressão artística e o engajamento coletivo; 2) expressivo suporte para criar e compartilhar os seus próprios projetos; 3) espaço profícuo para a presença de mentoria informal (vídeos instrucionais); 4) a crença de que as contribuições pelas interações da plataforma (avaliação, número de visualizações, comentários, vídeos de resposta etc.) são importantes para a geração de conteúdo; 5) sensação de conexão social (Chau, 2011).

O foco inicial da geração de dados para esta pesquisa foi, principalmente, o *Youtube*. Os outros sites e plataformas eram secundários. Nele, muitos canais sobre HIV e aids ganharam notabilidade e os seus criadores foram alçados a vozes públicas relevantes, ampliando sua participação em espaços presenciais e midiáticos diversos e possibilitando que outros sites de redes sociais também tivessem criadores de conteúdo sobre o tema. No *Youtube*, como plataforma de rede social e espaço digital de atividades socioculturais e de circulação de práticas discursivas, se estabeleceu uma esfera pública digital em torno do HIV e da aids, como definido pelo pesquisador Joseylson Fagner dos Santos (2023) e intitulada por ele como #EsferaPositiva, mediada, principalmente, por canais de ativistas digitais, em sua maioria homens gays soropositivos, cujas:

[...] narrativas audiovisuais que tratam das temáticas relacionadas ao HIV e Aids são observadas acerca de horizontes de intervenção social, divulgação científica, diálogos baseados em pontos de vista, histórias de cunho testemunhal e demais enfoques que constituem a pluralidade de falas e significados compartilhados no site. São elementos originados de um conjunto de medidas adotadas e progressos conquistados ao longo de quatro décadas, desde os primeiros casos de Aids, nos mais diversos setores da sociedade, sejam nas esferas científica, política, social, cultural ou jurídica (Santos, 2023, p. 26-27).

A assentada característica de mentoria informal da plataforma fez com que esses seus canais se tornassem verdadeiros catálogos ou bibliotecas digitais sobre HIV e aids, com uma busca facilitada para os usuários. Assim, esse conteúdo se apresenta como menos volátil do que o de outros sites de redes sociais, apesar da movimentação em torno do *Youtube* para agregar mais características interativas, inclusive copiando outras plataformas digitais sociais (como os vídeos verticais chamados *shorts*, claramente inspirado no TikTok). Por essas razões, esta pesquisa movimentou-se em termos de mudança de estratégia de geração de dados ao perceber mais potencialidade em um cenário em que o consumo e a fruição, a partir do que conceituo aqui como aids-entretenimento, se aproxima mais da lógica ultradinâmica, fugaz e aparentemente mais coletiva e conectada do *Instagram*, assumidamente uma plataforma de rede social.

O *Instagram* se fortalece a partir da tendência para a cultura visual em sites de redes sociais que marcou o início da década de 2010 com o fenômeno da imagem a partir da *selfie* (autorretrato) em câmeras de smartphones. À medida que o *Facebook* e o *Instagram* ganharam popularidade em todo o mundo, eles forneceram plataformas mais amplas para a distribuição de *selfies*, que se tornaram um meio visual onipresente de personificação e compartilhamento de experiências. Esses retratos de si permitem que o indivíduo capture sua própria imagem e

apresentem sua experiência vivida como deseja ser visto. Pessoas que se valoram na cultura visual subscrevem a tendência dominante de construção de identidade através da apresentação regular de imagens atraentes. Assim, seja por representar um ideal de atratividade física, de opulência ou de experiências singulares, essas imagens formam a base da identidade e do autoconceito de muitos indivíduos que identificam quais delas são “bem-sucedidas”, aprovadas e reproduzidas pelos contatos por meio de uma recepção positiva na forma de curtidas, compartilhamentos e comentários positivos (Stokes; Price, 2017).

Formulado para o uso em smartphones e com a proposta de ser um diário de compartilhamento de imagens e conexão entre usuários que formam uma rede social, o *Instagram* se transmuta em espaço profícuo para os produtores de conteúdo na lógica da cultura participativa multiformato e, tempos depois, em uma grande vitrine de empresas, marcas, *marketplace* e de severa disputa por engajamento coletivo, trocas “gamificadas” e monetização. Os ativistas – influenciadores digitais de aids – têm construído uma rede cada vez maior nessa plataforma e recentemente houve uma proliferação de perfis, inclusive anônimos, que focam na temática HIV/Aids. Por isso, os dados para a empreitada sincrônica da pesquisa concentraram-se nas interações no *Instagram*, plataforma de rede social e espaço de interação *on-line* com potencial de distribuir em altíssima velocidade conteúdos multimidiáticos, em uma dinâmica de consumo acelerado e contínuo e, ao mesmo tempo, de integração dos seus usuários, o que a torna uma arena potencialmente representativa da aids-entretenimento.

A escolha por uma mirada etnográfico-discursiva ocorre por conta da afiliação desta pesquisa de abordagem qualitativa aos Estudos Críticos do Discurso e do papel preponderante da cultura em sua análise de problemas em práticas sociais com relações assimétricas de poder, a partir de métodos que conjuguem estudos textuais-discursivos e crítica social. Ao adicionar o prefixo net- adicionado à etnografia discursiva, aponto para o fato de as práticas sociais em tela acontecerem em (e por conta de) comunidades *on-line*, o que precisa ser compreendido como um fenômeno cultural de nível ontológico e não apenas situacional ou em nível de ferramenta comunicacional, independente dos dados gerados originarem-se de interações arquivais, isto é, disponíveis para acesso, leitura e interação em momentos posteriores (Kozinets, 2014; Magalhães; Martins; Resende, 2017). Assim, esta netnografia discursiva é compreendida como um processo reflexivo construído pela navegação por diversas plataformas de redes sociais atravessadas pela temática da aids e as consequentes observações e registros desses espaços digitais tão dinâmicos e fluidos em minhas notas conceituais; e os dados gerados nesse processo são provenientes de uma complexa relação entre o mapa da aids como símbolo coletivo construído para este trabalho e as redes de gêneros multissemióticas presentes em vídeos,

imagens e textos verbais de legendas e da seção de comentários da plataforma de rede social *Instagram*. Kozinets (2019) define a netnografia como:

uma forma de pesquisa qualitativa que busca compreender as experiências culturais que abrangem e se refletem nos vestígios, práticas, redes e sistemas de mídias sociais. Essas experiências culturais podem ser envolvidas, comunicadas e depois refletidas, formando os três elementos fundamentais da netnografia: *investigação, interação e imersão*. Contudo, a etnografia é mais do que uma prática mecânica. É uma forma de visualizar dados e pensar em como compreender o mundo. É neste ponto de vista sobre a compreensão do mundo como uma questão cultural que a netnografia se assemelha mais à etnografia tradicional. *Grandes detalhes filosóficos, como o que constitui a “participação” na netnografia, não são tão importantes para a abordagem quanto a busca apaixonada por verdades sociais e compreensões culturais* (Kozinets, 2019, p. 14, destaques meus).

Com base nos três elementos básicos supracitados (investigação, interação e imersão), as perguntas foram elaboradas e reelaboradas durante o percurso e os processos estruturados de geração, análise, interpretação e integração dos dados foram sistematizados. Por fim, os resultados, as implicações e provocações para inovação são discutidos e apresentados no curso do texto. Para esta etapa específica, decidi que os ciclos de análise, interpretação, integração e apresentação dos dados fossem dispostos de forma difusa durante a escrita, conectando-se às discussões teóricas e metodológicas que a pesquisa ensaja. Em termos de movimentos processuais da netnografia, Kozinets (2019, p. 138) explicita os seguintes passos: 1) *iniciação*, em que trato dos processos iniciais de escrita e execução do projeto e aqui a relação entre os dados do *Instagram* com os produtos midiático-culturais de diversas décadas materializou-se como proposta genealógica; 2) *investigação*, que diz respeito à decisão concernente ao foco das perguntas de pesquisa e seu direcionamento de forma mais assertiva aos dados de redes sociais (*Youtube, Instagram, podcasts* etc.); após um mapeamento mais apurado nos sites, localizando, examinando e interpretando seus traços e sinais mais gerais, realizei a definição dos critérios da natureza do dado a ser gerado; neste caso, vídeos e imagens de campos específicos do *Instagram*; 3) *imersão*, um mergulho no espaço conceitual que foi delimitado no projeto, com foco cultural; a ideia de imersão dialoga, mas difere da usual observação participante em culturas porque a discussão sobre a dimensão digital implica nuances complexas dessa realidade. Esta é uma *fase dado-cêntrica*, no entanto:

Entre a descoberta de dados profundos e a sua coleta existe um encontro geral de riachos suaves, rios caudalosos e marés turbulentas de dados que ameaçam sempre submergir o foco e a intenção do nosso projeto. Apesar dessa ameaça onipresente, na realização da netnografia é preciso ter experiências culturais. Assim, os netnógrafos, no decorrer da sua investigação, podem encontrar

novas linguagens e rituais que precisam de ser aprendidos e decifrados, bem como novas identidades, valores, histórias e hierarquias que podem ser identificadas e experimentadas (Kozinets, 2019, p. 141).

Kozinets cita como possibilidade uma fase de interação (com sugestão de entrevistas, participações *on-line* mais assertivas, criação de uma página para interação com participantes da pesquisa etc.). Entretanto, o movimento de imersão, materializada em concomitância com a cartografia documental, foi suficiente para responder às questões aqui propostas. Importante destacar que os dados são interpretados, analisados e gerados desde o momento inicial, quando você decide sobre os espaços digitais e as categorias de análise. O passo seguinte, a 4) *integração*, é a etapa em que, com a geração de dados em fase mais avançada, focaliza-se na análise integrada e na interpretação do *corpus*, na interrelação entre os dados e os entendimentos culturais sobre a realidade estudada. Por fim, a 5) *encarnação* é este movimento aqui realizado no sentido de organizar em texto todo o processo, sintetizar as reflexões, entendimentos e propostas, enfim, comunicar a trajetória.

Figura 22: Movimentos da pesquisa netnográfica-discursiva e da cartografia documental



Fonte: elaboração do autor, com base em Kozinets (2019, p. 139)

Um fator crucial a ser ressaltado no processo é a conceituação da paisagem tecnocultural que circunda a dimensão digital em que se imergiu. Kozinets (2021, p. 7-8) a define como os lugares onde o consumo da tecnologia e a cultura se encontram, e fenômenos como as *selfies*, os memes, os protestos em redes sociais, os emojis, os golpes virtuais e a fama instantânea no *Instagram* e no *Tiktok* são exemplos de contextos tecnoculturais passíveis de serem estudados

pela netnografia. A tecnocultura, individual ou coletivamente, inevitavelmente nos influencia e nos posiciona como seu coautor. A dicotomia sincronia/assincronia, a distância física entre os participantes e as mediações tecnológicas dos eventos sociais na internet inquietam pesquisadores ao pensá-los no dinamismo e na volatilidade das práticas sociais digitais em que eles estão inseridos, ao mesmo tempo em que:

A rede digital não é mais imaginada usualmente como um lugar em que você se conecta para carregar nela sua consciência desencarnada, um lugar que você “visita” como se fosse outro planeta. Está bem aqui ao nosso redor, é a água em que nadamos. Além disso, nós a fazemos, ou pelo menos contribuímos com nossos próprios dados diariamente, estando totalmente cientes ou consentindo totalmente ou não (Jones, 2014, p. 20, tradução minha).

Compreendida como instância de relativa estabilidade, as práticas dizem respeito a formas de atividades sociais que envolvem discursos, sujeitos, tempo, espaço, ação, valor, consciência social etc. e situam-se de forma intermediária entre a abstração das estruturas, os sistemas socioculturais e os eventos, a concretização da vida na qual os textos são materializados e cuja “fotografia” (ou o *print*) é realizada pelo netnógrafo para fins de análise descritiva, interpretativa e explanatória (Fairclough, 1999). Na relação dialética entre esses níveis, ocorre a pesquisa netnográfica discursiva, cuja proposta é a de “análise das práticas socioculturais e dos textos resultantes de eventos que materializam essas práticas” (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 109). Durante o percurso de imersão, geração e análise dos dados, a reflexão teórico-metodológica, política e filosófica sobre o processo é contínua e compõe cada etapa; as motivações de realização desta monta genealógica são retroalimentadas e reconfiguradas no contato com o campo e em sua tradução em dados, que são tratados e refinados a partir de reflexões teóricas, conceituais e metodológicas:

Figura 23: O processo reflexivo da metodologia netnográfica-discursiva



Fonte: Magalhães, Martins e Resende (2017), com base em Heath e Street (2018)

A geração de dados em seu recorte sincrônico se concentrou em como os perfis de *Instagram* e seus protagonistas atuam na complexidade do contexto do mercado de cultura digital e das redes sociais em que eles se situam e interagem (gêneros) para manejar políticas identitárias (estilos) e construir representações (discursos) da aids e das pessoas que vivem com HIV (eles mesmos se identificam dessa forma) (Fairclough, 2003a). Foram selecionados oito perfis de influenciadores digitais brasileiros que usam suas plataformas para discutirem e compartilharem conteúdo sobre a temática aids, falarem da sua relação com ela enquanto pessoas que vivem com HIV e homens gays. Esclareço que há no *Instagram* diversas seções de conteúdo com diferentes focos e objetivos, mas decidi que a centralidade dos dados estaria concentrada em dois setores: nas imagens postadas no *feed* principal e nos vídeos verticais (*reels*) que se tornaram fulcrais para a plataforma (e as suas respectivas legendas). Em ambas as seções foram coletados os referentes comentários para uma análise das interações e reações sociodiscursivas; as postagens coletadas foram adicionadas à rede desde a criação dos perfis até julho de 2023.

Do ponto de vista da ética na geração de dados, considera-se legítima a recolha de dados públicos para fins de investigação de interesse público, desde que o investigador (ou responsável pelo tratamento dos dados) aja de acordo com os padrões reconhecidos para a investigação científica. O *Instagram* é considerado um site de rede social privado que exige cadastro e conexão no site para o acesso ao seu conteúdo. No entanto, há na plataforma uma divisão entre contas privadas e contas públicas. Com foco, nessas últimas, foi solicitado ao (CEP/CHS) da Universidade de Brasília – a anuência para a geração de dados no ambiente virtual¹⁰. A preparação envolveu o cuidado e o respeito à privacidade dos autores dos comentários ao realizar referências diretas a nomes, discursos e imagens, respeitando a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei n. 13.709/2018). Com base em Kozinets (2019, p. 179), foram seguidos os passos relativos à consecução do processo de ética em pesquisa com dados arquivais/documentos em sites de redes sociais: 1) Qual o tipo de arquivo? Gerado por imersão? Sim; 2) Revelará dados de interação privada? Não; 3) Revelará dados sensíveis? Não; 4) Anonimização de dados (dos participantes indiretos, nos comentários); 5) Conselho de Ética.

Nessa rede de práticas sociais, destaca-se como as noções de cultura de massa, consumo e entretenimento atravessam esses elementos, constituindo-os: entretenimento, mídia e sensacionalismo são elementos cruciais para a compreensão da representação discursiva e social da aids em seu momento mais crítico. A volatilidade dos eventos sociais, materializados

¹⁰ CAAE: 57145922.0.0000.5540. Dados do Parecer: Nível, Área e Instituição: Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília. Número do processo: 5.376.928.

em postagens de imagens, textos e vídeos e alimentados pelas respostas das conexões em rede, se impõem como um desafio, apesar do registro de postagens, conversas e interações sincrônicas, de modo geral, persistirem pelo seu caráter de arquivamento.

O foco no conteúdo desses vídeos, imagens e textos verbais da plataforma de rede social *Instagram* compreende que esses perfis mesclam, de maneira fluida, persona e ações de ativismo em torno de uma causa, mas são também criadores de conteúdo digital engajados para informar e entreter os seus seguidores. Portanto, a noção do papel de influenciador digital não se encaixa no formato tradicional de ativismo, mas pode ser compreendido no espectro da militância, em uma perspectiva que reconfiguraria os caminhos dos movimentos sociais. Os fragmentos discursivos dessa empreitada netnográfica emergem por todo o texto, costurados ao projeto genealógico mais amplo que vislumbra a compreensão da atualidade da aids. Os criadores de conteúdo no universo digital se veem como comunicadores, mentores de temáticas consideradas relevantes e, por isso, a linha tênue entre o ativista, o influenciador digital e o criador de conteúdo é, por vezes, borrada, com ênfase nessas últimas. Segundo Jorge Machado (2007, p. 30):

A forma de organização em redes permite, a partir de apenas alguns pontos nodais, integrar ou conectar redes imensas e diversas. Essas grandes redes de movimentos que se têm articulado pela web nos últimos tempos representam, de alguma forma, o futuro dos movimentos sociais e da ação coletiva? A complexidade de tais conexões não foi ainda suficientemente estudada, mas, provavelmente, tais características representariam um marco de mudança de atuação dos movimentos sociais. [...] Os interesses dos indivíduos que os ligam em redes são cada vez mais cruzados, diversos e freqüentemente tênues. Luta-se cada vez mais em torno de códigos culturais, valores e interesses diversos. Essa luta se dá, cada vez menos, a partir dos indivíduos e mais sobre a construção de sujeitos sociais.

Em uma mirada mais difusa e diacrônica, foram mapeados produtos midiático-culturais que constituíram a aids-entretenimento em todas as suas décadas, isto é, seja no cinema, TV, literatura, jornalismo etc. e outros discursos como ações de resistência dos movimentos sociais, além de dados de outros sites de redes sociais como o *Youtube*, o *Instagram* e até podcasts, em um movimento de construção de sua atualidade. A proposta dessa etapa de geração de dados é realizar uma monta ilustrativa e diacrônica da aids como um símbolo coletivo, isto é, o mapeamento de “estereótipos culturais”, ou os também chamados de “topoi”, que são os “lugares comuns” utilizados coletivamente como premissas de uma argumentação; bem como reunir textualidades que compuseram as respostas, os confrontos a essa onda discursiva discriminatória e falaciosa que se assentava hegemonicamente: desde as notas introdutórias, os

textos multissemióticos que formam o tecido da memória discursiva e da simbologia hegemônica da aids-entretenimento são analisados por todo o corpo desta escrita, compondo seu *corpus* ampliado de pesquisa sócio-histórica.

Uma das características basilares da aids enquanto símbolo coletivo é a quantidade de informação que a compõe. Nunca se produziu tanto conteúdo relativo a uma patologia humana fora do campo biomédico e laboratorial. Quaisquer tentativas de representar um “todo” ou o esforço mesmo de representar fidedignamente esse símbolo coletivo seriam tanto tolas quanto desnecessárias, pois a perspectiva adotada aqui é a do atravessamento subjetivo e processual da aids na história humana, e, mais especificamente, em grupos sociais que foram sobrepostos ao seu signo. Por isso, nessa etapa de geração de dados, a minha empreitada etnográfico-discursiva se inspira em alguns aspectos do processo cartográfico preconizado por Deleuze e Guattari (1995), pela sua primazia em ser um método de caráter construtivista para o acompanhamento de processos, enfatizando a atenção da pessoa pesquisadora a eles através do cultivo de gestos como o do rastreio, do olhar e do toque aguçados e aos seus deslocamentos nômades e fluidos, mas, ao mesmo tempo, concentrados para o reconhecimento atento e o entendimento de uma realidade complexa e seus acontecimentos em movimento.

Isso também explica por que, quando elucubrava sobre minha pesquisa, parti de um centro sincrônico – na fase de elaboração do projeto –, isto, é focava nos discursos de influenciadores digitais de aids em uma rede social específica para, logo em seguida, tecer uma teia mais ampla que a eles se conecta, o que aponta neste trabalho para o papel preponderante de elementos como intertextualidade e interdiscursividade em se tratando da aids como um objeto-signo. Assim:

Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual. A espessura processual é tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas. Em outras palavras, o território espesso contrasta com o meio informacional raso (Barros; Kastrup, 2015, p. 58-59).

Minha preocupação era que a geração de dados neste ponto da pesquisa não se tornasse um “amontoado de documentos empilhados”, mas que fosse construído a partir de uma *cartografia documental*, um panorama significativo e sistematizado de textualidades, que são ainda parte de processos pulsantes em curso em torno da aids e, a partir da seleção dessas em

gênero discursivo, contexto e período de produção, circulação e consumo, nacionalidade etc., organizá-las como um mapa de fragmentos discursivos que compõem os fios e é conectado pelos nós de uma extensa rede simbólica – e que possam emergir em quaisquer momentos do texto, em todos os capítulos.

A proposta é que a análise da conjuntura social da pesquisa ocorra concomitantemente ao mapeamento da aids como símbolo coletivo e que esses dados atravessem todo o texto como rizomas, acionados pelo afeto, no que a minha memória, minhas leituras, meus sentimentos e a relação com a aids evocam e acionam, por isso a inspiração em métodos cartográficos, pois “a cartografia, diferente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, sua mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra – aqui, movimentos do *desejo* – que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente” (Rolnik, 2011, p. 62).

Desse modo, utilizo fontes variadas, de épocas, gêneros discursivos, nacionalidades e temáticas diversas a partir do critério de a aids ser ‘sentida’ como um símbolo da cultura que me afeta, nos afeta enquanto sociedade, e da possibilidade do seu acesso, isto é, principalmente o fato de estarem, em sua maioria, publicados e disponíveis com base em pesquisas na internet. Os diálogos com as fontes, autores e teorias, as reflexões teóricas aqui desenhadas e propostas, a discussão sobre categorias analíticas e a distribuição das análises também é contaminada pela cartografia documental e se espriam por todo o texto almejando a construção de uma genealogia que enfatize os pontos nevrálgicos que circundam pela aids-entretenimento.

Proponho vislumbrar a aids como uma fundamental “experiência do comum” à humanidade nos séculos XX e XXI, mas, no mesmo átimo, uma experiência concebida como heterogênea e transversal, haja vista que:

[...] no contexto da cartografia, quando indicamos que o comum é produzido pela transversalização realizadas por práticas da participação, inclusão e tradução, afirmamos o paradoxo da inseparabilidade das ideias de comum e heterogeneidade. Somos levados, então, a ficar no limite instável entre o que é comum e o que difere; entre o que conecta os diferentes sujeitos e objetos implicados no processo de pesquisa e o que, nessa conexão, tensiona; entre o que regula o conhecimento e o que o mergulha na experiência. [...] É comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo. Trata-se de conceito político por excelência, já que comum é a experiência de “decisão concertada” a que somos convocados e mesmo forçados a fazer na partilha do coletivo (Kastrup; Passos, 2014, p. 20-21).

Compartilhados, difundidos e enraizados como parte dessa experiência coletiva do comum, os “topoi” são garantias formais ou relacionadas ao conteúdo dos discursos, às “regras

de conclusão" que condicionam e conectam os argumentos com a conclusão e a tese exposta (nem sempre aparentes, podem ser explicitados em paráfrases condicionais ou causais como “se x, então y” ou “y, porque x”) (Reisigl; Wodak, 2016). A noção de “topoi” possui origem em Aristóteles, que se referia a eles como as verdades aceitas que estabelecem os alicerces do nosso pensamento e dos nossos argumentos e, desse modo, influenciam as decisões que tomamos cotidianamente. Eles são conhecidos por todos os membros de uma sociedade e fornecem o repertório de imagens a partir do qual construímos uma imagem da realidade para nós mesmos.

No entanto, os “topoi” podem ser razoáveis ou falaciosos, como nos construídos com base em informações falsas, discriminação e estigma em torno do HIV, da aids e das pessoas vivendo com HIV e, por mais que muitos tenham sido desconstruídos ao longo das décadas, seus fios discursivos se estendem e afetam até hoje a comunidade LGBTQ+, a qualidade de vida das pessoas vivendo com HIV e a questão da saúde pública. Assim, por meio de símbolos coletivos, interpretamos a realidade e temos a realidade interpretada para nós, especialmente pela mídia hegemônica (Jäger; Maier, 2016).

Desse modo, ao pensar a aids como um símbolo coletivo, uma das referências basilares para este trabalho é a categoria teórica de terceira epidemia, elaborada no auge da crise nos anos 90 (Mann; Tarantola; Netter, 1993; Daniel; Parker, 2018). As duas primeiras são a do vírus e a da própria síndrome, enquanto a última é de significados, ideologias e estigmas relativamente estáveis e de facilitada circulação e consumo. Logo, a aids é compreendida aqui como uma doença social que produz medo, angústia, isolamento e estigma por conta de uma complexa produção discursiva midiática e político-identitária.

Discutirei como essa crise foi estruturada, realizando um panorama das referidas epidemias, suas nuances e reflexos que atravessam quatro décadas produzindo sentidos, identidades, produtos culturais e movimentos de reação. Ressalto que não houve pretensão de mapear detalhadamente as representações midiático-culturais nesse longo período, mas sim, em movimento interdiscursivo, conectar aos principais dados gerados no processo alguns excertos dos seus fios e nós discursivos, isto é, materializados nos fragmentos discursivos (Jäger; Maier, 2016), as textualidades desses ciclos epidêmicos. Dito isso, as duas etapas da pesquisa (cartografia documental e netnografia discursiva) são aqui divididas apenas para fins de explanação do processo, pois não ocorreram de forma separada e estanque, mas, como no formato da imagem abaixo, de forma integrada, dialógica e retroalimentada.

Figura 24: Gerando dados a partir da delimitação ontológica da aids-entretenimento

Geração de dados da aids-entretimento



Fonte: elaboração do autor

Com base em Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), Jäger e Maier (2016), Resende (2017) e Vieira (2022), proponho a seguinte agenda crítico-explanatória, que não deve ser confundida apenas como um esquema de aplicação metodológica, haja vista ser resultado das definições ontológicas e dos diálogos epistemológicos da pesquisa, como explicitado no quadro a seguir:

Quadro 5: Agenda crítico-explanatória da pesquisa sobre a aids-entretimento

Reflexão sobre os aspectos semiótico-discursivos do problema social e dispositivo aids-entretimento

Definição da aids-entretimento a partir da noção de dispositivo e de problema social sob um viés crítico, e detalhamento dos seus aspectos semiótico-discursivos e sociais, com a proposta de criticar, provocar e discuti-lo apontando para potenciais processos de conscientização e de mudança social; ciclos de reflexividade: elaboração e revisão das perguntas de pesquisa, revisão bibliográfica e montagem dos blocos transdisciplinares que estruturam a compreensão sobre o problema.

Organização da pesquisa e análise discursiva e genealógica da aids-entretimento

Análise da conjuntura social e mapeamento da aids como símbolo coletivo

Mapeamento de fios discursivos da aids com base nos seus fluxos históricos, isto é, análise da sua dimensão diacrônica. Fragmentos recortados de diversos eventos discursivos são acessados e analisados. Nesse processo, o corte sincrônico (dados do *Instagram*) considerará e dialogará com o seu corte diacrônico (cartografia documental). Ênfase no aspecto intertextual e interdiscursivo da pesquisa.

Análise da prática social particular em diálogo com os fios e nós discursivos constituídos historicamente a partir do evento discursivo/acontecimento aids

Produção da vida social, processos e práticas relevantes, relações do discurso (gêneros, discursos, estilos) com outros momentos da prática em estudo – ação/interação, estruturas e formas institucionais, relações sociais, pessoas (posições de poder e cultura, reflexividade, sentimentos, crenças, desejos, valores, normas, atitudes, histórias), mundo material: atividades sociomateriais, objetos, meios-tecnologias, tempos-espacos; definição e aplicação de categorias macrodiscursivas; reflexão sobre o tecido ontológico *big data*.

Análise dos fragmentos discursivos do símbolo coletivo e dos discursos em um corte sincrônico digital

Análise discursiva: Cartografia documental de textos-interações do símbolo coletivo aids; geração de dados da ordem do discurso particular no *Instagram* (seus gêneros discursivos, discursos e vozes/estilos) em relação às (redes de) ordens do discurso de outros campos sociais relevantes e ao mapeamento do símbolo coletivo aids.

Análise interacional-textual: análise das articulações multissemióticas na produção situada da vida social digital (eventos sociomateriais multimodais, gramaticais, lexicais, semânticos, digitais) em textos-interações como eventos sociais; definição e aplicação de categorias microdiscursivas.

Investigação da função do problema na prática

Função do problema discursivo da aids-entretenimento na prática social, em relação a permanências, mudanças, interesses, distribuição de poder mapeados diacronicamente.

Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos

Possibilidades de mudança e superação de obstáculos identificados: a relação dialética e retroalimentável entre a aids-entretenimento e a aids como um problema de saúde pública; compreensão sobre a questão fulcral das redes de interações digitais como parte do tecido social contemporâneo.

Reflexão sobre a análise

Reflexividade contínua da pesquisa crítica, retorno à compreensão do problema em seu aspecto semiótico-discursivo e restituição social dos resultados.

Fonte: elaboração do autor com base em Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), Jäger e Maier (2016), Resende (2017) e Vieira (2022)

1.3.1 A aids e os seus fios discursivos: ilustrações de um símbolo coletivo

Uma das técnicas mais significativas para a solidificação dos símbolos coletivos é o uso da catacrese (também chamada de “fraturas de imagem”). As catacreses estabelecem conexões entre enunciados, ligam esferas de experiência, superam contradições e aumentam a sua plausibilidade¹¹. Assim, as catacreses ampliam o poder do discurso (Jäger; Maier, 2016). No entanto, durante a epidemia de aids, esse recurso foi recorrentemente acessado como estratégia para a literal construção de imagens visuais. Apresento a seguir duas figuras dessa rede complexa que compõe a aids como símbolo coletivo.

Em artigo que analisa imagens de campanhas publicitárias focadas na prevenção da aids e compõe um volume que reflete sobre a questão filosófica, sociológica e epistemológica em torno da ideia, sensação e ação/reação de “repulsa/nojo” (em francês “dégoût”, em oposição a “goût”)¹², Charlotte Pezeril (2011) aponta, em uma das seções de sua pesquisa, o uso de técnicas semióticas de design na publicidade para montar uma hibridação encenada na qual a aids é visualizada a partir da mutação da pessoa que vive com HIV em monstro, e sua humanidade é aniquilada. Nesse sentido, a imagem a seguir fez parte de uma campanha de 2005 realizada pela AIDES¹³, uma organização francesa engajada na resposta ao HIV e que possui uma agenda

¹¹ Compreendendo a catacrese como um tipo de metáfora peculiar já incorporada no uso comum da língua. Ela desloca do sentido original um termo que servia para aproximar ou comparar a um outro que não possuía um específico para designá-lo. Analisando-a como categoria analítica, os seus usos políticos apontam para uma estratégia de solidificação dos símbolos coletivos/“topoi”. Segundo Jäger e Maier (2016, p. 123), “An example of a catachresis is the statement ‘the locomotive of progress can be slowed down by floods of immigrants’. Here, the symbols of the locomotive (meaning progress) and floods (meaning a threat from the outside) are derived from different sources of images. The first one is taken from traffic and the second from nature. With a catachresis, the images are connected”.

¹² De acordo com os organizadores da coletânea “Anatomie du dégoût” (“Anatomia da “repulsa/nojo”), publicada pela Revista *Ethnologie Française*, ao se aproximar semântica e simbolicamente das noções de abjeção, horror e repugnância, a ideia de “dégoût” / “repulsa/nojo” ultrapassa a questão da natureza e possui elementos que instauram prescrições explícitas, participam da regulação das práticas sociais e insinuam-se em todos os espaços da vida social, impondo o seu ordenamento, na maioria das vezes, sem o nosso conhecimento. Lançar um olhar sociológico para essa categoria faz parte do movimento de compreensão de como esse “nojo” é objeto de empreendimentos de controle, dispositivos sociais e instituições (Memmi; Raveneau; Taïeb, 2011).

¹³ Fundada por Daniel Defert logo após a morte de seu companheiro Michel Foucault em 1984 e com base na experiência de ambos na militância envolvendo a situação das prisões na França, a Aides, associação francesa que atua com políticas de prevenção e controle ao HIV/AIDS, adquire papel determinante na gestão da epidemia. Conforme o site da instituição, em nota pelo falecimento de Daniel Defert: “Em 25 de junho de 1984, Michel

visual bastante significativa em seu repertório. Trata-se de um anúncio impresso que mostra relações sexuais entre um homem e um escorpião com o seguinte texto: “Sem preservativo, é com a AIDS que você está fazendo amor.”

Figura 25: A aids e o escorpião



Fonte: Duncan (2007)

Uma outra peça da campanha utilizava uma aranha fazendo sexo oral em uma mulher. Alvo de críticas e muita polêmica, as imagens transcenderam sua veiculação como parte da campanha de uma organização social e passaram a circular massivamente pela internet, recontextualizadas nos espaços virtuais, independente de veiculação oficial. De fato, as peças dessa campanha continuam circulando em buscadores de imagens e esse fato aponta como, no século XXI, os discursos na internet possuem um potencial não somente de circulação exponencial, mas também são passíveis de apropriação, ressignificação e até mesmo descontextualização e deturpação do seu conteúdo, inclusive com perda de autoria e de fontes primárias. Em relação a essas imagens:

[...] o que nos causa nojo não é uma repulsa espontânea das vísceras, mas um processo cognitivo desencadeado pela percepção de seres inclassificáveis e que visa encontrar um lugar para eles, ainda que excluindo-os. O desconforto sentido diante de um “monstro”, que pode ser classificado tanto do lado dos

Foucault morreu em decorrência da AIDS. Em reação aos silêncios, às mentiras dos médicos quanto à causa da morte daquele que compartilhou sua intimidade, suas ideias e suas lutas políticas durante mais de vinte anos, Daniel Defert funda a AIDES. A estrutura, nascida da raiva e do luto, se tornará a primeira associação francesa a lutar contra o HIV/AIDS na França e uma homenagem viva, corporificada e militante ao seu companheiro de luta” (Membre, tradução minha).

animais quanto do lado dos humanos, deve-se a esse descompasso na classificação. As imagens dessas campanhas jogam com esse imaginário, correndo o risco de reforçar os processos de estigmatização, até mesmo de exclusão, em relação às pessoas soropositivas (Pezeril, 2011, p. 82).

Com efeito, o *status* soropositivo para o HIV e a sexualidade das pessoas vivendo com HIV são alvo de discursos atravessados pela construção de uma experiência sexual perpassada pelo potencial tóxico de um corpo que foi envenenado pelo encontro com um animal peçonhento. Através de uma espécie de “lei do contágio” em que, assim como uma comida que foi tocada por uma barata passa a ser a própria barata, a pessoa vivendo com HIV passa a ser o vírus e a própria aids e, mesmo que uma pessoa saiba racionalmente que não há a possibilidade de contaminação ou nada indicando que houve contato real com o patógeno, não altera o nojo despertado e o distanciamento, a recusa de contato e/ou incorporação ao objeto/sujeito repugnante (Pezeril, 2011).

Esse é o “topoi” básico construído em torno da aids (pessoa vivendo com HIV = HIV = aids), que será esmiuçada mais adiante a partir da noção de metonímia da aids e, nessa peça publicitária, é ilustrada pela catacrese escorpião/pessoa soropositiva. Ao utilizar a expressão “Fazer amor com a aids”, a recorrente presunção valorativa com conotação negativa acima é acessada, pois nessa equação aids e pessoa vivendo com HIV são indistinguíveis e o eufemismo “fazer amor”, ao invés de transar/foder etc., é uma decisão retórica que sugere a inocência de quem se arrisca a ter relações sexuais desprotegidas com um monstro em potencial. Fundamental ressaltar a controversa relação simbólica entre o escorpião e a comunidade gay, muitas vezes tatuada no corpo como forma de empoderamento em uma trajetória de aceitação do HIV (Landau, 2011).

Do ponto de vista de uma análise multimodal da imagem (Kress; Leeuwen, 2006, 2021; Nascimento; Bezerra; Heberle, 2011), podemos definir que nela está explicitamente situada como uma representação conceitual simbólica. O elemento simbólico não natural do escorpião é o protagonista da imagem. No entanto, há nela uma cena, uma ação que pode ser analisada como uma representação narrativa, isto é, a ilustração de uma cena de sexo entre um homem e um escorpião, com o vetor do ferrão indicando a ação em direção ao corpo do homem enquanto esse penetra o animal; a escolha pela catacrese do escorpião/pessoa soropositiva definitivamente ressalta-o como atributo simbólico dentro de uma narrativa, assim como o pôster de um homem cego acima da cama, secundariamente enquadrado em outro nível da cena.

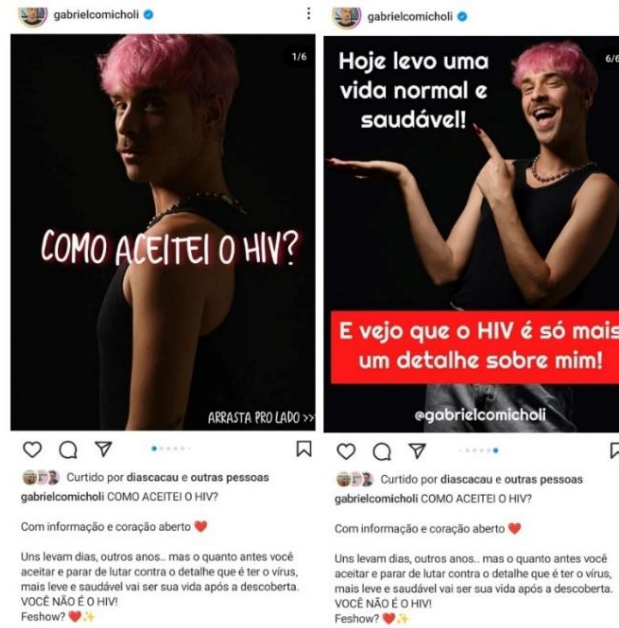
Estamos, portanto, diante de *representações conceituais simbólicas narrativizadas*, e é importante destacar a abundância de estruturas narrativas, mas principalmente da subjacência

dos atributos simbólicos das textualidades no contexto da aids. Destaco o distanciamento em plano médio (social) que aproxima o espectador da cena sexual ao mesmo tempo em que o distancia através do ângulo oblíquo em que se vê os personagens, posicionando-nos como *voyeurs*. A saliência da cor negra do escorpião em oposição à claridade do homem e do ambiente do quarto também serve para fortalecer a dicotomia entre monstro e humanidade, doença e sanidade¹⁴.

Evidencia-se que as imagens de choque foram banalizadas na cultura visual da publicidade por conta de sua massificação, e isso ocorre enfaticamente nas três primeiras décadas da epidemia de aids, o que nos faz pensar se essa lógica da dramatização e da “disciplinarização” do público-alvo das campanhas de prevenção atingem seu objetivo ou apenas estigmatizam pessoas e a própria síndrome. Por isso, elas devem ser analisadas levando em consideração o seu contexto espaço-temporal de produção, mas capturando a extensão do fio discursivo da aids como símbolo coletivo até o que se (des)constrói hoje, a exemplo da proposição das imagens positivas e empoderadas dos influenciadores digitais de aids, que foram se somando a esse novo:

Figura 26: O HIV e Gabriel Comicholi – Imagens Instagram – 1/12/2020

¹⁴ O fotógrafo Dimitri Daniloff, ao fazer uma retrospectiva de sua carreira, descreve o processo criativo da respectiva imagem: “Esta imagem chocante de 2004 causou controvérsia significativa. Foi concebido para aumentar a conscientização sobre os riscos do sexo desprotegido. Resolvi montar o cenário em um quarto claro de estudante, aparentemente de “boa família”, para reforçar que o risco não se restringe apenas ao meio da noite. Mais uma vez, o uso de um ambiente claro permite suavizar a imagem, transmitir melhor a mensagem e dar tempo para que as pessoas absorvam a cena. Um ambiente escuro combinado com o escorpião teria criado uma espécie de repulsa radical imediata e teria sido menos eficaz em transmitir a mensagem. Mandei fazer um escorpião de resina em tamanho humano, simplificado e sem detalhes, apenas coberto com tinta preta para que cada elemento ficasse separado. Isso me permitiu, por exemplo, fotografar os pontos de pressão das pernas no corpo humano. Em seguida, com a ajuda de uma lente macro, fotografei um escorpião taxidermizado real para substituir e aplicar a textura ao modelo de resina na pós-produção” (Daniloff, tradução minha).



Fonte: [Comicholi \(2020\)](#)

A montagem aqui realizada utiliza duas das seis imagens de uma postagem no *Instagram* que visa responder à pergunta lançada na primeira. O influenciador digital Gabriel Comicholi intenta identificar-se conceitualmente como uma pessoa que vive com HIV e “leva uma vida normal e saudável”. A relação das duas fotos com o texto verbal é explícita, interativa e o seu personagem reforça o contato e o envolvimento com os leitores-seguidores, utilizando, além do recurso da intimidade via *close-up*, um olhar direto e frontal, sério e desafiador na primeira imagem e alegre e descontraído na última, quebrando possíveis expectativas sobre uma autoaceitação negativa acerca da sua condição sorológica (reitero que há outras quatro imagens narrando esse processo). O fundo preto torna saliente o corpo de Gabriel, destacando-o a partir de seu objetivo de empoderamento e o uso do processo mental “aceitar” se conecta à ideia de informação e afetividade que consta na legenda como resposta à questão posta. Ainda na legenda, dirige-se a outras pessoas vivendo com HIV ao afirmar em caixa alta “VOCÊ NÃO É O HIV!”, uma sentença de avaliação afirmativa e de valoração existencial contraideológica que remete e se opõe e nega, de forma interdiscursiva, a premissa da catacrese do escorpião/pessoa soropositiva e a sua sentença “fazer amor com a *aids*”, cujo recurso metonímico dissimula um elemento avaliador.

Uma das indagações desta pesquisa é se esta proliferação de perfis de redes sociais que se autointitulam ativistas ou influenciadores digitais/criadores de conteúdo ao emergirem impactariam potencialmente (e como), além das políticas identitárias e de representação, os modos de interagir discursivamente em torno da *aids* como símbolo coletivo, ao impulsionar

formatos, ressignificar gêneros discursivos e ensejar uma interatividade instantânea com um público cada vez mais amplo. Assim, este estudo enseja uma investigação em nível ontológico desse espaço virtual, compreendido como uma realidade social *big data* concreta cada vez mais onipresente e não apenas um estrato acessório de um mundo *off-line* ou um meio em que emergem potenciais gêneros discursivos e ferramentas de comunicação.

Tal perspectiva requer uma análise dessa estrutura social e o que ela gera em termos de novas formas potenciais de produção do “eu”, de representação do mundo e modos de inter(agir). Com efeito, ainda no começo da epidemia de aids, proliferaram-se relatos, depoimentos e uma efusiva produção literária autobiográfica sobre a experiência de viver com aids, gêneros discursivos e, ao mesmo tempo, artefatos disruptivos em uma guerra declaradamente simbólica pela possibilidade da autorrepresentação. Ao compor estratégias militantes baseadas menos em uma coletividade homogênea, como nas lutas de classe, e mais no indivíduo e em sua trajetória singular se conectando em rede a outras, elas reverberam nos discursos dos ativistas/influenciadores digitais. As autobiografias e relatos pessoais sobre a experiência com a aids carregariam uma:

[...] “verdade” mais profunda, neste processo de desvelamento. O sujeito, num movimento de subjetivação, reage às forças externas “dobrando-se” sobre si mesmo e extravasando seu discurso íntimo como autorresistência ao poder, que ele identifica externamente. O sentido do discurso não é a salvação do sujeito, mas, antes, a sua resistência. Na fissura traçada pela visibilidade e pelo enunciado do dispositivo da SIDA [aids], o sujeito encontra uma forma de resistência na “dobra” da subjetivação, emitindo um discurso de contrapoder (Carvalho, 2010, p. 157).

Hoje, a exposição da vida privada, dos conflitos subjetivos e afetivos, bem como problemas sexuais e doenças etc. nos meios digitais de massa, se alinham com a característica da sociedade contemporânea de exibicionismo e voyeurismo voluntários e constantes, a partir do que Han (2018) denomina de ditadura da transparência, por meio de uma exterioridade total, impulsionando a circulação de informações e uma comunicação sem limites.

1.4 A genealogia da aids como parte de uma “ontologia de nós mesmos”

Escrever sobre a aids a partir de sua tão registrada e difundida linha do tempo nos leva ao impulso óbvio pela trilha mais segura: a de estabelecer década a década, a começar do ano de 1981, uma narrativa coesa, esquematizada e ilustrada. A cronologia da epidemia é construída com base em diversos âmbitos, seja na medicina, nas pesquisas científicas transdisciplinares, no jornalismo, nos movimentos sociais, na política, na arte e cultura em geral, com datas

assinaladas como fulcrais em cada esfera. No entanto, interessa aqui pensar na aids como um acontecimento-signo, isto é, a erupção de uma singularidade única e aguçada, não apenas no momento e no lugar de sua produção e, por conseguinte, a partir de uma rígida diacronia, mas compreendendo os elementos de sua emergência e a manutenção de sua presença ao se inscrever no pensamento, nas subjetividades e na materialidade cotidiana.

Desse forma, esta etapa da minha escrita envolve a adoção da genealogia foucaultiana como ferramenta para a compreensão da aids como símbolo coletivo e parte do estofo ontológico da pesquisa, a contar de inspirações cartográficas na seleção do repertório de fragmentos discursivos, pois o “problema, para o cartógrafo, não é o do falso-verdadeiro, nem o do teórico-empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo. *O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade*” (Rolnik, 2011, p. 11).

Ao pensar conceitualmente o seu projeto genealógico, Michel Foucault (1998, p. 16) aponta que “a genealogia não se opõe à história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Ela se opõe à pesquisa da ‘origem’”. Especificamente, em se tratando da aids, os marcos temporais funcionam como elementos fundamentais para a sua compreensão no mesmo átimo de que a concentração neles pode nos cegar em uma rigidez pela busca da “História Oficial”, com resultados danosos e irreversíveis como veremos adiante. Sobre isso, Jürgen Habermas escreve em um necrológio uma semana após a morte de Foucault que sua atitude crítica em torno do instante histórico e da modernidade funcionava como uma “flecha em direção ao coração de um tempo presente, condensado e transmutado em atualidade” (Habermas, 1986).

A pergunta dirigida ao presente intenta a compreensão de nossa constituição atual, a partir da premissa de que as subjetividades e as realidades sociais são construídas historicamente. Nessa visada, não busco reconstruir uma essência perdida ou identificar um sujeito fundamental, tampouco a descrição do presente por meio de uma explicação totalizante. A atualidade, que está presente no agora, é simultaneamente vivida e em constante transformação. Vida vivida e devir. Por isso, só podemos abordá-la ao reconhecermos as diferenças que ela carrega em relação ao que já não somos mais. O que me interessa, partindo do diálogo com Foucault, é pensar as marcas e as presenças da aids com apoio em um esforço intelectual que se aproxima do seu projeto de “diagnóstico do presente”:

Que o que eu faço tenha alguma coisa a ver com a filosofia é muito possível, sobretudo na medida em que, ao menos desde Nietzsche, a filosofia tem por

marca diagnosticar e não procura mais dizer uma verdade que possa valer para todos e por todas as épocas. Eu procuro diagnosticar, realizar um diagnóstico do presente: dizer o que somos hoje e o que significa, hoje, dizer o que nós dizemos (Foucault, 1994b, p. 694).

Portanto, diagnosticar o presente significa compreender as características de um determinado momento histórico e, ao mesmo tempo, reconhecer nele o espaço em que nos encontramos hoje ao tecer comentários a seu respeito. De acordo com Foucault, essa abordagem não permite a formulação de verdades universais como chaves analíticas operacionais em todas as circunstâncias, pois o diagnóstico funciona como uma forma de escavação, uma espécie de trabalho arqueológico. Essas expressões, amplamente conhecidas no pensamento do filósofo, nos levam a pensar no diagnóstico como a busca pela diferença e singularidade nos eventos históricos, inclusive em sua relação (seja de continuidade ou ruptura) com o tempo presente.

A arqueologia, que, do ponto de vista cronológico das produções do autor veio em obras anteriores à da fase genealógica, se propõe a formular uma análise do grau e da forma de permeabilidade de um discurso, apresentando o princípio de sua articulação com uma cadeia de acontecimentos sucessivos. A arqueologia não se opõe à história, mas sim propõe uma nova forma de análise histórica que se concentraria na análise dos discursos e das práticas discursivas. Ela pretende mostrar como os discursos são produzidos e como eles mudam ao longo do tempo, em vez de se concentrar em eventos históricos específicos. Portanto, pode ser vista como uma abordagem complementar à história, que se concentra em diferentes aspectos da experiência humana.

Foucault aponta que “A causou B no intervalo de tempo $t_1 - t_2$ ” seria um enunciado incompleto, visto que pressupõe uma relação de causalidade simplista. Haveria nele a relação entre uma proposta de continuidade (na história) e a fundação do sujeito, ou seja, as narrativas universais, globalizantes e definitivas dos processos históricos, ensejam a produção de uma ontologia do sujeito, no pilar da identidade. Assim, diz Foucault:

A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo o que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispersará sem restaurá-lo em uma unidade reconstituída; a promessa de que um dia o sujeito – na forma da consciência histórica – será capaz de novo de se apropriar de todas as coisas mantidas à distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada (Foucault, 2008. p. 14).

A análise histórica de Foucault perpassa pela linha tênue e complexa entre condicionamento histórico, contingência e abertura. O questionamento à continuidade serve justamente para apontar pontos de fissura nos processos históricos, nas determinações sociais e

no controle de indivíduos e grupos para repensarmos as ferramentas da ciência em um movimento de autocrítica e reflexão sobre a escrita e a investigação científica e sua suposta neutralidade. A arqueologia não deve ser compreendida como um passo para deslegitimação dos saberes científicos ou uma relativização que beira revisionismos históricos, mas funciona para que a investigação possua uma abertura, ao pesquisador, para a reflexão em torno da seleção, tratamento e geração e para a reflexão sobre dados e documentos.

Como ferramenta, traduz-se em pensar problemas metodológicos e teóricos acerca dos limites, níveis e seleções que supostamente tomam do objeto evidências objetivas, porém ignoram que, no processo de serialização, classificação e nivelção das informações geradas na escrita sobre algum tema, fatos ou peças são explicitamente incluídos ou excluídos para construir linearmente “verdades”. Concernente à história da aids, seu simbolismo coletivo foi construído com base em muitas falácias, inclusive corroboradas pelos discursos científicos, o que nos leva a pensar na crítica à ciência paralelizando-a a outros discursos, ao explicar seu papel na emergência de formas de poder, não como uma força negativa, mas como uma força que não pode estar livre de ideologia. Ao criticar as noções que ensejam uma linearidade na filosofia da história, Foucault (1997, p. 57-58) salienta que ela, quando reduzida a um arcabouço estanque, rijo e de mera causa e consequência:

[...] encerra o acontecimento no ciclo do tempo; o seu erro é gramatical; converte o presente numa figura enquadrada pelo futuro e pelo passado; o presente é o anterior futuro que já se desenhava na sua própria forma, e é o passado por chegar que conserva a identidade do seu conteúdo. Precisa, pois, por um lado de uma lógica de essência (que a fundamenta na memória) e do conceito (que estabeleça como saber futuro), e por outro lado, de uma metafísica do cosmos coerente e acrescida, do mundo em hierarquia. Três filosofias, pois, que deixam escapar o acontecimento.

Para além de uma continuidade meta-histórica, o autor aponta para a preocupação com a problematização e a indagação a respeito dos eventos e figuras históricas – como as epidemias de aids – e com os modos em que a experiência deles nos atravessa, o que neles há em nós mesmos, quais marcas deixaram em nós como sociedade. É também um trabalho de interrogação sobre a sua herança: o que é aids? Como ela funciona? O que produz? O que é ser uma pessoa vivendo com HIV? E as muitas e possíveis respostas extrapolam o esmiuçamento biomédico, epidemiológico e historiográfico. A esse trabalho interrogativo e a crítica que aqui ensejamos à história da aids, interessa saber que outras histórias podem ser contadas através de uma crítica ontológica às identidades, isto é, “uma investigação histórica dos fatos que nos conduziram a nos constituirmos a nós mesmos e a nos reconhecemos como sujeitos do que

fazemos, pensamos e dizemos” (Foucault, 1994a, p. 14). Nesse mesmo escrito, Foucault fala em “impaciência pela liberdade” impulsionada através da tarefa crítica-histórica que envolve o questionamento e o enfrentamento ao legado dos acontecimentos, em suas práticas concretas e cotidianas. A aids é uma irrupção, mas, ao pensá-la no presente, indago a respeito de sua atualidade, isto é, “o presente como diferença histórica”. Desse modo:

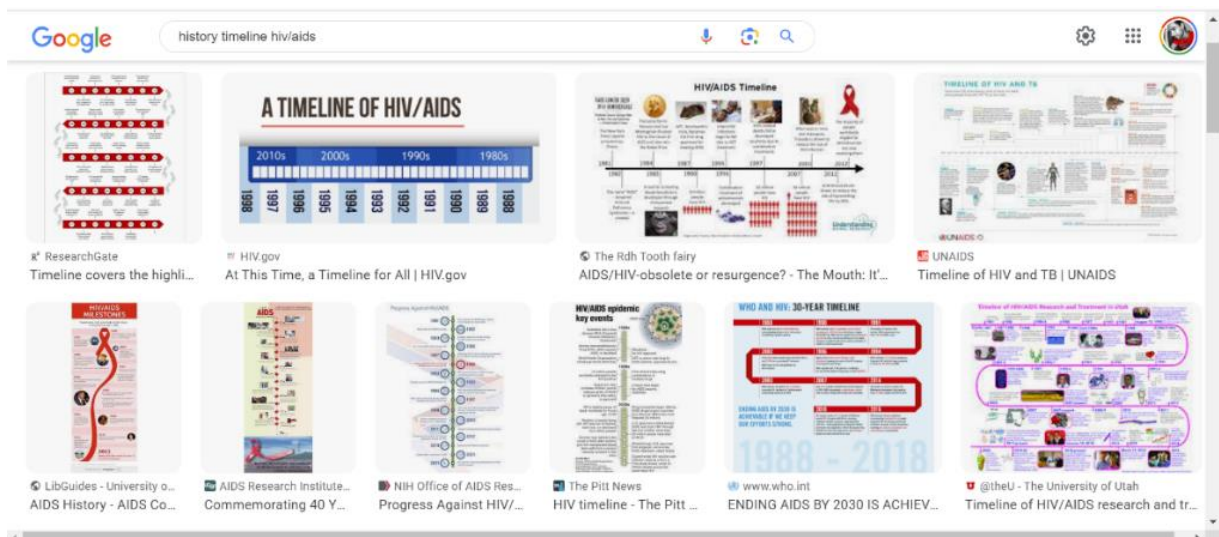
Há uma distinção, portanto, entre o presente e o atual, entre o hoje e o agora. O atual é construído a partir de um “certo elemento do presente que se trata de reconhecer”, como “*diferença histórica*”. Este reconhecimento, que é o da crítica, da problematização, desatualiza o presente, desatualiza o hoje, no movimento de uma interpelação. Nesse sentido o presente não é dado, nem enquadrado numa linearidade entre o passado e o futuro. Mas enquanto *atualidade*, no movimento de uma temporalização, o que somos é simultaneamente a expressão de uma força que já se instalou e que continua atuante, na expressão heideggeriana, do “vigor de ter sido presente” e o que nos tornamos, o que estamos nos tornando, enquanto abertura para um campo de possibilidades (Cardoso, 1995, p. 56).

Diante disso, ao tecer uma escritura sobre a história da aids, decidi falar sobre ela através de textualidades específicas relacionadas à imagem, ao entretenimento e às representações midiáticas que irromperam nas últimas décadas, e começar pensando no presente como um projeto do seu fim em curso. Advirto, pois, sobre o detrimento da linearidade em favor das emergências que as epidemias de aids nos provoca(ra)m enquanto sociedade e indivíduos. A partir desse ângulo, a aids é um acontecimento que não se resume à escrita de sua trajetória da década de 1980 até o presente, mas que se constitui, através da problematização, na crítica que realizamos ao pensar a sua atualidade enquanto um signo e elemento constituinte que atravessa nossa subjetividade, corporeidade e experiências afetivossexuais humanas. Não se trata, tampouco, de defini-la como o Grande Acontecimento, mas de acessar uma noção de acontecimento conectada a uma de história que “não teme ser um saber perspectivo” nem deve “fidelidade à obediência metafísica”, visto que:

Há toda uma tradição da história (teleológica ou racionalista) que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal – movimento teleológico ou encadeamento natural. *A história "efetiva" faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo.* E preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. Elas não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não têm o aspecto de um resultado. Elas aparecem sempre na álea singular do acontecimento (Foucault, 1998, p. 28).

Nesse viés, o impacto da aids em sua ‘emergência’ foi imenso. Sim, há um ponto de surgimento no ano de 1981: os eventos que tornaram público um grave problema de saúde pública que ali emergia e se tornaria o signo que é escrutínio deste trabalho, mas que geraria, por anos, muitas indagações e espaço para a problematização daquele momento histórico. As perguntas eram muitas, constantes, urgentes; no entanto, agora, passadas algumas décadas, proponho situar a emergência da aids como um objeto-signo, enquanto conceito, prática, valor ou ideia para “proceder à análise histórica das condições políticas de possibilidade dos discursos que instituíram e “alojam” tal objeto. Não se trata de onde ele veio, mas como/de que maneira e em que ponto ele surge” (Veiga-Neto, 2017, p. 61). Nesse complexo processo histórico, não se trata de usar o presente como tribunal do passado ou pô-lo na década de 1980 do século XX para traçar uma linha do tempo rígida e inquestionável. Inclusive, fluxogramas com cronologias da aids são um gênero discursivo muito usual, como representado na figura a seguir:

Figura 27: As linhas do tempo da aids



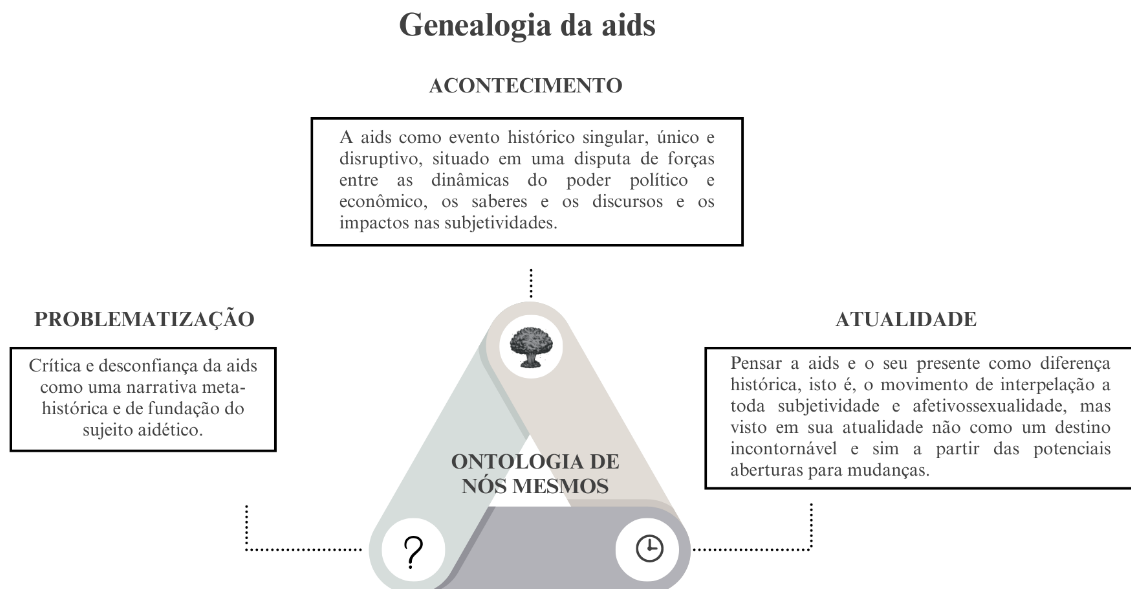
Fonte: busca no site do *Google* utilizando as palavras “history timeline hiv/aids” em 24/8/2023

Para Foucault, o elemento fulcral da genealogia é o exercício analítico das formas de poder em sociedade. Através dela, é possível escrutinar e compreender que em qualquer esfera social ocorre uma disputa de forças, quer dizer, apreender que, em certos momentos, algo se revela e emerge de uma maneira, enquanto em outros momentos, não. Justamente o

mapeamento das “ascendências”, ou “proveniências”, explicita os fragmentos, as lacunas, as incoerências e as fragilidades das verdades históricas assentadas em solo instável, contingente e complexo, não para reescrevê-las e trazer à tona outras interpretações, mas para apontar as possibilidades de descrição da história e suas muitas interpretações ora contadas e impostas (Veiga-Neto, 2017, p. 61). É a valorização da crítica, isto é, da problematização do acontecimento a partir de sua atualidade. Para Foucault, o fazer genealógico é atravessado pelos questionamentos em torno da identidade na história:

Queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história (Foucault, 1998, p. 7).

Figura 28: Desenhando uma genealogia da aids



Fonte: elaboração do autor

Problematizar a aids como um acontecimento singular é realizar uma “escavação arqueológica” de suas práticas discursivas e a análise dos discursos rumo à compreensão e

investigação de sua emergência histórica e dos seus elementos de ascendência. Dito isso, entende-se que o que dizemos, pensamos e sentimos sobre a aids hoje, a partir de sua “atualidade”, refere-se à história do que nos tornamos a partir de seu atravessamento, e, principalmente, o que queremos e pretendemos ser, em um movimento criativo, potente e aberto a ressignificações e projetos de mudança social.

Nesse sentido, Cazuzza, artista brasileiro que enfrentou publicamente o auge da onda discursiva de ódio e discriminação sorofóbica e homofóbica na década de 1980, expôs em entrevista à jornalista Marília Gabriela em dezembro de 1988 questões sobre o impacto da aids (Zeppeliano, 2013). Naquele momento de absoluta crise, as interrogações se multiplicavam e pousavam justamente sobre os elementos ascendentes que levaram à sua emergência. Marília Gabriela lê um trecho da música “Ideologia” – “o meu prazer agora é risco de vida” – para, em seguida, ao afirmar que essa letra parecia o “retrato de uma época” e perguntar: “o que aconteceu com o sexo?”. Essa é uma indagação que diz respeito a um aspecto fundamental da vida humana, reconfigurado pela crise da aids. Em seus escombros, todos tentavam entender aquele presente questionando e tentando retomar pistas e fragmentos que nos levaram até ali. Cazuzza responde:

<p>CAZUZA: Olha esse negócio de AIDS foi realmente, foi uma coisa, foi um freio a toda uma liberação que tava vindo... isso que tá todo mundo cansado de falar. É, as pessoas estão com muito medo de se amar, de transar, né? Mesmo com camisinha, com tudo, porque não adianta cê botar a camisinha, se você bota a camisinha, você já tá com medo.</p> <p>MARÍLIA GABRIELA: E já transformou aquele ato.</p> <p>CAZUZA: Exatamente, então, já já passa a ser uma coisa assim, então eu acho que realmente houve uma, uma, uma... o prazer passa a ser um risco de vida mesmo, né?</p>
--

Como mostra parte da entrevista (Zeppeliano, 2013), a aids é metaforizada por ele como um “freio” a um processo histórico de liberação sexual em curso e elemento-chave para uma profunda ressignificação da sexualidade e afetividade humana, discursiva e materialmente, e pela jornalista como parte daquele *zeitgeist*: ambos vivendo no olho do furacão dos acontecimentos, em uma atualidade devidamente marcada pela presença pujante de uma epidemia. Logo, a aids é aqui representada como um evento social disruptivo, a qual, por vezes e em diversas circunstâncias, será personificada, significada metaforicamente como ator social.

Em outro trecho da entrevista, Marília Gabriela pergunta a ele se está muito doente e afirma que seu nome é sempre muito associado à aids. Depois, logo em seguida, questiona:

“você tá aidético?” Cazuzza tergiversa, nega – ele falaria abertamente sobre sua sorologia em entrevista posterior – e afirma que nunca participaria de alguma campanha de prevenção que associasse a aids à morte e utilizasse um viés de moralização em vez de uma mensagem de esperança (“jamais faria uma campanha onde se diz que a pessoa vai morrer”). Logo em seguida, ele afirma: “eu acho que a AIDS caiu como uma luva, o modelinho perfeito da direita e da igreja, né? Caiu assim, foi um *tailleurzinho*. Ah, eles tão... entendeu? Nunca tiveram tão elegantes com uma coisa (risadas) e deselegantes, principalmente, né?” (Zeppeliano, 2013).

Notamos, assim, que a categoria identitária do “aidético” e a sua indissociabilidade da aids com o ser humano fazem parte do recurso ideológico da metonímia que sinonimiza a pessoa que vive com HIV, o vírus e a aids. Apesar de Cazuzza negar ser uma pessoa que vive com HIV, até por conta da pressão violenta do período, ele explicitamente se opõe a esse discurso que o condena à morte e o subordina a aids; complementando a crítica, aponta ironicamente como instituições como a Igreja e grupos políticos alinhados à direita se aproveitaram da crise para fortalecer a onda de moralismo e perseguição a minorias que se seguiu naquele período.

Figura 29: Cazuzza "Cara a Cara" com Marília Gabriela – 6/12/1988



Fonte: [Zeppeliano \(2013\)](#)

1.4.1 A montagem de um símbolo coletivo: “os que vão morrer contam sua agonia”

A emergência da aids foi disruptiva porque, a partir dali, uma miríade de discursos implodiu impactando definitivamente o modo como nos relacionamos afetiva e sexualmente. Obviamente, não se trata apenas de discurso. As epidemias do vírus HIV e da síndrome da imunodeficiência humana foram responsáveis por milhões de mortes em décadas. No entanto, o que se construiu com base nas representações ultramidiatizadas – reproduzidas, circuladas e

consumidas em massa – daquele problema de saúde pública que emergia no começo da década de 1980 definitivamente pode ser compreendido como o fenômeno de formação de um *símbolo coletivo*, isto é, a totalidade coordenada das imagens, símbolos e metáforas mais difundidas de uma cultura e que determina uma interpretação, muitas vezes inconsciente, de uma realidade social (Jäger; Jäger, 2007; Jäger; Maier, 2016).

Em diálogo com a abordagem foucaultiana da Análise de Dispositivo, adoto aqui a perspectiva de que todos os membros de uma sociedade possuem um estoque de símbolos coletivos¹⁵. Isso significa que têm à sua disposição um arquivo de imagens com o qual todos podem ter uma visão global da realidade social e do panorama político e implicam interpretações específicas da realidade, tanto pelos próprios indivíduos quanto pelos meios de comunicação, que retransmitem as suas interpretações aos membros da sociedade. Na mirada da Análise de Dispositivo, o simbolismo coletivo é compreendido como a convergência e a coesão das chamadas “imagens” de uma cultura, a totalidade de suas alegorias, metáforas e emblemas mais difundidos e os seus exemplos como os modelos vívidos e orientadores da coletividade, pois são construídos no sentido de conectá-las de forma simbolicamente condensada e simplificada à própria sociedade. Ao nivelar as suas contradições, as cadeias de símbolos têm um efeito harmonizador e integrador, distinguindo normalidade e desvio. Assim, na crise da aids, tanto a síndrome quanto suas vítimas seriam ontologicamente contínuas desde os primeiros rascunhos da aids como símbolo coletivo.

Dessa maneira, os efeitos da comunicação midiática e política na consciência individual e coletiva não podem ser compreendidos sem se considerar os impactos do sistema de símbolos coletivos. Os fios discursivos reúnem os estereótipos culturais, os “topoi”, que, conectados, formam um conjunto de regras baseado em processos que tornam possível a interpretação da realidade social. Os fios discursivos são simbolicamente integrados na sociedade a partir dos sistemas de símbolos coletivos, uma vez que as concatenações realizadas pelas catacreses, metáforas e metonímias funcionam de tal forma que criam conexões entre pressupostos (mesmo os falaciosos) e áreas de conhecimento, dissimulam contradições, geram plausibilidade, mesmo a partir de acontecimentos dramáticos como o da aids e suas mudanças radicais sobre sexualidade, comportamentos e identidades.

No tocante ao mapeamento de símbolos coletivos como o da aids, interessa-me compreender a utilização e a incorporação repetida deles em diferentes contextos

¹⁵ Conceito elaborado por Jürgen Link e pelo grupo de pesquisa do Instituto de Pesquisa Linguística e Social de Duisburg (Duisburger Institut für Sprach- und Sozialforschung) e recontextualizado para a Análise de Discurso Crítica e de Dispositivo no âmbito da instituição (Jäger; Jäger, 2007).

comunicativos e como são aplicados ao longo do tempo. O que é crucial não é a hermenêutica dos exemplos individuais (caricaturas específicas, “figuras de linguagem”, fotos, textos, filmes etc.), mas sim o efeito da repetição constante e em grande massa dos seus “modelos de aplicação”, isto é, as estruturas subjacentes que guiam a utilização desses símbolos em seus “casos de aplicação particulares” (eventos específicos em que eles são utilizados). Esta constante reciclagem em massa de símbolos (que começa na primeira infância e só termina com a morte) resulta na criação e na solidificação de catacreses como a do corpo humano análogo a uma máquina ou a do homossexual e da travesti como sinônimos de aids (Link, 1992 *apud* Jäger; Jäger, 2007).

Nesse viés, o deputado federal e pastor Marco Feliciano, quando era presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, em 1 de abril 2013, cedeu uma entrevista aos jornais UOL e Folha de São Paulo e nela foi instado a comentar a respeito sua declaração na época sobre a aids ser uma “doença gay” (Portal UOL, 2013):

FOLHA/UOL: Deixe-me fazer outra pergunta agora sobre costumes e suas convicções a respeito de gays. O sr. me corrija, mas até onde eu vi vídeos na internet o sr. sugere que a Aids é uma doença gay. No entanto, há muitos heterossexuais com o vírus da Aids. Por que a Aids seria uma doença gay?

MARCO FELICIANO: Quando eu citei isso, eu estava em um momento de muita pressão, muita pressão por esse grupo. Eles acabam destruindo a paz de qualquer ser humano. Eles perseguem a minha família, perseguem minhas filhas. Eu tenho crianças. E naquele momento eu falava sobre por que as pessoas não falavam mais de Aids no Brasil. Ora, Aids desapareceu, Fernando? A Aids não desapareceu. Pegue a última declaração do ministro Padilha (Alexandre Padilha, da Saúde) sobre a Aids, ele vai dizer [que] a Aids cresceu no país nos últimos dois anos em 50%. Desses 50% o grupo que corre risco mais mete medo no Ministério da Saúde é o grupo de homossexuais. *Eles ainda são o grupo de risco mais perigoso e que acabam passando esse vírus com mais facilidade.* Luiz Mott num programa do Jô Soares disse assim, que ele, em pouco mais de 10 ou 15 anos teve 500 parceiros homossexuais. *O estilo de vida homossexual é perigoso. Então, vou continuar dizendo... A princípio, quando ela [a Aids] chegou no nosso pensamento, no nosso Brasil, no ocidente, veio como sendo, e não fui eu quem coloquei esse título, procure na internet e vocês vão encontrar, a Aids era uma doença gay.* Sabemos que hoje o grupo aumentou, não são apenas

os gays que propagam a Aids, nós temos aí o problema com drogas, os usuários de drogas etc. (Portal UOL, 2013).

Como veremos adiante, as expressões “câncer gay” e “peste gay” foram amplamente difundidas pela imprensa mundial na década de 1980 e, a partir delas, a construção simbólica de um inimigo (*expurgo do outro*, em Thompson, 2002, p. 87) que persegue e põe em risco a família nuclear e a própria sociedade se difundiu com a mensagem do risco que uma peste provoca em níveis sociais. Nesse caso, a ideia de peste não era metafórica, mas, literalmente, associada à ideia de um vírus causador de câncer situado e análogo a determinados corpos e identidades sexuais. O parlamentar que ironicamente ocupava a cadeira de presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados veicula em jornais de grande circulação os mesmos discursos, em forma e conteúdo, três décadas depois da emergência da aids. No entanto, o ponto crucial da entrevista é a explicitação do mecanismo de funcionamento desse fio discursivo a partir da assunção de que o deputado não o criou, apenas acessa e reitera um conhecimento que foi produzido e introjetado como símbolo coletivo em um contexto global há décadas.

Como sabemos, os fluxos de conhecimento que fundamentam os símbolos coletivos são sustentados por “ideologias”, conceito relacionado diretamente à concepção de poder. Elas se configuram como elementos táticos fundamentais na construção e manutenção dos fios discursivos, pois são (e definem) mais do que uma marca de pensamento, mas traços distintivos de grupos, instituições e da sociedade como um todo, representando motivações, objetivos e ideias que compõem cada camada e segmento social. Uma ideologia, quando “assentada” enquanto um discurso hegemônico e naturalizado, se tornaria senso comum e é assim até essa “hegemonia”, na concepção gramsciana de dominação mediante persuasão, consenso e/ou até mesmo violência nas esferas políticas, econômicas, culturais etc., ser questionada e posteriormente destituída por práticas discursivas e ações que sejam capazes de, na luta hegemônica em processo, provocar uma mudança social e, portanto, linguística e discursiva. Essa concepção de ideologia é mais alinhada às perspectivas marxistas e, portanto, carregada de uma conotação negativa, não se configurando apenas como um sistema de crenças e valores relativamente estáveis (Wodak, Meyer, 2016, p. 8). Para Fairclough, a análise e crítica ideológica é parte da análise de práticas sociais:

As ideologias são representações de aspectos do mundo que contribuem para estabelecer e manter relações de poder, dominação e exploração. Eles podem ser representados em formas de interação (e, portanto, em gêneros) e inculcados em modos de ser ou identidades (e, portanto, em estilos). A análise de textos (incluindo talvez especialmente suposições em textos) é um aspecto importante da análise e crítica ideológica, desde que esteja enquadrada numa análise social mais ampla de eventos e práticas sociais (Fairclough, 2003a, p. 218).

Este é o desafio ao se debruçar sobre perspectivas contra-hegemônicas e seus atores sociais: situá-los no campo de forças das lutas hegemônicas em torno da aids sem reduzi-los a meras vítimas ou “soldados” da resistência isentos de ideologia e desinteressados pelo poder, ampliando e complexificando a aplicação desses conceitos. Inequivocamente, na história da aids, há vítimas tanto da síndrome quanto da inação do Estado, da ganância da indústria farmacêutica¹⁶, da condenação moral dos doentes por meio de discursos religiosos e da ultramidiatização da aids como um produto de entretenimento rentável. Entretanto, a categoria de “vítima” foi utilizada, por um lado, como estratégia nessa luta hegemônica que produziu identidades políticas, articuladas aos ativismos, e, por outro, torna-se um elemento subjacente à pessoa que vive com HIV, mesmo com seu atual *status* de cronicidade. A questão que se coloca é na identidade como resultado da construção de uma “vítima ontológica”, ao invés de pragmática, resultando na insistência em sua eternidade e, mais perigoso ainda, na satisfação em sê-la. Nessa lógica, pode se desenvolver uma obsessão em torno da memória (e das narrativas de construção de sofrimento e piedade), posicionando-a em termos de primazia em contraposição à história. Assim:

mais significativo é na verdade o que esse enquadramento acarreta sobre as próprias vítimas, estigmatizando-as em uma identidade ‘que as despe completamente ou em parte’, escreve Mesnard, ‘de suas próprias biografias e de suas referências culturais, ou mesmo terminando por aprisioná-las em seus confins’, privando-as não apenas da subjetividade mas também de qualquer direito que não seja o do socorro (com quais efeitos práticos seria necessário averiguar). Reduzidas ao que lhes foi feito, há lágrimas mas não razões. A voz deles, como a dos animais, serve apenas para expressar prazer e principalmente dor, não para deliberar em conjunto sobre o justo e o injusto, prerrogativa que de acordo com Aristóteles distingue a espécie humana das outras enquanto dotada de *logos* e sociedade (Giglioli, 2016, p. 33).

Ao descrever a “regra da polivalência tática dos discursos”, Michel Foucault (1999) discorre sobre o discurso funcionar como elemento tático, ou seja, como um componente

¹⁶ “Farmacêutica atrasou remédio promissor contra o HIV para aumentar os lucros, mostram documentos: A Gilead Sciences está sendo processada pelos pacientes por ter escondido a nova versão de um fármaco que tem potencial para ser menos tóxico aos rins e ossos” (Robbins; Stolberg, 2023).

selecionado e estruturado com propósitos bem definidos dentro de uma luta de forças. Segundo essa perspectiva, há, além da possibilidade de um mesmo discurso ser utilizado por estratégias opostas, o uso de discursos diferentes e mesmo contraditórios por uma mesma estratégia, justamente por não haver um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto (Foucault, 1999, p. 112). A partir desse pressuposto, os discursos articulam saber e poder de modo descontínuo, com base em funções táticas que não são uniformes, tampouco estáveis, e, por isso, “não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes (Foucault, 1999, p. 94). No que se refere à aids, as respostas dos ativismos aos discursos da mídia hegemônica intentaram construir outras pictografias, em uma disputa pela imagem, mesmo diante das limitações econômicas e políticas de produção e circulação. Um dos “topoi” básicos desse símbolo coletivo é a da metonímia que sinonimiza e justapositiona semanticamente o vírus HIV, a aids e as pessoas que vivem com HIV e constitui a figura do “aidético”.

O que conceituo aqui como *metonímia da aids* se alinha e possui como fundação uma quantidade significativa de *metáforas* sobre a ideia de doença e contágio, do doente com o corpo deteriorado, do perigo social da aids, a *catacrese*, um tipo de metáfora em que ocorre a fratura de imagens quando radicalmente as pessoas com HIV são associadas a monstros ou ao próprio vírus, como se fossem a mesma coisa e as *metonímias* propriamente ditas construindo essa liga através dos deslocamentos e contiguidades interpretados a partir das materializações relativas à infecção, ao tratamento e à vida com HIV e das identidades/identificações das pessoas que vivem com HIV. A noção de contiguidade torna a metonímia a chave mais adequada para a definição proposta. Thompson (2011), ao detalhar os sentidos ideológicos que sustentariam consensos ou instigariam e justificariam violências, e universalizaria interesses particulares com o intuito de constituir e fortalecer relações de dominação, organiza um esquema analítico com modos gerais de operação da ideologia, ligados a estratégias típicas de construção simbólica.

Ele detalha como as formas simbólicas são transmitidas culturalmente, enfatizando três aspectos principalmente na esfera da comunicação midiática: as tecnologias que envolvem a transmissão e a fixação dos conteúdos; o aparato institucional no qual essas tecnologias são tanto desenvolvidas quanto implicam canais de difusão seletiva dos produtos midiáticos; o deslocamento e distanciamento espacial e temporal das formas simbólicas, recontextualizando-as e ampliando o número de receptores em tempos e lugares distintos (Thompson, 2011, p. 23-

24). Com as tecnologias digitais e a expansão da rede mundial de computadores, essa característica se acentua radicalmente, como vimos na afirmação do deputado em entrevista: “não fui eu quem coloquei esse título, *procure na internet* e vocês vão encontrar, a Aids era uma doença gay” (Portal UOL, 2013).

Um dos modos de operação que compõem a metonímia da aids é a *dissimulação*, em que o uso figurativo da linguagem na forma de tropos (metonímia, sinédoque e metáforas) é acionado para dissimular relações de dominação, realizando deslocamentos de significados principalmente no uso das imagens, verbais ou visuais. A noção de parte pelo todo é radicalizada se pensarmos na distorção pela ideia de pessoas vivendo com o vírus sendo tomadas por ele, e, em níveis mais acima, a aids e a sua epidemia. Para Lakoff e Johnson (2002, p. 93):

A metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia.

No entanto, a ideia de “doença gay” e a sua pictorização nas grandes mídias aponta que as estratégias referidas acima são apenas parte do processo retórico, pois estão aparentemente situadas na superfície, mas o grau de deslocamento de significados e a gravidade de tal conceituação só ocorreria se em consenso a partir do diálogo com discursos homofóbicos, ultrarreligiosos e moralistas em conexão com outros de cunho político, jurídico e médico. Nesse sentido, cabe aqui acionar o modo de operação da *fragmentação*, na qual se constrói, a partir de um grupo, a noção de ameaça, perigo e maldade, dividindo a sociedade entre normal e anormal com base na estratégia da diferenciação, e, principalmente, na estratégia de expurgo do outro, ao tomar tanto a aids quanto suas vítimas como literalmente a nênese que precisaria ser expurgada a partir de um consenso coletivo, isto é, os inimigos da sociedade seriam os vírus causadores de uma peste. Portanto, há níveis na construção do sistema de metonímia da aids que vão da dissimulação à fragmentação. Nesse sentido, os buscadores de imagens na internet apresentam de forma simples e rápida esse amplo repertório do fio discursivo que a baliza, como visualizado na montagem abaixo:

Figura 30: Ilustração de abordagens na imprensa mundial



Fontes: (1): Alamy (2021); (2) Centro (2018); (3) Fainstein (2015); (4) Sida Studi (2023)

Por que então “câncer” e “peste gay”? A aids foi nomeada como câncer, pois degenerava o corpo com marcas explícitas na pele (e o sarcoma de Kaposi é considerado um tipo de câncer) e ao mesmo tempo peste, pois transmissível, impondo um risco social de caráter epidêmico. Uso aqui a lógica da metonímia porque a aids se estende ao corpo do “aidético” e ultrapassa a noção de metáfora a partir da materialização dessa amálgama em que um todo (sujeito e vírus/sujeito e doença) é aids. Não faz mais diferença compreender como o vírus infectou aquele corpo, como ele o afeta, onde estaria, em qual quantidade ou mesmo quais os riscos de transmissão; o vírus, organismo invisível a olho nu e presente naquele corpo, passa a ser o próprio corpo e, por contiguidade, a doença e as imagens que a representaram há quatro décadas. Para Sontag (2007, p. 46):

Qualquer doença importante cuja causalidade seja tenebrosa, e cujo tratamento seja ineficaz, tende a ser saturada de significação. Primeiro, os objetos do pavor mais profundo (decomposição, decadência, contaminação, anomia, fraqueza) identificam-se com a doença. A doença em si torna-se uma metáfora. Em seguida, em nome da doença (ou seja, usando-a como metáfora), esse horror é imposto a outras coisas. A doença torna-se adjetiva. Diz-se que algo parece a doença, indicando que é feio ou repugnante. Em francês, uma fachada de pedra corroída ainda é chamada de *lépreuse*.

Nas lexicalizações “câncer” e “peste gay”, o qualificador utilizado para caracterizar a doença é “gay”, isto é, uma operação discursiva em que se nota uma patologia qualificando e

sobrepondo a outra, posto que, nesse período, o homossexualismo (*sic*) ainda constava na CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (também conhecida como Código Internacional de Doenças)¹⁷. No início, por desconhecimento da etiologia da doença, se instaura um grande medo, construindo em alguns grupos a noção de culpa por seus “pecados carnis”, comportamentos devassos e a “sujeira” de suas práticas sexuais associados imediatamente à sua sexualidade e identidade.

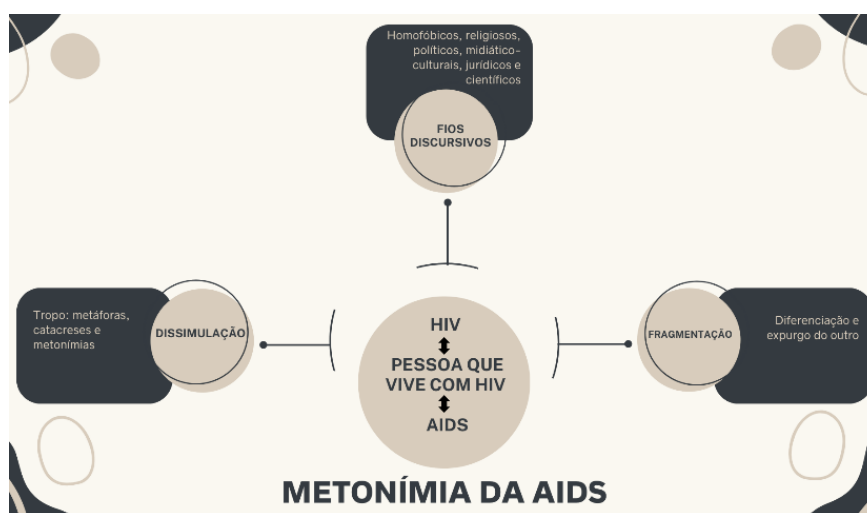
Estabelece-se uma divisão entre “nós” e “outros”. Portanto, a lógica da cirurgia social se instaura, com projetos de afastamento, diferenciação e isolamento das pessoas e das práticas afetivossexuais consideradas “perigosas”. Com a superação – obviamente, pelo ponto de vista da ciência – da ideia de grupos de risco, o perigo não estaria ligado diretamente a pessoas, mas a comportamentos de risco, então migramos da proposta de isolamento para o modelo de vigilância e controle incessante desses hábitos ameaçadores. Engendra-se, portanto, uma cartografia social da aids: traça-se um mapeamento do comportamento sexual dos doentes e vem à tona a revelação de que não apenas homossexuais, mas também heterossexuais e ainda usuários de drogas injetáveis, doentes transfusionados, receptores de derivados de sangue e recém-nascidos seriam grupos vulneráveis no combate à epidemia (Carvalho, 2010).

Para Sontag (2007), as narrativas sobre as epidemias de peste ressaltavam-nas como a imaginação e a paranoia da invasão estrangeira. No caso da aids, notamos uma identificação desses “estrangeiros” como inimigos. Há os homossexuais como uma categoria de estrangeiro que corrompe a normalidade do tecido social; há literal culpabilização da África como criadora e disseminadora do vírus (e, em seguida, a comunidade latina nos EUA, mais especificamente os haitianos); por outro lado, também situados nas margens da moralidade, os usuários de drogas, os heroinômanos e as prostitutas/prostitutos. Provavelmente, o único grupo que escapa a esse processo ideológico de diferenciação baseada em atributos corporais seja o dos hemofílicos, por não estarem hegemonicamente identificados com o estigma da degeneração e da perversão. Acrescento que, eventualmente, no caso da transmissão vertical do HIV, as crianças recebam essa condolência, apesar de ainda serem frutos da referida corrupção e carregarem o estigma. Adotou-se, como referido anteriormente, o nome Doença dos 5H, representando os homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e *hookers* (denominação em inglês para as profissionais do sexo).

¹⁷ O Dia Internacional de Luta Contra a Homofobia, a Transfobia e a Bifobia é 17 de maio. Essa data foi criada em 2004 para ressaltar a ainda premente questão das violências, discriminações e preconceitos sofridos por pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgênero (LGBT) (Conselho, 2019).

Apesar da linha de raciocínio kafkiana que alicerça essa falácia, seu ponto de partida dialoga com discursos científicos do campo da saúde, o que explica em parte a sua normalização pelos meios de comunicação de massa. Independente da metonímia da aids nunca ter alçado um *status* de “verdade” absoluta, seus fluxos ideológicos até hoje se fazem presentes e retroalimentam o símbolo coletivo que afetou não apenas as identidades sexuais minoritárias, mas a afetividade e a sexualidade humana como um todo. O esquema a seguir é uma síntese de como funciona a metonímia da aids, articulada a partir da ascendência de emaranhados de fios discursivos que, em torno das imagens (visuais e textuais), se articulam a modos de operação da ideologia e estratégias específicas, que podem sempre se atualizar e outras serem acrescentadas, como representado na figura abaixo:

Figura 31: Metonímia da aids

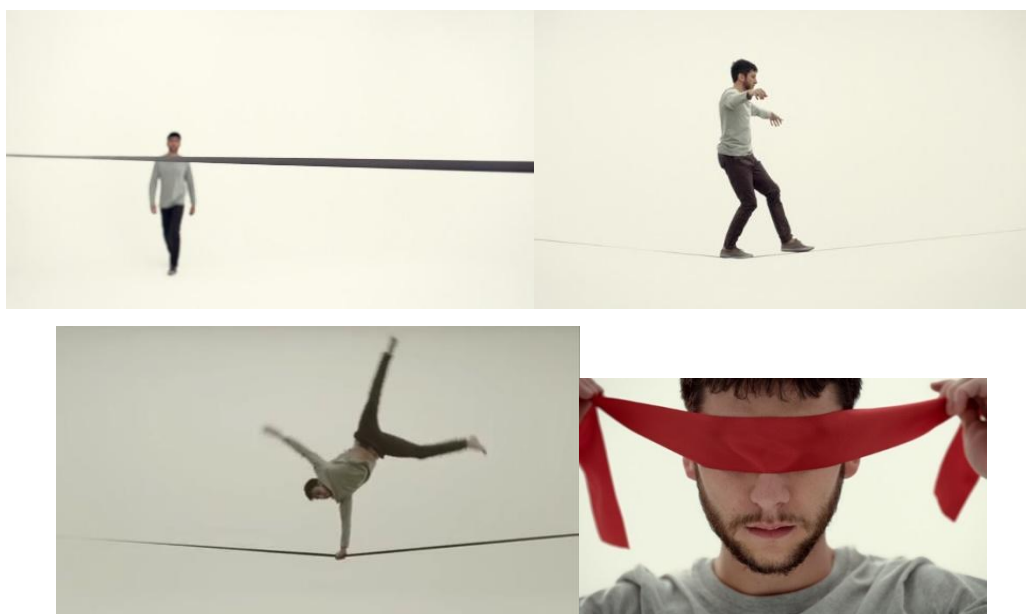


Fonte: adaptado de Thompson (2011) e Jäger; Jäger (2007)

Depois de décadas de representação da aids, encontramos na contemporaneidade outras abordagens imagéticas, verbais e narrativas partindo da grande mídia hegemônica, mas ainda a tessitura da metáfora como estratégia essencial. O texto analisado a seguir é uma peça publicitária intitulada “Viver Melhor” (UNAIDS, 2015), criada para uma campanha do setor de Responsabilidade Social da Rede Globo de Televisão em parceria com o UNAIDS (Programa Conjunto da ONU sobre HIV/AIDS), em 2015. Segundo reportagem no site do UNAIDS, a campanha “tem como objetivo alertar os jovens sobre a necessidade de se fazer o teste do HIV e de se prevenir”. O roteiro do filme de 30 segundos, bastante exibido na Rede Globo de Televisão, foi sintetizado do seguinte modo:

Um praticante de *slackline* se equilibra em cima da fita. Com passos cuidadosos, olhar firme e muita concentração, ele consegue ir até o final e terminar o percurso. Não é um esporte fácil, mas para quem está preparado, é possível enfrentar este desafio. Mas o que acontece quando colocamos uma venda nos olhos desse mesmo praticante? Os passos seguros ficam vacilantes, o equilíbrio diminui e o jovem cai (UNAIDS, 2015).

Figura 32: Frames de “Viver Melhor”





Fonte: [Rossi \(2015\)](#)

Segue o texto da narração em *off* presente no vídeo:

Não é fácil conviver com uma doença grave e que não tem cura, mas a AIDS tem tratamento e pode ser controlada com medicamentos gratuitos. Quanto mais cedo o diagnóstico, melhor o resultado. Só que pra quem prefere fechar os olhos, tudo fica mais difícil. Faça o teste de HIV e viva melhor. Uma campanha do UNAIDS, da Globo e de todo o Brasil (UNAIDS, 2015).

A trama do filme centra-se em uma metáfora de representação da juventude em uma sociedade que convive com a existência onipresente da aids: andar sobre uma fita, no esporte denominado *slackline*, é arriscado, perigoso e requer preparação, treinamento rígido, disciplina e correção. Aquelas pessoas que, literalmente, não “andam na linha” (não se testando para o HIV) são definidas como as que deliberadamente decidem arriscar a caminhada sobre a fita usando uma venda nos olhos. Para elas, o resultado inevitável é a queda, que não apenas simboliza o risco de se ferir fisicamente, mas pode ser interpretada como a representação do fracasso, da contravenção, do malogro. Essa queda – quando conectamos a narrativa do filme com a narração em *off* que explicita a metáfora do *slackline* relacionada ao perigo da contaminação pelo vírus HIV – é sinônimo de risco de morte.

Nela aparece com ênfase o processo definido na Gramática do Design Visual como narrativo acional, pois há uma personagem (ator) desempenhando uma ação com cenário e objetos definidos (os vetores, ou seja, em termos de linguagem visual, seria análogo aos verbos de ação que marcariam o desenvolvimento da narrativa) e uma progressão linear em sua história (homem jovem caminha sobre fita de *slackline*, põe uma venda e cai, para em seguida encontrar o caminho certo sem a venda, a meta, que se transforma no laço vermelho, símbolo da luta contra aids¹⁸). No entanto, as mensagens imbricadas à narração em *off* e nos dois quadros finais (o do laço vermelho e o da assinatura da peça) nos informam que as imagens e a própria narrativa referem-se a uma metáfora que realiza uma significação da própria aids: a de uma sociedade que convive com o perigo da doença, a imprudência do jovem diante desse risco e de sua exigida adequação e disciplina perante a ameaça.

Para pensar alguns elementos específicos da peça enquanto imagem a partir dos seus modos visuais, logo, enquanto estrutura visual e *design*, aciono aqui o diálogo com as perspectivas da Semiótica Social, mais especificamente algumas categorias da Gramática do Design Visual. No tocante à estrutura representacional, análoga à metafunção ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional (Kress; Leeuwen, 2006; 2021), visto que na GDV as imagens são compreendidas com base nas mesmas macrofunções da linguagem verbal (ideacional, interpessoal e textual, de acordo com a LSF), destaco que esse tronco analítico se relaciona às possibilidades e aos modos de representar o mundo, tendo como ponto de partida as estruturas visuais e os participantes ali expressados, sejam objetos, modelos geométricos, abstratos, lugares e/ou pessoas¹⁹. No contexto da aids, as representações visuais são frequentemente

¹⁸ “O laço vermelho é visto como símbolo de solidariedade e de comprometimento na luta contra a aids. O projeto do laço foi criado, em 1991, pela Visual Aids, grupo de profissionais de arte, de New York, que queria homenagear amigos e colegas que haviam morrido ou estavam morrendo em decorrência da AIDS. O Visual Aids tem como objetivos conscientizar as pessoas para a transmissão do HIV/Aids, divulgar as necessidades dos que vivem com HIV/Aids e angariar fundos para promover a prestação de serviços e pesquisas. O laço vermelho foi escolhido por causa de sua ligação ao sangue e à idéia de paixão, afirma Frank Moore, do grupo Visual Aids, e foi inspirado no laço amarelo que honrava os soldados americanos da Guerra do Golfo. Foi usado publicamente, pela primeira vez, pelo ator Jeremy Irons, na cerimônia de entrega do prêmio Tony Awards, em 1991. Ele se tornou símbolo popular entre as celebridades nas cerimônias de entrega de outros prêmios e virou moda. Por causa de sua popularidade, alguns ativistas ficaram preocupados com a possibilidade de o laço se tornar apenas um instrumento de marketing e perdesse sua força, seu significado. Entretanto, a imagem do laço continua sendo um forte símbolo na luta contra a aids, reforçando a necessidade de ações e pesquisas sobre a epidemia” (GIV, 2023).

¹⁹ Na GDV, a metafunção ideacional/estrutura representacional divide-se em dois processos, *a estrutura narrativa e a estrutura conceitual*, cuja distinção fundamental reside no fato de que, em estruturas narrativas, uma ação estaria em curso, ou seja, os participantes estariam envolvidos em alguma atividade, sob circunstâncias específicas (o espaço onde a ação ocorre), enquanto que, em estruturas conceituais, os participantes representados exibiriam um comportamento estático e, eventualmente, desvinculado de um contexto direto. O movimento nas estruturas narrativas seria representado por vetores, ausentes nas conceituais. Para Kress e Leeuwen (2006; 2021), não há a possibilidade de as duas estruturas coexistirem mutuamente em imagens estáticas, mas, no máximo, se encaixarem.

atravessadas por estruturas conceituais do tipo simbólico, isto é, que representam o conjunto de elementos ideológicos, de crenças, valores e recursos retóricos (como metáforas ou ironias) nas imagens e são modelados pela saliência na representação, com foco ou tamanho exagerados, ou deslocados do todo e explicitamente não naturais. Em suma, estão convencionalmente associados a valores simbólicos (Kress; Leeuwen, 2021, p. 102).

Acrescento a essa análise a perspectiva do seu significado interacional – elemento do modo visual que estabelece recursos para constituir e manter outro tipo de interação: a interação entre os produtores e os espectadores das imagens, isto é, os participantes representados nas imagens (pessoas, lugares e coisas) e os interativos (as pessoas que comunicam entre si através de imagens, os produtores e espectadores de imagens) (Kress; Leeuwen, 2021, p. 113). Há um frame específico em que o ator da peça direciona o seu olhar para o espectador e esse *olhar de demanda* enseja conexão e exige uma atitude responsiva em relação à mensagem sobre a testagem para o HIV. O plano se fechando no rosto do ator amplifica essa aproximação com quem ele interage.

Desse modo, destaco uma pujante presença de atributos simbólicos aprofundando uma narrativa aparentemente simples, pois a personagem em questão não é um esportista de *slackline*, mas um jovem que decide se expor ao risco de morte por aids ao não realizar testes de sorologia periodicamente, isto é, seguir os protocolos biomédicos *disciplinarmente*; assim os aspectos conceituais simbólicos são narrativizados. O medo é uma consequência da epidemia de significados alicerçada há décadas com muita informação falsa, imagens de monstros e o terror causado pelo estigma. Esse estado de pânico faz com que muitas pessoas com vida sexual ativa prefiram não realizar testes sorológicos para as diversas infecções sexualmente transmissíveis, principalmente se historicamente sua comunidade, como a de homens homossexuais, foi intrinsecamente associada à doença (por outro ângulo, pode sugerir outros grupos não se cuidem através da testagem porque, em certo imaginário popular, não compõem “grupo de risco”).

Como se sabe, o diagnóstico tardio ainda é responsável pela imensa quantidade de mortes por aids no Brasil. Quem vive com o HIV tem sua vida também atravessada pela rotina do medo de ser exposto, haja vista que ‘a saída desse armário’ pode gerar exclusão social e, ao

No tocante às imagens em movimento como nos vídeos (que não é o foco da GDV), há obviamente mais complexidade e possibilidade de mixagens entre as possibilidades de representação.

mesmo tempo, pode afetar o sucesso do tratamento²⁰. Campanhas contra sorofobia, ou seja, o preconceito direcionado a quem vive com HIV, e ações no âmbito psicossocial com esse público, de modo a produzir bem-estar psicológico, são raras e isso destoa da prerrogativa da própria UNAIDS de que o tratamento é também uma forma de prevenção e contenção da epidemia. Destaca-se que pessoas com o tratamento em dia e que são consideradas indetectáveis não transmitem o vírus²¹. Sobre os referidos medos e os impactos tanto no âmbito do diagnóstico quanto do tratamento, há várias pesquisas apontando o quanto o estigma afeta o déficit das testagens e a eficácia do tratamento, como refletem Hahn e Salvadori:

[...] o medo do estigma, do preconceito e da discriminação faz com que muitas PVHA não busquem os serviços de saúde. [...] Da mesma forma, o medo do estigma e da discriminação faz as pessoas deixarem de buscar os serviços de saúde e realizar o teste anti-HIV, temendo o rompimento do sigilo por parte dos profissionais, conforme referido nos estudos de Arrivillaga-Quintero (15), Herrera, Molina e Vásquez (17) e Kerr e colaboradores (18). Também o medo da violência muitas vezes desencoraja a revelação do diagnóstico a familiares e parceiros sexuais, e prejudica a adesão ao tratamento. O preconceito e a discriminação contra a PVHA também ocorrem por parte dos profissionais de saúde, conforme relatos apresentados por Mataboge e colaboradores (22). No mesmo sentido, Sadala e Marques (38) constataram que ainda persiste o preconceito e a intolerância ao “grupo de risco”. Embora tenham ciência de que esta definição não é mais utilizada, os autores a utilizam para enfatizar que, apesar dos esforços em contrário, permanecem os estigmas sobre as PVHA, dificultando a relação profissional-usuário (Hahn; Salvadori, p. 160, 2019).

Assim, ressalta-se como a narrativa é preenchida por atributos simbólicos que explicitam seu caráter figurativo/metafórico e o teor pedagógico da peça, com música dramática ao fundo, realizando um processo dialógico com o contexto histórico de epidemias, mortes e necessidade de disciplina, prevenção e “alistamento” no combate contra a aids.

²⁰ “[...] O receio de encontrar um vizinho ou colega de trabalho que o identifique como portador do HIV levou Rodrigo K., que usa o coquetel há dez anos, a pagar à secretária do infectologista que o atende para buscar para ele todos os meses os medicamentos. "Assim que soube que havia contraído o vírus, três pesadelos me assustavam: primeiro, morrer; depois, começar a tomar o coquetel; e, por último, ter de buscar a medicação na farmácia. Cheguei a fazer quimioterapia no posto, por causa de um câncer de pele decorrente da doença, e lá convivi com alguns soropositivos que iam durante um tempo, para fazer o tratamento, e de repente não apareciam mais. Eu perguntava por eles, a enfermeira informava que haviam morrido. A possibilidade de enfrentar a decadência física me deixava muito mal psicologicamente." [...] Não é só na farmácia que muitos soropositivos não querem ser vistos. De acordo com o infectologista José Valdez Madruga, pesquisador do CRT, há pacientes "particulares" que pedem para ser atendidos quando não houver mais ninguém na sala de espera. "Eles agendam consulta no último horário, e só sobem depois de se certificar com a secretária de que não há mais ninguém esperando", diz. Valdez cita ainda o caso extremo de paciente que abandonou o tratamento para não ter de lidar com o estigma. "Eventualmente, é preciso o apoio de um terapeuta", diz” (Sampaio, 2020).

²¹ “NOTA INFORMATIVA Nº 5/2019-.DCCI/SVS/MS - Informa sobre o conceito do termo Indetectável = Intransmissível (I = I) para pessoas vivendo com HIV (PVHIV) que estejam em tratamento e com carga viral do HIV indetectável há pelo menos 6(seis) meses” (Brasil, 2019).

Um ator social (Fairclough, 2003a) é representado enfaticamente na peça analisada: o público-alvo jovem que pode estar infectado pelo HIV (considerado população-prioritária para o Ministério da Saúde em suas políticas de prevenção). No trecho da narrativa em *off* “Não é fácil conviver com uma doença grave e que não tem cura”, as pessoas que vivem com HIV são excluídas e colocadas em segundo plano, pois, apenas através de inferência, e em análise interdiscursiva, relacionamos a primeira oração à pessoa que vive com HIV: logo, ele é valorado, em um processo metonímico, como aquele que convive com uma doença grave e também, metonimicamente, é a própria doença que não tem cura: a aids. O jovem que enfrenta o *slackline* é ativado, sendo agente na escolha de não realizar a testagem de sorologia para HIV ao decidir usar a venda, o que, obviamente, se relaciona à queda e à morte, ou retirá-la e seguir o caminho da retidão, da disciplina.

O caráter pedagógico do pré-gênero narração é apresentado nos trechos “a aids tem tratamento e pode ser controlada com medicamentos gratuitos / Quanto mais cedo o diagnóstico, melhor o resultado”, mas também se explicita a partir das quedas do jovem no filme. Em seguida, os jovens, que podem ser sujeitos soropositivos, pois não realizam testagens com a frequência recomendada, são indeterminados, anonimizados, apesar de serem revelados através de uma referência exofórica materializada no pronome indefinido e na avaliação a partir da qualificação negativa que torna sua presença pujante e sentida (“Só que pra quem prefere fechar os olhos, tudo fica mais difícil”): aqueles que “fecham os olhos” assumiram o risco ao não se prevenirem e agora, de forma deliberada, continuam na berlinda do perigo por não realizarem a testagem sorológica. Ignora-se, nesse ínterim, todo um contexto de gravidade em termos de saúde pública e das questões específicas que envolvem a aids ao individualizar o problema e culpabilizar os que não acessam o sistema de saúde, deliberadamente ou não. Nas imagens, esses sujeitos caem da fita, a corda bamba da vida, vendados e sozinhos.

Pessoas vivendo com HIV são excluídas, postas em segundo plano e anonimizadas, enquanto os que ainda podem “ser salvos” são posicionados como agentes nesse processo: a lógica do medo é a base didática da peça. O elemento impositivo/injuntivo é nitidamente apresentado nas orações “Faça o teste de HIV e viva melhor”; obviamente, “viver melhor” nunca será deparar-se como um soropositivo, representado por um sujeito que faz *slackline* vendado, assumindo a responsabilidade pela ignorância quanto a sua sorologia, em explícita ousadia diante do perigo. A narração finaliza com a venda se transformando no laço vermelho e com o texto apontando o papel “de todo o Brasil” na correção, disciplina e enquadramento. A personagem do vídeo precisa decidir se quer ser o “monstro” que cai ou “viver melhor”, realizando testes de sorologia (e, por consequência, prevenindo-se).

Nesse sentido, há décadas, a aids é objeto de disputa no campo do simbólico e as mais diversas mídias e formatos de arte e entretenimento expuseram tanto o tema quanto as vítimas da epidemia. Diante de uma persistente crise de saúde pública em âmbito global²², governos e outros órgãos de prevenção e combate à aids produzem campanhas publicitárias que frequentemente reproduzem um discurso que sinonimiza as pessoas que vivem com HIV, as quais historicamente foram nomeadas como “grupos de risco”, a símbolos de ameaça, perigo e morte. As consequências desse estigma – ainda reproduzido mesmo em campanhas de prevenção e combate à aids – se refletem em sujeitos que temem a doença, mas, principalmente, tem medo de se tornar a própria doença: o resultado é o distanciamento, a desinformação e o descuido provocado pelo pânico moral, uma hipótese para o crescimento da contaminação entre jovens, que não elaboram e/ou praticam o autocuidado e a almejada prevenção.

Apesar dos progressos em relação às políticas, tratamentos e redução global do número de mortes relacionadas à aids, os países mais pobres padecem com elevadas estatísticas de óbitos, além da queda nos recursos para o combate à epidemia²³, o que implica pensar a questão como um problema público, coletivo, transdisciplinar e que demanda investimentos massivos no combate ao estigma que reverbera nas persistentes epidemias de infecção e adoecimento. O mapeamento das ascendências dos fios discursivos desse símbolo coletivo, isto é, as redes de práticas sociais construídas historicamente, será realizado em posterior análise conjuntural. Nessa complexa luta hegemônica, somam-se as vozes dissonantes à metonímia da aids, principalmente a partir dos ativismos e das biografias.

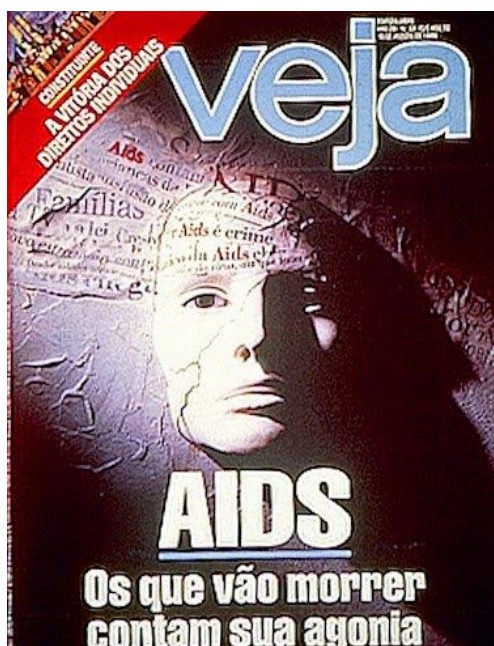
Retornando à leitura da epígrafe que abre este capítulo, uma crônica de Caio Fernando Abreu publicada pela primeira vez em 21 de agosto de 1994, segunda década da epidemia de aids, entendo o processo doloroso que era falar abertamente sobre adoecer por conta da síndrome da imunodeficiência adquirida, porque falar sobre a “SIDA é um pretexto para dizer outra coisa, para revelar uma época – *um traço de uma época* – para confessar publicamente as dificuldades pessoais e relacionais, as faltas e excessos, para cada um dizer a verdade sobre si próprio” (Carvalho, 2010, p. 159). Esse processo de expressão autobiográfica se diferencia da perspectiva de avaliação condenatória assinalada na capa da Revista Veja de 10 de agosto de

²² “Em 2022, 39 milhões [33,1 milhões – 45,7 milhões] de pessoas no globalmente vivendo com o HIV em 2022; 1,3 milhão [1 milhão – 1,7 milhão] de pessoas foram recém-infectadas com o HIV em 2022; 630 mil [480 mil – 880 mil] pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDs em 2022; 29,8 milhões de pessoas estavam recebendo terapia antirretroviral em 2022; 85,6 milhões [64,8 milhões – 113 milhões] de pessoas foram infectadas pelo HIV desde o início da epidemia; 40,4 milhões [32,9 milhões – 51,3 milhões] de pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDs desde o início da epidemia” (UNAIDS, 2022).

²³ Pobreza freia o avanço do combate à aids no Brasil, diz estudo (Poder, 2023). HIV: vitórias para uns, sentença de morte para outros - Países pobres ainda sofrem com elevado número de mortes, e recursos para combate à Aids estão em queda (Anam, 2018).

1988 a partir da sentença “os que vão morrer (pessoas que vivem com HIV/Aids) contam sua agonia (representação da doença)”. O processo verbal “contar” aqui é altamente regulado pela instância midiática que o veicula e os elementos simbólicos que compõem a capa, seja nas representações avaliativas ou na imagem de um rosto se despedaçando em meio a uma onda de palavras as quais se destaca a frase “Aids é crime”. As vozes dos que morreram eram definitivamente ouvidas como se emanadas de púlpitos de um julgamento público.

Figura 33: AIDS: os que vão morrer contam sua agonia, 1988



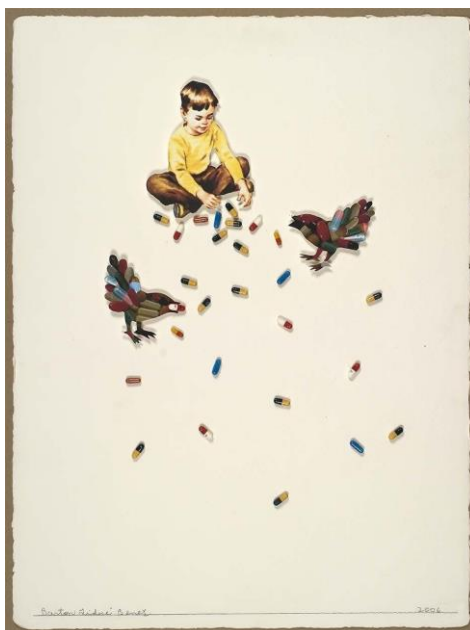
Fonte: Revista Veja (1988)

Nos relatos biográficos, o processo de contar, mesmo que seja o seu próprio processo de morte, é acompanhado da complexidade da construção de seu *ethos*, em meio a uma verborragia em que pouquíssimas pessoas com HIV eram ouvidas e falar a esse respeito em público exigia a coragem de ser o rosto que enfrentaria inúmeros julgamentos públicos. Mesmo assim, Caio continua seu relato afirmando que insistirá em sua escrita:

É com terrível esforço que te escrevo. E isso agora não é mais apenas uma maneira literária de dizer que escrever significa mexer com funduras — como Clarice, feito Pessoa. Em Carson McCullers doía fisicamente, no corpo feito de carne e veias e músculos. Pois é no corpo que escrever me dói agora. Nestas duas mãos que você não vê sobre o teclado, com suas veias inchadas, feridas, cheias de fios e tubos plásticos ligados a agulhas enfiadas nas veias para dentro das quais escorrem líquidos que, dizem, vão me salvar. Dói muito, mas eu não vou parar. A minha não desistência é o que de melhor posso oferecer a você e a mim neste momento. Pois isso, saiba, isso que poderá me matar, eu sei é a única coisa que poderá me salvar. Um dia entenderemos talvez (Abreu, 2014, p. 116).

2 AIDS COMO SÍMBOLO COLETIVO E MUDIATIZAÇÃO GORE

Figura 34: Untitled, Barton Lidice Benes (Paper and HIV medication), 2006



Fonte: Visual Aids (2023)

Nesta seção faço o mapeamento da aids como um símbolo coletivo, parte da análise da conjuntura social do problema delimitado anteriormente, e que aqui será detalhada a partir da dissecação da rede de práticas sociais situadas, políticas, históricas e culturais associadas a ele e de análises específicas de textualidades que compõem a aids diacrônica, com base em suas linhas de ascendência, interdiscursivamente (Chouliaraki e Fairclough, 1999; Jäger, Jäger, 2007). Desse modo, divido em dois movimentos o levantamento de ascendências da aids-entretenimento: no primeiro, o da construção de arquétipos em torno dela; e no segundo o do cenário histórico, político e cultural de sua emergência em uma fase de expansão das culturas de massas e cultura das mídias que chegarão até a cibercultura ou cultura digital. Esse é o ponto de partida para a compreensão de como se estabelece o dispositivo e a estrutura social que nomeamos como aids-entretenimento, ultrapassando os momentos históricos mais críticos das epidemias a partir de fios discursivos que ainda constituem o alicerce ontológico do problema social aids.

2.1 Contagem regressiva: o tempo e o fim das identidades soropositivas

O humano e a sua relação com a fragilidade e a finitude do corpo sempre foram mote para a criação de narrativas. Mitos como o do calcanhar de Aquiles ou da punição divina com

a expulsão do Paraíso e a consequente mortalidade simbolizam o conflito com a precariedade de sua existência material. A deterioração do corpo sempre motivou a humanidade avidamente a compreender o seu funcionamento e tentar deter esse processo, sendo tema crucial nas ciências, nas artes, na filosofia e nos escritos religiosos.

Nesse sentido, a partir de imagens explícitas de sua degeneração, algumas doenças se destacaram historicamente diante do apelo a uma narrativização do corpo. A fotografia e o vídeo tornaram esse registro ainda mais impactante. Sigamos alguns movimentos pictográficos da morte na modernidade: com uma ênfase no crescimento desenfreado dos centros urbanos e sua potencialidade de proliferação de contágios, a tuberculose emerge como um “mal social” associado às condições precárias de certas zonas urbanas e às classes mais pobres; a sífilis é significada em torno de sua conexão entre lascívia e pecado; o câncer se estabelece a partir das próprias células do corpo crescendo desordenadamente e produzindo tumores que ocupam e se espalham por ele; mais recentemente, a aids torna-se protagonista dessa ficcionalização da morte, seja por conta do processo invasivo no interior do corpo por contágio viral, por sua manifestação explícita de deterioração da pele, seja pelo Sarcoma de Kaposi ou pelo emagrecimento proveniente da queda de imunidade, e, por fim, pela contiguidade com a ideia de poluição, dado que sua transmissibilidade gerou epidemias, isto é, uma enfermidade do corpo social.

Figura 35: Folheto de oração com ilustração da sífilis (1500), retirada do “Archiv für Geschichte der Medizin”²⁴



Fonte: Gilman, 1987, p. 94

²⁴ Nessa imagem, a representação da sífilis como fonte de poluição sexual emerge a partir do texto bíblico com referência à Sodoma e Gomorra e à figura do Diabo ferindo o homem com a doença. Do outro lado, a possibilidade de cura daquele estado de melancolia causado pela doença através da música (Gilman, 1987, p. 95).

Para Susan Sontag (2007), o câncer seria uma doença da geografia, pela sua natureza de avanço espacial pelo corpo em viagens por rotas previsíveis; e a aids uma doença do tempo, marcada por fases delimitadas em sequências temporais. Em ambas, o corpo é carregado pelas tintas da degradação. Em um plano mais amplo, a aids pode ser pensada também como um localizador: seu processo de disseminação social possibilitaria "localizá-la" espacialmente para ser, ou vir a ser, encurralada e eliminada. Há na aids uma profícua capacidade de produzir identidades em suas diversas fases e manifestações, apesar do seu atual caráter de cronicidade, resultado de mudanças radicais a partir do diagnóstico (doente ou não). Logo, a presença do vírus HIV no corpo, a passagem do tempo e as manifestações decorrentes da aids provocaram um embaralhamento semântico: o que seria (essa) doença? "Quem" seria essa doença? Quais histórias foram contadas e quais contaremos sobre nós, nossos corpos e suas mazelas?

Discussões sobre o conceito de estigma ganharam bastante relevo a partir da obra de Erving Goffman (1982), que o definiu como elemento profundamente depreciativo e cujo afã social seria o de desacreditar e delimitar a posição de indivíduos e grupos sociais. Ainda que a expressão tenha uma história que remeta à Grécia Clássica, a qual se referia às cicatrizes feitas com cortes ou fogo no corpo dos excluídos, ela é propagada pela análise sociológica do trabalho de Goffman, que asseverou o estigma como atribuído pela sociedade com base no que constitui "diferença" ou "desvio". Assim, historicamente, a construção da estigmatização evidencia as diferenças significativas entre grupos de pessoas e sua introdução nos sistemas ou nas estruturas de poder.

Sontag (2007) descreveu diversas doenças associadas a estigmas: nos relatos bíblicos, os que contraíam lepra eram excluídos socialmente; na baixa Idade Média, os familiares repudiavam e deixavam em locais distantes aqueles que eram acometidos com a peste negra; no século XX, os usuários de drogas injetáveis, as/os trabalhadoras/es do sexo, os homens homossexuais e outras identidades são percebidas como responsáveis pela infecção por HIV, através de seu comportamento associado à criminalidade e promiscuidade. Ressalta-se que nenhuma das enfermidades inicialmente citadas pareciam implicar um estigma tão intenso quanto o associado à aids, cujas vítimas tornam-se também culpadas e perigosas.

Nesse percurso natural que culmina na morte, em todas as fases da vida, é possível que adversidades afetem a integridade do corpo humano, circunstância que se reflete na dicotomia entre saúde e doença, essa última compreendida na Antiguidade "ora como fruto de invasão do organismo por matéria estranha, ora como "perda da alma", ora em termos de corpo "tomado" por fantasmas, ora como decorrência do rompimento de tabus, ora, enfim, como fruto de ritos mágicos" (Hegenberg, 1998, p. 24). O desejo de saber sobre a materialidade de sua carne impele

o humano a tecer relações com o mítico, não à toa há uma vasta literatura sobre doenças e epidemias que eventualmente tornam-se personagens nessas representações ficcionais, líricas e dramáticas.

No século XIX, outra faceta desse binarismo é instalada para a compreensão do adoecimento: os desvios daquilo definido como normalidade. Os doentes seriam classificados como “anormais” a partir da elaboração de “índices de normalidade” fixados em parâmetros (Quais? Como?). Esse esquema seria marcado pela noção de “impedimento”, isto é, quando o estado de saúde altera ou limita a vida do indivíduo. A doença também foi definida pela noção de desejabilidade, a partir da categorização do esperado em termos de saúde e do indesejável em termos de enfermidade; o arrolamento de propriedades típicas e relevantes das doenças proporcionaria uma lista de doenças, mas o limite entre condições físicas, a própria doença e o quão tratáveis elas são também é uma questão filosófica e, portanto, de linguagem (Hegenberg, 1998). Os mecanismos de normalização institucionalizados produzem regras que servem para corrigir, adestrar, readestrar se necessário. Normaliza-se impondo uma exigência a uma existência, a um dado: as manifestações de variedade e diferença são escrutinadas por olhares de prescrição, rotulando-as como escapes hostis e rebeldes da norma, em um lócus de estranheza.

As conceituações de doença mostravam-se no período citado precárias e insuficientes, apesar do axioma “saúde é igual a ausência de doença(s)” adquirir uma certa unanimidade. Já a definição de doença tende a uma complexidade ampliada pela consequente sofisticação tecnológica dos estudos sobre o corpo e a medicina (anatomia, microbiologia, genética, fisiologia etc.), mas também pela tese, já ponderada por Platão, de que “a noção de saúde é teórica e exige, pois, que se vá além dos dados perceptuais” (Hegenberg, 1998, p. 58). Questões complexas como a inter-relação entre doença, dor e sofrimento, a existência ou não de tratamento e o discernimento pessoal sobre sentir-se ou não doente dificultavam uma precisão na definição e nos projetos de inventariação das patologias. Apesar dessa complexidade, para Hegenberg (1998, p. 60), três pilares alicerçam “uma coerente definição de ‘doença’: a homeostase, a hereditariedade e as relações entre o ser humano e os microorganismos”. A homeostase seria a reação do corpo a esses dois últimos de modo a se manter e autorregular para um estado de equilíbrio e normalidade. Assim:

os organismos invasores e a hereditariedade são exemplos claros de fenômenos discretos, isolados, internos, que despertam a atenção do clínico. A homeostase, por sua vez, é exemplo claro de reação do corpo às alterações ambientais capazes de perturbar o funcionamento "natural" (Hegenberg, 1998, p. 58).

Além desses enfoques mais comuns e históricos, a Filosofia da Medicina persiste problematizando o conceito de doença a partir dos dissensos entre as perspectivas mais subjetivas e valorativas e as mais naturalistas. Em que medida a aids, do ponto de vista biomédico e epidemiológico, embaralha os conceitos de doença? Epidemias em que novos agentes patogênicos e condições de saúde emergem incitam uma reorganização nos saberes e nas práticas médicas. A magnitude da aids enquanto um problema de saúde pública em âmbito global definitivamente causou impactos e reconfigurações.

Por outro ângulo, Áureo Lustosa Guérios (2021, p. 20) nos provoca com a polêmica tese de que “as doenças não deixam de ser abstrações teóricas sem existência real no mundo”. Ao referir-se especificamente à materialidade de microorganismos como o *Lyssavirus* (raiva) e o *Mycobacterium Tuberculosis* (tuberculose), desafia-nos a pensar sobre a diferença entre “estar doente” e a doença (e a sua própria existência), ao separarmos o agente externo e os indivíduos doentes da abstração teórica sobre a patologia. Em suma, o que estamos pondo na mesa – ou em uma cama ou maca – é uma questão ontológica.

Décadas depois, a despeito do avanço da ciência na compreensão acerca do vírus do HIV e da aids e de uma ampla e variada política de contenção e tratamento em âmbito global, além de inúmeras medidas locais de Estado no sentido de seu controle e cuidado, o “vírus da linguagem” continua sinonimizando pessoas a uma doença, um vírus ao imaginário da morte e humanos a organismos que ameaçam a própria humanidade. Sontag (2007, p. 122), em suas ponderações sobre a aids e suas metáforas, aponta que:

O medo da sexualidade é o novo registro, patrocinado pela doença, do universo de medo no qual todos vivem agora. A fobia do câncer nos ensinou a temer o meio ambiente poluente; agora temos medo de pessoas poluentes, consequência inevitável da ansiedade causada pela aids. [...] A aids não apenas tem o efeito infeliz de reforçar a visão moralista da sexualidade, que caracteriza a sociedade americana, como também fortalece ainda mais a cultura do interesse próprio, geralmente elogiada com o nome de “individualismo”. O isolamento individual agora recebe mais um estímulo, pois passa a ser considerado como simples medida de prudência.

Doença de homossexual, travesti, drogadito, imigrante, prostituta. A aids é compreendida como uma enfermidade que se torna não apenas uma epidemia, no sentido estrito da discussão em Saúde Coletiva, e nos campos mais específicos da Epidemiologia e da Saúde Pública, mas funda a ficcionalização de uma nova teratologia²⁵: os corpos marcados pelo exame

²⁵ Teratologia vem do grego *teratos* (monstro) + *logia* (estudo) e se refere a um campo da medicina dedicada a investigar as anomalias e malformações relacionadas a problemas no desenvolvimento embrionário ou fetal. No

positivo automaticamente tornaram-se *monstros*, portadores²⁶ do signo da morte, em uma potente (re)produção identitária que primava pela abjeção. O elemento sexual de transmissão do vírus instou o recrudescimento de discursos reacionários e moralistas através de campanhas demonizando corpos e práticas significadas como não heterossexuais. Naquele contexto, no Ocidente, um corpo com HIV era também o corpo da travesti, da prostituta, da pessoa drogada, pobre, imigrante, negra. As autoridades políticas e médicas detinham o monopólio do conhecimento a respeito da epidemia e os projetos sanitaristas de diferentes governos expuseram seus preconceitos, interesses, bem como sua inércia diante da situação, a qual gerou discursos de reação e confronto.

Para o que proponho aqui em termos de leitura sobre a aids, interessa-me a sua compreensão como fenômeno cultural e o seu entorno de conceitos e símbolos que a ela estão associados a partir de uma rede semântica da doença, isto é, a doença como um fenômeno significativo e a atividade médica sempre uma atividade interpretativa (Dias, 2015). Juliana Dias (2015) propõe uma releitura dos pressupostos sociológicos de Adam e Herzlich acerca das representações sociais da vivência da doença:

[...] o doente viverá a **doença como destrutiva** quando, ao interromper sua atividade ela acarretar na destruição dos laços com os outros, perda de papéis e a impossibilidade de reconstrução de sua identidade. A **doença pode ser vivida como libertadora** na medida em que ela é vista como uma fuga de um papel social repressor de sua individualidade, permitindo, neste caso, o encontro do ‘verdadeiro sentido da vida’, a superação de si. Por fim, a **doença pode ser vivenciada como um ofício** – mais comum no caso de doenças graves – em que não provoca mudança radical na autoimagem da pessoa, preservando sua identidade social pela luta contra a doença (Dias, 2015, p. 131).

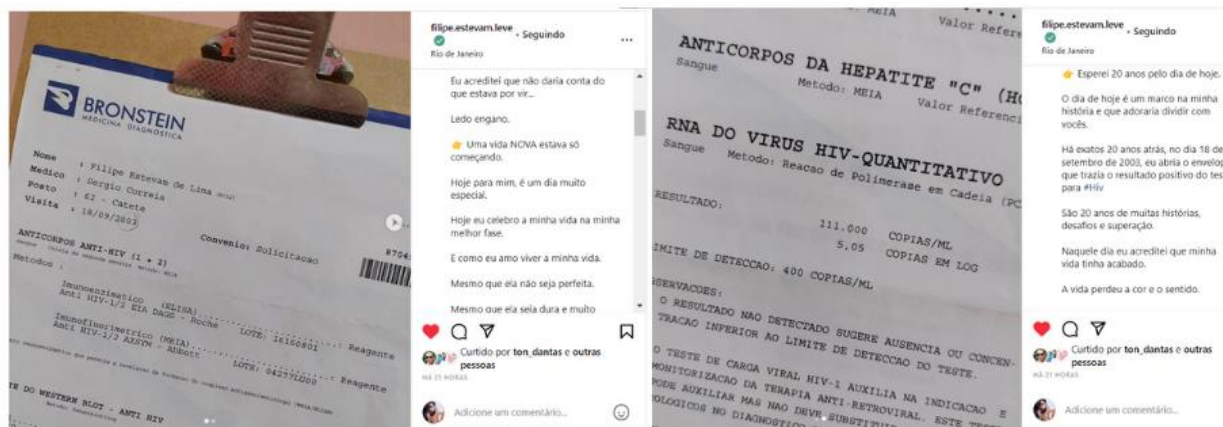
Para a autora, que focou seu trabalho na relação entre linguagem, gravidez e parto, as identidades analisadas no problema em questão encontram-se em forte transição. É possível estabelecer nexos com as categorias elencadas acima, mas, no tocante à aids, o paradigma da doença se encontra marcado pela *temporalidade* na experiência de quem vive com HIV

entanto, o uso aqui é figurado: por sinédoque, o termo refere-se a um conjunto de monstros ou monstruosidade e é bastante utilizado no meio jurídico para qualificar algo como absurdo, hediondo ou abominável. Neste trabalho, a expressão representa uma visão social construída no contexto de uma doença cuja imagem foi explorada midiaticamente, principalmente a partir da exposição de pessoas que padeciam das moléstias oportunistas provocadas pela baixa imunidade. As mídias jornalísticas, a arte e até mesmo os ativistas de aids se apropriaram do choque provocado pela exibição de corpos adoecidos.

²⁶ Longe de compreendermos as pessoas que vivem com HIV/Aids como “portadoras” do vírus/doença, como se de uma questão de vontade se tratasse, mera eleição do(a) sujeito(a), pretendemos com o emprego de tal expressão destacar a percepção social majoritária no que diz respeito a uma vida com HIV.

(principalmente na fase mais aguda da epidemia, em que os tratamentos eram incipientes) e pelas *transições identitárias* que paulatinamente, e geralmente ao longo de anos, serão vividas.

Figura 36: Filipe Estevam | Terapeuta HIV+ – Imagens Instagram – 18/9/2023



Fonte: [Estevam \(2023\)](#)

Nessa postagem de *Instagram*, o *ethos* aqui construído é o da figura de alguém que passa por uma experiência traumática e a supera em um processo de libertação, na resignificação da doença e da própria identidade. A expressão de suas emoções é narrativizada em termos semânticos pela *avaliação* da própria história, descrita na legenda das imagens²⁷, a partir de sua valoração em termos de *atitude* (categoria do “sistema de avaliatividade” utilizada para a análise da expressão linguística de emoções e sentimentos, avaliações e julgamentos de julgamentos de caráter e avaliações) (Martin e White, 2005; Fairclough, 2003).

No âmbito da subcategoria *afeto*, Filipe Estevam | Terapeuta HIV+ expressa os seus sentimentos negativos quanto ao diagnóstico (“Naquele dia eu acreditei que minha vida *tinha acabado*. A vida *perdeu a cor e o sentido*”). Em termos de gradação, há o uso de alta intensidade desse sentimento, lexicalizado por metáforas e processos mentais que expressam sua dor (“perdeu”, “tinha acabado”); em contraposição à metonímia que o associa enquanto pessoa que

²⁷ Legenda completa: “👉 Esperei 20 anos pelo dia de hoje. O dia de hoje é um marco na minha história e que adoraria dividir com vocês. Há exatos 20 anos atrás, no dia 18 de setembro de 2003, eu abria o envelope que trazia o resultado positivo do teste para #Hiv / São 20 anos de muitas histórias, desafios e superação. Naquele dia eu acreditei que minha vida tinha acabado. A vida perdeu a cor e o sentido. Eu acreditei que não daria conta do que estava por vir... Ledo engano. 👉 Uma vida NOVA estava só começando. Hoje para mim, é um dia muito especial. Hoje eu celebro a minha vida na minha melhor fase. E como eu amo viver a minha vida. Mesmo que ela não seja perfeita. Mesmo que ela seja dura e muito desafiadora em vários momentos. Mesmo assim, eu amo vivê-la. E no dia que eu partir, e um dia eu irei, quero pelo menos duas coisas: Que uma parte de mim fique viva na memória e no coração de todos aqueles que um dia a minha vida atravessou. E que a morte, no dia que ela me encontrar, ela me encontre vivo e realizado. Porque quando este dia chegar eu quero olhar para trás e dizer com orgulho: "Eu vivi uma vida linda". #PodeSerLeve #HIV #20ANOS #VIDA #INDETECTÁVEL #INFECTOLOGIA #LGBT.

vive com HIV, o recurso é aqui utilizado para que ele se justaponha à expressão “vida”, usada várias vezes na legenda da imagem.

No curso da narrativa, a vida passa a ser experienciada positivamente na repetição do léxico e na gradação de alta intensidade de sua valoração (“Hoje eu celebro a minha vida na *minha melhor fase*”, “E como eu *amo viver* a minha vida”, “eu *amo vivê-la*”, “Eu vivi uma *vida linda*”, “vivo e realizado”, “com orgulho”). A “vida NOVA” que o influenciador digital se refere é a superação no curso de duas décadas do seu enfrentamento à aids, aos sentimentos que ela evoca e às identificações que provoca. As imagens se referem a um ponto crucial nas biografias das pessoas que vivem com HIV: o exame que confirma o seu diagnóstico e fará a cisão entre as fases de suas vidas e constituições de suas identidades, etapas nas quais exames frequentes acompanharão suas rotinas. No caso de Filipe Estevam | Terapeuta HIV+, falar sua experiência com a aids em uma plataforma de rede social e focar seu perfil nesse tópico se aproxima da fase da vivência da “doença como ofício”, explicitada em seu ativismo e discussão de forma pública a partir da criação de conteúdo digital.

A aids e suas epidemias, a do vírus, a da doença e a de significados, estigmatização e discriminação produziram em pontos históricos específicos a emergência de identidades e a ocasional formação de aliança em torno de algumas delas. A complexidade em torno da aids como doença é fundamentalmente atravessada pelo tabu do corpo, na relação entre o sexo anal e as infecções sexualmente transmissíveis, e o estigma em torno de identidade sexuais minoritárias, mais especificamente homens gays. A fabricação/produção das noções de normal e anormal, conforme discutido por Foucault a partir de suas discussões sobre biopoder (Foucault, 1980, 1999), ultrapassou a gestão da superfície do corpo e atingiu o nível de profundidade dos órgãos, mas o que vimos com a aids é que o estigma estabelece uma relação dialética entre as identificações e os níveis moleculares, isto, é habitando a camada das células e tornando-se permanente mesmo em corpos aparentemente saudáveis. Para ele, os processos de normalização e patologização das experiências homossexuais serviam para construir uma “especificação dos perversos” porque “o sexo tornou-se o alvo central de um poder que se organiza em torno da gestão da vida, mais do que da ameaça da morte” (Foucault, 1999, p. 133). A crise da aids incitou a radicalização nos processos de gestão da vida pelos sistemas de controle biomédicos, políticos, econômicos e jurídicos com a morte assinalada como prognóstico às pessoas diagnosticadas positivamente.

Do ponto de vista do discurso de terror em relação aos grupos dissidentes de gênero e sexualidade, voltamos a Erving Goffman (1982, p. 9) e a sua noção de “ser humano normal”, a qual, segundo o autor, teria uma possível dupla origem: a primeira na abordagem médica da

humanidade e a segunda nas instituições do Estado-Nação, que tratam, em certos aspectos, os indivíduos como iguais. A partir dessa conceptualização, o estatuto de normalidade adquire uma dupla possibilidade de estigmatização, devido ao jogo de ambas as dimensões (biomédica/igualitária), e essas possibilitam a geração de um quadro mais complexo nos processos de interação. O estigma se configura como uma ruptura nas projeções de si e dos outros em relação às expectativas sociais (psíquicas, corporais, comportamentais etc.) e a adesão às normas; são possíveis múltiplas formas de estigmatização (auto, inter, intra, co), o que culminaria na “contaminação” da identidade. Assim, a epidemia de significados, estigma e discriminação da aids é literalmente alçada ao nível da contaminação, operando de formas múltiplas, contingentes e radicais, inclusive reconfigurando as premissas de Goffman sobre o corpo carregar apenas estigmas, acrescentando-o como entidade material molar e molecular, por serem constituídos discursiva e materialmente.

Para a reflexão que proponho aqui, a noção de abjeção é mais adequada, conforme discutida por Judith Butler (2008, 2019a, 2019b) e Vi Grunvald (2009). Ao pensar sua teoria da performatividade, Butler explicita que os corpos, os gêneros e as sexualidades não são, simplificarmente oprimidos ou opressores, significados como abjetos, anormais ou coerentes e normais: os discursos produzem efeitos de verdade a partir da repetição estilizada de atos, performativos e regulatórios, que estabilizariam e assegurariam uma estrutura binária para esses corpos (macho/fêmea, masculino/feminino, homem/mulher); as diferenças sexual e de gênero não seriam simplesmente uma diferença material, mas formada principalmente por práticas discursivas. A construção do que é aceitável como “humano” produziria seres abjetos e aqueles os quais são mais ou menos humanos que outros ou mesmo inumanos, humanamente impossíveis, impensáveis. Os corpos considerados abjetos se situariam em zonas “invivíveis”, inabitáveis, já que não se adequam ao gênero ou à sexualidade inteligíveis (simetria entre sexo, gênero, desejos e práticas sexuais), quociente que traria a promessa de felicidade e “abrigo” heterocisnormativo: aos que ficam à margem dessa inteligibilidade, é como se lhes faltasse algo para possuírem o estatuto de sujeitos:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual – e em virtude da qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação por autonomia e vida. Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo

para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional (Butler, 2019a, p. 22).

Essa conceptualização de abjeção é precisa no que concerne a pensar identidades sexuais e de gênero dissidentes e a sobreposição delas nas identificações das pessoas vivendo com HIV. Partindo de um ponto de vista psicanalítico, Julia Kristeva aborda a abjeção, a partir de aspectos como os de inadequação e sujeira, não em um sentido de paralelizar a falta de limpeza e a saúde ou as apontar como causa, mas como aquilo que perturba a identidade, o sistema, a ordem. O que não respeita fronteiras, posições, regras. O intermediário, o ambíguo, o multifacetado. Do ponto de vista de uma “abjeção do eu”, ela seria a forma culminante daquela experiência do sujeito em que se revela que todos os seus objetos se baseiam apenas na perda inaugural que lançou as bases do seu próprio ser, e que a própria abjeção seria o reconhecimento da carência quer qualquer ser, significado, linguagem ou desejo é fundado (Kristeva, 1982, p. 4-5). Ao refletir sobre sua origem e emergência, Kristeva afirma que:

Emerge lá, dentro da abjeção, uma daquelas revoltas violentas e sombrias do ser, dirigida contra uma ameaça que parece emanar de um exorbitante exterior ou interior, ejetada para além do âmbito do possível, do tolerável, do pensável. Está ali, bem perto, mas não pode ser assimilado. Suplica, preocupa e fascina o desejo que, no entanto, não se deixa seduzir. Apreensivo, o desejo se desvia; enojado, ele rejeita. Uma certeza protege-o do vergonhoso – uma certeza da qual é motivo de orgulho manter-se nele. Mas simultaneamente, mesmo assim, esse ímpeto, esse espasmo, esse salto é atraído para um outro lugar tão tentador quanto condenado. Incansavelmente, como um bumerangue inescapável, um vórtice de convocação e repulsa coloca aquele que é assombrado por ela literalmente fora de si (Kristeva, 1982, p. 1).

Segundo Grunvald (2009), dialogando com ambas as autoras, a zona de abjeção pode ser ressignificada criticamente, produzindo resistência e transcendência às normas: nesse lócus, a constituição de nossas subjetividades torna concreta novas possibilidades de pensamento e construção da realidade, já que o possível não é esgotado. A compreensão dos processos de subjetivação como um percurso aberto e múltiplo que nunca encontra seu fim e o da abjeção como parte dessa travessia, entendida aqui como produtiva, afirmativa e que afeta a todos em alguma medida, abre caminhos para uma reformulação dos projetos de existência, de identificações, de novas possibilidades de vida, no que Grunvald assinala como *abjeção minorada*, porque:

De alguma forma, somos todos abjetos *do ponto de vista da abjeção*, ainda que não o sejamos *do ponto de vista da cultura*. Talvez essa frase mereça ser arrumada: não é que sejamos abjetos de um ou outro ponto de vista: *a abjeção é um ponto de vista* assim como a cultura o é. É mister fazer da abjeção uma

exploração da cultura assim como fazemos da cultura uma investigação da abjeção (Grunvald, 2009, p. 58).

Para a montagem da aids como símbolo coletivo, realizo o vislumbre de três arquétipos ideológicos constituintes/atravesados pela doença: o do aidético, difundido a partir da narrativa do paciente zero, símbolo do risco que o estilo de vida “promíscuo” e “sujo” do homossexual (e ele mesmo) representaria para a sociedade; o do sujeito político soropositivo, ativista radical que se autoinventou na fase mais aguda e urgente da epidemia de aids; e o do doente crônico, aquele que vive no limbo simbólico entre estar doente e são, marcado pelo exame positivo e tratamento contínuo. Entendo que os ecos sociosemióticos de ambos atravessam as décadas, diluindo e interseccionando-se de forma complexa nas vivências e subjetividades das pessoas que vivem com HIV.

Em conformidade com o processo cartográfico em processo, emergem no texto vozes atravessadas e constituídas por essas construções identitárias e em concomitância com o mapeamento arquetípico orientado inicialmente por marcos temporais e isolamento das personas, mas que, na prática, formam uma amálgama interdiscursiva sobre a aids e a compreensão delas como irrupções decorrentes da emergência da doença. A epidemia ensejou a emergência de guerras em torno de narrativas que produziram a aids como um lócus identitário – e que a confundiam com os próprios doentes através de uma farta e diversificada carga metafórica. Parte dos textos-interações aqui selecionados ocupam o ambiente digital da internet, mais especificamente as redes sociais e de produção de conteúdo como o *Youtube*, o *Facebook* e o *Instagram* (que terá um foco específico de análise posteriormente). Em tais territórios, essas vozes compõem uma cadeia de eventos sociais de caráter dinâmico, fluido e com cada vez mais ampliado impacto social. Ademais, subjaz aos seus criadores de conteúdo a noção de cultura participativa (Chau, 2010), pois interseccionam a criação de mídia/contéudo e as redes sociais, isto é, a possibilidade de criar e compartilhar contéudo original enquanto fazem-se novas conexões sociais.

2.1.1 Três arquétipos: mitos e narrativas de origem e disseminação da aids

A aids emerge ressignificando o conceito de doença. Quase ao final do século XX, a medicina se congratulava com o fato de que as doenças contagiosas como a lepra, a tuberculose, a peste, ou até mesmo a malária, estivessem controladas. O câncer receberia a atenção no tocante às pesquisas sobre tratamento e prevenção e as doenças crônicas, cardiovasculares e degenerativas eram o alvo de interesse da medicina e da sociedade como um todo.

Na década de 1980, a aids provoca uma reconfiguração nesse cenário: nunca um vírus seria tão intensivamente estudado e uma doença tão exposta. O caráter mutante do vírus e sua capacidade de ação no sentido de destruição do centro nevrálgico de defesa do organismo, o sistema imunológico, a posicionou num campo de ineditismo. Seria ela mesma uma doença *stricto sensu*? O colapso do guardião imunológico do organismo expusera o humano a uma total vulnerabilidade a quaisquer infecções e tumores oportunistas. Era esse o resultado da ação do HIV diante do sistema básico de defesa imunológica: a sua destituição e a consequente exposição do corpo. Para Carvalho (2010, p. 106), o HIV representa um ruído especial nos saberes médico-científicos porque vai “num primeiro momento desorganizar a rede de conhecimentos e cuidados médicos, vai desestabilizar o biopoder instituído para, num segundo momento, provocar um movimento re-organizador com consequências médicas, sociais e políticas”. No campo da medicina, o conceito de doença se fortalecera a partir de metáforas militares, uma vez que ela é definida como um “invasor do corpo”, um “mal”, “um inimigo” a ser “combatido”, e os doentes “abandonados” no “território invadido” como soldados fora de combate. Para Sontag (2007, p. 75):

A utilização da guerra como oportunidade para a mobilização ideológica em massa faz da idéia de guerra uma metáfora adequada para designar qualquer campanha cujo objetivo seja apresentado como a derrota de um “inimigo”: já tivemos uma guerra à pobreza, agora substituída pela “guerra às drogas”, bem como guerras dirigidas a doenças específicas, como o câncer. O abuso da metáfora militar talvez seja inevitável numa sociedade capitalista, uma sociedade que cada vez mais restringe o alcance e a credibilidade do apelo aos princípios éticos, que acha absurdo o indivíduo não sujeitar suas ações ao cálculo do interesse próprio e do lucro.

Seu potencial epidêmico levantou inúmeras indagações por diversos campos do conhecimento. Nos conturbados primeiros anos da crise, houve uma corrida (ou seria uma caça?) para evidenciar “quem espalhava a doença”, o que gerou uma retomada da metáfora da peste, a partir da vigilância e controle do que seria catalogado como comportamento de risco. O modo como esse “ruído” foi discursivamente produzido, distribuído, embalado e consumido global e midiaticamente se insere no que definimos sob a égide da aids-entretenimento, dispositivo e elemento fulcral da estrutura social analisada no cenário de suas epidemias.

A noção de metonímia é aqui fundamental, pois, em um processo de contiguidade, sujeito, vírus, doença e morte serão indistinguíveis e funcionarão como signos complementares e difusos para a constituição da identidade das pessoas que vivem com HIV nas etapas mais críticas das crises da aids. As representações seguiam a lógica da narrativa temporal que partia do sujeito como risco de morte ambulante e transmissível até a fase aguda com o doente

representado pelo viés da melancolia: a exibição da pele com marcas, tumores e excessiva magreza se soma ao rosto triste, ao olhar profundo e à postura moribunda enquadrados em fotografias e vídeos, isto é, uma midiatização *gore*, em referência ao gênero cinematográfico de horror cuja representação gráfica de sangue, violência e mortes era explícita. Somada ao pânico moral em torno da homossexualidade, havia uma demanda para o consumo das epidemias de aids e de suas vítimas da forma sensacionalista e explícita que as imagens eram veiculadas. Esse é o caldo simbólico perfeito para a emergência do leproso do final século XX: *o aidético*.

Um dos aspectos que definem as duas primeiras décadas da aids é a verborragia do aidético. Esse signo vaza por todos os lados, no jornalismo, nos programas de TV, no cinema, na literatura. A identidade será moldada menos pelo conteúdo das pesquisas em torno da doença e mais pela proliferação das imagens visuais e dos textos sensacionalistas que circulavam sobre ela. Ressalta-se que, nesse ponto específico da história, falar em aids é principalmente falar de pessoas e de códigos culturais.

Figura 37: “HIV / AIDS - EU SOU AIDÉTICO?”: Canal “Drew”, 21/5/ 2020



Fonte: [Drew \(2020\)](#)

O artista e ativista brasileiro Drew Persí, em seu canal do *Youtube* “Drew”, lança no título de um de seus vídeos a pergunta “Eu sou um aidético?”. Nele estabelece uma lista de expressões que deveriam cair em desuso, pois seriam inadequadas, obsoletas, politicamente incorretas e estigmatizantes em relação às pessoas que vivem com HIV. Para a composição do vídeo, a partir de um movimento intertextual que recorre a um argumento de autoridade, ele se remete a um documento da UNAIDS²⁸.

Carregado pelas tintas da modalidade (epistêmica e deôntica), a atitude do locutor é expressa seja na certeza, na contundência com que explica ou no apontamento imperativo do

²⁸ Programa das Nações Unidas criado em 1996 com o objetivo de elaborar soluções e ajudar as nações com medidas contra a aids. Mais informações sobre essa terminologia, ver: <https://unaids.org.br/terminologia/>.

que (não) fazer em trechos como “nunca, nunca, nunca fale essa frase, estamos combinados?”, “nunca usem esse termo”, “não se usa mais essa palavra ‘coquetel’...”, “não se diz mais contaminado”, “não se fala mais DST”, “ao invés de... pode se usar...” O vídeo se insere na categoria instrucional, e nele está incutida tanto a avaliação quanto o julgamento dessas expressões a partir de comandos, no sentido da obrigação para a mudança com a recorrente polaridade negativa. Em torno da aids, há toda uma história de estigma, discriminação e violência que dialogam intertextualmente com o termo aidético, por essa razão a carga de avaliação e o tom pedagógico de revisão e negação em relação a esses elementos.

No campo da epidemiologia, sustenta-se não a lógica do afastamento e do isolamento dos indivíduos considerados perigosos, mas o escrutinamento dos seus comportamentos de risco, apesar do pânico contra os nomeados como grupos de risco circular virulentamente. Empreende-se uma cartografia social da aids: o comportamento sexual passa a ser alvo de mapeamentos epidemiológicos, com ênfase na universalização do paradigma da promiscuidade (principalmente associado a homossexuais masculinos). Nesse sentido, o fantasma do aidético circula não apenas como medo da doença, mas como temor de tornar-se esse “outro” também doente de “homossexualismo”, isto é, havia uma sobreposição de patologias (a homossexualidade só viria a ser retirada da CID pela OMS em 1990).

O vazamento do signo “aidético” representa não apenas a carga de estigma que preenche o termo ou o imenso volume de conteúdo em torno dele, mas o fato de que a sexualidade humana será atravessada pelo paradigma que se impôs através das epidemias de aids. Em um sentido mais profundo igualmente a afetividade, afinal, nossas identidades são também construídas pelo desejo, pelo toque, pelo afeto. A partir daquele momento, todo contato humano passa a ser mediado pelo risco indistintamente, o que torna a aids uma doença de todos nós. Apesar dessa chave interpretativa da doença afetando toda a humanidade, a epidemia atingia, sobretudo, grupos vulneráveis, seja do ponto de vista médico, seja do simbólico, nas figuras de vítimas e, principalmente, culpadas. Dessa forma, a aids transformou-se em um instrumento de ataque contra homossexuais e sua sexualidade, o que contribuiu para que o preconceito ganhasse força. Os homossexuais eram culpabilizados pela doença, conforme demonstrado na reportagem da Folha de S. Paulo, de 8 de junho de 1983 intitulada “‘Doença dos homossexuais’ atinge o país”, na subseção “promiscuidade”:

O Dr. Nelson Figueiredo Mendes informa que a doença surge sobretudo entre os homossexuais devido à promiscuidade sexual. Acredita-se que o agente transmissor esteja localizado no sangue. No caso dos homossexuais, pesquisas realizadas nos Estados Unidos indicam que o alto índice de contaminação se deve provavelmente pelo fato de a mucosa do reto não ter proteção com

anticorpos. Daí haveria a absorção pela mucosa do vírus que existiria no sêmen. A incidência maior entre homens sobre as mulheres é explicada pelos médicos como sendo “um vírus que tem preferência pelo sexo masculino” (Folha de S. Paulo, 1983, p. 15 *apud* Lima, 2014, p. 34).

O aidético como arquétipo tornara-se um produto embalado para o consumo em revistas, jornais, programas e séries de TV e livros, mas encontra uma narrativa de fundação e o estofado no discurso médico em torno da “origem do mal” direcionado a uma pessoa. Na década de 1980, a partir do equívoco de interpretação sobre um estudo epidemiológico e da divulgação e popularização através do livro “And the band played on” (2011 [1987]) de Randy Shilts, criou-se o mito do *paciente zero da aids*, o homem que disseminaria o vírus HIV na América do Norte e, por conseguinte, no mundo, se seguirmos a linha da lógica euro-norte-americana da narrativa.

Um artigo publicado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (*Centers for Disease Control and Prevention* – CDC, na sigla em inglês)²⁹ dos Estados Unidos anunciou oficialmente a aids ao mundo em 1981. O objeto de estudo era um grupo de cinco homens jovens, relatados como homossexuais com vida sexual ativa, cuja análise do relatório médico continha a descrição de diversas infecções comuns que os acometiam. Logo em seguida, a patologia foi intitulada pelas autoridades médicas e científicas como uma imunodeficiência relacionada aos homossexuais masculinos (GRID – *gay-related immune deficiency*)³⁰ ou como “câncer gay” e “peste gay” pela imprensa (somente em 1982, viria a público o termo aids³¹). Enquanto em países de língua espanhola e em Portugal adotou-se o termo “sida”, no Brasil manteve-se a sigla em inglês, o que aponta como cada escolha lexical era delicada e importante naquele momento. Segundo os pesquisadores Lindinalva Laurindo-Teodorescu e Paulo Roberto Teixeira (2015a), em obra que compila e discute histórias da aids no Brasil a partir das respostas governamentais e da resposta da sociedade civil, os membros técnicos e políticos da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, ao montarem equipes de trabalho para a discussão a respeito do problema, decidiram o uso do léxico aids no país (reunião do dia 14 de julho de 1983):

29 Para mais informação, Centers for Disease Control (CDC). (June 1981). "Pneumocystis pneumonia – Los Angeles". MMWR Morb. Mortal. Wkly. Rep. 30 (21): 250–52. PMID 6265753. Disponível em: https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/june_5.htm.

30 I) Centers for Disease Control (CDC). (June 1982). "A cluster of Kaposi's sarcoma and Pneumocystis carinii pneumonia among homosexual male residents of Los Angeles and Orange Counties, California". MMWR Morb. Mortal. Wkly. Rep. 31 (23): 305–07. PMID 6811844. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/00001114.htm>; II) Clue Found on Homosexuals' Precancer Syndrome. The New York Times, June 18, 1982. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1982/06/18/us/clue-found-on-homosexuals-precancer-syndrome.html>; III) Houve outros termos correlatos como “gay compromise syndrome”: “Attempted immune stimulation in the “gay compromise syndrome””. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1500058/>.

31 Primeiro uso do termo aids: “Current Trends Update on Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS) -- United States” (CDC, 20230).

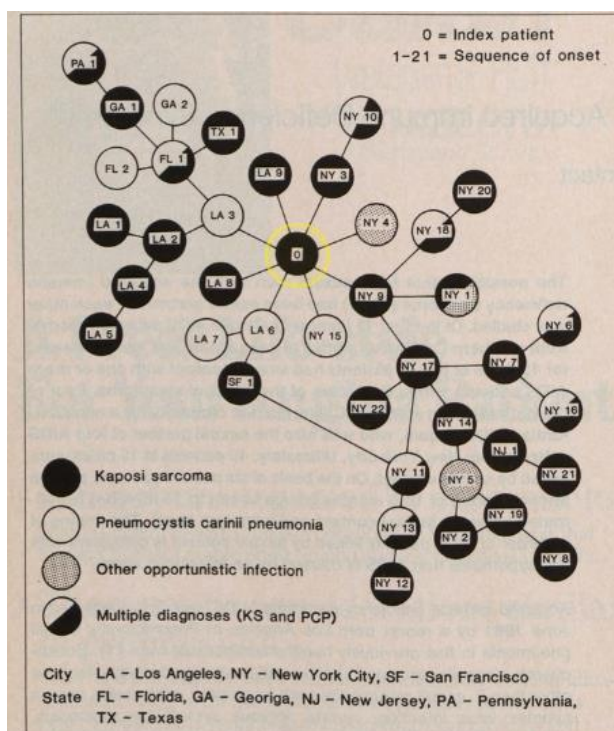
Um dado que chama atenção nas anotações dessa reunião é que, naquele momento, cogitava-se utilizar a sigla SIA, no lugar de sida, para denominar a doença no Brasil. A possibilidade foi aventada porque começavam a surgir piadas e comentários jocosos que substituíam a sigla por “Cidinha”, nome que remete ao tratamento afetuoso de mulheres chamadas Aparecida. Pouco depois, a secretaria decidiu adotar a sigla Aids que, rapidamente, havia se tornado conhecida pela população graças aos meios de comunicação (Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015a, p. 54).

A tessitura dessa narrativa encontrou um rosto oficial para nomear como culpado e ponto de origem da epidemia que causava pânico por conta do desconhecimento inicial de sua etiologia, em virtude do rápido lastro de informações falsas que circulavam e devido à quantidade de adoecidos e mortos que se acumulavam. Essas são as pistas da *emergência* da aids e da constituição gradativa de um símbolo coletivo no contexto do Ocidente e de suas mídias hegemônicas.

Gaétan Dugas foi um comissário de bordo canadense que faleceu de complicações decorrentes da aids em 1984. Em 1982, ele fez parte de um estudo americano que mapeava e traçava a relação de contatos sexuais entre os investigados, homens com sarcoma de Kaposi e pneumonia por *Pneumocystis carinii* nos Estados Unidos³². A pesquisa foi publicada em 1984 e buscava evidenciar que a infecção por HIV ocorria principalmente pela via sexual ao estabelecer nexos entre um grupo de pacientes dos Estados Unidos (ela menciona que parte dos participantes já havia morrido naquele instante da publicação). Dugas foi assinalado como “paciente O” (que significava “*out-of-California*”), mas foi imprecisamente lido e difundido como paciente 0 (zero), informação confirmada em entrevista somente em 2018 por William Darrow, um dos pesquisadores que assinam a pesquisa (Mckay, 2014). Em todo o texto do artigo, a letra foi trocada pelo número.

³² Map of sexual contacts among homosexual men with AIDS, from William Darrow, PhD, *et al.*, “Cluster of Cases of the Acquired Immune Deficiency Syndrome,” *American Journal of Medicine*, March 1984 (Darrow, 2018).

Figura 38: O “paciente zero” como fonte de transmissão



Fonte: Auerbach *et al.*, 1984, p. 488

A descrição da figura detalha a conexão entre os contatos sexuais de homens homossexuais com diagnosticados com aids. Ela explicita que:

[...] cada círculo representa um paciente com AIDS. As linhas que conectam os círculos representam exposições sexuais. A cidade ou estado indicado é o local de residência do paciente no momento do diagnóstico. “0” indica paciente 0” (descrito no texto) (Auerbach *et al.*, 1984, p. 488, tradução minha).

No texto do artigo ele é mencionado como exemplo do “portador” que corroboraria com a hipótese de a aids possuir um agente infeccioso transmissível como o vírus da Hepatite B (nessa época, o HIV ainda era desconhecido) e a “possível fonte da aids” para, no mínimo, três homens da rede. As lexicalizações “fonte” e “portador” foram extraídas do artigo científico e recontextualizadas por meio da rede de gêneros que desembocaram nos gêneros de governança relacionadas às mídias de massa (no jornalismo e na literatura).

Nessa rede intergenérica, conhecimento científico e jornalismo se imiscuíam, com este sendo a “voz” com a credibilidade do primeiro e atuando consistentemente na globalização do discurso em torno do “paciente 0” (Fairclough, 2003, p. 33-34). Em termos de representação, essa recontextualização em torno dos eventos e atores sociais tratados na referida publicação acentuavam ideologicamente pela fragmentação e expurgo do outro, o referido personagem e a

trama criada em torno dele sobre ser, por um lado, a origem da epidemia de aids (fonte), por outro, um deliberado disseminador do agente infeccioso (portador).

A principal mídia para a propagação dessa narrativa foi o livro *“And the band played on”*, lançado em 1987 pelo jornalista Randy Shilts e publicado aqui no Brasil pela Editora Record no mesmo ano com o torpe título *“O prazer com risco de vida”*. O comissário de bordo canadense foi retratado como *“o monstro que trouxe a aids para a América”*, um sociopata, narcisista, pervertido e *“impulsionado pelo ódio de si mesmo e por uma confusão interna”* (Shilts, 2011, p. 550) que teria viajado pelo mundo deliberadamente contaminando pessoas, inclusive apelidado na obra de *“Maria Tifoide Gay”*³³, pois *“sexo não era apenas sexo para Gaetan; sexo era quem Gaetan era – a base de sua identidade”* (Shilts, 2011, p. 839-840).

O livro narra com detalhes literários (descrição com trama, personagens, cenários, tempo e diálogos) suas aventuras sexuais por saunas gays, a compulsão sexual e o sadismo diante da transmissão deliberada de *“câncer gay”* (o autor agradece às fontes anônimas, algumas as quais teriam convivido com Gaetan Dugas, e explica que não houve ficcionalização no processo de escrita de tais cenas³⁴):

Foi nessa época que começaram os boatos na Castro Street [São Francisco, EUA] sobre um cara estranho na casa de banhos da Eighth com a Howard, um loiro com sotaque francês. Ele fazia sexo com você, acenderia as luzes do cubículo e apontaria as lesões do sarcoma de Kaposi. *“Eu tenho câncer gay”, ele dizia. “Eu vou morrer e você também.”* (Shilts, 2011, p. 227, tradução minha, destaques meus).

Consequentemente, ele foi usado como bode expiatório para a aids: jornalistas, operadores do direito, historiadores, médicos e a opinião pública como um todo reproduziram isso como verdade absoluta (Mckay, 2014). Apesar de haver contestações na época, a versão do livro arrasa-quarteirão em vendas foi a mais difundida, tornando-se filme produzido pelo canal HBO no ano de 1993. No mesmo ano, era lançada outra produção, um filme musical canadense intitulado *“Zero Patience”*³⁵ que contestava o mito e propunha a sua ressignificação

³³ Famoso caso nos Estados Unidos da primeira década do século XX, Mary Mallon ficou conhecida como *“Maria Tifoide”*, porque, supostamente, mesmo estando (praticamente) saudável, continuou transmitindo a doença (Miranda, 2020).

³⁴ *“Este livro é uma obra de jornalismo. Não houve ficcionalização. Para fins de fluxo narrativo, reconstruo cenas, conto conversas e ocasionalmente atribuo observações a pessoas com frases como “ele pensou” ou “ela sentiu”. Tais referências foram extraídas das entrevistas de pesquisa que conduzi para o livro ou de pesquisas realizadas durante os anos em que cobri a epidemia de AIDS para o San Francisco Chronicle”* (Shilts, 2011, p. 800, tradução minha).

³⁵ *Zero Patience* (1993): Diretor: John Greyson; sinopse: *“O fantasma de Zero – “paciente zero”, que supostamente trouxe o HIV/AIDS para o Canadá – se materializa e tenta entrar em contato com velhos amigos. Enquanto isso, o explorador vitoriano Sir Richard Burton, que bebeu da Fonte da Juventude e agora trabalha como taxidermista-*

a começar pelo jogo de palavras do seu título (“paciente zero” / “paciência zero”), apesar de bem menos difundida e acessível que o livro de Shilts e sua adaptação fílmica, o que aponta o cenário de uma luta hegemônica em torno da narrativa de fragmentação/expurgo do outro, explicitada na metáfora da “origem do mal” no mito do paciente zero, apesar do desequilíbrio dessas forças.

Figura 39: “O monstro que nos deu a aids”: frame de manchete de jornal da época no filme “Killing Patient Zero”



Fonte: Brook (2019)

Pesquisas recentes como a do historiador Richard McKay (2014) e da equipe liderada pelo biólogo Michael Worobey (2016) provaram tanto do ponto de vista historiográfico quanto da biologia que a narrativa do sociopata perverso fonte da epidemia de aids era inconsistente. Na imprensa mundial, a repercussão foi bastante efusiva e gerou matérias mencionando a falácia do paciente zero e a “inocência” de Dugas (G1.com, 2016; Howard, 2016); em 2019, um documentário intitulado “Killing Patient Zero” de 2019 foi lançado sintetizando essa história e as investigações acima citadas. Com o entendimento sobre o processo de incubação do vírus, a tese do paciente zero foi apontada um erro, haja vista a prova genética de que o HIV já circulava em território americano em anos anteriores, constatações que vieram mais de 30 anos depois. Com efeito, a ultraexposição dessa personagem tentou estabelecer relações metonímicas entre: 1) a personagem Gaétan Dugas e a de grupos identitários sexo-dissidentes, mais especificamente os homossexuais masculinos, então marcados socialmente pela relação entre suas identidades e sociopatia, perversão, vetor de doenças e amoralidade; e 2) ambos ao vírus, à aids e à epidemia de aids. Reforça-se que a homossexualidade ainda era listada na Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde.

A falência da linha de coerência histórica estabelecida durante décadas a partir dessa narrativa é um exemplo singular de como alguns pilares são constituídos por saberes

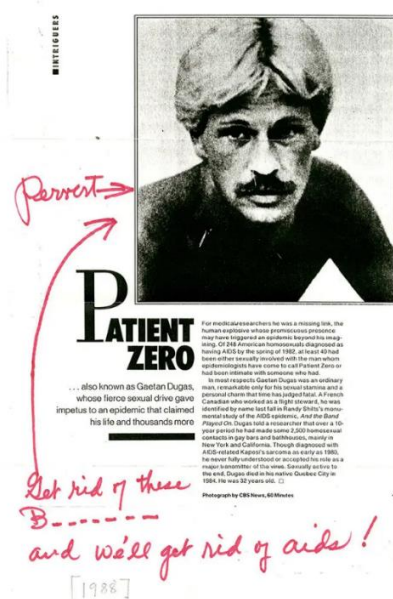
chefe no Museu de História Natural de Toronto, tenta organizar uma exposição sobre o vírus” (Zero, 2018, tradução minha).

hegemonizados (ciência, mídia etc.) e instituições, permanecendo intocáveis por anos. O trabalho de desconfiança das pesquisas genealógica e do campo dos Estudos do Discurso é o de, a partir de suas pontas soltas, escarafunchar minuciosamente sua estrutura, puxar os fios e as formações discursivas e estabelecer conexões com as ações institucionais do Estado, da mídia, dos órgãos de pesquisa etc. Segundo Mckay, o apelo em torno do mito do paciente zero da aids inseriu-se:

[...] no momento histórico em que a figura do deliberado e malicioso propagador de aids, que vinha se formando de maneira um tanto incipiente no início de 1987 baseada nos medos previamente existentes das pessoas com AIDS, se enraizava na imaginação do público. Significativamente, essa figura agora tinha um nome e, após um especial em um noticiário de televisão de 60 minutos em novembro de 1987, um rosto transmitido nacionalmente a quem o público precisava de proteção. Além disso, esse caso histórico forneceu aos advogados um exemplo poderoso de um malicioso espalhador de doenças que lhes permitiu contornar as dificuldades enfrentadas em tribunais para estabelecer dolo e intenção de infectar outrem (Mckay, 2014, p. 187, tradução minha).

Figura 40: “Pervertido”: página riscada da edição “The 25 Most Intriguing People of '87”.

Revista People, 28 de dezembro de 1987



Fonte: Biblioteca (1987)

Em “Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”, obra seminal sobre a história das vivências e identidades sexuais e de gênero dissidentes no país, João Silvério Trevisan (2018) dedica várias seções à questão da aids e seu impacto na então comunidade homossexual. A onda de violência disseminada pelas mídias mundialmente e aqui

reverberada no mesmo tom se alinhou à violência crescente, inclusive com anuência do Estado, como quando o prefeito da cidade de São Paulo (1986-1989) Jânio Quadros iniciou uma campanha para “moralizar o centro da cidade”, enquanto a Polícia Civil de São Paulo perseguia e prendia travestis por “crime de contágio venéreo” na chamada “Operação Tarântula” (mais uma vez o uso do recurso de associação catacrética com um animal venenoso), que visava “diminuir a propagação da aids” (Trevisan, 2018, p. 416). O clima de temor dentro das comunidades gênero e sexo dissidentes fez com que a sociabilidade em guetos se esvaziasse, que o contato fosse mediado pelo medo. Das narrativas de pânico sobre a nova epidemia ao pânico moral provocado pela imprensa local sensacionalista, o clima se tornara com a passagem dos anos hostil e arriscado, pois:

No final da década de 1980 e início dos 1990, os assassinatos contra homossexuais se multiplicaram assustadoramente nas maiores cidades do país. Como os métodos empregados eram semelhantes, chegou-se a aventar a hipótese da ação articulada de um esquadrão homofóbico. Isso não ficou comprovado. Na verdade, tais “crimes de ódio” podiam inserir-se num *clima geral de pânico da aids*, que atingiu seu pico nesse período (Trevisan, 2018, p. 369).

Da figura do sociopata pervertido às imagens deterioradas dos corpos definhando emerge a raivosa, porém articulada, imagem do *sujeito político soropositivo, o ativista de aids*. As epidemias de aids (do vírus, de adoecimento e de estigmas) exigiram a concentração de esforços na contenção da quantidade de cadáveres que se acumulavam, ao mesmo tempo em que recrudesciam discursos reacionários que incidiram na interdição de direitos, reprodução de violências e retroalimentação de conflitos sociais em larga escala.

A nova condição sorológica impunha a essas pessoas através do rótulo do “aidético” o lócus da abjeção. Diante da iminência do adoecimento, esconder-se não era para muitos uma opção. Essa confissão, principalmente no contexto da crise aguda, rompia o forçoso armário a que são impelidas as pessoas que vivem com HIV, o que mobilizou um exercício de contrapoder e até mesmo uma exigência de participação no debate público sobre HIV/Aids, inclusive nos âmbitos médico e científico. Para Pelúcio (2007, p. 121):

Reconstruir uma imagem de si, repensar a própria trajetória, lidar com os medos provocados pela ideia de morte certa que cercava a AIDS e pelo estigma que marcava a doença, associando seus portadores a promiscuidade, levou algumas dessas pessoas a buscarem construir uma nova "identidade". Essas encontraram nas ONGs/AIDS o lócus para essa reconstrução, ou melhor, para a construção da pessoa soropositiva. A partir da assimilação de um novo conjunto de preceitos éticos e morais apreendidos no cotidiano das ONGs/AIDS, essas pessoas passam a orientar a visão que tem de si e da própria doença, formando assim novas subjetividades.

Movidas a partir das demandas por tratamento, prevenção, desestigmatização, formalização de direitos, informação e acolhimento, a politização e a própria experiência subjetiva da aids formam a liga que viabilizou aos ativismos a construção e a rearticulação das identidades políticas soropositivas em contraponto ao estigma de “aidético”, isto é, sinônimo de “cadáver adiado” e vetor de morte (Pelúcio, 2007). Para essas pessoas, não fazia sentido a utopia como projeto político, visto que a urgência foi a base e a impulsão para os seus ativismos. A aids era naquele momento uma doença do tempo, suas fases ditavam uma relação com a morte através do operador argumentativo “ainda”. As estratégias de enfrentamento às epidemias de aids dialogavam com os mecanismos do “mercado cultural” da globalização e da cultura de massa em pleno desenvolvimento.

A imagem torna-se estratégia fundamental nessa disputa, seja através de cartazes e vídeos, seja através de manifestações organizadas como performance. Se a doença e suas epidemias são marcadas por guerras no campo das simbologias, os movimentos sociais em torno do problema também serão construídos utilizando essas táticas, e as metáforas bélicas serão essenciais nessa disputa pela vida, e também por imaginários coletivos. As ações desses grupos em diversas partes do mundo foram marcadas pela beligerância, uma urgência por conta da letalidade da aids, além do impacto decisivo que sua pressão gerou em termos de formulação de políticas públicas e (des)construção em torno da identidade de quem vive com HIV (Pereira; Nichiata, 2011). Para Gregg Bordowitz³⁶, escritor, artista visual e ativista que atuou no movimento social de aids ACT UP (*Aids Coalition to Unleash Power*):

Quando as circunstâncias exigem que medidas drásticas sejam adotadas, os ativistas de mídia independente assumem um papel central. Essa função é dupla: ajudar outros ativistas a esclarecer suas posições e objetivos e representá-las para o mundo. Adotando a agenda dos ativistas de AIDS, os ativistas de mídia fazem propaganda armada. Vídeo-ativistas estão em todos os lugares enfrentando os mesmos desafios. Devemos questionar as estruturas estabelecidas pela mídia. Devemos criar novas maneiras de fazer e distribuir mídia. Devemos trabalhar em direção a formas participativas de representação que incorporem as pessoas ao processo de comunicação. [...] *O movimento de AIDS, como outros movimentos radicais, cria a si mesmo enquanto tenta se representar.* [...] O desafio mais significativo para o movimento é a construção de coalizões, porque a epidemia de AIDS gerou uma comunidade de pessoas que não podem deixar de se reconhecer como uma comunidade e agir como uma (Bordowitz, 1987, p. 184 e 195, tradução minha).

³⁶ Gregg Bordowitz participa da importante coletânea oitentista sobre aids, arte e ativismo cultural, intitulada "AIDS: Cultural Analysis/Cultural Activism" (1987). Ele é escritor, artista visual e ativista e atualmente trabalha como professor no departamento de Vídeo, Novas Mídias e Animação na Escola do Instituto de Arte de Chicago, se autointitulando como vídeo-ativista. Ele construiu no interior da ACT UP (*Aids Coalition to Unleash Power*) uma série de produtos audiovisuais que compuseram estratégia basilar no ativismo da organização.

Figura 41: Silêncio = morte: policiais retiram membros do ACT UP que realizavam um protesto dentro do corredor do Capitólio do Estado de Nova York, em Albany, em 28 de março de 1990



Fonte: Sanches (2019)

O exercício radical de criação de si e autorrepresentação em meio a uma grande crise foi a mola propulsora dos movimentos sociais de aids, que utilizaram a performance, as artes visuais e outros recursos midiáticos como estratégias de visibilização e enfrentamento para a crise sem precedentes que aquelas comunidades, principalmente a de homens guéis e pessoas trans atravessavam. A aids como tragédia não apenas empurrou esses grupos sociais para a cinzenta zona da abjeção e da morte, mas também estabeleceu suas existências como parte do corpo social e não em uma dimensão paralela. Atualmente, ativistas em cenários digitais ocupam páginas de internet, blogues e, principalmente, as redes sociais, espaço multimidiático que possibilita a conexão com multidões e a rápida disseminação de informação, debates e a exibição de outras faces representando as pessoas vivendo com HIV, destoantes da representação melancólica *mainstream* que marcou as primeiras décadas. A epidemia de discursos e informações não disseminou apenas estigma, mas fez com que forçosamente alianças surgissem, diálogos se estabelecessem e novos rostos fossem vistos:

La crisis del sida puso de manifiesto que la construcción social de los cuerpos, su represión, el ejercicio del poder, la homofobia, la exclusión social, el colonialismo, la lucha de clases, el racismo, el sistema de sexo y género, el heterocentrismo, etc., son fenómenos que se comunican entre sí, que se producen por medio de un conjunto de tecnologías complejas, y que la reacción o la resistencia a esos poderes exige asimismo estrategias articuladas que tengan en cuenta numerosos criterios: raza, clase social, género,

inmigración, enfermedad... criterios fundamentales de lucha que ponen sobre la mesa las multitudes queer (Saéz, 2007, p. 69).

Nos Estados Unidos, surgiram movimentos sociais que foram fundamentais na luta contra as formas de discriminação e preconceito que acompanharam a epidemia da aids, seja pela radicalização de seus métodos, seja pela disseminação dos mesmos pelo mundo. Em meados da década de 80, surgem organizações como a *Gay Men's Health Crisis* e a *Aids Coalition to Unleash Power* (ACT UP), que pautavam suas ações em mobilizações através da distribuição de panfletos informativos sobre o contexto da aids no país e no mundo, invadiam eventos de cunho científico e governamentais com o intuito de combater toda forma de preconceito e estigmatização sofrida pelos indivíduos acometidos pela moléstia, dentre outras ações, com o objetivo de visibilizar e defender os direitos das pessoas que sofriam com a crise.

Esses grupos foram notabilizados por suas manifestações chocantes. Destaca-se como uma das mobilizações marcantes do ACT UP a intervenção dos integrantes nas emissoras de televisão CBS e PBS no período da Guerra do Golfo, em 1991, opinando durante os telejornais do horário nobre, com posição contra a guerra aos árabes e a favor da luta contra a aids, jogando as cinzas de pessoas falecidas por conta da aids no gramado da Casa Branca ou invadindo prédio governamentais, por exemplo. As ações desses movimentos sociais tiveram impacto no desenvolvimento de políticas públicas e no tratamento do HIV³⁷.

Figura 42: Coletivo artístico *Gran Fury*, 1988



Fonte: Dakrólak (2014)

³⁷Mais sobre essas histórias em: 1) Linha do tempo com ações da ACT UP: <https://actupny.org/documents/capsule-home.html>; 2) Reportagem sobre a ACT UP: <https://www.npr.org/sections/health-shots/2019/02/09/689924838/how-to-demand-a-medical-breakthrough-lessons-from-the-aids-fight>; 3) Reportagem sobre o documentário “How to Survive a Plague”, que narra a experiência da ACT UP: https://www.youtube.com/watch?v=E_qDvutZLqU.

No Brasil, os primeiros casos de aids foram registrados no início dos anos 1980, no contexto da redemocratização do país e do declínio da ditadura cívico-militar. Aos setores conservadores da sociedade, a doença significava o castigo da liberação da década de 70 e o término das ideologias da contracultura divulgadas pelo lema “Sexo, Drogas e Rock’n Roll”. Se “peste *gay*”, o “câncer *gay*”, o “Mal do Século” e outras expressões tornaram-se frequentes no diálogo entre a população, a sorofobia se sobrepôs e ampliou a lgbtobia, o racismo, a xenofobia e a putafobia³⁸.

Como exemplo das mobilizações internacionais, as agendas de luta no Brasil se expandiam e os movimentos sociais destacavam as contradições presentes no cenário socioeconômico. Destaca-se nesse cenário um dos movimentos homossexuais pioneiros no Brasil chamado SOMOS – Grupo de Afirmação Sexual. Um de seus principais objetivos era protestar contra o estigma disseminado com a proliferação da crise da aids. Uma das mais relevantes conquistas do SOMOS foi o convite da Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo para participação em ações de vigilância epidemiológica e de educação em saúde, além da formalização da inclusão do movimento homossexual na discussão do planejamento das políticas públicas relacionadas à população LGBTQ+ e à infecção pelo HIV/Aids (Pereira; Nichiata, 2011).

Envolvidos com as repercussões da epidemia em suas vidas, diversos grupos organizaram movimentos para o enfrentamento do preconceito, da discriminação, na luta por Direitos Humanos e pela importância da solidariedade. Dentre as organizações sociais, destacam-se outras quatro que apresentaram importante inserção política nas respostas à aids: o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA), a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), o Grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids (Pela Vida) e o Apoio Religioso Contra Aids/Instituto de Estudos da Religião (ARCA/ISER). Em todos, enfatizam-se ações marcadas pela beligerância, uma urgência por conta da letalidade da aids, além do impacto decisivo que sua pressão gerou em termos de formulação de políticas públicas e (des)construção em torno da identidade de quem vive com HIV (Pereira; Nichiata, 2011). No entanto, todos os movimentos sociais gays ou homossexuais, como eram intitulados na época, foram instados a se integrar às políticas e campanhas de resposta à aids, atuando com o problema *in loco*. Mas foi somente em 1988 que:

Depois de muita hesitação, o Ministério da Saúde criou o Programa Nacional de Prevenção e Controle da Aids. Em meio a tropeços e cabeçadas, que geraram repetidos protestos e pressão dos grupos de ativistas e soropositivos

38 O termo faz referência à violência e à discriminação direcionada às pessoas profissionais do sexo.

em todo o país, a política de aids abriu-se para várias frentes, muitas vezes corajosamente, organizando grupos de trabalho nos próprios focos críticos de contágio, como locais de prostituição, nas ruas e nos portos, e pontos de consumo de droga injetável (Trevisan, 2018, p. 418).

Figura 43: Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS no Rio de Janeiro em 1994



Fonte: Pela vida (1994)

Os movimentos sociais de diversidade sexual e de gênero haviam insurgido no ínterim da segunda metade do século XX com uma organização e um fulgor inéditos. As pessoas de sexo e gênero diversos, independente da adesão a coalizões políticas, viviam a ebulição do período relativo às revoluções culturais de âmbito identitário, mais especificamente as afetivossexuais. As disputas nesse campo sempre envolveram inúmeras, difusas e complexas pautas que até hoje promovem rupturas nas esferas cultural, ética, jurídica e afetivossexual. As epidemias de aids, no entanto, exigiram a concentração de esforços na contenção da quantidade de cadáveres que se acumulavam, ao mesmo tempo em que recrudesciam discursos reacionários que incidiram na interdição de direitos, reprodução de violências e retroalimentação de conflitos sociais em larga escala.

Nesse contexto, os movimentos sociais de aids eclodem na emergência de uma crise, mas em consonância com o *zeitgeist* que compreende as pautas políticas que questionam o enquadramento monolítico do proletariado e a égide universal da luta de classes como paradigmas. A experiência como ponto de partida, os embates no campo cultural, as motivações de foro pessoal e íntimo, a pluralização de identidades e arenas de batalha complexificam as formas de se fazer política.

Figura 44: Ativistas na marcha do Orgulho Gay de Nova York, 1983



Fonte: NPR (2018)

Figura 45: Cartazes representando o número de vítimas da AIDS em uma manifestação no Central Park, Nova York, 1983



Fonte: Fitzsimons (2018)

A ideia de coalizão envolve a noção de multidões, que põe na mesa numerosos critérios de existência como raça, classe social, gênero, imigração, enfermidade etc. (Saéz, 2007), a partir da proliferação e exibição de seus rostos, histórias e motivações narradas sob seus pontos de vista, em uma explícita disputa com as representações hegemônicas de aids como peste ou câncer.

Figura 46: HIV/AIDS - Por que continuamos lutando? - Dezembro Vermelho



Fonte: [Cezimbra \(2020\)](#)

A imagem que representa o conteúdo do vídeo antes do clique é uma interpelação que será respondida por cada participante dele. Situado no canal do ativista digital Leo Cezimbra, a peça reúne diversos ativistas respondendo à questão posta no título. Nele, há uma montagem de vários vídeos gravados separadamente em que cada participante passa ao outro, ao lançar sua resposta, o símbolo do laço, que representa o enfrentamento às epidemias de aids e será aqui esmiuçado oportunamente. Destaco que a noção de conexões em redes que se vislumbra nesse vídeo será importante para a compreensão dos net-ativismos de aids, pois diferente dos movimentos sociais tradicionais, visto que:

A complexidade de tal interação é visível na ecologia das interações dos movimentos net-ativistas. De fato, a grande maioria deles nasceu nas redes e a partir dos *social networks* e, mesmo ganhando formas visíveis nas ruas, preserva a sua dimensão conectiva, transformando continuamente suas estratégias e estruturas, reconfigurando os próprios objetivos, descobrindo novas finalidades e formas agregadoras durante a disseminação de suas ações. Adquirindo forma, ainda, a partir dos dinamismos dos fluxos informativos e do poder heteronômico das conexões, e não de uma anterior e estratégica posição identitário-ideológica (Di Felice, 2020, p. 31).

O processo “lutar” no contexto desses ativismos é fluido e compreende tanto a ação, a materialização de iniciativas no cotidiano de quem integra as fileiras de alguma militância, individual ou em grupo, quanto a idealização e metas que fundam e guiam os projetos. Portanto, situa-se entre uma perspectiva material e mental. Apesar dessa linha tênue entre utopia e ação atravessar os ativismos de aids, o pragmatismo e a urgência serão as marcas de suas ações. Na descrição do vídeo, o canal explicita que o uso da expressão lutar deve ser compreendido “não no sentido de ser um termo bélico, mas sim como um símbolo das ações de empenho e esforço por conquistas históricas na epidemia de Aids!”, provavelmente em uma referência ao ensaio de Susan Sontag questionando o uso de metáforas bélicas para a aids. Na referida luta, são mencionados “ativistas, militantes, voluntários, YouTubers, mães, médicos e PVHA (pessoas vivendo com HIV)” como os seus personagens basilares, também estratificados a partir de suas pluralidades identitárias: “Nós, pessoas de diferentes raças, credos, gêneros, orientações sexuais, regiões e sorologias, unimos nossas vozes para retomarmos a importância de LUTAR UNIDOS em prol de uma só CAUSA!”. O “Dezembro Vermelho”, mês dedicado à discussão sobre HIV e aids, provoca nos ativistas digitais de aids uma grande movimentação, com mais criação de conteúdo, participação em eventos presenciais e colaborações entre diversos atores em suas plataformas. As conexões nas diversas plataformas de redes sociais se estabelecem entre ator e rede a partir de sua constante alimentação, renovação de conteúdo e dessas interações que ocorrem com outros membros da rede de ativistas/influenciadores digitais de

aids, sempre de uma forma mais fluida, dispersa, mas interconectada entre muitos participantes, haja vista que:

O caráter impermanente e temporário (BEY, 2001) do ato conectivo nos leva a definir o net-ativismo como a dimensão de um agir “não institucional” que ganha forma desenvolvendo agregações e redes e que tende, após a desagregação, ao próprio desaparecimento, substituindo, assim, a dimensão política do poder pela dimensão ecossistêmica e interativa própria dos organismos vivos e das formas emergentes de adaptação aos contextos abertos (Morin, 2011) e interativos (Di Felice, 2020, p. 32).

Em paralelo e concomitante ao arquétipo contemporâneo do ativista nas redes digitais está o do *doente crônico*. O exame positivo para o HIV tornou-se o passaporte para o mundo da doença, esse lugar genérico no qual não importa onde começa o vírus e termina o ser. Entre um e outro, a aids se faz presente discursiva e emocionalmente, mesmo ausente naquele corpo. Não faz mais diferença. Descoberto precocemente, o vírus é eficientemente contido e perenemente controlado a partir das multiterapias disponíveis e as chances de transmissão são nulas. No entanto, paira sobre as pessoas que vivem com HIV as facetas binárias do “ser doente” e do indivíduo que põe em risco outras pessoas por conta de seu *status* sorológico (vítima e algoz). Esse entrelugar foi alicerçado por décadas através da referida epidemia de estigmas e significados; ela segue em disputa, porém continua a produzir um estado de desorientação subjetiva que afeta enfaticamente pessoas sexo e gênero dissidentes.

Até a metade da década de 1990, os tratamentos ainda eram pouco eficientes, e viver com HIV significava experienciar a morte-própria a partir de uma relação com o tempo estabelecida com base em outros parâmetros. A iminência da morte forçava uma experimentação intensa com o presente, haja vista a insegurança quanto ao futuro. Assim, a perda desse futuro e a consciência do uso do presente promovia uma descronologização do tempo, uma ausência de diferença entre o “ontem”, “hoje” e “amanhã”. Nas narrativas autobiográficas da época, evidencia-se uma nova relação com a vida, em um processo de fruição singular dela, não em uma espera passiva da morte.

O *status* de cronicidade gerou a expressão “pessoa vivendo com HIV”, que nos remete à complexa relação das pessoas vivendo com HIV com seu “hóspede”. A medicação permanente produz cada vez menos efeitos secundários, mas a medicalização diária enseja uma produção farmacológica de si. Um exemplo disso seria a obsessão das pessoas que vivem com HIV com a quantificação das células TCD4, que evidencia o estado de imunidade e tornar-se um cartão de identidade para elas (sua oscilação gera apreensão, desespero ou tranquilidade). Vida e morte são quantificadas, sintetizadas por números em um protocolo médico.

Surge, então, o questionamento: como ressignificar a ideia da convivência com o “hóspede” HIV? A metáfora de corpo como morada é também significativa para pensarmos o cuidado com o eu. As doenças produzem efeitos significativos sobre a consciência no corpo e o HIV, por mais que do ponto de vista médico tenha alcançado o estatuto de problema crônico, ainda produz subjetivações danosas que reverberam em adoecimento mental e fisiológico, seguindo em ciclos de destruição. Corrijo-me, o HIV definitivamente não é o responsável pelo tecido sociodiscursivo construído em torno de si. Desse modo, no espaço-tempo contemporâneo da autoexploração e da autoexposição:

[...] o corpo-próprio (no sentido fenomenológico) deu lugar ao “corpo-acessório”, um fardo que temos que carregar mas que não nos pertence [seria ontologicamente distinto e separado do sujeito]. Já não somos um corpo, que é frágil, que adocece, que envelhece e daí a vontade de o transformarmos e, mesmo, de o dispensarmos (Carvalho, 2010, p. 169).

A cisão entre a pessoa que vive com HIV e seu corpo ocorre na medida em que esse é manipulado e reduzido a objeto pelas técnicas médicas de dissecação por exames de sangue, imagem, códigos de doença e quantificações. Perde-se dignidade na compreensão do corpo como receptáculo. Portanto, retorno então à conceptualização de *abjeção minorada* de Vi Grunvald (2009), na qual o olhar e o exame do abjeto como “objeto de investigação” se deslocam em um primeiro movimento para a exploração da cultura, sua multiplicidade e seu papel construcionista para, em seguida, voltar ao abjeto como potência minoritária, de construção de projetos pessoais e políticos e modelo de transcendência. Delineia-se aqui a ideia de *abjeção como produção*:

um plano de diferenciação produtiva e afirmativa: não é uma questão de ainda não ser diferente, mas de *sempre ser diferente de si mesmo*, pois não se trata da ideia de que os sujeitos não se diferenciam uns dos outros (carência ou falta de diferença contrastiva, logo, de identidade), mas sim daquela segundo a qual cada ser difere sempre de si mesmo (diferença interna e/ou pura, logo, diferenciação). O possível – e não apenas a realização – deve ser esgotado e, assim, aberto ao novo (Grunvald, 2009, p. 50).

Em referência aos estudos de Foucault sobre subjetivação, estabelece-se neste trabalho o sentido do fazer a si como nódulo de resistência, uma linha de fuga não no sentido de produção de existência, mas de *insistência* na expressão, “o ‘corpo abjeto’ como corpo que insiste”, isto é, a *abjeção como insistência*. Em quê? Em expressões de vida que reafirmem não apenas a convivência com o HIV *vivida como libertadora*, mas como parte de uma humanidade que esgarça o seu próprio conceito e cria um “novo campo de possíveis”, na emergência de projetos

em que esse *possível* não seja apenas o que se realiza, mas o que se cria (Grunvald, 2009, p. 51).

Figura 47: Evandro Manchini – Reels Instagram – 23/7/2023



Fonte: [Manchini \(2023\)](#)

Em um vídeo no seu perfil do *Instagram*, Evandro Manchini mostra a organização da sua caixa de medicamentos antirretrovirais com a divisão por dias da semana. Ele usa uma trilha emotiva e a ideia é mostrar que a rotina do tratamento pode ser simples e não é um “bicho de sete cabeças”. Na legenda, ele explicita que “Este é o meu tratamento para o controle do HIV. Eu tomo 3 comprimidos diariamente (muito em breve será apenas 1). *Visualizar, assim, é uma forma de romper imaginários antigos relacionados ao tratamento.* E de reforçar a importância da adesão” (Manchini, 2023). Em movimento intertextual, há uma referência à aids como parte de um imaginário de terror e morte em termos de doença, ao mesmo tempo em que ele se coloca como modelo para uma noção de cuidado (“eu prezo pela minha saúde”) e se autoafirma valorando afetivamente a vida, no uso da caixa alta em “Eu VIVO com HIV”. A expressão firme e o olhar direcionado ao seu público tanto convidam para participar de sua rotina como para entendê-la como tal.

Desse modo, examinamos os arquétipos do aidético, do sujeito político soropositivo e do doente crônico, ressignificado para pessoa vivendo com HIV. As significações em torno do homossexual pervertido e perigoso ainda persistem e foram balizadas pelo estigma do primeiro, combatido até hoje por ativistas que se constituíram na figura do segundo e foram ambos ganhando contornos e detalhes distintos com as décadas. Em meio a essa disputa política, social e cultural e aos avanços da ciência, a pessoa que vive com HIV é ainda afetada por uma enxurrada sociodiscursiva que superdimensiona e hiperdramatiza uma condição de saúde produzindo identidades *abjetificadas*. Por que, até quando e utilizando quais estratégias identidades (e identidades políticas) irão se constituir em torno do HIV e da aids?

2.1.2 Crônicas sobre o fim

No auge da crise da aids, muitas pessoas vivendo com HIV ou aids expuseram e biografaram seus “eus” em contraposição à personagem do aidético pervertido e sociopata ou da vítima que vive o silêncio monitorado pela cronicidade da doença. As autobiografias também compuseram o cenário de reação e disputa sociodiscursiva e de resistência às relações hegemônicas de saber/poder sobre a aids que o ativismo dos movimentos sociais também representava. A escrita funcionaria como uma forma de expurgo, de salvação através da palavra, a partir de uma subversão da confissão católica e da ressignificação da admissão dos desvios, seja da sexualidade ou da vida com HIV.

Tradicionalmente, a confissão envolve o estabelecimento de uma relação de poder entre aquele que confessa e aquele a quem se confessa e pode ser vista a partir das características da sociedade contemporânea como ato de voyeurismo nas mídias de massa. Como profanar a confissão? A ideia aqui é pensar se essas autobiografias, principalmente como forma de ação, isto é, potentes ecos nos gêneros sociodiscursivos, ao extravasar o discurso íntimo, funcionariam como um processo de autorresistência e uma dobra na “subjetivação”, ao emitir um discurso de contrapoder, e, por outro lado, ao refletir sobre outros modos de representação e ação transitiva engendradas por elas. Em tese, realiza-se um esforço de deslocamento da confissão como forma de redenção e aceitação da doença como maneira de castigo à confissão sem arrependimento, sem culpa, como expressão rebelde de uma escrita. A disputa por significados definitivamente estava embricada em disputas pela informação e pela verdade, mas de um modo que provocasse, ou melhor, entretivesse.

Assim, partimos da confissão como método de redenção e da aceitação da doença na forma de castigo à confissão sem arrependimento, sem culpa, como expressão rebelde de uma escrita. Hebert Daniel, escritor, jornalista e sociólogo que lutou incansavelmente contra a ditadura militar e pelos direitos dos homossexuais e das pessoas vivendo com HIV/Aids no Brasil escreveu um livro de crônicas de tom autobiográfico intitulado “Vida antes da morte” (2018 [1989]). Destaca-se na obra a afirmação e a esperança pela vida, apesar da morte civil a que as pessoas vivendo com HIV foram condenadas, o que ele define como “morte antes da morte”:

Há muito o que falar dessa morte antes da morte chamada “Aids”, segundo as definições mais preconceituosas e discriminatórias. Exatamente para dar um grito de viva a vida. Viva a vida!

Tenho falado em vida, sem parar. Com um infundado otimismo. Afinal, diz meu bem fundado pessimismo, a vida não presta, não tem prestado. É difícil imaginar que valha a pena um dia, sem terror atômico, sem exploração de classe, sem assassinato de florestas, rios e homens, sem medo, sem culpa, sem vergonha, sem-vergonhamente apenas vida. Mas não há outra maneira de gozar; então, é preciso não apenas suportar, é preciso sustentar a vida. E fazer dela um hino, um tino, um sino de chamada. Más metáforas. Mas a vida é uma péssima metáfora, também. A péssima metáfora da sobrevivência apesar de tudo. No entanto, sempre acreditei, mesmo quando vacilava, que a vida é a invenção da vida. Pura criação do mundo dos humanos: viver é não só transformar o mundo; é criá-lo mais belo. Não temos acertado muito nessa invenção. Acho, porém, que um dia se acertará, quem sabe? (Daniel, 2018 [1989], p. 48).

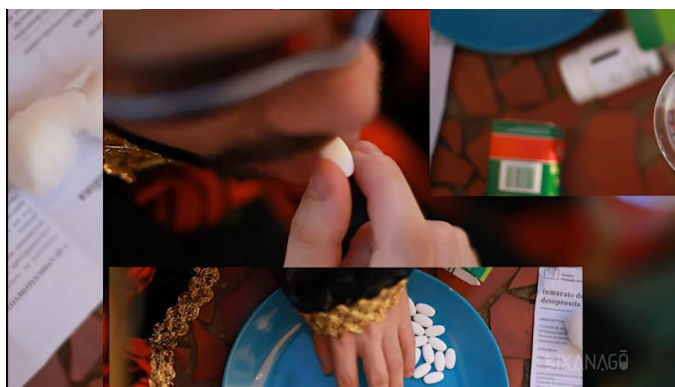
Sontag (2007) teceu em seu ensaio “A aids e suas metáforas” um comentário acerca do dano das metáforas em torno de algumas doenças, causando tanto a estigmatização de quem delas é vítima quanto interferindo no objetivo tratamento, e sugeriu combatê-las através de sua desmistificação e desdramatização, tratando-as apenas como são, doenças. Ponto. As identidades relativas à aids são desde o início carregadas com tintas de drama, melodrama, tragédia e um lirismo soturno, assim como são as narrativas do humano sobre a precariedade de sua carne desde eras longínquas. Em alguma medida, este texto tangencia tal fórmula, ao passo que percebo no diálogo com outras pessoas vivendo com HIV que, apesar da cronicidade da condição, ela continua a reverberar os ecos do sentimento de autoabjeção que o signo “aidético” evoca. Em outros, a conexão dialógica com essa carga de informações é menor ou mesmo nula do ponto de vista da vivência com o HIV. Há gradações. E muitas imagens e metáforas.

É certo que as epidemias de aids ainda causam danos e mortes, principalmente pela falta de acesso ao cuidado básico e à informação, afinal, os avanços da ciência são desigualmente distribuídos, apesar de, contraditoriamente, seguirem em uma bem-sucedida sequência de feitos. Anúncios sobre o fim da aids em perspectivas de vacina ou cura irrompem regularmente mesmo com a persistência, embora em uma escala muito menor que nas primeiras décadas da crise, de infecções e mortes por todo o mundo. Sob outro prisma, a cronicidade da aids e a mecanização do tratamento antirretroviral ensejam outras narrativas, embora os personagens anteriores continuem atravessando e se remodelando na vida de quem vive com HIV hoje. Portanto, a aids é tautologicamente conectada às metáforas e aos seus arquétipos e desdramatizá-la não é possível tão somente pelo esvaziamento do seu signo, mas sim, e principalmente, através do dismantelamento das identidades que, de forma contígua, são produzidas no e pelo drama. E isso depende, sobretudo, da reafirmação da agência sobre a história que queremos contar a partir do que temos agora: *os rascunhos de um futuro sem aids*.

Em todos os ativistas digitais de aids mapeados nesta pesquisa, o gênero biografia/memorial é um elemento constante que atravessa as suas produções. O multiartista Ézio Rosa, em um vídeo intitulado “Fé” (Festival, 2019), de sua série sobre HIV intitulada “Vídeo-Arte”, aborda o seu processo de dor e cura e dialoga intertextualmente com as reflexões de Hebert Daniel. A escrita literária sobre HIV aciona com seu tom autobiográfico memórias que não são apenas individuais e intenta dismantelar metáforas estigmatizantes de doença e sobrevivência com metáforas de autossuperação e “criação do belo” via lirismo. O tecido do texto seguinte (presente na legenda do vídeo e interpretado pelo artista) é costurado em diálogo com a espiritualidade de matriz africana e suas imagens relacionadas ao transcurso da vida, dos orixás e da natureza:

Fé	E o soropositivo, negativou
Nem tudo é sobre dor Aprendi com a minha fé Ver beleza onde não tinha Através do abebé	Sol em Gêmeos Às vezes brisa, às vezes furacão Minha mãe Oyá me fez forte Pronto pra correr na contra mão
Este que mostra quem sou E também que vem de trás Enganado é quem achou Que Logun não é sagaz	Contra gosto do sistema E contrariando estatísticas Não vim contar história triste Mas vim mudar essa logística
Me vi no fim do túnel Mas tranca rua me cuidou Quem corre comigo, corre Quem não corre ele cortou	O meu povo sorrindo É o melhor que cê vai ver Vivos e vivendo Alegria de erê Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje Ézio Rosa
Quando eu me vi doente Omolu que me curou Minhas feridas não estavam à vista	

Figura 48: Fé: búzios x antirretrovirais



Fonte: [Festival \(2019\)](#)

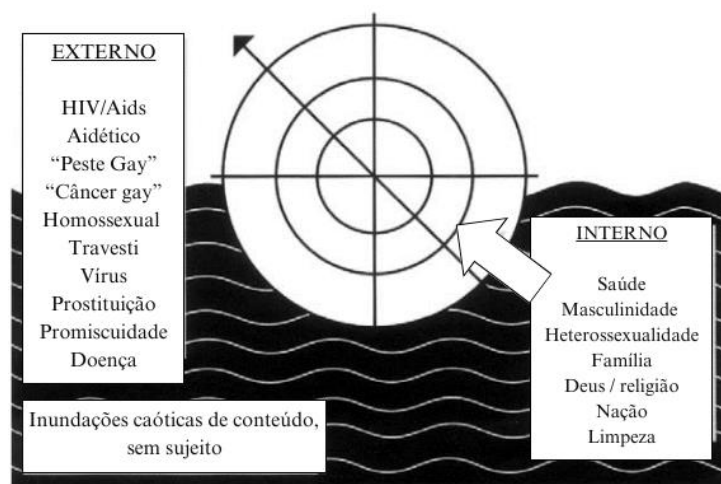
Notamos que os processos “curou”, “negativou” e “vivendo” transitam entre a literalidade material relacionada à doença e ao elemento mental, carregado da subjetividade inerente à superação de sofrimentos psíquicos e espirituais. Nesse sentido, há uma carga metafórica lexical que subjaz o enfrentamento e o sobrepujamento desses obstáculos. Logo, destaco-os como processos comportamentais, uma vez que, em contextos de saúde e doença, esses termos frequentemente transitam entre limiares semânticos, representando aspectos fisiológicos, psicológicos e, nesse caso, até mesmo religioso/espiritual. Esses processos e o uso de metáforas lexicais neles aparecem com muita frequência nos discursos dos ativistas de aids em contraposição às representações estigmatizantes.

Desse modo, como apontam Jäger e Jäger (2007), a construção de arquétipos é fundamental para a formulação e manutenção dos símbolos coletivos os quais, com base em um sistema circular de normalidade, funcionam a partir de duas lógicas: 1) a da balança (pensada principalmente para situar grupos e posições políticas) destaca o Centro e a valorização de sua estabilidade em contraposição aos riscos que as extremidades de Esquerda e Direita representam. O eixo vertical de Cima-Baixo destaca a hierarquia do sistema de símbolos e a diagonal pode marcar o progresso ou regresso do sistema; 2) por fim, em torno desse sistema circular, existem várias fronteiras escalonadas que delimitam o sistema para o exterior. Esses símbolos são especialmente importantes, pois codificam as áreas internas e externas estabelecendo fronteiras de abjeção absoluta, e o exemplo mais nítido é a do imigrante que é considerado uma ameaça a um estado-nação (Jäger, Jäger, 2007). Eminentemente políticos e de caráter midiático, os símbolos coletivos circulam de forma orgânica no caótico emaranhado textual e situacional de informações da sociedade, mas com propósitos bem definidos.

Nesse viés, a complexidade em torno da aids gerou questionamentos sobre a posição do que se denominou aidético, se cidadão ou “estrangeiro” e inimigo em seu próprio país, dada a sua carga de abjeção. A própria noção de pertencimento e cidadania eram postas em xeque. A partir desse esquema, a aids é definida como um acontecimento radical que, em sua emergência, foi situado na fronteira do terror, e a montagem do seu símbolo coletivo realizada a partir da estratégia da metonímia da aids funciona para sociedade como uma convocação a restaurar um estado de “normalidade”. As “sobras” do signo aidético constituíram em seus fluxos de conhecimento o doente crônico. Os ativistas digitais de aids, como os movimentos de aids de outrora, seguem contestando essa lógica que persiste em se concatenar às identidades das pessoas que vivem com HIV e *insistem* na ideia de vida não necessariamente almejando o

pertencimento a esse Centro, mas o questionamento e a destituição dele enquanto tal referência, como é demonstrado na figura a seguir:

Figura 49: Possibilidades e exemplos do símbolo coletivo da aids



Fonte: adaptado de Jäger; Jäger (2007, p. 42)

2.2 Direitos Humanos, Contracultura e Cultura das Mídias: dignidade e vida em disputa

Uma ária sobre como a morte é o estopim para uma luta em muitas camadas, seja pelos ideais de uma revolução política, institucional e ideológica àquela que tem como cerne o desejo, o amor: a paixão é o elemento trágico que conecta ambas e as torna indissociáveis. Andrew Beckett, personagem vivendo com aids interpretado por Tom Hanks no filme de 1993 “Filadélfia”, declama e reflete sobre os versos de *La Mamma Morta*, excerto da ópera *Andrea Chénier*, de Umberto Giordano, interpretada por Maria Callas. Na cena, ele segura e arrasta um suporte de soro e medicações que está ligado à sua veia. Seu corpo magro, esguio e em processo de definhamento encontra-se irremediavelmente acoplado a um dos ícones que passaria a representar nas últimas décadas do século XX a morte.

“Tudo ao redor é sangue e lama?”. Esse trecho da ária é uma imagem que se encaixa naquele cenário desolador das epidemias de aids. Considerado um filme emblemático na representação da aids no cinema, principalmente pelo seu alcance, distribuição e pelo mérito de trazer o tema à discussão, ele instiga a pensar sobre a exposição do corpo em deterioração pelas doenças oportunistas da síndrome. O elemento de repulsa aqui é encapsulado pela nuance de tragédia da ópera que serve como catarse e condescendência do telespectador ao desfecho invariavelmente narrado como inevitável para quem vivia com HIV e aids em seus primeiros anos. A partir dessa reiterada narrativa sobre um destino fatídico, algumas linhas de ascendência

histórica, política e cultural podem ser traçadas no século XX para a compreensão da aids enquanto acontecimento que reverbera tão significativamente em produtos midiáticos-culturais.

Figura 50: Andrew Beckett, o suporte de soro e *La Mamma Morta*



Fonte: Filme Filadélfia, 1994

A segunda parte do século XX foi marcada pelo aparente arrefecimento de grandes conflitos e uma proposta de reconstrução do mundo no pós-guerra, a partir da égide discursiva da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Compreendo o evento fundante desse documento como balizador dos princípios denominados como “liberdades fundamentais” e “direitos humanos”, com a explícita intenção de construir um mundo sob novos e universais alicerces ideológicos. O artigo 1º afirma que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” e o art. 3º da DUDH explicita que “todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (Unicef, 1948). “Dignidade” e “vida” são palavras basilares para esta discussão, que irá permear as epidemias de aids e de seus estigmas e representações nas décadas seguintes, a partir de uma crise sanitária que provocou ruídos nos saberes médicos ocidentais hegemonzados (e de outras ciências), nas estruturas das políticas de saúde estatais e, ainda, no cerne das relações afetivossexuais humanas.

A magnitude de crises como a da aids (e a da pandemia da covid-19) expõe a precariedade e os limites geopolíticos desses pilares quando refletimos sobre a divisão de recursos socioeconômicos e políticos que garantam o mínimo de qualidade de vida, isto é, o acesso a tecnologias, políticas de educação, estratégias de saúde primária e tratamentos e condições dignas de trabalho. Nesse sentido, a materialização dos ideais que alicerçam a DUDH como um “projeto universal e equalitário” falhou miseravelmente.

No mesmo átimo do pós-guerra, rupturas ocorriam nas chamadas sociedades ocidentais e em seus modos de articulações dos grupos sociais e das identidades. A partir dos anos 1960, eclodiam movimentos de contestação às ordens sociais, questionando e expandindo a noção de luta e identidade via classe para uma defesa da fórmula “o pessoal é político”. As lutas feministas, antirracistas, pela liberdade sexual e de gênero, além das críticas e reformulações intelectuais/epistemológicas e pedagógicas nas academias e os ativismos antimanicomiais, antibelicistas, ambientais e contra toda e qualquer forma de autoritarismo e totalitarismo (considerando a pujança das ditaduras militares na América Latina e do colonialismo em diversos países da África e da Ásia, por exemplo) comporão, mesmo que precariamente, a caixinha conceitual da contracultura. Para Krüger (2010, p. 144), é “na dimensão da crítica comportamental, na denúncia dos mecanismos de poder presentes no cotidiano e na intimidade, que a contracultura se coloca como expressão fundamental de crítica à autoridade em seu sentido amplo: ao paradigma masculino, branco, ocidental, heterossexual”.

Os feminismos e os movimentos de diversidade sexual e de gênero propuseram renúncia às normatividades sexuais, familiares, aos modelos impostos de gênero e sexualidade e de feminilidade patriarcal. Apesar das restrições geopolíticas de tais movimentos e embates, muitas vezes circunscritos aos grandes centros europeus e norte-americanos, em alguma medida outros países também encetaram suas microrrevoluções, o que caracterizou a eles rompantes de internacionalização. Com efeito, faz-se necessário reconhecer as limitações e as contradições nas possíveis heranças da contracultura na contemporaneidade, haja vista a reprodução da crença sobre a efetividade integral de suas pautas, além de sua universalidade, ignorando como boa parte do planeta sempre esteve aquém tanto dos debates quanto de suas conquistas. Desse modo, evita-se cair na cilada da mitificação do referido período histórico ou a defesa da noção de história como um processo linear. Segundo Cardoso (2005, p. 105):

A dificuldade de percepção do peso desmedido da herança dos anos de 1960 pelas gerações mais jovens não impede que esse peso se imponha sobre elas sob a forma de uma captura. Essa dificuldade evidencia o fato de que a herança é pesada porque não foi transformada. Parece ter havido um impedimento (possivelmente decorrente da identificação com o mito e seu traço de onipotência) de atribuir historicidade aos movimentos daqueles anos, condição que criaria as possibilidades de interpretação da herança e dos modos diversos de nela inserir-se. A possibilidade de receber e escolher a herança, de estabelecer continuidades e diferenças, de relançá-la de outros modos implica o movimento de separação das gerações, de produção de uma diferença geracional – condição de uma filiação possível.

Logo, ressalta-se que nesse contexto de incisivas mudanças paradigmáticas do século XX, após o ápice das colonizações da África e da Ásia e da extensão do poder industrial em parte significativa do globo, outro formato de industrialização havia tomado forma e dizia respeito a uma produção incessante de imagens e sonhos, com a expansão do cinema, do rádio, da TV, dos videogames e dos jornais e revistas dialogando e retroalimentando o consumo incessante dessas novas mídias, ancoradas na velocidade de progressão das tecnologias (o que algumas correntes teóricas chamarão de indústria cultural, sociedade do espetáculo ou da mídia, sociedade pós-industrial, sociedade de consumo etc.).

Segundo Morin (1997, p. 13), há uma “segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, e a segunda colonização, que passa a dizer respeito à alma”, ambas referentes à penetração de mercadorias culturais nas subjetividades humanas. Ademais, desenvolvem-se inúmeras pesquisas para a compreensão, aperfeiçoamento e mercantilização da saúde e da estética humanas segundo tais projetos mercadológicos ocidentais, colonizando também os corpos como nicho de consumo e constante investimento (e fissurando essa distinção colonial-moderna entre corpo e alma, natureza e cultura) (Vieira, 2019).

A “cultura de massas” seguiria as normas da fabricação industrial e da maciça distribuição e consumo de seus produtos por um contingente imenso de indivíduos, ultrapassando os limites das categorias impostas pelas estruturas sociais (classes, famílias etc.) (Benjamin, 2000). Logo, ela constitui-se como “um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas” em uma proposta de mundo globalizado, interconectado e pluricultural (Morin, 1997, p. 13).

Santaella (2003, p. 13) sintetiza os períodos culturais e da comunicação humana a partir de seis eras (que não são cronologicamente lineares, mas seguem se acumulando, integrando, reajustando e refuncionalizando): a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Em formulação recente, a autora aponta para uma revolução cognitiva, atravessada pela hiper-hibridização e hiperconectividade marcada por uma *cultura dos dados* (Santaella, 2022). A autora elabora como tese a noção de que a cultura de massas não desemboca diretamente na cultura digital, mas há um ponto intermediário situado entre ambas: a cultura das mídias. No começo da década de 1980, acentuam-se os processos de combinação e hibridização das linguagens e dos meios, o que funciona como multiplicador de mídias; esses produtos midiático-culturais híbridos se materializam nos programas culturais na TV, telejornais, radiojornais, suplementos culturais e literários especializados de jornais e revistas etc.

Doutro ângulo, os dispositivos e equipamentos tecnológicos que emergiram no período (fotocopiadoras, videocassetes, walkman, câmeras de gravação de vídeo) e a expansão da indústria dos videogames, dos videoclipes e da produção de filmes direcionados ao telespectador que o consumiria em casa, além da TV a cabo, impulsionavam tanto em termos de velocidade de produção e circulação quanto de escolha e consumo personalizado, o que se opõe a uma noção de consumo massivo homogeneizado (Santaella, 2003, p. 15). Como dito, a crise da aids emerge no início da década de 1980 do século XX, fase em que a indústria cultural euro-norte-americana seguia a passos largos em seu processo de expansão industrial e complexificação até chegar ao que entendemos hoje como cultura digital, cibercultura.

Da inércia de uma recepção em torno de conteúdos compulsoriamente definidos a uma dinâmica que estimula a autonomia para o acesso à informação e ao entretenimento, a cultura das mídias abre um campo de possibilidades de consumo e de sensibilidade para os meios digitais, marcadamente situados por buscas não lineares, fragmentadas, dispersas e individualizadas. Essa proliferação midiática não se configura para uma audiência de massa que recepciona os produtos midiático-culturais de forma simultânea e uniforme. As mensagens e as fontes se multiplicam e os consumidores se tornam mais seletivos, segmentados, o que fortalece o relacionamento individual entre emissor e receptor, como Santaella dialoga com Manuel Castells e suas reflexões sobre a cultura das mídias e a audiência (Santaella, 2003, p. 16-17). A aids se configura, pois, como um produto emblemático para o consumo nesse contexto de revolução do paradigma informacional (mais acessível e replicável) e, em seguida, uma revolução técnica na qual a possibilidade de aquisição de dispositivos como os smartphones se materializará no nível de conexão estabelecido na contemporaneidade. Destarte:

Uma diferença gritante entre a cultura das mídias e a cultura digital, por exemplo, está no fato muito evidente de que, nesta última, está ocorrendo a convergência das mídias, um fenômeno muito distintivo da convivência das mídias típica da cultura das mídias. É a convergência das mídias, na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias, estas últimas ainda em plena atividade, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas da cultura digital (Santaella, 2003, p. 17).

Assim, a própria representação da aids se retroalimenta dessa lógica multimidiática plural e complexa que se formava, extravasando o campo do dispositivo biomédico e tornando-se um *branding*, um produto ultramidiatizado pelo jornalismo, TV, cinema etc., atravessado por

códigos ideológicos de âmbito sociocultural (em que os discursos biomédicos são utilizados como força motriz de discursos homofóbicos e transfóbicos).

Revoluções no âmbito das vivências afetivossexuais, da liberdade sobre os usos dos corpos e prazeres, do reconhecimento e humanização de sujeitos não heterossexuais e cisgêneros também foram impactadas pelo efeito e risco que representavam diante de um vírus letal transmitido principalmente por vias sexuais. A vida e a dignidade, elementos cruciais para um projeto de sociedade alicerçada nos Direitos Humanos, definitivamente são precarizadas e restritas em momentos históricos de crise como as epidemias e pandemias, que extrapolam o âmbito médico-sanitário, em intersecção com o político, cultural, econômico, acentuando as desigualdades. No caso da aids, vida e dignidade se confundem, e aqui retomo o escritor, sociólogo e ativista Herbert Daniel (2018 [1989]) e a escrita autobiográfica sobre sua experiência com a enfermidade, apontando como as pessoas que vivem com HIV/Aids sofrem a destituição de sua cidadania, como se fosse impetrado um óbito provisório, marcado por inúmeras violências simbólicas e materiais, o que ele denominou de “morte civil”.

Outrossim, a médica infectologista Márcia Rachid (2020), também ativista desde os primeiros anos da crise da aids no Brasil, aponta a necessária imbricação da defesa da vida e do atendimento humanizado como essenciais à dignidade das pessoas vivendo com HIV e doentes com aids (o que pode parecer uma pauta óbvia para qualquer contexto envolvendo o direito à saúde, mas a história dos primeiros anos dessa epidemia explicita exatamente o contrário). Ao refletir sobre essas questões em seu livro de memórias, ela utiliza no título a expressão “sentença de vida”. É fato que, desde o início da epidemia nos anos 1980, milhões de pessoas morreram em decorrência de infecções relacionadas à aids e as respostas governamentais em nível global foram lentas, excludentes e com consequências gravíssimas, o que gerou revoltas e o surgimento de movimentos ativistas que contribuíram para construção de políticas e até mesmo para a formulação de terapias (Pereira; Nichiata, 2011).

Em relação a alguns cenários difusos de morte por aids no Brasil, destaco, com base nos Boletim Epidemiológicos de HIV/Aids e em diversas pesquisas, uma maior prevalência na população negra e mais vulnerável socioeconomicamente, faceta da pauperização interseccional da epidemia, em que se destaca também a altíssima taxa de infecção e morte na população em situação de rua e na população carcerária³⁹. A quantidade de informação gerada,

³⁹ Mais informações em: 1) Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_hiv_aids_-2022_internet_31-01-23.pdf/view; 2) BOMFIM, Daiane. População negra é a que mais morre em decorrência da aids em São Paulo, afirmam especialistas. Agência de Notícias da Aids. 29 out. 2016. Disponível em:

a curiosidade e o interesse no curso da epidemia abriam brechas para que os conglomerados de mídias investissem naquele produto em suas mais diversas possibilidades de consumo, formatos e gêneros. A imagem torna-se um elemento fundamental para a compreensão dos sentidos e estratégias engendradas tanto em representações hegemônicas da aids quanto nos focos de resistência daquele período.

O cinema de horror, como a pornografia em vídeo, emerge como um gênero de sucesso no começo do século XX e ganha fôlego em sua segunda metade, no bojo das referidas transformações sociais, econômicas e culturais que marcam essa fase de expansão industrial da cultura de massa. Nele, a partir de uma estética do excesso, a imagem cinematográfica é utilizada como modo de engajamento e afetação, em que tudo pode ser transformado e apresentado a partir das imagens, repetidas e saturadas à exaustão em uma espécie de frenesi do visível (Hildenbrand, 2015). Das cenas explícitas de monstros, mutilações, homicídios e torturas do cinema de horror às fotografias e vídeos de vítimas da aids sendo exibidas nas mídias jornalísticas, as representações da doença assumem a faceta imagética do grotesco.

A esse respeito, podemos refletir sobre o consumo desses produtos a partir da experiência do choque, preconizada por Walter Benjamin (2000) em diálogo com a noção freudiana de trauma, em que o excesso de estímulos é sintomático e dialético a um mundo que vive a catarse das transformações sociais e culturais típicas da modernidade de um mundo se reconfigurando no pós-guerra. A linha entre o simulacro das representações e o fulgor da configuração arquitetônico-urbana, laboral e consumidora da sociedade pós-industrial é tênue e quase indistinta, pois, ao passo que as primeiras são demandas de um consumo incessante e cada vez mais anestesiado (seja de imagens de sexo, guerra ou de violência, por exemplo), também produzem a própria realidade que elas supostamente espelham a partir de suas caricaturas abjetas.

Como um subgênero do horror, o *gore* (em português, sangue coagulado) amplifica a violência gráfica e hiper-realista ao exibir, de forma exagerada, cenas de violência, sexo e tortura, uma quantidade enorme de sangue espirrando, vísceras sendo destroçadas e imagens de crimes e abuso físicos. Subproduto de um mundo pós-guerra, cujos horrores impuseram graus de representação mais explícitos e violentos, o *gore* populariza-se a partir dos anos 1960 com

<https://agenciaaids.com.br/noticia/retrospectiva-2016-populacao-negra-e-a-que-mais-morre-em-decorrenca-da-aids-em-sao-paulo-afirmam-especialistas/>; 3) "MASSACRE silencioso": doenças tratáveis matam mais que violência nas prisões brasileiras. Agência de Notícias da Aids, 14 ago. 2017. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/massacre-silencioso-doencas-trataveis-matam-mais-que-violencia-nas-prisoas-brasileiras/>; 4) OLIVEIRA, Carolina Iara de. HIV/aids e racismo: alta mortalidade da população negra em pauta. Agência de Notícias da Aids, 27 fev. 2018. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/artigo/hiv-aids-e-racismo-alta-mortalidade-da-populacao-negra-em-pauta/>.

filmes de vampiros, zumbi, monstros, sociopatas e assassinos em série etc. e suas subtramas de mistério e, às vezes, teor erótico, sempre em uma crescente mais explicitamente gráfica e violenta com a passagem das décadas e a expansão e evolução das tecnologias de mídia e dos efeitos especiais. Na década de 1980, esse gênero cinematográfico alcança seu auge de produção e consumo com o advento do videocassete e dos filmes feitos especificamente para serem apreciados em casa (home vídeo).

Hildenbrand (2015), ao refletir sobre o cinema de horror e o seu excesso via choque e trauma, afirma que ele poderia ser compreendido como um mobilizador de sensações intensas (medo, susto, nojo, repulsa, pavor etc.), mas não necessariamente dessensibilizaria ou anestesiaria as subjetividades, podendo ser pontos de impulsão para a reformulação da consciência, ao ultrapassar a noção de descarga, catarse e alienação e possibilitar outras elaborações de memória. Esse poder de afetação realiza um deslocamento, justamente porque “os lugares para onde eles nos levam são quase “reais”, nos tocam profundamente, provocam arrepios, como se pudéssemos através da emoção efetivamente ser transportados para dentro da tela, para o mesmo cenário onde se desenvolve a cena” (Melo, 2017, p. 27).

É certo que há diversas teorias sobre o processo de atração para esse tipo de produto e a experiência de sua fruição, de modo a compreender como se constitui a projeção-identificação-transferência entre os filmes *gore* e os espectadores. Em tese, a abordagem ficcional da morte seria mais facilmente deglutível, haja vista o pacto da fantasia e do simbolismo estabelecido entre o espectador e a obra, e rejeitado em produtos como o documentário, no qual um tabu visual seria quebrado a partir de sua representação real, provocando mais comoção e repulsa.

Esse limite binário teria sido rompido com a proliferação da violência real sendo filmada e exibida em cenas de guerra, da cotidiana violência urbana e das imagens deterioradas de doentes como o da aids? Um nicho de consumidores teria emergido nesse espaço limítrofe, influenciando tanto a exacerbação do horror ficcional quanto uma solidificação desse “*gore real*”, encampado principalmente por uma seara do jornalismo que exhibe sem pudor e ética a violência, o abjeto e a morte?

A aids eclode como um fenômeno social, mais especificamente um produto da mídia, antes mesmo dos trabalhos mais incisivos das disciplinas laboratoriais e da epidemiologia construírem consensos a seu respeito. Nesse ínterim, a imprensa produzia e circulava incessantemente conteúdos sobre a doença e suas vítimas, portanto, criando e tornando-a onipresente no cotidiano da sociedade, o que foi sintetizado por Spink *et al.* (2001) a partir da categoria analítica *AIDS-notícia*. Segundo os autores, ela “antecede a epidemiologia propriamente” ao desvelar o papel da imprensa como fundamental na emergência do problema

social e fenômeno social aids, tornando-o parte do cotidiano das pessoas (Spink *et al.*, 2001, p. 851).

Não apenas o volume de informações era imenso, mas a construção da mensagem era pautada pela “natureza trágica” aludida como inexorável nesse período anterior aos avanços terapêuticos proporcionados pelas terapias antirretrovirais. Em diálogo com o conceito de AIDS-notícia, acrescento que a dimensão midiática da aids é perpassada substancialmente pela fruição e pelo entretenimento, ou, mais especificamente, pelo híbrido infotimento, elementos característicos de um contexto sócio-histórico em que a cultura de massa se inscreve de forma ubíqua, pois:

[...] o entretenimento parece, atualmente, se atracar a todo sistema social e modificá-lo de maneira correspondente, de modo que sistemas produzem suas próprias formas de entretenimento. Justamente o infotimento apaga as fronteiras entre notícias e entretenimento como uma esfera circunscrita das mídias de massa (Han, 2019, p. 204).

Nesse contexto de meados de 1980-1990, a aids (e suas representações e relações metonímicas entre sujeito, vírus, doença e morte) não é apenas apropriada por um dispositivo de entretenimento. Ela já emerge como parte dele, como um produto facilmente acessível para o consumo. Havia, portanto, a demanda e o contexto situacional de pânico moral, sexual e sanitário para a midiatização *gore* da aids, seja no jornalismo, na TV ou no cinema, produzindo as imagens deterioradas de doentes como o da aids. Ao discutir a noção de humanidade e precariedade em mídias sobre guerras a partir do conceito de rosto de Emmanuel Levinas, Judith Butler (2015, 2019a) explicita que determinadas narrativas via enquadramentos imagéticos tencionam representar alguns corpos como fora da inteligibilidade do normal e do humano e da possibilidade de uma vida digna de ser vivida ou de uma morte passível de luto. Nessa dinâmica entre ocultar esse rosto e exibi-lo:

[...] a nossa capacidade de reagir com indignação, antagonismo e crítica dependerá, em parte, de como a norma diferencial do humano é comunicada através dos enquadramentos visuais e discursivos. Existem maneiras de enquadrar que mostram o humano em sua fragilidade e precariedade, que nos permitem defender o valor e a dignidade da vida humana, reagir com indignação quando vidas são degradadas ou dilaceradas sem que se leve em conta seu valor enquanto vidas. E há enquadramentos que impedem a capacidade de resposta, nos quais essa atividade de impedimento é realizada pelo enquadramento efetiva e repetidamente – sua própria ação negativa, por assim dizer, sobre o que não será explicitamente representado (Butler, 2015, p. 118-119).

Michel Foucault (1999) apontou como estratégias similares de criação discursiva podem ser utilizadas por lados opostos em uma disputa política e sociodiscursiva. No contexto da cultura de massas e agora na era digital, a epidemia de significados, estigmas e discriminação da aids se reconfigurou, as disputas que sempre foram multissemióticas e utilizaram as técnicas disponíveis na arena social agora adquirem a velocidade, a volatilidade e imensa capacidade de circulação e impacto. Pierre Levy (1999) salienta que as tecnologias e técnicas (artefatos eficazes) não precedem ou impactam o ser humano. A sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e a cultura (a dinâmica das representações), pelo contrário, são produtos dessas últimas e indissociáveis, apesar de sua divisão conceitual. Assim, quanto à cibercultura, as tecnologias como o computador pessoal e os serviços de processamento de dados paulatinamente deixaram de se limitar às grandes corporações e Estados, ocupando espaços nas comunidades dos países desenvolvidos, de modo que décadas depois:

Os anos 80 viram o prenúncio do horizonte contemporâneo da multimídia. A informática perdeu, pouco a pouco, seu status de técnica e de setor industrial particular para começar a fundir-se com as telecomunicações, a editoração, o cinema e a televisão. A digitalização penetrou primeiro na produção e gravação de músicas, mas os microprocessadores e as memórias digitais tendiam a tornar-se infraestrutura de produção de todo o domínio da comunicação. Novas formas de mensagens “interativas” apareceram: este decênio viu a invasão dos videogames, o triunfo da informática “amigável” (interfaces gráficas e interações sensório-motoras) e o surgimento dos hiperdocumentos. No final dos anos 80 e início dos anos 90, um novo movimento sociocultural originado pelos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campus americanos tomou rapidamente uma dimensão mundial. Sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial. Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecno-econômico. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento (Levy, 1999, p. 32).

Às vésperas do século XXI, o filósofo Pierre Levy escreveu esse texto basilar sobre os princípios e mecanismos de funcionamento da cibercultura, que ocupa hoje um lugar definitivo na contemporaneidade, a partir da sofisticação dos aparelhos móveis e suas múltiplas funções, das conexões de internet ultravelozes e sua presença maciça em todos os âmbitos da vida e, principalmente, com a ascensão das redes sociais. As disputas em torno da aids atravessaram as décadas e ocupam no século XXI espaço relevante nas mídias sociais e na sua dinâmica de criação, circulação, leitura e consumo (haja vista a lógica da monetização subjacente a esses

sítios). Os materiais criados para a TV e para o cinema, por exemplo, dialogam com e são apropriados pelas redes sociais que não apenas os aglutinam, mas também têm pautado o seu processo estratégico-criativo.

Nesse contexto, surge o seguinte questionamento: seria possível ressignificar décadas de midiatização *gore* da aids e construir eticamente outras significações de memória a partir e para além dessas representações? A temática dos vampiros e zumbis e sua abordagem sobre o contágio da morte através do sangue, por exemplo, tornaram-se metáforas da própria aids e da homossexualidade, constantemente reiteradas através das representações midiáticas daquele período. Os monstros da ficção, seus tropos narrativos e os roteiros conectando praga, contágio, vitimização e pânico seriam apropriados por um explícito projeto de abordagem da epidemia de mortes por aids por meio dos códigos representacionais das coberturas jornalísticas e de cinema e televisão. Ambos se retroalimentavam e a midiatização *gore* ganhava mais espaço na lógica do consumo e da fruição desse “real”. Do drama expiatório ao *gore*, a representação típica da aids nesse contexto histórico-político até a década de 1990 sugeria a morte como um fim incontornável, o que consideramos como uma representação ideológica de grupos sociais que deve ser problematizada como tal em nossas práticas sociais (Beltrão; Barros, 2017).

Redes interdiscursivas e históricas se entrelaçam e (re)produzem discursivamente as epidemias de aids, pela TV, cinema, literatura, artes visuais, jornalismo etc., e seu impacto no mundo da vida, na experiência cotidiana, na linguagem e nos sentidos atribuídos aos corpos “patologizados” pelo dispositivo biomédico e biopolítico colonial-moderno. Simultaneamente, ativistas e aliados no que posso nomear como período crítico da aids, as suas duas primeiras décadas, reagem de forma violenta contra as epidemias e suas formas de representação. Os ecos desse conflito discursivo e material atravessam as décadas e seguem se atualizando nos formatos de estigmatização e de gestão da vida e por outro nos ativismos, em gêneros sociodiscursivos que são reinventados na velocidade digital.

2.2.1 Aids, estigma e regime farmacopornográfico

A história da aids tem sido contada e recontada em trabalhos acadêmicos de diversas áreas, filmes, séries, romances, podcasts, vídeos para internet etc. e esse fluxo de narrativas acaba, em alguma medida, se encontrando e se repetindo no farto registro da epidemia no contexto ocidental. Fora desse eixo, a exemplo dos países africanos, há lacunas na documentação e na publicização em larga escala de suas perspectivas históricas, conquanto

ainda se propaga muito preconceito em relação a aids nesses lugares. Há ainda a torpe faceta da culpabilização do continente africano pela epidemia, como visto na figura a seguir:

Figura 51: África e aids na imprensa – Jornal A Luta Democrática, Rio de Janeiro, 1983



Fonte: A Luta (1987)

Jogando ironicamente com as narrativas sobre a origem do vírus, Emer Conatus e Raul Nunes, idealizadores e as vozes por trás do podcast “Preto Positivo”, contam a história do HIV no primeiro episódio e constroem a narrativa do vírus como um personagem falando de si em primeira pessoa (Primeiro Encontro, 2022). O deslocamento retórico-político do HIV do lugar de evento para ator social já foi mencionado anteriormente quando explicitarei sobre a noção dele como hóspede no corpo da pessoa que vive com HIV. Já detalhei aqui o movimento metonímico que estende a presença do referido “hóspede” à pessoa que vive com HIV ao passo que o personifica.

Quanto ao podcast “Preto Positivo”, este possui uma linguagem que se aproxima a uma conversa informal e os dois apresentadores dialogam de maneira clara e simples sobre temas diversos interseccionados ao HIV e à aids, trazendo eventualmente convidados. No primeiro episódio, “Primeiro Encontro” (9/6/2022), o segundo bloco é aberto com o aviso de que o HIV contará a sua própria história, ele mesmo. Interpretado de forma bastante descontraída por Raul Nunes e em diálogo com Emer Conatus, ele traça um panorama do período em que surgiu, sintetiza suas décadas de existência e até se compara com o coronavírus. A trilha sonora também é leve, dinâmica e ritmada:

RAUL NUNES: Agora outro assunto polêmico nos anos 80 era o meu nome. Porque primeiro eu fui chamado de GRID, que é doença de infecção relacionada a homossexuais. Já em 82 me chamaram de doença dos 5 H, que significava homossexuais, hemofílicos, haitianos, usuários de heroína e *hookers* que são os profissionais do sexo em inglês. [...] assim como a

covid-19, muitas teorias da conspiração se espalharam sobre a minha origem e que até hoje estão dando o que falar. As *fanfics*, elas não têm fim. Já me chamaram de Câncer Gay. Disseram que eu fui criado em laboratório para controlar o crescimento da população negra e por aí vai, são diversas, mas o real mesmo é que eu não escolho gênero, nem sexualidade ou muito menos raça. É diferente de vocês humanos, porque eu não discrimino ninguém, sou bem versátil. Naquela época, receber a notícia que eu tinha chegado ao seu corpo era infelizmente visto como a pior coisa do mundo, até mesmo como um atestado de óbito. Eu era muito forte e incontrolável, mas por incrível que pareça os heterossexuais não tinham medo de mim. Pelo menos a maioria ainda achava que eu só frequentava o universo gay (Primeiro Encontro, 2022).

Reforço como traços do pré-gênero narrativo são constantemente acionados como movimento retórico para representar a aids, recontextualizando-a, e como personificar vírus, síndrome e epidemia é uma estratégia para tal intento. Conforme visto anteriormente, a imprensa nomearia a aids de “câncer gay” e/ou “peste gay” durante anos. Antes disso, em 1981, os resultados de uma pesquisa científica com homossexuais masculinos eram publicados e associava-se esse grupo, de forma direta, ao intrigante problema de saúde relatado, conforme foi relatado através do formato lúdico do podcast.

Figura 52: Léxicos do medo: peste e câncer gay na imprensa



Fontes: 1) A Luta (1987); 2) Villela (2014)

Desenhado o cenário, as personagens e os roteiros da aids, é possível nos questionar: as pessoas que vivem com HIV/Aids ainda simbolizam uma morte transmissível (segundo *pregavam* os discursos estigmatizadores)? Permanecem significados como abjetos, constantemente situados em zonas *inviáveis*, locais onde não é possível a vida, zonas em que, no máximo, permitem-se a sobrevida e a resistência?

A esse respeito, parece-me que o diagnóstico positivo para o vírus HIV ainda promove um movimento de suspensão do estatuto de sujeitos, como se de coisas e não de pessoas se tratasse o tema. O cinema, a TV, o jornalismo, os currículos escolares, as representações culturais de um modo geral, em consonância com parte do discurso médico vigente, parecem contribuir para a coisificação das pessoas que vivem com HIV. E, em tempos de emergência de um novo vírus, o coronavírus causador da covid-19, é perceptível e crescente o entendimento que sinonimiza pessoas e vírus. Pode-se traçar paralelos entre HIV/Aids e o SARS-COV-2 e o seu rótulo de “vírus chinês”, ou de “vachina” para algumas vacinas, por determinados grupos políticos e seus seguidores, como o do presidente do Brasil que governou entre 2018 e 2022. A renomeação do coronavírus e até mesmo de suas vacinas configura-se como uma cópia carbono de como alguns líderes religiosos, médicos, políticos, jornalistas e outros setores da sociedade contribuíram, a partir de suas redes de práticas sociais, para construir e disseminar o estigma e o medo em relação à comunidade gay na década de 1980. A desinformação produzida materializou-se em violência, das discriminações veladas a físicas.

Sexo e sexualidade já haviam se tornado, no mesmo período histórico, núcleo das atividades políticas e econômicas em nível global a partir de novas formas de governança da vida que eclodem dos escombros urbanos, psíquicos e ecológicos da Segunda Guerra Mundial, do clima de constante tensão proporcionado pela Guerra Fria e da longa fase de cerceamento de direitos evidenciadas pelas ditaduras na América Latina: são materializadas novas dinâmicas do denominado capitalismo avançado, da mídia global e das biotecnologias (Preciado, 2018). Os corpos, nesse contexto, haviam se tornado espaço de experimentação de novas tecnologias, seja na sofisticação da indústria farmacêutica e suas pesquisas no campo da bioquímica hormonal e das drogas, seja da evolução nas técnicas cirúrgicas físicas e cosmético-estéticas. As tecnologias de comunicação e as conexões em redes também se desenvolviam de forma acelerada, servindo tanto para ampliar a potencialidade bélica quanto novos formatos de produção e consumo de conteúdo em massas, do satélite, cinema, rádio e TV ao telefone e, logo em seguida, a rede mundial de computadores.

Os anos 1980 e 1990 foram marcados pela criação, proliferação e consumo das imagens desses corpos deteriorados pelas consequências da emergência da epidemia de aids. A grande mídia hegemônica expôs as imagens dos doentes nos hospitais e a narrativa associada à aids passou a ser a de um corpo definhando pela magreza, pelas manchas do Sarcoma de Kaposi, pelo cenário de ambulatórios e por um olhar profundo diante das câmeras. A morte tornara-se um signo complementar à aids e, diante dos seus aspectos clínicos básicos, duas frentes de ação científica prontificaram-se: a imunodeficiência e suas doenças oportunistas seriam cuidadas

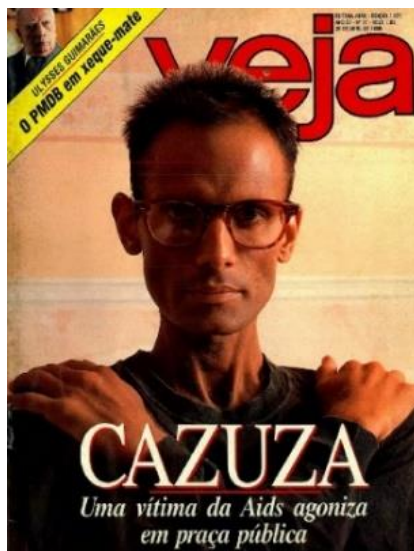
pelas disciplinas laboratoriais, enquanto o comportamento sexual ficaria subsumido à pesquisa epidemiológica (Carvalho, 2010). As imagens a seguir são representativas de como foram expostas as pessoas vivendo com HIV e aids nos mais diversos veículos e gêneros, dos jornalísticos aos ficcionais:

Figura 53: The Face of AIDS



Fonte: Time (2016)

Figura 54: O rosto da aids no Brasil



Fonte: Revista Veja (1989)

Nesta investigação das ascendências da aids-entretenimento, identifico a associação entre as vítimas da aids e uma iconografia da melancolia: constrói-se uma iconografia da depressão, através da relação binária, dualista mente-corpo, na qual a primeira refere-se à homossexualidade como “doença mental” e a segunda à homossexualidade como “desvio sexual”. A imagem do corpo retrataria o estado de espírito. A “vítima da aids” é representada como o homem sofredor e desesperado, apresentado como deprimido e marginal ao associá-lo

ao estigma da doença mental por meio da associação iconográfica com a figura do melancólico que materializa o desespero (Gilman, 1987, p. 99).

Sobre a imagem “A cara da aids”, a fotógrafa Therese Frare conta a sua história no documentário de curta-metragem “The Face of AIDS”, realizado pela revista “Time” para o projeto do livro “100 Photographs: The Most Influential Images of All Time” (Time, 2016). Sua escolha é justificada por representar, de forma significativa, um período recente da história, uma epidemia que causou impactos globais. Sobre a imagem, a revista Time apresenta em sua página o seguinte histórico:

David Kirby morreu cercado por sua família. Mas a fotografia de Therese Frare do homem de 32 anos em seu leito de morte fez mais do que apenas capturar o momento de partir o coração. Ele humanizou a AIDS, a doença que matou Kirby, em um momento em que devastava as vítimas em grande parte para fora das vistas do público (Genova, 2016)⁴⁰.

Esta é uma das imagens mais famosas sobre a aids dos anos 1980, principalmente porque foi utilizada como propaganda de uma grife de moda, a Benetton. Diante disso, a polêmica em torno do uso dessa imagem como *marketing*, mesmo que autorizado pela família, a fez circular por todo o mundo e uma das interpretações a ela associadas era a de uma releitura soropositiva da escultura *Pietà* de Michelangelo Buonarroti. Segundo Anselmo Alós (2019, p. 2):

Ao longo do tempo, diferentes gerações de críticos vêm associando à leitura da *Pietà* as referências a um discurso ‘silencioso’ (i. e., não verbal) carregado de dor, principalmente dos entes queridos (a Virgem Maria com Jesus Cristo morto, em seus braços), que em volta nada podem fazer, a não ser sofrer. Na releitura da *Pietà* feita pela fotógrafa, a imagem do sofrimento traz à tona a evidência do quanto a síndrome era percebida como uma sentença de morte (a magreza do enfermo soropositivo, nesse sentido, é lida como o símbolo máximo das consequências letais inevitáveis da doença. Assim, nessa representação da doença, não há espaço para a vida, para o sujeito que vive com a saúde e a doença. Há um desmembramento, como se o sujeito acometido pela aids fosse a personificação do que existe de mais sofrido (e que esse sofrimento fosse da responsabilidade do próprio sujeito infectado).

⁴⁰ Sobre a imagem, a sinopse produzida pela Revista Time acrescenta que “A fotografia de Frare, publicada na LIFE em 1990, mostrou como a doença amplamente mal compreendida devastou mais do que apenas suas vítimas. Passaria mais um ano até que a fita vermelha se tornasse um símbolo de compaixão e resiliência, e três anos antes que o presidente Bill Clinton criasse um Escritório de Política Nacional de AIDS na Casa Branca. Em 1992, a empresa de roupas Benetton usou uma versão colorida da fotografia de Frare em uma série de anúncios provocativos. Muitas revistas se recusaram a publicá-lo e vários grupos pediram um boicote. Mas a família de Kirby consentiu com seu uso, acreditando que o anúncio ajudou a aumentar a consciência crítica sobre a AIDS em um momento em que a doença ainda não era controlada e os doentes pressionavam o governo federal para acelerar o desenvolvimento de novos medicamentos. “Sentimos que era hora de as pessoas verem a verdade sobre a AIDS”, disse a mãe de Kirby, Kay. Graças à imagem de Frare, eles fizeram” (Genova, 2016, tradução minha).

Há aqui uma associação metafórica da aids com símbolos religiosos do catolicismo que narrativizam dor, expiação e drama, elementos comuns naquele período. Mais uma vez a cor da imagem e seu forte contraste reforçam o sentimento e a dramaticidade da cena, que se apresenta como uma representação narrativa reacional: os olhares e as expressões faciais são protagonistas da história contada por ela e a figura enquadrada pela linha divisória explicitada pelo corpo doente (curiosamente, a foto foi colorizada para a campanha da Benetton para, segundo seus realizadores, torná-la mais realista) (Genova, 2016).

Apesar da estrutura narrativa, as possibilidades de leitura como a acima realizada com a analogia da *Pietà* apontam como se imiscuem nas representações imagéticas narrativas as formações conceituais simbólicas, dada a carga metafórica salientada pelo período em que a fotografia foi produzida. A despeito da sinopse da antologia de fotos curada pela Revista Time, apontar o propósito de produzir humanização e empatia, a repetida exibição dessas imagens e os modos como elas eram veiculadas produziram outros sentidos: são muitos os rostos e identidades que foram associados automaticamente à doença, definhamento e morte, como no caso do cantor Cazuza no Brasil.

Cazuza tornou-se a imagem pública da aids no Brasil, mas, apesar dos efeitos da enfermidade, continuou a produzir música e a atuar no palco, sempre afirmando em entrevistas o seu otimismo, o desejo em continuar vivendo, o seu gosto pela vida. A forma como a Revista Veja (26 de abril de 1989) exibiu sua imagem na capa, selando discursivamente na chamada um destino lúgubre, o revoltou, e ele publicou uma carta-resposta em outros veículos jornalísticos, como O Globo, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, com o título “Veja, a agonia de uma revista”:

A leitura da edição da Veja, que traz meu retrato na capa produz em mim - e acredito que em todas as pessoas sensíveis e dotadas de um mínimo de espírito de solidariedade - um profundo sentimento de tristeza e revolta. Tristeza por ver essa revista ceder à tentação de descer ao sensacionalismo, para me sentenciar à morte em troca da venda de alguns exemplares a mais. Se os repórteres e editores tinham de antemão determinado que estou em agonia, deviam, quando nada, ter tido a lealdade e a franqueza de o anunciar para mim mesmo, quando foram recebidos cordialmente em minha casa. Mesmo não sendo jornalista, entendo que a afirmação de que sou um agonizante devia estar fundamentada em declaração dos médicos que me assistem, únicos, segundo entendo, a conhecerem meu estado clínico e, portanto, em condições de se manifestarem a respeito. A Veja não cumpriu esse dever e, com arrogância, assume o papel de juiz do meu destino. Esta é a razão de minha revolta. Não estou em agonia, não estou morrendo. Posso morrer a qualquer momento, como qualquer pessoa viva. Afinal, quem sabe com certeza quanto vai durar? Mas estou vivíssimo na minha luta, no meu trabalho, no meu amor pelos meus entes queridos, na minha música - e, certamente, perante todos os que gostam de mim (Araújo, 2001, p. 284).

Na carta-resposta, Cazuzza afasta-se desse discurso ideológico massificado, sobretudo pelo distanciamento discursivo e pela negação de seu suposto estado de “vítima agonizante”, conforme a representação “sensacionalista” de *Veja*, como o artista define: “Não estou em agonia, não estou morrendo. Posso morrer a qualquer momento, como qualquer pessoa viva.” A circunstância espacial-social “em praça pública” sugere que tais corpos “abjetos” não poderiam circular na vida social, nas artes, na cultura, nas mídias, salvo para fins do que se configuraria como entretenimento na midiaticização *gore*, comentada adiante. O olhar de demanda e a expressão facial de Cazuzza foram interpretados como um pedido por compaixão a um doente terminal, percepção explicitada pela manchete e pelo simbolismo que um rosto magro carregava naquele momento.

Atravessando décadas e ainda impactando, a capa da revista *Veja* com Cazuzza é constantemente relida por pessoas que vivem com HIV e atuam como ativistas, criadores de conteúdo e influenciadores digitais, além de ser alvo de diversas análises acadêmicas político-semióticas. Gabriel Estrela alimentou durante anos no *Youtube* o canal “Projeto Boa Sorte”, em que discutia HIV, aids, sexualidade, diversidade etc., sendo um dos mais acessados no Brasil sobre a temática. Ao investir em sua carreira como cantor com o nome artístico de Gaê, ele lança, em parceria com os também cantores Aqno e Lui, a música-manifesto chamada “Sorria” (Aqno, 2022), que emerge como uma reflexão após uma postagem sua no X/Twitter (Gaê, 2022a), narrando não ter conseguido a sua medicação antirretroviral no órgão responsável por problemas no estoque. O incômodo surge diante da repercussão midiática e rápido compartilhamento que ele compreende como instrumentalização de sua condição sorológica nas redes sociais e em outras mídias jornalísticas, como ele afirma em entrevista:

Pessoas que nunca compartilharam nada sobre minha música, os clipes ou meu livro, de repente estavam se compadecendo de seu ‘querido amigo Gaê’ nas redes sociais. Por mais que pudessem ter boníssimas intenções, falharam em perceber a relação utilitária que estavam tendo comigo e, pior ainda, com meu diagnóstico. Eu não sou um vírus, tampouco sou a próxima fonte de indignação para um textão na rede social (Pepper, 2023).

Gaê põe em questão um elemento-chave das redes sociais: a sua capacidade de velozmente recontextualizar os discursos ali veiculados, reapropriados e instrumentalizados pelas redes sociais e outros veículos da mídia hegemônica. Seu outro incômodo é pela percepção de que a construção de sua persona mais uma vez seria atravessada pelo recurso metonímico da aids – no que ele rejeita na afirmação de que não é um vírus. A partir daí, surge a ideia da música lançada no dia 1 de dezembro de 2022 (Dezembro Vermelho), com outros dois cantores que também são pessoas que vivem com HIV; a divulgação no *Instagram* refaz a

capa da *Veja* com Cazuza e a legenda da postagem reflete sobre essa longa relação do HIV e da aids com os processos de subjetivação em um processo de afirmação positivada pela diferença (“Eu já bati demais na tecla de que dá pra viver normalmente com HIV, mas a verdade é que não dá (também, nem quero essa normalidade estranha que a gente vê por aí”). Um ciclo intertextual retoma o evento sociodiscursivo da capa de Cazuza e adquire outros contornos a partir dos mecanismos de criação, compartilhamento e consumo nas plataformas de redes sociais na internet (interdiscursivamente, há uma conexão entre vários perfis do *Instagram* e música em outras plataformas), já que, segundo o próprio Gaê, “Viver com HIV nunca vai deixar de ser questão”⁴¹. O olhar de demanda é ressignificado através da ressignificação pelo empoderamento e como um convite a um engajamento social por outras concepções do que é aids e de quem são as pessoas que vivem com HIV.

Figura 55: Ressignificando a capa da *Veja*⁴². Gaê – Imagens Instagram – 1/12/2022



Fonte: [Gaê \(2022b\)](#)

Já o *blockbuster* “Filadélfia” (1993) é considerado um filme emblemático na representação da aids no cinema, principalmente pelo seu alcance, distribuição e discussões geradas. Utilizando a gasta fórmula cinematográfica do gênero “drama de tribunal”, é considerado por muitos críticos como superficial em sua abordagem sobre a aids, a

⁴¹ “Como parte da campanha de lançamento, Gaê, Aqno e Lui convidaram seu público e apoiadores a reproduzirem a capa da Revista *Veja* que estampou Cazuza. “Está é um símbolo terrível dos absurdos que a mídia faz conosco. Na campanha, tem pessoas que vivem com HIV ou não, pessoas de perfis inúmeros que toparam se unir à gente para dar um basta nessa história de ter alguém representando a questão e sendo reduzido a isso. Este é um assunto para todo mundo, o tempo todo”, afirma Gaê” (Pepper, 2023).

⁴² “Cazuza ocupava um lugar de unir. Por meio das canções, fazia a gente se entender igual, mesmo que nunca possamos ser. A tenebrosa capa da *Veja* que o estampava tentava demovê-lo desse lugar. Fazia individualizar a questão em um personagem só e escolhia cruelmente como retratá-lo: fraco, moribundo, pequeno. Nossa capa revisita esse lugar. Podemos todos ocupá-lo e fazê-lo com dignidade, viva você com HIV, ou não. Nesse Dia Mundial da Aids, tome a frente da conversa você também. Compartilhe nossa canção, compartilhe vídeos, documentários, filmes; coloca o assunto na mesa de jantar. Fale sobre (em homenagem carinhosa aos bons tempos de Projeto Boa Sorte). Vamos juntos!” ([Gaê \(2022b\)](#)).

homossexualidade e o contexto político em torno da epidemia. O filme gira em torno da figura de Andrew Beckett, gay, branco e advogado bem-sucedido, demitido arbitrariamente e injustamente do escritório onde trabalhava por conta de sua condição sorológica, e de seu advogado Joe Miller, heterossexual, negro e que inicialmente havia se recusado a defendê-lo em ação contra a empresa. O ponto de intersecção entre ambos estaria na redenção do último pela superação de sua homofobia e sorofobia ao se deparar com a tragédia anunciada do primeiro diante da aids que o deteriorava e, ao mesmo tempo, o aproximava de outros doentes e desempregados. Há, por fim, o reconhecimento do elemento de humanidade que dissolveria entre eles o ruído da diferença.

A devastação exibida na topografia corporal da personagem são as típicas de quem enfrentou a aids em seus primeiros anos: o agudo emagrecimento e as lesões do sarcoma de Kaposi, motes para a nomeação da aids através do estigma do “câncer gay”. A trama resvala na pieguice ao construir na protagonista o lugar de vítima tanto pelo preconceito e exclusão sofridos quanto pelo definhamento que anuncia o seu fim, mesmo com a vitória nos tribunais. A cena em que o protagonista interrompe um discurso burocrático de seu advogado e põe a ária “La Mamma Morta” para tocar é um ponto de inflexão e um anúncio. Enquanto reflete sobre o peso da contingência trágica de um amor impossível, tema da ópera “Andrea Chénier”, Beckett anuncia com paixão aquele que seria o seu canto de morte, o amor que seria impossível ao homossexual em tempos de aids, indissociáveis semanticamente: “Farei da terra um céu...”, “Ah! Eu sou o amor!” O elemento de *gore* do corpo em deterioração é encapsulado pela nuance de tragédia da ópera que serve como catarse, condescendência do telespectador e para a mudança de postura do outro advogado, em uma dor compartilhada para ambos.

Nesse viés, determinar o estatuto sorológico das pessoas passou a ser uma alternativa, já que os tratamentos eram pouco eficazes. O que se produziu a partir disso? Criou-se um estatuto ambíguo para as pessoas que vivem com HIV, mas ainda sem o diagnóstico de aids: nem “doentes” nem “sãos” do ponto de vista biológico, mas socialmente “perigosos”. Obviamente, tanto as testagens quanto os tratamentos ainda preliminares e pouco eficazes eram privilégios de países e grupos sociais restritos na década de 1980 (e ainda é distante da realidade de lugares em situação de vulnerabilidade). Acerca da precariedade que conecta a relação entre vida e dignidade no âmbito da aids, Preciado (2018) aponta que:

No contexto do biocapitalismo, uma doença advém ao domínio da realidade como consequência de um modelo médico e farmacêutico, como resultado de um suporte técnico e institucional capaz de explicá-la discursivamente, de materializá-la e tratá-la de forma mais ou menos operacional. Do ponto de vista farmacopolítico, a grande quantidade de africanos afetada pela aids *não*

está realmente doente. Os milhares de soropositivos que morrem a cada dia na África são corpos precários cuja sobrevivência ainda não foi capitalizada como consumidora/produtora pela indústria farmacêutica ocidental. Para o sistema farmacopornográfico, estes corpos não estão mortos *nem vivos*, existem em um estado pré-farmacopornográfico – ou, o que é a mesma coisa, suas vidas não são suscetíveis de produzir benefício ejaculatório. Eles são corpos excluídos do regime tecnobiopolítico (Preciado, 2018, p. 54-55, destaques meus).

Desse modo, os discursos relativos ao binômio doença e saúde estabelecem fronteiras entre as noções de humanidade/normalidade, produzem identidades e estabelecem critérios de coexistência social, com base na exclusão/marginalização dos sujeitos e na produção da noção de pureza. Esses discursos geradores de sujeitos ideais modelam e controlam, em todos os campos da vida, a possibilidade de uma existência digna e possível, limitada a poucos, mas nem mesmo a certeza de que toda vida corporal é precária e finita produz alianças, retroalimentando formas de dominação, uma vez que:

[...] a condição compartilhada de precariedade conduz não ao reconhecimento recíproco, mas sim a uma exploração específica de populações-alvo, de vidas que não são exatamente vidas, que são consideradas destrutíveis e não passíveis de luto. Essas populações são perdíveis, ou podem ser sacrificadas, precisamente porque foram enquadradas como já tendo sido perdidas ou sacrificadas; são consideradas como ameaça à vida humana como a conhecemos, e não como populações vivas que necessitam de proteção contra a violência ilegítima do Estado, a fome e as pandemias. Consequentemente, quando essas vidas são perdidas, não são objeto de lamentação, uma vez que, na lógica distorcida que racionaliza sua morte, a perda dessas populações é considerada necessária para proteger a vida dos vivos (Butler, 2015, p. 53).

Passadas quatro décadas, em que migramos da fulminante crise da aids ao silêncio pelo controle biomédico, estaríamos, agora, ressignificando e expondo formas mais sofisticadas de estigmatização da aids? Ela não mais estampa as capas de revista, os programas de TV, a literatura e outros produtos culturais como outrora, o que poderia significar uma superação do problema; mas, por outro lado, essa dinâmica gera um silenciamento perigoso em relação às informações sobre as possibilidades de infecção e não contribui para desestigmatizar as pessoas que vivem com HIV.

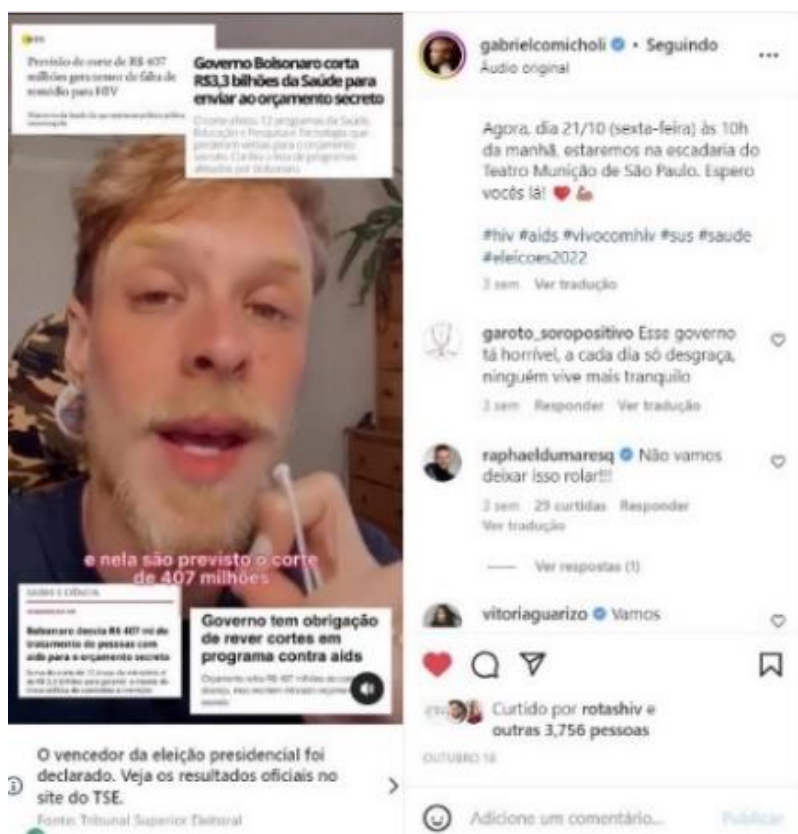
Nesse viés, difundiu-se, há alguns anos, uma visão “dourada” sobre o sucesso na luta contra a epidemia, baseada na supostamente bem-sucedida (e mundialmente elogiada) política pública brasileira elaborada como resposta à crise, narrativa que pode ser tão perigosa quanto o vírus ideológico do estigma e da discriminação. Sobram inquietações sobre quais os sentidos e impactos produzidos a partir da ideologia do fim da epidemia de aids (ou a quem interessa

esconder, ou seja, pôr os *monstros* no armário). As respostas biomédicas continuarão substituindo as respostas sociais e políticas (Parker, 2015).

Atualmente, com a recente proliferação de ativistas/influenciadores digitais em diversas redes sociais nos últimos anos, o tema ganhou certo fôlego, ao passo que se tornou preocupante a situação epidemiológica no Brasil. Gabriel Comicholi, ator e criador de conteúdo sobre HIV e aids para as redes sociais menciona em vídeo publicado no *Instagram*, em 18 de outubro de 2022, o corte orçamentário então definido para 2023 no Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, o que inclui a prevenção e o tratamento das PVHIV. Os ativistas digitais de aids comentam com a velocidade típica das redes sociais os fatos recentes, o que torna a plataforma um espaço imediato de circulação e debate.

Esse vídeo específico dura um pouco mais de dois minutos e utiliza uma trilha sonora dramática ao tom da narração, alarmante, mas informativa e carregada de adjetivos críticos em relação ao fato e ao Governo nas declarações, e imperativo quanto a uma convocatória para a indignação e para uma manifestação presencial contra o que foi denunciado, o que indica conexão com outros formatos de ativismos. Ele inicia com a sentença: “Gente, papo sério, tem algo muito bizarro acontecendo nesse momento debaixo do nosso nariz e a gente não pode deixar que isso aconteça” (Comicholi, 2022). Em movimento intertextual, Gabriel remete à história de sucesso e à referência do Brasil no tocante às políticas de enfrentamento à aids para alertar sobre os estoques baixos de medicamentos para HIV. Destaca-se que os ativistas de aids no contexto digital são considerados, de modo geral, figuras de autoridade quanto ao assunto.

Figura 56: Gabriel Comicholi – Reels Instagram – 18/10/2022



Fonte: [Comicholi \(2022\)](#)

É certo que a determinação política e o reconhecimento da extensão e da magnitude da epidemia impõem desafios no sentido de ampliar as políticas públicas de atenção à população infectada pelo HIV/Aids e em um envolvimento bipartite no que tange aos setores governamentais e não governamentais. O próprio conceito do tripé ideológico do SUS⁴³ é um desafio, tendo em vista que ainda coexistem concepções e práticas que reforçam uma ideia fragmentada do sistema de saúde, em detrimento de uma visão integral, e, por consequência, isso se reflete em suas ações e em seus serviços (Grangeiro *et al.*, 2010).

Os principais desafios são a diminuição da incidência de infecção por HIV e acometimento por aids em todas as faixas etárias e sexos, sobretudo os indivíduos em situação de vulnerabilidade e a garantia dos direitos de cidadania e de uma melhor qualidade de vida para as pessoas que vivem com o HIV, concomitantemente à priorização das ações voltadas para as infecções sexualmente transmissíveis no país. Há a necessidade da implementação de

⁴³ A organização do SUS (Sistema Único de Saúde) em nosso país está assentada em três pilares: rede (integração dos serviços interfederativos), regionalização (região de saúde) e hierarquização (níveis de complexidade dos serviços). Estes são os pilares que sustentam o modelo de atenção à saúde, conforme dispõem o art. 198 da CF. A Constituição ao estatuir que o SUS é um sistema integrado, organizado em rede regionalizada e hierarquizada, definiu o modelo de atenção à saúde e a sua forma organizativa (BVS, 2023).

ações necessárias para a prevenção e a assistência, bem como a criação de mecanismos eficazes de apoio que visem à redução da vulnerabilidade da população ao HIV e à aids e garantam os direitos de todas as pessoas infectadas pelo vírus (Carvalho, 2016).

Destaca-se que, nesta recente fase de globalização, fins do século XX e início do XXI, foram acentuados os processos de diferenciação social em conexão com a desigualdade no acesso a bens sociais, serviços e consumo. A concentração e a assimétrica distribuição de renda evidentemente associam-se ao crescimento da extrema pobreza ao passo que os programas de saúde, proteção social e educação são impactados de forma pungente pelas políticas econômicas neoliberais que se articulam em todo o globo, mesmo em um cenário de relevantes ganhos na conquista de direitos civis e políticos das minorias sociais (Parker; Camargo Jr., 2000). Quanto a isso, há anos os dados da Organização Mundial da Saúde apontam que “a globalização tem empobrecido países e ampliado a pobreza, a exclusão e as iniquidades econômicas e sociais. Estas, por sua vez, repercutem pesadamente sobre a saúde de indivíduos e da população como um todo” (Buss, 2007, p. 1579).

Como explicitado ao longo do capítulo, da crise aguda da aids na década de 80 até hoje, destaco três ciclos no contexto brasileiro: a emergência do vírus ideológico retroalimentando novas infecções, adoecimentos e mortes; décadas depois, o silêncio retumbante de um armário que ainda enfatiza a resposta biomédica como basicamente a única chave; e, atualmente, uma recente proliferação de dados sobre a persistência e o recrudescimento da epidemia, com ênfase material e discursiva nos mesmos atores que outrora foram denominados como protagonistas dos chamados “grupo de risco”. As políticas públicas estariam atuando de forma insuficiente com as comunidades consideradas vulneráveis e população-chave?

No Brasil, apesar da elogiadíssima legislação e política de distribuição de medicamentos antirretrovirais e do acesso aos tratamentos de forma gratuita, os dados continuam apontando que, apesar da queda no número de mortes nos últimos anos, o estigma segue como um elemento que continua desagregando e precarizando a prevenção, o cuidado e a saúde sexual (UNAIDS, 2019). Em pesquisa realizada pelos grupos Rede Global de Pessoas Vivendo com HIV (GNP+), Comunidade Internacional de Mulheres Vivendo com HIV/Aids (ICW), Federação Internacional de Planejamento Familiar (IPPF) e o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), um estudo feito com 1.784 pessoas, em sete capitais brasileiras, entre abril e agosto de 2019, através da ferramenta “Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/Aids”, apontou que:

64,1% das pessoas entrevistadas já sofreram alguma forma de estigma ou discriminação pelo fato de viverem com HIV ou com Aids. Comentários

discriminatórios ou especulativos já afetaram 46,3% delas, enquanto 41% do grupo diz ter sido alvo de comentários feitos por membros da própria família. O levantamento também evidencia que muitas destas pessoas já passaram por outras situações de discriminação, incluindo assédio verbal (25,3%), perda de fonte de renda ou emprego (19,6%) e até mesmo agressões físicas (6,0%) (UNAIDS, 2019).

Recentemente, houve um significativo aumento de casos entre jovens gays⁴⁴; há uma dificuldade no acesso às políticas de cuidado sexual e à saúde de modo geral para as pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, como já enfatizado anteriormente; por fim, um dado alarmante diz respeito a uma queda brusca na contabilização oficial de diagnósticos de HIV no ano da pandemia (em 2019, foram notificados pelo Sinan – Sistema de Informação de Agravos de Notificação – 41919 casos, enquanto em 2020 apenas 13677) (Brasil, 2018). Diante dessa informação, levanto a hipótese de uma precária política de diagnóstico no período e, por conseguinte, da possibilidade do recrudescimento da aids como um grave problema de saúde pública: quanto mais cedo as pessoas souberem do seu estado sorológico mais evitam-se adoecimentos por conta das manifestações decorrentes da aids e novas infecções, haja vista que pessoas com o tratamento eficazmente realizado não transmitem o vírus.

Diante disso, o pesquisador Jonathan Mann (1993) refletiu na década de 1990 como, no percurso da crise da aids, se disseminou uma terceira epidemia, ou seja, além das epidemias de infecção pelo HIV e de casos registrados da aids, percebeu-se que também existia um outro surto “contaminando” as respostas sociais frente ao HIV e a aids, e que este terceiro alastramento da crise poderia ser compreendido como uma epidemia de significados, muitas vezes de estigmas e discriminação, ou seja, um vírus ideológico tão perigoso quanto o biológico, e parte de seu dispositivo biopolítico. Essa terceira epidemia persiste retroalimentando a do vírus e a da própria aids.

Os textos multissemióticos anteriormente analisados são ilustrativos do panorama da representação da aids no Brasil e no mundo, tendo em vista o impacto de discursos globalizantes nas práticas locais situadas. Identifico processos ideológicos em construções midiáticas híbridas de informação-entretenimento que constituem a aids como símbolo coletivo, a exemplo: (1) das representações metonímicas de doença, morte e identidade deteriorada, que indistingue HIV-aids-pessoas infectadas pelo vírus); (2) da força discursiva da imagem como elemento fundamental para as representações hegemônicas da aids quanto nos focos de resistência; da

⁴⁴ Para mais informações: 1) <https://oglobo.globo.com/sociedade/casos-de-hiv-entre-jovens-gays-de-15-19-anos-triplicam-em-dez-anos-22754758>; 2) <https://saude.abril.com.br/medicina/homens-jovens-ou-homossexuais-ainda-sao-as-grandes-vitimas-do-hiv/>.

participação de redes interdiscursivas de líderes religiosos, médicos, políticos, jornalistas e outros setores da sociedade na construção e disseminação do estigma e do medo em relação à comunidade guei na década de 1980, 1990; (3) da desinformação e estigma que causaram efeitos sociais perversos desde discriminações veladas a violências físicas, conforme dados apresentados; (4) da associação entre as vítimas da aids e uma iconografia da melancolia, da marginalidade, do definhamento e da morte; (5) da sobreposição de patologizações por meio da relação dual hierárquica mente-corpo, na qual a primeira refere-se à homossexualidade como “doença mental”, e a segunda à homossexualidade como “desvio sexual”; (6) da construção da suposta ameaça social, ligada a práticas afetivossexuais condenadas pela moral capitalista-cristã-patriarcal, nas narrativas da aids e na identificação desses “inimigos” (Sontag, 2007) em enquadramentos imagéticos que representam corpos como fora da inteligibilidade do normal e do humano, e da (im?)possibilidade de uma vida digna de ser vivida ou de uma morte passível de luto (Butler, 2015, 2019); por fim, na emergência dos ativismos digitais/net-ativismos em uma realidade que tem funcionado não apenas como extensão do mundo *offline*, mas que também possui um tecido ontológico que se assenta na contemporaneidade, a despeito de sua volatilidade e fluidez.

3 AIDS-ENTRETENIMENTO, ONTOLOGIA SOCIAL BIG DATA E AS ECOLOGIAS COMUNICATIVAS DAS IDEIAS NO INSTAGRAM

Desde que comecei a tomar os terríveis remédios do coquetel para Aids, ouço dizer que a tecnologia médica é rápida, que logo surgirão remédios melhores e tudo, mas engulo, todos os dias, nos mesmos horários, há anos, essas ratazanas nojentas.

E, desde então, tenho sido terrivelmente domesticado por elas, por seus horários.

É certo que estou aproveitando a liberdade da viagem sem tomá-los, mas não saberia mais estar fora de sua disciplina, fora de sua grade.

Não tenho medo do vírus HIV.

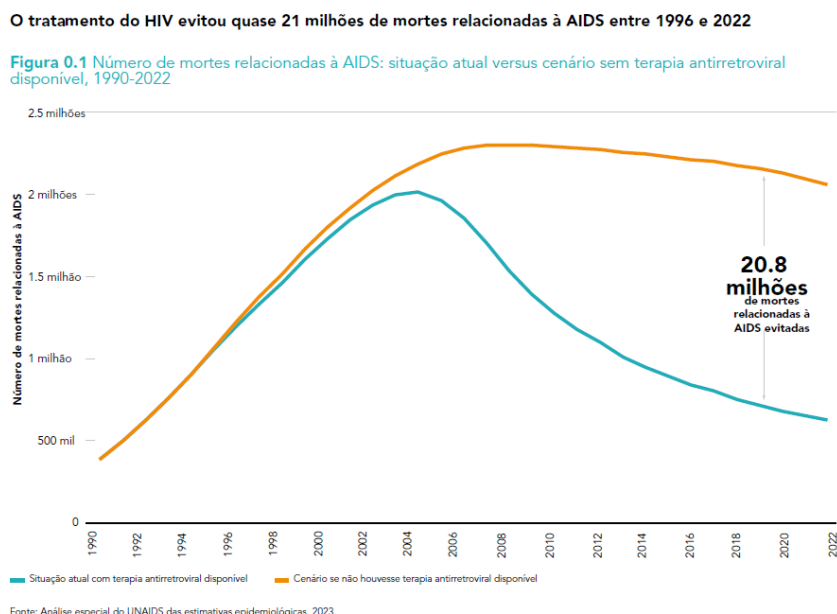
Tenho medo é de não saber administrar o meu tempo e medo de me perder em sua grandeza.

Os remédios deram-me determinação. Através deles, fragilizado, determino meus dias, o tempo, meu cotidiano. E são bons (Capucho, 2012, p. 80).

A virada para o século XXI era o vislumbre para um mundo fantasiado pelas obras de ficção científica como a era da tecnologia. As idealizações em torno do novo milênio alimentavam esperanças a respeito de uma globalização mais solidária (como formulou o geógrafo Milton Santos) materializada através de múltiplas redes de conexões culturais e de uma comunicação planetária. A presença cada vez mais maciça da rede mundial de computadores inspirava esse sentimento de progresso compartilhado que a tecnologia sugere. Entretanto, a reorganização do mundo a partir dessa chave não garantiu que os recursos econômicos, os novos hábitos de consumo de cultura e os benefícios das tecnologias fossem compartilhados por essas redes transnacionais. As instabilidades, fissuras e reorganizações político-culturais e econômicas desencadeadas nas décadas de 1980 e 1990 ainda causavam apreensão e conflitos, apesar do fulgor das chamadas revoluções da informação e da comunicação.

Nesse ínterim, um sopro de esperança é avivado diante de uma epidemia global que parecia irrefreável: na metade da década de 1990, a criação e um progressivo e facilitado acesso ao tratamento do HIV impediu cerca de 20,8 milhões de mortes relacionadas à aids em quase três décadas. A partir do ano de 2004, marco do ápice de mortes relacionadas à aids, há uma progressiva redução na mortalidade em todo o mundo, cerca de 69% de queda (UNAIDS, 2023).

Figura 57: O tratamento do HIV e a queda do número de mortes relacionadas à aids



Fonte: UNAIDS, 2023

Discursos sobre o fim da aids ou de uma “geração livre da aids” começaram a ecoar desde então, reverberando nas identificações em torno e a partir dela e nas atitudes dos ativistas do novo milênio, imersos na cultura digital e diante de novos (e antigos) desafios da epidemia, recriando os modos de se comunicar (e se conectar), representar a si e a vida com HIV (Parker, 2015). Nesta seção, aprofundarei o conceito de aids-entretenimento para, no movimento seguinte, situá-lo no cenário dos net-ativismos – uma estrutura social que se situa / é ontologicamente identificada como *big data*. A complexidade dessa definição enseja o deslocamento, a intersecção e o aprofundamento da noção de realidade a partir das revoluções ensejadas pela cultura digital. Como delimitar essas fronteiras entre o material e o digital? Há diferença? A partir de um movimento netnográfico-discursivo, analiso a rede de práticas sociais dos influenciadores e ativistas digitais cujos perfis no *Instagram* focam na temática HIV/Aids e investigo de que modos e por quais articulações eles constroem uma atualidade da aids em interface aos ecos de seus símbolos coletivos.

3.1 Fissuras no dispositivo da aids-entretenimento

Os dispositivos são constituídos ao redor das urgências que se impõem a partir dos acontecimentos, esses pontos nevrálgicos da história humana em que formações discursivas e domínios não discursivos são afetados, realinhados ou criados e estrategicamente posicionados

naquele contexto histórico de irrupção. Dotados de formação histórica e rearticulados baseados em funções estratégicas demandadas por aquela conjuntura sociopolítica em transformação, eles moldam-se de forma inteligível à rede de dispositivos já existentes. Cada dispositivo funciona a partir dos próprios processos e mecanismos singulares que operam e agem de forma específica em relação aos outros. O que está em jogo nos dispositivos é como em sociedades de controle as forças do poder são exercidas em um ancoramento dialético aos sistemas de saber e produzem efeitos e práticas de subjetivação que não se resumem aos resultados de uma sujeição. Para o conceito de dispositivo, é fundamental entender a relação entre o que Michel Foucault (2008) denomina formações discursivas e domínios não discursivos, que se entrelaçam em redes. O próprio dispositivo é fundamentado na noção de redes, pois interliga objetos que são decisivamente heterogêneos e dispersos em uma teia de relações estratégicas. Ele condensa o conceito da seguinte forma:

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. [...] Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (Foucault, 1998, p. 244).

Foucault elaborou uma base que será posteriormente esquematizada para a análise dos dispositivos a partir dos elementos acima detalhados e em torno das balizas do poder/saber, mas não enunciou uma teoria completa e explícita. O obstáculo que o impediu de fazê-lo foi, na maior parte de seu trabalho, a ênfase apenas nas práticas performadas linguisticamente como discursivas. No entanto, na maioria das vezes, ele não via como discursivas as práticas e os artefatos realizados não linguisticamente (ações e materializações). A partir das premissas foucaultianas enfatizadas em sua fase genealógica de investigação, compreende-se o poder como uma “rede produtiva” e não apenas estruturalmente repressivo e o saber como todos os tipos de elementos de pensamento e sentimento nas mentes humanas, pois tudo na consciência humana é discursivo, ou seja, constituído por conhecimento. Jäger e Maier (2016), ao formularem a grade conceitual da Análise de Dispositivo, explicitam que as práticas realizadas

linguística e não linguisticamente e as materializações estão conectadas pelo saber ou, para ser mais preciso, por um complexo comum de poder/saber; isto é, entendem por dispositivo a síntese de conhecimento em constante evolução que é construída a partir de três elementos que unidos formam/se materializam em signos: as *práticas performadas linguisticamente* (práticas discursivas nas quais o saber é prioritariamente “carregado”, ou seja, ao pensar, falar, escrever etc.), as *práticas não performadas linguisticamente* (as ações, vulgo “fazer coisas”) e as *materializações* (isto é, os objetos físicos, as coisas naturais e as produzidas, que, obviamente, são conceptualizados pelas práticas discursivas) – a partir da articulação entre esses pilares, o dispositivo assume funções estratégicas de modo a responder a uma urgência (Jäger; Maier, 2016, p. 113-114).

Nesse arranjo teórico, a distinção entre as práticas discursivas e os domínios não discursivos é atualizada com base nas noções de práticas performadas e não performadas linguisticamente (discurso e ação), e as materializações (objetos e coisas naturais e produzidas), justamente para enfatizar que todas elas são atravessadas por redes de conhecimento, porquanto discursivas. Logo, a Análise de Discurso Crítica (como vertente analítica de estudos da linguagem) se alinha à discussão foucaultiana acerca dos pilares do poder, do saber e da subjetividade e a sua síntese a partir da noção de dispositivo, em que dialeticamente os discursos constituem o exercício do poder, isto é:

Por um lado, existe o poder do discurso. Por outro lado, existe também algo como o poder acima do discurso. [...] Para ser mais preciso, podemos distinguir dois efeitos do discurso: em primeiro lugar, os discursos formam a consciência individual e de massa e, portanto, constituem sujeitos individuais e coletivos. Em segundo lugar, uma vez que a consciência determina a ação, os discursos determinam a ação e a ação cria materializações. Os discursos orientam, assim, a criação individual e coletiva da realidade (Jäger; Maier, 2016, p. 117).

Na crise da aids, a identidade é elemento central de disputa e as identificações que se articulam como reação à força violenta de instituições e grupos contra minorias sociais e à pilha de mortes que se acumulava com a epidemia funcionam como forma de resistência em torno de um projeto de *abjeção minorada*. As identidades e identificações de resistência são mais do que efeito das dimensões de saber e poder hegemônicos. Elas constroem e ressignificam saberes e intentam exercer poderes ao se infiltrar no dispositivo mais amplo da aids. Propôs-se nesta investigação a seguinte construção teórico-conceitual em torno da chave aids-entretenimento: *a ideia da aids como um dispositivo que é produto das ascendências de uma cultura de massas e da emergente cultura das mídias na década de 1980 sob a égide do entretenimento*. A aids-

entretenimento é visibilizada e adquire os contornos de uma “marca” (no sentido mais específico do campo do *marketing*), um profícuo conjunto simbólico, constituída, embalada como produto e distribuída por grandes corporações hegemônicas de mídia a partir das tecnologias de poder que emergem na era de expansão da comunicação em massa e das mídias e afetam os sujeitos que se tornaram o centro nevrálgico da epidemia, reconfigurando-os e contribuindo para a constituição de outros, em movimentos de sujeição, mas, conseqüentemente, de criação e invenção de si como resposta à crise.

De forma mais ampla, esse dispositivo materializa-se em decisões macropolíticas, como as ações dos governos, da indústria farmacêutica, dos ativismos, de administração da coletividade e da vivência da própria sexualidade diante do consumo do signo aids, além da materialização do vírus, da síndrome, da epidemia e das vítimas/culpadas/aidéticas a partir de ascendências bastante específicas de sujeição. Com base na cartografia documental realizada por todo o corpo deste texto, apresentarei um esquema-síntese do dispositivo da aids-entretenimento e as principais categorias analíticas resultantes dessa monta histórica. Antes disso, realizo a reiteração de alguns pontos já discutidos e uma reflexão teórica da noção de entretenimento e de como ele é mobilizado para o esquema conceitual proposto.

3.1.1 Entretenimento como faceta alienante do consumo ou como abertura para utopias?

A concepção de consumo inserido em um drama de alienação radical do sujeito, conforme sintetizado por Jean Baudrillard (1995), não abre espaço para que o recurso da agência possa afetar e alterar a realidade social. Segundo o autor, a aceleração dos processos de produtividade de signos do capital na contemporaneidade provocou uma imanência na ordem dos signos, isto é, uma indistinção ontológica entre significados e significantes e entre o ser e o seu reflexo, ou melhor, a “vitrine” na qual o sujeito é abolido a partir do consumo de modelos e aspiração em alcançar o estatuto social das mercadorias simbólicas (objetos-signo), de modo que o “consumo é lúdico e que *o lúdico do consumo tomou progressivamente o lugar do trágico da identidade*” (Baudrillard, 1995, p. 206). Nesse sentido, haveria uma generalização da:

[...] lógica da mercadoria, que regula hoje não só os processos de trabalho e os produtos materiais, mas a cultura inteira, a sexualidade, as relações humanas e os próprios fantasmas e pulsões individuais. Tudo foi reassumido por esta lógica, não apenas no sentido de que todas as funções, todas as necessidades se encontram objectivadas e manipuladas em termos de lucro, mas ainda no sentido mais profundo de que tudo é espetacularizado, quer dizer, evocado, provocado, orquestrado em imagens, em signos, em modelos consumíveis (Baudrillard, 1995, p. 206).

Sua concepção de sistema de felicidade (*fun-system*)/coaçoão do prazer a partir da qual a salvação da civilização moderna estaria na busca por uma formação mítica da felicidade, materializada no consumo não somente de mercadorias, mas de ideias, conceitos e símbolos, é o elemento fulcral dessa crítica. A satisfação pura, individual e interior inerente às vivências em contextos do Estado de Bem-Estar Social mascararia o fato de que essa suposta ideologia democrática global apaga a ausência de democracia e as massacrantes e sistemáticas desigualdades socioeconômicas fora da esfera ocidental – e, muitas vezes, por ela provocada (ou mesmo faria ignorar suas contradições internas). Acordos em torno de uma sociedade erigida com base em princípios democráticos igualitários e universais somente se sustentariam a partir de mitos como o da abundância e do bem-estar, que se mantém erguidos com base na manutenção de uma ordem de domínios e privilégios, nos níveis internos e transnacionais (Baudrillard, 1995, p. 52).

Os significados e valores que circulariam a partir do entretenimento de massas utilizam basicamente os recursos da narração e da emoção. Han (2019, p. 141) aponta que a função dessas mídias de entretenimento é agir de modo a reimpregnar e manter o *status quo*, impondo um entendimento mediano, a considerada visão “normal” de mundo. Por esse ângulo, a midiatização *gore* da aids, mesmo utilizando a radicalidade da imagem e das metáforas relacionadas à morte, atuava no terreno seguro do sensacionalismo jornalístico e, ao mesmo tempo, agia para proteger a sociedade do perigo daquela epidemia (e dos seus representantes, os aidéticos). Desse modo, os canais de prazer oriundos desse tipo de mídia operariam para estabilizar a sociedade existente e preservá-la, pois as invenções de outros mundos (ou do “outro” como um todo) exigiriam mais esforços e custos do que o encontro com um mundo já interpretado. Logo, o entretenimento funcionaria como um “desenfardo do ser” que apresenta sentidos pré-prontos, isto é, os mitos, e proporciona, na mesma equação, o prazer.

Nesse viés, dialogo e corroboro nesta pesquisa com certos elementos dessa concepção de consumo, definida por Baudrillard a partir de dois aspectos: primeiro como um *processo de significação e de comunicação*, “um sistema de comunicação e de permuta, como código de signos continuamente emitidos, recebidos e inventados, como *linguagem*” (Baudrillard, 1995, p. 94); segundo como um *processo de classificação e diferenciação social*, na qual os objetos-signos produzem valores estatutários dentro de uma hierarquia e que, nesta ostentação da abundância, o “narcisismo do indivíduo na sociedade de consumo *não é fruição da singularidade, é refração de traços coletivos*” (Baudrillard, 1995, p. 96). O consumo estaria, então, atrelado à lógica do desejo (de mobilidade e significação inconsciente) que subjaz um sistema de necessidades que é sempre cambiante e inesgotável. No entanto, divirjo de parte de

sua formulação e conclusão, que conversa com a crítica marxista sobre a cultura de massas, já que ele compreende que há nas denominadas sociedades de consumo uma impossibilidade na resistência e nas identificações fora desse sistema de coação do prazer/felicidade, ou, como trato aqui, entretenimento (a não ser como por ele mencionado, através de um ímpeto revolucionário e brutal contra a sociedade de consumo, a exemplo do maio de 1968). Santaella (2003) aponta que, com a emergência de uma cultura das mídias, há a complexificação e a contínua fragmentação dos modelos e signos da cultura de massas, que jorraria seus produtos de forma massificada e homogênea sobre a sociedade. De uma maior participação e personalização nas formas de consumo até a emancipação de uma cultura criativa e participativa em face das tecnologias digitais, o conceito de entretenimento será disputado e ressignificado ante a ação e adaptação das grandes corporações midiático-industriais.

Dessa maneira, a criação, o consumo e a circulação de produtos midiático-culturais na era da cultura digital estão intimamente ligados ao que se derivou como entretenimento a partir da cultura de massas e que foi remodelado na cultura das mídias, visto que “a consolidação da *mass media entertainment industry* e as possibilidades abertas pela apropriação mercadológica das redes sociais digitais contribuem para desestabilizar as já tênues fronteiras entre negócios e conteúdo cultural” (Castro, 2012, p. 136-137). Assim, as noções de consumo e de entretenimento são neste espaço e tempo específicas atravessadas e redefinidas por processos intensos de sociabilização e pela criação de sensibilidades singulares em contextos cada vez mais plurais, dinâmicos e colaborativos, o que gera inúmeras possibilidades éticas e estéticas.

O entretenimento é uma concepção que articula de modos muito específicos as ordens de discurso, seja na formatação, no design e nos movimentos retóricos de construção do gênero discursivo, seja na seleção de formatos de representação que facilitam e encorajam o consumo e produzam identificações (mesmo que fugazes) em múltiplos contextos – ambas agem para estimular um fluxo cíclico e contínuo de recepção e compartilhamento dos produtos. Logo, ele se materializa como atividade em tecnologias imagético e sonoro-sensoriais e interacionais cada vez mais complexas que, por um lado, provoca e catalisa sensações; por outro, impulsiona associações à memória, à intimidade e às identidades em jogo, também complexificando o clássico binômio da lógica do lazer, do ócio e da vulgaridade em contraposição a uma noção mais elitizada, edificada e reificante de arte. A despeito dessa já envelhecida dicotomia, cada vez mais borrada na cibercultura, o entretenimento se configura como uma espécie de sistema com muitas contradições, repleto de fendas e nós complexos em que a recepção e os modos particulares de criação de estilos não devem ser encarados como passivos e “lobotomizados”.

Assim, o entretenimento enquanto indústria e expressão semiótica avançada da lógica capitalista contemporânea é constantemente ressignificado, reapropriado e consumido de novas formas, “servindo não mais apenas como elemento de perpetuação da indústria, do mercado, mas formando (e destruindo em algumas ocasiões também) redes inéditas de trocas simbólicas, hierarquias inusitadas, tendências fugazes nas modas culturais” (Prysthon, 2010, p. 128). Nesta fase de ultrapersonalização da criação e do consumo nas plataformas de redes sociais, o entretenimento é mobilizado sem a pretensão de que o conhecimento-conteúdo em si seja necessariamente universal ou atemporal, mas que se globalize em termos de uso dos meios-tecnologias e da atividade comunicativa-interacional que são sintetizados nas interfaces dos aplicativos.

Desse modo, vivemos uma era de estímulo à criação e ao engajamento coletivo em ciberespaços delimitados pelos formatos, configurações e interfaces dos aplicativos, mas que, ao mesmo tempo, as atualizações e as especificidades sócio-histórico e técnico-culturais são consideradas, engajadas, mobilizadas e apropriadas da fase de criação ao seu consumo. Obviamente, há conteúdos-informações que esgarçam o espaço de consumo de uma cultura e língua específicas e “viralizam” globalmente e a indústria do entretenimento de mídias continua a produzir intensamente música, clipes, filmes, séries, jogos etc., porém cada vez mais elaborados e bifurcados para grupos, gostos e demandas específicos.

Seguindo essa linha de raciocínio, há a difusão da ideia de entretenimento como utopia, na qual o significado emocional de quem produz e de quem recebe os produtos midiático-culturais são tão considerados quanto a complexidade dos seus conteúdos-informações socioculturais. Angela Prysthon (2010, p. 126), em diálogo com o pesquisador do campo dos Estudos Culturais e Estudos de Cinema Richard Dyer, aponta como esses campos teóricos tensionam a superação das noções de alta e baixa cultura, reconhecendo a centralidade dos fenômenos do entretenimento para além de seu papel econômico na indústria cultural e esboçando a ideia e as categorias em torno de uma *sensibilidade utópica do entretenimento*. A proposição aqui é a de reversão e subversão das habituais acusações de “escapismo” e unidimensionalidade da indústria cultural ao abordá-las afirmativamente:

Duas das descrições já naturalizadas de entretenimento, a saber, ‘fuga’ e ‘realização de desejos’, apontam para o seu ímpeto central, utopismo. O entretenimento oferece a imagem de um ‘lugar melhor’ para ir, ou algo que queremos profundamente e que nosso cotidiano não nos pode prover. Alternativas, esperanças, desejos – esse é o domínio da utopia, a noção de que as coisas podem ser melhores, que algo distinto do que está aí pode ser imaginado e talvez até realizado (Dyer, 2002, p. 20 *apud* Prysthon, 2010, p. 129).

Tensões sociais, inadequações e ausências seriam confrontadas com as categorias de uma sensibilidade utópica que podem emergir de determinadas formas de entretenimento (abundância de recursos, sensação de comunidade, intensidade e energia como formas de viver em contraposição a tristeza e a exaustão, e transparência). O consumo como espetáculo anteciparia esses elementos de utopia de forma parodiada e assim, de formal sutil, estratégica e sub-reptícia são utilizadas as armas do prazer no capitalismo como possibilidades de mudança da realidade social (Dyer, 2020, p. 26).

Se pela perspectiva de Han (2019) o entretenimento assenta os mitos do cotidiano, ele age a partir da modulação do social em torno de narrativas morais: o estabelecimento dos fundamentos da sociedade (*é assim que é*) se encontram com sua capacidade de agradar e entusiasmar (*entreter*) para se arraigar no cotidiano. O entretenimento é basicamente narração e é justamente nesse aspecto que as disputas em torno de leis morais ocorrem: as tensões narrativas que envolvem a mitologia da aids recorreram a outros mitos sobre sexo, doença e homossexualidade, mas outras histórias seriam contadas em contraposição ao narrativizado pelo dispositivo da aids-entretenimento, seja pela expressão dos ativismos ou pelas pessoas vivendo com HIV que materializaram suas vozes em biografias (Han, 2019, p. 113).

O despertar de consciência e de sensibilidades talvez seja insuficiente – ou mesmo improvável – quando se trata de situações extremas de pobreza, desigualdade ou em sistemas políticos mais fechados ou ditatoriais. Preciado (2018, p. 55) ressalta que o biocapitalismo contemporâneo se assenta tanto na indústria visual quanto na farmacêutica, mas que os corpos precários que não são passíveis de capitalização como produtores/consumidores são excluídos desse regime tecnobiopolítico, o que dificulta drasticamente vislumbrar utopicamente mudanças sociais ou de fazer do entretenimento uma estratégia moral de disputa política.

Com efeito, mesmo em contextos onde o consumo é viabilizado, não é sua capacidade de (re)produzir objetos-signos que importa em termos de hegemonia, mas a de invenção das tecnologias (inclusive de identidades, que serão distribuídas globalmente): “o corpo pós-moderno se torna coletivamente desejável graças a sua gestão farmacológica e sua promoção audiovisual [...]. Estas duas forças de criação de capital não dependem de uma economia da produção, e sim de uma *economia da invenção*” (Preciado, 2018, p. 56).

O fato é que essas mobilizações de resistência e possibilidade de agência funcionam principalmente em contextos ocidentalizados ao imiscuírem-se e subverterem as regras do jogo erigidas pelas forças dos seus sistemas políticos, econômicos e culturais (e suas lacunas, brechas e possibilidades de ação/expressão/participação). Inclusive, a aids foi mobilizada como arma no contexto de disputa ideológica da Guerra Fria ao ser referida como uma “doença do

Ocidente”⁴⁵, o que foi, de certa forma, uma justaposição a alguns discursos que circulavam no mesmo período em relação às culturas sexo e gênero diversas e suas pautas políticas emergentes, também consideradas degenerações burguês-ocidentais em contraposição ao projeto revolucionário comunista⁴⁶. A charge a seguir é uma das mais difundidas da época:

Figura 58: Charge de um jornal russo em 1986, acusando os EUA de terem inventado a Aids



Fonte: Monnerat (2019)

Em síntese, o entretenimento em suas expressões mais hegemônicas é mobilizado a partir de sistemas de coação do prazer (ou sistemas de felicidade/*fun-system*) que dominam a narrativização dos mitos para assentar as leis de moralidade. No entanto, sempre houve escape

⁴⁵ “É falsa a alegação de que os EUA inventaram o vírus HIV como arma biológica – “Boato zumbi” sobre criação da Aids em laboratório foi inventado há pelo menos três décadas; desinformação teve origem na União Soviética” (Monnerat, 2019). *Operation INFEKTION*: A Operation Denver (às vezes chamada de “*Operation INFEKTION*”) foi uma ativa campanha de desinformação conduzida pela KGB na década de 1980 para plantar a ideia de que os Estados Unidos haviam inventado o HIV/Aids como parte de um projeto de pesquisa de armas biológicas em Fort Detrick, Maryland (Kramer, 2020).

⁴⁶ “O governo cubano representou a homossexualidade em termos de desvio e patologia burguesa, e defendeu esta representação através da linguagem do anti-imperialismo. Esta posição é profundamente irônica, considerando que a própria associação da homossexualidade com a degenerescência e a perversão foi um produto da construção do império ocidental no século XIX” (Stoffel, 2022, tradução minha). A referida citação aponta que os discursos transnacionais sobre a sexualidade e liberdade sexual no século XX não podem ser compreendidos a partir de dicotomias como Sul/Norte, Ocidente/Oriente, centro/periferia. Em diálogo com a regra da polivalência tática dos discursos preconizada por Michel Foucault (1999), resalto que os mesmos discursos de abjeção em relação à sexualidade podem ser acionados por diferentes estratégias e posições políticas. Não proponho equiparar de forma grosseira o comunismo à homofobia, mas apontar como, naquele período de tensão, tanto os países ocidentais quanto os que compunham o bloco soviético não adotaram uma posição uniforme em relação à homossexualidade, havendo perseguição e criminalização em alguns países e possibilidade de escape e resistência em ambas as realidades. O ponto é que as minorias sexuais e de gênero fizeram parte do brinquedo político macropolítico de outrora (Szulc, 2017).

pelas brechas de *utopia* que ele mesmo proporciona a partir das próprias contradições do sistema capitalista. As vozes contra-hegemônicas reapropriam o entretenimento como elemento significativo nessa disputa de forças ao estrategicamente acessar e ressignificar o caráter de narração desse dispositivo. A regra foucaultiana da polivalência tática dos discursos é aqui ampliada para os outros momentos das práticas (atividades materiais, fenômenos mentais, relações sociais e processos), pois a agência dos sujeitos implica ação direta a partir da articulação entre esses elementos da vida social, por mais que compreendamos a vida como semioticamente mediada (Foucault, 1999; Chouliaraki; Fairclough, 1999). Assim, a despeito dos inúmeros conflitos e formas de violência que ainda vivenciamos nos centros urbanos latino-americanos, a luta de forças nas sociedades ocidentais (e aqui até cabe questionar o nosso lugar nessa acepção) se torna nos fins do último século concentrada principalmente na ordem do político e dos modelos estratégicos:

Trata-se, em suma, de orientar, para uma concepção do poder que substitua o privilégio da lei pelo ponto de vista do objetivo, o privilégio da interdição pelo ponto de vista da eficácia tática, o privilégio da soberania pela análise de um campo múltiplo e móvel de correlações de força, onde se produzem efeitos globais, mas nunca totalmente estáveis, de dominação (Foucault, 1999, p. 96).

O entretenimento como prática política, recurso semiótico e modo de ação é elemento da estratégia contra-hegemônica dos ativismos de aids e das narrativas autobiográficas das pessoas vivendo com HIV para fissurar o dispositivo da aids-entretenimento. Paulatinamente, eles se tornam atores relevantes do embate na esfera pública em torno da aids incidindo em práticas, políticas e legislações de Estados, na crítica à comunicação alicerçada pelos símbolos coletivos de estigma das grandes corporações midiáticas e no apelo para que a indústria farmacêutica abra concessões à sua sanha mortífera por lucro diante de uma epidemia sem precedentes. Nesse sentido, Douglas Crimp, historiador e crítico de arte e ativista de aids organiza em 1987 uma obra seminal intitulada “AIDS: Cultural Analysis, Cultural Activism”, que reúne artigos de diversos autores discutindo o tema sob o ponto de vista da arte, da cultura, da imagem e de um ativismo fortemente engajado contra o estigma naquele momento específico da década de 1980.

Em artigo de título homônimo ao do livro, ele abre trazendo à baila a ideia de que doenças não existem senão como práticas. Longe de negar a materialidade da síndrome e da epidemia, ele afirma que, concomitante aos fatos científicos da aids, estão a ignorância e a deturpação das respostas racionais em torno dela. Em suma, a aids não existe fora das práticas que a conceitualizam, a representam e a respondem (Crimp, 1987, p. 3). Ele defende a ideia de

um ativismo cultural como forma de reação à pujança dos símbolos coletivos que eram difundidos pela mídia hegemônica, apontando o poder da arte como forma de salvar vidas, pois:

[...] a arte *tem* o poder de salvar vidas, e é esse mesmo poder que deve ser reconhecido, promovido e apoiado de todas as maneiras possíveis. Mas se quisermos fazer isso, teremos que abandonar a concepção idealista da arte. Não precisamos de um renascimento cultural; precisamos de práticas culturais que participem ativamente na luta contra a AIDS. Não precisamos transcender a epidemia, precisamos acabar com ela (Crimp, 1987, p. 7, tradução minha).

Ressalto que, neste trabalho, não me interessa a discussão do ponto de vista da Arte e da Estética sobre o antagonismo e as hierarquias entre arte e entretenimento, mas o reconhecimento de que ambas se imiscuíram no contexto histórico de emancipação das culturas das mídias e logo em seguida na cultura digital; e a premissa de que os ativismos de aids (e as biografias de pessoas vivendo com HIV) se engajaram em performances e recursos sociossemióticos que recorreram a elementos de formação entremeados pelo entretenimento, já que a disputa era principalmente por uma comunicação mais ampla e um impacto nas disputas sociodiscursivas e, por conseguinte, materiais em torno da crise da aids. Portanto, a aids-entretenimento emerge no começo da década de 1980 como dispositivo que pretende responder à urgência de um problema de saúde pública que se configurará como uma epidemia que nos anos seguintes afetará todo o globo.

O aspecto específico desse dispositivo se concentra nas *práticas performadas linguisticamente*, isto é, nos modos sociossemióticos de representação da aids no campo da comunicação, da mídia e da cultura mediante a *ação* (*práticas performadas não linguisticamente*) contundente das grandes corporações midiáticas hegemônicas na produção e circulação de produtos midiático-culturais e pelas interferências direta e indireta na política estatal, na cultura e na sexualidade, na indústria farmacêutica que, portanto, e em movimento cíclico *rematerializam* o vírus, a aids, a epidemia, os doentes e a própria arquitetura dos hospitais e das práticas de saúde a partir da construção de símbolos coletivos.

Os discursos e a reação contra-hegemônica de ativismos e pessoas vivendo com HIV não apenas funcionam estrategicamente para fissurar a aids-entretenimento, mas se imiscuem a ela em disputas políticas e sociossemióticas internas que paulatinamente a desconfiguram até chegarmos em sua dissolução no final da década de 1990 – com o avanço tecnológico e a distribuição das terapias antirretrovirais e a própria ressaca das tantas violências que esse dispositivo provocou em quase duas décadas. Essa dissolução da aids-entretenimento é no sentido de que sua pujança diminuiu, mas os seus ecos se estenderam como fios discursivos que

persistem a atuar no novo milênio reconfigurados, muitas vezes, por silêncios que mascaram e fortalecem os estigmas de outrora.

3.1.2 *O esquema teórico-conceitual da aids-entretenimento*

O silêncio dourado após os anos mais turbulentos das epidemias e uma elogiada política de resposta à aids no Brasil dissimulam o fato de que a aids persiste enquanto um problema de saúde pública e um trauma simbólico na história recente da humanidade (Parker, 2015). Salvador Corrêa (2022) rememora a sua história de vida com o HIV e de como tornou pública sua condição escrevendo em blogues na década de 2010 utilizando um pseudônimo e em seguida publicando um livro intitulado “O segundo armário”, pois “A questão do sigilo era algo muito delicado naquela época para mim. O trânsito entre armários é também entre projeções dos armários espelhados onde quem tranca também reflete quem está trancado e vice-versa e o acolhimento permeia tudo isso no silêncio do (auto)amor” (Corrêa, 2023, p. 144).

A metáfora do armário se refere às pessoas que, por diversos motivos, ocultam a sua vivência e identidade não heterossexual seja por medo ou pressão diante do confronto com um mundo homofóbico. No caso de Correa, homossexual, o segundo armário era a sua condição sorológica positiva para o HIV e sua reflexão aponta para o quanto essa experiência se sobrepunha a primeira e produzia sistematicamente sofrimento – até que gradativamente o relato de si na internet ensejou empoderamento para atuar como ativista. Ele narra que tem “contado essa história, revivendo-a em outras vivências de pessoas recém-diagnosticadas que acolho e na coletividade nossas histórias se encontram em função de possuírem um lugar social em comum: o armário” (Corrêa, 2022, p. 138). A escrita fez com que Corrêa, segundo suas próprias palavras, se reorganizasse internamente para que no momento seguinte se dedicasse ao ativismo e o acolhimento de outras pessoas vivendo com HIV:

Por vezes meus dedos pulsavam em vermelho produzindo textos sangrentos – de vida e morte. Hoje sinto vibrantes esses momentos de catarse. Recorri a um anjo, Gabriel, para lidar com minhas dores. Gabriel passou a ser meu codinome acompanhado dos sobrenomes “de Souza” e “Abreu” em homenagem a Herbert de Souza (Betinho) e Caio Fernando Abreu (escritor) – pessoas admiráveis na resposta ao HIV. A escolha por Gabriel também se deve ao fato de que, segundo minha mãe, esse seria meu nome e sempre me simpatizei com ele (Corrêa, 2022, p. 142-143).

A intertextualidade manifesta recorre a figuras históricas brasileiras que relataram a si em momentos críticos da epidemia de aids, as suas duas primeiras décadas. Eles são inspiração para a constituição desse “eu” que precisa ser configurado a partir de uma persona que tanto

ocultava quanto empoderava Salvador Campos Corrêa. As explícitas metáforas ontológicas constroem um *ethos*, imagem-subjetividade-identidade forjados na dor e na superação catártica que passa pela autobiografia e depois no reposicionamento como ativista e pessoa que acolhe. As escolhas lexicais acionam o mundo concreto por meio do campo sensorial, das emoções. Então, como o tema da morte é recorrente, a espiritualidade por vezes aparece. A morte, ou o fantasma dela, é um impulso para a transcendência, uma subjetivação que possa ultrapassar a dor da existência no entrelugar da vida, da doença e da morte.

Falar abertamente sobre o HIV, mesmo décadas após a sua emergência, se configurou como um ato de coragem diante do estabelecido simbolicamente como transmissão e sinônimo de morte revestindo identidades. O silêncio parece ter se tornado a regra. Assim, utilizar a ironia e o humor como estratégia de abordagem do tema HIV/Aids subverte o drama e o trauma constituído em torno dele. No vídeo analisado a seguir, Posithividades | Lucian Ambrós (2022) recorre a um recurso bastante comum em sites de rede social como o *Instagram*: o uso da linguagem do meme a partir da difundida e replicada “dancinha do Tik Tok”. Tratarei posteriormente com mais detalhes desse gênero discursivo particularmente bem-sucedido e recorrente da internet, mas o que importa aqui é compreender sua finalidade de humor ou crítica no tocante a situações do cotidiano.

Os vídeos curtos com música e coreografia popularizados a partir do aplicativo TikTok se tornaram um fenômeno global que sintetizam a capacidade de conteúdos serem replicados, recontextualizados e remixados em prol da frivolidade do mais “puro” entretenimento. A linha que divide o criador de conteúdo do usuário visualizador é basicamente eliminada em plataformas de rede social como o *Instagram* e o *TikTok*. Além de compartilhar suas vidas, rotinas, histórias e imagens pessoais, os usuários desse serviço se posicionam diante da câmera e de seu enquadramento, dançam, dublam ou fazem alguma coisa boba. No entanto, dividindo esse mesmo espaço digital, e, às vezes até a mesma linguagem, conteúdos considerados mais sérios relacionados à política, negócios, educação ou de notícias pululam pelos aplicativos.

Figura 59: Positividades | Lucian Ambrós – Reels Instagram – 18/10/2022



Fonte: [Ambrós \(2022\)](#)

Nesse vídeo de apenas 11 segundos Lucian Ambrós utiliza uma das temáticas mais recorrentes para quem possui como pauta e conteúdo nas redes sociais o HIV/Aids: a descoberta do diagnóstico e a sua superação. A escolha pela famosa “dancinha de TikTok” e de uma música dançante e animada cuja letra aborda o tema da superação explicita o entretenimento como estratégia para dialogar com os seguidores sem nenhum tom solene; a duração do vídeo facilita o consumo e estimula o compartilhamento. A legenda do vídeo detalha mais a sua mensagem, abordando a questão da culpa e do medo acompanhando o diagnóstico, ao afirmar que, “Quando você entende que não tem culpa mas sim responsabilidade por conta da sua sorologia fica muito mais fácil lidar com ela, mas não basta só isso buscar informações também são o alicerce para viver melhor após o diagnóstico de HIV” (Ambrós, 2022).

O tom pedagógico e de complacência é permeado pelo uso de processos mentais, relacionais e sintagmas que explicitam sentimentos e sensações. O elemento central desse conteúdo compartilhado no *Instagram* é justamente a conexão intergenérica que ele faz com outros que são puro entretenimento de curta duração que geram interesse e uso contínuo facilitado pela lógica algorítmica. Os ativistas digitais ou criadores de conteúdo sobre HIV/Aids ousam quebrar esse silêncio conivente com a herança dos símbolos coletivos dissolvidos e fragmentados pelo dispositivo da aids-entretenimento – que teve seu auge na década de 1990.

A ubiquidade digital remodela e aciona a ressignificação dos ecos da aids-entretenimento, que foi ativada estrategicamente para atender à urgência da epidemia de aids na década de 1980 a partir das estruturas sociais específicas relacionadas à cultura de massas e à emergente cultura das mídias. Maria Manuela Carvalho (2010), em pesquisa no campo da Filosofia sobre Michel Foucault e seu conceito de dispositivo aplicado a aids, constrói uma noção mais ampla de dispositivo da aids utilizando como categorias macroanalíticas os eixos

do saber, do poder e da ética (subjetividade/subjetivação), se inserindo como um dispositivo de controle que caracterizaria a atualidade que vivemos, em uma reconfiguração do dispositivo disciplinar. Sua premissa básica era a de interrogar “a SIDA não por aquilo que ela é, mas pelo que ela faz falar. Fomos ouvir aqueles que falam da SIDA não para falar também dela, mas para perceber a teia que se engendra a sua volta” (Carvalho, 2010, p. 181-182). Nesse sentido, a própria autora reconhece a impossibilidade de seu trabalho não compor a “imensa torre de Babel” dos dizeres sobre a aids, pois a natureza do dispositivo é envolver para que se fale a partir do interior dele. Este trabalho também assume a sua inserção na rede de dispositivos que se fragmentam, se atualizam e persistem a construir símbolos e enunciados sobre a aids.

Em relação ao *eixo do saber*, destacam-se os fluxos do saber médico como pilar do dispositivo da aids. O ruído provocado pela aids nos modelos e saberes médicos desestabilizaram o sistema das ciências médicas para logo em seguida se reorganizarem em torno desse mesmo sistema. Inicialmente, constituiu-se uma abordagem de divisão da sociedade entre os saudáveis e os doentes, a partir da *metáfora da lepra* (isolamento dos grupos de risco); logo em seguida, partir do isolamento e da compreensão do vírus e de como se dava a infecção, foi implantada outra estratégia, a da vigilância e do controle dos comportamentos de risco, utilizando, portanto, a *metáfora da peste*.

Implementa-se, por conseguinte, uma cartografia do comportamento humano, a partir do arranjo multidisciplinar da epidemiologia com outras disciplinas como a psicologia, a sociologia, a antropologia etc. em torno do estatuto de uma epidemia em nível global (ou pandemia, a depender da abordagem teórica). Associados à medicina, o poder político, econômico e social assumiu o controle das operações para sanar aquele grave problema, independente dos meios e custos. Nesse âmbito, os próprios doentes e médicos externos à comunidade científica entraram na disputa (acadêmica e econômica, haja vista os vultuosos recursos investidos), visto que “os diferentes interesses em jogo traduziram-se num confronto entre poderes/saberes legítimos e poderes/saberes ilegítimos, fenômeno inédito na história da medicina” (Carvalho, 2010, p.183).

Logo, as disputas no *eixo do poder*, entre autoridades científicas e ativistas de aids, situaram-se inicialmente em torno da história do primeiro medicamento antirretroviral, o AZT. Esses inéditos espaços de resistência ao saber/poder médico se materializaram na beligerância dos ativismos que questionavam os métodos de controle de riscos impostos pela censura, vigilância e normalização de comportamentos sexuais considerados abjetos pela regulamentação biomédica/epidemiológica, porque “as estratégias de prevenção fundam-se em dois pressupostos: a desconfiança em relação ao outro e a mudança dos comportamentos

sexuais. As campanhas de prevenção apelam constantemente ao perigo que o corpo do outro pode representar, dada a invisibilidade do vírus” (Carvalho, 2010, p. 185).

No mesmo ínterim, os movimentos sociais emergentes de aids atuavam na contenção de danos e cuidado aos doentes e na beligerante guerra de imagens. Com efeito, é relevante considerar que há uma tecnificação do sexo, que precisa ser higienizado, provocando uma cisão entre corpo biológico e corpo afetivo. O medo e a desconfiança impostos por esses modelos de prevenção impuseram uma reinvenção da sexualidade, isto é, que novas formas de prazer fossem criadas, principalmente como estratégia dos homossexuais masculinos negociando entre seus estilos de vida e o risco da infecção. Essa gestão política global da vida a partir da sexualidade se constituiu como resultado de sistemas reguladores e de controle social, entre linhas cruzadas de saber e poder (Carvalho, 2010, p. 186).

No entanto, os sujeitos “objetificados” por essas técnicas de poder reagiram utilizando como dobras de autoconstituição as narrativas biográficas. Elas funcionam como confissões sobre a relação com o HIV, com a aids, seus comportamentos, estilos de vida, relações interpessoais, o tempo e mesmo a deterioração física de seus corpos. Logo, essas confissões agem como contraponto e exercício de contrapoder à narrativização da medicina tecnológica dos diagnósticos, relatórios e prontuários que desumanizam as pessoas que vivem com HIV:

Esse contra-poder foi efectuado através de uma intensificação da vivência do tempo presente, tornado omnipresente pela ausência do futuro, inventando-se novas formas de viver a temporalidade e a espacialidade e conviver com um corpo sofrido e degradado. Considerámos estes movimentos de contra-poder como processos de subjectivação, em que os indivíduos se re-apropriaram novamente de si, por via de um poder exercido sobre si próprio (Carvalho, 2010, p. 186).

Ao retomar a discussão foucaultiana sobre a *ética* a partir das *técnicas de si*, Carvalho explicita que uma subjectivação completa perpassa a constituição de si pela dimensão da responsabilização moral e do respeito não apenas de si mas também do outro, de modo relacional. Essa técnica de subjectivação pressupõe a oposição ao dispositivo que controla e sanitariza os comportamentos sexuais (ou aditivos) através de valores morais e éticos criados e exercitados como domínio do poder que se exerce sobre si próprio e no poder exercido sobre os outros, evitando cair na cilada da relativização dos valores em um “vale tudo” individualista. Assim, uma vivência responsável da sexualidade perpassa pela compreensão de que a estima de si é indissociável da solicitude experienciada pela alteridade (Carvalho, 2010, p. 186-188). A esse respeito, Herbert Daniel (2018 [1989]) em sua obra autobiográfica lançada em 1989

questiona e rejeita o lugar de sobrevivente e ressignifica o rótulo de aidético/doente e a sua relação com a morte:

Os dias ferem, o último mata — adverte um velho provérbio. Por isto, não sou sobrevivente. Costumam falar que o doente de Aids é um terminal e que tem uma curta sobrevida. Se sou terminal é como um rodoviário, cheio de chegadas promissoras e partidas para as mais formidáveis e apaixonadas estradas dos vivos. Não tenho sobrevida; tenho uma vida de sobra, a única da qual poderei deixar o rastro de uma paixão que sempre moveu em mim alguma coisa imóvel que se enraizou no fundo de um lugar que eu costumava chamar de peito, mas que sei que fica além de qualquer coração. O corpo afinal são desórgãos. A Aids, pobrezinha, é meramente uma afetação de órgãos. Desejos são desordens orgânicas. Não será a Aids que me trará a inapetência. Apenas me situa, como explosão de uma verdade corporal, na impermanência. Algo que sempre vivi, mas não sentia Daniel (2018 [1989], p. 44).

Em 2022, Lili Nascimento, terapeuta, escritora e pesquisadora, narra sua experiência como pessoa vivendo com HIV em forma de crônica personificando a aids como um sujeito-transcendente que impõe sua presença e reivindica a propriedade de seu corpo. Abundam metáforas e personificações da aids, dos sentimentos e das emoções:

Eu não sei se me embriaguei com a escuridão da madrugada... eu não sei se foi efeito colateral dos remédios... era um sonho tão real! Eu cheguei a sentir o cheiro da minha mãe aqui no quarto, e os meus músculos se enrijecerem em raiva... enquanto eu transpirava nesse delírio de liberdade comprada, a AIDS se aproveitou da brecha... da noite de sono mal dormida, da fresta da janela do quarto que deixei aberta durante a noite, soprou gélida como friagem paulistana...

Eu erguia o dedo para o alto, e seguia esbravejando para o mundo: “Eu sou dona de mim!”. Será que foi por isso que estive tanto tempo longe? Talvez eu estivesse fugindo de mim mesma, talvez eu me marcasse com um “F” de negra-fujona... dono tem dessas coisas de deixar vazio, de deixar de canto... só para especulação... e travava-se uma dolorosa disputa pela propriedade: ora, eu me reivindicava dona; ora, a AIDS entrava com pedido de reintegração de posse... (Nascimento, 2022, p. 12).

O domínio de si passa por lidar com aquele que se propõe dono e se materializa na difícil relação com as terapias antirretrovirais que a incomodam física e psicologicamente. Entre Lili e a aids emergem as figuras de Jesus e Exu, em movimento de diálogo com referências à espiritualidade como elemento de transcendência e autoconhecimento: “Jesus era a fuga que eu tinha, o caminho que me levava a afirmar que tudo ia ficar bem, mesmo que fosse depois da morte... Exu bafou um cigarro e disse que eu precisava me responsabilizar pelas minhas escolhas: responsabilizar-me por quem eu amo, com quem eu como, com o que eu sonho...”

(Nascimento, 2022, p. 12). Do apartamento como metáfora de um lugar sufocante e repleto de cacofonias, ela propõe um mergulho em si mesma, um universo mítico circunscrito por baixo de sua pele, no rumo para a compreensão do que ela denomina corpo-mapa; lá, ela transborda em águas que se misturam à terra, formando lama (talvez uma menção ao barro bíblico?), metáfora de libertação do corpo e da existência:

Estou conhecendo um lado manguezal em mim... salgado de lágrima, suor e gozo... abri meu corpo-mapa para me ler com calma e respeito, e sigo me apaixonando por minha geografia tão própria, descobrindo lugares que eu nem imaginava que poderiam existir em mim... Eu nasci com um mar, mas também nasci com rios, ilhas... continentes inteiros...

Cada um de nós é um mundo! Você já experimentou caminhar em você mesma? Sem pressa... só se admirando... nossas paisagens mudam, seja pela ação do tempo, ou com a intervenção dos outros, intervenção da própria natureza... ou nossa. Seguir sem pressa. No mar, também, ninguém parece compreender o sentido da pressa (Nascimento, 2022, p. 12).

Por fim, a relação entre os eixos é de retroalimentação, porém o foco no eixo da subjetivação como lócus de contrapoder na luta hegemônica explicita o fundamental papel histórico das narrativas autobiográficas e dos ativismos que se erigem em torno de uma abjeção minorada, um projeto identitário afirmativo e produtivo que não se esgota na identidade porque a compreende como vazante, cambiante e criativa.

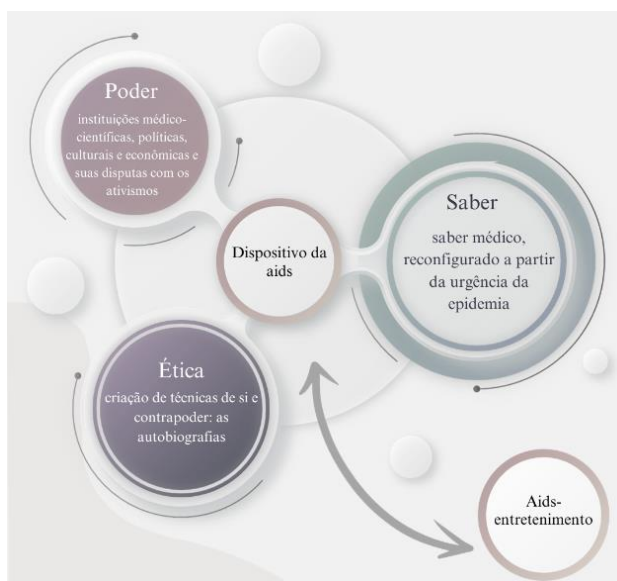
Os dispositivos se articulam a outros em redes complexas e multidimensionais de trocas, fusões e constantes transformações mediante às necessidades daquele tempo histórico. Pode haver, inclusive, no interior dos dispositivos, outros dispositivos com suas próprias redes de articulação. Carvalho (2010) não desconsidera a questão das disputas simbólicas em torno da aids provocadas a partir de sua emergência como “marca”, produto midiático-cultural e símbolo de um tempo, aquela fase específica de expansão e sofisticação da indústria da comunicação e dos meios tecnológicos de consumo. No entanto, seu foco foram outros aspectos acima sintetizados.

Nesse contexto, proponho nesta pesquisa que o dispositivo aplicado a aids de forma mais ampla, conforme sintetizado por Carvalho (2010), incluindo os eixos do *saber* (principalmente o saber médico, reconfigurado a partir da urgência da epidemia), o do *poder* (da ação das instituições médico-científicas com outras instituições políticas, culturais e econômicas e suas disputas com os ativismos) e o da *ética* (subjetividade/subjetivação – a reação das pessoas vivendo com HIV e aids e a criação de técnicas de si como forma de resistência às crises, principalmente com foco nas autobiografias), encontra-se com outro

dispositivo dependente dele e que o retroalimenta com suas funções específicas. A esse dispositivo interno, que nomeio aids-entretenimento, o foco é na gama de produtos midiático-culturais que foram criados, circulados e consumidos no Ocidente a partir de uma formatação intergenérica e multissemiótica que se materializa a partir do jornalismo, do cinema, da TV etc. e que denominei de uma estratégia de mediatização *gore*.

As estruturas de *poder* das grandes corporações de mídia lucraram com a aids estampada em capas de revista, na verborragia dos programas de TV exibindo doentes e pervertidos, nos *best-sellers* literários narrando a vida das pessoas vivendo com HIV e aids como *serial killers*; elas acessaram *saberes* anteriormente construídos sobre sexualidade, homossexualidade, promiscuidade, doenças e identidades atualizando-os e distorcendo o parco conhecimento médico sobre o vírus, a síndrome e a epidemia, construídos paulatinamente nas primeiras décadas da crise. Na disputa interna desse dispositivo, encontram-se as reações à estratégia da metonímia da aids (relação de contiguidade entre HIV, aids e pessoas vivendo com HIV) a partir das autobiografias e dos ativismos de aids que acionam como principal recurso as imagens textuais e visuais. No século XXI, os ativistas digitais e criadores de conteúdo da aids insistem em resistir aos ecos sociossemióticos de uma epidemia que não cessa de circular entre nós, em um dispositivo que também se assegura do silêncio/silenciamento como forma de manutenção de seus símbolos coletivos. Os dispositivos funcionam se retroalimentando e o da aids-entretenimento age especificamente orbitando em torno de outros que também acionam a aids (dada a sua magnitude, mais de um dispositivo foi instituído a partir de sua emergência).

Figura 60: O dispositivo da aids e o dispositivo aids-entretenimento



Fonte: elaboração do autor em diálogo com Carvalho (2010)

A indústria cultural e de comunicação balizada pela cultura de massas se reinventava na década de 1980 com a sofisticação de suas tecnologias, a ampliação de seu alcance e, interrelacionada à emergência da cultura das mídias, possibilitava um consumo mais personalizado e a potencialidade da criação de conteúdos por pessoas comuns. Como pilar das sociedades ocidentais, esses conglomerados cada vez mais globalizados de comunicação e informação/entretenimento foram fundamentais na constituição do que entendemos como aids e funcionariam não apenas como replicadores de discursos sobre ela, mas se articularia às instituições de Estado, médicas, corporativas, educacionais etc. incidindo socioculturalmente pela pujança quantitativa de seus produtos midiático-culturais e, principalmente, pela natureza das formações discursivas, estética e semiótico-simbolicamente constituídas para esse formato de consumo. Os efeitos da aids-entretenimento impactaram diretamente nas ações dos órgãos estatais e em suas preconizações seja no âmbito da saúde para a prevenção e cuidado de infecções sexualmente transmissíveis e o da educação sexual, por fim se materializando nos modos como nos cuidamos e nos relacionamos afetivossexualmente pois:

Embora se tenham alcançado vitórias claramente – particularmente no desenvolvimento de tratamentos novos e mais eficazes e de terapias para as pessoas que vivem com o HIV em ambientes que dispõem de recursos – muito menos tem sido obtido na tentativa de superar o impacto do estigma e da discriminação nas vidas dos afetados pela epidemia. Sendo biologicamente tão complexo como é o Vírus da Imunodeficiência Humana, essa complexidade se empalidece em comparação com a complexidade das forças sociais envolvidas na produção e reprodução do estigma em relação ao HIV e à AIDS (ver Malcolm et al., 1998; UNAIDS, 2000). *Pelo menos em parte, a nossa incapacidade coletiva para enfrentar de forma mais adequada a estigmatização, a discriminação e a negação em relação ao HIV e à AIDS está ligada à disponibilidade relativamente limitada de instrumentos teóricos e metodológicos para lidarmos com o problema* (Parker; Aggleton, 2021, p. 23, destaques meus).

Apesar dos muitos trabalhos científicos e reflexões teóricas sobre a questão do estigma e da discriminação, muitos desses focados na temática da aids, pouco tem sido transposto como prática política, educativa e transformacional do problema que relaciona doença e estigma, provavelmente pela disseminada lógica que as circunscreveriam como processos relacionados ao indivíduo e não a uma cultura, isto é, o estigma em torno da aids é histórico, empregado estrategicamente e produz e reproduz relações e desigualdades sociais. O HIV e a aids foram semântico-simbolicamente constituídos pela associação aos fios discursivos que remetem à homossexualidade, mas que seguem reativando outros fios em nós discursivos relacionados a outras formas de discriminação como as referentes à prostituição, à promiscuidade e ao desvio sexual (e a diferença sexual) (Parker; Aggleton, 2021, p. 31 e 47). Parker e Aggleton, em

diálogo com De Bruyn (1999 *apud* Parker; Aggleton, 2021, p. 51) definem cinco fatores preponderantes para a persistência do estigma em torno da aids:

Figura 61: Determinantes do estigma da AIDS (segundo De Bruyn, 1999)



Fonte: Parker; Aggleton (2021, p. 52)

Em se tratando da aids, aprofundo a noção de estigma ao pensá-la em nível ontológico a partir da noção de abjeção, isto é, de constituição dos sujeitos a partir dos signos da doença, da sujeira, da podridão e da morte, o “nascimento” institucionalizado pelo diagnóstico que aciona um cronômetro para o definhamento, a deterioração e o falecimento. A fundação do aidético, portanto, é anterior a ele pois se relaciona com os marcos de inteligibilidade estabelecidos na cultura, *ex-pulsando* o sujeito do sistema normativo, e paradoxalmente mantendo-o nele como um elemento que institui e define as fronteiras do que é admissível e não admissível, a partir da diferenciação delineada pelos limites do humano, isto é:

A desgraça absoluta de reconhecer o abjeto está em que o sujeito perceba que esse impossível-de-se-dizer, esse intolerável, irrepresentável, inassimilável e rechaçado, abjeto é, originalmente, uma parte do sujeito, do eu e, afinal, do próprio sistema simbólico. É o fato de que todas outras relações, objetos e construções do eu se fundam na perda inaugural e fundamental que produz esse sujeito, ou seja, a abjeção. A perda, o rejeitar pelo sujeito (de parte de si mesmo) que é a abjeção, torna-a ainda mais intolerável. O abjeto me lembra do que eu tenho de perder para ser sujeito (Rodrigues; Gruman, 2021, p. 71).

Como produto de sistemas e dinâmicas normativas, as identidades abjetas são constituídas como ininteligíveis em relação aos sujeitos inteligíveis. A abjeção vaza da norma e é ao mesmo tempo referência dela, mesmo na forclusão, impossibilidade e não passabilidade social (Butler, 2008). A discussão de Judith Butler sobre abjeção (2008; 2019a) foca principalmente em identidades sexo e gênero dissidentes, portanto, ao pensar em subjetividades atravessadas pela aids essa lupa do grotesco é ampliada porque relacionada a doença e contágio,

uma zona não somente invivível, mas tóxica, venenosa. Esse dejetos é, definitivamente, *inlutável*, pois suas vidas não mereceriam o básico de humanidade que é importar socialmente, isto é, ter legitimidade e direito ao luto (Butler, 2015). A morte social precede a física nesse (não) humano construído como resto e rejeito, humanamente impossível e impensável:

Esses abjetos excluídos circundam o humano e ameaçam a todo momento transpor suas fronteiras. Lembramos que esse exterior não é algo intrinsecamente além-limite, além-fronteiras. Não há ontologia do abjeto, ele é tão fruto do discurso quanto o sujeito da norma e só é passível de ser pensado em relação à norma de que se origina (Rodrigues; Gruman, 2021, p. 76).

Os saberes médico-institucionais reconfigurados em torno da aids (psiquiatria, demografia, epidemiologia etc.) e os considerados saberes mais localizados ou populares, materializados em crenças religiosas, no senso comum acerca do gênero, da sexualidade, da pobreza e da doença (e aqui não faço hierarquia entre alta e baixa cultura) foram sintetizados e refeitos pelo dispositivo da aids-entretenimento para o consumo da aids em jornais, programas de TV, no cinema, na literatura etc. A estrutura genérica, as tecnologias e os modos de comunicação-interação que acionam cadeias e redes de textos-interações (acesso discursivo, alcance e dinâmica da audiência, consumo) são a base de poder que fazem circular produtos midiático-culturais abarrotados de informação e conhecimento acumulados e outros construídos e distorcidos após a emergência da aids; entre elas, as reações de contrapoder de grupos que agem sob uma abjeção minorada. A liga entre esses elementos é a noção de entretenimento (como faceta do consumo de imagens, signos e modelos consumíveis e ao mesmo tempo como utopia e prática política) que tornará esse dispositivo singular e marca de um tempo que migra das culturas de massas e das mídias para a digital em um mundo que funcionará cada vez mais de forma globalizada e interconectada.

A Análise de Dispositivo é operacionalizada a partir de uma abordagem semiológica, isto é, sintetizada nos denominados signos do dispositivo, divididos em três elementos: *práticas performadas linguisticamente (discursos)*, *práticas não performadas linguisticamente (ações)* e *materializações (objetos)*. No entanto, a abordagem semiológica para o dispositivo funciona de modo a circunscrever esses elementos como *significantes* da realidade, isto é, os textos, as ações e os objetos (termos aqui utilizados para sintetizar esses componentes do signo) não são analisados senão pelos *significados* que a eles são atribuídos, pois ambos são constituídos discursivamente, isto é, pelos elementos do eixo do saber. As ações, como a realização de um exame para o diagnóstico do HIV – requerem um conhecimento social, acesso a regras, códigos e protocolos – e os objetos, como o vírus, são materializados discursivamente a partir do que se

construiu em termos de conhecimento científico, médico e, no caso específico do HIV, muito senso comum.

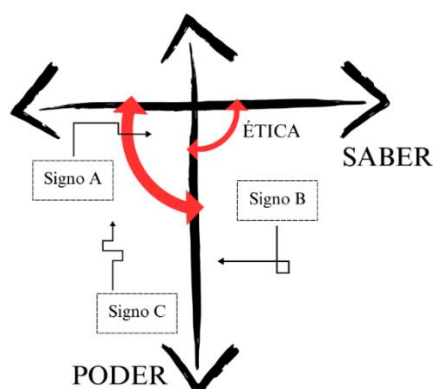
Joannah Caborn (2007) recorre à categoria de *paratextos* para resolver o impasse em relação aos objetos físicos, como a arquitetura e organização das alas dos hospitais em tempos de aids e os medicamentos antirretrovirais, por exemplo. Como proceder a análise? Uma possibilidade (além da geração de dados a partir de pesquisa empírica envolvendo a análise de discurso multimodal ou a análise de artefatos, como sugerido por Jäger e Maier (2016, p. 133)) seria recorrer à literatura pertinente, a usuários e especialistas, bem como estatísticas, mapas e livros sobre o objeto em questão. Portanto, voltamos à análise do discurso, mas é fundamental observar que essas fontes são parte do discurso e dos dispositivos de poder e devem ser analisadas como tal e não como verdades objetivas. Por fim, as bulas e os depoimentos dos usuários de Dovato (um ARV atual) ou de AZT (o primeiro ARV lançado na década de 1980), seriam paratextos que dariam sentido a esses objetos, medicamentos antirretrovirais carregados discursivamente por conta do efusivo contexto das epidemias de aids. Tratarei das questões metodológicas acerca da geração de dados e análise de *ações* e de *objetos* mais adiante.

Para esta pesquisa, o mapeamento realizado através da cartografia documental estabeleceu como foco a investigação genealógica acerca da aids e da constituição de um dispositivo específico que a conecta à esfera do entretenimento. Os fluxos de conhecimento que alicerçam o eixo do saber contundentemente atravessaram, transformaram e carregaram os dispositivos relacionados a aids em seus domínios não discursivos (instituições, decisões regulamentares, medidas político-administrativas, execução de leis, arquitetura, práticas profissionais etc.). A verborragia que se inicia a partir da emergência da aids contaminou e reconfigurou os centros de poder e, no mesmo átimo, ensejou processos de subjetivação a partir de violentas doses de abjeção às pessoas diagnosticadas positivamente para o vírus HIV ou doentes em decorrência da aids. O termo e a definição de dispositivo como um conjunto heterogêneo de elementos discursivos e não discursivos é estabelecido na publicação “A história da sexualidade: a vontade de saber”; em suas obras “As palavras e as coisas” e “Arqueologia do saber”, Michel Foucault apresenta um dispositivo especificamente discursivo denominado *épistémè*, na qual práticas discursivas se firmam como figuras epistemológicas, pois epistemologizadas, “cientificizadas” e formalizadas, não sendo:

uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas (Foucault, 2008, p. 214).

Retomo aqui a noção de *épistémè* não para reduzir o dispositivo a um esquema epistemológico, mas para reforçar como o eixo do Saber (médico, científico e tecnológico), os da ordem do senso comum e os recursos estratégicos concernentes à linguagem da comunicação de massas foram essenciais e agentes para a modelagem do que se tornaria a aids e a reestruturação de instituições, práticas e regramentos. O eixo do Saber é o elemento fulcral para a Análise de Dispositivo, pois “o conhecimento dos atores é a base para o seu pensar, falar, agir silenciosamente e produzir coisas. Assim, o conhecimento, na consciência humana e transformado em ação física, cria e se torna realidade” (Jäger; Maier, 2016, p. 114). No esquema abaixo, Saber e Poder estão distribuídos ao longo de dois eixos que se cruzam. Embora os eixos sejam intrinsecamente independentes um do outro, eles não podem ser separados e só fazem sentido como uma combinação simultânea. Traduzindo isso para termos foucaultianos, ele vê os discursos (ou formações discursivas) como o eixo horizontal do Saber. As estratégias entre diferentes relações de poder são sustentadas e ao mesmo (re)produzem feixes de conhecimento. Por fim, as curvas em destaque referem-se aos processos de construção de subjetividades, cujos pontos de intersecção tanto as afetam e as transformam quanto reconfiguram os eixos: é a partir delas que pensarei a atualidade da aids, isto é, o que somos e qual projeto de identidade alçamos em mundo pós-aids. A imagem precisa ser interpretada a partir do dinamismo dos vetores dos signos do dispositivo, dos eixos de Saber e Poder e das setas curvas da Ética, eles estão em contante movimento. Não se pretende inferir um ponto de origem entre os setores, eles afetam-se simultaneamente dentro da lógica interna do dispositivo, que atende a uma urgência e será reconfigurado no processo histórico e na própria relação interdiscursiva com outros dispositivos. Logo após o esquema, explicitarei em tabelas um panorama do mapeamento realizado pela cartografia documental em torno do dispositivo da aids-entretenimento e aplicarei categorias analíticas específicas da Análise de Discurso Dialético-Relacional e da Semiótica Social.

Figura 62: Esquema geral do dispositivo



Fonte: elaboração do autor em diálogo com Caborn (2007)

Os signos do dispositivo se movimentam pela grade dos eixos e das curvas de forma regular, contínua e estratégica. Os significados, partículas que resultam dos fluxos de emaranhados discursivos no eixo do Saber e, por conseguinte, de sua intrínseca relação com o eixo do Poder, não apenas se combinam ou se justapõem aos significantes, os três elementos anteriormente delimitados para a escrutinação a ser realizada pela Análise de Discurso (textos, ações e objetos), mas só podem ser descritos, interpretados e analisados na totalidade como signo quando reconhecidos, realizados em contextos específicos e posicionados temporal e estrategicamente em suas dimensões linguística e não linguisticamente performadas. Desse modo, o significado não pode ser separado de seu objeto, por exemplo, cuja formação do nunca estaria completa sem considerar essa articulação. Para expressar isso a partir do diálogo com Foucault, Joannah Caborn (2007, p. 122, tradução minha), em trabalho sobre a análise da arquitetura estatal na Alemanha, compreende que “a prática de atribuir significado *não é meramente a designação de uma coisa*, mas, ao combinar o paratexto e o objeto, *o objeto do qual o paratexto fala é sistematicamente formado*”.

O desafio metodológico concernente ao registro, interpretação e exame das *práticas não performadas linguisticamente (ações) e das materializações (objetos)* nesta pesquisa sobreleva-se porque ela se assume 1) como um trabalho de escavação genealógica para uma ilustração diacrônica da aids e 2) de seus ecos sociossemióticos em um contexto sincrônico digital, pois embora um dispositivo tenha certa durabilidade, ele está sujeito a mudanças históricas e à influência constante de outros dispositivos. Uma análise sincrônica serve para identificar o estado atual de um dispositivo – o que será feito posteriormente a partir da netnografia discursiva em perfis de Instagram de ativistas e influenciadores digitais de aids. Reconstruir o conhecimento que está incorporado nas práticas performadas linguisticamente, através da análise do discurso é a base para as etapas seguintes de uma análise de dispositivo. Cria-se uma consciência acerca de aspectos importantes do dispositivo, como territórios inexplorados no discurso, objetos, ações e eventos significativos, mas o resultado do desafio de reconstrução do conhecimento embutido em práticas discursivas performadas de forma não linguística e na materialização é a evidente tradução desses elementos em textos (Jäger; Maier, 2016, p. 131).

Para a etapa da *cartografia documental* incidiu-se um trabalho de restauração e reconstituição de eventos, ações e materializações a partir do acesso a artefatos discursivos que remontam a aids e seu papel na história recente da humanidade. Jäger e Maier (2016) sugerem três passos para remontar o conhecimento acerca dos eventos e ações, as práticas performadas não linguisticamente: o pesquisador pode, primeiramente, basear-se em textos existentes, consultando pesquisas anteriores, diários de campo, documentos diversos, registros

fotográficos, audiovisuais e escritos de eventos etc. Foi exatamente o que pude restaurar ao coletar excertos de entrevistas, imagens de eventos significativos e de ações políticas de diversos atores nos períodos mais críticos da epidemia.

A presença pujante de simbolismos que pudessem circular com a mensagem de urgência daquele período facilitou a recuperação do contexto e dos elementos discursivo-ideológicos registrados em imagens e vídeos, como representado em duas imagens a seguir. A primeira reúne figuras importantes do movimento nacional de resposta a aids em um evento no símbolo turístico mais conhecido do país, no ano em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceu o 1º de dezembro como o “Dia Mundial de Luta Contra a AIDS” – o intuito era sensibilizar o país sobre as questões relativas ao HIV e a aids usando o máximo de recursos pictóricos (balões, cartazes, faixas, gestos coletivos etc.). O acesso mais facilitado a dispositivos tecnológicos como as câmeras fotográficas na era cultural das mídias possibilitou que esses registros fossem criados por indivíduos e grupos sociais de forma alternativa à mídia hegemônica. Doutro modo, circulam-se narrativas divergentes e contrahegemônicas protagonizadas pelos ativistas de aids.

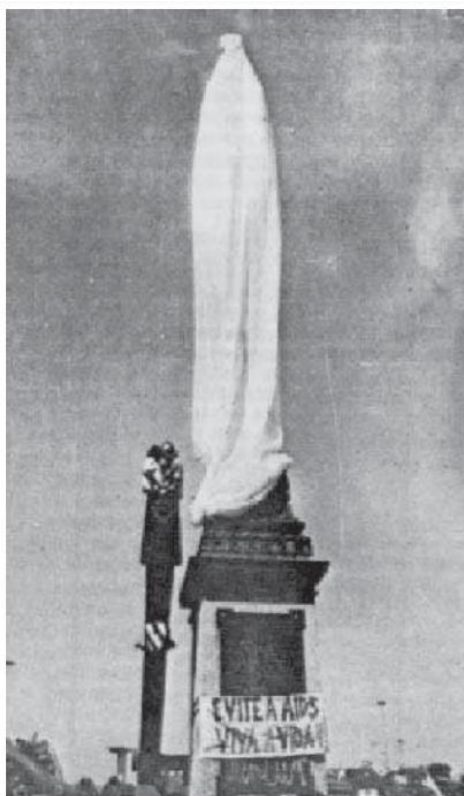
Figura 63: Manifestação com abraço coletivo no Cristo Redentor, no Dia Mundial da Aids, em 1988



Fonte: Brasil (2019)

Na segunda imagem, a conscientização pelo sexo seguro é materializada no didatismo quanto ao uso da camisinha. O engajamento por uma educação sexual que não excluísse da vida cotidiana a afetividade e o sexo era sintetizado em slogans como “Evite a aids, viva a vida!” e a imagem de uma camisinha gigante cobrindo o monumento de um obelisco:

Figura 64: Promoção do sexo seguro a partir da instalação de uma “camisinha” no obelisco da Cinelândia. Rio de Janeiro, 1991



Fonte: Parker; Terto Jr. (2001, p. 33)

Outras formas de geração de dados incluem, em movimento sincrônico, a observação e a descrição das referidas práticas a partir de metodologias etnográficas (e seus procedimentos como as entrevistas etnográficas) e da observação participante (com diário de campo e registros audiovisuais) para a captura da atividade humana no campo. O conhecimento não reside literalmente nas ações e nas coisas, mas circulando nas consciências humanas e nos registros diversos sobre elas.

Para a análise de materializações, o pesquisador deve acessar ao seu próprio conhecimento e a pesquisas e documentos anteriormente publicados acerca dos objetos. Além disso, deverá ampliar esse conhecimento recorrendo à literatura pertinente e recorrendo a usuários, produtores e outras pessoas que sejam especialistas nas atividades e na materialização em questão. Na desconstrução das materializações pelos pesquisadores, seja através de metodologias como a análise de discurso multimodal ou a análise de artefatos (utilizando protocolos de observação, registro no campo e/ou esquemas com categorias analíticas) os objetos materiais se transformam em textos que, obviamente, não são neutros e estão alinhados aos interesses específicos da investigação (Jäger; Maier, 2016, p. 133).

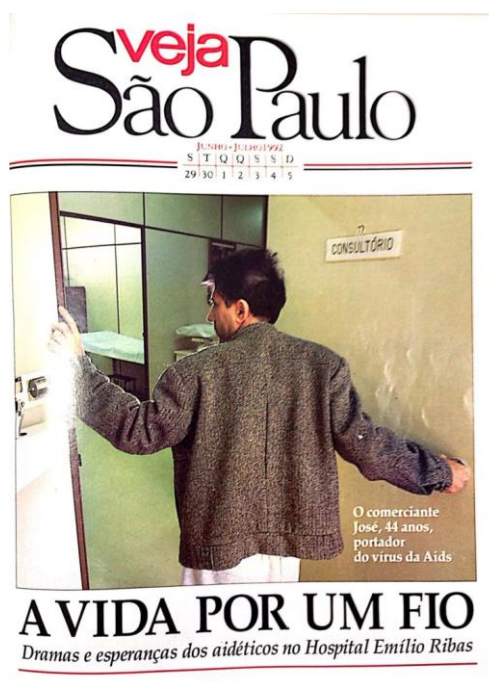
Os significados atribuídos nas materializações dependem sempre dos contextos históricos, como funciona a nossa compreensão de peças de outros séculos situadas em museus, e estão sempre intimamente ligadas a relações de poder que podem vir à tona na análise. O Hospital Emílio Ribas, localizado na cidade de São Paulo, foi o primeiro hospital do país a possuir um centro especializado em aids, tornando-se no Estado a referência hospitalar para o seu recém-criado programa de controle da aids em 1983 e um parâmetro na área de infectologia até a atualidade (Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015a, p. 55). O hospital, que já lidava com doenças infectocontagiosas desde o século XIX, é rematerializado diante da crise da aids e passar a ser significado a partir desse atravessamento.

Há inúmeros textos sobre o espaço, o corpo técnico e os pacientes de aids que vão desde artigos científicos a escritos literários, a exemplo de um ensaio publicado por José Leopoldo Ferreira Antunes em 1989 que trata da complexa definição de geografia hospitalar, uma reflexão sobre a relação dos hospitais com a cidade e a sociedade e a sua dinâmica estrutural interna, sua arquitetura, organização laboral, seus fluxos migratórios etc. Ele menciona uma tendência para a construção de hospitais afastados dos centros, o que seria desejado em se tratando dos especializados em aids, mas ao mesmo tempo em que eles são tratados como essenciais para a cidades também ensejam distanciamento, numa dinâmica entre a repulsa e o desejo. Ironicamente, o Emílio Ribas situa-se em uma região central e abastada pois foi construído muito antes da expansão urbana da cidade e atestaria que:

ao diferenciar nas pessoas o ser político de seu corpo biológico, o hospital assesta um dos limites da definição de cidadania, e se institui enquanto espaço fronteiro ao direito de seu pleno exercício. A condição de exterioridade do hospital em relação à vista social pode ou, ao menos, pôde ser também caracterizada a partir do ponto da geografia do traçado urbano (Antunes, 1989, p. 231).

Em uma reflexão sobre as janelas como pontos de intersecção do hospital com a vida social externa, o texto aponta que os pacientes majoritariamente as apontavam como a parte mais agradável de seus prédios. A apreciação do mundo a partir delas impelia a uma comunicação com o exterior, como se esse ato os fizesse menos prisioneiros, o que tornou a visão das janelas crucial como marketing e “fator de incremento da eficácia terapêutica da instituição médica”. No entanto, “O Hospital Emílio Ribas talvez não estivera atento a essa questão no passado, e hoje indaga as consequências de sua fachada, quase de frente a um grande cemitério, sobre os pacientes” (Antunes, 1989, p. 232).

Figura 65: Capa da Veja São Paulo sobre o Hospital Emílio Ribas (1992)



Fonte: Agência (2018)

A imagem do drama do aidético, solitário, e construída, portanto, a partir de uma narrativa não transacional, nos conta a entrada em um território no qual o destino da morte parece iminente. De costas para o espectador, o ator direciona seu olhar, compartilhado com quem vê a imagem, para esse mundo do hospital que começa nos seus arredores, nas suas calçadas, na sala de espera e na recepção que faz a triagem para a entrada em suas alas internas – onde começa a peregrinação dos doentes em concomitância com os caminhos percorridos pelos profissionais de saúde, e pode se observar a trajetória das roupas sujas e do material descartado etc. (Antunes, 1989, p. 233). Esse acúmulo de imagens faz parte de um imaginário coletivo prontamente acionado para dividir os que estão fora dele e o “outro”, o aidético entrando no Hospital Emílio Ribas. Sobram o pesar e a comiseração para quem a vida está “por um fio”:

O hospital é então, uma das bordas da cidade, onde a vida social entra em regime de suspensão. Lugar da dor, da ausência, lugar da restrição de possibilidades. Em tais lugares se evidenciam os limites da existência física humana. A fronteira da intimidade recua para dentro da própria pele, deixando-a desprotegida. Já não se é senhor de seu próprio corpo, e é muito se ao menos o coração se pode manter incólume (Antunes, 1989, p. 233).

Em síntese, os signos do dispositivo reúnem os aspectos que podem ser capturados para a análise do discurso em relação dialética com os seus eixos. Nesta cartografia documental, o

escavamento realizado reuniu alguns fios e emaranhados discursivos que compuseram um panorama das *práticas performadas linguisticamente (discursos)*, *práticas não performadas linguisticamente (ações)* e *materializações (objetos)* reconhecendo que ambas são extraídas de registros e recortes textuais encontrados em arquivos, o que faz sentido para essa bricolagem metodológica, como diria Foucault, que privilegia as pulsões das proveniências para refletirmos sobre as histórias e a atualidade da aids. No que tange a essa bricolagem, recorro à divisão estabelecida a partir dos elementos conceituais e das categorias analíticas que constituem as ordens de discurso (gêneros, discursos e estilos). Elas estão inculcadas respectivamente nos significados acional-relacional, representacional e identificacional dos discursos e dialeticamente articuladas aos eixos de saber, poder e ética, conforme preconizado pela Análise de Discurso Dialético-Relacional (Fairclough, 2003; Vieira; Resende, 2016, Vieira, 2022).

Figura 66: Relações entre os significados do discurso, de Fairclough (2003a), e os eixos de Foucault (1994a)

Significados (Fairclough, 2003)	Elementos de ordens do discurso	Eixos (Foucault, 1994)
Significado acional	Gêneros	Eixo do poder
Significado representacional	Discursos	Eixo do saber
Significado identificacional	Estilos	Eixo da ética

Fonte: Vieira e Resende (2016, p. 51)

No esquema do mapa ontológico de funcionamento social da linguagem (estruturas sociais, práticas sociais e eventos), os signos do dispositivo (Caborn, 2007; Jäger e Maier (2016) situar-se-iam epistemologicamente contíguos às práticas sociais e aos seus elementos: ação e interação, espaço e tempo, relações sociais, pessoas (e suas crenças, valores, atitudes, histórias etc.), mundo material e o *discurso*, o nível do funcionamento social da linguagem onde situam-se os momentos semióticos internos, as redes de ordens do discurso formadas por gêneros, discursos e estilos particulares de cada campo ou atividade social humana. A noção de ordens de discurso disponibiliza categorias analíticas para a análise das textualidades coletadas pela cartografia documental e, mais adiante, na netnografia discursiva, pois compreende o discurso a partir de significados. A investigação é obviamente realizada a partir das instanciações efetuadas em textos concretos, inclusive textos sobre ações e objetos (advindos de paratextos ou de pesquisa de campo), isto é:

têm como material analítico as concretizações do potencial do sistema semiótico em eventos discursivos situados. Por isso podemos dizer que análises discursivas críticas transitam entre os três níveis da linguagem [estruturas sociais, práticas sociais e eventos], o que só é possível graças ao foco no nível intermediário das ordens do discurso (Vieira; Resende, 2016, p. 41).

Por que então acessar as categorias concernentes aos dispositivos e seus signos? Para a investigação genealógica como a que proponho aqui, os signos que constituem o dispositivo explicitam a relação com os elementos de proveniência e os seus fluxos de conhecimento que construíram o que se entende sobre a aids e continuam a ecoar sociossemioticamente a partir de intrincadas relações de poder que envolvem gênero, sexualidade, classe e corpo/saúde. Ressalto que nos signos do dispositivo da aids-entretenimento houve uma intensa discursivização – principalmente pela construção de símbolos coletivos – das práticas não performadas linguisticamente (ações) e das materializações (objetos), como um *épistémè du sida* que contamina e incha ideologicamente as outras facetas do dispositivo.

Quadro 6: Análise de discurso a partir dos signos e dos eixos do dispositivo da aids-entretenimento

SABER	PODER	ÉTICA
Saberes médicos, científicos e tecnológicos e da ordem do senso comum (gênero, sexualidade, doenças, infecções sexualmente transmissíveis etc.) recontextualizados, recriados e distorcidos para a circulação e o consumo a partir da linguagem e estética da cultura de massas.	Grandes conglomerados de mídia (programas de TV, rádio, publicidade, indústria do cinema) aliadas a outras instituições, órgãos de Estado e outras corporações, acionando recursos para a produção, circulação e consumo em escala industrial e global de produtos midiático-culturais da aids.	Reações aos símbolos coletivos e sua estratégia da metonímia da aids (relação de contiguidade entre HIV, aids e pessoas vivendo com HIV) alinhada ao classismo, putafobia, racismo etc. a partir dos relatos de si-da, as autobiografias; concomitante a elas, os ativismos de aids acionam como principal recurso outras narrativas de si e da aids a partir de imagens textuais e visuais

Estratégias de representação (discursos):	Estratégias de ação-relação (gêneros):	Estratégias de identificação (estilos)
<p>Construção de símbolos coletivos a partir da metonímia da aids (representação de atores e eventos sociais acionando metáforas, catacreses e metonímias);</p> <p>Aids-entretenimento como excesso de lexicalizações, deslocamentos semânticos, metáforas, metonímias presunções etc.</p> <p>Proveniências da aids: homofobia, classismo, putafobia, moralismo sexual, pânico moral sobre corpo e saúde (reificação de processos sócio-históricos);</p> <p>Deslocamentos contraideológico: luta para representar a aids e as PVHIV a partir de outras textualidades (em contraposição aos signos da doença, contaminação e morte);</p>	<p>Sensacionalismo como marca do jornalismo e da publicidade com a utilização da linguagem e estética da midiatização <i>gore</i> para a materialização dos símbolos coletivos;</p> <p>Meios/tecnologias: programas de TV, peças publicitárias, filmes, novelas, jornais, revistas, livros (ficção e não ficção) etc.;</p> <p>Modos semiótico-simbólicos: uso abundante de imagens visuais e textuais em textos multissemióticos;</p> <p>Narrativização via proveniência de múltiplos discursos sobre gênero, sexualidade e doenças;</p> <p>Pré-gêneros: narração e emoção como fios condutores do entretenimento;</p> <p>Estrutura genérica multissemiótica híbrida típica dos produtos da cultura de massas;</p>	<p>Regra da polivalência tática dos discursos: recontando o “eu” a partir da desconstrução da figura do aidético – as autobiografias como recurso narrativo e emotivo;</p> <p>A abjeção minorada como estratégia de contraposição à metonímia da aids;</p> <p>Do aidético à pessoa que vive com HIV: confronto ao sistema de crenças, normas e valores balizados por homofobia, classismo, putafobia, moralismo sexual, pânico moral sobre corpo e saúde a partir da disputa pela “humanidade”;</p> <p>Ressignificação da imagem: autoimagem carregada de vida; rejeição aos signos da morte, mesmo em face a ela; o tempo como ferramenta de usufruto intenso da vida; linguagem literária para autoconstrução de si; autoavaliações afetivas e</p>

<p>Representação de eventos e de atores sociais a partir de narrativas carregadas de imagens que reiteram discursos de abjeção e recontextualizam os saberes médicos;</p> <p>Imagens narrativas e conceituais se imiscuindo;</p> <p>Design funcional (representação): Ênfase nas representações conceituais simbólicas: a aids é basicamente construída a partir de símbolos imagéticos (metáforas, catacreses e metonímias). Doutro modo, nas representações classificatórias, há uma exibição do corpo doente ou um enquadramento do rosto como evidência da identidade da PVHIV/Aids. As representações narrativas são frequentemente carregadas de símbolos, o que indica uma sobreposição com a modalidade de representação conceitual simbólica;</p>	<p>Design funcional (interação, composição): o contato (olhar) nas imagens dos doentes é frequentemente registrado, seja em registros em close-up ou enquadramentos médios. Construção da compaixão. Em termos de composição, os corpos ou rostos dos doentes são ora <i>salientados</i> nas fotografias ou pela própria carga identitária explicitada corporalmente <i>enquadrados</i> na composição da imagem (aparentemente separados do resto dos elementos da imagem, mas dando significado a toda ela);</p> <p>Afirmações avaliativas de atitude: julgamento e apreciação tanto das PVHIV quanto da própria síndrome e da epidemia, de forma interrelacionada e frequentemente indistinguindo objetos e pessoas;</p> <p>Intertextualidade como elemento fulcral: textos-vozes de diversos períodos circulam abundantemente acionando discursos moralistas,</p>	<p>presunções valorativas que tentam extrair as imagens de doença, dor e morte;</p> <p>Design identitário (potencial de significado experiencial, proveniência e contextualização): a retórica dos ativismos de aids privilegiavam a arte da performance (ironia e metáforas) como forma de protesto, uso de cartazes e outros objetos: uso de muitas cores, o vermelho como referência ao sangue, a textura de seu líquido muitas vezes usado para chocar (balões com líquidos vermelhos); cartazes em forma de lápide; referências a camisinha, a medicamentos; a referência de proveniência do triângulo rosa do período nazista para movimentos como o ACT UP etc.;</p> <p>Linguagem corporal e polidez: a imagem do rosto como lócus de disputa e luta por humanidade a partir da positividade da diferença;</p>
--	---	---

<p>Interdiscursividade: intensa e estratégica mixagem de discursos de diversos campos e aspectos do mundo: saberes médicos, ideologia ultraliberal, discursos moralizantes sobre gênero e sexualidade, discursos religiosos. Aplicação da regra da polivalência tática dos discursos a partir de processos contraideológicos;</p> <p>Eventos e atores sociais borrados e confundidos (epidemia da aids e PVHIV)</p> <p>Avaliações atitudinais de julgamento intensificadas por recursos de gradação: abundância de recursos retóricos de reforço à abjeção (qualificadores e operadores argumentativos);</p> <p>Representação de espaços: a imagem dos hospitais especializados em aids e dos quartos e enfermarias; aids como doença do tempo;</p>	<p>religiosos, médico-científicos frequentemente distorcidos e recontextualizados nos produtos midiático-culturais;</p> <p>Orientação para a diferença: acentuação da diferença, do conflito, da polêmica, em uma luta sobre o significado, sobre as normas e o poder em torno do que é a aids e as PVHIV.</p> <p>Monoglossia: quase nula a possibilidade de diálogo com as fontes midiáticas hegemônicas;</p> <p>Potenciais ideológicos e contraideológicos: movimentos argumentativos (metonímia da aids), efeitos argumentativos da temporalidade (aids como uma doença do tempo); legitimação por racionalização, por instrumentalização/procedimentalização, por legalidade (saber médico gerindo, instrumentalizando e procedimentalizando a vida da PVHIV e desconfigurado pelas mídias hegemônicas); narrativização/valor</p>	<p>proximidade e contato visual;</p> <p>Modalidades epistêmicas: o valor de certeza na reinvenção de si e da vida a partir de outros signos divergentes aos construídos pela metonímia da aids;</p> <p>Avaliações atitudinais: afeto como forma de expressar mais felicidade, segurança e satisfação; julgamento sobre a veracidade e a ética dos discursos midiaticamente hegemônicos sobre a aids (em contraposição aos opostos veiculados nas mídias hegemônicas); apreciação como “coisificação” das PVHIV e o <i>queer</i> como resposta;</p> <p>Hibridismos estilísticos e relações contraideológicas: construção das personas dos ativistas, sobreviventes, heróis e retomada da figura de “humanos”;</p> <p><i>Ethos</i> baseado na abjeção minoritária: a assunção do</p>
---	--	--

<p>Processos potencialmente (contra)ideológicos de unificação (construção simbólica de identificação coletiva): aliança de ativismos para utilização de recursos imagéticos, impactantes e de reescrita da epidemia e de seus participantes.</p>	<p>argumentativo de narrativas (costumes e sistemas de moralidades narrativizados a partir de discursos homofóbicos, classistas, racistas etc. veiculados nas mídias), narrativas de fatos passados, repetidos, habituais; operação lógico-retórica de causa-consequência (metonímia da aids); regra da polivalência tática dos discursos – ação dos movimentos sociais para a desconstrução dos elementos acima partir dos mesmos recursos genéricos.</p>	<p><i>queer</i> como ressignificação das ofensas e violências; construção uma ética que impõe uma imagem-subjetividade-identidade de orgulho em relação às diferenças;</p> <p>Performance, retórica e identidade visual vibrantes, intensas, vívidas.</p>
--	--	---

Fonte: elaboração do autor com base em Foucault (1994a; 1998), Carvalho (2010), Vieira; Resende (2016), Fairclough (2003), Vieira (2022), Kress; Leeuwen (2021), Leeuwen (2022), Jäger e Maier (2016)

Os muros a que Caio Fernando Abreu se refere em suas crônicas intituladas “Cartas para além dos muros” (2014 [publicadas originalmente em 1994]) são exatamente os do Hospital Emílio Ribas, mencionado diretamente nesses textos escritos em momento de internação. Ele transforma a sua vivência naquele espaço a partir de um movimento de interpelação para a vida, mesmo sinalizando que seu corpo sofria gravemente os efeitos da aids:

E a queda? Aceito todo dia. Conto para você porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo. Sei que você compreende. Sei também que, para os outros, esse vírus de *science fiction* só dá em gente maldita. Para esses, lembra Cazusa: “Vamos pedir piedade, Senhor, piedade pra essa gente careta e covarde.” Mas para você, revelo humilde: o que importa é a Senhora Dona Vida, coberta de ouro e prata e sangue e musgo do Tempo e creme chantilly às vezes e confetes de algum Carnaval, descobrindo pouco a pouco seu rosto horrendo e deslumbrante. Precisamos suportar. E beijá-la na boca. De alguma forma absurda, nunca estive tão bem. Armado com as armas de Jorge (Abreu, 2014, p. 123).

Pensar a atualidade da aids é retomar quem a fez como diferença histórica naqueles muros e apontando para muito além deles – em um tempo *onde* a vizinhança com a morte se insinuava com mais frequência quando o resultado do exame para o HIV era positivo. A abertura para as mudanças que desconstruíram o aidético e puseram a palavra “vida” na expressão identitária *peessoa vivendo com HIV* só foi possível a partir de autoafirmações e relatos de si como o de Caio (peço escusas para a intimidade que aqui postulo): “A vida grita. E a luta continua” (Abreu, 2014, p. 124).

3.2 A era do entretenimento: da lógica industrial a uma dimensão informativo-digital de sociedade

A crise da aids emerge em um contexto histórico de transformação nos processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais que preparariam o terreno para a cultura digital que se materializaria nas décadas seguintes. O consumo individualizado e a possibilidade de escolha de produtos midiático-culturais mais diversificados, complexificados em termos de gênero, suporte e formato, elaborados no mesmo âmbito de desenvolvimento da autonomia das pessoas no uso de equipamentos como as câmeras fotográficas e de vídeo, o controle remoto, o walkman, o videogame, o videocassete, seguido pela indústrias do CD e da TV a cabo incitariam o exercício de consumo “fora da caixa” mais restrita da cultura de massas, pois “atenderiam a demandas simbólicas heterogêneas, fugazes e mais personalizadas” (Santaella, 2003, p. 52). Nas décadas seguintes materializa-se possibilidade de o indivíduo comum criar seus próprios conteúdos e compartilhá-los em torno de uma *cultura da convergência*, isto é, convergência dos meios de comunicação, de uma cultura participativa e da noção de inteligência coletiva. Elemento basilar da cultura digital ou cibercultura que ora se encontra como hegemônica globalmente, a convergência refere-se ao:

fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. [...] A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores. Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a

procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos (Jenkins, 2013, p. 30).

A progressiva sofisticação e a acessibilidade do computador, hoje materializado nos cada vez mais baratos e diversificados smartphones, é uma faceta desse processo de potencialização da criatividade popular alternativa, em que pessoas comuns se utilizam das tecnologias mais recentes e sempre atualizadas e seus recursos de arquivamento, apropriação e a recirculação de produtos midiático-culturais, mesmo em contextos de maior vulnerabilidade socioeconômica. Para Santaella (2003, p. 20):

a aliança entre computadores e redes fez surgir o primeiro sistema amplamente disseminado que dá ao usuário a oportunidade de criar, distribuir, receber e consumir conteúdo audiovisual em um só equipamento. Uma máquina de calcular que foi forçada a virar máquina de escrever há poucas décadas, agora combina as funções de criação, de distribuição e de recepção de uma vasta variedade de outras mídias dentro de uma mesma caixa.

Da criação a partir das ferramentas de fotocópia e editoração eletrônica incitadas pelas câmeras e videocassetes e o potencial de criar seus próprios filmes até a revolução cultural do computador, da internet e das plataformas de redes sociais, cada vez mais pessoas se engajam na criação de arte, mídia e diversos conteúdos como alternativas às grandes corporações (e ao mesmo tempo se integrando a elas, por meio de suas plataformas digitais). Esse ciclo se expande exponencialmente porque cada vez mais pessoas e grupos convergem para a criação e o consumo desses conteúdos que constituem o tecido social da cultura digital ao passo que os receptores se tornam mais ativos e atuantes. Criador e receptor se confundem nessa equação (Jenkins, 2013, p. 200).

Em uma crítica aos utopistas e ufanistas da revolução da informação, Lucia Santaella apontou que ela não nunca foi uma mera questão de progresso tecnológico, mas sim significativa para a emergente matriz de forças políticas e culturais que suporta. Os recursos tecnológicos de informação e comunicação remodelam de maneira decisiva os processos de organização e desenvolvimento das estruturas burocráticas em larga escala e alta complexidade, incluindo o Estado Moderno, que também é reorganizado e expandido. Isso posto, as corporações de grandes mídias se organizaram no começo do século XXI de modo a formatar as novas tecnologias, o que corrobora a noção de que o ciberespaço e as experiências virtuais desde as suas formas primárias fazem parte do paradigma cultural próprio do capitalismo global e passaram a largo de inaugurarem uma era emancipadora (Santaella, 2023, p. 73-75). Por isso, é:

Sob o semblante de um espaço aberto, livre e infinitamente navegável, as redes também estarão sendo crescentemente reguladas pelos mecanismos reinantes do mercado capitalista. O reino dessa liberdade, portanto, será predominantemente a liberdade do mercado. Sob a virtualização das relações de conhecimento encontra-se a virtualização de organizações e empresas em rede, comercialmente orientadas (Santaella, 2023, p. 73).

Apesar dessa ressalva, a multiplicidade interativa inaugurada pela cultura digital abre inúmeras possibilidades para a criação de redes de organizações culturais, políticas, sociais que usam dessas ferramentas para que suas vozes alcancem outros espaços e interactantes/consumidores. A produção artística e cultural e a educação também se beneficiam das potencialidades da comunicação hipermediática anunciada no final do século XX. As brechas abertas para a expansão de informação, conhecimento, cultura, educação e arte apontam que a cibercultura pode ser disputada por comunidades virtuais estratégicas como uma arena potencialmente política e culturalmente criativa (Santaella, 2023, p. 76).

Da cultura da oralidade às da escrita e impressa até chegarmos na de massa e das mídias, o que se observa é um continuum de acumulação, ressignificação e sincronização e não uma suplantação das mais tradicionais. Vivemos um momento civilizacional altamente complexo em que coexistem formas de diferentes de criar, distribuir e consumir culturas em nível global e no qual redes híbridas de criação multissemiótica são constituídas em torno delas. A questão posta é se a cibercultura “engolirá”, aglutinará todas elas em seu escopo tecnológico e ultraconectado. É fato que a cultura de massas definitivamente pavimentou o caminho para o cenário atual. Com a emergência da cultura das mídias se explicitou uma densidade em forma de hibridismo no consumo: a figura do sujeito passivo preso ao conteúdo da televisão, ícone da massificação midiática no século XX, é fragmentada a partir de outras formas de consumi-la, em sua diversificação e segmentação, ao mesmo tempo em que videocassetes, videogames e outros formatos de jornalismo (revistas especializadas, programas de televisão que hibridizam jornalismo e entretenimento etc.) eram direcionados a públicos e gostos mais plurais e à possibilidade de escolha do consumidor. A cultura digital ampliará exponencialmente essa dinâmica constituindo tecidos midiático-culturais mais híbridos, densos e, fundamentalmente, conectados às redes virtuais:

As telas de computadores estabelecem uma interface entre a eletricidade biológica e tecnológica, entre o utilizador e as redes. Na medida em que o usuário foi aprendendo a falar com as telas, através dos computadores, telecomandos, gravadores de vídeo e câmeras caseiras, seus hábitos exclusivos de consumismo automático passaram a conviver com hábitos mais autônomos de discriminação e escolhas próprias. Nascia aí a cultura da velocidade e das redes que veio trazendo consigo a necessidade de

simultaneamente acelerar e humanizar a nossa interação com as máquinas (Santaella, 2003, p. 81-82).

A autonomia no âmbito do consumo se desenvolveu concomitantemente com o acesso mais facilitado às tecnologias e nesse ínterim um estímulo e um despertar pelo desejo de produzir, criar, compor, apresentar e difundir os próprios conteúdos. Isso funciona em uma dinâmica de troca e participação coletiva que desarticulava o formato piramidal de distribuição de produtos midiático-culturais para as articulações reticulares em redes, ao passo que essa integração ocorreria em tempo real, o que geraria transformações profundas nos processos comunicacionais.

A digitalização organiza, quantifica e traduz todas as fontes de informação partir de um código binário (0 e 1), um fluxo de bits que comprime, descomprime, codifica e decodifica som, imagem, textos e aplicativos de informática a partir de uma mesma linguagem digital (multimídia), o que não era possível no sinal analógico pela incompatibilidade dos suportes. Para Santaella (2003, p. 84), essa convergência midiática mescla os quatro principais formatos da comunicação humana: o documento escrito (livro, imprensa, revista, documentação jurídica, arquivos), o audiovisual (cinema, televisão, videogame, vídeos musicais), as telecomunicações (telefone, satélites, cabo, rádio) e a informatização (computadores, programas e aplicativos digitais).

A outra face fundamental da digitalização é que além da sua capacidade de constituir esse conteúdo em dados híbridos, ele é sintetizado e deslocado para qualquer espaço e período, idêntico e pronto para ser consumido. Esses conteúdos independem do local e tempo de sua emissão original, pois são telegrafáveis a partir das conexões estabelecidas pelos modems que paulatinamente se modernizam com a expansão global dos cabos de fibra ótica e a sofisticação dos sinais de satélite. Desenvolvida e difundida a partir de pesquisas em centros universitários a partir da segunda metade do século XX inicialmente com fins militares, a comunicação mediada por computadores para circulação de pacotes de informação em redes se tornaria uma rede telemática com viabilidade global destinada para qualquer usuário. A assim denominada internet passou a suportar o crescimento do sistema que daria suporte a uma comunicação mundial quando o seu protocolo de transmissão (*TCP/IP – Transmission Control Protocol/Internet Protocol*) foi desenvolvido na década de 1960 e sofisticado na de 1980, tornando-se o idioma dos computadores na rede internet:

Ele permite a divisão, endereçamento e re-direcionamento dos pacotes. É a linguagem de comunicação de base da rede. Graças a essa linguagem, todos os computadores – pequenos ou grandes – falam entre si e se compreendem,

seja qual for o ponto do planeta. Com isso, além de comunicar, os computadores puderam também codificar e decodificar pacotes de dados que viajavam em alta velocidade pela rede (Santaella, 2003, p. 87).

O ciberespaço é justamente a conjunção entre os dispositivos tecnológicos e as redes a que eles se conectam, e uma característica comum na relação entre indivíduos e seus aparelhos é o processo de interrelação e indistinção cada vez mais aprofundado que se dá entre o humano e a máquina desde o uso dos computadores e de suas aplicações mais rudimentares até a era dos smartphones, em que dormimos e acordamos com eles literalmente ao lado dos nossos corpos. Essa conexão ocorre na criação e evolução do conjunto de representações interativas, gráficas e espaciais sintetizadas a partir da noção de interface. Dos primeiros programas moldados aos nossos objetivos, tarefas, personalidade e outras características até a radical presença da pessoa enquanto perfil interativo nos sites de redes sociais, o ser humano passa a se plugar quase que integralmente à tecnologia, ao passo que ela nos incorpora em uma relação dialética (e de dependência).

O computador e o smartphone são máquinas semióticas cuja saliência entre o virtual e o real é cada vez mais fronteira, assim como o binômio homem/máquina, cujos cruzamentos de mundo alteram profundamente a forma como os conectam aos dispositivos tecnológicos, os tornam cada vez mais indistinguíveis e facilitam o apagamento de suas diferenças. Assim, as interfaces funcionam como zonas limítrofes em que o homem e a máquina são constantemente negociados e a discussão que interessa é sobre a emergência das humanidades digitais, posto que “essa negociação entre o humano e o maquínico se processa por meio de uma nova linguagem, um sistema interativo configurado através de uma sintaxe a-linear interativa tecida de nós e conexões que é chamada de hipertexto e hipermídia” (Santaella, 2003, p. 92).

O conceito e a experiência da não linearidade como uma propriedade do mundo digital afeta a noção de humano e suas identidades porque parte significativa de sua subjetividade e construção do conhecimento passa a ser mediada pelos hiperlinks conectando pontos distintos/distantes no espaço digital – experiências ampliadas pelo “diálogo” com as recentes versões de Inteligência Artificial, que reproduz a linguagem humana a partir da composição de textos pelo acesso ao imenso arquivo de conhecimento construído digitalmente. Nos smartphones, a mediação entre o humano e o aparelho não se dá pelo mouse, mas pelo toque na tela, uma espécie de portal que se abre a conteúdos inesgotáveis a partir da sensibilidade dos dedos.

Os acessos não sequenciais a informações multimídia cada vez mais imersivas – inclusive, a próxima geração tecnológica promete uma imersão integral por aparelhos em uma

literal virtualidade – são a base da reconstrução de paradigmas de coletividade e individualidade. Concomitante às revoluções semióticas da cultura digital, a evolução das biotecnologias incitou inúmeros debates sobre natureza e cultura, política e ciência, público e privado, primitivo e civilizado, tecnologia e sociedade. A lista de binômios é ampla e compreende o estopim para inúmeras questões que são geradas em torno deles, como a que suscitou nos filósofos a elocubração sobre a subjetividade humana nessa “era pós-moderna” pela metáfora do ciborgue:

Não está claro quem faz e quem é feito na relação entre o humano e a máquina. Não está claro o que é mente e o que é corpo em máquinas que funcionam de acordo com práticas de codificação. Na medida em que nos conhecemos tanto no discurso formal (por exemplo, na biologia) quanto na prática cotidiana (por exemplo, na economia doméstica do circuito integrado), descobrimo-nos como sendo ciborgues, híbridos, mosaicos, quimeras. Os organismos biológicos tornaram-se sistemas bióticos – dispositivos de comunicação como qualquer outro. Não existe, em nosso conhecimento formal, nenhuma separação fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico. [...] Uma das consequências disso é que nosso sentimento de conexão com nossos instrumentos é reforçado. O estado de transe experimentado por muitos usuários de computadores tem-se tornado a imagem predileta dos filmes de ficção científica e das piadas culturais (Haraway, 2009, p. 91-92).

O que estão postas são questões ontológicas. Na cibernética, o corpo passa a ser um espaço informacional baseado em um sistema autorregulativo: ele é mediado por mecanismos de organização que atuam por mensagens codificadas geradas por grupos ou outros indivíduos através de dispositivos digitais e a partir delas a troca, a resposta. Esse sistema de feedback torna-se elemento crucial para o funcionamento tanto dos sistemas orgânicos quanto dos maquínicos nesse contexto paradigmático comunicacional/informacional; e a linha é tênue, pois a lógica do trabalho, os relacionamentos, a diversão e o entretenimento e a gestão da saúde foram informatizados, digitalizados e situados em redes (Santaella, 2003, p. 98-100). Por outro ângulo, o ser humano cria e ocupa espaços de socialização que são integralmente virtuais (ao mesmo tempo que se cansa dos anteriores e constantemente migra). A ideia de um ambiente simulado que é apenas baseado no “real” é cada vez mais borrada com a sofisticação das interfaces de aplicativos de redes sociais e a frequência com que neles emergimos.

O ciberespaço tem ultrapassado a ideia de simulação porque nossa intimidade e cada aspecto de nossa vida são reconfigurados a partir do hábito com as interfaces; o experimento dos leiautes sofisticada-se na evolução *high tech* dos equipamentos de realidade virtual e a remodelação da pesquisa, leitura e criação textual pela inteligência artificial afeta nossos processos cognitivos. A ubiquidade da tecnologia, materializada nos equipamentos digitais e

em suas conexões por redes reconfigura a vida social, a nossa autoidentidade e as relações sociais como um todo em torno de uma cibercultura. As comunidades virtuais e sua evolução para o formato das redes sociais em plataformas mais integradas e de estímulo à criação de conteúdo próprio em torno de uma *cultura participativa* converge para e retroalimenta a intitulada *inteligência coletiva*, isto é, a integração e o compartilhamento de memórias, conhecimento e hipertextos através de comunidades globais constituindo coletivos inteligentes.

Para Lévy (2003), em torno dessa ideia e projeto poderíamos chegar a uma “utopia realizável” em que inúmeros agentes em uma densa rede de interações conduziriam uma auto-organização de sistemas complexos e à emergência de exercícios de poder alternativo e reconfigurações das democracias. Retomarei esses dois conceitos mais adiante inserindo-os no cenário de reflexão sobre o esquema ontológico que eles impelem, mas antes é preciso compreender com mais detalhes como as disputas em torno da aids enquanto imagem já emergem em um contexto de reconfiguração dos movimentos sociais nesse período de transição cultural e como esses ativismos desembocaram nos net-ativismos situados em plataformas de redes sociais.

3.2.1 A experiência como ponto de partida: as redes de ativismos de aids e o fenômeno dos net-ativismos

Os movimentos sociais de pessoas vivendo com HIV ou com Aids emergem como resposta a uma crise de saúde pública, de representação e focados no enfrentamento às violências sistemáticas, inclusive do Estado, que elas experienciavam principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Muitas vítimas da síndrome tornaram-se ativistas em tempo integral e os grupos que se articularam em torno dos seus fundadores, dos membros dirigentes, que frequentemente se renovavam, e de outros atores participantes que construíram suas organizações em torno de laços sociais afetivos. As chamadas redes de solidariedade⁴⁷ se constituem no entrelaçamento de diversas redes sociais que atuaram impulsionando a voz dos seus agentes em um trabalho de representação e pressão política em torno da resposta à aids no país.

⁴⁷ Cristina Luci Câmara Silva, em sua tese de doutorado sobre a atuação de organizações não governamentais de resposta à aids no Brasil, afirma que o conceito de “redes de solidariedade” utilizado se refere a uma primeira tentativa de coalização nacional entre esses grupos organizados intitulado “Rede de Solidariedade”. A autora aponta que, apesar das reuniões nacionais desses grupos terem sido paulatinamente deixadas de lado, eles ainda se comunicavam e articulavam ações no formato de redes sociais plurais para o fortalecimento da resposta à aids (Silva, 1999, p. 245).

As redes de interação entre os diversos atores sociais constituíam movimentos difusos, amplos e diversificados, o que propiciava solidariedade, mas também conflitos. Esses grupos se conectam a outras entidades civis que de forma correlata atuavam na resposta à aids, como os movimentos gays, feministas, de trabalhadores do sexo e, eventualmente, de pessoas com deficiência (como os hemofílicos, os renais crônicos etc.). Nesse cenário associativo entre movimentos sociais e redes de ativistas de aids o enfrentamento à aids amplificava os discursos de equidade de direitos e justiça social, ao mesmo tempo em que lutas como a dos direitos das pessoas LGBTQ+, contra o racismo e a pobreza e para acesso à saúde impeliam não só a atuação em redes, mas a intersecção de pautas em torno de uma crise de saúde sem precedentes na contemporaneidade. O cerne dos movimentos sociais de resposta à aids, no entanto, não é o foco revolucionário, uma utopia de transformação da sociedade, mas a pressão pela materialização de pautas e reivindicações éticas pujantes, cuja urgência é evidenciada pela própria natureza da doença e no registro das experiências pessoais vividas. O aspecto pessoal e íntimo da referida “luta contra aids” era enfatizado pelos ativistas em seus processos de mobilização pelo apelo na dimensão intersubjetiva e de agregação para a participação cidadã (Silva, 1999, p. 246-47).

As manifestações de rua, o *modus operandi* da performance e a criação dos próprios produtos midiáticos-culturais como ferramentas de ativismo eram a expressão desses movimentos, que em pouquíssimo tempo conseguiram estabelecer fios interdiscursivos globais entre esses métodos e forma de representação dos seus discursos de engajamento. Outro aspecto é o lugar central que as trajetórias de vida ocupavam nas militâncias: figuras públicas como Cazusa, Hebert Daniel e Betinho⁴⁸ no Brasil se tornaram ícones e rostos de movimentos que se articularam em torno da expressão biográfica de ambos, cada um a seu modo, no tocante à aids. Eles tornaram-se figuras emblemáticas da responsabilidade, por conta das posições que ocuparam na arena pública e o seu viés de rejeição ao *locus* de passividade, moldando e sendo respectivamente responsáveis pela concepção de movimentos sociais organizados como resposta à aids (Sociedade Viva Cazusa, Grupo Pela Vidda – Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids e ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, respectivamente). O engajamento público que suas trajetórias engendraram produzia nas

⁴⁸ Hebert de Souza, o Betinho, foi exposto à infecção com HIV por conta de sua condição como hemofílico. Ativista engajado contra a ditadura militar no Brasil, era a figura do intelectual engajado tanto no movimento operário quanto nas diversas lutas de base que caracterizariam aquele período da História brasileira. Seu perfil sempre foi de atuação próxima a das ONGs. Engajado em tornar a aids um assunto de todos, ele funda em 1986 a ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – e dedica-se intensamente às respostas à aids (Silva, 1999, p. 89).

peças que viviam com HIV ou com aids um sentimento de que há uma existência real, uma multiplicidade e ao mesmo tempo a possibilidade de representação para contrapor a massificação da ideia de grupos de risco ora silenciados, ora expostos de forma sensacionalista em praça pública (Silva, 1999, p. 86-87).

Os ativismos de resposta à aids almejavam visibilidade midiática e tal meta foi fortalecida a partir das Conferências Internacionais sobre Aids que reuniam ativistas de todo o mundo nas décadas de 1980 e 1990⁴⁹. Essa rede global ensejou a construção de um aspecto transnacional nas culturas de ativismos em aids a partir do encontro entre membros daquele movimento social emergente. Os discursos de natureza política são atravessados pelas narrativas da vida cotidiana e a partir daí pautas, agendas de trabalho, metodologias e identificações são em rede construídas (Silva, 1999, p. 250). Esses aspectos mais fluidos que marcam os ativismos de aids ressaltam de forma intensificada as diferenças entre as categorias políticas da militância e do ativismo em curso na segunda metade do século XX.

Figura 67: Entre a militância e o ativismo: a aids como ponto de inflexão nos movimentos sociais

Militância	Ativismo
. ponto de partida: a sociedade	. ponto de partida: a experiência
. ética da convicção	. ética da responsabilidade
. causa pública	. engajamento pessoal e íntimo
. altruísmo	. personalização
. consenso = unidade	. consenso = pluralidade
. tempo futuro	. tempo presente
. utopia	. urgência
. liderança carismática	. liderança difusa
. luta de classes	. diferença na identidade de grupo
. organização centralizada	. organização segmentada, difusa e descentralizada

Fonte: Silva, 1999, p. 250

⁴⁹ “No plano nacional, no Brasil, o primeiro esforço para reunir as entidades civis que atuam contra a aids foi inicialmente denominado Rede Brasileira de Solidariedade, informado simultaneamente pelas reuniões que vinham acontecendo entre os Gaps existentes e pela influência da reunião internacional de organizações que oferecem serviços voltados à aids, realizada em 1989, em Montreal, antecedendo a V Conferência Internacional sobre Aids. Esta reunião, denominada “Oportunidades para a Solidariedade”, além de ter sido um marco para os ativistas no cenário internacional, influencia a primeira tentativa de organização da Rede Brasileira de Solidariedade. Ao apontar os conflitos e alianças estabelecidos na tentativa de formalizar esta Rede, procura-se argumentar que sua referência de base se mantém nos Encontros Nacionais de ONGs/Aids, os Enongs” (Silva, 1999, p. 251).

Silva (1999, p. 14) sintetiza e apresenta como categorias que subjazem os movimentos de resposta à aids a interrelação entre *militância e ativismo*, com este último gradativamente ocupando lugar central em sua configuração; a ideia e a materialização em *redes* da atuação intragrupos e em sua relação com a sociedade civil; a concepção de *ajuda mútua* como estratégia de construção de espaços relacionais e respostas coletivas à crise da aids; e a noção de *serviço*, que se refere ao engajamento profissional e ao trabalho, frequentemente voluntário, de indivíduos que compõem as redes de solidariedade coletiva. Essas categorias se sobrepõem e se apresentam de forma ambígua naquele cenário político complexo do final do século XX.

Reitero que nesse mesmo período a cultura das mídias se expandia e os movimentos sociais de resposta à aids faziam uso das estratégias de criação e circulação de imagens como ferramentas de seus ativismos. Ressalto que os supracitados aspectos da militância em redes na constituição dos ativismos de aids no Brasil serão fundamentais para a análise produzida a partir da netnografia discursiva de perfis de ativistas e influenciadores digitais de aids no Instagram. Enfatizo especificamente estes dois elementos: 1) as noções de experiência, de ética da responsabilidade e engajamento pessoal e íntimo como elementos fulcrais para a concepção dos grupos e para a formação dos ativistas, o que não configura uma ruptura entre o individual e o coletivo, mas de um imbricamento mais complexo entre esses aspectos que irão definir as pautas e as formas de atuação; 2) o aspecto da militância a partir da formação de redes sociais entre os coletivos e os indivíduos engajados nos movimentos (que se interseccionam também em redes a outros distintos em termos de pauta) e que nas plataformas de redes sociais na internet se ampliará pela própria natureza da cibercultura. Os relatos biográficos serão essenciais formas de resistência e de alicerce ético e político dos movimentos sociais e, noutro ângulo, a possibilidade de expor na esfera pública outras narrativas, dissidentes à hegemônicas a partir da tessitura dos símbolos coletivos da aids que alicerçam a aids-entretenimento. Como chegamos então aos net-ativismos de aids?

Os ativismos de aids na década de 1980 somam-se à ruptura dos chamados “novos movimentos sociais”, que incluíam principalmente iniciativas pacifistas, feministas, ambientalistas, antinucleares, defensores dos direitos civis, entre outros. Essas mobilizações, predominantemente urbanas, diferenciavam-se significativamente do caráter classista dos movimentos sindicais e camponeses, muitas vezes colaborando com o sistema econômico e operando dentro do âmbito político das instituições existentes. O surgimento e a diversificação dos movimentos sociais estão intrinsecamente ligados ao aprofundamento das instituições democráticas nas sociedades capitalistas ocidentais. Em contraste, nas sociedades socialistas “sem classes”, a repressão governamental impedia a manifestação de tensões sociais fora do

controle oficial, integrando teoricamente o "movimento social" às estruturas do governo, como parte do processo revolucionário e da vontade das massas (Machado, 2007, p. 254).

A integração bem-sucedida dos atores sociais à esfera política ocorreu ao transformar o conflito em cooperação, ampliando a influência das instituições civis na governança democrática. Os movimentos sociais ganharam maior legitimidade quando os governos adotaram práticas cooperativas, facilitando a inclusão das demandas dos coletivos sociais por meio de instrumentos e políticas públicas mais permeáveis. Esta mudança resultou no reconhecimento legal e político dessas formações sociais pelas legislações nacionais, levando o Estado a incorporar a ação social de organizações da sociedade civil, como exemplificado pelo papel das organizações não-governamentais (Machado, 2007, p. 254). No final da década de 1980, a epidemia atingia níveis alarmantes em todo o mundo e não havia mais espaço para ausência e inoperância dos governos. No Brasil, a colaboração entre os movimentos pela reforma sanitária e pela afirmação de identidades sociais durante o período de abertura política foi crucial para formar uma resposta nacional bem-sucedida no controle da epidemia. A pressão realizada possibilitou que os diálogos gerassem cooperação entre Estado e organizações sociais, passo definitivo para uma exitosa resposta a aids:

Primeira do gênero, a parceria entre a Secretaria de Estado da Saúde e a pensão Palácio das Princesas foi essencial para estabelecer as bases futuras de cooperação com ONGs. Com esse princípio, o financiamento de ONGs pelo Estado foi largamente ampliado e institucionalizado, depois do acordo de empréstimo com o Banco Mundial. Como mostrou Jane Galvão, a amplitude que tomou a epidemia e o próprio fato de que as ONGs tenham se tornado "entidades de prestação de serviço" baseadas no trabalho voluntário fizeram com que a atuação conjunta entre organizações do Estado e as ONGs se tornasse uma possibilidade econômica do trabalho de algumas dessas organizações (Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015b, p. 233).

Esse relato não apenas ilustra a reconfiguração promovida nos formatos de movimentos sociais (e seu desenvolvimento e institucionalização a partir da lógica de organizações sociais) diante da crise da aids, mas aponta que devido às mudanças políticas no mundo pós-Guerra Fria, os movimentos sociais ganharam relevância como impulsionadores de demandas não atendidas pelo Estado, seja por omissão em políticas públicas, seja pela falta de reconhecimento desses atores como políticos. À medida que os Estados passaram a legitimar os movimentos sociais como agentes políticos, houve uma notável expansão de parcerias e iniciativas conjuntas, especialmente nos países ocidentais. Essas experiências deram origem a políticas de apoio e fomento à participação de coletivos sociais, com a criação de novas formas de colaboração com os governos, inicialmente na Europa e, posteriormente, na América, logo, o

Estado começou a reconhecê-los como parceiros estratégicos essenciais, ampliando não apenas a abrangência das democracias, mas também conferindo legitimidade e prestígio aos governos (Machado, 2007, p. 255).

Essa relação dialética e de legitimidade entre movimentos sociais, Estado (e por conseguinte, instituições financeiras, financiadores privados, mercados etc.) sinalizam nos países ocidentais uma experiência de crescente institucionalização dos movimentos sociais; suas pautas tornaram-se mais difusas e não necessariamente apontam para situações de contestação ou de um problema distributivo, ou mesmo sinalizam para um inimigo, mas passam a ser construídos principalmente em torno de identificações, dos multiculturalismos das sociedades contemporâneas, do agenciamento de indivíduos; as mudanças históricas e adaptações nas abordagens dos movimentos sociais permitiram que reivindicassem, quando necessário, a autolegitimação a partir dos princípios do Estado democrático, que passou a incentivar essa remodelação com base nos princípios das liberdades constitucionais de organização e expressão ideológica e política (Machado, 2007, p. 257). A ressaca causada pelos confrontos entre governos e movimentos sociais em torno da aids e o avanço da ciência em relação aos tratamentos foram concomitantemente construindo respostas que sinalizavam para a cooperação, a sistemática organização entre sistemas de saúde, organizações sociais e, frequentemente o apoio de financiamento privado para os projetos interinstitucionais que funcionam até hoje (como os Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA) e outras ONGs, a Rede Nacional de Adolescentes e Jovens vivendo com HIV/AIDS, as casas de apoio e outras categorias da sociedade civil).

A ênfase na democracia como um ponto central para esses movimentos sociais explicita que as lutas por liberdade perpassam uma defesa do universalismo de direitos, materializado em suas facetas de particularização de situações, relações sociais e direitos a serem protegidos. Essa interrelação entre pautas de bem comum e interesses particulares são atravessados a partir de eixos como liberdade, igualdade, direitos do homem, justiça, solidariedade, que assentam uma conexão os atores sociais e os seus programas políticos, como refletiu o sociólogo Alain Touraine em sua reflexão sobre os movimentos sociais contemporâneos e que coaduna com a síntese realizada por Jorge Alberto S. Machado (2007) sobre a emergência de novas dinâmicas de ação coletiva baseadas em complexas redes identitárias sob a orientação de valores "universais":

Podemos afirmar que esta dimensão universalista vai bem mais além da temática dos direitos humanos. Relaciona-se ao compartilhamento cada vez mais amplo de valores vinculados aos direitos das minorias, à liberdade de

expressão, à conservação ambiental, direito à diversidade cultural, liberdade religiosa, igualdade racial, igualdade de gênero, qualidade de vida e a uma distribuição mais justa dos benefícios sociais da economia global, etc. Trata-se também de temas que hoje são centrais nas agendas dos governos e dos organismos multilaterais. A luta coalizacional dos movimentos sociais caminha cada vez mais em paralelo com a incorporação de tais valores e aspirações às leis e às práticas políticas dos governos nacionais e locais (Machado, 2007, p. 258).

Essa mudança paradigmática ainda em curso é marcada pelos velhos problemas sociopolíticos que persistem no tocante ao diálogo e tentativa de equilíbrio entre governos, sociedade civil e as corporações, atravessado por conflitos, seja na complexa relação de interdependência e interconexão entre governos locais e “governos globais”; o papel cada vez mais sobrepujante e pouco regulado das corporações, o que impõe imensos desafios na manutenção dos princípios democráticos; e por fim, o empoderamento das agências sociais e individuais, formas de organização social cada vez mais dispersas e juridicamente não definidas que, dispendo das ferramentas tecnológicas em uma sociedade informativo-digital, articulam e medeiam suas ações de forma virtual, eletrônica, cada vez mais desterritorializada e irrompido por uma multiplicidade de atores sociais – impondo gradativos desafios aos Estados nacionais.

Neste ponto retomo exatamente a formulação de Lucia Santaella sobre as era culturais para situar o dispositivo da aids-entretenimento histórica, ontológica e epistemologicamente: as disrupções tecnocientíficas e sociopolíticas ocorridas da metade para o final do século XX. Enquanto as revoluções socioculturais se dão principalmente por descontinuidades, a ciência se desenvolveria de forma cumulativa, logo, “embora estejam no coração do avanço científico, as revoluções são apenas um dos lados complementares desse avanço” (Santaella, 2022). No que tange um entusiasmo em torno do pós-moderno, ele é produto direto das rupturas desse período. Assim:

Os movimentos contraculturais, as revoltas estudantis, as ebulições do pop, a crise dos valores e das promessas do modernismo nas artes e na arquitetura e, entre muitas outras coisas, a euforia tecnocientífica, que culminou na chegada do homem à Lua, produziram uma ruptura cultural de natureza e proporções inéditas de cujos efeitos e desdobramentos os teóricos e críticos da sociedade buscavam dar conta (Santaella, 2022).

No campo das ciências como um todo, novos paradigmas se estabelecem e por mais datada que a discussão possa parecer continua fulgurante no sentido de que o *pós* suscita um debate crítico sobre a (e o que é) cultura, nas interrogações sobre o que está acontecendo nas sociedades pós-industriais, do capitalismo tardio, do turbocapitalismo, ou mesmo nas discussões a respeito de um capitalismo de dados ou infocapitalismo. Em diálogo com

Kellerman (2006, p. 53), Santaella (2022, edição do kindle) organiza um quadro que sintetiza bem os principais elementos de transição entre modernidade e segunda modernidade (pós, tardia, hiper, reflexiva, líquida etc.):

Quadro 7: Oposições entre a primeira e a segunda modernidade

Crítica da ambiguidade (purificação)	Aceitação da ambiguidade (pluralismo)
Estrutura, regras e firmeza	Redes, pontos de fuga e fluxos
Segurança, certeza	Risco, incerteza
Durabilidade	Fluidez
Previsão	Imprevisão
Estabilidade crescente	Liquidificação crescente
Continuidade e evolução	Descontinuidade e mudança
Orientação para um alvo	Orientação processual
Ordem nacional	Contingência cosmopolita
Conexões estáveis	Conectividade como programa e projeto
Estruturas nacionais de longo alcance vs.	Estruturação transnacional para o tempo
Fronteiras sólidas e manutenção das fronteiras	Fronteiras flexíveis e administração das fronteiras.

Fonte: Santaella (2022)

A grande aceleração provocada pelo computador e toda a cultura em torno dele é um elemento central para entendermos o que estamos vivendo (e viveremos). Paralelo a isso, instabilidades econômicas e políticas que fissuram os projetos democráticos acompanham as mudanças climáticas e crises ambientais em torno do que se intitula era do Antropoceno (na qual os efeitos da ação humana se sobrepõem) formam o caldo sociocultural e histórico contemporâneo. A respeito da aceleração e da disrupção provocada pelo computador (e sua transfiguração em inúmeros dispositivos tecnológicos que nos acompanham 24h por dia), “tornou-se necessário, antes de tudo, abandonar a concepção minimizadora do computador como mera ferramenta, pois as tecnologias computacionais são, acima de tudo, tecnologias da inteligência” (Santaella, 2022).

Considerando isso, a história do computador ganha novas camadas relacionadas às interfaces e interações simbióticas entre a inteligência humana e a das máquinas. As interfaces amigáveis humano-computador que emergem com o lançamento da “www” e se transformam no principal elemento de smartphones e seus aplicativos explica porque “passamos a habitar

ecologias saturadas de tecnologias, especialmente depois que as mídias móveis computadorizadas passaram a nos acompanhar dia e noite, em qualquer ponto do espaço” (Santaella, 2022). A discussão ontológica sobre ser digital e estar no digital possui nuances que gradativamente são diluídas com a sofisticação das interfaces. As gerações das tecnologias são numeradas de modo a explicitar a sua evolução (*web 2.0, 3.0 etc.*) e a imensa variedade de recursos que se dá entre a web semântica (aspectos de cor, forma, som, interação etc.) e a sua relação com os algoritmos, o processamento de linguagem que é denominado inteligência artificial e seria capaz de lidar com a informação o mais próximo possível do modo humano:

É tamanha a variedade atual desses recursos que podem ser justificadas as nomenclaturas da *web 4.0* e *web 5.0*, pois surgiram para abrigar os grandes temas do momento, a saber: computação na nuvem, internet das coisas ou comunicação máquina-máquina, big data, cidades inteligentes, impressão 3D e a grande personagem reinando sobre tudo isso: a inteligência artificial (IA). O tema hoje infesta as redes sociais, os sites, as notícias jornalísticas, as revistas para o grande público. Não se pode negar, portanto, que já penetrou nos tecidos mais capilares da sociedade humana (Santaella, 2022).

Os desdobramentos da revolução digital iniciada com a criação do computador na década de 1960 ensejam outras nas quais inteligência artificial, robótica, a presença maciça da internet, carros autônomos, impressão 3D, biotecnologia, novas fontes de armazenamento de energia propiciam uma fusão tecnológica que impele a interação dos domínios físicos, digitais e biológicos. *Logo, pensar sobre as disrupções que fazem parte desta era cultural nem de longe se resume a historicizar a evolução tecnológica, mas de forma mais ampla refletir as fissuras ontológicas, o conceito de realidade que precisa ser capturado para a compreensão dos fenômenos estudados.* Este é o cenário em que se encontram os influenciadores digitais / ativistas de aids. Alguém imaginava que ativistas de aids, assumidamente pessoas vivendo com HIV, se exporiam em vídeos de plataformas de rede social utilizando o humor como estratégia de interação com o seu público? A própria noção do ativista é aqui reconfigurada e misturada (talvez diluída) à do influenciador digital.

Na imagem a seguir, um filtro, que normalmente é utilizado em conteúdos de humor, é utilizado no rosto de Allan Bruno apenas como recurso estético para destacar o seu vídeo. Filtros são ferramentas que empregam efeitos de câmera integrados a tecnologias de realidade aumentada para modificar a imagem em tempo real. Dessa forma, os usuários podem modificar a aparência de seus rostos ao aplicar um filtro por meio da câmera frontal de seus smartphones.

Figura 68: Allan Bruno – Reels Instagram – 30/10/2023



Fonte: Bruno (2023)

O vídeo situa-se na categoria de respostas a perguntas dos seguidores e, a despeito do filtro com tom de humor, a temática é uma das mais sérias no tocante ao HIV/Aids: o estigma refletido no temor da realização de exames para o HIV e a possibilidade do resultado ser positivo. A estética pode parecer absurda para quem não utiliza a plataforma, mas no Instagram é bastante comum o uso constante de filtros que desconfiguram de forma cômica o rosto e o corpo como linguagem para o entretenimento. Esse perfil especificamente acessa com frequência esse recurso e utiliza o humor como recurso para falar de HIV e aids, configurando uma marca de estilo de sua persona pública. Seria ele um ativista? O que se configura como ativismo atualmente?

No começo do século XXI, em diversos contextos de conflitos políticos, os suportes comunicacionais advindos de websites, blogues, listas de emails, comunicação por telefonia móvel, mensagens SMS, transmissões ao vivo e os recentes sites de redes sociais promoviam alternativas às mídias de massa hegemônicas. As mídias de massa alternativas produziam imagens e discursos divergentes dos canais tradicionais e as ferramentas tecnológicas serviram como forma de articulação para ações e grandes protestos de grupos sociais que provocaram cisões em processos eleitorais, governos e deflagraram mudanças sociais (como no famoso caso da Primavera Árabe ou das Jornadas de Junho no Brasil) (Machado, 2007, p. 263).

Geralmente, os governos e corporações conseguiram impor medidas contrárias aos interesses coletivos, contando com a crença na falta de organização e resistência por parte dos afetados. No entanto, o uso criativo das tecnologias de informação e comunicação permite ações específicas que, ao se combinarem, formam uma força opositora global. Indivíduos e coletivos sociais, antes dispersos, podem agora concentrar esforços em causas comuns por meio de extensas redes de solidariedade identitária. Emergem daí um novo formato de redes de coletivos sociais com mais as diferentes pautas, como as dos ativistas de direitos humanos, ambientais, políticos (inclusive os mais radicais), além de grandes organizações internacionais que passam a utilizar as novas tecnologias e aumentar sua capilaridade de alianças, meios de trocas de informação e apoio mútuo. A internet se tornou o principal meio de articulação e comunicação para organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos de cidadãos, proporcionando uma comunicação rápida, acessível e de alcance amplo. Este conglomerado virtual de redes sociais é crucial para fortalecer as demandas dos atores sociais, ampliando o alcance de suas ações e desenvolvendo estratégias de luta mais eficientes (Machado, 2007, p. 264, 268). Desse modo:

Agrupando dezenas ou até centenas de organizações de diferentes portes e universos culturais, lingüísticos e identitários diversos, com base na infraestrutura da rede mundial, elas conseguem agregar eficiente e eficazmente o descontentamento, para gerar amplas e complexas sinergias em ações globais. Em suma, a rede é um espaço público que possibilita novos caminhos para interação política, social e econômica. Principalmente pelo fato de que nela qualquer cidadão pode assumir, ao mesmo tempo, uma variedade enorme de papéis – como cidadão, militante, editor, distribuidor, consumidor, etc. – superando as barreiras geográficas e, até certo ponto, as limitações econômicas (Machado, 2003). Este compartilhamento de valores ocorre com mediações cada vez menores e sem interferência direta de governos e corporações (Machado, 2007, p. 263).

Para os movimentos já consolidados (ou com pautas legitimadas) ou organizações com algum estofo material e de recursos humanos, as redes virtuais possibilitaram a formação de canais com uma estrutura na qual a informação e a interação velozes e espaçotemporalmente deslocadas são a chave para seus funcionamentos, inclusive simbólicos. A organização em redes, mesmo a partir de poucos pontos nodais, possibilita a integração de vastas e diversas redes. As extensas redes de movimentos articuladas online representam potencialmente o futuro da ação coletiva e dos movimentos sociais, marcando uma mudança significativa na sua atuação. Observa-se uma forte tendência de transformação, especialmente nas formas de organização e ação desses movimentos. As redes, caracterizadas por voluntariado,

reciprocidade e modelos horizontais de comunicação e intercâmbio, têm sua eficácia ampliada pelo uso das tecnologias de informação.

Machado (2007) sintetiza do seguinte modo as principais características dos movimentos sociais frente às novas tecnologias de informação e comunicação na primeira década do século XXI: a sua capacidade de se ramificar e proliferar rapidamente; uma tendência a horizontalidade, menos hierarquização e mais flexibilidade das redes, dada a quantidade de microrredes que se formam, em formas de coalização de alcance mundial; a sua existência é dinâmica e funciona diante de objetivos ou fatos, podendo surgir e se desintegrar na mesma velocidade; com o advento dos espaços virtuais com interfaces cada vez mais amigáveis, há um minimalismo organizacional-material, as sedes físicas se tornaram irrelevantes; ideais particularistas alinhados a princípios de aceitação universal, como desenvolvimento sustentável, direitos humanos, direito à autodeterminação dos povos, combate ao racismo e formas de discriminação, democracia, liberdade de expressão etc.; articulação supranacional eficiente; ideologias compartilhadas através de redes de identidade e solidariedade múltiplas, com circulação plural de militantes através de causas e conexões identitárias diversas; o anonimato e a multiplicidade de identidades potencializam as formas de ativismo, o que aponta uma identidade cada vez mais difusa dos sujeitos sociais.

Essas premissas transformacionais dos movimentos sociais mais organizados propiciaram um esgarçamento na própria ideia de ativismo: a intimidade, a experiência e a identidade puderam ser consumidas e, no mesmo átimo, recriadas convenientemente por qualquer pessoa. Logo, no âmbito do indivíduo, a internet propiciou que o consumo de valores e estilos como o do ativismo, antes mais distante e mitificado, fosse possível com o mínimo de recursos, articulações e permissões de estruturas superiores de poder, como ocorre nas agremiações políticas tradicionais. A máxima de que “você pode ser o que quiser” atinge um patamar mais tangível com o advento da cultura digital. A autoexpressão, a interação e a perspectiva de uma audiência para compartilhar os relatos de si são elementos fulcrais para a emergência dos ativistas de aids atuando como influenciadores digitais (e vice-versa). Esse binarismo faz cada vez menos sentido, pois essa fronteira entre o individual e o social torna-se cada vez mais difusa e complexa, como observei nos papéis desempenhados pelos perfis de Instagram que focam seus conteúdos em HIV/Aids.

Ali, suas personas se confundem com os temas abordados, não são um canal de difusão sobre HIV/Aids tampouco apenas um perfil pessoal para interagir com outros seguidores e exibir fotos e vídeos do seu cotidiano. À ideia de ativismo e ao sujeito que nomeia o perfil é atravessado *o rótulo do produtor de conteúdo*: ele é responsável por criar, gerenciar e otimizar

materiais para várias plataformas digitais, incluindo sites, blogues e mídias sociais. Sua proposta de trabalho reside na criação de conteúdo original, como texto e mídia audiovisual, com o intuito de aumentar o tráfego, elevar a conscientização de sua própria marca e gerar interações dos usuários. Utilizando diversas estratégias, como redação de artigos, manutenção de blogs, produção de vídeos e infográficos, o produtor de conteúdo se adapta às principais tendências do momento para criar materiais envolventes. *Em suma, as estratégias de engajamento social, interação e conexão se confundem com o dinamismo e a fluidez de estilos e identidades embaladas para o consumo nas redes sociais.*

Massimo Di Felice (2020), em sua reflexão acerca dos net-ativismos, aponta que na contemporaneidade há uma crise no modo como construímos os significados em torno da ideia sociológica do social. Ela pode ser entendida, preliminarmente, após a crise das várias formas de colonialismo, no que se observa agora uma crise unidirecional do processo histórico de expansão do Ocidente e de sua estrutura epistêmica totalitária. A cidade torna-se o centro da existência humana segundo a tradição europeia e toda realidade extramuro é estrangeira, arcaica e subdesenvolvida; a narrativa europeia sobre o humano aponta a ideia da dominação do Sujeito “como o produto da metafísica ocidental, responsável pela construção de ontologias abstratas e não relacionais” que consideram o homem em sua pretensão autofundacional e como medida e concepção do mundo. Esse Sujeito seria pré-concebido a partir de uma suposta pureza essencial/essencializadora que distorce as reflexões sobre homem-tecnologia, situando o primeiro como independente e supremo em relação às técnicas e à natureza; no entanto, os limites e parcialidades dessas interpretações sociológicas são mais explicitadas, seja na evidenciação das perspectivas situadas ou mesmo da assunção de projetos políticos. Interessa a compreensão das ecologias dos circuitos comunicativos, interacionais, dos ecossistemas transorgânicos e até mesmo na contribuição dos elementos dos não humanos na construção do social e das coletividades. Isto posto:

A passagem da sociologia para as ciências das associações (B. Latour, M. Calon, J. Law) comporta, também, a assunção de uma epistemologia reticular que descreva os processos agregativos não a partir de um determinismo analógico e sistêmico, ou seja, como a soma do conjunto de relações comunicativas entre os diversos aparatos de um mesmo sistema, mas como as dimensões conectivas e emergentes de um novo tipo de complexidade. Pensar a forma rede significa assumir uma importante transformação epistêmica que marca a passagem de uma lógica de complexidade estrutural-sistêmica para uma lógica reticular, hologramática (E. Morin) e conectiva (Di Felice, 2022, p. 20).

Ao repensar o estatuto social positivista-sistêmico e a crise de um imaginário industrial a partir da temática das crises da aids, vislumbro que desde a sua emergência os elementos informativos e tecnocomunicativos da situação social são essenciais para tecer um olhar mais acuidado acerca da complexidade das relações, das agregações e da ação humana na contemporaneidade (Di Felice, 2022, p. 21). Essas são algumas das premissas epistemológicas aqui assumidas para ilustrar a realidade social definida neste trabalho e que provisoriamente intitulo de “realidade social big data”. Ela se move em uma dinâmica de reconfiguração do estrato potencial das práticas sociais e, mais especificamente, das redes de ordens de discurso. No âmbito do estrato do realizado, os eventos, as noções de espaço-tempo e, principalmente, de materialidade no tecido social digital exigem uma compreensão mais ampliada a partir dessa reflexão sobre a complexidade de uma *metafísica dos dados*. Para Di Felice (2022, p. 21-22), é preciso discutirmos a realidade em termos de um *comunitarismo digital*, em que o surgimento das redes digitais evidenciou a necessidade de uma reflexão ampla sobre a emergência de uma interação social tecnológica. Essa interação não se baseia mais em formas analógicas de comunicação (emissor-mensagem-meio-receptor), mas sim em mediações espaçotemporalmente e materialmente deslocadas entre sujeitos, grupos, empresas, instituições e meios de comunicação. Essas interações ocorrem em redes formadas por coletivos humanos, dispositivos e bancos de dados (*Big Data*). Logo:

nessa nova conformação, possibilitada pelo aparecimento de novas formas comunicativas com a introdução de tecnologias de transmissão por cabo, fibras óticas, wi-fi, satélites, ondas-rádio RFID (Radio frequency identification) etc., que permitem o acesso em tempo real a uma quantidade infinita de informações e a conexão de um amplo ecossistema de atores, o social perde a possibilidade de ser narrado como um sistema, definido e composto por partes e identidade distintas (Di Felice, 2022, p. 21).

Os fluxos informativos não são retilíneos, mas geométricos, pois, ao se transfigurarem na rede mundial da internet eles se expandem de tal forma que a velocidade de circulação da informação em modo reticular não direcional se amplia de tal forma que a tecnologia ultrapassa a ideia de extensão dos sentidos. Enquanto interface, interatividade e agenciamento ela se internaliza radicalmente e produz em nós uma sociabilidade habitável. A pergunta “você está no Instagram?” filosoficamente se expande e se complexifica para além do cadastro em uma plataforma de rede social e passa a indicar uma habitação social e um pertencimento identitário. Não parto do princípio de que as fronteiras entre as construções representacionais, identitárias e, principalmente relacionais do digital e do físico subitamente cheguem ao fim e sejam resolvidas numa unidade, mas que agora são categorias menos estáveis, fixas ou naturais.

Certamente, não significa que as pessoas já não as experimentem como mutuamente coconstruídas, definidas por diferenças que não podem ser rapidamente resolvidas em unidades fáceis (Jones, 2014).

Figura 69: Psi Guilherme Lima | Vivo com HIV – Reels Instagram – 15/5/2023



Fonte: [Lima \(2023\)](#)

No vídeo referente a essa *thumbnail* (miniatura)⁵⁰, cujas hashtags são #HIV #Aids #Reels #meme, Psi Guilherme Lima trata em formato de meme de humor de encontros virtuais gerados por plataformas de relacionamento. A estrutura composicional da miniatura do vídeo, remete a uma interface de aplicativo com o quadro do rosto do ator salientado com um olhar de demanda que remete à temática da sedução proposta no vídeo. Nele, há um jogo com o “match”, a combinação que ocorre quando dois perfis se “curtiram” virtualmente. “Soromatch” seria o encontro com outra pessoa vivendo com HIV. Assim, os próprios relacionamentos interpessoais são constantemente mediados pela lógica da interação digital – e nesse vídeo especificamente a temática das relações afetivas entre PVHIV são trazidas à baila.

O conceito de ciberespaço popularizado pela série de filmes *Matrix*, e que dialoga com outras muitas anteriores, como o clássico livro de ficção científica “*Neuromancer*”, de William

⁵⁰ “Thumbnail é uma versão em miniatura de imagens usadas na Internet para facilitar as buscas. O nome em inglês significa “unha do polegar”, indicando algo pequeno. Mesmo que a maioria das pessoas não saiba o que é uma thumbnail, é bem provável que já tenham se deparado com várias ao longo da vida. Sabe aquela imagem parada que aparece em um vídeo do YouTube? Ou, talvez, você já viu as fotos em um tamanho reduzido na galeria do seu celular? Caso contrário, certamente já as observou no seu blog favorito e, após clicá-la, você pôde testemunhá-la no tamanho original” (Amaral, 2018).

Gibson, é um dos mais difundidos pela cultura pop. É como se houvesse um lugar, um espaço etéreo entre os dispositivos tecnológicos (computador, telefone etc.) e o usuário. Essa ideia de ciberespaço traz consigo uma série de suposições sobre o espaço de rede que de fato servia de metáfora. Nesse caso, muitas vezes era dado como certo que o objetivo final da interface dos usuários com a rede era a imersão total, o que significaria a perda da consciência corporal à medida que alguém desaparecia no mundo digital a partir do outro lado da tela. Nenhuma tecnologia alcançou tal intento.

Para Steve Jones, em sua obra “The Emergence of the Digital Humanities” (Jones, 2014), essa expectativa deveu-se muito aos experimentos de Realidade Virtual das décadas de 1980 e 1990, nos quais um capacete ou óculos envolventes substituíram seu sistema sensorial físico, enquanto você literalmente enterrava sua cabeça no ciberespaço. Alguns desses primeiros ambientes foram, por sua vez, diretamente inspirados pela visão do ciberespaço de William Gibson, autor de “*Neuromancer*”. Jones (2014), por sua vez, extrai de outra obra de William Gibson, “*Spook Country*”, a metáfora da *eversão* (referenciada na medicina como um fenômeno no qual partes do corpo se reviram de dentro para fora; ou como uma figura de linguagem para o ato de se transformar), na qual não há um ciberespaço lá fora, um reino virtual desconhecido, mas ele está justamente aqui entre nós, *e vem de dentro para fora materializando-se no físico*, isto é, ontologicamente, é a faceta de nossos projetos, ações e subjetividade, na qual dialeticamente as tecnologias transformam a realidade que vivemos de forma profunda. O ciberespaço está *evertindo* sobre nós. Assim:

O advento de um comunitarismo em rede baseado em forma de comunicações reticulares e interativas e, portanto, pós-analógicas, nos obriga a pensar em um social pós-estruturalista, em que os distintos setores, os diversos grupos, as instituições, as empresas passam a se sobrepor e a reinventar-se através das contínuas interação e conexão. Um comum dinâmico e em contínuo devir, algo diferente da estrutura de um organismo fechado e delimitado feito de um conjunto de órgãos separados e interagentes, um comum aberto e híbrido, perante o qual é necessário repensar a própria ideia de laços sociais (Di Felice, 2020, p. 22).

As expressões diversas desse *novo tipo de ação social* são substancialmente parte do processo de informatização das pessoas, dos objetos, das ações, do meio ambiente e dos territórios, conforme ocorrido em processos disruptivos como a Primavera Árabe ou as Jornadas de Junho (e em outros muitos contextos do globo). Agir, nesse sentido, não funciona apenas como uma articulação digital-técnico-informativa direcionando para atividades externas, nem apenas com foco e objetivo nelas. Essas interações diversas e complexas são denominadas por Massimo Di Felice como “*net-ativismo*”. O termo não apenas descreve o conjunto de

interações colaborativas resultantes da sinergia entre atores diversos, mas também a condição digital comum que precede e molda pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais e territorialidades informativas. Nessa perspectiva, ele representa a formação de uma nova ecologia (eko-logos), não mais oposta e separativa, mas expandida e portadora de uma substância comum que a torna reticular e conectiva (Di Felice, 2020, p. 29).

Os net-ativistas (utilizo, a partir de agora, esse prefixo) de aids usam seus corpos, rostos e perfis em plataformas digitais para relatar a si em movimentos que, à primeira vista, parecem isolados e deslocados por não se inserirem no clássico formato de organização social com nome fantasia, estatuto, registro de membros e hierarquias – ou mesmo aqueles com menos burocracias e cuja existência é basicamente digital, mas ainda assim com integrantes em torno de uma marca. As redes que eles compõem estabelecem conexões intertextuais complexas com os dispositivos da aids e, mais especificamente, da aids-entretenimento, na qual a imagem e o símbolo são as chaves, pois tentam criar sobre si uma marca, de modo a fulgurarem significativamente nos efusivos espaços de comunitarismo digital.

3.3 A identidade como performance imagético-relacional na plataforma multimídia de rede social Instagram: desenhando rizomas netnográfico-discursivos

Para Leeuwen (2022), a identidade social é expressa de forma crucial no corpo. Por exemplo, os seres humanos instintivamente faziam alterações corporais para registrar suas experiências comuns (pinturas corporais, escarificações etc.) ou as experiências individuais, como as tatuagens. O rosto sempre foi um significante de identidade especialmente importante e, no caso da identidade social, o rosto único com o qual nascemos deveria tornar-se um rosto social. No entanto, a tecnologia do retrato realista alterou profundamente essa ideia de rosto social no Ocidente, deixando de ser instrumento semiótico portador e exibidor de mensagens, como se fosse uma máscara, mas um rosto único e particular.

Não interessa mais expressar a exterioridade da cultura de um grupo, mas o caráter interior, a manifestação aguda do eu. Tanto o rosto quanto o corpo, portanto, passam a expressar características internas que são lidas não semioticamente, como signos, mas psicologicamente como sintomas. O que não significa que o rosto alheio não seja apropriado violentamente para representações construídas como forma de *abjetificar* e desumanizar o outro por enquadramentos específicos. Para a pessoa vivendo com HIV, a referência do rosto marcado pelos sulcos da deterioração causada pela fase clínica da aids repetidamente exibido pela imprensa ainda é uma representação que ecoa.

Fotografias do rosto em close-up, como nas *selfies*, ou em plano médio mostrando mais o corpo são consideradas a partir das metafunções da GDV representações conceituais analíticas, isto é, não narram um evento ou uma ação, mas explicitam os participantes representados como parte de um todo na imagem. No entanto:

Os retratos não pretendem representar um momento específico; pretendem representar a essência da pessoa, ou, talvez, de uma pessoa numa determinada fase da sua vida, ou de uma pessoa num determinado papel. No entanto, embora a imagem seja analítica, o seu propósito é mais interpessoal e emotivo do que representacional. O sistema interacional do olhar domina (Kress; Leeuwen, 2021, p. 84).

O olhar dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids exprimem demanda de interação para quem os segue no Instagram. As postagens que destacam o rosto a partir de imagens cujo vetor é direcionado aos visualizadores frequentemente são acompanhadas de legendas que exprimem mensagens de superação em relação ao diagnóstico positivo de HIV, ao mesmo tempo que exibem como potencial de significado um corpo considerado socialmente saudável e esteticamente desejável. Tais imagens seriam clichês e repetidas em relação a outras milhões que circulam diariamente pela plataforma, mas quando enunciadas por pessoas que assumidamente se apresentam como vivendo com HIV há um impacto e uma ressignificação que restabelece um fio intertextual com a representação do aidético, pois eles são convencionalmente associados com esses valores simbólicos. Consideradas autônomas, as estruturas representacionais (narrativas ou conceituais) na GDV, em tese, não deveriam se sobrepor semanticamente na análise, apesar de Kress e Leeuwen (2021) ressaltarem essa possibilidade para imagens em movimento. No entanto, concordo e teço um diálogo com a pesquisa de Bernadete Biasi-Rodrigues e Kennedy Cabral Nobre (2010, p.108) ao afirmarem que os atributos simbólicos estão localizados em um plano mais amplo do que a delimitação deles no corte específico de atribuição de valores a outros constituintes, a partir da sua denominação de *portadores*. Sua função, para além disso, incorporaria “o estabelecimento de inferências e relações metafóricas que auxiliam na própria compreensão do texto visual”:

Defendemos, todavia, que as estruturas simbólicas não têm a mesma autonomia que as demais estruturas representacionais (narrativas acionais e reacionais, e conceituais classificatórias e sugestivas), no sentido de que, para haver a compreensão de uma imagem, é necessário ao expectador deter um conhecimento prévio a respeito dos significados simbólicos representados. Em outras palavras, as representações simbólicas estão inevitavelmente presentes numa composição visual, assim como não é possível dissociar qualquer forma de comunicação (realizada em qualquer semiose) de conjuntos de crenças, valores e ideologias socialmente aceitos (Biasi-Rodrigues; Nobre, 2010, p. 98).

Logo, pode haver uma sobreposição/simultaneidade dos atributos simbólicos com outras estruturas de representação e que não deve ser interpretada como encaixamento, mas um processo de subjacência, “uma vez que os processos simbólicos apresentam um caráter de signo, portanto indissociáveis de quaisquer representações visuais” (Biasi-Rodrigues; Nobre, 2010, p. 108). Em se tratando da aids, montada a partir de símbolos que foram coletivizados (como topoi) por um dispositivo sustentado pela lógica do entretenimento, os atributos simbólicos estão presentes mesmo em imagens mais “neutras”, sem a saliência extra, o tamanho, a luminosidade e as cores destacadas ou diferenciadas, ou com a presença de itens explicitamente não naturais, metafóricos etc. (como na figura X, do escorpião). O design identitário e a carga metafórica contida no seu potencial de significado experiencial é, portanto, sobressalente (e onipresente) nas imagens que se relacionam à aids e precisam ser sempre analisadas e contextualizadas a partir de sua proveniência (Leeuwen, 2022).

Figura 70: Os rostos dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids



Fonte: elaboração do autor a partir dos perfis de *Instagram* que compõem a netnografia discursiva⁵¹

Ao dialogar com Emmanuel Levinas sobre os significados do que é ter uma vida ética, Judith Butler (2015b) aciona a sua noção de rosto como alteridade, isto é, como uma conceptualização que confronta as ontologias que instituem como eixos um Eu e um Outro a

⁵¹ Da esquerda para à direita: Filipe Estevam | Terapeuta HIV+, Allan Bruno, VITOR | HIV +, Posithividades | Lucian Ambrós, Psi Guilherme Lima | Vivo com HIV, Lucas Raniel – Vivo com HIV 🩸, Gabriel Comicholi, Evandro Manchini.

partir das diferenças estabelecidas por gêneros e espécies, expondo as violências, as injustiças e a abjeção como elementos fundacionais dessa estratificação. O rosto como significação pré-ontológica produziria um apelo ético à responsabilidade, isto é, uma *responsabilidade ética* que se apresentaria na interpelação de sua nudez, aquele primeiro gesto, palavra e imagem que nos convidaria ao compartilhamento de nossas humanidades. A outra faceta de significação do rosto se encontra na negação a essa responsabilidade ética, no que em seu anverso se traduz na perseguição ao outro, aqui representado na violência com a qual se constrói simbolicamente o rosto do aidético (Butler, 2015b). Logo:

A violência não é uma punição justa que sofreremos, tampouco uma vingança justa pelo que sofreremos. Ela delinea uma vulnerabilidade física da qual não podemos escapar, que não podemos finalmente resolver em nome do sujeito, mas que pode ajudar a compreender que nenhum de nós está delimitado por completo, separado de todo, mas sim que estamos todos em nossa própria pele, entregues nas mãos dos outros, à mercê dos outros. Essa é uma situação que não escolhemos. Ela forma o horizonte de escolha e fundamenta nossa responsabilidade. Nesse sentido, somos responsáveis por ela, pois ela cria as condições em que assumimos a responsabilidade. Não a criamos, e por isso devemos estar atentos a ela (Butler, 2015b, p. 131).

Uma das estratégias de retomada dessa responsabilidade ética para a possibilidade de uma vida ética é o uso da imagem como espelho de humanidade, mesmo que a metáfora acessada seja a do corpo bonito e saudável em oposição ao doente e feio. Esse foi um dos primeiros insights resultantes do meu mergulho netnográfico nas redes de net-ativistas em diversas plataformas como o *Youtube*, *Spotify* e *Instagram* e que se anunciavam nas miniaturas de seus conteúdos.

Figura 71: Lucas Raniel – Vivo com HIV 🩸 – Reels Instagram – 27/3/2021



Fonte: [Raniel \(2021\)](#)

No vídeo curto acima, Lucas Raniel explicita seu incômodo na relação histórica entre a aparência esperada para a pessoa vivendo com HIV e o choque que sua imagem causaria,

justamente pela aparência saudável, jovem e bonita que ele exhibe em seu Instagram. Na legenda, ele se pronuncia a partir de uma modalização deôntica de proibição: “*Nunca* diga essa frase!” e convida seu público a se informar. Essa quebra da imagem do aidético pelo uso do rosto (e do corpo, exibido desnudo por vários perfis analisados) é uma das chaves para a construção dos seus *ethos*.

A fronteira entre o net-ativista e o influenciador digital é por vezes tênue, e resultante da eversão do digital nos papéis relacionados a ação social, mas uma das principais características da persona do influenciador é que ele sempre ocupa um perfil ou um canal nas plataformas e atua quase sempre individualmente, ao invés de ser membro de algum coletivo ou associação. Em 2018, quando comecei a mergulhar com interesse de pesquisa nos canais de *Youtube* sobre aids percebi como principal recurso semiótico o enquadramento do rosto de seus vloggers (termo utilizado para nomear os blogueiros que utilizam vídeos). A investigação, por fim, se moveu no mesmo sentido de consecução do campo seguindo o fluxo da proliferação de plataformas de redes sociais pensadas em suas interfaces para os smartphones.

Em sua pesquisa sobre canais de Youtube protagonizados por PVHIV, Joseylson Santos (2023) aciona o conceito de esfera pública de Jürgen Habermas, que em síntese funciona na urbe (e nos espaços digitais) como o ambiente de convívio comunitário no qual cidadãos livres se reúnem para compartilhar, apreciar e influenciar a cultura, os esportes, as questões militares etc., expondo seus impasses e opiniões. O autor aplica essa formulação no cenário da cibercultura, mais especificamente no Youtube em canais sobre HIV/Aids no Brasil, intitulando essa rede como #EsferaPosithiva “para representar o conjunto da textualidade audiovisual disponível no YouTube, que pode ser localizada por meio dos motores de busca no site ou por meio dos algoritmos de recomendação, e que compõe a discussão pública sobre a soropositividade nas interconexões da rede” (Santos, 2023, p. 93).

Ao refinar minha análise para a categoria ontológica do entretenimento, percebi que o olhar para os significados em torno da representação em dialética com os processos de identificação – caminho mais comum no tocante às pesquisas sobre HIV/Aids – era insuficiente e ocultava o que considero como pilar do dispositivo que intitulo aids-entretenimento: as redes e as estruturas de ação-relação que subjazem a retomada dos elementos de proveniência da aids; a complexa tessitura intergenérica e multimodal dos produtos midiático-culturais; os circuitos de produção, circulação e leitura com ferramentas e suporte de grandes corporações na cultura de massas que chegará até a cultura digital (e o passo seguinte, a cultura de dados); as redes interdiscursivas que, através da regra da polivalência tática dos discursos, reciclam e reinventam discursos hegemônicos de abjeção a partir da subversão dos moldes multigenéricos de

comunicação midiática para refazer representações e autoidentificações. Em suma, a disputa por poder se dá nos “bastidores”, isto é, para além do que se diz sobre a aids e de quem diz o quê. Principalmente, em relação às ações contra-hegemônicas dos movimentos dissidentes de aids (e das pessoas vivendo com HIV que agem individualmente) importa o “como”, em termos criativos, da criação de plataformas multimidiáticas, da recontextualização e hibridismo de gêneros discursivos e da circulação dos produtos midiático-culturais por espaços alternativos, de modo a minimizar a dificuldade no acesso aos recursos materiais, financeiros e o respaldo institucional.

Isto posto, a decisão pela mirada netnográfica discursiva na plataforma de compartilhamento de conteúdo e rede social multimídia Instagram se deu por conta da dinâmica focada na constante interação da plataforma, no foco em perfis que representariam pessoas ao invés de canais pertencentes a elas e da recente explanação oficial da Meta sobre o seu algoritmo – a inteligência artificial baseada em uma sequência de logicidade, instruções e execução de tarefas de modo sistemático e finito para o alcance de um objetivo. Dessa forma, um algoritmo utiliza instruções para processar informações de entrada (input) e gerar resultados de saída (output). O algoritmo do Instagram avalia as interações individuais de cada usuário na rede social, com base em critérios como ações práticas (curtidas, comentários, compartilhamentos), categorias de interesse (páginas e perfis profissionais), trocas de mensagens frequentes e tempo de visualização em vídeos, determina quais posts devem aparecer e em que ordem no feed (Mosseri, 2021a). A ênfase no escopo da ação-relação-interação foi fundamental para a decisão em relação ao campo desta pesquisa.

No *Youtube*, plataforma exclusivamente voltada para vídeos, a rotina dos criadores de conteúdo segue a lógica de criação, conexão, colaboração e compartilhamento a partir do que se convencionou como cultura participativa. Apesar das inovadoras características como a das barreiras relativamente baixas para a expressão artística e o envolvimento social e a do estímulo à criação e compartilhamento das criações individuais, o próprio conceito da plataforma incita a projetos mais complexos do que uma postagem do café da manhã, uma selfie despretensiosa ou uma frase motivacional num *card* de imagem.

Mesmo com a inserção dos vídeos e com a crescente transformação e sofisticação de seu espaço em *marketplace*, a ideia básica do Instagram, ainda para a maioria dos seus usuários, continua a de um diário em forma de imagens do cotidiano, no nível ordinário das suas realizações. Os perfis, assim como no *Facebook* e no antigo *Orkut*, são representações virtuais da pessoa, ao invés do canal onde se carrega um projeto – há uma sensação de mais proximidade com as conexões realizadas na proposta do botão “seguir”. A lógica da interação frequente

através de visualizações, curtidas, compartilhamentos, comentários e da seção de bate-papo é tão importante (ou mais, a depender do perfil de consumo do usuário) quanto o próprio a criação e o consumo dos conteúdos, elementos protagonistas no *Youtube* (apesar de ele possuir os outros acima listados).

Di Felice (2018), ao refletir sobre o conceito de esfera pública, a reinterpreta a partir da conceituação de *ecologia comunicativa das ideias*: é a emergência de uma nova ecologia comunicativa de debate que envolve a transcendência da descrição das dinâmicas dos fenômenos associados aos aspectos socioculturais e aos conflitos sociais. Nesse contexto, implica reconhecer que essa transformação representa uma alteração na dimensão do que é habitável, possibilitando a formação de um espaço intangível e informativo de discussão. Isso, por sua vez, promove a disseminação de informações e a expansão de seus conteúdos. *A livre circulação material do debate público é uma faceta de um ambiente informativo de intercâmbio plural e multissemiótico de ideias*. O desenvolvimento da comunicação mediada, um fenômeno comum da modernidade, implica na diversidade de “suportes e formatos que forjam suas dimensões, estabelecendo-lhe, ao mesmo tempo, as condições do diálogo”, isto é, há aqui uma ênfase na compreensão das arquiteturas informativas e das ecologias comunicativas como forma de entendimento sobre o que se denomina esfera pública:

A qualidade da relação entre a ecologia comunicativa e os conteúdos e as formas de participação, de acordo com a perspectiva aqui apresentada, convida-nos a pensar sobre a relação entre as arquiteturas informativas, os media e os processos de formação do consenso e da legitimidade, além dos tradicionais limites dos significados que faziam referência, quase exclusivamente, ao poder de controle dos conteúdos (*agenda setting*) e à força de manipulação das próprias opiniões (Di Felice, 2018).

A partir dessa, elucubrações, intento compreender as mídias de massa no contexto digital para além do potencial de disseminação de seu conteúdo, da possibilidade de influência sobre o imaginário e a opinião pública ou mesmo em sua função instrumental de disseminação de conteúdos para uma mirada na complexidade e multidirecionalidade das ecologias do diálogo e das redes, “consequência da transição das arquiteturas informativas centralizadas às arquiteturas informativas múltiplas, próprias das dinâmicas plurais dos processos democráticos e dialogantes” (Di Felice, 2018).

Essas transformações que ocorrem desde o advento da cultura de massas são muitas vezes são sintetizadas apenas sobre os impactos das dinâmicas socioeconômicas das tecnologias comunicativas e pelo que elas implicariam em termos de função social alienante. As perspectivas que interrelacionam em termos de causa e consequência para a formulação e

compreensão dos problemas contemporâneos as dimensões culturais, as tecnológico-comunicativas e as econômico-produtivas da sociedade capitalista não capturam a complexidade dos fenômenos e das transformações que emergem das contradições e possibilidades de escape. Essa esfera pública eletrificada e profundamente alterada e complexificada a partir das transformações tecnológicas do século XX não podem ser vislumbradas somente como efeito das exigências de produção e reprodução do mercado capitalista.

As dinâmicas de disseminação de informação nas ecologias comunicativas já alteram os sentidos atribuídos à coletividade e ao social, não somente no âmbito das interações, mas de modo qualitativo e sistêmico as suas essências (Di Felice, 2018). Especialmente na segunda metade do século XX, o avanço da eletrificação nas dinâmicas e formas de participação resultou em um aumento nas configurações de visibilidade, ampliando a discussão de suas dimensões conceituais e racionais para incluir aspectos emocionais e visuais:

O incremento da importância da visualidade e das formas estéticas em relação àquelas racionais, próprias das ecologias da escrita, foi sublinhado, entre outros autores, por M. Maffesoli, o qual tem insistido sobre a estetização das relações sociais e a “barroconização” do mundo. De modo análogo àquele descrito por W. Benjamin, ao se referir à passagem da mão ao olho realizada pela máquina fotográfica, Maffesoli destaca o poder agregativo comunitário da imagem, por ele definida como “mesocosmo”, ou seja, como síntese entre o macro e o micro, e sobretudo daquelas produzidas eletronicamente (Di Felice, 2018).

As relações sociais nas plataformas de conteúdo e rede social multimídia são baseadas no jogo semântico plural e constante das criações e trocas de imagens. Sintetizadas nas interfaces dos aplicativos como ferramenta básica, esse *mesocosmo imagético-relacional* estabelece protocolos de comunicação que rompem as fronteiras estabelecidas pelos códigos linguísticos verbais. Os net-ativistas e influenciadores digitais de aids acionam a lógica do entretenimento como utopia e se apropria dos mecanismos desse sistema de coação do prazer avalizado pelas ferramentas algorítmicas do Instagram para a construção de uma rede social não apenas significativa quantitativamente, mas cuja permanente circulação interdiscursiva se expanda a outras redes e faça circular suas autobiografias, seu conteúdo informativo-instrucional, seu ativismo e autopromova sua imagem para além do HIV e da aids. É nesse entrelugar que situo os participantes da minha empreitada netnográfico-discursiva. Portanto, *os caminhos teórico-metodológicos desta pesquisa se alinham a essa ideia de esfera pública eletrificada e alimentada pela produção-circulação-recepção colaborativa de redes informativas digitais complexas, que:*

[...] permitem a produção generalizada e a distribuição, em larga escala, de uma ilimitada quantidade de informações por parte não só de indivíduos ou sujeitos críticos, mas de redes de conexão que associam actantes, humanos e não humanos, de diversas naturezas –, além dos modelos ecológicos transorgânicos, que, a partir da digitalização, tornam possíveis a alteração e a hibridação das substâncias conectadas (Di Felice, 2018).

3.3.1 Os rostos e personagens da aids nas redes sociais: geração de dados no entrelugar entre o net-ativismo e a fama on-line dos influenciadores digitais

A interface da tela do Youtube me remetia a uma relação definida como a de um ator e sua plateia, uma hierarquia ainda delimitada por quem buscava naquele canal a expertise e a escuta da experiência de quem vive com HIV e decidiu falar sobre isso. A dinâmica interacional é a faceta principal da interface do Instagram e, muito embora a horizontalidade nas relações entre os perfis que compõem a plataforma seja mais estética e funcional para parte dos usuários, pois há uma especificidade de perfil de criador de conteúdo, parte significativa desse conteúdo é criado com base nessa arquitetura informativo-digital, como consequência e de modo a retroalimentar as redes de interação.

Nesse processo, entre 2022 e 2023, selecionei oito perfis da plataforma seguindo alguns critérios. O primeiro, de recorte identitário, dizia respeito à autoidentificação da personagem na rede social: 1) selecionei homens cisgêneros assumidamente homossexuais e pessoas vivendo com HIV cujos perfis não utilizem o anonimato como recurso. A imensa maioria dos comunicadores que trabalham com a temática nas redes sociais, que compõem as fileiras dos ativismos nas associações e nos coletivos, dos pesquisadores, enfim, das pessoas interessadas na temática estão nesse recorte. Historicamente, é a eles que a aids e suas epidemias foram associados. Um detalhe importante a ser ressaltado é que a maioria dos perfis analisados são de homens brancos, jovens e considerados esteticamente atraentes. Faz-se necessário ressaltar que homens gays e mulheres transexuais e travestis nas décadas mais agudas da crise da aids ainda eram sinonimizados, o que representou o apagamento do papel dessas últimas como agentes fundamentais nos movimentos sociais de aids. Publicamente, as figuras pejorativas das “bichas”, dos “viados”, dos “entendidos” e das “travestis” eram confundidos. O empoderamento das pessoas transexuais, transgêneras e travestis nas últimas décadas sinaliza que essa história precisa ser recontada e mais visibilizada, a exemplo do realizado em pesquisas como a de Pelúcio (2007) e de Carvalho e Carrara (2013):

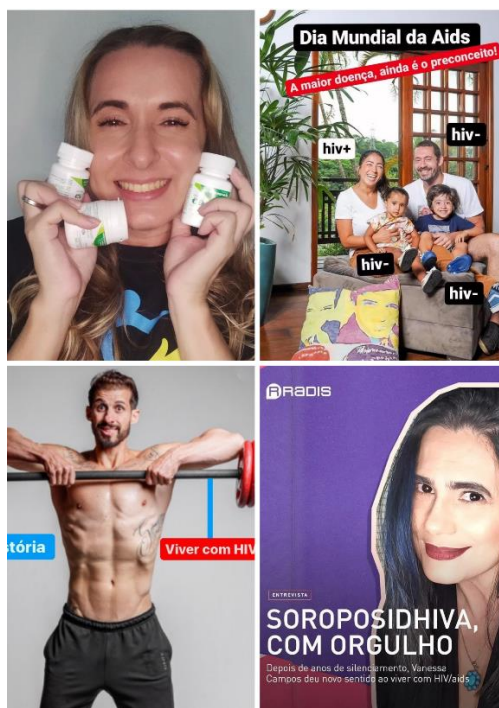
Logo, é possível afirmar que a categoria identitária "travesti" é relativamente mais moderna que a categoria "homossexual", não se tratando, portanto, de uma categoria tradicional ou pré-moderna como seríamos tentados a

considerá-la. Melhor dizendo, é no âmbito das transformações por que passa a categoria "homossexual" nos anos 1970 que se projetam «gays», de um lado, e «travestis», de outro (Carvalho; Carrara, 2013, p. 324).

Carvalho e Carrara (2013, p. 328) apontam em pesquisa sobre a história das organizações políticas de travestis e transexuais que elas surgiram durante o período em que as políticas relacionadas à AIDS já incorporavam conceitos como *advocacy*, *peer education* e *empowerment*. *Advocacy* refere-se à defesa dos direitos de uma pessoa ou de uma causa, amplamente adotado pelo movimento LGBTQ+. Termos como "educação por pares" e "empoderamento" também são parte do vocabulário originado nas respostas à epidemia da aids, tornando-se essencial nas formulações políticas do movimento de travestis e transexuais.

Apesar da predominância dos perfis que tratam de HIV/Aids ser de homossexuais masculinos cisgêneros vivendo com HIV, noto uma proliferação de perfis anônimos abordando a temática e de um movimento levemente mais pluralizado de identidades, com certo engajamento, protagonizados por pessoas transexuais, mulheres cisgêneras e até mesmo o de um homem cisgênero heterossexual:

Figura 72: Outras identificações em perfis de *Instagram* que discutem HIV/Aids



Fonte: elaboração do autor, a partir de coleta nos perfis do *Instagram*

Da esquerda para a direita, imagens extraídas da grade de publicações dos perfis de Sabrina luz | HIV+ 🩸 (@sabrinaluz_pessoa), mulher transexual e ativista; Thais Renovatto

(@thaisrenovatto), mulher cisgênera, palestrante e escritora, seu perfil aborda bastante o aspecto da maternidade e das relações familiares; Diego Moi (@diegoamoi), homem cisgênero heterossexual, *personal trainer* e coach de vida fitness e Vanessa Campos 🏳️ (@soroposidhiva), mulher cisgênera, feminista e militante em HIV/AIDS, vivendo com HIV desde 1990. Essas informações foram extraídas dos seus respectivos perfis e apontam para a referida pluralização das identidades nos perfis de Instagram voltados para a temática.

A associação da comunidade LGBT+, e mais contundentemente os homens gays cisgêneros e as pessoas transexuais, transgêneras e travestis, com o HIV e a aids, sempre foi sistematicamente contestada, apesar de necessariamente constarem como partes das populações-chave em documentos do Ministério da Saúde no tocante às políticas públicas de resposta ao HIV/Aids. Assim populações-chave são: “Segmentos populacionais que apresentam prevalências desproporcionais quando comparadas à população em geral. Possuem vulnerabilidades aumentadas por interferência de fatores estruturantes da sociedade e comportamentais” (Brasil, 2018).

Figura 73: Populações-chave – políticas públicas de resposta ao HIV/Aids



Fonte: Brasil, 2018

De modo geral, essa vulnerabilidade se refere à potencialidade de infecção por HIV pela via do sexo anal, historicamente estigmatizado e por contiguidade nos processos de abjeção sobreposto às identidades de gays e pessoas trans. Para Javier Saéz e Sejo Carrascosa, em obra “Pelo Cu – Políticas Anais” que discute o sexo anal, a identidade e o cu filosófica e politicamente. Eles tratam o sexo anal a partir de sua histórica estigmatização e ao pensarem em uma ética da passividade apontam para a expressão de um orgulho passivo (posição de quem

é penetrado no sexo anal), isto é, “uma repetição de atos explícitos onde o positivo é o anal, a posição de receptor anal como algo prazeroso, produtivo e potente onde invertemos essa tradição milenar” (Sáez; Carrascosa, 2016, p. 160-161). Para os autores, durante a “era da aids”, o sexo anal foi utilizado para estigmatizar o corpo do homossexual como portador de infecções, sendo associado como imagem e vetor de morte e enfermidade. Nesse contexto, a homofobia e o discurso paranoico sobre a infecção reinterpretaram a prática da *analidade* pela injúria e abjeção:

poderia se dizer que o cu cumpre um papel primordial na construção contemporânea da sexualidade, na medida que está carregado de fortes valorações sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, sobre o que é ser um corpo valorizado e um corpo abjeto, um corpo bicha e um corpo hetero, sobre a definição do masculino e do feminino (Sáez; Carrascosa, 2016, p. 180).

Paco Vidarte, em seu texto-manifesto “Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ” (2019), afirma que uma ética bixa deveria ser definitivamente anal, uma *analética*, ao pensar o cu e o sexo como locais de abjeção historicamente por excelência e ao apontar sua ressignificação pelo empoderamento de minorias de raça, classe, gênero, sexualidade rumo a uma insurgência aos poderes constituídos e, ao mesmo tempo, o pertencimento ao um ideal de comunidade em que se possa ter acesso à posição de sujeito. No entanto, há muitos perfis na plataforma falando sobre HIV/Aids utilizando o anonimato, em oposição à exposição vibrante dos perfis principais analisados nesta pesquisa. Da esquerda para a direita, imagens extraídas da grade de publicações dos perfis de Garoto Soro Positivo (@garoto_soropositivo), Herói_indetectável (@hero_indetectavel), Diário de um positivo (@imposithivo) e Eu Positivo (@eu.positivo). A plataforma propicia que eles, ao interagir com outros usuários, relatem a si e discutam o tema. Por outro lado, há na plataforma outros muitos perfis específicos sobre HIV/Aids como de grupos de pesquisa, projetos temporários, ONGs, associações, coletivos artísticos, artistas, ativistas etc.

Figura 74: O anonimato em perfis do *Instagram* falando sobre HIV/Aids



Fonte: elaboração do autor, a partir de coleta nos perfis do *Instagram*

O recorte seguinte foi relativo à quantidade de seguidores e a taxa de engajamento (2), elementos que fazem parte do cálculo da inteligência artificial da plataforma para determinar o conteúdo que chega a cada usuário, independente dele se relacionar de forma mais direta ou não com o perfil/página (seguindo-o, por exemplo). Em minha observação dos perfis, há uma constante atividade nas seções principais da plataforma, o Feed e o Reels, passo essencial para que o algoritmo impulse o engajamento e multiplique as interações, finalidade do *Instagram*⁵².

Os oito perfis selecionados possuíam mais de 10.000 seguidores até a finalização da geração de dados, realizada em 31 de julho de 2023, e uma taxa de engajamento relativamente alta e estável. Esse número é necessário para o acesso a alguns recursos como a possibilidade de monetização em transmissões ao vivo. No entanto, as diretrizes da plataforma foram alteradas para, ao invés dos seus usuários focalizarem exclusivamente na quantidade de seguidores, darem prioridade ao engajamento. Segundo essas diretrizes, ter uma base menor de

⁵² Utilizei a calculadora de Taxa de Engajamento no *Instagram* em sua versão gratuita da empresa *HypeAuditor* e os influenciadores alcançaram a média ou avaliação acima dela. A avaliação gratuita do engajamento é limitadíssima, pois é baseada em 12 postagens recentes do perfil. Por isso, minha ênfase na quantidade de seguidores, considerando que o cálculo do engajamento se baseia inicialmente nesse número e logo depois na atividade da conta, que, de modo geral, é bastante regular em todos os perfis estudados. Esses dados não são disponibilizados ao público geral pelo site oficial do *Instagram*, a empresa Meta, mas realizado de forma independente por empresas que calculam estatísticas para sites de redes sociais. Segundo o *HypeAuditor*: “Como calcular a taxa de engajamento no Instagram? Qualquer interação em seu conteúdo do Instagram é considerada engajamento. Assim, as curtidas, comentários e visualizações de Stories são os componentes da sua taxa de engajamento. Na *HypeAuditor*, com a ajuda de uma Calculadora de Taxa de Engajamento do Instagram, você tem acesso aos números de forma clara e eficiente. Veja como calculamos o engajamento do Instagram: Taxa de engajamento do Instagram = (curtidas + comentários)/seguidores * 100%. Essa fórmula de taxa de engajamento do Instagram é baseada em 12 postagens recentes em um perfil” (Hype, 2023).

seguidores ativos, autenticamente interessados no conteúdo, é mais relevante do que uma grande quantidade de seguidores inativos. No *Instagram*, são valorizadas as interações reais, materializadas como curtidas, comentários, compartilhamentos e salvamentos.

Quadro 8: Informações básicas dos perfis dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids

Foto do perfil	Informações do perfil	Estatísticas ⁵³
 @oallanbruno	Allan Bruno Fica vai ter reels 🤪 Geminiano bem humorado 📍 SP Vivo com #HIV - Intransmissível Deu positivo? HIVIVA Parcerias: oallanbruno@outlook.com youtu.be/TIwDVa1foNo	291 publicações 84 mil seguidores 1.986 seguindo
 @filipe.estevam.leve	Filipe Estevam Terapeuta HIV+ Mais de 7 anos dedicados aos cuidados de pessoas vivendo com HIV Autoconhecimento e educação emocional para você viver mais leve ⚠️ Clique aqui 🖱️ linktr.ee/filipe.podeserleve	1.162 publicações 19,5 mil seguidores 6.427 seguindo
 @evandromanchini	Evandro Manchini ele/dele Criador(a) de conteúdo digital 🎧 e se #hiv fosse um assunto nosso? artes cênicas • cinema • comunicação 📧 contato@pingonapia.com.br digital: s@smurta.com linktr.ee/evandromanchini	687 publicações 51,8 mil seguidores 2.174 seguindo
 @gabrielcomicholi	GABRIEL COMICHOLI - ator, produtor, criador de conteúdo, comunicador #HIV+ 🏳️‍🌈 📍 sp gabizinho@twcomunicacao.com.br	1.937 publicações 26,1 mil seguidores 3.106 seguindo
 @lucasrael_	Lucas Raniel - Vivo com HIV 🩸 Criador(a) de conteúdo digital 🩸 @vivocomhiv 📣 Comunicólogo / Palestrante / Consultorias 📍 São Paulo	712 publicações 81,7 mil seguidores 5.265 seguindo

⁵³ Referentes a 31 de julho de 2023.

	 Trabalhos e Publicidade: lucas@tambor.biz www.youtube.com/falomemo	
 @posithividades	Posithividades Lucian Ambrós 📍 Há 6 anos ajudando as pessoas compreenderem sobre HIV 👤 @lucianambros 👉 Vivo com HIV há 13 anos 📍 SP 👉 Agende sua mentoria on Line wa.me/message/AOF3DXBM5MP6C1	3.786 publicações 45,1 mil seguidores 2.520 seguindo
 @psi.guilima	Psi Guilherme Lima Vivo com HIV Psicólogo ▲ Saúde Mental, HIV/AIDS, LGBTQIA+ ◆ Psicoterapia on-line ★ Clique no link abaixo para agendar uma sessão 📞 linktr.ee/psiguilima	336 publicações 23,5 mil seguidores 5 seguindo
 @_xramos	VITOR HIV + Criador(a) de conteúdo digital Criador de conteúdo, palestrante positHIVo e militante Venci a AIDS 🏳️‍🌈 HIV+ 👤 📍 📍 Campinas/SP Parcerias via e-mail 📧 linktr.ee/_xramos	1.268 publicações 46,8 mil seguidores 2.318 seguindo

Fonte: elaboração do autor, a partir de coleta nos perfis do Instagram

Em seu site principal, o *Instagram* lista como os principais recursos: Reels, Stories, Messenger, Pesquisar e explorar e Compras. Os tipos de conta disponíveis são: empresarial, de criador de conteúdo ou pessoal. Há outros, como o campo de edição de fotos e vídeos com muitos recursos de realidade aumentada, como os filtros e outros específicos para edição de vídeos. Também é possível realizar transmissões ao vivo no recurso *Live*. Para esta pesquisa, foquei especificamente na geração de dados a partir das *imagens estáticas* e das *fotografias*, que foram o ponto de partida da plataforma em seu surgimento, e os *vídeos (reels)*, que atualmente são o principal conteúdo consumido junto com os *stories* – conteúdos que possuem aba específica e duração de 24h, mas podem ser fixados permanentemente no perfil do usuário.

Tanto as fotos quanto os vídeos ficam armazenados na grade principal de cada perfil e podem ser interagidos e coletados depois de sua postagem, enquanto ela estiver disponível.

Os dados de áudio extraídos dos vídeos (reels) foram transcritos a partir da plataforma de inteligência artificial Reshape. Legendas, comentários e imagens foram salvos de forma “manual”. Os dados selecionados (postagens dos vídeos e imagens) foram reunidos em arquivos de textos e organizados em macrocategorias com auxílio do programa de análise de dados qualitativos MAXQDA. O processo de netnografia discursiva nos perfis do Instagram rizomaticamente se espalhou por toda a escritura deste texto, emergindo concomitante e inspirando a cartografia documental que montou genealogicamente o dispositivo da aids-entretenimento. São esses pontos de pulsão sociossemióticos, intertextuais e emotivos que fazem sentido em um projeto genealógico. Os mapas aqui traçados foram definindo os produtos midiático-culturais e outros documentos que compuseram os dispositivos em torno da aids. No Instagram, o que foi constituído simbolicamente desde a década de 1980 é reiterado para que outras imagens sejam representativas sobre o que é aids no século XXI.

3.3.2 A netnografia discursiva na plataforma de compartilhamento de conteúdo e rede social multimídia Instagram

A ideia de eversão do digital sobre a realidade implica que uma divisão conceitual sobre a experiência da rede digital e do mundo físico como universos paralelos ou dimensões está se desintegrando. Os ambientes contemporâneos em rede, como as ruas das cidades, os aeroportos, as escolas e universidades os shopping centers, os locais de trabalho ou residências, muitas vezes parecem interdimensionais, como se os pontos de contato com dados digitais fossem buracos de minhoca ou pequenas fissuras na estrutura da vida cotidiana, revelando (às vezes com um arrepio de reconhecimento estranho) quão próxima a dimensão digital já está há algum tempo, a exemplo da semiótica dos *QR codes*, dos jogos multidimensionais *on-line*, da irrupção estética do digital (dos bits, da pixelização, do tridimensional etc.), dos textos multidimensionais, pois digitalizados, ocupando leitores eletrônicos ou redes piratas de distribuição. As redes digitais não somente alteraram, mas colonizaram o mundo físico que nos rodeia e o seus signos já são onipresentes. Basta olhar para o lado (Jones, 2014, p. 38-39).

A nossa experiência com o ciberespaço e com as redes digitais sempre foi mediada conceitualmente por uma noção de interdimensionalidade. Para este trabalho, a ideia de “dimensão” é acionada metodologicamente para pensar o meu processo de realização de uma observação participante no contexto digital. Já sou usuário da plataforma e consumia o conteúdo

dos perfis participantes, todos públicos, abertos e constantemente publicando e interagindo com seus seguidores. Utilizo então a expressão *imersão participante* para sinalizar o caminho de consumo em torno de visualizações, reações, participação com comentários, leitura de paratextos e notas a respeito dessa experiência. Para essa etapa, a noção de dimensionalidade foi fundamental para estabelecer os parâmetros dessa imersão participante, que dialoga com a nossa experiência cotidiana nas redes:

Dimensionalidade é uma metáfora que nos permite pensar de maneira significativa sobre as camadas e os graus de invisibilidade dos dados, conexões e objetos que nos cercam. Tais metáforas ajudam-nos a compreender o processo que ainda estamos a atravessar, a fim de continuarmos a trabalhar no seu significado. Ainda estamos vivenciando a eversão do ciberespaço, e as “novas” dimensões da existência abertas pela eversão ainda estão em processo de serem reveladas. Um dos papéis das novas humanidades digitais no nosso momento presente pode ser ajudar-nos a todos a aprender novas formas de ver algumas destas dimensões até então invisíveis (mas sempre presentes) da existência de realidade mista, as pessoas, os lugares e as coisas abertas pelas conjunções do digital e do físico (Jones, 2014, p. 70).

A eversão do digital, a partir da compreensão e da consecução de uma realidade mista, afeta e *abre*, isto é, expande ontologicamente os elementos das práticas sociais: as pessoas, os lugares, as coisas, as publicações / discursos, as relações sociais, o espaço e o tempo, enfim, as ações materiais. As plataformas ou aplicativos de comunicação baseados na *Web* que aproveitam as tecnologias da *Web 2.0*, que possibilitam que usuários sem conhecimento técnico produzam e publiquem facilmente conteúdo na Internet, com foco no lado social e colaborativo. As mídias sociais abrangem uma variedade de tipos diferentes, como redes sociais, sites de avaliação, aplicativos de mensagens instantâneas e sites de compartilhamento de vídeos e fotos. Desse modo, em diálogo com a perspectiva netnográfica de Robert Kozinets (2019, p. 4), mídias sociais englobam aplicativos, sites e tecnologias online que possibilitam aos usuários se envolverem em diversas atividades, incluindo a criação, circulação, anotação e associação de conteúdo. Portanto, a netnografia é uma abordagem de estudo das mídias sociais que preserva as complexidades de suas qualidades culturais e experienciais.

Esta netnografia é discursiva pois, inserida no campo dos Estudos Críticos do Discurso (Magalhães; Martins; Resende, 2017), compreende-se como dialógica, reflexiva e considera os textos inseridos em práticas socioculturais e como parte da cadeia de gêneros discursivos. Diversos, multifacetados e cada vez mais híbridos, os gêneros discursivos digitais se mesclam às notas de campo, isto é, as notas conceituais que compõem o registro da imersão participante

nas redes sociais dos perfis participantes desta pesquisa, e à cartografia documental que alicerça esta genealogia da aids a partir do seu ponto nodal ontológico do entretenimento.

3.3.2.1 Imersões participativas no *Instagram*

O *Instagram* se popularizou como um aplicativo para celulares baseado na fotografia. Os filtros e as molduras quadradas, recursos iniciais do Instagram, permitiram que milhões de pessoas, munidas apenas de um smartphone, sentissem que estavam produzindo fotografias com uma aparência profissional. Cada filtro do Instagram, sem dúvida, implicava em uma maneira de manipular e aprimorar uma fotografia para conferir a ela um significado específico. Como explanam Leaver, Highfield e Abidin (2020), mais do que um aplicativo ou uma plataforma para edição e publicação de fotografias, o *Instagram* tornou-se um canal de comunicação dentro do domínio informativo-digital em expansão das culturas visuais das mídias sociais.

Lançado em 2010 por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, o Instagram rapidamente se destacou na App Store (loja de produtos digitais da empresa Apple), tornando-se uma das promessas mais notáveis. Em apenas um ano, atingiu a marca de dez milhões de usuários, inicialmente disponível apenas para iPhones dentro do ecossistema Apple. A versão para Android foi lançada em 2012, após a aquisição pelo Facebook (atualmente, Meta) por US\$ 1 bilhão. Inicialmente conhecido por seu formato simples, que permitia a publicação de imagens em proporção quadrada com filtros artísticos, o aplicativo, ao longo do tempo, flexibilizou suas restrições, possibilitando o compartilhamento de fotos e vídeos em formatos mais diversos. Uma das características mais marcantes do Instagram é a sua adaptação e remodelação (algumas vezes até cópia) das tendências de recursos e formas de interação em outras plataformas. Foi assim que, em 2016, em resposta ao crescimento do Snapchat, ele introduziu os Stories, um formato de publicação efêmera que consistia em vídeos de até 15 segundos, desaparecendo após 24 horas. A recepção do lançamento foi positiva e abriu caminho para a implementação de mais ferramentas, incluindo transmissões de vídeo ao vivo. No ano de 2021, o *Instagram* atingiu a impressionante marca de 2 bilhões de usuários ativos mensais, consolidando-se como a segunda maior rede social globalmente. Entretanto, mesmo com esse sucesso, em 2022, a Meta, empresa proprietária do *Instagram*, passou a encarar o aplicativo TikTok como uma ameaça. Esse reconhecimento levou a algumas mudanças estratégicas, incluindo a expansão dos Reels, um formato de vídeo claramente inspirado no concorrente. No Brasil, o *Instagram* figura como uma das redes sociais mais populares, com os brasileiros ocupando uma posição de destaque nas

estatísticas do aplicativo desde 2015. A participação dos brasileiros entre os usuários do Instagram supera a média global (Leaver; Highfield; Abidin, 2020).

As imagens visuais, os vídeos e as combinações desses elementos na seção de *Stories* servem principalmente ao propósito da interação. Mesmo funcionando como uma plataforma de mídia social, no *Instagram* a ênfase no conteúdo visual é crucial para o seu sucesso e relevância. Ele atravessou a interseção entre a comunicação e o comércio, marcada pela introdução da publicidade e das vendas diretas, pelo surgimento de influenciadores e por um novo quadro de criadores de conteúdo que buscam autenticidade em uma plataforma conhecida por selfies e autorrepresentação. Além disso, à medida que a plataforma acumulou bilhões de usuários, os filtros fornecidos pela plataforma deram lugar a normas sociais e a uma reconfiguração e foco na arquitetura de sua interface de plataforma de mídias sociais visuais. O Instagram se transformou ao longo dos anos e, muito provavelmente, será outro em breve, mas o que importa neste mapeamento é o lugar crucial que ele ocupa como uma referência da eversão do digital a partir da onipresença da cultura visual das redes sociais na internet.

O diretor do *Instagram* Adam Mosseri (2021a), presença constante nas redes sociais, explanou que o seu projeto para a plataforma seria melhorar a transparência e discutir abertamente sobre as políticas, os mecanismos tecnológicos e os conceitos do Instagram. Há uma imensa quantidade de textos explicativos, artigos, tutoriais escritos e em vídeo, fóruns etc. em diversas páginas oficiais da empresa Meta dispersas pela internet. Em um vídeo publicado na plataforma X/Twitter em 30 de junho de 2021, Mosseri anuncia que "não somos mais um aplicativo de compartilhamento de fotos", apresentando o projeto de um novo Instagram, com ideias mais voltadas ao entretenimento e aos conteúdos em vídeo. Ele trata da ênfase na categoria de perfil dos criadores de conteúdo e de toda uma série de políticas e recursos voltados a eles, da decisão de concentrar seu conteúdo nos vídeos e do investimento no setor de vendas online, principalmente pelo seu impulsionamento durante a pandemia. Sobre o foco nos vídeos, depois da afirmação categórica acima ele aponta uma mudança radical em relação ao espaço de registro e diário fotográfico que foi a plataforma:

A principal razão pela qual as pessoas dizem que usam o Instagram em pesquisas é para se *divertir*. Então as pessoas estão nos procurando para isso. Então, na verdade, na semana passada, internamente, compartilhamos ou eu compartilhei muito sobre o que estamos tentando fazer para nos inclinarmos para essa tendência, *para o entretenimento e para o vídeo*. Porque sejamos honestos, há uma competição muito séria no momento. O TikTok é enorme. O YouTube é ainda maior. E há muitos outros iniciantes também. E assim as pessoas estão olhando, as crianças vão se divertir. Há uma competição acirrada e há muito mais o que fazer, para além de aceitar isso. E isso significa mudança (Mosseri, 2021b, destaques meus).

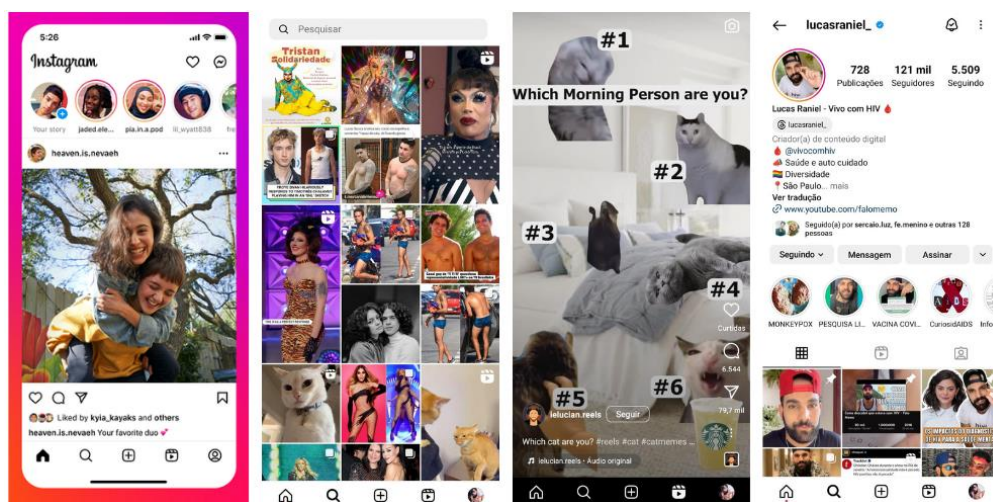
As palavras *diversão* e *entretenimento* não aparecem aleatoriamente no discurso do diretor responsável pelo Instagram: mais do que nunca são estratégias para o crescimento da corporação e da monetização entre os usuários da plataforma, mas resulta dialeticamente da tendência de consumo dos usuários por esses conteúdos, principalmente os vídeos curtos verticais exibidos em looping. É simples, fluido, intuitivo e viciante. A imersão em um vídeo de tela cheia como se o banho se transformasse em deliberado afogamento no entretenimento em áudio e vídeo, rompendo, ainda mais do que no YouTube, a linha entre o espectador e o criador. O TikTok conhecia o poder de seu algoritmo e a natureza viciante de sua rolagem infinita. Por isso, a replicação do recurso no Instagram (Stokel-Walker, 2021). Foi justamente a arquitetura informativo-digital que propiciou aos net-ativistas e influenciadores digitais de aids o espaço oportuno para a construção de uma plataforma pessoal de criação, compartilhamento e interação de conteúdos (e produtos) midiático-culturais que se enroscam nos emaranhados discursivos conectados ao dispositivo da aids-entretenimento para romper silêncios, informar e se autopromover no mesmo átimo.

Para autores como Han (2017), vivemos em uma sociedade de tamanha transparência que coage as pessoas a exposição como condição de existência, mas, paradoxalmente, essa existência perderia valor ao funcionar apenas como propaganda para a incrementação do capital da atenção do público. Assim, o dissenso, o conflito e a diferença não possuem espaço na lógica da transparência que exige uma “reação em cadeia do igual” que desconstrói qualquer negatividade, o elemento fulcral para a constituição do espírito humano. Na abordagem nietzscheana, sua profundidade, grandeza e fortaleza decorrem do negativo e da capacidade de dar forma ao sofrimento e à dor (que poderiam ser embaladas para o entretenimento a partir da narrativização das emoções como objetos). Para o Han (2017), a alteridade seria eliminada nesse modelo de *sociedade positiva*, que “está em vias de reorganizar a alma humana de uma maneira totalmente nova. No curso e empuxo de sua positivação, também o amor é nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequências”. Esses insights me inquietam, me provocam e apontam as contradições de uma sociedade que passou recentemente por inúmeras irrupções e se reconfigura em um cenário ainda instável e imprevisível, social, política, cultural e economicamente.

O foco deste trabalho em sua geração de dados foi nos fragmentos discursivos de dois tipos extraídos das grades dos perfis: o primeiro são as *Fotos*, o ponto de partida da plataforma em seu lançamento, mas ainda relevantes, e os *Vídeos (Reels)*, que assumiram o protagonismo dela nos últimos anos. Em ambos, há: 1) a presença de legendas com textos verbais, emoticons e hashtags complementando os sentidos da postagem e 2) a seção de comentários, na qual o

criador de conteúdo dialoga com os interactantes da postagem e eles entre si. Na dinâmica entre essas duas categorias basilares da plataforma estão os conteúdos efêmeros criados para a seção de Stories e as transmissões ao vivo, que eventualmente são transpostos para a grade principal e as outras formas de interação-participação: as curtidas, os compartilhamentos e os salvamentos das postagens. Nessa síntese da arquitetura complexa do *Instagram*, resaltei apenas os aspectos relevantes para esta pesquisa (há recursos como o de estatísticas para empresas e criadores de conteúdo, o setor de assinaturas e vendas que formam o *marketplace* e até mesmo os canais de transmissão, novíssimo recurso, destinado aos criadores de conteúdo para a interação em espaço específico, entre outros). Na figura abaixo, as principais telas do Instagram para o acesso e o consumo de conteúdo, da esquerda para a direita: o *feed*⁵⁴ (na parte de cima, os círculos representam os stories de cada perfil), a aba *pesquisar e explorar*⁵⁵, um exemplo de *perfil* e a aba dos reels⁵⁶. Há ainda o ícone do coração, que lista as notificações das interações realizadas e reações recebidas e o campo do Messenger, espaço específico para bate-papo (na imagem do perfil). Por fim, no centro dos ícones está o de criação de conteúdos.

Figura 75: As interfaces básicas do *Instagram*



Fonte: Digital (2023) e elaboração do autor

⁵⁴ “O feed do Instagram é uma mistura de fotos e vídeos de pessoas que você segue, publicações sugeridas e muito mais. Com o passar do tempo, vamos começar a adicionar mais recomendações ao seu feed com base nos seus interesses. As visualizações Favoritos e Seguindo são novas formas de ficar por dentro das publicações recentes das contas que você segue” (Mosseri, 2022).

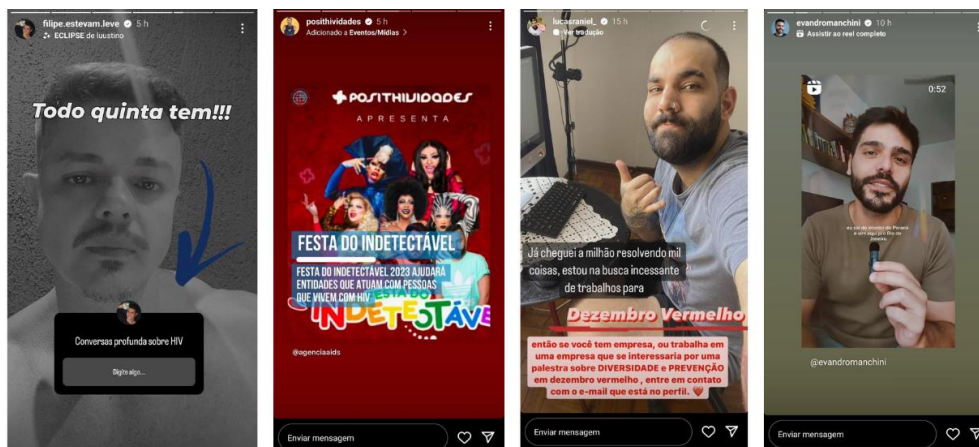
⁵⁵ “Explorar é uma superfície de descoberta em que o Instagram reúne conteúdo de toda a plataforma com base em uma variedade de fatores, como as contas que você segue, os vídeos e fotos que curte no Instagram e as pessoas com quem se conecta. É possível acessar o Explorar clicando no ícone de pesquisa na página inicial do Instagram” (Instagram, 2023b).

⁵⁶ “Crie, compartilhe e assista a vídeos curtos e divertidos: Expresse sua essência com vídeos curtos e divertidos. Crie vídeos de até 90 segundos, que podem ter quantos cliques você quiser, e esbanje criatividade com filtros de realidade aumentada e ferramentas de áudio e texto fáceis de usar. Você também pode carregar vídeos da sua galeria” (Instagram, 2023a).

O *Instagram* divide os seus participantes em três categorias: o perfil pessoal, o mais comum da plataforma, utilizado para a conexão, o compartilhamento de conteúdos e o consumo; o perfil comercial, destinado a empresas, para o oferecimento de produto e serviços; por fim, o perfil do criador de conteúdo, que mescla características dos perfis anteriores e se destaca em sua finalidade de construção de uma comunidade. Os dois últimos possuem recursos diferenciados (catálogo, criação de anúncios e análise de métricas etc.; recurso *insights*, canais de transmissão, monetização de lives etc.) e páginas guias específicas da plataforma orientando a sua construção. São muitas as seções, os recursos e as possibilidades para os usuários que fazem do *Instagram* também espaço de trabalho ou atuam para a construção de uma persona pública. Aparentemente confuso por conta de sua hipercarga de imagens e informação, sua interface segue se adaptando às tendências, organizando-se de forma cada vez mais compartimentalizada e funcional.

No meu processo imersivo, observei que todos os perfis utilizam o campo dos Stories com regularidade e de forma integrada às outras seções do aplicativo, como os reels e as fotos. De modo geral, as imagens e vídeos postados no feed, segundo a etiqueta social da plataforma, são mais acabados e elaborados. O Stories é, portanto, um espaço para postagens menos elaboradas, cenas do cotidiano, comentários e criações mais descompromissadas (ou ao menos que expressem espontaneidade), mas também servem para divulgação de conteúdos novos, eventos e, principalmente, estabelecer através de seus recursos interativos, mais conexão com seu público, já que os conteúdos ficam disponíveis por 24 horas, a não ser que sejam fixados no perfil na aba Destaques. Um dos recursos mais utilizados é o da caixa de perguntas, recurso no qual o interactante deixa alguma pergunta ou comentário e o influenciador responde criando novos conteúdos. Da esquerda para a direita, Filipe Estevam convida seus seguidores a participarem da caixa de perguntas; Positividades | Lucian Ambrós divulga um evento criado por ele; Lucas Raniel mostra um pouco de sua rotina de trabalho e se divulga; e Evandro Manchini chama a atenção para um novo vídeo postado no feed.

Figura 76: Exemplos de stories



Fonte: elaboração do autor com base em coleta nos perfis de *Instagram*

Outro recurso recorrente é o das transmissões ao vivo (Live). Disponíveis a todos os tipos de perfis, elas funcionam para aproximar os criadores de conteúdo de seu público a partir de uma interação síncrona. As chamadas lives podem ser armazenadas e posteriormente postadas como vídeo no feed. Positividades | Lucian Ambrós é um dos perfis que mais utilizam esse recurso, há uma rotina de transmissões ao vivo, algumas com convidados, e parte significativa desse material é “arquivado” na sua grade de conteúdos. Nesse perfil, há lives que funcionam como programas temáticos, como o “Minha história Vivendo com HIV” que traz convidados que narram suas biografias mediadas por Lucian Ambrós. Evandro Manchini, que trabalha com artes cênicas e cinema realizou performances artísticas transmitidas ao vivo e em seguida as disponibilizou no feed. Logo, explicita-se nessas lives, interações em movimentos interdiscursivos com outras redes e atores sociais e uma potente intergenericidade.

Figura 77: Miniaturas de lives de Positividades | Lucian Ambrós – Reels Instagram – 26/10/2022 e Evandro Manchini – Reels Instagram – 20/12/2020



Fonte: elaborado pelo autor

De diário de fotos compartilhado e recepcionado de forma cronológica a uma plataforma multimídia de entretenimento e interação social, um elemento fundamental estrutura o funcionamento do Instagram: o seu algoritmo. O aplicativo funciona a partir de um Interface de Programação de Aplicação (*Application Programming Interface* – API), que é essencialmente o software, o conjunto de padrões de funcionamento da plataforma e sua organização das regras que permitem que outras plataformas e aplicativos acessem a plataforma *Instagram*. Quando foi lançado, o Instagram adotava a mesma abordagem cronológica do Twitter à época, apresentando as postagens em ordem do mais recente ao mais antigo. No entanto, essa estrutura foi modificada. Atualmente, a plataforma considera vários fatores para determinar a ordenação dos *feeds* dos usuários, incluindo a *temporalidade* (embora não seja o único critério, a sequência de postagem ainda influencia na composição do *feed*), o *engajamento* (medido pelo número de comentários, compartilhamentos, curtidas, salvamentos e toques no conteúdo, especialmente considerando o engajamento logo após a publicação) e o *relacionamento* (levando em conta a proximidade entre usuários através de interações e mensagens diretas). Como resultado, os algoritmos empregados tornam-se mais complexos, incorporando novas variáveis para aumentar sua precisão.

Adam Mosseri (2021a) explica que não há um único algoritmo definindo o que as pessoas verão ou não no aplicativo, mas “utilizamos vários algoritmos, classificadores e processos, cada um com um propósito. Queremos que você aproveite ao máximo seu tempo no

Instagram e acreditamos que usar tecnologia para personalizar sua experiência é a melhor maneira de alcançar esse objetivo”. Em anos anteriores, as ferramentas que definem as decisões sobre conteúdo e curadoria e a linha do tempo algorítmica foram consideradas imprecisas e pouco transparentes para a maioria dos utilizadores, o que levou a especulações sobre exatamente como as decisões são tomadas. Mosseri afirma que cada parte do aplicativo (Feed, Explorar, Reels) possui o próprio algoritmo adaptado à maneira como cada pessoa a usa.

Com base nas informações disponibilizadas pela plataforma no blogue da página About Instagram, e assinadas pelo próprio diretor principal, a classificação. Com base nas informações disponibilizadas pela plataforma no blogue da página *About Instagram*, em artigo assinado por seu diretor principal, o feed⁵⁷ é a página que sintetiza e representa, com base na confecção algorítmica, o espaço interacional de exibição dos interesses e, por conseguinte, de identificação do usuário. Segundo Mosseri (2023), a plataforma determina a classificação no Feed com base em publicações recentes das pessoas seguidas e de contas que acreditam serem de seu interesse. Eles utilizam diversos fatores, como suas interações recentes, para personalizar a experiência, equilibrando conteúdo de contas seguidas e não seguidas. São agregadas informações sobre publicações, criadores e suas preferências, considerando também fatores como o formato preferido. Essas informações, chamadas de “sinais”, são numerosas e incluem diversos aspectos, como horário, dispositivo utilizado e interações específicas, influenciando a apresentação do conteúdo em seu Feed. Esses “sinais” são hierarquizados da seguinte forma (Mosseri, 2023):

Sua atividade: as publicações que você curtiu, compartilhou, salvou ou comentou nos ajudam a entender quais podem ser seus interesses.

Informações sobre a publicação: são sinais que abrangem a popularidade de uma publicação (quantas curtidas ela recebeu e com que frequência as pessoas estão curtindo, comentando, compartilhando e salvando) e informações mais concretas sobre o conteúdo, como quando ele foi publicado e qual é a localização (caso ela tenha sido inserida).

Informações sobre a pessoa que publicou: elas nos ajudam a ter uma noção do seu nível de interesse pelo conteúdo de alguém. Entre os sinais, está o número de vezes que as pessoas interagiram com essa pessoa nas últimas semanas.

⁵⁷ “O Feed é a página inicial personalizada no Instagram para acompanhar amigos, familiares e interesses. Isso significa que seu feed terá uma mistura de conteúdo das contas que você escolheu seguir, conteúdo recomendado de contas que achamos que você vai gostar e anúncios. Você também verá uma mistura de vídeos, fotos e carrosséis. Seja qual for o algoritmo de classificação, esse funcionamento pode ser detalhado em etapas” (Mosseri, 2023).

Seu histórico de interação com alguém: ele nos ajuda a compreender seu nível geral de interesse por publicações de uma pessoa específica. Um exemplo seria você comentar ou não nas publicações de alguém e vice-versa.

Há pequenas diferenças no funcionamento do algoritmo nas outras seções como Stories, Explorar e Reels, mas basicamente são essas as diretrizes. Constata-se que os conteúdos midiático-culturais digitais são uma faceta dos processos de ação-interação-relação definidos como meta da plataforma, mediados por uma interface que sempre se atualiza para facilitar essa experiência compartilhada. O *Instagram* utiliza diversos ícones para simbolizar cada parte do seu aplicativo, assim como as reações que compõem a interação. Eles são fundamentais para o funcionamento mais fluido da plataforma e para a composição de sua identidade visual:

Figura 78: A iconografia no *Instagram* e seu algoritmo



Fonte: (Mosseri, 2023)

São produzidas identidades algorítmicas que nos fazem questionar como esse conhecimento sobre nós é produzido. E que eu nunca acabado é este que emerge na plataforma e afeta a dimensão de nossas subjetividades? Como se dá a relação, em uma realidade mista, entre os eus? Conforme discutido anteriormente acerca do caráter de dimensionalidade implicado pela cultura digital das redes sociais, essa divisão é inócua e não corresponde a complexa relação de reciprocidade criativa-interativa das identidades na contemporaneidade, em uma realidade social *big data*. Julio Cesar Lemes de Castro (2019) aponta três características basilares para a compreensão das plataformas algorítmicas, definidas como os espaços informativo-digitais nos quais os usuários são governados pelos algoritmos: a interpelação, o perfilamento e a performatividade. Para o autor, as plataformas algorítmicas materializam uma governança algorítmica funcionando similarmente às instituições disciplinares, pilares da sociedade disciplinar.

Segundo Castro (2019, p. 3), a *interpelação*, que envolve a abordagem do usuário pelo algoritmo, é uma operação recursiva que se recalibra continuamente em resposta aos constantes

influxos das reações provocadas pelos conteúdos das plataformas e dos inputs recebidos. A agência da interpelação pode manifestar-se em várias instâncias de alteridade, seja representada pelo próprio algoritmo, seja por outros atores. O *perfilamento* consiste na criação de perfis por meio da interpelação, utilizando a combinação ad hoc de características do usuário – é justamente nessa fase que os perfis são constituídos, mas seguem continuamente em construção:

Na proporção em que o usuário se identifica com um modelo, reagindo favoravelmente àquilo que lhe é exibido, ele aceita o perfil conexo que lhe foi designado pelo algoritmo. O perfilamento culmina então em um perfilamento. Perfilhar indica o ato de abraçar uma ideia ou teoria; no caso, trata-se do ato, por parte do usuário, de sancionar o perfil sugerido pelo algoritmo, anuindo às condições em que se é interpelado. Em contrapartida, se deixa de seguir o modelo, o usuário rejeita o perfil, sinalizando a necessidade de refinar o algoritmo (Castro, 2019, p. 14).

Por último, a *performatividade*, refere-se ao impacto da interpelação na consolidação do perfilamento. A performatividade, a partir da elaboração de Judith Butler (2008), se fundamenta na repetição de atos estilizados, não se configurando como um ato singular, mas sim uma reiteração constante de normas. Ela resulta da repetição cumulativa de atos que citam normas, não de uma ação única. Sendo dependente da repetição, ou "citacionalidade", como preferido pela autora, pode estar relacionada a outros enunciados, além dos flagrantemente performativos. A interpelação, caracterizada por sua recursividade, intensifica-se à medida que se mostra eficiente, reproduzindo-se continuamente. Apesar dos ajustes em cada interpelação, há elementos recorrentes, contribuindo para o efeito performativo que consolida as operações de perfilamento. Assim, quanto mais se reproduz mais eficaz torna-se na construção de perfis. As plataformas algorítmicas não apenas expressam uma identidade preexistente do usuário; elas a constroem por meio da interpelação, perfilamento e performatividade (Castro, 2019, p. 17). Em suma:

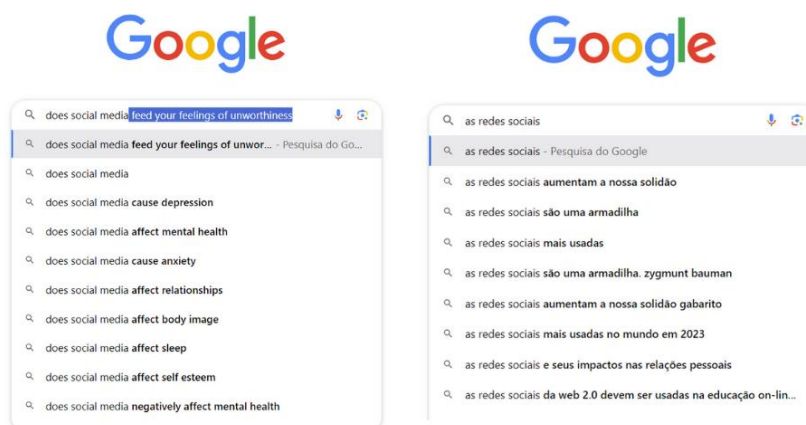
As consequências mais específicas da performatividade estão associadas ao reforço de determinados perfis, e, portanto, de certas configurações de identidade, como fruto da insistência nas interpelações bem-sucedidas. Em escala coletiva, essa engrenagem leva à homofilia, o fracionamento dos ambientes virtuais em bolhas. Ademais, diferentes tipos de performatividade produzem facetas distintas do usuário: como consumidor, perante dispositivos de comércio eletrônico; como suspeito, perante dispositivos de vigilância, e assim por diante. E, sendo o perfilamento bidirecional, isto é, contando com a contribuição do usuário, o engajamento deste pode ser subsumido ao efeito performativo de sua inserção nas plataformas (Castro, 2019, p. 18).

Alguns pontos precisam ser sinalizados quanto a esse processo de ação da governança algorítmica. Não estamos diante de uma mera dicotomia entre controle e agência, na qual cada

extremo se fortalece à custa do outro, muito menos uma posição necessariamente passiva e desinformada acerca da plataforma. O *Instagram*, por exemplo, é cada vez mais explícito quanto a sua proposta de criação de comunidade e as regras para se fazer parte dela, inclusive em relação ao vai limitar em termos de engajamento. A discussão ética em torno dessas decisões, nem sempre claras equilibradas, têm gerado longos debates sobre censura, liberdade de expressão e restrições cada vez maiores. A discussão sobre o esgotamento, o cansaço e o risco sobre o excesso de uso de plataformas digitais já parte do debate público (inclusive, dentro das plataformas).

Em vez disso, observa-se uma retroalimentação, uma dialética em que a capacidade de agência do usuário contribui para a eficácia do controle exercido pela plataforma e, inversamente, a eficácia do controle pressupõe a liberdade de agência. Replico aqui o exercício feito por Kozinets (2019, p. 107) sobre ao utilizar o Google e mencionar as expressões “does social media...” e “as redes sociais...” e o resultado das pesquisas mais populares na plataforma a partir do sistema que autocompleta enquanto se escreve, uma predição realizada automaticamente pela ferramenta, destaca questionamentos sobre solidão, saúde e adoecimento mental, imagem corporal, depressão, ansiedade, relações sociais. Logo, se tomarmos este exemplo banal como referência há indícios sobre uma inquietação acerca de nossa realidade:

Figura 79: Questionando o Google sobre as redes sociais



Fonte: elaboração do autor, pesquisa realizada em 14/9/2023

Podemos então estabelecer inicialmente uma tríade interrelacional que se forma entre o algoritmo, o usuário e o criador de conteúdo. De que modos os net-ativistas e influenciadores digitais contribuem para esse processo de interpelação que perfiliza os usuários? Em termos de ocupação de espaços de poder na plataforma, os perfis aqui estudados definitivamente não compõem as fileiras dos perfis pessoais comuns, mas um dos pilares do aplicativo, os criadores

de conteúdo (ou em alguns casos, perfis comerciais), que possuem orientações específicas e contribuem substancialmente para a sua manutenção. No entanto, o algoritmo não é uma entidade interdimensional abstrata que trata os usuários como títeres, eles são a base para a construção de inteligências artificiais que processam uma grande quantidade de dados, analisa seus padrões e toma decisões a partir dos padrões analisados. Uma das discussões mais prementes é a questão da ética em torno da privacidade, do armazenamento dos nossos dados e do seu uso responsável, de modo inclusive que garanta equidade e não discrimine ou prejudique determinado grupo de pessoas. Como discutido anteriormente, as pessoas vivendo com HIV, principalmente quando se engajam nos ativismos, utilizam as ferramentas disponíveis manejando-as pela regra da polivalência tática dos discursos e de uma torsão de forma minorada da abjeção histórica estabelecida pelos dispositivos da aids, aqui especificamente o da aids-entretenimento.

Essa retroalimentação entre algoritmo, criadores de conteúdo, perfis pessoais – ambas identidades algorítmicas, mas também pessoas (ou grupos) que possuem agência – e o infinito mar de dados compõe uma rede eletrificada de relações e interações (e, por conseguinte, representações e identificações) que nunca desliga. Di Felice (2018), ao recontar a experiência etnográfica de Malinowski, descreve a cena em que, no cenário das ilhas do Pacífico Ocidental ele abre o zíper da barraca ao acordar se deparava diariamente com um mundo inteiramente novo a ser descoberto e desbravado. Na ordem social do digital, o social não está atrelado a um lugar geográfico, pois o deslocamento digital inclui os “humanos que estão on-line, como também as relações sociais, o capital, as árvores, os oceanos, os bichos da mata e tudo o que está parado ou se mexe; tudo emigrou para o on-line”. Logo, não apenas a compreensão do funcionamento do algoritmo, mas uma insurgência em torno da participação mais transparente na tomada de decisões em torno dele precisa ser tomada. Vivemos um *point of no return* e estratégias precisam ser criadas para lidarmos com uma realidade algoritmizada, e um dos caminhos é o empoderamento coletivo e individual na participação ativa das dimensões de processamentos ecológicos habilitados para o desenvolvimento de princípios informativos e conectivos em cenários democráticos (que entendam e incluam também a natureza):

O resultado é a superação tanto da velha ideia de ciberespaço como da concepção urbana e arquitetônica do social (E. Goffman, Escola de Chicago), da ideia antropomórfica do mesmo (J. Habermas) ou da noção associativa emergente (M. Callon, B. Latour etc.), pois não apenas o dinamismo social (B. Wellman) adquire formato digital, mas a própria arquitetura ecológica passa a se modificar, alternando a sua forma, em uma nova ecologia informativa continuamente destorcida e remodelada pelas conexões digitais (Di Felice, 2018).

Diante do cenário exposto, a digitalização não deve ser considerada simplesmente como uma rede adicional, mas sim como um *processo de transubstanciação*. Ao converter coisas e relações em código binário, esse processo modifica completamente o estatuto da natureza da substância, tornando-a uma outra forma de si mesma e, acima de tudo, capacitando-a a alterar sua própria dimensão material e original. A digitalização, ao transpor a substância a uma dimensão informativa, cria uma *forma formante* que, além de facilitar a conexão entre fenômenos e aspectos distantes na realidade material, possibilita seu processamento, sublevando a ecologia a uma *dimensão algorítmica*, transcendendo a categoria de imagem ou material (Di Felice, 2018). As elocubrações de Di Felice a respeito de uma sociedade informativo-digital explicitam o papel sobressalente dos significantes, dos dispositivos tecnológicos, dos sistemas de interação, das formas e interfaces e da cadeia de gêneros discursivos como elementos fundamentais para a sua compreensão. A aids-entretenimento é produto, sintoma e exemplo desse cenário de disrupções ontológicas que re-fazem a sociedade que vivemos.

Os dados gerados a partir da imersão em plataformas de redes sociais foram novos que me levaram aos fios discursivos da aids em suas décadas anteriores. Cada impressão ali sentida me levava a uma inquietação sobre a sua proveniência: havia sinais, traços indistinguíveis de uma história que não cessava de ser contada. Foi a partir daí que a empreitada genealógica desta pesquisa se materializou, na intenção de compreender a atualidade da aids a partir de personagens que ocupam o espaço informativo-digital das redes sociais. O mapeamento empreendido pela cartografia documental é faceta da netnografia discursiva e do desejo de ouvir com mais nitidez os ecos sociossemióticos de cada fragmento discursivo digital sobre aids a partir do recorte realizado.

3.3.2.2 A rede social digital de net-ativistas e influenciadores de aids: as práticas sociais dialógicas e a micropolítica da aids

A leitura que realizo intenta escapar da análise de mídias sociais a partir da compreensão de uma lógica que as concebem como resultado de uma produção industrial, uma cultura dominante e da manipulação das grandes corporações de mídia hegemônica, hoje representada pela figura vilanesca do algoritmo. No século XX, as mídias de massa e os dispositivos tecnológicos provocaram a multiplicação e a proliferação de imagens disseminadas qualitativamente que foram capazes de disseminar estilos, estéticas, notícias e informações e, a despeito das grandes corporações hegemônicas de mídia, incitaram a relativização dos pontos

de vistas centralizados e visões de mundo universalistas. A crise da aids apontou para a emergência de resistência a partir da imagem como estratégia relacional-dialógica, da potencialidade das mídias alternativas e do uso da narrativa e da emoção como forma de pluralizar o debate. Di Felice (2018) aponta para o surgimento de um campo demoscópico relacionado ao fim dos pontos de vista centralizados, a partir de duas possibilidades de leitura convergentes nas eras das culturas de massa até o que entendemos como cultura digital:

Quadro 9: Dialogismo e debate na contemporaneidade

Transição nas Lógicas Comunicativas: a atmosfera social	Clima de Opinião e Campo Demoscópico:
Mudança na abordagem dos estudos sobre opinião pública a partir de uma visão centrada nas mídias que passa de uma perspectiva instrumental e do foco centralidade nos processos sociais e opinativos dos sujeitos para a valorização das ecologias do diálogo;	Estudos sobre “clima de opinião” levam à concepção do campo demoscópico, identificado como uma ecologia dos processos relacionais da formação de opinião.
Transição das lógicas comunicativas piramidais e unidirecionais para as lógicas distribuídas dos empreendedores cognitivos;	O campo demoscópico substitui as visões tradicionais sobre a produção mecânica da opinião pública, torna-se um conceito operativo dinâmico, proporcionando uma descrição contínua dos processos de construção das dinâmicas opinativas, sem impor antecipadamente seu sentido, qualidade ou função;
Reconhecimento da influência não apenas de figuras públicas, mas também de indivíduos anônimos como testemunhas-chave capazes de influenciar a interpretação de um fenômeno específico.	A opinião pública é concebida como o resultado de diversos fluxos comunicativos, cognitivos e simbólicos, em um ambiente que não é unilateralmente moldado por um único componente, mas sim por múltiplas influências.

Fonte: Adaptado de Di Felice (2018)

A noção de campo demoscópico e clima de opinião juntamente com a concepção de atmosfera social emergem como um instrumento interpretativo dinâmico. O campo demoscópico é um conceito operativo que descreve os processos de construção das dinâmicas opinativas ao longo do tempo, sem fixar previamente seu significado. Estes conceitos tornam-se ferramentas adequadas para entender as dinâmicas opinativas nas ecologias eletrônicas democráticas, caracterizadas pela troca de opiniões, dos debates e seus consensos e dissensos entre cidadãos – e até mesmo para classificar de modo mais adequado e menos folclórico as assimetrias que compõem essas dinâmicas.

Os ativistas e influenciadores digitais de aids, a partir de suas performances, ensejam diálogos e interações que se apropriam da lógica algorítmica e da gramática interativo-visual do *Instagram*, seja utilizando perfis comerciais ou de criadores de conteúdo. A emergência dos influenciadores digitais provoca novas indagações acerca da noção de autenticidade, enquanto o aparente domínio de estilos visuais semelhantes e repetitivos mostra uma lógica crescente de perfilamento impulsionada pelas métricas e algoritmos e interpelada por esses personagens centrais. No entanto, a ocupação em espaços sociais digitais desafia os limites impostos pelas etiquetas sociais e esse impulsionamento incita alterações inclusive no algoritmo.

Em relação aos perfis aqui analisados, a sua complexidade reside justamente no uso da interpelação algorítmica, isto é, no emprego da imagem e da discursividade do entretenimento, ao passo que sua temática central é o HIV/Aids e a persona assumida é da pessoa que vive com HIV. No *Instagram*, as negociações ocorrem dentro das regras do jogo estabelecidas pela plataforma, mas a dinâmica social implica necessariamente que a contingência de sua ocupação impulse o esgarçamento delas para que coexistam um amplo espectro de diferenças, afinal:

[...] a Internet, as suas aplicações e todas as tecnologias de comunicação em rede sempre combinaram o informal com o formal, o inflamatório e a felicitação, os fins informativos com os interativos e a mera conexão com uma comunidade significativa. A mídia sempre foi tão social quanto nós” (Kozinets, 2019, p. 109).

Os perfis aqui analisados são entidades que representam uma pessoa, apesar de referirem-se como pessoas vivendo com HIV e conectarem suas histórias às de muitas outras que experienciaram, de forma similar, a identificação social que uma condição de saúde pode trazer, principalmente o diagnóstico positivo para HIV ou a aids. Nas redes sociais digitais, cada pessoa é o centro de sua própria rede pessoal, como a estrela de um sistema solar com milhares (ou milhões etc.) de indivíduos orbitando ao nosso redor. Cada perfil tornou-se uma central de comunicação e informação conectando pessoas, redes e instituições, o que aponta

para uma mudança em direção a concepções de cultura e comunidade mais fluidas, abertas e centradas no indivíduo (e concomitantemente as reconfigurações na vida profissional, na privacidade e no comércio). Logo, um dos elementos de complexidade da sociedade em rede é o oxímoro da ascensão das formas de individualismo em redes (Kozinets, 2019, p. 120).

Assim, por todo o texto mencionei como possibilidade identitárias para os perfis públicos dos participantes as seguintes categorias: a de net-ativistas e a de influenciadores digitais. Dino Villegas (2021, p. 101), ao pensar em possibilidades de estudos netnográficos no âmbito da política, define como possibilidade *a investigação sobre a experiência vivida do político*. Essa modalidade de investigação centra-se na vida cotidiana e nas suas relações com a política, mesmo quando não existe nenhuma relação aparente. Desse modo, a especificidade dessa netnografia destaca aspectos como aspectos ordinários da vida atravessam as políticas de Estado ou nação. Os ativismos de aids organizados nos coletivos sociais que se formaram ainda na década de 1980, como referido anteriormente, possuíam como pilares a experiência e o engajamento pessoal e íntimo – e as autobiografias também agiam como lanças no território da política.

Portanto, a política é o elemento-base dos conteúdos produzidos pelos influenciadores digitais de aids, por mais sub-reptícia, ausente e deslocada do ponto de vista do gênero discursivo que pareça ao se confundir tanto com o entretenimento. Pelo contrário, sempre foi estratégico e deliberado. Dessa forma, estabeleço e justifico essa fluidez e entrelugar do net-ativista cuja *arma* é o entretenimento ao tecer o diálogo com o famoso prefácio de Michel Foucault (1977, p. 3) à obra “Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia”: “Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária”.

O que se faz no *Instagram* é também *micropolítica*, pois os *processos de singularização* de seus atores sociais recusam as encodificações preestabelecidas pelos modos de produção de subjetividade ainda ecoados pelos símbolos coletivos da aids (Guattari; Rolnik, 1996, p. 17). No entanto, estrategicamente eles não apenas rejeitam, mas se apropriam de estratégias concernentes ao dispositivo da aids-entretenimento, reconfigurando não apenas as representações e as identificações, mas principalmente produzindo novos agenciamentos de singularização que repensem a estrutura geral dos significantes, isto é, a partir da heterogeneidade dos níveis semióticos. Assim, são acionadas outras sensibilidades estéticas e projetos de mudanças da vida no plano do cotidiano (a destacar, as relações afetivossexuais),

de modo a provocar transformações nos sistemas socioculturais, econômicos e políticos (Guattari; Rolnik, 1996, p. 22).

A ideia de consciência social no Instagram se estabelece em diversos nichos e subculturas. Embora alguns jovens explorem o Instagram de maneiras que amplificam as barreiras intergeracionais, diversas subculturas de usuários utilizam a plataforma para aumentar a conscientização social sobre várias causas de forma mais acessível. Enquanto alguns grupos buscam a fama no Instagram como influenciadores, visando gerar renda ao longo do caminho, outros concentram seus esforços em destacar as lutas frequentemente negligenciadas de grupos minoritários, desafiando a ilusão de glamour constante na plataforma. Frequentemente, essas abordagens se entrelaçam, contribuindo para a profissionalização do influenciador digital.

As discussões sobre saúde também se destacam como uma subcultura notável no Instagram, assumindo três formas principais. A primeira envolve esforços individuais de usuários que moldam suas contas para promover causas por meio de narrativas biográficas, sendo essa a abordagem principal entre os influenciadores digitais que abordam questões relacionadas à aids. A segunda forma são campanhas de hashtag sustentadas por contribuições de *crowdfunding*. A terceira forma compreende campanhas lideradas pelo Instagram como plataforma (Leaver; Highfield; Abidin, 2020).

A linha que divide net-ativistas de influenciadores digitais fica mais tênue quando a singularidade específica do criador de conteúdo centra-se em uma causa social, um tema mais delicado. Socialmente, são considerados influenciadores digitais aqueles cujas métricas de popularidade (alcance, engajamento, rede de contatos com outros influenciadores, exibição em outros canais, inclusive de mídia tradicional etc.) são consideradas relevantes o suficiente para:

[...] precificar e comercializar seus próprios espaços publicitários e viabilizar as desejadas parcerias comerciais. Além das métricas de popularidade, não se pode deixar de discutir outros agenciamentos que participam dessa esfera, como as demandas dos anunciantes, o crescente processo de profissionalização dos produtores de conteúdo e a agência das plataformas digitais (Primo; Matos; Monteiro, 2021, p. 8).

O termo "influenciadores digitais", entretanto, parece ter sido apropriado pelo mercado e limitado ao contexto promocional. Os influenciadores digitais são aqueles criadores de conteúdo online voltados para um nicho específico, cujo processo produtivo constitui um negócio sustentado por práticas de marketing, visando a promoção de produtos de terceiros e/ou venda dos próprios serviços e mercadorias (Primo; Matos; Monteiro, 2021, p. 7). A complexidade dos perfis analisados incita a pensá-los pelo viés do marketing social que se imiscui à autobiografia e à expertise no tema HIV/Aids.

Todos os perfis aqui selecionados possuem alguma forma de monetização, seja na divulgação da atuação profissional (como os terapeutas), há os artistas, os que fazem publicidade ou vendem algum produto e aqueles vivem da própria imagem e se autodivulgam como vozes públicas relevantes para tratar do tema HIV/Aids em palestras, cursos e atividades offline. A plataforma disponibiliza recursos de assinatura para conteúdos exclusivos e outras formas de comercialização de produtos e serviços. Ressalto inclusive que perfis comerciais e de criadores de conteúdo podem adquirir cotas de impulsionamento de seus perfis e postagens e serem divulgados de forma mais incisiva pelo Instagram. Para Primo, Matos e Monteiro, (2021, p. 7), nas pesquisas acadêmicas, a popularidade conquistada na internet foi rapidamente vinculada aos estudos de celebridades. No entanto, a aplicação de conceitos e teorias originalmente formulados para a esfera da mídia de massa não se alinha completamente com a análise da fama online. A conceptualização das microcelebridades e sua teorização apresentam limitações ao transpor conhecimentos referentes a uma esfera específica, a cultura de celebridades na sociedade massiva, para outra com características singulares: a fama desenvolvida e explorada comercialmente em mídias digitais.

Para a compreensão do impacto dos influenciadores digitais e do funcionamento de sua persona em redes de práticas sociais digitais, algumas dimensões precisam ser estratificadas: o da fama, o da sua influência (credibilidade, autoridade, capital social); das estratégias de promoção do conteúdo (planejamento e execução de estratégias de marketing em torno dos conteúdos); os recursos tecnológicos utilizados, principalmente para o formato de *vlog* (celulares e câmeras avançadas, iluminação, cenário, técnicas de roteiro, captura, edição etc.); a singularidade do conteúdo e a sua inserção nas redes de interpelação algorítmica; das dinâmicas interacionais e relacionais (da simples visualização do conteúdo às reações sociodiscursivas, os comentários até a conversação online); por fim, o aspecto de profissionalização que desemboca em monetização e reconhecimento profissional de um trabalho plataformizado.

Em síntese, o estudo dos influenciadores digitais não se limita às personalidades que aparecem nos conteúdos online, nem deve ser abordado como uma mera versão online das celebridades da mídia de massa. Dada a complexidade do fenômeno, percebo que ele está relacionado a um processo de profissionalização e estratégias promocionais. O primeiro passo para essa análise é sugerir pistas para identificar a diversidade de atores e interações que compõem e impulsionam a rede em torno do HIV/Aids. As bases para o engajamento na causa social conforme realizadas pelos influenciadores digitais já se explicitavam nas táticas de

comunicação e no processo de profissionalização dos primeiros ativistas de AIDS e o elemento que os conecta é o entretenimento (Primo; Matos; Monteiro, 2021, p. 92).

A fluidez dos papéis sociais desempenhados pelos net-ativistas e influenciadores digitais é, portanto, uma característica que fundamenta e não contradiz a sua constituição, apesar de eventualmente questionados justamente pelas fronteiras identitárias ocupadas. Posithividades | Lucian Ambrós, em carta aberta divulgada em um vídeo de 18 de março de 2021, explana com detalhes o seu projeto e a complexidade dos diversos papéis sociais que ocupa. É um vídeo direcionado para seu público, gravado em close-up, com o olhar direcionado para o visualizador. Destaca-se de forma salientada seu rosto, mas também uma camiseta com a expressão “+ Indetectável”, elemento simbólico fundamental para entender a aids hoje.

Figura 80: Posithividades | Lucian Ambrós – Reels *Instagram* – 26/10/2022



Fonte: [Ambrós \(2022\)](#)

Ele começa o vídeo afirmando que:

Posithividades | Lucian Ambrós: Essa é uma carta aberta pra todo mundo. Pra quem não me conhece, meu nome é Lucian Ambrós. Eu tenho agora 33 anos e eu vivo com HIV. Nos últimos quatro anos, eu me dediquei a produzir coisas, produzir conteúdos que pudessem ajudar pessoas vivendo com HIV. Nesses quatro anos, eu me dediquei a entender sobre comportamentos, eu parei pra analisar perfis, pra entender de que forma que eu conseguiria ajudar as pessoas.

A construção de seu ethos perpassa tanto a vivência com HIV quanto a sua atuação para “ajudar” outras pessoas que vivem com HIV. Esse processo transita entre os campos materiais

e subjetivos no tocante à ação ativista que ele empreende em seu canal. O projeto Posithividades se diferencia dos outros perfis justamente por dividir no perfil o espaço com o seu nome social. Lucian Ambrós, ao narrar a história do projeto, mostra que ele é individualmente a persona que tanto o desenhou quanto põe em prática. Ao avaliar afetivamente o projeto e apontar que ele precisa se sustentar financeiramente, ele justifica que a sua atuação não intenta um uso interesseiro da aids, o que pode ser confundido justamente pelo espaço já explicitado de monetização que são as plataformas de redes sociais.

O Posithividades, ele me ensinou muita coisa, e ele ensinou muita coisa pra muita gente. Porém, a gente sabe, o mundo é cruel. E falar sobre HIV, você não tem grandes aberturas. Eu tenho diversos projetos engavetados, que eu quero fazer a execução desses projetos. Mas pra fazer esses projetos, eu preciso de dinheiro. Eu tentei várias coisas pra trazer esse dinheiro. Chegou um momento que eu preciso parar de pensar o que os outros vão pensar de mim. Logo que eu iniciei o Posithividades, lá em 2017, muita gente dizia assim, "Ai, você quer ganhar dinheiro com a AIDS dos outros?" Porém, durante esses últimos quatro anos, essas mesmas pessoas não vieram me perguntar, "Ai, tu precisa de ajuda?" Sabe? "Você... como que tá as coisas aí?" Eu me virei sempre sozinho. E por isso, por me virar sozinho, eu decidi trazer um projeto novo. Então, teremos alguns serviços que serão pagos, que serão cobrados, aqui dentro da página do Posithividades. E também, e eu super prometo que esses serviços, eles vão ter valores muito baixos, que vai ser acessível pra todos. E mesmo aquelas pessoas que não tenham condições, vão conseguir estar dentro desses serviços, certo?

A carta aberta sinaliza a dificuldade que é situar o net-ativista no cenário de um perfil de rede social cujo engajamento político é atravessado pelo entretenimento. A defesa do projeto enquanto uma plataforma de ações não apenas de conteúdo digital, mas conectada a outras externas ao aplicativo indica que essa construção do diálogo perpassa a compreensão de que essas atividades possuem custo material e, portanto, a discussão sobre a monetização explicita também que os criadores de conteúdo são profissionais que atuam em um mercado em expansão.

Os projetos, eles envolvem coisas que podem ajudar pessoas que vivem com HIV a trabalharem melhor o emocional e também trabalhar melhor a questão serológica. O projeto também visa trazer renda pra quem vive com HIV e tá desempregado. A gente vai trabalhar

bastante coisas com relação ao empreendedorismo. E esses são alguns dos projetos. Tem outros também envolvendo ONGs. Enfim, tem diversos projetos. Só que pra tocar esses projetos à frente, eu preciso ter dinheiro. E pra ter dinheiro, eu preciso criar serviços pra que eu tenha esse dinheiro pra poder investir em novos projetos. Por isso, em breve, a gente vai ter novos serviços aqui dentro do Positividades. Eu vou continuar produzindo conteúdo. Tem uma biblioteca de informações pra vocês aqui. Mas teremos serviços pagos. Por quê? Porque eu estou há quatro anos produzindo conteúdo. Eu tento fazer o máximo que eu posso pra trazer informação, pra trazer segurança, pra trazer autoestima pra quem vive com HIV. Mas eu preciso avançar o projeto. Ele já tem quatro anos e eu tenho um monte de projetos pra execução. E como eu disse pra vocês, não tenho dinheiro. Eu entendo que muita gente vai me criticar, vai dizer porque ganhar dinheiro à custa dos outros, porque isso, porque aquilo, porque tem que ser gratuito.


Por fim, Lucian Ambrós explicita a importância de tornar público e gratuito o acesso à informação sobre o HIV, reforçando o custo financeiro para este trabalho e apontando que seu projeto mira a capilaridade em outros espaços, ações e eventos, o que é muito comum para os net-ativistas de aids que se destacam como influenciadores digitais (e vice-versa), por conta de sua projeção algorítmica estatisticamente satisfatória. A carta aponta que contexto de realização no Instagram pode ser um ponto de partida para interações com outras práticas e eventos sociomateriais externas a ele. A minha observação nos perfis é a de que essas ações externas “presenciais” são muito comuns e, em movimento interdiscursivo, são recontextualizadas como conteúdo nas redes. Reitero que o “eu” da carta se imiscui ao projeto ao perfil do Instagram que é central nas ações de seu ator social.

Eu entendo que falar sobre HIV precisa ser gratuito e as pessoas precisam ter acesso. Só que eu tenho várias propostas de projetos que eu não posso executar porque eu não tenho abertura de ter dinheiro pra poder fazer isso. Então, eu busquei algumas maneiras de poder trazer isso. E se você quiser criticar e se você não achar certo, tá tudo bem, eu super entendo. Mas eu estou tentando fazer a diferença na questão da HIV. Eu tô tentando trazer coisas novas que possam auxiliar as pessoas. Se você não gosta, guarde pra você. Porque eu vou tentar fazer o máximo até quando eu puder pra trazer coisas novas, pra poder produzir coisas que auxiliem pessoas vivendo com HIV. Esse é meu recado pra vocês. Espero que compreendam. Nada vai mudar, vou continuar produzindo todos os conteúdos. Só que a

gente vai ter mais alguns serviços, alguns catálogos de serviços que vocês vão poder acessar. Eles logo vão ser lançados, então aguardem. E eu espero que compreendam que eu preciso avançar. Eu preciso levar positividade a outros projetos. Eu tenho coisas, só que me falta dinheiro. Beleza? Então é isso. E boa noite pra vocês. E obrigado por todas as felicitações de aniversário. O meu desejo é que o Positividades cresça e consiga atingir várias pessoas de várias outras formas. É isso. Até mais.

Obviamente, há diferenças entre os diversos perfis, mas essa carta pode ser considerada uma síntese mais detalhada de como os perfis de net-ativistas e influenciadores digitais de aids constroem seus eus políticos e desenham seus projetos no Instagram a partir de valores sociais que situam seu ethos em termos de ética, emoções, razões a partir dos textos-interações com propósitos retóricos bem explícitos (Vieira, 2022).

3.3.2.3 Esquadrinhando dados em redes: os gêneros multimodais globais e o espaço-tempo conversação

 **Publique conteúdo original, evite conteúdo repetido.** À medida que recomendamos mais conteúdo no Instagram, continuamos trabalhando para que o crédito, a distribuição, o crescimento e a monetização sejam do criador original. É menos provável que recomendemos publicações de um reel que já está no Instagram, conteúdo com marcas d'água perceptíveis ou contas que coletam e compartilham regularmente o conteúdo de outras pessoas em seus feeds. Dica profissional: use a ferramenta Remix para adicionar seu toque pessoal a um reel popular (DICAS, 2023).

A orientação acima está situada na página oficial do *Instagram* dedicada aos criadores de conteúdo em uma seção de dicas para o aumento do alcance. Logo, há um estímulo para que sejam produzidos mais conteúdos porque eles serão engajados pelo algoritmo da plataforma. Eu preciso falar sobre um outro tipo de engajamento. O envolvimento nos eventos comunicativos e textualidades muito mais dispersas e pouco estruturadas que caracterizam as redes sociais não é exatamente proporcional à observação participante tradicional (pois não necessariamente envolve conversar com pessoas, entrevistá-las ou mesmo trocar mensagens com ela). Nessa discussão sobre a dimensionalidade do campo digital, compreende-se que o engajamento netnográfico da pesquisa não se limita a baixar, armazenar e codificar o conteúdo a ser analisado. A geração de dados em uma pesquisa netnográfica discursiva e sua posterior análise deve refletir e capturar uma atividade intelectual e de engajamento emocional nos sites de redes sociais, pois a “a netnografia requer, portanto, uma abordagem estruturada e

disciplinada para o envolvimento imersivo na pesquisa qualitativa de mídias sociais. Engajamento significa manter um tipo especial de notas de campo netnográficas em um diário de imersão” (Kozinets, 2019, p. 135-136).

As notas de campo netnográficas desta pesquisa me remeteram a uma história que não cessa de ser recontada e de uma genealogia que se constituiu a partir do engajamento imersivo realizado em sites de redes sociais como o *Youtube*, o *Spotify* e o *Instagram*. A partir do mergulho nesses sites elaborei uma categoria, o elemento conceitual em comum que estruturava ontologicamente as práticas sociais dos atores que discutiam HIV/Aids em seus canais e perfis nas redes sociais digitais: o entretenimento. No processo inicial de organização da *investigação*, percebi que a característica mais premente naqueles dados era a *intertextualidade*, a recorrente menção (e frequentemente explícita) da proveniência da aids em cada conteúdo. O que foi a aids em suas primeiras décadas sempre aparecia de alguma forma no que é atualmente a aids. Ao dizer o que é a aids hoje, exige deles a retomada do que ela foi e a desconstrução de um dispositivo que, através de estruturas de poder de mídia hegemônica, produzia em larga escala representações discursivas e as fazia circular virulentamente de forma transnacional.

Essas representações multissemióticas, ultracarregadas simbolicamente, ensejaram a criação de símbolos coletivos que mobilizaram uma produção de subjetividade calcada pela abjeção: é a gênese do aidético. No mesmo átimo, e como resultado do novo cenário dialógico propiciado pela cultura de massas e da emergente cultura das mídias, os novíssimos ativismos de aids acionaram mídias alternativas e formulações estéticas e semióticas como ferramentas de resposta à crise. Essa ressignificação envolveu a singularização da experiência das pessoas vivendo com HIV/Aids a partir de uma proposta de abjeção minorada, da queerização dos dispositivos da aids. Os ecos sociossemióticos dos estigmas ainda persistentes mobilizavam códigos de outros espaço-tempos e esse exercício de retomada e ressignificação era realizado pelos net-ativistas e influenciadores digitais de aids. Quando eu montei esse esquema, *defini que minha pesquisa sincrônica seria o pretexto e a mola propulsora para a montagem de uma genealogia da aids a partir da análise de um dispositivo muito específico: o da aids-entretenimento*. Os fios discursivos dos dados que circulam pelo Instagram se conectavam às histórias da aids de múltiplas formas e, em sua atualidade, ainda suscitam processos de subjetivação – que resultam em abjeção. Meu interesse situou-se justamente nesse ciclo de retroalimentação sociodiscursiva e material.

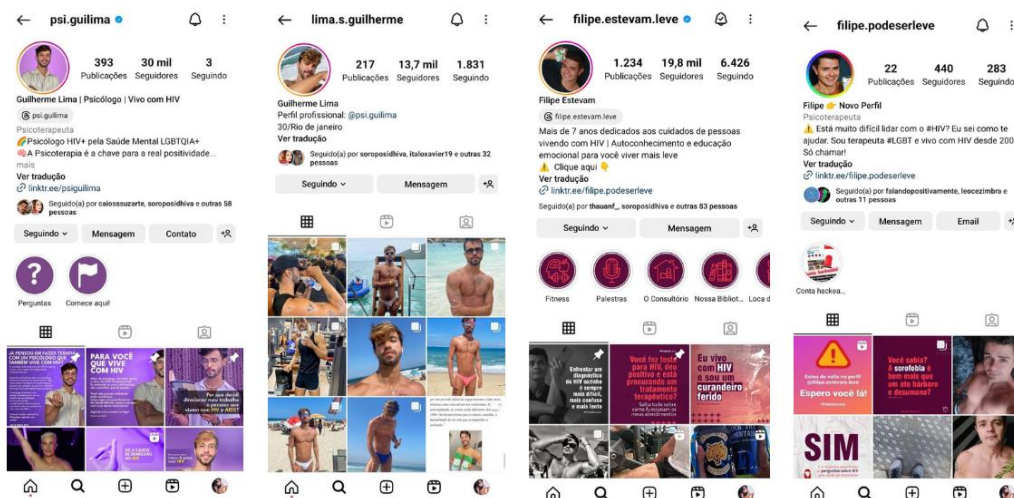
Redefinidas as perguntas, as rotas a serem mapeadas e as metas vislumbradas, intensifiquei minha interação com o campo digital e, a partir dele, fui desenhando os mapas diacrônicos da genealogia, em uma cartografia multissemiótica espaçotemporalmente plural

costurada às notas de campo netnográficas e, por conseguinte, cartográficas. As operações de interrogação se seguiram por toda a pesquisa, me ajudando a construção de perguntas mais assertivas sobre a aids-entretenimento. O passo seguinte se concentrou nas operações de geração que orientariam uma abordagem sistemática e metodicamente estruturada para a construção de um conjunto de dados a partir de um site de dados de mídia social: o *Instagram*; concomitantemente, ocorria o mapeamento de produtos midiático-culturais da cartografia documental, atravessada pelo conjunto de reflexões teórico-metodológicas que impulsionam a pesquisa.

No *Instagram*, defini como principal fonte dos dados dois campos específicos entre as muitas partes da complexa plataforma: as imagens e os vídeos (*reels*). Alguns usuários possuem mais de um perfil de Instagram, distinguindo a sua persona de criador de conteúdo ou profissional do perfil pessoal – alguns criam um perfil reserva, recurso bastante utilizado para caso haja alguma ocorrência com a conta e ela fique indisponível. Algumas inferências sobre *ethos* podem ser feitas a partir desse movimento de perfis bifurcados: com o crescimento da plataforma em número de usuários e com a fama online adquirida, separar postagens pessoais e mais íntimas proporcionaria mais privacidade e fortaleceria o *status* profissional e o caráter de expertise proposto pelo perfil que trata de HIV/Aids a partir da organização em *ethos* bem definidos.

Apesar da plataforma distinguir os perfis a partir das categorias pessoal, criador de conteúdo e profissional/comercial, nem sempre fica claro para os outros usuários em qual definição o perfil se encaixa, principalmente porque o criador de conteúdo geralmente fica numa zona fronteira entre os outros dois (e se pode ocultar essa informação da bio no perfil). Ressalto que esses múltiplos perfis não necessariamente resultam no cumprimento fidedigno do que seria a etiqueta rígida de cada perfil – eles podem se confundir nas postagens. Dois perfis analisados explicitamente atuam como psicólogos/terapeutas, mas um apenas um deles possui perfil pessoal separado, o outro possui perfil reserva.

Figura 81: Da direita para a esquerda: perfil profissional e pessoal de Psi Guilherme Lima e depois o perfil profissional e o perfil reserva de Filipe Estevam



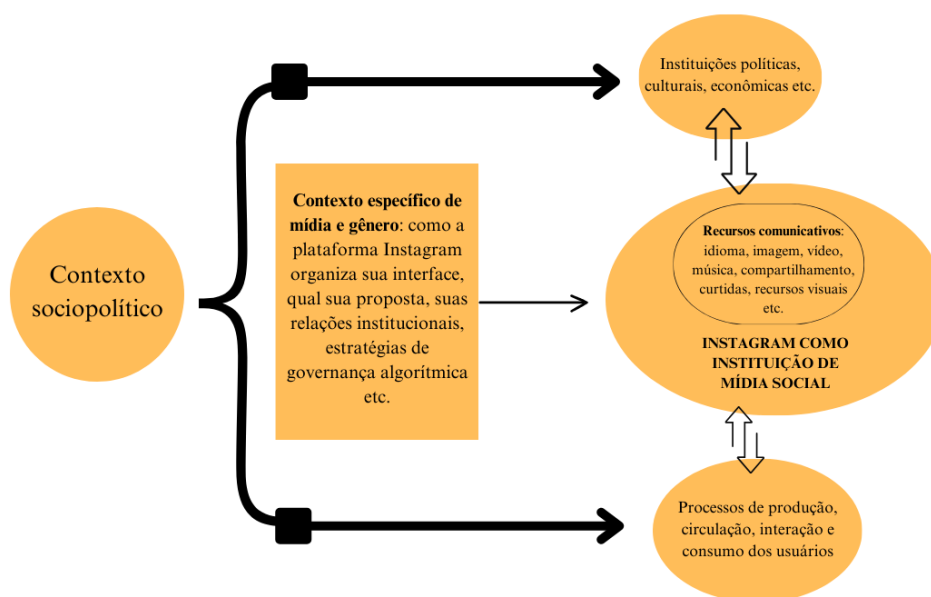
Fonte: elaboração do autor, com base nos perfis analisados

Os sites e textos disponíveis na internet caracterizam-se pela a-historicidade porque estão sujeitos a mudanças contínuas constantemente, como as frequentes atualizações na plataforma do Instagram. Essa dinâmica gera desafios mais amplos em relação à replicabilidade e transparência da seleção e análise de dados, especialmente quanto à sistematicidade e comparabilidade dos conjuntos de dados. Por isso, a minha escolha netnográfica discursiva não se interessa em testar, a partir de uma base gigantesca de dados, suposições sobre o contexto sociopolítico estudado, mas inserir uma lente de visão mais ampla nas práticas diferentes e variadas em uma plataforma de mídia social específica e na captura das nuances das interações individuais. Destaca-se que as mídias sociais digitais são, por natureza, interativas, multissemióticas e centradas no usuário, diferenciando-se da natureza unidirecional dos fluxos de mensagens na mídia tradicional (Khosravinik; Unger, 2016, p. 209).

O contexto de pesquisa das plataformas de mídias sociais impõe desafios às teorias estabelecidas nos Estudos Críticos do Discurso, estudos de mídia e campos relacionados. Os desafios metodológicos oferecidos pelas mídias sociais proporcionam oportunidades para diálogos teórico-metodológicos, os quais, nesta pesquisa, acionam as abordagens propostas por Robert Kozinets (2019) e Majid Khosravinik e Johann W. Unger (2016). Essas abordagens incorporam pressupostos da análise do discurso mediado por computador (CMDA) de Susan Herring (2007) e a etnografia online centrada no discurso (DCOE) de Jannis Androutsopoulos (2008). Dessa forma, a análise de um corpo de dados linguísticos relacionados a um tópico específico é situada e explicada em relação a um contexto sociopolítico com uma abordagem crítica para construir redes genealógicas sobre a aids.

Para estudos envolvendo dados de mídia social, é crucial considerar que os dados gerados pelo pesquisador devem ser analisados em seu novo contexto interativo, considerando a socialidade da comunicação como a principal qualidade da prática textual na Web participativa. Apesar das distinções entre “conteúdo gerado pelo usuário” e conteúdo tratado para a análise, há um *ethos* geral de “crowdsourcing”⁵⁸, em que o conteúdo gerado pelo usuário e os textos formais competem entre si pelo destaque e atenção. A forma e qualidade da comunicação em mídias sociais são influenciadas pelas características da instituição de mídia, incluindo sua organização e vinculação às estratégias de governança algorítmica. Portanto, a análise inicial da linguagem nas mídias sociais deve considerar como a comunicação é proporcionada dentro dessas instituições e como diversos discursos podem ser mantidos, perpetuados, facilitados e construídos dentro desse contexto. Além disso, é crucial considerar os subgêneros da comunicação dentro das convenções estabelecidas de gênero.

Figura 82: As dinâmicas do texto, da sociedade e das instituições de mídia social



Fonte: Adaptado de Khosravinik e Unger (2016, p. 214)

⁵⁸ O crowdsourcing envolve a obtenção de trabalho, informações ou opiniões de um grande grupo de pessoas que enviam os seus dados através da Internet, das redes sociais e de aplicações para smartphones. As pessoas envolvidas no crowdsourcing às vezes trabalham como freelancers remunerados, enquanto outras realizam pequenas tarefas voluntariamente (Khosravinik e Unger, 2016).

As imagens

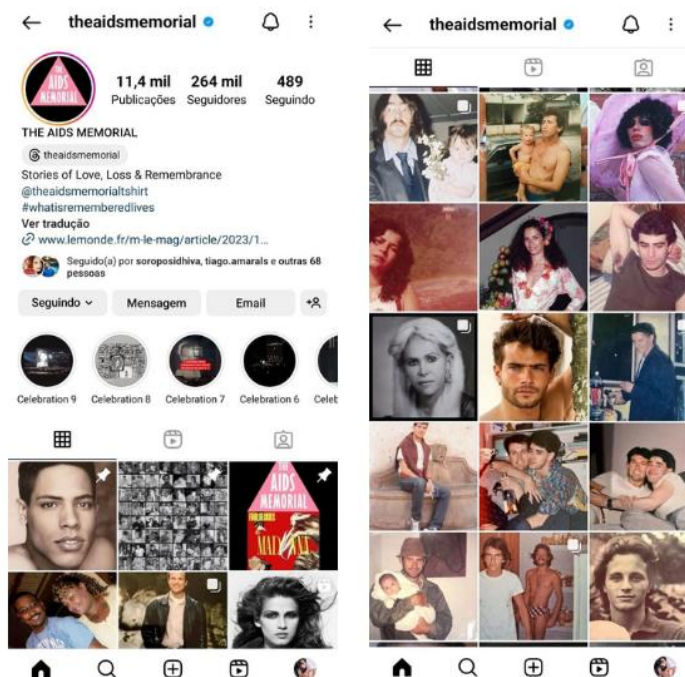
O *Instagram* se difunde como um aplicativo que agregaria suas redes sociais em torno do registro fotográfico, como um diário virtual imagético. O design do aplicativo e de sua logomarca foram claramente inspirados na clássica câmera fotográfica instantânea da empresa Polaroid. O *Instagram* se notabilizou pela captura instantânea de fotos em formato quadrado, com filtros que possibilitavam adicionar estilos distintos às imagens, enquanto os usuários podiam interagir e a capacidade dos seguidores curtindo ou comentando as fotos. Além disso, definitivamente contribuiu para consolidar a cultura da selfie. Vale ressaltar que ele não foi o pioneiro em compartilhamento de fotos, filtros ou formatos quadrados, mas seu sucesso derivou, em parte, da eficaz integração e equilíbrio desses elementos, que já existiam em outros aplicativos anteriores à plataforma (Leaver; Highfield; Abidin, 2020).

A fotografia não apenas registraria o passado, mas proporciona uma nova maneira de lidar com o presente, como menciona Susan Sontag (2004). Além de preservar memórias, a fotografia sempre foi um instrumento de comunicação e compartilhamento de experiências. Com o advento da fotografia digital, houve uma mudança na experiência de se envolver com o momento presente, especialmente com câmeras mais acessíveis. A capacidade expandida de capturar imagens, a natureza descartável das fotos digitais e a facilidade de seleção e exclusão contribuíram para a onipresença da fotografia no cotidiano (Leaver; Highfield; Abidin, 2020).

Como parte fundamental da história da aids, a fotografia do rosto e do corpo das pessoas que vivem com HIV são simbolicamente pujantes, mesmo que não haja nenhuma referência na postagem ao HIV ou à aids. O ato de “biscoitar”⁵⁹ se torna político quando a cadeia intertextual construída em torno daquele rosto (e corpo) foram sinônimos da deterioração causada pela aids em décadas anteriores. O perfil do *Instagram* “The Aids Memorial” se dedica, em movimento duplo, a recontar em forma de homenagem as biografias de vítimas da aids nas legendas das imagens, principalmente das décadas de 1980 e 1990, e a ressignificar as fotografias dos rostos delas em paralelo às suas histórias.

⁵⁹ O que é “pedir biscoito”? Conheça a gíria que está bombando na internet - “Nas redes sociais, principalmente no Instagram, a quantidade de selfies postadas é mil vezes superior a qualquer outro tipo de publicação. O close, sabe como é, não tem limites. E com essa inundação de autorretratos, talvez você já tenha passado por alguns comentários como: “você é biscoiteiro, hein?”, “tá pedindo biscoito”, “você quer biscoito?” - e todas as variações que essa frase possa ter, incluindo emojis de biscoito. A gíria “biscoiteiro” -- um adjetivo nos tempos atuais -- vem do verbo “biscoitar”. Um dicionário próprio dos *millennials*. O significado de “biscoitar” é: chamar a atenção, fazer algo para ganhar elogios na internet. Tudo isso com o toque de brincadeira e deboche. Um sinônimo adequado seria o “querer confete” (Frank, 2019).

Figura 83: The Aids Memorial: biografias e rostos ressignificados



Fonte: elaboração do autor, a partir de Instagram (2023a)

Para Veum e Umdrum (2018), em pesquisa sobre a disseminação das selfies em nível mundial pelo Instagram, o ato de apontar a câmera para si mesmo e tirar um autorretrato transformou esse formato de fotografia em um gênero multimodal global. A selfie é uma foto capturada por uma pessoa usando um smartphone, câmera web ou outro dispositivo tecnológico, frequentemente compartilhada em redes sociais com legendas personalizadas. Essa prática se popularizou com a convergência da câmera digital e do celular, distinguindo-se dos autorretratos tradicionais por ser fácil de realizar, não exigindo habilidades complexas de fotografia ou apuro estético.

Segundo Veum e Umdrum (2018, p. 14), os indivíduos que publicam autorretratos no Instagram não necessariamente possuem alvos comerciais, mas a participarem dessa cultura visual, eles enquadram suas imagens a uma linguagem multimodal homogeneizada, contribuindo para a difusão de valores e interesses corporativistas. Conforme discutido, as PVHIV causam impacto ao fazer do seu rosto uma operação de ressignificação da violência que receberiam por conta de sua sorologia. Não necessariamente *selfies*, os close-ups e olhares direcionados ao visualizador – maior parte das imagens – comunicam e demandam simbolicamente o diálogo a partir de uma diferença que opera a partir das reminiscências da abjeção.

Os dados gerados a partir das imagens estáticas e fotografias foram selecionados basicamente pela abordagem explícita do HIV/Aids na postagem, seja literalmente na imagem ou na legenda. Há postagens cujas imagens não são necessariamente fotografias, mas cards com texto verbal usualmente utilizados para informar sobre algum tópico (alguns utilizam também imagens do influenciador). Destaco que mesmo as imagens que não foram consideradas como dados principais, como as fotos mais pessoais e “biscoiteiras”, se conectam a essa discursividade simbólica do corpo ressignificado diante da figura do aidético e causam impacto nos visualizadores que acompanham essas redes. Enfim “as imagens desempenham um papel importante na forma como experienciamos estar no mundo e, cada vez mais, devido à omnipresença da interação online, na forma como “moldamos” o nosso mundo” (Gómez; Tiidenberg, 2015, p. 79).

Os vídeos (reels)

O *Instagram*, inicialmente, era apenas um dos diversos aplicativos de câmera e compartilhamento de fotos disponíveis. Desde suas primeiras versões, a identidade visual da plataforma evocava formas familiares e retrô de fotografia. No entanto, essa estética inicial, que tinha uma relação direta com o universo fotográfico, foi gradualmente diluída em sua interface, ícones e logomarca à medida que o aplicativo expandia suas funcionalidades e escopo. A evolução visual do *Instagram* reflete tendências mais amplas nas mídias sociais, acompanhando o aumento das capacidades oferecidas aos usuários. Desde os posts quadrados iniciais até a incorporação de vídeos curtos, carrosséis de imagens e, posteriormente, os *Stories*, com ou sem filtros, o conteúdo do *Instagram* ao longo do tempo, as mudanças na identidade visual e estética da plataforma coincidem com ampliações em seu escopo e funcionalidades, indicando alterações nos tipos de conteúdo e interação incentivados (Leaver; Highfield; Abidin, 2020).

Gradativamente, o *Instagram* se concentrou nos vídeos curtos e, conforme essa tendência foi ampliando, os perfis analisados começaram a focar nesse conteúdo, apesar das imagens ainda serem utilizadas com frequência. Se as selfies e as fotografias de close-up com olhar direcionado ao visualizador se tornaram um gênero multimodal global, a plataforma estabelece como padrão os vídeos verticais curtos com limite máximo de 90 segundos organizados por um dinâmico sistema algorítmico. Ao criar os Reels⁶⁰, uma seção específica

⁶⁰ O *Instagram* lançou o Reels em 2020 como uma resposta ao sucesso do TikTok. O recurso permite que os usuários criem e compartilhem vídeos curtos com música, efeitos e outras ferramentas de edição. Inicialmente, os

para a visualização desses vídeos verticais curtos, os seus recursos composicionais tornam-se o parâmetro de todo o aplicativo (também é um padrão para os Stories e para as transmissões ao vivo). O termo “reels” literalmente significa “carretel” e está associado à dinâmica de apresentar novos vídeos à medida que percorremos sua seção, evocando a ideia de desenrolar como em um carretel de filme. Enfim, os vídeos verticais se tornaram fundamentais por um motivo básico: a sua capacidade de preencher a tela dos smartphones, de modo geral padronizados em formato *widescreen* 16:9, praticamente sem bordas e com mais espaço para a tela ocupar a frente dos dispositivos.

Para a visualização dos vídeos em formato vertical, ele é produzido – ou adaptado – para a proporção 9:16. Mas por que no formato de visualização vertical? Conforme aponta Kathleen Ryan (2018, p. 3), em estudo sobre a ruptura do paradigma estético a partir dos vídeos verticais, a tela dinâmica horizontal utiliza nossa visão periférica e pode influenciar a forma como interpretamos uma imagem a partir dos elementos que se situam entre esquerda, centro e direita. No entanto, o movimento, a cor e a presença de um rosto humano são fatores que atraem o olhar, independentemente de onde na tela a ação ou personagem esteja localizada. Essa constatação tem implicações significativas para a visualização vertical, destacando que é a imagem, e não a orientação da tela, que desempenha um papel crucial nela. Imagens que utilizam eficientemente a tela serão capazes de atrair os olhos para a ação ou objeto em questão.

Embora os smartphones tenham câmeras tecnologicamente sofisticadas e que rivalizam com a tecnologia de vídeo de ponta possui limitações, como por exemplo, a visualização de filmes feitos para a TV ou cinema. As “telinhas”, como Tom Gunning (2006, 382 *apud* Ryan, 2018, p. 9) as chamou, representam um cinema de atração(ões), que amplia a ideia da exibição de um conteúdo para o espectador, mas irrompe deliberadamente o mundo fechado da imagem

Reels tinham duração máxima de 15 segundos. Em setembro de 2020, esse limite foi aumentado para 30 segundos. Em 2021, o limite foi novamente aumentado para 60 segundos. Em 2023, o limite foi aumentado para 90 segundos. O Reels é um recurso popular no *Instagram*, com bilhões de visualizações por dia. Ele é usado por criadores de conteúdo para compartilhar vídeos de humor, dança, música, moda, culinária e muito mais.

Cronologia da evolução do Reels:

2020: Lançamento do Reels com duração máxima de 15 segundos.

2020: Aumento do limite de duração para 30 segundos.

2021: Aumento do limite de duração para 60 segundos.

2023: Aumento do limite de duração para 90 segundos.

No feed, a duração do vídeo vai de 3 segundos a 60 minutos de duração.

Fontes: Anúncio do Reels: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/154437-instagram-anuncia-reels-novo-recurso-rivalizar-tiktok.htm>; Tempo para 30: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/09/instagram-aumenta-tempo-de-duracao-dos-vidEOS-do-reels-e-facilita-edicao.ghtml>;

Tempo para 60: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/07/instagram-aumenta-duracao-maxima-do-reels-para-60-segundos.ghtml>; Tempo para 90: <https://mundoconectado.com.br/noticias/v/25873/instagram-lanca-novas-funcoes-na-sua-guerra-contra-o-tiktok>.

em movimento para demandar a atenção e a interação do espectador. *A quarta parede tradicional entre o espectador e a imagem em movimento é, no mínimo, desgastada*. Isso é evidenciado pela popularidade de vídeos criados especificamente para telas de smartphone, como os produzidos em aplicativos de redes sociais como o Tik Tok ou o Instagram. Esses vídeos, cujas narrativas muitas vezes são curtas e não lineares, variam de tomadas amplas a sequências rápidas, close-ups, abstratas ou incluem fragmentos de frases fora de contexto faladas pelo criador do vídeo em uma espécie de confessionário na tela, desafiando o espectador a criar significado – ou apenas consumi-lo sem muita reflexão. O resultado é frequentemente descrito como “viciante” (Ryan, 2018, p. 9).

Os Reels também apresentam características do chamado cinema de atração(ões). Não apenas rompem ativamente a quarta parede, mas o fascínio que esses vídeos exercem sobre os espectadores desempenhariam uma função semelhante aos close-ups dos filmes clássicos, que eram atrações por si mesmos, sem uma conexão direta com funções narrativas (Ryan, 2018, p. 9). Ao contrário das convenções das proporções de aspecto da televisão ou dos filmes esperadas pelos espectadores, os vídeos verticais no Instagram possuem uma proporção de 9:16. Essa proporção seria ideal para reprodução em telas pequenas de smartphones, além disso, o uso generalizado de vídeos verticais é impulsionado pelas taxas aparentemente superiores de engajamento do que de outros formatos.

Definitivamente, contribui para isso o modo ergonômico facilitado com que seguramos o dispositivo para assistir os vídeos, enquanto, ao adentrar nossos sentidos, experienciamos o prazer proporcionado por essa forma de consumo tão bem encaixada em nossas mãos⁶¹. A singularidade desse formato da tela inteiramente ocupada proporciona um mergulho nela, a imersão do usuário na dimensão do aplicativo, ao passo que os vídeos curtos sendo exibidos automaticamente – e em série – ou substituídos pela fácil rolagem com os dedos prende o usuário o máximo de tempo possível. A governança algorítmica atua, a partir do perfilamento de cada usuário, na construção desse catálogo ininterrupto da seção de Reels. Vale ressaltar que há uma diferença entre a dinâmica sempre cambiante da seção geral de Reels do aplicativo e a

⁶¹ “Ao discutir a orientação do vídeo gravado em smartphones, torna-se importante considerar o prazer que o usuário obtém com o ato de filmar e como o dispositivo é normalmente usado. O smartphone foi projetado para ser segurado com uma mão na posição vertical; uma orientação horizontal parece estranha ou requer as duas mãos para estabilizar o dispositivo (que é mais alto do que largo). O disparo horizontal minimiza a experiência sedutora. Da mesma forma, ao visualizar imagens traseiras no smartphone, o vídeo orientado verticalmente ocupa toda a tela quando o dispositivo está orientado verticalmente, assim como a imagem horizontal ocupa quando o telefone está orientado horizontalmente. Os vídeos em paisagem e retrato parecem igualmente distorcidos e igualmente errados quando visualizados em sua orientação não nativa. Isso representa um problema para o YouTube, o Vimeo e outros serviços de compartilhamento de arquivos de vídeo baseados na web. Vimeo (2004) e YouTube (2005) estrearam antes da ampla adoção de câmeras para celulares” (Ryan, 2018, p. 11, tradução minha).

seção específica de Reels que armazena cada vídeo postado durante a trajetória do perfil (foi justamente nessa parte que fiz a geração de dados). No tocante ao funcionamento da governança algorítmica na seção dos reels, o Instagram explicita quais vídeos o algoritmo priorizará em seu rolo de exibição e quais serão menos exibidos.

Quadro 10: A governança algorítmica no *Instagram*

O Instagram recomenda reels que	Nosso objetivo é mostrar menos reels que
Sejam atraentes para um grande público;	Estão sem som, são desfocados ou tem baixa resolução;
Inpirem as pessoas a criar (por exemplo, começar uma tendência da qual outras pessoas possam participar);	Contêm bordas, logotipos, marcas d'água;
Tenham música da biblioteca de música do Instagram ou áudio original feito com a ferramenta Áudio no Reels;	Tem a maior parte da imagem coberta por texto;
Foram filmados verticalmente;	Não são vídeos originais;
Mostrem eventos significativos e relevantes para a nossa comunidade.	Concentrem-se em temas políticos;
	Violem as nossas Diretrizes da Comunidade (por exemplo, contenham discurso de ódio ou violência explícita) ou Diretrizes de Recomendações.

Fonte: Instagram (2023c)

Destaco como nessa orientação dos vídeos a serem mais impactados pelo impulsionamento do algoritmo está a noção na ênfase nos vídeos atrativos para grandes públicos e que criem tendências, as famosas *trends*, fenômenos temáticos e/ou com formato específico que se tornam famosos e são replicados continuamente, isto é, que viralizam, mas sendo remixadas, refeitos por outros diversos usuários. Mais uma vez, o foco é na ação-interação-relação a partir do próprio conteúdo que circula na plataforma e do uso de seus recursos de edição para alterá-lo, por isso, é desestimulado apenas o compartilhamento sem nenhuma alteração. Outro ponto que chama atenção é desengajamento de reels com temas políticos, porque o uso do termo “político” é impreciso e ambíguo. A estratégia dos influenciadores digitais, e isso vale para os perfis analisados nesta pesquisa, é moldar os conteúdos políticos a partir da lógica do entretenimento, isto é, adequação a uma linguagem

mais informal, com recursos visuais mais diversos e atrativos, o uso de memes e a inserção deles no formato da tendência mais engajada do momento.

O novo paradigma visual que se apresenta a partir da estética do smartphone é parte do processo de descentralização dos modos de comunicação a partir da presença maciça e indispensável dos dispositivos tecnológicos e suas interfaces que compõem essa nova ecologia comunicativa remodelada pela e para as conexões digitais. O telefone há muito não serve apenas para realizarmos chamadas telefônicas, mas funciona como um centro portátil de multimídia e mensagens para todos os fins que everte sobre o mundo e os sujeitos transformando-os – e em um processo de retroalimentação, afetando e impulsionando para mudanças as tecnologias.

Desse modo, a orientação da imagem é resultado das demandas do vídeo e da experiência de entretenimento que é proporcionado pelo seu consumo: é como se fosse um cinema de atração(ões) em um nível mais pessoal e íntimo. Destaca-se a função multimodal de interação, principalmente pelas fotografias compostas a partir do olhar frontal direcionado ao visualizador e pelos close-ups. Na imagem a seguir, os medicamentos antirretrovirais dispostos na mesa adquirem um valor diferenciado na composição pois estão postos à mesa e não escondidos, isto é, são ressignificados como parte da rotina. O potencial de significado de ambos estabelece relações com repertório imagético da aids, seja pela ênfase no corpo ou nas tecnologias farmacológicas.

Figura 84: Vídeos verticais: reel de Evandro Manchini e story de Filipe Estevam | Terapeuta HIV+



Fonte: elaboração do autor, com base nos perfis analisados

Nos registros realizados em vídeo vertical por Evandro Manchini e Filipe Estevam | Terapeuta HIV+, o primeiro registrado na seção de Reels e o segundo na seção de Stories, ambos exibem experiências do seu cotidiano em suas plataformas. Evandro Manchini interage com seu público a partir da caixa de perguntas sobre HIV enquanto se exercita na rua, já Filipe Estevam | Terapeuta HIV+ apresenta um vídeo de sua rotina diária com os medicamentos antirretrovirais, inclusive utilizando como fundo sonoro e referência intertextual a música “Cotidiano” de Chico Buarque. Esses vídeos foram concebidos não para exibição em telas “maiores” de televisão, computadores ou filmes, mas para a tela autônoma do smartphone e a conexão criada com os seguidores simula a de amigos e familiares acompanhando-os.

O movimento da câmera e a ação da tela em ambos, mais do que vetores, atraem os espectadores para a imagem, seja do personagem em tela ou das medicações. Os vídeos produzidos assemelham-se mais a um instantâneo do que a uma produção editada, cujas escolhas estéticas e formais se aproximam mais da estratégia interativo-relacional de aproximação da discussão sobre HIV/Aids com a banalidade do cotidiano do que pela praticidade econômica do formato. Segundo Ryan (2018, p. 13), “mais do que uma troca entre espectador e filme, é uma troca entre criador e dispositivo. É uma produção de imagens em tela pequena, onde horizontes expansivos perdem detalhes e clareza, e o íntimo e o pessoal imperam”.

Os vídeos verticais curtos (reels) e as selfies (e outras fotografias com olhar de demanda e proximidade com o visualizador) tornaram-se gêneros multimodais globais em que o formato, a estética e a composição e os modos de interação-relação sobressam em relação às representações e às identificações, não ignorando-as, mas moldando-as dentro de uma ecologia comunicativa eletrificada e de criação e consumos contínuos. Destaca-se que orbita em torno deles as manifestações verbais e imagéticas (uso de emojis e gifs) nas legendas, nos textos sobrepostos aos vídeos e imagens, as hashtags, as reações sociodiscursivas e os comentários. O resultado são novas formas de experiência de conteúdos e da interação por conta das inovações visuais e espaciais.

O smartphone exemplifica uma característica das novas mídias digitais ao remodelar a noção de orientação de tela, dentro de uma estética midiática, em um processo dinâmico e inovador, que constantemente se rearranja em torno de arquiteturas comunicativas não somente saturadas por imagem e som, mas potencialmente interativas. Os usuários não optam por vídeos verticais porque ignoram a orientação tradicional do vídeo, tampouco por preguiça de girar o telefone 90 graus para uma orientação de vídeo “adequada”. Essa escolha por vídeos verticais decorre da adequação à tecnologia, representando uma transformação na estética da imagem

em movimento (Ryan, 2018, p. 14). *Reiterando, neste corpus se concentraram os vídeos curtos verticais (reels) e as imagens (fotografias e cards) que explicitamente abordaram o HIV/Aids situados nos perfis dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids desde a criação do seu perfil até 31 de julho de 2023. Por serem componentes estratégicos e seções específicas da plataforma, considero-os como um híbrido entre suporte, o meio no qual se materializam os gêneros discursivos, e também gêneros multimodais, isto é, são gênero-suportes.*

Espaço-tempo e conversação no Instagram

Independentemente das escolhas estéticas nas postagens, stories ou transmissões ao vivo no Instagram, três aspectos são essenciais para o funcionamento da plataforma: a mobilidade, a sociabilidade e a visualidade. Conteúdos novos são compartilhados por meio do aplicativo móvel, priorizando a interação social e o elemento visual. Postar em um perfil implica compartilhar o conteúdo como um ato social, mesmo que o público seja apenas um visualizador; há uma dinâmica de compartilhamento necessária para adicionar conteúdo ao Instagram. Em última análise, o novo conteúdo requer um componente visual, seja foto, ilustração, citação, texto renderizado, vídeo ou story baseado em texto verbal. A apresentação desse conteúdo ainda é centrada no visual; não é possível postar uma legenda sem um elemento visual, pois elas fazem parte integrante da composição (Leaver; Highfield; Abidin, 2020).

A combinação única desses três elementos também diferencia o Instagram de várias outras plataformas que adotam abordagens distintas para alguns ou todos esses elementos. Contudo, o Instagram é apenas um entre muitos sites e plataformas online e móveis que utilizam esses elementos para estimular a participação do usuário, fomentar a comunicação social ou promover tipos específicos de conteúdo. Em suma, o Instagram faz parte de uma ecologia visual mais abrangente das mídias sociais, em que são ontologicamente redefinidos as tecnologias e os modos de comunicação-interação nela realizadas. Em termos de ambientação comunitária da interação, destaco que se configura nele um comunitarismo digital materializado nos complexos e variados recursos semióticos-simbólicos que explicitam a ação para a interatividade.

A mobilidade dos dispositivos enseja uma nova corporificação, na qual dois corpos, o do smartphone e o do usuário tendem a imiscuir-se. A ideia de portabilidade de um sistema comunicativo nas mãos impulsiona uma estética que inclui a compressão de imagens em movimento naquele aparelho: os smartphones transformaram a linguagem corporal (e como o corpo vê o dispositivo móvel), assim a mídia móvel opera entre a fotografia, o vídeo e a internet,

ao mesmo tempo em que se estabelece novos vínculos. A imensa quantidade de mídia convergindo em um espetáculo de informação/dados pode tornar confusa a definição dos gêneros discursivos que ali circulam, mas a síntese de seu consumo a partir de uma interface que conecta todas as partes enfatiza a experiência original (Ryan, 2018, p. 14).

A noção de interação face a face ou mediada é gradativamente borrada ao pensarmos uma sociedade mista cujas fronteiras entre as dimensões digital e física são cada vez mais tênues. O espaço físico é configurado para fins de fotografia em smartphones, selfies e compartilhamento social. Os locais tornam-se interligados com as marcas no Instagram, à medida que eventos e experiências se tornam oportunidades para uma maior mediação de conteúdo comercial e à medida que os locais se tornam marcados através de estratégias deliberadas de representação visual e de campanhas com slogans sociais através de hashtags. A experiência espacial promovida pelo Instagram e outras plataformas digitais está mudando nossa experiência com a espacialidade.

A relação com o tempo é modificada, já que os padrões estéticos e comunicativos superam as pressões temporais. Para os usuários, a urgência de postar no exato momento do registro perde importância em comparação com a qualidade do conteúdo compartilhado – a não ser que seja um conteúdo menos elaborado propositalmente para o campo dos Stories, por exemplo, e mesmo esses demandam algum nível de planejamento. A temporalidade no Instagram é ainda mais complexa devido à apresentação do conteúdo na plataforma. As postagens no feed são indicadas temporalmente em relação ao momento atual, exibindo informações como "4 minutos atrás", "7 horas atrás", "2 dias atrás" e assim por diante. Embora os metadados incluam a hora e data de publicação, essas informações não são visíveis na interface do usuário; a descrição de "[x tempo] atrás" é eventualmente substituída por uma data específica, sem mais detalhes temporais. Isso se estende a outros elementos, como comentários, que indicam apenas o tempo em termos de semanas. À medida que o tempo passa, a percepção do momento exato de uma postagem diminui e parece não interessar ou impedir a continuidade da interação, que segue outra lógica em termos ação-resposta (Leaver; Highfield; Abidin, 2020).

As práticas conversacionais nas redes sociais digitais são de modo geral apropriações e adaptações das originalmente textuais, mesmo as síncronas, isto é, quando os interactantes estão conectados no mesmo momento (os chats, por exemplo), ou as assíncronas, em que as interações ocorrem de modo mais fragmentado no tempo (seção de comentários, por exemplo). Em ambas, o que importa é o ambiente conversacional e as ferramentas ali disponíveis para a consecução da conversação. Logo:

as conversações, no espaço dos sites de rede social, também adquirem os contornos associados aos públicos em rede. Boyd (2007, p. 126) explica que há quatro características desses públicos em rede, a saber, a persistência, a replicabilidade, a buscabilidade e as audiências invisíveis. Essas características dariam uma nova dimensão para a audiência das ferramentas mediadas. As interações, nesses sites, assim, são persistentes, ou seja, são registradas pelas ferramentas e ali permanecem, a menos que exista uma ação no sentido de excluí-las (e, mesmo assim, muitas vezes, essas interações permanecem). Do mesmo modo, porque permanecem, essas interações são replicáveis por outros atores e buscáveis dentro das ferramentas digitais (Recuero, 2014, p. 116).

A persistência é a uma característica fundamental para a compreensão da dinâmica interacional nas redes sociais. Os stories, por exemplo, funcionam como uma comunicação instantânea que expira em 24 horas, mas a plataforma disponibilizou um espaço para que sejam armazenados e visibilizados posteriormente a sua expiração (seção Destaques). Há também uma rotina de transformação de stories em reels, de modo que eles se mantêm na grade dos perfis. A possibilidade de acesso em momento temporal distinto do que foi emitido. Assim, “a conversa assíncrona é aquela que acontece em um (ou mais) espaços, onde as interações ocorrem em uma *identidade temporal alargada*, mas que se assemelham às conversações na estrutura de trocas entre dois ou mais interagentes” (Recuero, 2009, p. 120). O fenômeno massivo das ligações de vídeo, possibilitadas pela evolução nas velocidades de uso da internet e dos próprios dispositivos, torna a sincronidade mais completa e imediata que nos chats, ao mesmo tempo em que o alargamento espacial se materializa na intersecção entre os ambientes geograficamente distintos.

No *Instagram*, as interações principais realizadas no feed principal são as curtidas, os compartilhamentos e os comentários. O campo dos stories possui uma ampla gama de recursos interativos, além da curta, há a sessão de perguntas e respostas, enquetes (recentemente adicionadas nos posts do feed), mensagens diretas para o perfil, testes para a comunidade, contagem regressiva, menções a outras contas etc. Conforme sinalizado anteriormente, parte desse conteúdo pode ser migrado para o feed. Há também o campo Messenger, onde os interactantes conversam no modo chat (individualmente ou em grupo) e há a possibilidade de gravação de áudios. No feed, os reels e as imagens circulam basicamente em torno das curtidas, dos compartilhamentos e dos comentários. A possibilidade de postagem em grupo, em que ela aparece simultaneamente em vários perfis diferentes amplia substancialmente o campo de interação, pois interliga as comunidades de cada participante. O conteúdo é simultaneamente exibido em todas as contas, e todas as interações na postagem são contadas de forma igual em cada perfil. Isso significa que curtidas, compartilhamentos,

comentários e outras reações são completamente compartilhadas entre os autores. Ao concentrar sua análise no conteúdo verbal da seção de comentários de sites na internet, Maria Carmen Aires Gomes (2022, p. 28) define que, em diálogo com a perspectiva dialético-relacional dos Estudos Críticos do Discurso e suas noções de Análise Discursiva Textualmente Orientada e de significados e ordens do discurso (Chouliaraki; Faiclough, 1999; Faiclough, 2003a), as reações sociodiscursivas verbais como:

As formas pelas quais as pessoas agem e interagem discursivamente em direção: a um fenômeno, a um/a participante (quem), a um tema e/ou assunto noticiado. São construções sociodiscursivas reativas cujos ângulos e perspectivas discursivo-ideológicas são direcionados à fala de alguém, ou ao assunto do texto postado ou a temas marginais e tangenciais.

Normalmente, são acompanhadas dessas interações verbais no Instagram os emojis, ícones visuais que servem para expressar reações, e os gifs, um formato de imagem em movimento que é extraído de um banco de dados no espaço de digitação. Há uma presença maciça desses elementos de comunicação na seção de comentários, o que corrobora a preponderância visual da plataforma, isto, destacam-se *reações sociodiscursivas multimodais*. Gomes (2020) detalha em seu estudo o modo como as reações sociodiscursivas verbais acontecem no campo dos comentários de sites jornalísticos a partir da interpelação discursiva gerada pelo tópico central dos seus textos.

Em plataformas de redes sociais, não somente o conteúdo postado é alvo do comentário como é o próprio influenciador, personagem central do reel ou da imagem postada. Um outro elemento que distingue comentários em sites de redes sociais é a probabilidade do interactante já possuir alguma relação com o ator principal, seja por segui-lo ou de alguma forma ser atraído ao conteúdo pela interpelação algorítmica. Como o influenciador digital é o personagem da discussão em torno de seu conteúdo, a plataforma dá destaque aos comentários de reação a outros.

Desse modo, Gomes (2020, p. 28-29) explicita os seguintes tipos de reação sociodiscursivas verbais (adapto aqui para a utilização em comentários no Instagram): as reações sociodiscursivas verbais podem ocorrer de três maneiras distintas: *reações transacionais*, nas quais interactantes e reatores comentam mutuamente sobre um tópico, podendo ou não estar relacionados à postagem, estabelecendo uma troca sociointerativa; *reações não transacionais*, em que interactantes reagem à postagem, mas sem a troca sociointerativa; e *reações transacionais atitudinais*, em que interactantes e reactantes reagem

às trocas mencionando não apenas o conteúdo da postagem, mas também agindo sobre os comentários de outros participantes, de maneira atitudinal.

Os elementos multimodais podem aparecer juntamente com o conteúdo verbal, completando o sentido da comunicação. Quando eles são centrais na enunciação, analisamos como *reações sociodiscursivas multimodais*, pois utilizam como elementos principais os emojis ou os gifs (do mesmo modo, elas podem ser transacionais ou não transacionais). A plataforma incentiva e facilita o uso de emojis, pois eles aparecem em destaque no campo do comentário. Outro elemento que os torna cada vez mais utilizado é o fato dele transpor as barreiras linguísticas, pois representariam emoções básicas universais, o que ratifica a ideia de que as plataformas de redes sociais visuais tentam a consolidação de gêneros multimodais globais.

A partir da intersecção com os fundamentos e as categorias do Sistema de Avaliatividade, integrados à Linguística Sistêmico-Funcional (conforme discutido na página 52), dialogo com Maria Carmen Aires Gomes (2022), que aciona White (2004), Martin e White (2005), Martin e Rose (2008) e Eggins e Slade (1997) para a construção de categorias de atitude para análise de conversações casuais adequadas para a análise das reações sociodiscursivas (e aqui acrescento as multimodais) nos campos de comentários em postagens do *Instagram*:

- a) reações sociodiscursivas verbais engajadas (debate, refuta, contrapõe, concorda, endossa a mensagem da postagem – ou o que se compreendeu dela);
- b) reações sociodiscursivas verbais de condenação (julga moralmente comportamentos, condutas, posicionamentos, modos de interação e as representações e autoidentificações multissemióticas);
- c) reações sociodiscursivas de admiração (julga positivamente comportamentos, condutas, posicionamentos, modos de interação e as representações e autoidentificações multissemióticas);
- d) reações sociodiscursivas de crítica (julga negativamente comportamentos, condutas, posicionamentos, modos de interação e as representações e autoidentificações multissemióticas);
- e) reações sociodiscursivas de aprovação (elogia comportamentos, condutas, posicionamentos, modos de interação e as representações e autoidentificações multissemióticas);
- f) reações sociodiscursivas de apreciação (avalia qualidades estéticas – utilizadas principalmente para a aparência dos atores) (Gomes, 2022, p. 34-35).

A quantidade de comentários varia muito de um influenciador digital para outro e, eventualmente, entre os conteúdos, o que significa que a métrica de engajamento sempre pode ser alterada se uma postagem tiver um alcance grande. E isso pode acontecer com qualquer

perfil. Um dos comportamentos esperados é que o ator principal do perfil interaja na seção de comentários (nem que seja com um fortuito emoji), pois essa ação comunica uma proximidade com o público. Uma das consequências dos processos de perfilamento ocorridos na lógica logarítmica é o da formação de bolhas. Em reflexão sobre o papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais, Kaufman e Santaella (2020, p. 6) apontam que a proliferação de dados na internet evidenciou a problemática da curadoria dos conteúdos e perfis que acessamos, o que incita o questionamento sobre concepção inicial de liberdade nas redes em razão da ênfase na relevância.

Em tese, a personalização do acesso à informação atenderia às demandas dos usuários das plataformas digitais que buscam evitar conteúdos como publicações, anúncios e recomendações de produtos que não estejam alinhados com suas preferências. Nesse cenário, a curadoria é predominantemente realizada pela interpelação algorítmica de inteligência artificial, destacando-se o papel significativo do processo de *deep learning*⁶². As redes neurais de *deep learning*, também conhecidas como redes neurais artificiais, buscam emular o funcionamento do cérebro humano por meio da interação entre entradas de dados, pesos e viés. Esses componentes operam em conjunto para identificar, classificar e descrever de maneira precisa os objetos presentes nos dados. Uma das consequências mais proeminentes é a criação de “bolhas” ou “câmaras de eco” (clusters). Kaufman e Santaella apontam que (2020, p. 6-7):

A principal crítica às bolhas consiste na homogeneização que estas promovem das relações sociais ao manter os indivíduos em círculos sociais fechados, formados por iguais. Pariser (2011) alerta para o processo invisível de filtragem de conteúdo que, ao personalizar nossos acessos e pesquisas, nos coloca em contato com o que queremos ver e não com o que devemos ver, que inclui contemplar o que seja desconfortável, desafiador, além de pontos de vista contrários e, por isso mesmo, enriquecedores.

Desse modo, a excessiva customização dos filtros introduz um viés, uma tendenciosidade que afeta de maneira significativa o acesso à informação, direcionando o usuário para perspectivas limitadas que dificultam a exposição a ideias opostas aos seus preconceitos, ao contato com novas culturas, às contradições de pensamento (Santaella, 2018,

⁶² “O que é o Deep Learning? Deep learning é um subconjunto de aprendizado de máquina, que é essencialmente uma rede neural com três ou mais camadas. Essas redes neurais tentam simular o comportamento do cérebro humano, embora longe de corresponder a sua capacidade, permitindo que ele “aprenda” com grandes quantidades de dados. Embora uma rede neural com uma única camada ainda possa fazer previsões aproximadas, camadas ocultas adicionais podem ajudar a otimizar e refinar a precisão. O deep learning impulsiona muitos aplicativos e serviços de inteligência artificial (IA) que melhoram a automação, realizando tarefas analíticas e físicas sem intervenção humana. A tecnologia de deep learning está por trás de produtos e serviços cotidianos (como assistentes digitais, controles remotos de TV ativados por voz e detecção de fraude de cartão de crédito), bem como tecnologias emergentes (como carros autônomos)” (IBM, 2023).

p. 17). A crítica a esse efeito da governança algorítmica faz parte do debate público em torno da atual sociedade e do conhecimento produzido nela, mas principalmente como ele circula e de que modos e porque consumimos.

Há nas redes dos net-ativistas e influenciadores de aids uma tendência no sentido de engajamento por *concordância* ou *endosso* dos tópicos abordados e das estratégias comunicativas das postagens. Reitero que a exibição do rosto e do corpo é simbolicamente impactante para o público que os acompanha, gerando reações de *admiração* pela postura de coragem ao falar sobre si, sobre a vivência com HIV e de *aprovação* do papel que ocupam na disseminação de conteúdos sobre saúde, autoaceitação, relações afetivas e na desconstrução dos estigmas em torno do HIV/Aids.

Questionado por um seguidor acerca da possibilidade de cura do HIV, Evandro Manchini, em reel de 21 de julho de 2023 ([Manchini, 2023](#)), afirma que em vez de de uma discussão sobre cura, prefere focar em debater o tratamento que já existe e na discussão sobre preconceitos e estigmas. Houve bastante engajamento de discussão sobre o tema, geralmente polêmico.

A: São bilhões e bilhões para a indústria farmacêutica, eu não quero ser cético mas acho bem difícil eles “permitirem” que a cura chegue a massa, quase nula as chances, a indústria é movida por dinheiro

RA1: @A concordo com você. Infelizmente

RA2: 🙌

RA3: @A Totalmente concordo. Não só para a indústria farmacêutica mas para vários infectologistas

RA4: @A 🙌🙌

Na mesma postagem, há reações de admiração ao trabalho e postura de Evandro Manchini. No comentário de C, há tanto a aprovação quanto a admiração, gradações na escrita, quanto o engajamento na discussão sobre o tema:

B: Você é PHODA!!!! Até quem não vive com HIV, como eu, tem a obrigação de seguir você. Afinal, conhecimento e afetividade é bom para todos. Parabéns pelo excelente trabalho (inclusive socialmente falando) 🙌🙌🙌🙌🙌🙌

RB1: @B 🥰

evandromanchini: @B obrigado por estar junto 🧡

C: Gosto muito dos seus conteúdos !!!

Como você se torna tão importante para tantas pessoas, parabéns pela atitude .

Acho que teria que ter mais explicações nos postos de saúde para os pacientes , muitas vezes ninguém sabe nem por onde começar...

Onde procurar qual o protocolo ideal ninguém sabe em@redes públicas .

Em outra postagem, um reel de 1 de julho de 2023 ([Manchini, 2023](#)), respondendo a um seguidor incomodado com a expressão “tô limpo” para se referir ao resultado do teste negativo para HIV, Evandro Manchini se posiciona contra o uso da expressão pelo binarismo que pode surgir entre limpo (soronegativo) e sujo (soropositivo / pessoa vivendo com HIV). Um dos interactantes, que se assume como pessoa vivendo com HIV utilizando a expressão “infectado”, reage discordando em crítica à perspectiva de Evandro e há uma discussão entre eles.

C: Menos, amigo. Tô limpo = Não tô infectado. Uma coisa é ser responsável pelo que se diz, não pelo que os outros entendem. OBS - eu também sou infectado, e não me ofende em nada ouvir alguém dizer que está limpo.

evandromanchini: @C se você está "limpo", alguém está "sujo". Se você não vê criação de estigma aí, respeito sua visão mas não posso concordar.

C: Não espero e nem quero que vc concorde comigo. Creio que criou o tópico justamente para ouvir opiniões diferentes. Particularmente creio que a vida de um soropositivo pode ser tão difícil que preocupar-se com termos semânticos podem acarretar uma dificuldade a mais. Prefiro me concentrar no que realmente me importa. Abraço

RC1: @C Concordo.

RC2: Exato

RC3: @C é o contrario de infectado na medicina, como por exemplo: ferida limpa/ferida infectada ou cirurgia limpa/cirurgia infectada. Não necessariamente o contrario de limpo tem que ser sujo, acho bobagem as pessoas soropositivas se acharam incomodadas com a expressão.

RC4: Exatamente. É só mais uma forma de fazer com que os indetectáveis se sintam doentes e transmissores do vírus do HIV. Puro estigma e preconceito.

RC5: 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌

Em um reel de 23 de julho de 2022 (Comicholi, 2022), em resposta a um seguidor sobre a dúvida a respeito do HIV estar tão relacionado a gays, Gabriel Comicholi critica essa associação que ele considera datada e com resquícios de discursos da década de 1980, para em seguida explicar de forma resumida como essa associação foi construída. Nos comentários, há uma reação de condenação moral de teor homofóbico que gera um debate:

U: É assim pq n se previnem, n tem NADA a ver o que vc está falando, é uma desculpa pra dizer que tá td certo, basta se prevenir e pronto pronto ✅.

gabrielcomicholi: @U tem vezes que é melhor ficar quieto finque falar merda 🙄❤️.

U: @gabrielcomicholi o vídeo fala merda! Problema é vcs querer maquiagem as verdades pra defender esse movimento

U: @gabrielcomicholi o vídeo fala merda! Problema é vcs querer maquiagem as verdades pra defender esse movimento

RU1: @U se o que vc falasse fosse verdade os números de transmissão não teria mulheres de terceira idade contaminada por parceiros estáveis né?? Ahh hipocrisia hetero reina.

Allan Bruno é também um perfil que interage com frequência com seus seguidores. Em uma postagem respondendo sobre a possibilidade de rejeição por ser assumidamente uma PVHIV, ele utiliza do humor e do deboche para falar do seu empoderamento, do quanto ele se gosta e não se importa com esse tipo de postura. Em um dos comentários, há uma acusação sobre romantização da vida com HIV, reação que eventualmente é percebida em todos os perfis. A partir daí ocorre um longo debate com muitas reações transacionais atitudinais com um comentário concordando com o que abriu a discussão e o restante discordando. Em certo momento, ele pede desculpas a Allan Bruno:

B: Vc romantiza de mas o hiv. Como si fosses uma simples gripe te o hiv.

allanobruno: @B segundo o Google Basicamente, “romantizar algo” é focar nas coisas boas do presente, ao invés de idealizar o que não é acessível. Logo, pode ser que eu esteja realmente romantizando. Obrigado

RB1: @B alguém com o mesmo pensamento que eu

RB2: @B preguiça desse pensamento! Não é uma simples gripe, mas não define ninguém, a não ser quem quiser ser definido por ele!

B: @ RB2 😳

B: @ RB2 cada um com sua opinião

RB3: @B não é que ele romantiza o hiv, são vocês que acham que o hiv é um monstro quando na verdade é apenas uma infecção que tratando se vive normalmente

RB4: @B Talvez seja tão simples como uma gripe, o mundo evoluiu o tratamento e apenas um comprimido diariamente, tem outras pessoas que pra viver precisam de muito mais. Precisa se informar mais sobre o assunto.

RB5: @B o que ele vai fazer? Já pegou está seguindo a vida ele não tem outra escolha tem que ser feliz queria que ele fizessem o que? Admiro a sensatez dele e só Deus pode julgar

RB6: @B Primeiro para de ser FAKE! E a questão não é romantizar e sim deixar de estigmatizar! Ninguém em momento algum disse que é lindo é que deseja ter, mas não é porque têm que vai perder o gosto pela vida!! Hoje em dia é sim só mais uma questão absolutamente tratável de saúde!

RB7: @B perfil fake mostra o quanto infeliz e sem caráter uma pessoa é . Melhor ter hiv e se tratar que fazer perfil fake.

RB8: @oallanbruno 🙌🙌🙌🙌

oallanbruno: @B é fácil dar opniao usando um fake né, amigão. Rs

11 sem2 curtidasResponder

oallanbruno: @_ é tipo anticoncepcional, senhora. Mas tem injeção que você toma a cada 2 meses sendo usado em outros países, logo chega aqui. Igual anticoncepcional, tem também né?

B: @oallanbruno eu vou pedir desculpas pelo meu comentário. 👍 ok

RB9: @B não é que ele romantiza o hiv, são vocês que acham que o hiv é um monstro quando na verdade é apenas uma infecção que tratando se vive normalmente

RB10: @B Talvez seja tão simples como uma gripe, o mundo evoluiu o tratamento e apenas um comprimido diariamente, tem outras pessoas que pra viver precisam de muito mais . Precisa se informar mais sobre o assunto.

RB11: @B o que ele vai fazer? Já pegou está seguindo a vida ele não tem outra escolha, tem que ser feliz queria que ele fizessem o que ? Admiro a sensatez dele e só Deus pode julgar

Como é muito comum em todas as redes dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids, a exibição do rosto e do corpo gera reações de apreciação, principalmente em postagens mais biscoiteiras, mas não somente nelas. Conforme dito anteriormente, os perfis analisados atendem a um padrão estético apreciado nas redes sociais. Filipe Estevam | Terapeuta HIV+ sempre realiza postagens exibindo o corpo praticando exercícios físicos ou em outros momentos de sua rotina. Em postagem com algumas fotos em um ambiente de praia, Filipe Estevam | Terapeuta HIV+ fala na legenda sobre o cuidado essencial com o tratamento e consigo mesmo com as hashtags #PodeSerLeve #tbt #hiv #INDETECTÁVEL #infectologista #Autoaceitação #autoestima #AUTOCONHECIMENTO. Ao mesmo tempo que reflete sobre uma informação de saúde das PVHIV e fala de autoaceitação, ele também exhibe o seu corpo, rosto e sorriso, além do olhar de demanda para a apreciação de seus seguidores. A maioria dos comentários é similar ao exibido na imagem abaixo.

Figura 85: Filipe Estevam | Terapeuta HIV+ – Imagens Instagram – 6/7/2023



Fonte: [Estevam \(2023\)](#)

Logo, as reações sociodiscursivas verbais e multimodais são elementos fundamentais na rede social de cada net-ativista e influenciador digital de aids aqui estudada. A grande maioria dos comentários ora se engaja na discussão, ora aprova e admira o que é debatido e também a persona pública ali exibida, mas eventualmente debates e críticas desembocam em julgamentos morais. Um dos pontos principais a se destacar na seção de comentários é o fato de muitas pessoas vivendo com HIV, a partir dos conteúdos dos atores destacados, também falar de sua experiência, sua vivência, suas histórias. É uma forma de engajamento que suscita

a troca gerada pelo empoderamento realizado pelo perfil. Segue alguns comentários extraídos de diversas postagens do perfil de Evandro Manchini:

D: Eu sou soropositivo há 25 anos hj as pessoas que ficam sabendo estão no céu pois não temos mais lipodistrofia e antes quase ninguém ficava indetectável. Hj eu vejo um grande problema pois se banalizou o HIV AIDS não se fala em qualidade de vida pois não e só dar medicação pra as pessoas se a mesma muitas vezes não tem comida não tem dinheiro pra ir buscar sua medicação no posto de saúde.

Y3: Vc é incrível. Vivo ha 24 anos com o virus, e sempre fui honesto com meus parceiros. Nunca sofri um revés. Estive por 7 e depois 17 anos casado e ambos meus ex sao soro negativos. O Hiv traz uma consciência impar. Estou indetectavel ha 19 anos, e vivendo! Um forte abraço, estamos juntos!

Intertextualidade e gêneros discursivos híbridos

A *intertextualidade* é um conceito intrinsecamente conectado à natureza social da linguagem. A abordagem de Bakhtin e Volochínov (Círculo de Bakhtin) ([1929] 2004; 2017) apontava o dialogismo e a polifonia como elementos fundamentais para a compreensão da interação entre textos. A linguagem não seria um fenômeno isolado, mas um sistema dinâmico permeado pela multiplicidade de vozes sociais, percepção radicalizada em tempos de *big data*, *machine learning* e redes neurais. Cada texto, portanto, torna-se um espaço de diálogo, uma arena onde diferentes perspectivas convergem e colidem na construção de significado.

Julia Kristeva, ao expandir e nomear oficialmente essa ideia como intertextualidade, trouxe nuances adicionais ao seu entendimento: “todo texto é construído como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (Kristeva, 1969, p. 85). Ela enfatiza a intertextualidade como um processo dinâmico de integração, onde os textos existentes são transformados e entrelaçados para criar algo novo. A intertextualidade, portanto, é vista como um processo criativo e transformador, onde os textos existentes são reimaginados e integrados para gerar novos sentidos e significados. Ao enunciar a morte do autor, alçado a figura de divindade dotada de verdades singulares e absolutas, Barthes adentra os bastidores maquínicos da criação textual e do seu emaranhado articulado e complexo de citações de outros textos:

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura. [...] o escritor pode apenas imitar um gesto sempre anterior, jamais original; único poder está em mesclar as escrituras, em fazê-las contrariar-se umas pelas outras, de modo que nunca se apoie em apenas uma delas; quisera ele *exprimir-se*, pelo menos deveria saber que a “coisa” interior que tem a pretensão de “traduzir” não é senão um dicionário todo composto, cujas palavras só podem se explicar através de outras palavras [...] (Barthes, 2004, p. 62).

Da morte do autor à sua retomada, que dá continuidade a desconstrução do sujeito erigido pelo *cogito cartesiano*, a primeira pessoa das autobiografias da aids, ou a primeira pessoa atuando em plataformas de redes sociais falando de aids, paradoxalmente se inscrevem em uma cena de questionamento da identidade e de escrita de si como a experiência intensa de materialização do invivível – seja pelo trauma de ter vivido nas primeiras décadas da crise da aids ou vivenciando na atualidade os ainda impactantes efeitos da abjeção por ser uma pessoa vivendo com HIV. Ao acionar o conceito de autoficção, Diana Klinger (2007, p.33) aborda o retorno do autor, problematizando a relação entre as noções de real (ou referencial) e ficcional, bem como a tensão entre presença e ausência - retorno e recalque - mesmo que não esteja estritamente ligado ao discurso do trauma, isto é, o real como aquilo que não pode ser simbolizado. Em diálogo com Slavoj Žižek, Klinger (2007, p. 33) reflete sobre a proposição do autor acerca do caráter traumático do real ensejando à duplicação da realidade, logo, não conseguimos integrar em nossa realidade percebida eventos paradigmáticos como a crise impetrada pela aids. Devido à sua natureza real e traumática, somos compelidos a experimentá-los como um pesadelo fantástico.

Sem pretensões de uma discussão psicanalítica sobre ausência e trauma, interessa-me pensar sobre os impactos socioculturais e subjetivos da aids ao longo das décadas, refletidos em ecos sociossemióticos na atualidade, constituídos pelo tecido da intertextualidade se remete aos nós discursivos desde a sua emergência no começo da década de 1980. Por conseguinte, o trauma causado pela aids afetou não somente os sujeitos diagnosticados positivamente para o HIV ou doentes por conta da aids, mas toda a sociedade. A intertextualidade é a categoria sociodiscursiva principal desta pesquisa, não se configurando apenas como um fenômeno textual, mas uma peça-chave na análise das relações complexas entre linguagem, sociedade e aids. Os fragmentos discursivos aqui analisados são parte de uma rede discursiva mais ampla, que moldam e foram moldados pelos discursos *abjetificadores* e por outros de resistência em

um determinado contexto social, ambos atravessados e implicando-se mutuamente através de espaço e tempo.

As vozes específicas articuladas nos discursos dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids sinalizam sua ocupação em um cenário ainda robusto de disputas sociodiscursivas em torno da abjeção concernente as suas epidemias. A partir do diálogo com a Análise de Discurso Crítica em sua perspectiva dialético-relacional enfatizo que mesmo não manifestadas explicitamente, todos os discursos aqui analisados são atravessados pela polifonia, que se refere à presença de várias vozes, combinadas a rostos e metáforas da aids-entretenimento, alinhavadas pela intertextualidade, que denota a relação dialógico-simbólica entre os fragmentos discursivos, pois são propriedades intrinsecamente conectadas. A presença ou ausência de vozes oriundas de diferentes textos, juntamente com a forma como essas “vozes particulares” da aids são articuladas, em textos específicos, possibilita a exploração das práticas discursivas na sociedade e das relações entre elas (Fairclough, [1992] 2016a).

A intertextualidade constitui uma categoria analítica relacional-acional, uma vez que é um atributo textual moldado pelos gêneros discursivos. A intergenericidade e o hibridismo são aspectos fundamentais das textualidades produzidas a partir do dispositivo da aids-entretenimento, movimento que se radicaliza nos gêneros discursivos digitais. Gêneros específicos articulam vozes de maneiras particulares, seja por meio de representações explícitas em discurso direto (intertextualidade manifesta), mistura em discurso indireto, assimilação em pressuposições, pelo recurso da ironia etc., influenciando disciplinarmente ou transformando as disputas sociodiscursivas em questão. A análise do aspecto intertextual de textos, conforme deve ser guiada pela observação da abertura ou fechamento da diferença, isto é, dos diferentes níveis de dialogicidade com as vozes recontextualizadas. De modo geral, as representações em discurso direto realizadas pelos atores sociais são as mais recorrentes, pois tendem a abrir a diferença entre como a aids-entretenimento implicou décadas através em abjeção, discriminação e violência e o seu projeto de ressignificação pela contestação categórica a essas enunciações (Fairclough, 2003a).

Em vídeo vertical gravado utilizando o plano médio, reel de 3 de dezembro de 2021 ([Manchini, 2021](#)), quando Evandro estava direcionando parte de seu perfil para a discussão sobre o HIV e aumentando seu alcance nas redes sociais, ele detalha sobre a sua escolha em tocar no assunto, do impacto que isso teve em quem o seguia e se remete de forma direta às construções simbólicas da década de 1980 sobre o HIV/Aids. Apesar de não haver uma menção direta a um evento ou ator social, ele aponta que a simples menção a “aids” e “1980” já pressupõe que a informação sobre ela circula de forma contundente. Há em todo o texto um

esforço para recontextualizar-se diante do que se espera a partir dessas construções em termos de sentimento de pena e condescendência, para uma postura empoderada e corporalmente saudável, inclusive pela exibição de seu rosto e do uso assertivo de sua imagem ora olhando direto para o visualizador, ora desviando para um outro ponto da tela, de modo a transmitir que está refletindo, voltando para si:

Figura 86: Evandro Manchini – Imagens Instagram – 28/6/2023



Fonte: [Manchini \(2023\)](#)

Evandro Manchini: Oi, gente. Eu resolvi gravar esse vídeo porque o último post que eu fiz falando da minha sorologia chegou a muitas pessoas novas. Isso é muito legal, porque mesmo eu já falando abertamente sobre viver com HIV há 3 anos, eu acho bom que mais pessoas fiquem sabendo porque eu acho que a gente só vai mudar o cenário de estigmas e preconceitos quando existirem referências de pessoas vivendo com HIV bem, vivendo com saúde, vivendo realizando seus sonhos, seus projetos. Então, fico feliz assim de ser para algumas pessoas essa referência. Por outro lado, eu queria dizer que todos os incentivos que eu recebi, todas as mensagens afetuosas e carinhosas, eu agradeço, mas eu dispensei completamente qualquer tipo de pesar, qualquer tipo de pena, qualquer tipo de pena mesmo, de pesar, não tem outra palavra, por essa condição. Eu tenho certeza que assim como eu, várias outras pessoas, pessoas com deficiência, pessoas que têm algum tipo de diferença desse dito normal, enfim, que essas pessoas também sentem o que eu sinto. É muito legal receber mensagens encorajadoras, mas é um porre, é um saco receber esse pesar, essa dor. *Então, no caso do HIV e da AIDS, eu entendo, a gente tem ainda um imaginário muito forte, o imaginário da morte, o imaginário dos anos 80, mas a partir do momento que eu faço um*

texto onde eu digo que viver com HIV hoje em dia possibilita uma qualidade de vida plena, onde eu falo de indetectável igual ao intransmissível, onde eu falo de vida e as pessoas me ofertam isso em retorno, dizendo que estão me encorajando, de fato, isso assim eu dispenso. Eu acho importante marcar isso aqui, porque é isso, a gente está todo mundo se aprimorando e aprendendo conjuntamente, então é isso, seja sim um incentivador de pessoas, admire os gestos das pessoas que vocês estão vendo aí, que estão impactando a vida de outras pessoas positivamente, mas não precisa do pesar, não precisa da lamentação, não precisa sofrer, não precisa, não precisa, isso aí faz parte dos processos internos de cada pessoa, cada um sabe como lidar, o que a gente precisa é ser incentivado e saber que a gente pode contar com uma rede de pessoas esclarecidas, bem informadas e é isso, tá? Estou aí, estou na pista, chama para o café, chama para o chopp e vamos conversar, dezembro vermelho está aí, beijo!

Gabriel Comicholi (2022), em reel de 23 de maio de 2022, aborda de forma direta a história do HIV, a partir da referência a um estudo sobre a origem do vírus e sua disseminação entre humanos. A partir de recurso de “fundo verde”, em que são inseridas imagens e vídeos e o ator se destaca sobre elas, Gabriel narra de forma breve o conteúdo do referido estudo, citando a instituição e o pesquisador. Ele recontextualiza o texto de referência de forma leve e bem-humorada.

Figura 87: Gabriel Comicholi – Reels Instagram – 23/5/2022



Fonte: [Comicholi \(2022\)](#)

Gabriel Comicholi: Você sabia que, depois de muitos estudos, foi comprovado que quem passou o HIV a primeira vez para nós, seres humanos, foram os chimpanzés? E não. Não foi com o caso de zoofilia, peraí que eu vou te explicar tudo isso. De acordo com um estudo da Universidade de Oxford, liderado pelo doutor Oliver Paibas, afirma que entre 1884 e 1994, na antiga Leopoldville, onde hoje fica Kinshasa, na República Democrática do Congo, antigas tribos tinham o costume de caçar chimpanzés para se alimentar da carne do animal. Foi descoberto, depois de alguns anos, que esses animais carregavam o vírus SIV, vírus da imunodeficiência símia, ou seja, o vírus da imunodeficiência dos primatas. Um vírus que era totalmente controlado pelo sistema imunológico desses animais, mas que poderia ser um grande perigo para nós, seres humanos. Acredita-se que esses caçadores tenham entrado em contato com o sangue do animal, e através de feridas em suas mãos, foi a primeira transmissão do vírus para um corpo humano. Acredita-se também que o vírus ficou circulando entre nós, humanos, durante décadas, sofrendo mutações e adaptações para o sistema imunológico humano, fazendo então com que o vírus SIV se transformasse no tão famoso vírus HIV. Quer saber um pouquinho mais sobre o assunto? Me segue por aqui.

Permeado pelos conceitos de heterogeneidade, dialogismo, polifonia e intertextualidade (Bakhtin, [1929] 2004; Volóchinov, 2017), a reflexão sobre o gênero discursivo é central para a análise de discurso em produtos midiáticos culturais que fazem parte das eras das culturas de massas, das mídias e digital – e especificamente no contexto da crise da aids. Uma das minhas inquietações ao pensar a noção ampla de entretenimento durante a crise aguda da aids é que ele se imiscuiu ao jornalismo de tal forma que desaguou em outros formatos de comunicação, hiper carregando textos verbais e visuais de metáforas, metonímias, catacreses e distorcendo a formalidade, as normas sociais e a etiqueta da comunicação; muitas informações falsas circularam durante a emergência da epidemia, por isso, a importância de se pensar em formatos informativos mais éticos e coerentes com a situação de crise. As ONGs atuaram de forma contundente com materiais e práticas educacionais; por fim, os gêneros autobiográficos foram cruciais para os processos de resistência. Nos perfis de Instagram analisados predominam as narrativas testemunhais, os memes e as postagens opinativas e/ou informativas.

Basicamente, os gêneros discursivos estruturam os textos linguisticamente ao acionar um conjunto de convenções sociais que definem seu uso em diferentes situações comunicativas e variam em termos da natureza da atividade que constituem ou fazem parte. Elemento central do significado acional-relacional das ordens de discurso, os gêneros discursivos e os suportes fazem da rede semiótica que constrói as significações do mundo de forma dialética aos modos

de representação e identificação. Portanto, os textos possuem um caráter interdiscursivo, são uma mistura particular de gêneros, discursos e estilos realizados a partir de recursos semânticos, gramaticais e lexicais. Para compreender gêneros, é preciso considerar não apenas sua estrutura, mas também como eles contribuem para a negociação de relações sociais. Gêneros discursivos pressupõem relações com outras pessoas e ações sobre elas, e podem estar relacionados à distribuição de poder (Fairclough, 2003a, p. 67). Logo, “gêneros discursivos estão ligados a diferentes modos de ação/relação social estabelecidos discursivamente. Por isso, dizemos que os gêneros referem-se a modos relativamente estáveis de (inter)ação por meio do discurso” (Vieira; Resende, 2016).

Os movimentos de criação de novos gêneros a partir da hibridização, mistura e reconfiguração das ordens de discurso na era da cultura de massas (e por conseguinte, nas eras culturais das mídias e digital) e a expansão de usos potenciais da criatividade são fundamentais para a compreensão do funcionamento do dispositivo da *aids-entretenimento*. Conforme discutido anteriormente, não é apenas uma discussão sobre meios/tecnologias, mas de como as arquiteturas informativas de disseminação de conteúdo fazem parte deste novo *zeitgeist*. Fairclough (2003a) aponta como baliza na análise dos gêneros discursivos três aspectos: a cadeia de gêneros a que pertence os discursos analisados, a análise das misturas de gênero nos textos e a análise específica dos gêneros principais que ali se manifestam.

Nas arenas comunicativas digitais, a presença de diversas fontes de dados destaca-se, caracterizando a web participativa e suas comunidades pela ausência de pré-ordenação e pela mistura indiscriminada de vozes e gêneros. Essa mistura de gêneros, por sua vez, constitui a principal característica da nova ecologia comunicativa. Ao contrário da mídia tradicional de massa, que apresenta formas específicas de gênero e práticas textuais unidirecionais, os usuários das plataformas digitais lidam simultaneamente com uma ampla variedade de gêneros textuais (Khosravinik; Unger, 2016, p. 209).

O ponto de partida é o estabelecimento de níveis na composição dos textos: os *pré-gêneros* (narração, argumentação, exposição, injunção, descrição etc.) estão situados em um alto de nível de abstração e estabelecem diretrizes para os formatos mais definidos, estruturados e relacionados a processos sócio-históricos específicos, mas transcendem as redes de práticas sociais e, por isso, são considerados *gêneros desencaixados* (entrevista). Ao circularem e adquirirem particularidades através das práticas e contextos específicos e especializados, eles se materializam em *gêneros situados* (entrevista em programa de TV). Na era da cultura digital, dos mais arcaicos websites até as plataformas de conteúdo multimídia como o Instagram há uma radicalização na mistura dos gêneros (reitero a estratégia de *mediatização gore* dos jornais

das primeiras décadas da crise da aids, que utilizaram o sensacionalismo como marca de utilização da linguagem e estética). A análise do gênero discursivo em termos de atividade, da estrutura genérica, das relações sociais e das tecnologias e suportes envolvidos é fundamental para entender o papel dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids no Instagram.

Em vídeo (reel) de 13 de fevereiro de 2023, que se refere ao contexto do carnaval, pela alusão com o som de baterias de escolas de samba, Lucas Raniel ([Raniel, 2023](#)) utiliza a linguagem bem-humorada do meme, um gênero discursivo fundamental para a comunicação na internet. Ao dançar ao ritmo da trilha de fundo, ele interage com os textos na tela que informam sobre o uso do medicamento PEP após uma provável exposição de risco ao HIV. Não há locução no vídeo, que hibridiza em imagem, som e texto a linguagem de humor do meme através do pré-gênero expositivo-informativo.

Figura 88: Lucas Raniel – Reels Instagram – 13/2/2023



Fonte: [Raniel \(2023\)](#)

Texto na tela (sem locução): “Se liga: transou sem camisinha? Ou não se lembra... Se liga nessa dica EMERGENCIAL. A PEP serve para você!!! PEP: Profilaxia pós exposição. É um medicamento que serve para evitar a infecção pelo vírus HIV após a exposição de risco. A PEP precisa ser buscada em até 72h após exposição de risco ao vírus HIV. Você toma o

medicamento por 28 dias seguidos e ele evita que o vírus do HIV se instale no organismo. A PEP precisa ser divulgada. A PEP é de graça. Compartilhe essa informação. Fui!”

Organizo, portanto, estrutura genérica que embasa os processos de ação-interação-relação em três focos. Os pré-gêneros principais são o narrativo, o argumentativo e o expositivo. Eles se organizam basicamente como discursos que se materializam a partir das nuances das narrativas testemunhais autobiográficas, das textualidades argumentativo-opinativos-políticos e informativos-educacionais-instrucionais. Os gêneros discursivos híbridos que constituem os conteúdos midiático-culturais no *Instagram* são as hipermídias. Por fim, eles são consumidos no formato, suporte e com as ferramentas de criação e edição da própria plataforma, mais especificamente os gêneros-suportes multimodais globais dos vídeos curtos verticais (*reels*) e algumas categorias de imagens (como as *selfies* e similares, os carrosséis com textos, as postagens com texto e imagem etc.).

Em discussão sobre os gêneros discursivos na era da hipermídia, Santaella (2014, p. 209) aponta que nas redes sociais digitais, a discursividade puramente verbal transcende não apenas a linearidade convencional do verbo no hipertexto, mas também a exclusividade do discurso verbal ao se mesclar com todas as formas de imagens estáticas e em movimento, assim como com as linguagens sonoras, abrangendo desde o ruído até a oralidade e a música, na multimídia. Por conta do alto grau de sofisticação e intensificação das interações em ambientes virtuais eles são definidos como *híbridos*.

Essa hibridização discursiva é radicalizada nas plataformas digitais de redes sociais e, pela hipermídia, a mistura do hipertexto⁶³ (textos estruturados multilinearmente por nós e conexões não lineares acionados por hiperlinks) com a multimídia (a hibridação, isto é, a mistura e a remixagem de linguagens, de processos sógnicos, códigos e mídias). Para Santaella (2014, p. 213):

Essa mistura densa e complexa de linguagens, feita de hipersintaxes multimídia -- povoada de símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras, também povoada de vozes, música, sons e ruídos -- inaugura um novo modo de formar e configurar informações, uma espessura de significados que não se restringe à linguagem verbal, mas se constrói por parentescos e contágios de sentidos advindos das múltiplas possibilidades abertas pelo som, pela visualidade e pelo discurso verbal. *Isso parece dar guarida à hipótese de que, nas raízes de todas as misturas possíveis de linguagens, encontram-se*

⁶³ “O prefixo hiper, na palavra hipertexto, refere-se à capacidade do texto para armazenar informações que se fragmentam em uma multiplicidade de partes dispostas em uma estrutura reticular. Através das ações associativas e interativas do receptor, essas partes vão se juntando, transmutando-se em versões virtuais que são possíveis devido à estrutura de caráter não sequencial e multidimensional do hipertexto” (Santaella, 2014, p. 211).

sempre três matrizes fundamentais: a verbal, a visual e a sonora, em todas as variações que cada uma delas realiza.

A constante imersão nas telas nos espaços informativo-digitais nos proporciona o letramento digital necessário para o mergulho em uma imensidão de signos multimidiáticos, dinâmicos que nos levam indefinidamente a leituras complexas, não lineares, deslizantes por emaranhados espaciais, sequencialmente múltiplas e descontínuas. Esses leitores imersivos possuem habilidades perceptivo-cognitivas que contribuem nesse processo interacional tanto ao reagir a esses conteúdos quanto ao depositar nas comunidades suas próprias criações. Esse leitor é ubíquo por conta da expansão da mobilidade física, pois não é mais um obstáculo estar conectado em todos os lugares, a qualquer momento, diante da mobilidade dos dispositivos e das conexões de internet, e dos próprios modos de circulação das informações nas redes, cada vez mais móveis e cambiantes. Sua ubiquidade é refletida em suas presenças físicas e virtuais simultâneas e nas interfaces que tornam suas humanidades digitais: essa presença simultânea reinventa o corpo, a arquitetura, o uso do espaço urbano e as relações sociais. As consequências dessa ubiquidade são sentidas no trabalho, no entretenimento, nos serviços, no mercado, no acesso à informação, na transmissão do conhecimento e no aprendizado. Essa dinâmica transforma substancialmente o papel do receptor a partir do consumo das hipermídias. Portanto, o simples ato de interagir é um ato de cocriação nos espaços digitais governados pela lógica algorítmica (Santaella, 2014).

Assumir a persona de net-ativista e influenciador digital que possui como tema central de seu perfil o HIV/Aids em uma plataforma de rede social como o Instagram envolve um perfilamento delicado. Esse espaço de mídia social é voltado basicamente para o entretenimento, para a interação e a atração do público a partir de tendências que engajam de forma leve, fugaz e descontraída, portanto, esses atores sociais acionam estratégias acionais-interacionais-relacionais com base nos mesmos códigos de entretenimento que privilegiam a hipermídia. O meme é recorrentemente acionado para falar de HIV/aids, seja para informar, narrar ou opinar sobre algo.

O meme é uma unidade de informação cultural que é replicada de pessoa para pessoa na internet, em analogia ao gene. Na prática, o meme é um fenômeno da internet que se caracteriza pela viralização de imagens e/ou de recursos verbais, o conseqüente apelo a estratégias de intertextualidade, os propósitos humorísticos e/ou satíricos/irônicos. Os memes funcionam como uma forma de comunicação na internet, permitindo que os usuários compartilhem ideias, opiniões e emoções de forma rápida e eficiente. Eles são capazes de transmitir mensagens complexas de forma simples e divertida, e muitas vezes são utilizados

como estratégia argumentativa para a defesa de pontos de vista implícitos. Através da viralização e da intertextualidade, os memes assumem proporções gigantescas e imprevisíveis na construção de sentidos, contribuindo para a transformação das práticas linguageiras na internet (Cavalcante; Oliveira, 2019). Segundo os autores:

O meme é uma prática linguageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet, os quais envolvem processos de remixagem, com propósitos, essencialmente, humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, e os quais passam a corresponder aos enunciados de situações diversas dos usuários da internet (Cavalcante; Oliveira, 2019, p. 14-15).

Os memes da internet são caracterizados por três elementos: humor, intertextualidade e justaposição anômala. O humor pode variar do sutil ao absurdo, pela intertextualidade utiliza-se de referências cruzadas a outros textos, imagens ou vídeos a partir de pessoas ou eventos culturais populares. A justaposição anômala consiste na combinação de elementos inesperados ou incongruentes, como imagens aglutinadas e coladas. A justaposição anômala pode ser considerada uma categoria independente da intertextualidade, mas interligada a ela, pois se destaca por sua natureza disruptiva, pela colagem de elementos culturais aparentemente desconexos, com o objetivo de criar um efeito de estranhamento ou de ironia e sua capacidade de subverter as expectativas do leitor ou espectador (Lima-Neto, 2020, p. 2254). O autor refina esse conceito e sugere como característica dos memes a sua remixabilidade:

Essa justaposição é uma das características do remix, que vão além do fenômeno intertextual e viral e atravessa todo e qualquer meme. Entendo, já de outros trabalhos (LIMA-NETO, 2014), esse conceito como um fenômeno macro (MANOVICH, 2005), que é da natureza humana, e é um processo e método criativo, que consiste em unir dois ou mais elementos culturais, cujas fontes e materializações. são variadas, e manipulá-los, podendo levar a um produto mesclado, híbrido para atender determinadas finalidades. Por ser humano, esse conceito sempre se revelou nas produções textuais, contemplando, entre outras coisas, fenômenos como as intertextualidades e as misturas de gêneros (Lima-Neto, 2020, p. 2254).

Como parte fundamental do *Instagram*, a remixabilidade foi formatada como uma ferramenta de edição em sua interface. Os net-ativistas e influenciadores de aids utilizam como muita frequência esses recursos, principalmente para o campo dos Reels, em que o engajamento é ampliado se essas características do meme forem adicionadas. O humor e a linguagem do remix proporcionariam o efeito de atração que a ferramenta algorítmica sugere mesmo tratando do tema HIV/Aids, mas seu uso varia muito em cada perfil, que busca uma identidade visual e uma linguagem que os singularizem.

Figura 89: Posithividades | Lucian Ambrós – Reels Instagram – 12/7/2023



Fonte: [Ambrós \(2023\)](#)

Posithividades | Lucian Ambrós é um dos perfis que mais acessam as características de humor dos memes como recurso comunicativo. No vídeo acima, ele ironiza o estigma associado ao cotidiano da pessoa vivendo com HIV, que precisa frequentar os centros de saúde para acompanhamento do tratamento e para realizar a retirada dos medicamentos antirretrovirais. Por serem espaços arquitetônicos marcados pelo simbolismo da aids, passar por ali e ser associado a ela pode ser um suplício, essa tensão pode até mesmo dificultar a adesão ao tratamento. Posithividades | Lucian Ambrós utiliza uma trilha sonora dançante e divertida e usa a fantasia de um super-herói famoso, com outros elementos como peruca, óculos e chapéu, remixados a uma discussão sobre cotidiano e estigma das pessoas vivendo com HIV.

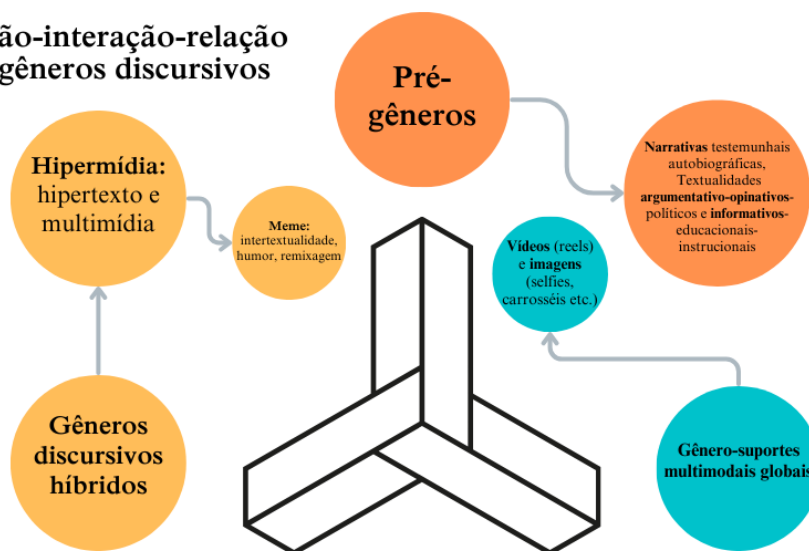
No texto em tela, ele fala em disfarce para que outras pessoas não o reconheçam, na legenda “Não importa o tipo de disfarce que você use. O mais importante de tudo é ir buscar suas jujubas e tomá-las”. Além de ironizar e tratar com humor uma situação que pode ser tensa e delicada para muitos ele reforça a importância de manter o tratamento e acessar as “jujubas”, metáfora conceitual para o ARV que tensiona e retira o peso simbólico da medicação ao utilizar esse doce como referência. Na seção de comentários, há quem questione, criticando e julgando essa linguagem de humor sob a acusação de romantizar o HIV: “O povo romantiza tudo afff”, “Estao tentando normalizar o h i v de uma forma absurda, ajudar com a conscientização e prevenção que é bom”. No entanto, há respostas debatendo sobre o tópico: “??? Romantizam?? Deixa as pessoas se diverti ! Quem vive com isso sabe dos choros o que passa ! Tem mais que

levar a vida pra frente e ajudar oque passar pelas mesma situação sorrir pra vida ! 😞”. A dicotomia entre o peso do drama e a normalização de uma abordagem mais suave da vivência com HIV perpassa o debate com reações sociodiscursivas engajadas: “acredito que não seja romantizar, ele tem o vírus não tem jeito, mas ele não morreu e leva com leveza. Agora se ele estivesse incentivando o pessoal a fazer sexo sem preservativo pq o hiv não tem problema, aí sim seria romantizar...”

Os gêneros discursivos híbridos basicamente impelem os participantes a uma vontade de expor, eles agem como corresponsáveis pelas escolhas dessa exposição de si e do outro, em uma sociedade altamente vigiada, mediada e vivida através de câmeras, *Qr codes*, códigos de barra, leitores digitais em uma ampla governança algorítmica. Essa seara ambivalente e repleta de contradições instiga inquietamente a pensar a noção de humanidade na atualidade e onde os net-ativistas e influenciadores de aids se situam em uma disputa por um lugar nesse lócus de humanidade, elemento que neles ainda é fraturado pelos ecos sociossemióticos dos dispositivos da aids.

Figura 90: Ação-interação-relação e gêneros discursivos no Instagram

**Ação-interação-relação
e gêneros discursivos**



Fonte: elaboração do autor, com base em Fairclough (2003), Vieira (2022), Santaella (2014) e Lima-Neto (2020)

3.3.2.4 Emergindo e integrando os dados: os ecos sociossemióticos do dispositivo da aids-entretimento

Nos emaranhados discursivos das redes digitais dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids no Instagram destacam-se algumas chaves temáticas e códigos sociossemióticos

que constituem ambas as facetas dos perfis de Instagram. Richard Parker (2015), ao refletir sobre a resposta brasileira à epidemia de aids, lança as seguintes perguntas:

1) Estamos realmente próximos ao “fim da AIDS” (ou de “uma geração livre da AIDS”)?; 2) Estamos vivendo uma nova era (de respostas biomédicas que substituem as respostas sociais e políticas)?; 3) Dentro deste quadro, a resposta comunitária frente à epidemia ainda importa (ainda vale a pena continuar nesta luta, principalmente se tudo estaria quase resolvido)? (Parker, 2015, p. 3).

No artigo intitulado “O fim da AIDS?”, Parker questiona a ideologia e o discurso institucional de agências internacionais e governos sobre um possível fim da epidemia, ao passo que somos eventualmente alertados sobre casos excepcionais de cura. Tanto os índices de estigma quanto os dados pertinentes à persistência das infecções e mortes entre as populações-chave apontam que o problema persiste, mas há um silêncio que ecoa como o sinal de que, passada a ressaca da iconoverborigia das duas primeiras décadas a aids passa a existir como um tabu. Sob a pena de serem acionados os discursos e as ações que reiteram a abjeção que constituiu a aids discursiva e materialmente, o silêncio se converte em medo, negação e uma contínua dramatização. Nisso, muitos jovens não sabem como lidar com as questões afetivossexuais e o autocuidado relacionado à prevenção e ao tratamento de infecções sexualmente transmissíveis porque a sombra do HIV e da aids pairam como monstros, principalmente se você não for heterossexual ou cisgênero. Para os ativistas, os artistas e outras pessoas engajadas em um projeto de geração livre da aids, falar pública e abertamente é a estratégia que pode ser construída concomitantemente ao avanço das tecnologias biomédicas.

Assim, o ano de 2015 é marcado por dois anúncios que significarão rupturas gigantescas em relação ao HIV/Aids. A primeira se refere a um estudo em que suas conclusões apontam que a terapia antirretroviral é altamente eficaz na prevenção da transmissão sexual do HIV de uma pessoa vivendo com o vírus para um parceiro heterossexual não infectado, desde que o parceiro soropositivo mantenha a carga viral suprimida (20 de julho); em diálogo com esse estudo, em 30 de setembro de 2015, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou novas recomendações para o tratamento e a prevenção do HIV, indicando que todas as pessoas vivendo com HIV iniciem a terapia antirretroviral (TARV) o mais rápido possível após o diagnóstico. Ela também recomendou a profilaxia pré-exposição (PrEP) oral diária como uma opção de prevenção adicional para pessoas com risco substancial de contrair o HIV, estimando que essas novas políticas poderiam ajudar a evitar mais de 21 milhões de mortes e 28 milhões de novas infecções até 2030 (HIV.gov, 2015). Nesse mesmo período, a PEP (profilaxia pós-exposição), uma estratégia medicamentosa de emergência que deve ser iniciada no máximo 72

horas após usada após ocorrer uma exposição de alto risco, como ser implantada como parte das políticas de saúde por todo o mundo.

Dos estudos iniciados no começo do século XX até a sua materialização como política pública, a PrEP e a PEP abriram as possibilidades para se pensar uma vivência sexual sem o fantasma da infecção por HIV. No entanto, foi justamente a confirmação e a publicização em 2018 de que pessoas vivendo com HIV que estão em tratamento e com baixíssima carga viral não transmitem o vírus para outras pessoas que produziu uma ruptura discursiva significativa na história do HIV/Aids:

Três grandes estudos sobre a transmissão sexual do HIV entre milhares de casais, dos quais um parceiro vive com o HIV e o outro não, foram realizados entre 2007 e 2016. Nesses estudos, não houve um único caso de transmissão sexual do HIV. Assim, além de permitir que pessoas vivendo com HIV permaneçam saudáveis e tenham uma longevidade semelhante à das pessoas que não vivem com HIV, os medicamentos antirretrovirais agora oferecem uma oportunidade para as pessoas com carga viral indetectável terem relações sexuais sem preservativo, sem risco significativo de transmissão do HIV (UNAIDS, 2018, p. 2).

Esses resultados confirmam a generalização da tese Indetectável = Intransmissível, mensagem que será reiterada com frequência pelos net-ativistas e influenciadores digitais de aids concomitantemente a das profilaxias e. O avanço das respostas tecnológicas biomédicas abre margem para uma virada discursiva sem precedentes na história da aids. É justamente nessa virada de chave que os ativistas perceberam lacunas em relação ao desenvolvimento tecnológico: 1) as respostas política e sociais de transformação na cultura, afinal, estamos lidando de novas tecnologias que incidem em como compreendemos nossas práticas sexuais; 2) o profundo abismo socioeconômico global no acesso tanto à TARV quanto as profilaxias. O discurso que as mensagens relativas às profilaxias e a equação Indetectável = Intransmissível provocam é de ruptura com a metáfora da peste. As pessoas diagnosticadas positivamente para o HIV automaticamente eram rotuladas como portadoras do signo da morte, irremediavelmente transmissoras, mesmo que seu estado de saúde fosse considerada pleno. A equação Indetectável = Intransmissível despedaça essa construção tão solidamente construída pelos símbolos coletivos da aids há décadas.

Portanto, um dos motes principais dos conteúdos dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids é a recontextualização dos discursos biomédicos em torno dessa égide do tratamento como prevenção e quebra dos ciclos de transmissão para o cumprimento da meta de

fim da aids⁶⁴. O ponto nevrálgico da questão é que a aids persiste não apenas como um problema de saúde pública em âmbito global, mas sociosemioticamente circulando e produzindo abjeção a partir de ecos que se fazem presentes convenientemente nos silêncios e agindo como armadilhas de discriminação principalmente em grupos vulneráveis.

Figura 91: Intervenção artística Indetectável = Intransmissível de Vinícius Couto



Foto: [Putti \(2019\)](#)

A imagem acima é do artista Vinícius Couto, que aborda o HIV/Aids em performances realizadas em espaços públicos. O tema do silêncio é um dos estopins para que Vinícius, pessoa que vive com HIV, fizesse essas intervenções artísticas. Em entrevista para a revista Carta Capital (2019), ele afirma que:

Não conseguiria viver mais em silêncio. O silêncio é uma ferramenta do conservadorismo de muita coisa. O que eu vejo hoje é que as pessoas são presas nos anos 80, na capa da Veja do Cazuza. Precisamos de novas

⁶⁴ A estratégia 90-90-90 é um conjunto de metas globais elaboradas pela UNAIDS para acabar com a epidemia de HIV até 2030. As metas são: 90% das pessoas que vivem com HIV devem conhecer seu status; 90% das pessoas diagnosticadas devem receber terapia antirretroviral; 90% das pessoas recebendo terapia antirretroviral devem ter carga viral indetectável. No entanto, em 2020 a própria UNAIDS assumiu as dificuldades de consecução da estratégia, acrescentando como fator a pandemia da covid-19: “90-90-90: bom progresso, mas o mundo está longe de atingir as metas de 2020: Em 2016, na Declaração Política da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o Fim da AIDS, os países se comprometeram com as metas 90-90-90, que visam levar testagem e tratamento do HIV para a grande maioria das pessoas que vive com HIV até o final de 2020 e reduzir a carga de viral em seus organismos a níveis indetectáveis, para que se mantenham saudáveis e evitem a propagação do vírus. Mundialmente, houve ganhos notáveis em toda a cascata de testes e tratamento de HIV. No final de 2019, 81% das pessoas que vivem com HIV sabiam seu status sorológico, e mais de dois terços (67%) estavam em terapia antirretroviral, o equivalente a cerca de 25,4 milhões dos 38 milhões de pessoas vivendo com HIV—um número que cresceu mais de três vezes desde 2010” (UNIAIDS, 2020).

representações. O silenciamento é uma das coisas que mais gera tristeza, solidão e isso faz com que as pessoas morram aos poucos (Putti, 2019).

O fio intertextual é explicitamente manifestado na menção à capa da *Veja* com *Cazuza*, assim como o projeto de desatar os nós do dispositivo da *aids-entretenimento* a partir de novas representações materializadas por outras estratégias interativo-dialógicas. Os simbolismos em torno das imagens e das metáforas em torno do corpo continuam acessados e ressignificados estrategicamente como resistência política. Na imagem seguinte, o artista mineiro *Kako Arancibia* realiza a performance *Contagiar*, na qual ele se senta em uma cadeira vazia em um espaço público, com uma placa que diz "Vamos conversar sobre HIV e Aids". Quando alguém senta na cadeira, *Kako* inicia uma conversa sobre o assunto, que ainda é considerado um tabu por muitas pessoas. Em artigo na obra "Aids sem capa" discorrendo sobre a experiência em torno dessa intervenção artística, *Arancibia* (2022, p. 332) afirma que:

Poder verbalizar, dar nomes, estudar e compreender conscientemente os vários aprendizados sobre essa epidemia foi o que realmente vitalizou minha experiência como corpo hiv positivo. Falar foi o processo de descobrir quais eram as palavras que eu ainda não tinha. Poder me curar através da poderosa força que existe na troca e no contato com outras vivências. Não mais morrer simbolicamente por me manter em silêncio [...]. Através do falar e do ouvir realizado nesses encontros íntimos (ainda que em praça pública) treinamos a receptividade, constroem-se as pontes que abrem espaços para novos aprendizados e revoluções, sem depender de perfeitas concordâncias. Formulamos nossas dores, nossos aprendizados, passos e construções, e até mesmo descobrimos percepções sobre a gente, ainda inéditas pra nós mesmos. Pra alguns é um espaço tão extracotidiano que algumas revelações sobre si parecem só ter permissão para existir ali, naquela conversa, coisas que segundo eles não seriam ditas nem mesmo com seus melhores amigos, médicos ou parceiros sexuais. Uma mistura de arte, terapia e política na criação de espaços abertos para aprendizados.

Figura 92: Kako Arancibia conversa com participante durante realização da ação CONTAGIAR em praça pública (Foto de Jefferson Fonseca, cedida pelo autor)



Fonte: (Arancibia, 2022, p. 332)

O poderoso efeito da ação-interação-relação impacta e reconfigura as representações viciadas sobre a aids e, principalmente, permite a mobilização de outra relação consigo e com o outro, em uma produção de subjetividades que irrompe como um projeto de atualidade, isto é, o presente como diferença histórica que busca na experiência minoritária o ponto que a conecta a toda a humanidade. Nesse sentido, os net-ativistas e influenciadores digitais de aids acionam como estratégia os fluxos de informação acumulados durante décadas de epidemias e a partir das ecologias interativas das plataformas de redes sociais como o Instagram utilizam os gêneros multimodais globais de vídeo e imagem, materializados em gêneros discursivos híbridos, em textos hipermediáticos.

Para Khosravinik e Unger (2016, p. 214), ao posicionar as mídias sociais em contextos sociopolíticos e midiáticos mais amplos, é essencial direcionar a atenção para aspectos específicos do meio e da situação, permitindo uma classificação mais eficaz dos dados de mídias sociais e, por conseguinte, uma análise mais ampla e heterogênea. A tabela apresentada abaixo enumera alguns dos fatores a serem considerados em análises linguísticas e semióticas de dados de mídias sociais em geral. Conforme discutido anteriormente, as plataformas são muito dinâmicas, suas interfaces sempre são atualizadas e funções são adicionadas (e algumas retiradas) cotidianamente. O próprio Instagram se transformou substancialmente em termos de proposta de rede social. Portanto, dados considerados arquivais nem sempre funcionam do mesmo modo, e não necessariamente possuem o mesmo impacto que no período de sua publicação. Nem mesmo a grade do perfil, que funciona para registrar os conteúdos, do postado

mais recentemente até os mais antigos, permanece a mesma, pois a alteração de sua interface pode deslocar e reposicionar o conteúdo alterando sua recepção. Para a construção de uma tabela básica com as características da plataforma no tocante aos dados principais gerados durante a imersão (vídeos e imagens), levei em consideração 1) os fatores situacionais de historicidade e adaptações da interface do Instagram; 2) os pré-gêneros principais (narrativas testemunhais autobiográficas, informativos-educacionais-instrucionais e os argumentativo-opinativos-dissidentes), os gêneros discursivos híbridos que constituem as hipermídias, a destacar o meme, em concomitância com a materialização nas especificidades dos gêneros multimodais globais dos vídeos curtos verticais e algumas categorias de imagens (como as selfies e similares, os carrosséis com textos, as postagens com texto e imagem etc.); e 3) o contexto sociointeracional dos participantes.

Quadro 11: Fatores hipermidiáticos e situacionais

Fatores hipermidiáticos		
Sincronicidade	Assíncrono / síncrono	Assíncrono: Os vídeos (reels) e nas imagens são dados arquivais. As operações investigativas desta pesquisa focaram na seleção dos vestígios informativos criados no ato de comunicação entre pessoas em plataformas de redes sociais e disponíveis pela própria plataforma em arquivos públicos de perfis abertos (o Instagram divide em conta pública e conta privada).
Transmissão de mensagens	Um a um; um para muitos; muitos para muitos.	Segue uma escala: do perfil principal para as seguintes interações: curtida, comentário,

		<p>compartilhamento e salvamento. As postagens públicas no Instagram podem ser restringidas em relação a quem pode e como participar na interação dos comentários. Os perfis analisados são todos abertos e sua seção de comentários sem restrições. No entanto, o perfil possui a prerrogativa de bloquear a participação de outro, impedindo que ele visualize os conteúdos postados.</p>
Persistência da transcrição	Efêmera ou arquivada	<p>As postagens de imagens e vídeos (reels) vão diretamente para o feed principal (reels e imagens) e para a aba dos reels, cuja exibição é efêmera; eventualmente um conteúdo antigo pode ser reativado por engajamento e reaparecer. No entanto, ficam arquivadas no perfil da conta pública (a não ser que o usuário as apague), local onde esta pesquisa extraiu suas informações.</p>
Tamanho da mensagem	Quantidade de hiperímia transmitida	<p>Grande: Os reels possuem a quantidade máxima de 90 segundos, mas normalmente</p>

		carregam bastante informação visual; as imagens podem ser postadas em carrosséis com até dez, nelas pode haver textos e combinações. Para ambas, há o campo da legenda, marcações de perfis, hashtags, localização, música etc.
Canais de comunicação	Palavras, imagens, sons, vídeos	A plataforma integra todos esses itens e ainda há a possibilidade de recursos como as hashtags, que direcionam a outros conteúdos naquela categoria e a informação de localização (GPS).
Configurações de privacidade	Contextos públicos, semipúblicos, semiprivados e privados	O <i>Instagram</i> é um site privado que requer registro e login com senha para acessar as informações. No entanto, como instituição de mídia social, é definido no seu espaço as configurações de usuário a partir de duas categorias: contas públicas e privadas. Para os primeiros, seu conteúdo está disponível a toda a comunidade. Os perfis analisados enquadram-se nessa categoria.

Anonimato	As representações das identidades dos participantes nos perfis do site	Na comunidade do Instagram há a presença de muitas contas consideradas falsas, ou que não identificam de forma direta o participante. Elas são uma minoria na interação com os perfis analisados.
Formato da mensagem	A interface da plataforma e os recursos de interação	O Instagram funciona de forma a estimular a ação-relação-interação seja na arquitetura de sua interface, na sua lógica algorítmica de perfilamento e de exibição do conteúdo nos gêneros hipermediáticos e multimodais globais com que atua.
Fatores situacionais		
Estrutura da participação	Número de participantes envolvidos	Como plataforma construída de modo a engajar a ação-interação-relação, o alcance de cada postagem dos perfis públicos (disponível para contas comerciais e de criadores de conteúdo) é medido por um campo chamado Insights. Nele, são exibidas as métricas de cada conteúdo publicado para: contas alcançadas (visualização); contas engajadas (interação com o

		conteúdo (como curtidas, comentários, salvamentos, compartilhamentos e respostas); número de reproduções do vídeo; métricas para postagens patrocinadas.
Características dos participantes	Características demográficas e ideológicas declaradas ou assumidas	A maioria das contas engajadas são de perfis brasileiros, utilizam a língua portuguesa e, em alguma medida estão afinadas ideologicamente com o net-ativista e influenciador de aids, havendo eventualmente discordâncias e debates mais acalorados. No entanto, há as contas alcançadas, isto é, que consomem o conteúdo sem uma interação mais explícita, participantes em que não se pode inferir posicionamentos político-ideológicos.
Propósito	Objetivos da interação (seja em nível individual ou de grupo)	Os gêneros hipermediáticos não apenas são híbridos, mas se mesclam a formatos que pretendem ser multimodais globais. Essa configuração dos modos de agir-interagir-relacionar dos perfis analisados aponta para o objetivo de alcance ao maior número de visualizadores e

		interactantes, independente de suas características. Em todos os perfis, há conteúdos informativos com esse intuito.
Tópico	Assunto	O assunto HIV/Aids se conecta a outros correlacionados a questões afetivossexuais e de caráter informativo, mas os perfis também funcionam como autopromoção de seus usuários.
Tom	Formal ou informal	O entretenimento é a chave para a construção dos conteúdos no Instagram e eles tendem a utilizar uma linguagem mais informal, como os memes. No entanto, um tom mais sério pode ser adotado na abordagem de algum tópico específico relacionado ao HIV/Aids.
Normas	Práticas aceitas estabelecidas pelo grupo	O ponto de partida são as diretrizes da comunidade e as diretrizes de recomendações. As violações (por exemplo, que contenham discurso de ódio ou violência explícita) geram sanções às contas. No âmbito dos perfis analisados, todos são destacadamente antilgbtfóbicos, antirracistas,

		antimachistas e, claro, antisorofóbicos. Os perfis têm prerrogativa de bloquear outros usuários.
Código	Variedade de linguagem e escolha do repertório semiótico	A linguagem escolhida para os vídeos publicados perpassa prioritariamente os códigos pertinentes aos testemunhais autobiográficos, conteúdos informativo-educacionais, os opinativos e os memes. O repertório das semioses visuais, assim como das verbais, é híbrido e alicerçado pela hipermídia.

Fonte: elaborações do autor com base em Khosraviniq e Unger (2016) e Herring (2007)

Temas-categorias principais nos perfis dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids

Os atores sociais selecionados nesta netnografia discursiva situam-se e perfilizam a si em uma ecologia interativo-comunicativa cuja arquitetura propicia uma presença cada vez maior nesse espaço. Cientes das implicações de engajamentos bem-sucedidos, atuam refletindo continuamente a linguagem, a aids e seus efeitos de linguagem e constituição de sujeitos e realidades. Os principais temas-categorias aqui encontrados acionam fios discursivos referentes aos dispositivos da aids, enfaticamente, a aids-entretenimento, e como eles se diluíram ao longo das décadas continuando com sua produção de efeitos nas vivências das pessoas que vivem com HIV, dos grupos vulneráveis e afetados pela abjeção e, de forma mais ampla, toda a sociedade no tocante às experiências afetivossexuais. Evandro Manchini, em postagem de um carrossel de imagens que discute linguagem e HIV/Aids afirma na legenda:

A linguagem se movimenta, se renova, se atualiza. E no caso do HIV e da AIDS - siglas que carregam tantos significantes - a atualização de alguns termos é fundamental para a redução de estigmas e preconceitos. Não é bobeira, não é bobagem! Uma linguagem adequada tem o potencial de

aproximar e, principalmente, de humanizar (Manchini, 2022, link: https://www.instagram.com/p/ChMpYkeuJqU/?img_index=1).

A preocupação com a seleção lexical é elemento básico nas disputas sociodiscursivas em torno da aids. No projeto de atualização que perpassa os net-ativistas e influenciadores de aids no Instagram há uma unissonância em torno dos temas abordados e representados e das seleções lexicais, dos significados de cada palavra utilizada, das relações semânticas entre as palavras, nas colocações, deslocamentos e co-ocorrência de palavras, metáforas, presunções, articulações gramaticais etc. (Vieira, 2022). Na postagem a seguir, Evandro Manchini interage a partir de suas fotografias com o olhar para o visualizador e ao mesmo tempo com a informação verbal no enquadramento da imagem. Suas expressões funcionam como forma de explicitar sua rejeição a uso de termos que ele considera desatualizados e inadequados para se referir às pessoas vivendo com HIV. Ele modaliza sua comunicação de forma a transmitir urgência e obrigatoriedade na adaptação da linguagem:

Figura 93: Evandro Manchini – Imagens Instagram – 13/8/2022



Fonte: [Manchini \(2022\)](#)

Em meados da década de 1990, observou-se uma gradual institucionalização do ativismo das pessoas com HIV/AIDS nas democracias industrializadas (Silva, 1999). Esta institucionalização resultou em um movimento de AIDS mais formalizado e profissionalizado, inclusive aproximando-se do Estado e contribuindo para a elaboração de políticas públicas.

Esses coletivos também atuavam utilizando a imagem e multimídia existentes e à medida que o acesso às tecnologias biomédicas e o apoio institucional se ampliaram, outras formas de comunicação acompanhavam as tendências da evolução da comunicação em torno de uma cultura digital. Uma tendência notável nos anos seguintes foi o surgimento de sites da Internet produzidos por pessoas que vivem com HIV. Destaco aqui o papel dos blogues como espaços de divulgação de ideias, conhecimento sobre HIV/aids, ensaios, relatos autobiográficos, interações a partir de fóruns de discussão, enfim, comunidades virtuais em torno de blogoesferas. Para Santos (2023, p. 90):

Os blogs narrados por PVHIV, na qualidade de estratégias micropolíticas para o enfrentamento da infecção, a negociação de subjetividades, a ruptura com figuras depreciativas, e para impulsionar o engajamento político (BORGES, 2018; BASTOS, 2018), são os embriões para contemplar o advento dos vlogs, que inauguram um novo período vivenciado pelo ativismo midiático, marcado pela proliferação de imagens que questionam as formas de visibilidade entranhadas pela vergonha e culpabilização associadas à infecção.

Em pesquisa que analisa os ativismos midiáticos de aids em sites da internet no começo do século XXI, Gillet (2003) elabora algumas categorias temáticas com base na recorrência: narrativas autobiográficas, a expertise em relação ao HIV/Aids, autopromoção dos autores ou coletivos detentores dos sites e, por fim, a dissidência. Essa última refere-se a páginas que atuavam questionando o estatuto de veracidade da própria aids e de tudo que foi contado e exibido a respeito da mesma pelas instituições de governo e mídia nas décadas anteriores. Esse sentimento de desconfiança em relação ao estatuto factual da aids ou da efetividade dos medicamentos era resultado daquele contexto de evolução das tecnologias biomédicas e reelaborações de respostas sociais depois do impacto causado pela crise epidêmica.

Os net-ativistas e influenciadores digitais de aids continuam críticos em relação às instituições, às políticas implementadas e a abordagem, no entanto, não sua posição de dissidência não segue por esse caminho de questionar os avanços biomédicos, os tratamentos ou a própria existência do HIV/Aids. A situação no século XXI é outra em relação às tecnologias de saúde e muito já se discutiu e se reconfigurou em termos de políticas públicas, respostas sociais e papel das instituições na crise da aids. No entanto, os ecos sociossemióticos dos dispositivos da aids – e a persistente materialização deles em uma epidemia discursiva de abjeção, discriminação e violência permanecem como um problema. Somado a isso, as questões estruturais globais mais graves sobre o acesso a sistemas de saúde que lidam eficazmente com o HIV/aids evidenciam abismos socioeconômicos entre países e internamente entre grupos vulneráveis de diversas matizes.

A partir desta imersão netnográfica e da integração dos dados dos perfis analisados, encontro ecos sociossemióticos e que acionam fios discursivos tanto dos primeiros ativismos de aids e do dispositivo da aids-entretenimento no auge do seu funcionamento quanto dos ativismos digitais em blogues e sites do momento de expansão da cultura digital e da internet. O ponto de inflexão é que neste momento em que nos encontramos, uma sociedade cuja égide é informativo-digital e, portanto, big data, há uma predileção em sofisticar, ampliar e materializar as redes digitais de ação-interação-relação, com foco singular no entretenimento. Portanto, reconfiguro os temas-categorias baseados em Gillet (2003) apontando uma reiteração e uma adaptação para as ecologias comunicativas digitais: 1) autopromoção; 2) opinião e crítica política; 3) narrativas testemunhais e autobiográficas; e 4) expertise, especialização e informação. Eles, de modo geral, se integram, aparecendo mesclados e em concomitância com as dimensões de fama, influência, promocionais, interacionais e de profissionalização como criadores de conteúdo que atuam em uma causa social no *Instagram*.

Os estatutos de net-ativista e de influenciador digital impelem a *autopromoção* como estratégia de divulgação prementes aos perfis analisados. O engajamento pessoal e íntimo e a experiência como ponto de partida são desde sempre marcas dos ativismos de aids. Essa personalização tão característica foi uma estratégia de visibilização de histórias e pessoas vivendo com HIV/Aids, que teve sua vertente na proliferação de autobiografias e relatos testemunhais. Para quem atua com um perfil comercial ou de criador de conteúdo na internet é mais do que essencial a construção de uma marca, seja na seleção da paleta de cores, na organização das postagens, no tom utilizado, enfim, no *ethos* público de pessoa que vive com HIV engajada midiática e politicamente. Todos os perfis analisados divulgam dados de contato para parcerias e contratações e/ou portfólio de trabalhos, alguns fazem publicidade para marcas, participam de eventos presenciais e atuam eventualmente em conjunto com outros criadores de conteúdo e perfis comerciais no Instagram. O detalhe da autopromoção é que muitas vezes ela é mais sutil em determinados perfis, em outros, como os profissionais terapeutas é explícito. Em ambos, a estratégia de interpelação algorítmica segue. Assim:

Os influenciadores esforçam-se em manter a visualização dos conteúdos e as métricas de engajamento em crescimento constante, pois sua remuneração depende de porcentagem dos ganhos com publicidade compartilhada pelas plataformas e de contratos estabelecidos com agências e anunciantes. Para tanto, os produtores de conteúdo digital publicam conteúdo com frequência e buscam, através de sua performance pública, atrair a simpatia, interação e fidelidade da audiência. Quanto mais o público se identificar com o criador e engajar com o conteúdo, mais a publicação será sugerida pelos algoritmos das plataformas e mais potente será o processo promocional (Primo; Matos; Monteiro, 2021, p. 37).

Evandro Manchini é ator, diretor e cineasta e realizou um curta-metragem que narra sua história de descoberta do diagnóstico positivo para o HIV. Seu perfil constantemente divulga as apresentações do filme em festivais e outros eventos, ressaltando o processo criativo e autoria:

Oba! Estamos na 12ª edição do Philadelphia Latino Film Festival!

“Poder Falar - uma autoficção”, curta-metragem escrito e dirigido por mim, mostra a trajetória de um jovem cineasta ao lidar com a complexidade de receber um diagnóstico reagente para o HIV no dia em que faz aniversário.

O festival acontece de forma presencial e online durante 06 semanas ininterruptas e a exibição do filme será no dia 22/06.

Mais informações no perfil @phlatinfilmfest ✨ ([Manchini, 2023](#))

Figura 94: Evandro Manchini – Imagens Instagram – 7/6/2023



Fonte: [Manchini \(2023\)](#)

A perspectiva autobiográfica da vivência com HIV e a expertise que eles assumem para *informar sobre e HIV e aids* impõem autoridade aos seus perfis. Essa estratégia de racionalização por vezes é substituída por posicionamentos políticos mais explícitos, críticas e opiniões sobre temas e personagens polêmicos. A postura mais leve, descontraída e livre em relação a vida afetivossexual, por vezes, é contestada sob a acusação de romantização da vivência com HIV. Logo, a abordagem do entretenimento nem sempre é bem recepcionada, justamente porque o histórico relativo às epidemias de aids é marcado pelo drama, pelo simbolismo da doença e pelas imagens de morte. O engajamento político de contestação ao

status quo é elemento fundamental dos ativismos de aids que ainda são moralmente culpabilizados pela infecção e cuja identidade é marcada por esse atravessamento. Em 2020, o então presidente do Brasil afirmou, em defesa de um plano de governo da abstinência sexual como método contraceptivo, que “Uma pessoa com HIV, além de ter um problema sério para ela, é uma despesa para todos aqui no Brasil”⁶⁵. Ele afirma que “Esse comportamento que pregaram de que vale tudo, que glamoriza certos comportamentos que um chefe de família não concorda, é uma depravação total” criando uma relação de contiguidade entre pessoas que vivem com HIV e gravidez precoce pela chave da promiscuidade. Na época, vários perfis analisados teceram comentários em relação a esse ocorrido. Além da crítica direta ao ex-presidente, Lucas Raniel discute em vídeo no Reels sobre questões relativas à prevenção combinada e a educação sexual como ferramentas de cuidado, em contraposição a discursos e práticas moralistas como a ideia de abstinência, o que aponta o imbricamento do papel especialista com a postura engajada do ativista. O tom de urgência e de manifesto político marcam sua locução, além da expressão de apreensão com olhar de demanda e solicitação de engajamento direcionado aos visualizadores.

Figura 95: Lucas Raniel – Reels Instagram – 6/2/2020



Fonte: [Raniel \(2020\)](#)

⁶⁵ “Pessoa com HIV é despesa para todos no Brasil, diz Bolsonaro - Presidente fez o comentário ao defender a ideia da ministra Damare Alves de que a abstinência sexual deve ser apresentada como método contraceptivo”. Link: <https://exame.com/brasil/pessoa-com-hiv-e-despesa-para-todos-no-brasil-diz-bolsonaro/>

LUCAS RANIEL: Bolsonaro diz que pessoa com HIV é uma despesa para todos no Brasil. Sim, gente, é exatamente isso que vocês estão escutando que eu tô falando. Ontem, dia 5 de fevereiro de 2020, Bolsonaro veio com essa fala e a mídia veio à tona com todas as informações possíveis. Eu recebi muitos links, muitas mensagens de pessoas assim, desesperadas, sem saber o que fazer. E o que eu posso falar pra vocês é, essa fala dele só reforça mais o estigma e preconceito que a gente passa, nós, pessoas vivendo com HIV e com AIDS. Eu digo isso porque, atualmente, somos mais de 900 mil pessoas vivendo com HIV e com AIDS no Brasil. E a gente não vê essas pessoas. Essas pessoas estão circulando por aí, nas ruas, estão trabalhando, estão estudando, estão vivendo, e ninguém vê isso. Por quê, gente? Porque a população construiu um estigma e um preconceito gigantesco em cima da questão do HIV e da AIDS. As pessoas têm medo de dizer que vivem com HIV e com AIDS por medo do apontamento, por medo do julgamento, seja dentro da família, dentro do círculo de amizades, dentro do trabalho. Então, essa fala do Bolsonaro só reforça mais ainda o estigma dessa população que vem tentando diminuir o estigma e preconceito dentro de todos esses anos. Sabe o trabalho que eu e outras pessoas fazem no Brasil? É realmente destruir as pessoas, informar as pessoas pra gente ter uma diminuição dentro desse estigma, pras pessoas, pra essas 900 mil pessoas que estão aí circulando, terem o conforto de falarem dessa condição de vida, sem o medo de apontamento, entendeu? As pessoas acham que eu falo abertamente da minha vida, da minha vivência com HIV, numa boa. E não é assim, gente. Eu também passo por preconceito. Não é tranquilo, sabe? Assim como diversas pessoas passam por preconceito por viver com HIV, eu também passo. E eu imagino como deve ser a vida de uma pessoa que vive, por exemplo, lá no interior, sabe? Como que seria pra ela falar abertamente que tem HIV? Não é fácil. Isso só não é fácil porque existe muito preconceito e muito estigma. E essa fala do Bolsonaro só vem reforçando cada vez mais isso. E a gente precisa falar cada vez mais sobre esse assunto. A gente precisa levar essa informação adiante. Uma coisa que eu quero falar pra todos vocês que vivem com HIV e com AIDS é mantenham a calma. A gente não vai perder tudo da noite pro dia. A gente não vai perder medicação. A gente não vai perder treinamento. Nada disso vai mudar. Tudo isso que a gente conquistou vai permanecer aqui. O que a gente tem que fazer é ficar atento e esperto com tudo que está acontecendo, com todas as falas que estão rolando. E se instrumentalizar a informação, pra caso um dia, se necessário, houver um debate, a gente se una e saiba debater com argumentos e com estudos, entendeu? Por isso que eu sempre falo, gente, vamos se unir, vamos se informar, vamos repassar a informação adiante. Porque é só

com informação e com estudo e com embasamento que a gente consegue ir de frente com esses pensamentos, entendeu? E pensamentos desses, como ele fez ontem, são apoiados por diversas pessoas. Porque eu dei uma olhada em alguns posts e vi muitas pessoas apoiando esse pensamento e eu fiquei, meu Deus! As pessoas acham que o HIV e que a AIDS é uma questão somente de um grupo específico. E não é! HIV e AIDS, educação sexual, prevenção das ISTs, prevenção da gravidez, é uma questão de toda a população, é uma questão de saúde pública. A gente precisa se atentar a isso. Outro ponto que eu gostaria muito de citar também é a questão da necropolítica. Pra quem não sabe o que é necropolítica, depois dá uma pesquisadinha, é nada mais e nada menos que uma política de morte. Ou seja, determinadas populações não têm acesso cabível, um acesso que deveriam ter dentro da saúde pública, dentro da educação, dentro da segurança pública, fazendo com que essas populações se tornem mais vulneráveis e tenham uma estimativa de vida menor, entendeu? É quase um genocídio da população, se você preparar para analisar. E aí eu venho com dados. Por quê? Porque atualmente cerca de 14 mil pessoas morrem de AIDS no Brasil. E aí a gente vai fazer uma análise dessas mortes. Essas mortes são, em sua grande maioria, de pessoas pretas e periféricas. Ou seja, a gente vive numa sociedade racista e a gente consegue enxergar isso através dos números. Por que a população preta e periférica está morrendo de AIDS? Porque não tem acesso à saúde pública, não tem acesso à informação, não tem acesso ao saneamento básico. As pessoas acham que só distribuir camisinha por aí é o suficiente. Não é, gente. A gente não adianta socar camisinha para todo mundo. A gente precisa falar de educação sexual, a gente precisa falar de sexo, a gente precisa falar de sexualidade abertamente, a partir das escolas. Enquanto a gente não levar essa temática de uma maneira natural e humanizar a fala do HIV e da AIDS, trazer para perto mesmo, mostrar que nós, pessoas vivendo com HIV, somos de verdade. A gente está aqui, a gente vive, a gente respira, a gente tem rotina. A gente precisa trazer essas informações à tona. A gente precisa trazer essas informações para perto. Então, o que eu gostaria mesmo de dizer para vocês é para vocês se tranquilizarem. Realmente, o que ele falou é um absurdo. A gente não pode se calar, mas também se informem. Façam estudos, aprendam mais sobre as questões das ISTs, das questões do HIV e da AIDS, as questões da prevenção combinada. Cobrem dos governantes soluções cabíveis, que não sejam, por exemplo, a abstinência sexual. Gente, a abstinência sexual, a gente está em 2020, o ser humano não funciona desse jeito. O ser humano não vai falar, ah, eu vou parar de transar por tanto tempo, porque assim eu vou prevenir as ISTs e a gravidez. Não é assim, o ser humano não é programado dessa maneira,

entendeu? O ser humano sente tesão, o ser humano sente prazer, o ser humano sente desejo. Então, a gente precisa falar dessas temáticas todas de uma maneira bem ampla, aberta, sem moralismo, sem terrorismo e sem essa ideia de que a família tradicional brasileira ou que a igreja vai pensar, entendeu? A gente tem que ser realista, trazer para a realidade, a pauta para a realidade e cada vez mais informar outras pessoas e levar a informação adiante. Então, é isso que eu quero ver de vocês. Esse vídeo bem breve aqui que eu fiz para vocês, eu quero que todos vocês comentem o que vocês acharam, comentem bem dicas, perguntem mais sobre dúvidas que vocês têm e repassem, gente, só joga o vídeo adiante, porque a gente precisa se informar cada vez mais sobre essa temática e trazer para perto a questão do HIV e da AIDS, humanizar a fala, porque somos mais de 900 mil pessoas vivendo com HIV e com AIDS no Brasil, mas ninguém enxerga a gente, a gente precisa ser visto. E o último recado que eu tenho para dar para vocês, que eu deixo em todos os vídeos é: Testem-se, porque se vocês se testam, vocês estão fazendo a ferramenta da prevenção combinada mais importante, porque de nada adianta só usar camisinha e não se testar, né? Então, fica a dica aí para todos vocês. Testem-se para todas as ISTs e acompanhem o seu corpo. O seu corpo é muito importante, a sua saúde é muito importante. Então, fica a dica, espero que vocês tenham gostado do vídeo, compartilhem e eu conto muito com a ajuda de todos vocês. Demorou? Em breve vai ter mais informação por aqui. Beijo!

Narrativas testemunhais e autobiográficas

Durante os períodos mais críticos das epidemias de aids, as autobiografias emergiram, mais do que na forma de um gênero literário, como um modo de ação e de dobra na construção de subjetividades, oferecendo uma plataforma única para que as pessoas vivendo com HIV compartilhassem suas experiências, desafios e perspectivas não somente do futuro, mas principalmente de experiência do presente. Essas narrativas pessoais não apenas documentaram os momentos mais sombrios da epidemia, mas também desempenharam um papel fundamental na construção de empatia, na desconstrução de estigmas e na promoção da conscientização. Bessa (2002), ao pensar os impactos e inflexões das autobiografias de aids, reflete sobre como a diversidade de relatos e confissões puseram na mesa o caráter simbólico e diverso da aids, não sendo possível nem conveniente que se leia tais textos buscando uma verdade. Doutro modo, o exercício de leitura deve prescindir de uma postura ética e estética que escapem do voyeurismo, mas pelo contrário, como em um jogo de espelhos, se possa fundir os olhares haver alteridade, proximidades, encontros, pontos de intersecção:

Se, em qualquer (auto)biografia *stricto sensu*, há sempre o risco, às vezes involuntário, de se fazer uma leitura ordenada na busca do “sentido”, da verdade mais profunda da vida ou da obra do (auto)biografado (mesmo que se tenha, de antemão, o lembrete de que tudo são interpretações), nessas narrativas em que o substrato autobiográfico se imiscui com o ficcional, o perigo é, paradoxalmente, bem maior. Mesmo que não se queira, pode-se tropeçar e cair na armadilha de procurar a “realidade” em cada palavra, em cada frase, em cada parágrafo do texto. Torna-se, então, uma leitura limitadora ordenada pela busca da verdade que estaria “escondida” no texto (Bessa, 2002, p. 221).

As autobiografias de pessoas que viviam com HIV/Aids serviram como testemunhos vívidos e plurais, oferecendo uma visão íntima das vidas afetadas pela Aids. Ao contar suas histórias, esses autores proporcionaram uma compreensão mais profunda dos impactos emocionais, sociais e físicos da doença. Essas narrativas pessoais transcendiam às estatísticas, humanizando a epidemia e revelando as complexidades de uma crise em que os rostos ora eram transmutados em estatísticas, ora eram exibidos como fetiches de uma midiatização *gore*. Com base nesses elementos de proveniência, os net-ativistas de aids e os influenciadores digitais acionam com frequência o recurso da narrativa autobiográfica, cientes de que esses relatos pessoais continuam a ser uma parte essencial da narrativa global da aids. Essas obras reiteram a importância da empatia, da resiliência e da solidariedade em face de desafios médicos e sociais, tornando-se um veículo poderoso para a construção de comunidades de apoio, conectando pessoas em situações semelhantes e proporcionando um espaço para a expressão coletiva. Para Butler, ao pensar os processos de relato de si:

Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social. A razão disso é que o “eu” não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para com um conjunto de normas (Butler, 2015b, p. 12-13).

Segundo Judith Butler, a norma não dá origem ao sujeito como um resultado obrigatório, e o sujeito não tem total liberdade para ignorar a norma que inicia sua reflexividade; ele enfrenta inevitavelmente condições de vida não escolhidas, como no caso das pessoas vivendo com HIV ou que atingiram o estágio clínico de aids. Se, na batalha, a capacidade de agir, ou seja, a liberdade, desempenha algum papel, isso ocorre dentro de um campo de restrições que tanto facilitam quanto limitam. Essa ação ética não é completamente predefinida nem inteiramente livre. Logo, “Seu conflito ou dilema principal deve surgir do mundo, mesmo que precisemos

criá-lo de alguma forma, assim “essa luta com as condições não escolhidas da vida – uma ação – também é possível, paradoxalmente, graças à persistência dessa condição primária de falta de liberdade” (Butler, 2015b, p. 24).

Gabriel Comicholi inicia em 2016 um canal no *Youtube* com o quadro HDIÁRIO, relatando desde a experiência com o diagnóstico até, nos anos seguintes, a sua rotina de vivência com o HIV, o que se torna o mote do próprio canal, de sua presença na internet e também de um documentário. No *Instagram*, em uma série de quatro postagens, ele resume em vídeos mais curtos, lançados entre 9 e 15 de maio de 2022, a sua história de descoberta do HIV, recontextualizando, em outro formato, a própria autobiografia lançada em outro suporte. Utilizando fundo verde, cenas em que ele interpreta a própria história e a remixagem com vídeos antigos do canal do *Youtube*, ele apresenta narrativas de forma breve e bem-humorada, mas, ao mesmo tempo, com certo tom dramático, haja vista a divisão em partes para criar expectativa nos seguidores:

Gabriel Comicholi (2022) – Reels *Instagram* – 9/5/2022

GABRIEL COMICHOLI: Oi, eu sou o Gabriel, e nesse vídeo eu vou te contar como eu descobri que vivia com HIV. Eu morava no Rio de Janeiro, vivendo o meu sonho em trabalhar como ator. Inclusive tá aí quem quiser contratar. Até que um dia eu acordei meio febril e com uma bolona embaixo do pescoço. Obviamente eu fiquei muito nervoso e corri pro hospital.

ATENDENTE (interpretada pelo próprio Gabriel Comicholi com voz alterada digitalmente): Eu vou precisar que você faça essa bateria de exames, tá? Porque pode ser que seja caxumba.

GABRIEL COMICHOLI: Então, lá fui eu, rezando o terço, Ave Maria, o Pai Nosso. Retirar todos os tubinhos de sangue que o exame necessitava. E eram muitos tubinhos de sangue. Fiquei alguns dias esperando o resultado daquele exame. E a espera de um resultado é a pior coisa do universo. Eu quase enlouqueci, de verdade. Até que um dia, quando eu não tava aguentando mais, eu recebi uma ligação.

ATENDENTE: Alô, senhor Gabriel? Eu preciso que você venha até o laboratório pra refazer o seu exame de teste de HIV. Tudo bem? Gabriel?

GABRIEL COMICHOLI: Nessa hora eu entrei em desespero. De verdade, eu fiquei sem chão. Acho que eu já imaginava que aquilo era um resultado positivo ([Comicholi, 2022](#)).

Nos vídeos posteriores, ele continua a “reconstituir” seu processo de descoberta do diagnóstico interpretando a si mesmo e remixando vídeos de outros momentos. Do impacto inicial até o acesso às informações sobre uma vida digna com o tratamento, Gabriel decide contar para a mãe sobre o diagnóstico nos dois últimos vídeos da série, resgatando o registro da videochamada em que houve esse diálogo. Nessas postagens, o drama do anúncio adquire um tom de intimidade, os visualizadores não estão diante de Gabriel Comicholi interpretando a si mesmo, mas é o registro de um momento que normalmente não é compartilhado. Como espectadores, a cena assistida incita que aquela experiência nos atravesse pela representação de um evento social em formato de narrativa que explicita o HIV como parte da experiência humana, isso porque a “unicidade do outro é exposta para mim, mas a minha também é exposta para o outro. Isso não significa que sejamos o mesmo, mas apenas que estamos ligados um ao outro por aquilo que nos diferencia, a saber, nossa singularidade” (Butler, 2015b, p. 41).

Figura 96: Gabriel Comicholi – Reels Instagram – 9/5/2022



Fonte: [Comicholi \(2022\)](#)

Reels – 11 de maio de 2022

GABRIEL COMICHOLI: Antes de contar pra minha mãe, eu fiquei dois dias pensando como fazer isso da melhor forma possível. Meus amigos que moravam comigo super me ajudaram, então eu tomei coragem e fiz uma ligação de vídeo pra ela. Antes de começar, eu quero que vocês entendam que eu tinha 21 anos, e que eu sou uma pessoa que quando fica

nervosa fica dando risada pra tentar disfarçar e fazendo gracinha, mas que eu fiz desse jeito pra que fosse mais leve pra ela e pra mim também.

(corte para o registro em vídeo)

Ei mãe, duas coisas. [MÃE: o quê?] Primeira, eu preciso ir no dentista. Segundo, eu estou com HIV. [MÃE: o quê?] Tô tremendo. Eu tenho HIV.

MÃE: ai, filho, como assim?

GABRIEL COMICHOLI: Eu tenho HIV, o exame deu positivo.

MÃE: por isso que você tava me enrolando pra me mandar uma resposta.

GABRIEL COMICHOLI: não, por isso que tava tentando falar com você há um tempão e você não me falava nada. Mas não fique triste.

MÃE: ai, não tem como não ficar triste, como assim?

GABRIEL COMICHOLI: Porque é normal, mãe. [MÃE: ... como que é normal?] É uma doença, é normal. Qualquer um tá sujeito a pegar. Agora que foi uma surpresa, foi. Imagina que eu ia imaginar que isso ia acontecer comigo. Não precisa... Não, mãe, não chora. Ai, não chora.

Reels – 15 de maio de 2022

GABRIEL COMICHOLI: Não chore! [Fala ininteligível da mãe] O quê? [MÃE e eu que sou descuidada, né?]. Não é, mãe, não é descuidado, não é de descuidar. É, pode ser, óbvio que pode ser de descuido, mas... aconteceu e não dá pra culpar ninguém, não tem agora que achar um culpado nem nada. É só eu ter que ir atrás de tratamento.

MÃE: você vai fazer tratamento ainda? Aí?

GABRIEL COMICHOLI: Não sei, aí... Calma, estamos... Vamos por etapas, pra mim também é tudo muito novo. Mas, ó, não chore, não chore, não chore.

MÃE: Eu não vou chorar!

GABRIEL COMICHOLI: Ai, mãezinha, não! Mãezinha, ó, não precisa ficar acabada assim, não. Mãe, quem devia estar assim sou eu, e olha como é que eu tô, tô ótima aqui inteira, tô vivo, tô vivo, não vou morrer. E outra, e outra, HIV não é AIDS, HIV não é AIDS.

MÃE: Gabriel, você falou que você não tem AIDS, e HIV é o quê?

GABRIEL COMICHOLI: HIV é a inicial da AIDS, é antes dela. Não, eu não tenho AIDS, não tenho AIDS, eu tenho HIV. HIV... a AIDS é um processo de você não cuidar da HIV. HIV é uma coisa, a AIDS é outra. Eu preciso agora de médicos, eu preciso de tratamento, eu preciso de acompanhamento médico, eu preciso de um médico legal.

MÃE: Tá, mas como é que... como é que eu vou fazer à distância?

GABRIEL COMICHOLI: Não, mãezinha, eu vou pra aí, eu vou pra aí. Eu fecho tudo aqui e vou pra aí. Então, meio que, tipo, tem que correr com isso, assim, é tipo correr contra o tempo.

MÃE: Então, tenho que comprar passagens pra você vir embora logo.

GABRIEL COMICHOLI: Beijo.

MÃE: Eu te amo.

GABRIEL COMICHOLI: Te amo muito, muito, muito, muito, muito, muito. [MÃE: Fica bem!] Beijo.

GABRIEL COMICHOLI: E foi assim que eu contei pra minha mãe. Eu juro que essa é a última parte da história que tem lágrima e dramas. Mas o resto dessa história eu vou contando pra vocês por aqui.

Predominante narrativos, inclusive com cenários, personagens e situações sendo exibidas ou encenadas na tela, esses vídeos se configuram como a remixagem dos próprios conteúdos do ator social representado para a versão em reels do *Instagram*. Gabriel Comicholi explicita que a parte de sua história com lágrimas e dramas encerrou-se ali e que outras narrativas serão contadas. O *ethos* construído neste vídeo é de uma pessoa que possui autoconfiança e a imagem-subjetividade-identidade é a de quem superou física e emocionalmente o impacto do resultado positivo para o HIV, se posicionando como modelo nesse processo por conta do papel social de influenciador digital que assume no *Instagram*. De modo geral, as narrativas sobre a descoberta do diagnóstico positivo para o HIV são usadas para contrastar com o estado atual dos atores sociais, empoderados, saudáveis e vivendo plenamente a vida, apesar do HIV: esta é a persona basicamente assumida por todos. Os relatos testemunhais sobre o cotidiano da vida com HIV também são recorrentes.

A ação ético-política dos ativismos de aids: ajuda mútua, expertise e informação

Os ativistas e movimentos sociais voltados ao enfrentamento do HIV/Aids desempenharam funções fundamentais no âmbito da educação, conscientização e advocacia por políticas públicas no contexto brasileiro. Em primeiro lugar, destaca-se o papel proeminente na disseminação de informações sobre o HIV/Aids no auge de sua crise nas duas primeiras décadas da epidemia. Um componente essencial do engajamento ativista diz respeito ao suporte psicossocial oferecido por meio de grupos de apoio, visando prover assistência tanto

psicológica quanto social às pessoas vivendo com HIV/Aids. A mobilização comunitária representou uma estratégia eficaz, por meio da qual os ativistas promoviam ações de prevenção, testagem e apoio, fomentando uma abordagem comunitária na resposta às crises. Desse modo, a formação de grupos de apoio é uma manifestação tangível da ajuda mútua no ativismo, pois eles proporcionaram um espaço seguro para que pessoas vivendo com HIV/Aids compartilhem experiências, forneçam suporte emocional, troquem informações e enfrentem desafios comuns.

Nos coletivos sociais de resposta à aids, a ajuda mútua transcende a simples reunião entre indivíduos, englobando a promoção da autoestima, a troca de experiências e um espaço para depoimentos. Estabelece-se uma dinâmica de constante troca de informações e diálogo entre pessoas que vivem com HIV ou aids, profissionais, pesquisadores da área médica, advogados, entre outros. Enquanto se destaca a importância do apoio emocional e da ajuda mútua, também se cria a expectativa de que esses grupos possam abordar demandas que os serviços públicos de saúde não conseguem atender e acolher (Silva, 1999, p. 83). Assim:

Há ainda a construção de uma expertise, seja na relação com os médicos, seja na observação sobre si mesmo, gerando um processo reflexivo que cria poder de barganha, individual e coletivo. Esta expertise é socialmente construída e reconhecida (Epstein, 1996). Diferente da noção de auto-ajuda que prioriza, ainda que não exclusivamente, o bem-estar individual, o auto-conhecimento, a auto-estima e o cuidado de si, a ajuda mútua prioriza o espaço relacional e a ação coletiva (Silva, 1999, p. 83).

Os net-ativistas e influenciadores digitais de aids recorrem a essa dinâmica dos movimentos sociais e coletivos que mobilizam a experiência pessoal com o HIV ou com a aids e o conhecimento adquirido sobre a temática em termos de (auto)cuidado, prevenção, tratamento, infecção interseccionados às relações afetivossexuais e ao cuidado de si. A virada nas tecnologias biomédicas que possibilitaram reduzir ou vetar por diversos caminhos a infecção por HIV encorajou e empoderou as pessoas vivendo com HIV, principalmente no tocante à fórmula Indetectável = Intransmissível. Esquemas como a PEP, a PreP, a prevenção combinada e a fórmula I = I se tornaram chaves para a desconstrução da abjeção, sendo temas recorrentes nas postagens de todos os perfis. Nesse sentido, na imagem abaixo, Psi Guilherme Lima questiona a concentração da atenção nas respostas biomédicas e aponta que estar indetectável não necessariamente significa estar ileso dos danos psicossociais que viver com HIV pode gerar nas pessoas. A amplitude da noção de (auto)cuidado é crucial na abordagem dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids.

Figura 97: Psi Guilherme Lima – Imagens Instagram – 1/11/2021



Fonte: [Lima \(2021\)](#)

Legenda da imagem: Não é incomum encontrar pessoas que estão em terapia antirretroviral (TARV), com a carga viral indetectável, mas ainda assim, em processo de sofrimento psíquico em decorrência da condição soropositiva.

Todos os medos envolvendo a rejeição numa relação amorosa; ou o julgamento social e moral; ou mesmo do adoecimento e da transmissão do vírus, de modo frequente, permanecem presentes. Sem contar nas pessoas que não estão ou que encontram dificuldades para ficarem indetectáveis - isso para citar apenas alguns exemplos.

Nesse sentido, definir a experiência com o HIV sob a perspectiva biomédica é ter uma visão reducionista a respeito da complexidade que o tema demanda. De modo objetivo, sim, é completamente possível viver saudável com o vírus, mas está longe de ser uma experiência fácil.

Quando se trata da subjetividade humana, os fenômenos do preconceito e do estigma social que permeiam o vírus da Aids adquirem um contorno especialmente complexo. A existência humana é singular, e cada um vai experimentar essa vivência de modo muito particular.

Este post está longe de dar conta de tal complexidade, nem há essa pretensão. O objetivo é chamar atenção para que, sim, estar indetectável pode ser um estágio fundamental na construção de novas narrativas e percepções sobre a experiência com o HIV. No entanto, viver com o vírus está para além de um comprimido todos os dias.

Portanto, é necessário que o cuidado em saúde mental ganhe a atenção devida. As pessoas com HIV precisam de um espaço para expor suas questões envolvendo a soropositividade, além de outras demandas da existência humana, que possuem ou não relação com o vírus. O setting terapêutico é espaço para isto, para a elaboração das mais diversas experiências. Você tem cuidado da sua saúde mental?

#PsiGuilhermeLima #psicologo #psicologia #psicologorj #aids #HIV #soropositivo #saudemental #autocuidado #preconceito #psicoterapiaonline #terapiaonline

Há na legenda da imagem uma exposição sobre a diferença entre o que se considera saúde com base na limitação da perspectiva biomédica e sua quantificação de carga viral e *status* de indetectabilidade a uma noção mais ampla, integrada e libertadora. Contextualizando a questão do estigma, Psi Guilherme Lima aponta que a experiência das pessoas vivendo com HIV ultrapassa os protocolos de saúde em hospitais e CTAs e a rotina medicamentosa e lança um olhar para a saúde mental. Psicólogo de formação, ele conecta as discussões e proposições de sua área de atuação com a temática do HIV/Aids e, ao mesmo tempo, divulga seu serviço como terapeuta.

O conjunto de net-ativistas e influenciadores digitais de aids selecionados nesta netnografia discursiva se posiciona e constrói sua identidade em uma ecologia interativa e comunicativa, cuja arquitetura favorece uma presença crescente nesse espaço. Conscientes das implicações de engajamentos bem-sucedidos, esses atores sociais refletem continuamente sobre a linguagem, a aids e seus efeitos linguísticos na constituição de sujeitos e realidades. Os principais temas e categorias identificados acionam fios discursivos relacionados aos dispositivos da aids, especialmente no contexto do entretenimento associado à aids, e como esses elementos evoluíram ao longo das décadas, continuando a influenciar as vivências das

peessoas com HIV, grupos vulneráveis e a sociedade em geral, especialmente no âmbito das experiências afetivossexuais.

O uso estratégico da linguagem é uma preocupação fundamental nessas dinâmicas sociodiscursivas em torno da aids. Os net-ativistas e influenciadores digitais, ao realizarem seus projetos de atualização do dispositivo da aids-entretenimento no *Instagram*, demonstram uma harmonia em relação aos temas abordados, às representações escolhidas e às seleções lexicais. Cada palavra utilizada, suas relações semânticas, colocações, metáforas e articulações gramaticais são cuidadosamente consideradas. A linguagem é vista como uma ferramenta poderosa para reduzir estigmas e preconceitos, enfim, a abjeção que persiste em produzir subjetivações, aproximando e humanizando as narrativas em torno do HIV e da aids.

No processo de transformações do ativismo relacionado ao HIV/Aids ao longo do tempo, destacando a institucionalização gradual desse movimento nas democracias industrializadas na década de 1990, observa-se uma mudança no cenário midiático, passando dos blogs como espaços de divulgação de ideias para os vlogs, marcando uma nova fase no ativismo midiático. Os net-ativistas e influenciadores digitais contemporâneos incorporam algumas dessas diretrizes, utilizando plataformas como o Instagram para disseminar informações, promover engajamento político e desafiar estigmas associados ao HIV/Aids.

Em suma, os temas-categorias nos perfis desses ativistas digitais se reconfiguram e se adaptam às ecologias comunicativas digitais contemporâneas. Dentre as principais categorias, destaca-se a autopromoção, a opinião e crítica política, as narrativas testemunhais e autobiográficas, e a expertise, especialização e informação. Essas categorias se entrelaçam, refletindo as dimensões de fama, influência, promoção, interação e profissionalização como criadores de conteúdo engajados socialmente.

A autopromoção emerge como uma estratégia essencial para a divulgação desses perfis, com os influenciadores esforçando-se para manter a visualização dos conteúdos e as métricas de engajamento em crescimento constante. A construção de uma marca pessoal, a organização das postagens e o tom utilizado contribuem para a criação de uma identidade consistente.

As narrativas testemunhais e autobiográficas continuam funcionando como modo de ação, em demanda por alteridade, destacando a experiência pessoal com o HIV/Aids como desafio a uma ideia de humanidade em que as epidemias de aids afetaram indistintamente a todos. Essas histórias não apenas documentam os desafios enfrentados, mas também contribuem para a construção de empatia, desconstrução de estigmas e promoção da conscientização. Os net-ativistas contemporâneos adaptam essas narrativas ao formato digital, utilizando recursos visuais e a hipermídia para amplificar sua mensagem.

A ação ético-política dos ativismos de aids é evidenciada na ênfase à ajuda mútua, à construção de expertise e à disseminação de informações. Os influenciadores digitais conectam suas experiências pessoais com estratégias de (auto)cuidado, prevenção, tratamento e questões relacionadas à saúde mental. A complexidade da experiência humana com o HIV é abordada, destacando que estar indetectável vai além da perspectiva biomédica, envolvendo aspectos psicossociais e emocionais. Em suma, o mapeamento das ecologias comunicativas dos net-ativistas e influenciadores digitais de aids forneceu um panorama abrangente das práticas, temas e categorias presentes nos perfis destacando que o ponto de partida nesta discussão, o rosto como síntese da abjeção que constitui o aidético não apenas é ressignificado, pois há nele uma demanda para o visualizador, afinal:

A possibilidade de uma resposta ética ao rosto, portanto, requer a normatividade do campo visual: já existe não só um quadro epistemológico dentro do qual o rosto aparece, mas também uma operação de poder, uma vez que somente em virtude de certos tipos de disposições antropológicas e quadros culturais determinado rosto parecerá ser um rosto humano para qualquer um de nós. Afinal, sob quais condições alguns indivíduos adquirem um rosto legível e visível, e outros não? Há uma linguagem que enquadra o encontro, e embutido nessa linguagem está um conjunto de normas referentes ao que constituirá e não constituirá a reconhecibilidade (Butler, 2015b, p. 36).

A normatividade construída em torno do rosto da pessoa que vive com HIV é preenchida pela proveniência do sarcoma de Kaposi, dos sulcos de magreza e da deterioração pelo adoecimento oportunista e do olhar profundo e melancólico. A resposta ética que os net-ativistas e influenciadores digitais de aids demandam parte dessa ordem que condiciona as possibilidades de devir e escape. Dentro de uma lógica complexa de interpelação para o perfilamento, eles agem para que de forma ininterrupta a interação em redes permaneça eletrificada, mas que nesta mecânica as significações sobre a aids passem a ser relatadas como parte de uma narrativa mais coletivizada e não pelo lócus da vítima que entretém um espectador distante e voyeur. O entretenimento é estratégia para a eletrificação da ação-relação-interação em redes.

RASCUNHOS DE UM FUTURO SEM AIDS

Figura 98: Leo não consegue mudar o mundo, 1989. Arte de José Leonilson. col. Dias Reichert



Fonte: Cassundé (2012, p.169)

A ficcionalização em torno da aids criou uma dimensão, uma geografia paralela repleta de símbolos, espaços arquitetônicos, códigos de conduta, dialetos e identidades. Menciono no começo deste texto um passaporte para o mundo da doença e, até que possamos dobrar e desmantelar sua força centrípeta, ele continuará produzindo marcas na carne. E eles continuam a ser empurrados para essa zona nebulosa. Olha para ele. Aquele menino cheio de sonhos ameaçados amassa com força esse documento de viajante não desejado, sai de casa e imiscui seu corpo ao da cidade quente em que ele está. É noite. Diante dela, faz seu testemunho, naquele empilhado de casas disformes que compõem a geografia acidentada e pobre da região entre o Nazaré e o Garcia, o Tororó e o Engenho Velho de Brotas. Salvador. Bahia. Entre esses bairros: o Dique do Tororó, uma imensa lagoa cercada por um trânsito intenso, píeres e uma pequena vegetação. No espelho d'água e pelo seu perímetro, estátuas de orixás compõem o cenário. Aquele rapaz percebe que a suposta passagem recém-adquirida para o mundo da doença, há pouco anunciada por uma ligação telefônica, será divisória em sua vida. Naquele momento, ele só tem a oferecer suas lágrimas, que vertem incessante, copiosa e dramaticamente. Anos depois, ele dará outros contornos a essa cena, negando a ela o sentido da entrada pelo território do drama e da morte. Pelo contrário. Não por acaso, Tororó, palavra originária do tupi, significa jorro de água e, para a natureza, é uma fonte de vida.

Na figura acima, a arte de Leonilson nos apresenta de forma lírica a uma realidade bruta, nos impulsionando a pensar sobre a realidade da vida e suas agruras e incongruências. O órgão parece um coração humano em vermelho intenso, entrecortado pelas palavras “Abismo”, “Luzes”, “Solitário” e “Inconformado” como se fossem artérias, e o sangue vaza por toda a tela. O título da obra “Leo não consegue mudar o mundo” em destaque na parte superior é o guia para a leitura da imagem (Cassundé, 2012, p. 24). O artista parece impotente diante da impossibilidade de realizar quaisquer mudanças no mundo, ante as iniquidades sociais que vivencia como o menino diante da noite e do seu diagnóstico.

As tintas do drama em relação à aids são sempre muito carregadas, mesmo quando se propõe questionar esse estatuto genérico. Em 1989, Sontag (2007, p. 137-138) fala da aids como um dos “arautos distópicos da aldeia global, aquele futuro que já chegou e ao mesmo tempo está sempre por vir, e que ninguém sabe como recusar”. O ponto é que nos acostumamos cada vez mais com a violência, com a presença do absurdo e, portanto, com a presença robusta dos símbolos da aids. Logo, “O fato de até mesmo um apocalipse poder se tornar parte do horizonte normal de expectativas constitui uma violência inaudita a nosso senso de realidade, a nossa humanidade” (Sontag, 2007, p. 137-138). Para a autora, a noção de uma medicina “total” ou de uma guerra “total” seria tão absurda quanto a da aids como um elemento totalitário nos consumindo. Portanto, a fim de desdramatizar a aids, é preciso torná-la comum, banal e tratável como outras doenças e esvaziada dos símbolos, imagens e metáforas, mesmo que paradoxalmente se recorra eventualmente ao drama para fazê-lo. Como em um expurgo final. (Sontag, 2007).

O exercício proposto aqui parte da premissa básica da desdramatização da aids acima sintetizada e teve como ponto de partida a observação de como, nas plataformas de redes sociais, se formavam redes de net-ativistas que falavam abertamente sobre o tópico, ao mesmo tempo em que expunham seus rostos, suas vozes relatavam a si e a suas experiências com a aids a partir de traços autobiográficos e testemunhais. Além de narrar sua vivência com o HIV/Aids, sua atuação como especialistas apontava um papel social de disseminação de informação, conteúdos instrucionais e educativos. Por fim, assumiam publicamente uma persona política, questionadora e crítica, que almejava alcance, visibilidade e autopromoção. No meu processo particular de observações iniciais em diversos sites de redes sociais, mas principalmente o *Youtube* e o *Instagram*, notei a recorrência intertextual de uma história que não cessava de ser contada porque ainda muito presente, imagética e ideologicamente.

As reminiscências das primeiras décadas da aids pareciam pulsar como ecos sociosemióticos articulados à persistência da epidemia do ponto de vista epidemiológico, não

com o mesmo fulgor dos períodos de 1980 e 1990, mas ainda não superada. O problema persiste simbólico-discursivamente e do ponto de vista da saúde pública, de modos articulados, apesar do silêncio que supostamente indicava o sucesso absoluto das políticas públicas e do avanço tecnológico das terapias antirretrovirais. As respostas sociais não pareciam suficientes. Enfim, a proliferação de net-ativistas e influenciadores digitais articulados em redes e ganhando visibilidade nessas plataformas era um indício de uma movimentação que precisava ser articulada em termos de perguntas, objetivos e um problema delimitado a ser destrinchado.

Os primeiros mapeamentos indicavam que essa recorrente conexão a fios discursivos de períodos muito específicos da aids apontavam para discussões sobre origem, emergência e proveniência. Meu olhar partiu de um ponto sincrônico, e as microrredes discursivas tecidas impeliam a um trabalho genealógico. O caminho epistemológico e metodológico primevo talvez fosse pensar a atualidade da aids, isto é, o seu presente como diferença histórica, a partir do diálogo com Michel Foucault e seu projeto genealógico (1997; 1994a; 1998). Ao lançar a pergunta “como o acontecimento aids provocou a emergência de articulações sistemáticas para a construção de símbolos coletivos que atravessam décadas a partir de ecos sociossemióticos?”, eu já havia decidido empreender um projeto genealógico de investigação, posto que me propus a fazer um exercício analítico das formas de poder intrincadas à aids, e o passo seguinte seria me acercar das ferramentas teórico-metodológicas para materializar este projeto.

O primeiro capítulo é um exercício de montagem dessa oficina de trabalho. Os primeiros passos de imersão no campo digital me remontavam a outras muitas textualidades, a produtos midiáticos culturais de diversos formatos, períodos e locais, que pareciam deslocados de seu tempo e ainda ressoando nas discursividades atuais. Ao definir a importância desses fragmentos discursivos que pulsavam como parte das análises de emergência e proveniência, fui desenhando uma metodologia que combinaria a cartografia documental e a netnografia discursiva. A cartografia documental consistiu na análise de documentos e de outras fontes de informação, como imagens recuperadas da pesquisa de imagens do *Google* usando termos de pesquisa específicos e de outras fontes. A cartografia foi uma escolha por ser uma metodologia *ad-hoc*, perfeitamente adaptável ao proposto aqui, e por acionar o que, naquele momento, era preciso para iniciar as imersões: uma atenção flutuante, que corresponde a uma:

[...] proximidade quanto à ênfase na suspensão de inclinações e expectativas do eu, que operariam uma seleção prévia, levando a um predomínio da reconhecimento e consequente obturação dos elementos de surpresa presentes no processo observado. Além disso, a atenção seletiva cede lugar a uma atenção flutuante, que trabalha com fragmentos desconexos (Kastrup, 2015, p. 36).

Esses produtos midiático-culturais diversos “invadiram” a escrita e atravessavam substancialmente os dados netnografia discursiva, uma abordagem que busca compreender as práticas discursivas em ambientes digitais, como as redes sociais (imersão, integração e encarnação dos dados situados no *Instagram*). Ambas as gerações de dados e análises, dos dados extraídos dessa rede social e dos produtos midiático-culturais de diversas décadas, foram realizadas com base em uma agenda crítico-explanatória, que considera questões como “onde” e “quando” esses produtos são produzidos, quem são os principais produtores de conteúdo e seus coadjuvantes, as forças econômicas em torno deles e as posições e imposições políticas e ideológicas em torno dos agentes, como são produzidos e distribuídos os bens simbólicos e como são consumidos.

Em meus primeiros esboços ontológicos, concebi a aids como um objeto-signo de consumo que foi mediado principalmente por grandes corporações de comunicação. A minha percepção é a de que não havia uma distinção temporal e ontológica entre a aids enquanto um acontecimento e as suas representações culturais, e que a doença emerge como um produto consumível como entretenimento (ou infotenimento). A partir dessa delimitação inicial, estabeleci como fundamentos epistemológicos: 1) Os Estudos Críticos do Discurso, por enfatizar a relação entre linguagem, poder e ideologia, e analisar como as práticas discursivas são utilizadas para reproduzir e contestar as relações de poder na sociedade; 2) os Estudos de Cibercultura e de Mídias Sociais pela ênfase na relação entre tecnologia, cultura e subjetividade, na análise de como as tecnologias digitais estão transformando as práticas culturais e as formas de subjetividade na sociedade; e 3) Os Estudos *Queer*, por evidenciar a relação entre sexualidade, gênero e poder, e, mais especificamente, como a aids-entretenimento produziu abjeção.

O grande desafio foi conectar essas partes e, principalmente o primeiro eixo, a partir das perspectivas dos Estudos Críticos do Discurso, selecionada a Dialético-Relacional, e da Análise de Dispositivo. Para a primeira, a abordagem de Norman Fairclough sobre o discurso é bastante abrangente e oferece duas concepções distintas. Na primeira, o discurso é entendido de maneira mais abstrata, sendo considerado sinônimo de linguagem e semioses. Nessa perspectiva, o discurso é visto como um dos elementos fundamentais e irreduzíveis da vida social, desempenhando um papel crucial na interação humana e na construção de significado. Aqui, o discurso é situado como um dos componentes de uma ordem discursiva mais ampla, que inclui gêneros, discursos e estilos. Essa ordem discursiva é vista como a materialização de um campo complexo de ideias, saberes, assuntos e conhecimentos que estão interconectados historicamente, culturalmente, politicamente e juridicamente.

A escolha da segunda, o diálogo com a Análise de Dispositivo (AD), decorre do fato de esta pesquisa produzir uma abordagem genealógica da aids, destacando a importância de examinar o conhecimento produzido sobre a doença para compreender sua historicidade. A análise se baseia na perspectiva da AD, alinhada à crítica de Michel Foucault sobre a natureza política da ciência. A interação entre discurso, conhecimento científico e poder influencia dinamicamente as concepções de sujeito e sociedade em contextos históricos específicos. A noção de discurso, abrangendo campos como ciência, mídia, política e vida cotidiana, é construída a partir da ideia foucaultiana de regimes de verdade que regulam e são regulamentados pelo poder. Os discursos, representados como fios, fragmentos e nós discursivos, formam um emaranhado complexo. Os fios discursivos, sendo síncronos e diacrônicos, representam cursos tematicamente uniformes, enquanto os fragmentos e nós discursivos indicam a interconexão e a sobreposição de diferentes discursos, especialmente no contexto da aids.

A análise proposta destaca a necessidade de desembaraçar esse emaranhado discursivo, considerando a multiplicidade e a heterogeneidade dos discursos. Os fios discursivos são simultaneamente atuais e históricos, exigindo uma abordagem sincrônica e diacrônica. A análise de fragmentos discursivos revela a construção do conhecimento sobre um tema ao longo do tempo, sendo essencial reconstruir sua gênese. Os fragmentos de discurso podem conter elementos de outros fios, formando nós discursivos, e as conexões mais profundas desses fios discursivos resultam em símbolos coletivos.

No contexto da AIDS, os discursos de diferentes campos, como médico, jurídico, religioso e midiático, entrelaçam-se, formando uma complexa amálgama. Assim, a inclusão da abordagem dialético-relacional da Análise de Discurso Crítica destaca a ênfase na questão histórica envolvendo a aids e sua relevância contemporânea. Nesse sentido, a metodologia intenta revelar fragmentos discursivos em todo o texto, contribuindo para a compreensão da aids como símbolo coletivo no esquema de análise proposto, denominado aids-entretenimento como dispositivo. Em suma, a minha intenção foi a de um exercício analítico sobre a intersecção epistemológica e metodológicas para a execução de um projeto genealógico.

No capítulo seguinte, destrincho como a relação entre a noção de símbolo coletivo e a de midiaticização gore está relacionada à forma como a aids foi representada na mídia durante a década de 1980 e 1990. A midiaticização gore da aids se refere à representação da doença como uma ameaça mortal e contagiosa, com imagens gráficas e chocantes de pessoas doentes e morrendo. Essa representação foi amplamente difundida na mídia, especialmente em filmes, programas de TV e jornais, e contribuiu para a construção da aids como um símbolo coletivo.

A mediação da aids e a construção da doença como um símbolo coletivo tiveram um efeito significativo na percepção pública da doença e nas atitudes em relação às pessoas que vivem com HIV.

Os três arquétipos identitários da aids neste texto são o do aidético, o do sujeito político soropositivo e o do doente crônico. Argumento que esses arquétipos são importantes para compreender as diferentes formas como a aids foi representada na cultura e no entretenimento, e como essas representações afetam a percepção da doença pela sociedade e as reações contra-hegemônicas de constituição de outros *ethos* e projetos políticos. O arquétipo do aidético é difundido a partir da narrativa do paciente zero, símbolo do risco que o estilo de vida "promíscuo" e "sujo" do homossexual (e ele mesmo) representaria para a sociedade. O arquétipo do sujeito político soropositivo é o ativista radical que se autoinventou na fase mais aguda e urgente da epidemia de aids. Por fim, o arquétipo do doente crônico é aquele que vive no limbo simbólico entre estar doente e são, marcado pelo exame positivo e tratamento contínuo. A representação típica da aids nesse contexto histórico-político sugeria a morte como um fim incontornável, o que consideramos como uma representação ideológica de grupos sociais que deve ser problematizada como tal em nossas práticas sociais. Portanto, a mediação da aids contribuiu para a construção da doença como um símbolo coletivo, que teve um impacto significativo na percepção pública da doença e nas atitudes quanto às pessoas que vivem com HIV.

A partir dessa explanação, avanço para última seção do texto e parto de algumas definições acerca do elemento-chave da pesquisa, o conceito de entretenimento. A primeira perspectiva é a do consumo como uma forma de alienação radical do sujeito, conforme sintetizado por Jean Baudrillard (1995), que não abriria espaço para que o recurso da agência possa afetar e alterar a realidade social. Segundo o autor, a aceleração dos processos de produtividade de signos do capital na contemporaneidade provocou uma imanência na ordem dos signos, isto é, uma indistinção ontológica entre significados e significantes e entre o ser e o seu reflexo. As reflexões advindas dos Estudos Culturais e Estudos de Cinema tensionam a superação das noções de alta e baixa cultura, reconhecendo a centralidade dos fenômenos do entretenimento para além de seu papel econômico na indústria cultural e esboçando a ideia e as categorias em torno de uma sensibilidade utópica do entretenimento. Logo, o entretenimento pode ser uma forma de abertura para utopias, desde que seja compreendido como uma forma de expressão das possibilidades de abertura para a diferença, inclusive as contra-hegemônicas.

O passo seguinte é esquematizar o dispositivo da aids-entretenimento. Ele é apresentado como um conjunto de estratégias, instituições, práticas, ideologias e discursos articulados em

jogos de poder, configurações de saber e processos de subjetivação específicas da aids na cultura e no entretenimento. Esse dispositivo se manifesta em diversas esferas da sociedade, incluindo a indústria farmacêutica, os governos, os ativismos, a administração da coletividade e a vivência da própria sexualidade diante do consumo do signo aids. Argumento que o dispositivo da aids-entretenimento interfere ativamente na reorganização da vida social e em suas diversas práticas sociais, desde a década de 80. Ele também discute como esse dispositivo se retroalimenta com outros dispositivos que acionam a aids, dada a sua magnitude. Por fim, apresento um esquema-síntese do dispositivo da aids-entretenimento e as principais categorias analíticas resultantes dessa monta histórica, refletindo como ele se relaciona com outros dispositivos da aids.

Ao pensar os ecos sociossemióticos da aids-entretenimento, discuto sobre a transformação nos processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais que prepararam o terreno para a cultura digital que se materializaria nas décadas seguintes. A crise da aids emerge nesse contexto histórico de mudança, em que o consumo individualizado e a possibilidade de escolha de produtos midiático-culturais mais diversificados, complexificados em termos de gênero, suporte e formato, elaborados no mesmo âmbito de desenvolvimento da autonomia das pessoas no uso de equipamentos como, por exemplo, as câmeras fotográficas e de vídeo, o controle remoto, o *walkman*, o videogame, o videocassete, seguido pela indústria do CD e da TV a cabo, incitariam o exercício de consumo “fora da caixa” mais restrita da cultura de massas. Essa transformação levou a uma nova era do entretenimento, em que o consumo midiático-cultura se tornou mais personalizado e diversificado, e isso afetou diretamente a forma como a aids foi representada e consumida na cultura e no entretenimento.

Traçando mais um fio intertextual, discuto como os movimentos sociais de pessoas vivendo com HIV ou com aids emergiram como resposta a uma crise de saúde pública, de representação e focados no enfrentamento às violências sistemáticas, inclusive do Estado, que elas experienciavam principalmente nas décadas de 1980 e 1990 para a construção de redes de solidariedade e ação. Esses movimentos sociais fizeram uso das estratégias de criação e circulação de imagens como ferramentas de seus ativismos, com foco nas noções de experiência, de ética da responsabilidade e engajamento pessoal e íntimo que foram elementos fulcrais para a concepção dos grupos e para a formação dos ativistas. Esses elementos não configuram uma ruptura entre o individual e o coletivo, mas sim um imbricamento mais complexo entre esses aspectos que irão definir as redes de ativismos de aids e o fenômeno dos net-ativismos. Esses ativismos desembocaram nos net-ativismos situados em plataformas de

redes sociais a partir do foco na experiência pessoal e íntima dos ativistas e se tornou um ponto de partida para a construção de redes de solidariedade e de luta contra a aids.

Os net-ativismos são definidos como um conjunto de interações colaborativas resultantes da sinergia entre atores diversos, que se manifestam em plataformas de redes sociais na internet. Essas interações são caracterizadas pela sua complexidade e diversidade, e são moldadas pela condição digital comum que precede e molda pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais e territorialidades informativas. Os net-ativismos representam a formação de uma nova ecologia (eko-logos), não mais oposta e separativa, mas expandida e portadora de uma substância comum que a torna reticular e conectiva. Em outras palavras, os net-ativismos são uma forma de ativismo que se desenvolveu a partir da utilização das redes sociais na internet como plataforma para a mobilização e organização de ativistas em torno de causas específicas, como a luta contra a aids.

A identidade social é expressa de forma crucial no corpo. Nesse sentido, inquietou-me pensar como essa expressão se manifesta na plataforma multimídia de rede social *Instagram*. O rosto sempre foi um significante de identidade especialmente importante, e que, no caso da identidade social, o rosto único com o qual nascemos deveria tornar-se um rosto social. No entanto, a tecnologia do retrato realista alterou profundamente essa ideia de rosto social no Ocidente, deixando de ser instrumento semiótico portador e exibidor de mensagens, como se fosse uma máscara, e tornando-se um rosto único e particular. Desse modo, discuto como a identidade é construída e expressa no *Instagram* e como essa construção e expressão são influenciadas pelas características da plataforma, como a ênfase na imagem e na performance imagética. Intentei refletir como as identidades são constituídas e expressas em redes sociais mais amplas e como essas redes sociais são influenciadas pelas características da plataforma.

Uma das grandes inquietações é o entrelugar entre o net-ativista e o influenciador digital de aids. Indago de quais maneiras e por meio de quais relações-interações esses influenciadores constroem essas representações, conectando essas dinâmicas aos ecos sociossemióticos e aos símbolos coletivos construídos em torno da aids. O ponto crucial é entender como esses influenciadores digitais se tornaram figuras públicas e como a fama *on-line* deles se relaciona com o ativismo digital e o net-ativismo. As plataformas algorítmicas, como o *Instagram*, “governam” os usuários por meio de três características basilares: interpelação, perfilamento e performatividade. Discuto como esses aspectos afetam a construção da identidade nas redes sociais e como elas podem influenciar a forma como as pessoas se relacionam com a temática da aids. Os influenciadores digitais abordam a temática do HIV/Aids construindo outras representações da doença e incitando novos processos de identificação por meio de suas

interações nas redes sociais e mediando essas interações são moldadas pelos algoritmos das plataformas. O fato é que o algoritmo funciona como uma força que molda a construção da identidade e as interações nas redes sociais, ao passo que se interrelaciona com causas e movimentos sociais como as questões do ativismo digital de aids.

Por fim, a netnografia digital no *Instagram* aponta que a plataforma se popularizou como um aplicativo para celulares baseado na fotografia, e como os filtros e as molduras quadradas permitiram que milhões de pessoas produzissem fotografias com uma aparência profissional. A ênfase no conteúdo visual é crucial para o sucesso e a relevância dessa rede social e fez com ele a interseccionasse a comunicação e o comércio, marcada pela introdução da publicidade e das vendas diretas, pelo surgimento de influenciadores e por um novo quadro de criadores de conteúdo que buscam autenticidade em uma plataforma conhecida por *selfies* e autorrepresentação. Assim, o *Instagram* é assumidamente uma plataforma multimídia de compartilhamento de conteúdo e rede social e se transformou substancialmente em termos de proposta de rede social, atualizando suas interfaces e funções (algumas são retiradas) cotidianamente.

Diante disso, a estrutura genérica que embasa os processos de ação-interação-relação no *Instagram* funciona a partir de três focos principais: pré-gêneros, gêneros multimodais globais e gêneros híbridos. Os pré-gêneros são o narrativo, o argumentativo e o expositivo, que se organizam basicamente como discursos que se materializarão a partir das nuances das narrativas testemunhais autobiográficas, das textualidades argumentativo-opinativos-políticos e informativos-educacionais-instrucionais. Os gêneros multimodais globais são compostos por diferentes modos semióticos, como texto, imagem e som, e como esses modos são combinados para produzir significados complexos. E os gêneros híbridos são aqueles que resultam da mistura e reconfiguração de diferentes ordens de discurso, como as hipermídias, que constituem os conteúdos midiático-culturais no *Instagram*. Esses gêneros híbridos são consumidos no formato, suporte e com as ferramentas de criação e edição da própria plataforma, mais especificamente os gêneros-suportes multimodais globais dos vídeos curtos verticais (reels) e algumas categorias de imagens (como as *selfies* e similares, os carrosséis com textos, as postagens com texto e imagem etc.). Argumento que esses gêneros estão intrinsecamente relacionados à intertextualidade, ou seja, à maneira como diferentes textos e discursos se relacionam e se influenciam mutuamente.

Ressalto que um ponto crucial nos gêneros híbridos discursivos analisados são os memes, uma prática languageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet, os quais envolvem processos de remixagem,

com propósitos, essencialmente, humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano. Os memes são capazes de transmitir mensagens complexas de forma simples e divertida, e, muitas vezes, são utilizados como estratégia argumentativa para a defesa de pontos de vista implícitos. Através da viralização e da intertextualidade, estes assumem proporções gigantescas e imprevisíveis na construção de sentidos, contribuindo para a transformação das práticas languageiras na internet. Portanto, os memes não podem ser considerados um único gênero do discurso porque seus traços fundamentais e constitutivos, como a viralização de imagens e/ou de recursos verbais, o conseqüente apelo a estratégias de intertextualidade, os propósitos humorísticos e/ou satíricos/irônicos, podem aparecer em diferentes gêneros do discurso que cumpram finalidades semelhantes. Recurso fundamental para a construção do diálogo entre net-ativistas e influenciadores digitais, os memes podem ser usados como uma forma de entretenimento que recontextualiza o tema HIV/Aids, e também podem ser usados como uma forma de crítica social e política.

O “dispositivo da aids-entretenimento” funciona como um elemento conceitual comum que estrutura ontologicamente as práticas sociais dos atores que discutem a aids em suas redes sociais digitais. Reitero como a intertextualidade é uma característica importante dos dados coletados, com a recorrente menção da proveniência da aids em cada conteúdo. Em relação ao posicionamento da plataforma a partir de fatores hipermediáticos e sociopolíticos, realizo o detalhamento de cada campo. Os fatores hipermediáticos incluem a sincronicidade, transmissão de mensagens, a persistência da transcrição, o tamanho da mensagem, os canais de comunicação, as configurações de privacidade, o anonimato e o formato da mensagem; os fatores situacionais incluem a sincronicidade, a transmissão de mensagens, a persistência da transcrição, o tamanho da mensagem, os canais de comunicação, as configurações de privacidade, o anonimato, o formato da mensagem, a estrutura da participação, as características dos participantes, o propósito, o tópico, o tom, as normas e o código.

Os principais temas-categorias encontrados na discussão realizada pelos net-ativistas e influenciadores digitais de aids foram: 1) autopromoção, que se refere à promoção de si mesmo ou de sua marca pessoal; 2) opinião e crítica política, que se refere à discussão de questões políticas e sociais; 3) narrativas testemunhais e autobiográficas, que se referem a histórias pessoais e experiências de vida; e 4) expertise, especialização e informação, que se referem à apresentação de conhecimentos especializados e informações relevantes. Esses temas-categorias foram adaptados para as ecologias comunicativas digitais, nas quais a autopromoção e as narrativas testemunhais e autobiográficas são muito valorizadas em tempos de governança algorítmica.

Em relação a uma ontologia da realidade *big data*, referente à compreensão da realidade social como um tecido digital com uma estrutura social peculiar, argumento que a emergência das redes digitais evidenciou a necessidade de uma reflexão ampla sobre a emergência de uma interação social tecnológica. Essa interação não se baseia mais em formas analógicas de comunicação, mas sim em mediações espaciotemporalmente e materialmente deslocadas entre sujeitos, grupos, empresas, instituições e meios de comunicação. Essas interações ocorrem em redes formadas por coletivos humanos, dispositivos e bancos de dados.

Outrossim, essa discussão sobre ontologia da realidade *big data* nos dá pistas para entender como a tecnologia está mudando a forma como interagimos e nos relacionamos uns com os outros. As ecologias comunicativas são discutidas como um conceito que se refere às dinâmicas plurais dos processos democráticos e dialogantes que emergem das transformações tecnológicas do século XX. Argumento que as ecologias comunicativas como complexas e multidirecionais e que não podem ser compreendidas apenas em termos de causa e consequência das dimensões culturais, tecnológico-comunicativas e econômico-produtivas da sociedade capitalista. Em vez disso, as ecologias comunicativas são emergentes e dinâmicas, moldadas pelas contradições e possibilidades de escape que surgem das interações entre essas dimensões.

Figura 99: O Monte das Oliveiras, 1992. Arte de José Leonilson. Projeto Leonilson, Sergio Guerini



Fonte: Luz e Cordeiro (2021, p. 74)

Nesse contexto, os ecos do dispositivo da *aids-entretenimento* se materializam cotidianamente afetando não somente os grupos vulneráveis, mas toda a humanidade, fissurada

pelas epidemias de aids. O rosto exibido pelos net-ativistas de aids é simbolicamente carregado por símbolos coletivos que persistem e impelem outras significações, movimentos de mudança de perspectiva em relação a si e ao mundo. Leonilson, após o diagnóstico reagente para o HIV e o conseguinte adoecimento por aids, realizou uma obra que dialoga diretamente com “Leo não consegue mudar o mundo”. Nessa nova obra, ele afirma que “Leo pode mudar seu mundo”, o que indica um exercício ético de cuidado de si que veio a partir de sua fase artística pós-aids. Em “O Monte das Oliveiras” (de 1992), as palavras são quase imperceptíveis em relação às figuras retratadas, marcando um contraste com a outra obra analisada. Elas estão distribuídas em uma superfície de cor uniforme, e as ilustrações não possuem um reconhecimento claro ou explícito, embora ocasionalmente possam vagamente evocar objetos reais (Luz; Cordeiro, 2021, p. 73).

Em movimento similar, cada rosto marcado historicamente pela abjeção acionada pela aids ao se exhibir politicamente no *Instagram* provoca uma cisão na violência impetrada àquela face, assim como o fizeram as pessoas que viviam com HIV/Aids que escreveram autobiografias ou que dedicaram suas vidas aos ativismos. São relatos de si que mudam o próprio mundo e, por contiguidade, mudam outros mundos. Assim, o exercício da alteridade é radicalmente alterado nas sociedades informativo-digitais, que impulsiona a ação-interação-relação entre os participantes nas redes e reconfigura os modos como nos identificamos e representamos a realidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- AGÊNCIA de notícias da Aids. *Paulistanos que lidam há décadas com o HIV vivem agora mais e melhor*. 15/6/2018. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/paulistanos-que-lidam-ha-decadas-com-o-hiv-vivem-agora-mais-e-melhor/>. Acesso em: 9 out. 2023
- AGÊNCIA de notícias da Aids. *Documentário youtubers e Hiv*. In: *Agência Aids*, 8 de abr. de 2019. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Mxkjm8pcWs>. Acesso em: 9 out. 2023.
- ALAMY Banco de Imagem. *Marselha, França, exposição no Museu MUCEM, História da SIDA, imprensa francesa, Manchetes de jornais, “cancro gay”*. 14 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.alamyimages.fr/marseille-france-exposition-au-musee-mucem-histoire-du-sida-presse-francaise-titres-des-journaux-cancer-gay-image454431033.html>. Acesso em: 2 out. 2023.
- ALÓS, Anselmo P. Corpo infectado/corpus infectado: aids, narrativa e metáforas oportunistas. In: *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 27, n. 3, e57771, Sept. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000300205&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2023.
- A LUTA Democrática: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar. In: *Luta democrática*. Rio de Janeiro, 19 de março de 1987. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030678/74800>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- AMARAL, Lucas. Thumbnail: o que é e por que ela é importante para seus vídeos? In: *Rockcontent*. 6 abr, 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/thumbnail/>. Acesso em: 11 set. 2023.
- AMBRÓS, Lucian. Posithividades | Lucian Ambrós (@posithividades). 18/10/2022. In: *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Ct1mlYrg6Mz/>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- ANAM, Florence. HIV: vitórias para uns, sentença de morte para outros. In: *ÉL PAÍS*. 9 dez. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/09/opinion/1544395922_956940.html. Acesso em: 15 out. 2023.
- ANDROUTSOPOULOS, Jannis. *Potentials and Limitations of Discourse-Centred Online Ethnography*. *Language@Internet*, 5, article 8, 2008. Disponível em: <https://www.languageatinternet.org/articles/2008/1610>. Acesso em: 20 set. 2023.
- ANTUNES, José L. F. Por uma geografia hospitalar. In: *Tempo Social*, v. 1, n. 1, p. 227–234, jan. 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ts.v1i1.83349>. Acesso em: 2 out. 2023.
- AQNO. Sorria. In: *Aqno Tema*. *Youtube*. 23 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N1FfQVLnzdl>. Acesso em: 12 out. 2023.

ARANCIBIA, Kako. Corpo, memória e aids: diálogos em espiral. In: PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramon (orgs). *Aids sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-aids*. Salvador: Editora Devires, 2022.

ARAÚJO, Lucinha. *Preciso dizer que te amo. Todas as letras do poeta*. Texto Regina Echeverria. São Paulo: Globo, 2001.

ARCHER, Margareth. Introduction: Realism in the social sciences. In: M. Archer et al. (Orgs.) *Critical Realism. Essential readings*. London; New York: Routledge, 1998a. p. 189-205.

ARCHER, Margareth. Addressing the cultural system. In: M. Archer et al. (Orgs.) *Critical Realism. Essential readings*. London; New York: Routledge, 1998b. p. 503-543.

AUERBACH, David M.; DARROW, William W.; JAFFE, Harold W.; CURRAN, James W. Cluster of cases of the acquired immune deficiency syndrome. In: *The American Journal of Medicine*, 76(3), 487-492, 1984. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0002934384906685>. Acesso em: 2 out. 2023.

AZEVÊDO, José Henrique Pires. *Textualizando experiências com o HIV: a resiliência em canais do YouTube criados por pessoas soropositivas*. Dissertação (mestrado). Departamento de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33912>. Acesso em: 21 out. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2004.

BARROS, Laura P.; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. p. 52-77. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BARROSO, Suzana de C. *Tematização e representação da prática docente: análise sistêmico-funcional da construção discursiva da profissão e da identidade do professor de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=15174@1>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BHASKAR, Roy. Philosophy and scientific realism. In: M. Archer et al. (Orgs.) *Critical Realism. Essential readings*. p. 16-47. London, New York: Routledge, 1998a.

BHASKAR, Roy. Societies. In: M. Archer et al. (Orgs.) *Critical Realism. Essential readings*. p. 206-257. London, New York: Routledge, 1998b.

BASTOS, Vinícius. C. *Existências positivas: um blog como (não) lugar e outros modos de [r(e)]existir com HIV*. Tese (doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <https://pos.uel.br/pecem/teses-dissertacoes/existencia-positivas-um-blog-como-naolugar-e-modos-outros-de-reexistir-com-hiv/>. Acesso em: 9 out. 2023.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BELTRÃO, Márcio E; BARROS, Solange Maria de. *Gênero e sexualidade na formação docente: um estudo crítico do discurso*. Raído, Dourados, v. 11, n. 25, p. 324-340, jul. 2017. ISSN 1984-4018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/5078/3489>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica: In: ADORNO, Theodor W. et al. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BESSA, Marcelo S. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BESSA, Marcelo S. *Os perigosos: autobiografias & AIDS*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete; NOBRE, Kennedy C. Sobre a função das representações conceituais simbólicas na gramática do design visual: encaixamento ou subjacência? In: *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 91-109, jan./abr. 2010.

BIBLIOTECA Nacional de Medicina. “Pervertido”: página riscada da edição “The 25 Most Intriguing People of '87”. In: *Revista People*, 28 de dezembro de 1987. Disponível em: <https://www.nlm.nih.gov/exhibition/surviving-and-thriving/index.html>. Acesso em: 5 out. 2023.

BORDOWITZ, Gregg. Picture a Coalition. In: CRIMP, Douglas. *Aids: Cultural Analysis, Cultural Activism*. Cambridge: MIT Press, 1987.

BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz. *Pesquisadores comentam as ameaças ao programa brasileiro de HIV/Aids*. 2/12/2019. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/pesquisadores-comentam-ameacas-ao-programa-brasileiro-de-hivaids>. Acesso em: 2 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Campanha de diagnóstico – 2003*. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-de-diagnostico-2003>. Acesso em: 2 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de IST, do HIV/AIDS e Hepatites Virais - Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e Hepatites Virais Ministério da Saúde do Brasil. Agenda Estratégica de População-Chave (slide). Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Nota Informativa n. 5/2019-.DCCI/SVS/MS. 17/5/2019. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/notas->

informativas/2019/nota_informativa_5_2019_diahv_svs_ms-informa_sobre_o_conceito_do_termo_indetectavel.pdf/view. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *PrEP (Profilaxia Pré-Exposição)*. Publicado em 22/8/2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BROOK, Benedict. Gaëtan Dugas, the man accused of being a ‘monster’ all because of a confusion between a number and a letter. In: *New.com.au*. September 16, 2019. Disponível em: <https://www.news.com.au/lifestyle/health/health-problems/gatan-dugas-the-man-accused-of-being-a-monster-all-because-of-confusion-between-a-number-and-a-letter/news-story/7002ca54da8e59e41d8c50eb819ecdc9>Acesso em: 2 set. 2023.

BRUNO, Allan. Postado em: 30/10/2023. In: *Instagram*. Allan Bruno (@oallanbruno). Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CzCbV1qvxmX/>. Acesso em: 25 out. 2018.

BUSS, Paulo M. Globalização, pobreza e saúde. In: *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 6, p. 1575-1589, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000600019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 out. 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. São Paulo: N-1 edições, 2019a.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b.

BVS. *Biblioteca Virtual em Saúde*. [2023] Disponível em: <http://blogs.bvsalud.org/ds/2011/09/15/o-modelo-de-atencao-a-saude-se-fundamenta-em-tres-pilares-rede-regionalizacao-e-hierarquizacao/>. Acesso em: 5 set. 2023.

CABORN, Joannah. On the Methodology of Dispositive Analyses. In: *Critical Approaches to Discourse Analysis Across Disciplines* 1:112-123, 2007. Disponível em: https://www.lancaster.ac.uk/fass/journals/cadaad/wp-content/uploads/2015/01/Volume-1_Caborn.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.

CAPUCHO, Luís. *Mamãe me adora*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2012.

CARDOSO, Irene A. Foucault e a noção de acontecimento. In: *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 7(1-2): 53-66, outubro de 1995.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. In: *Tempo Social*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 93-107, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12472>. Acesso em: 8 jun. 2021.

CARVALHO, Alessandra M. P. *Representações sociais de trabalhadores da estratégia de saúde da família sobre o princípio da equidade no cuidado em saúde aos portadores de doenças sexualmente transmissíveis*. 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

CARVALHO, Maria Manuela. *Actualizações em Foucault: aplicações da noção de dispositivo ao VIH/SIDA*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), n. 14, p. 319–351, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/bwWdcsDTNwS9mxzBkX6MSmx/?lang=pt#>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CASSUNDÉ, Bitu; RESENDE, Ricardo. *Leonilson: sob o peso dos meus amores*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.

CASTRO, Gisela G. S. Entretenimento, sociabilidade e consumo nas redes sociais: cativando o consumidor-fã. In: *Fronteiras: estudos midiáticos*, v. 2, n. 14, 2012, p. 133-140.

CASTRO, Julio Cesar L. Plataformas algorítmicas: interpelação, perfilamento e performatividade. In: *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 26, n. 3, p. e33723, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/33723>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CAVALCANTE, Mônica M.; OLIVEIRA, Rafael. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. In: *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras de Passo Fundo*, v. 15, n. 1, p. 8-23, 2019. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8931>. Acesso em: 15 out. 2023.

CDC. Current Trends Update on Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS) --United States. In: *CDC*. [2023] Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/00001163.htm>. Acesso em: 8 jun. 2021.

CENTRO de informação científica. AIDS e homossexualidade. In: *Pró-lgbt. Ciência pela verdade*. 28 de agosto de 2018. Disponível em: <https://pro-lgbt.ru/fr/418/>. Acesso em: 2 out. 2023.

CEZIMBRA, Léo. Hiv/Aids - Por que continuamos lutando? - Dezembro Vermelho In: *Léo Cezimbra. Youtube*. 7 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oEnh1JyVxXA>. Acesso em: 4 ago. 2023.

CHAU, Clement. YouTube as a participatory culture. In: BERS, Marina Umaschi. *New Media and Technology: Youth as Content Creators*. Volume 102 de J-B MHS Single Issue Mental Health Services Series New Directions for Youth Development; Theory, Practice, Research New directions for youth development. Ed. John Wiley & Sons, 2011.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COMICHOLI, Gabriel. *Como aceitei o HIV?* Postado em: 1/12/2020. (@gabrielcomicholi). In: *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIQ2vJKHWkv/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 5 out. 2023.

CONSELHO Federal de Psicologia. *Transexualidade não é transtorno mental, oficializa OMS*. 22/5/2019. Disponível em: <https://may17.org/about/>; <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

CORRÊA, Salvador C. Entre memórias, espelhos e armários: ancestralidade indígena, homossexualidade e HIV. In: PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramon (orgs). *Aids sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-aids*. Salvador: Editora Devires, 2022.

CRIMP, Douglas. *Aids: Cultural Analysis, Cultural Activism*. In: CRIMP, Douglas. *Aids: Cultural Analysis, Cultural Activism*. Cambridge: MIT Press, 1987.

DAKRÓLAK. Grande Fúria | Leia meus Lábios. In: *Granfuria*, 14 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://dakrolak.wordpress.com/2014/12/14/artwelike-gran-fury-read-my-lips/>. Acesso em: 5 set. 2023.

GARSD, Jasmine. Muito antes do Facebook, a KGB espalhar notícias falsas sobre a AIDS. 22 de agosto de 2018. In: *NPR*. Saúde Global. Disponível: <https://www.npr.org/2018/08/22/640883503/long-before-facebook-the-kgb-spread-fake-news-about-aids>. Acesso: 4 jun. 2023.

DANIEL, Herbert. *Vida antes da morte*. Rio de Janeiro: ABIA, 2018 [1989].

DANILOFF, Dimitri. Genesis Series. In: *By IKIGAI LABS XYZ*. Photography & Ai. Disponível em: <https://livethelife.tv/dimitri-daniloff-genesis/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. *AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. Rio de Janeiro: ABIA, 2018.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIAS, Juliana de F. Analistas de Discurso e sua Prática Teórica e Metodológica. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 12(2), 213–246, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/les.v12i2.11504>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DIAS, Juliana de F. *A Linguagem do Parto: discurso, corpo, identidade*. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 10. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

DICAS para aumentar seu alcance. *Instagram para criadores de conteúdo*, 31 mai. 2013. Disponível em: <https://creators.instagram.com/blog/tips-for-improving-your-reach>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DI FELICE, Massimo. *Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo*. São Paulo: Paulus Editora, 2018. Edição do *Kindle*.

DI FELICE, Massimo. O Net-ativismo e as dimensões ecológicas da ação nas redes digitais. *In: PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, [S. l.], v. 4, n. 7, 2020. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/372>. Acesso em: 20 set. 2023.

DIGITAL Information. Instagram renova sua interface de usuário com pequenos ajustes no layout e remoção da guia Loja da tela inicial. *In: Digital Information World*. 10/01/2023. Disponível em: <https://www.digitalinformationworld.com/2023/01/instagram-revamps-its-user-interface.html>. Acesso em: 15 set. 2023.

DREW. “HIV / AIDS - EU SOU AIDÉTICO?”: Canal “Drew”, 21 de maio de 2020. *In: Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m-CTduVnpIQ>. Acesso em: 5 out. 2023.

DUNCAN. AIDS Escorpião e Aranha. 6 de dezembro de 2007. *In: PÓS-KIWI*. Disponível em: <https://www.postkiwi.com/2007/sleeping-with-aids/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

DYER, Richard. *Only Entertainment*. 2.ed. Londres/Nova York: Routledge, 2002.

EGGINS, Suzanne; SLADE, Diana. *Analysing casual conversation*. Londres: Cassel, 1997.

ESTEVAM, Filipe. Postado em 18/9/2023. *In: Instagram*. Filipe Estevam | Terapeuta HIV+ (filipe.estevam.leve). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CxVwd88LRrv/?img_index=1. Acesso em: 10 set. 2023.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse. Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003a.

FAIRCLOUGH, Norman. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. *In: WODAK, R.; MEYER, M. (orgs.) Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003b, p. 179-203.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Unb, [1992] 2016a.

FAIRCLOUGH, Norman. A dialectical-relational approach to critical discourse analysis in social research. *In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (orgs.) Methods of discourse studies 3rd edition*. London: Sage Publications, 2016b.

FAINSTEIN, Daniel. A 30 AÑOS DE LA APARICIÓN DEL SÍNDROME DE INMUNODEFICIENCIA ADQUIRIDA EN LA CIUDAD DE BAHÍA BLANCA. *In: Revista de la Asociación Médica de Bahía Blanca v Volumen 25, Número 1, Enero - Marzo*

2015 Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/04/882085/rcambbvol25n1_21-25.pdf. Acesso em: 2 out. 2023.

FESTIVAL BixaNagô. ATO 1 - Fé. In: *Festival BixaNagô*. 4 de jul. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TsmAIZP38aM>. Acesso em: 4 ago. 2023.

FILME Filadélfia (LEG). In: *YouTube Filmes*. 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HRsThBy-zU>. Acesso em: 5 out. 2023.

FITZSIMONS, Tim. Mês da História LGBTQ: Os primeiros dias da crise da AIDS na América. In: *NBC News*. 15 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/lgbtq-history-month-early-days-america-s-aids-crisis-n919701>. Acesso em: 2 jul. 2023.

FONSECA, Leandro N. *HIV/aids e poesia contemporânea brasileira na antologia "Tente entender o que tento dizer"*, organizada por Ramon Nunes Mello. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4639>. Acesso em: 11 out. 2023.

FOUCAULT, Michel. *Introdução à vida não-fascista*. Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, p. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1980.

FOUCAULT, Michel. *¿Qué es la ilustración?* Traducción de Jorge Dávila. *Actual*, n. 28, Dirección General de Cultura de la Universidad de Los Andes. Mérida, Venezuela. Enero-abril 1994a, pp. 19-46.

FOUCAULT, Michel. Entrevista a P. Caruso publicada originariamente em *La fiera letteraria*, n. 39 (setembro de 1967) e reeditada em FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits I. Che cos'è Lei Professor Foucault? (Qui êtes-vous, professeur Foucault?)*. Paris: Gallimard, 1994b, p. 601-620.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx - Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense. Universitária, 2008.

FRANK, Gustavo. O que é "pedir biscoito"? Conheça a gíria que está bombando na internet. In: *Universa UOL*. 7/4/2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/07/o-que-e-pedir-biscoito-conheca-a-giria-que-esta-bombando-na-internet.htm>. Acesso em: 11 out. 2023.

G1.com. Genética 'inocenta' canadense acusado erroneamente de ser 'Paciente Zero' da Aids nos EUA. In: *Portal G1.com*; Ciência e Saúde. 27/10/2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2016/10/genetica-inocenta-canadense-acusado-erroneamente-de-ser-paciente-zero-da-aids-nos-eua.html>. Acesso em: 2 out. 2023.

GAÊ. Twitter @somdegae. 14 de out de 2022a. Disponível em: <https://twitter.com/somdegae/status/1580999706670682112>. Acesso em: 4 jul. 2023.

GAÊ. Viver com HIV nunca vai deixar de ser uma questão. @somdegae. Postado em: 1 de dezembro de 2022b. In: *Instagram*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/ClocNRTOMB/?img_index=1. Acesso em: 11 out. 2023.

GENOVA, Alexandra. A história por trás da colorização de um controverso anúncio de AIDS da Benetton. In: *Time*. 14 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://time.com/4592061/colorization-benetton-aids-ad/>. Acesso em: 11 out. 2023.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade* (Trad. P. Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GIGLIOLI, Daniele. *Crítica da vítima*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.

GILLET, James. Media activism and Internet use by people with HIV/AIDS. In: *Sociology of Health & Illness*, v. 25, n. 6 2003 ISSN 0141-9889, p. 608-624, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/257198765_Multimodality_A_Social_Semiotic_Approach_to_Contemporary_Communication_Gunther_Kress_Routledge_London_2010_212_pp_45_bw_illustrations_15_colour_plates_ISBN_13_978-0-415-32061-0_pbk. Acesso em: 10 set. 2023.

GILMAN, Sander L. AIDS and Syphilis: The Iconography of Disease. In: CRIMP, Douglas. *Aids: Cultural Analysis, Cultural Activism*. Cambridge: MIT Press, 1987.

GIV. *Porque o laço vermelho como símbolo da luta contra a AIDS*. [2023] Disponível em: <http://giv.org.br/Ativismo-GIV/La%C3%A7o-Vermelho-S%C3%ADmbolo-da-Luta-Contra-a-AIDS/>. Acesso em: 5 jul. 2023.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOMES, Maria Carmen Aires. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual. In: RESENDE, Viviane de Melo; ARAÚJO, Carolina Lopes; REGIS, Jacqueline Fiuza da S (orgs). *Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2022.

GÓMEZ, Edgar C.; TIIDENBERG, Katrin; Selfies, Image and the Re-making of the Body. In: *Body & Society*, 21(4), 77-102, 2015. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/GMESIA>. Acesso em: 2 ago. 2023.

GRANGEIRO A. *et al.* Magnitude e tendência da epidemia de AIDS em municípios brasileiros de 2002-2006 [2010] In: *Revista Saúde Pública* 2010; 44(3): 430-41. Disponível

em: <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1607428>. Acesso em: 5 jun. 2023.

GRUNVALD, Vi. “Butler, a abjeção e seu esgotamento”. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo. *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 31-68.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: VOZES, 1996.

GUÉRIOS, Áureo L. De Doenças Reais a Doenças Ficcionalis: omissão, atenuação e imunização nas epidemias literárias. In: André Cabral de Almeida Carsoso; Claudete Daflon; Pedro Sasse. (Org.). *EPIDEMIAS: literatura, história e cultura*. v.1, 1.ed., p. 16-441. Rio de Janeiro: Edições Makunaíma, 2021.

HABERMAS, Jürgen. *Une flèche dans le coeur du temps présent*. Critique, n. 471, p. 794-799, ago/set 1986.

HAHN, Giselda V.; SALVADORI, Morgana. Confidencialidade médica no cuidado ao paciente com HIV/aids. In: *Rev. bioét.* (Impr.). 2019; 27 (1), p. 153-63. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/KBgtFgrfLDC34KdxYHrxvhF/>. Acesso em: 2 set. 2023.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALLIDAY, Michael. A. K.; MATTHIESSEN, Christian. M. I. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Routledge, 2004.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Bom entretenimento*. Petrópolis: Vozes, 2019.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). In: *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

HEGENBERG, Leonidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.

HERRING, Susan C. *A Faceted Classification Scheme for Computer-Mediated Discourse*. Language@Internet, 4, article 1, 2007. Disponível em: 5 jun. 2023. Acesso em: 5 out. 2023.

HILDENBRAND, Johanna G. *Memória e Sensações: o excesso no cinema de horror do século XXI*. Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Memória Social pelo programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social, Rio de Janeiro, 2015.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

HIV.gov. *Uma linha do tempo sobre HIV e AIDS*. [2023] Disponível em: <https://www.hiv.gov/hiv-basics/overview/history/hiv-and-aids-timeline/#year-2015>. Acesso em: 5 out. 2023.

HYPE auditor. *Uma solução completa para levar seu marketing de influência para o próximo nível*. [2023] Disponível em: <https://hypeauditor.com/pt/>. Acesso em: 15 out. 2023.

HOWARD, Jaqueline. A verdade sobre o ‘paciente zero’ e as origens do HIV. In: *CNN health*. 29 de outubro de 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/10/27/health/hiv-gaetan-dugas-patient-zero/index.html>. Acesso em: 5 out. 2023.

IBM. *O que é o Deep Learning?* [2023] Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/topics/deep-learning>. Acesso em: 2 out. 2023.

INSTAGRAM. *Crie, compartilhe e assista a vídeos curtos e divertidos*. [2023a] Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/features/reels>. Acesso em: 20 out. 2023.

INSTAGRAM. *Descubra e aprofunde-se em tópicos que inspiram você*. [2023b] Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/features/search-and-explore#:~:text=Role%20a%20tela%20para%20explorar,ou%20quem%20voc%C3%AA%20deseja%20pesquisar>. Acesso em: 20 out. 2023.

INSTAGRAM. *Quais tipos de reels você pode ver no Instagram*. [2023c] Disponível em: <https://help.instagram.com/1525585517644948>. Acesso em: 20 out. 2023.

JÄGER, Siegfried. *Kritische Diskursanalyse: Eine Einführung* Duisburg: DISS, 1993.

JÄGER, Margarete; JÄGER, Siegfried. *Deutungskämpfe: Theorie und Praxis Kritischer Diskursanalyse*. Wiesbaden: VS Verlag, 2007.

JÄGER, Siegfried; MAIER, Florentine. Analysing discourses and dispositives: a Foucauldian approach to theory and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (orgs). *Methods of discourse studies 3rd edition*. London: Sage Publications, 2016, p. 109-136.

JANCSARY, Dennis; HÖLLERER, Markus A.; MEYER, Renate E. Critical analysis of visual and multimodal texts. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (orgs). *Methods of discourse studies 3rd edition*. London: Sage Publications, 2016.

JARDIM, Eduardo. *A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Trad. Maria Rita Kehl. São Paulo: Aleph, 2013.

JONES, Steven E. *The Emergence of the Digital Humanities*. New York: Routledge, 2014.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da. (Orgs.). *Pistas do método da*

cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. P. 32-51.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. Pistas do método da cartografia: experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. *In: Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. e34074, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/34074>. Acesso em: 20 jun. 2023.

KHOSRAVINIK, Majid. Social Media Critical Discourse Studies (SM-CDS): towards a CDS understanding of discourse analysis on participatory web. *In: J. Flowerdew and J. E. Richardson (eds.). Handbook of Critical Discourse Analysis*. London: Routledge, 2017.

KHOSRAVINIK, Majid; UNGER, Johann W. Critical Discourse Studies and Social Media: power, resistance and critique in changing media ecologies. *In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (orgs). Methods of discourse studies 3rd edition*. London: Sage Publications, 2016, p. 205-233.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

KOZINETS, Robert. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

KOZINETS, Robert. *Netnography: The Essential Guide to Qualitative Social Media Research*. London: SAGE Publications Ltd, 2019.

KOZINETS, Robert. Netnography Today: A Call to Evolve, Embrace, Energize, and Electrify. *In: KOZINETS, Robert; GAMBETTI, Rossella. (eds.). Netnography Unlimited. Understanding Technoculture Using Qualitative Social Media Research*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2021.

KOZINETS, Robert; GAMBETTI, Rossella. (eds.). *Netnography Unlimited. Understanding Technoculture Using Qualitative Social Media Research*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2021.

KRAMER, Mark. "Lessons From Operation "Denver," the KGB's Massive AIDS Disinformation Campaign". The MIT Press Reader. Retrieved September 21, 2020.

KRESS, Gunther R. *Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication*. London & New York: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo Van. *Reading images: The grammar of visual design*. 2.ed. London; New York: Routledge. 2006.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo Van. *Reading images: The grammar of visual design*. 3.ed. London; New York: Routledge. 2021.

KRISTEVA, Julia. *Sèméiotikè. Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror: an essay on abjection*. Nova York, Columbia University Press, 1982.

KRUGER, Cauê. Impressões de 1968: contracultura e identidades. In: *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, v. 32, n. 2, p. 139-145, 27 ago. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/7926>. Acesso em: 5 jun. 2023.

KRULWICH, Sara. "No *Coming Home Hospice*, em São Francisco, David Brewster, um paciente com AIDS, sendo atendido por seu amigo Michael Boller. In: *Revista The New York Times*. 29/1/1989. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/12/01/health/aids-day-photography-1980s.html>. Acesso em: 8 out. 2023.

LAGNADO, Lisette. "Entrevista com o artista: a dimensão da fala = Interview with the artist: the dimension of speech." In: *São tantas as verdades = So many are the truths*, 79- 136. São Paulo, Brazil: DBA Artes Gráficas; Melhoramentos, 1998. Disponível em: <https://icaa.mfah.org/s/es/item/1110767#c=&m=&s=&cv=&xywh=-837%2C0%2C2947%2C1649>. Acesso em: 7 set. 2023.

LAKOFF, George; JONHSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LANDAU, Elizabeth. Tatuagens: uma jornada de aceitação do HIV. 10 de agosto de 2011. In: *CNN*. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2011/HEALTH/08/10/hiv.tattoos/index.html>. Acesso em: 5 set. 2023.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da aids no Brasil*, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015a.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da aids no Brasil*, v. 2: a sociedade civil se organiza pela luta contra a aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015b.

LEAVER, Tama; HIGHFIELD, Tim; ABIDIN, Cristal. *Instagram: Visual social media cultures*. Cambridge: Polity Press, 2020. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/commun-2020-0029/html>. Acesso em: 5 out. 2023.

LEEUWEN, Theo Van. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEEUWEN, Theo van. *Multimodality and Identity*. New York: Routledge, 2022.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA, Fernando Henrique Rodrigues de. *A construção do preconceito no sujeito portador de hiv: o poder do discurso midiático na representação do estigma social*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, 2014.

LIMA, Guilherme. Psi Guilherme Lima | Vivo com HIV (@psi.guilima). Postado em: 15/5/2023. In: *Instagram*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CsRPFs_xzmQ/. Acesso em: 5 set. 2023.

LIMA-NETO, Vicente de. *Meme é gênero?* questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(59.3): 2246-2277, set./dez. 2020.

LUZ, André Sheik; CORDEIRO, Aline Siqueira. Leonilson: uma obra biográfica ou política? In: *Revista Concinnitas*, [S. l.], v. 22, n. 41, p. 63–99, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/60717>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MACHADO, Jorge Alberto S. *Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais*. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 18, p. 248-285, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 abr. 2021.

MACHADO, Josué. AIDS, Aids, aids ou sida? In: *Cotidiano, Folha de S. Paulo*, segunda-feira, 1 de janeiro de 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/01/cotidiano/10.html>. Acesso em: 24 nov. 2023.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André R.; RESENDE, Viviane. M. *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Castro-Gómez, Santiago y Grosfoguel, Ramón (Comp.). Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 127-167.

MANCHINI, Evandro (@evandromanchini). Postado em 28/6/2023. In: *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuCu-zzpzrb/>. Acesso em: 10 out. 2023.

MANN, Jonathan M; TARANTOLA, Daniel J. M; Netter, Thomas W. *A AIDS no Mundo*. Rio de Janeiro: ABIA, IMS/UERJ, Editora Relume-Dumará, 1993.

MASON, Jennifer. *Qualitative researching*. London: Sage. 2002.

MARTIN, James R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. Londres: Equinox, 2008.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter. *The language of evaluation: Appraisal in English*. London: Palgrave Macmillan, 2005.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Artes & Ensaios, v. 32, 2016, p. 123-151.

MELO, Lucas P. *Aids, tempo e suas renitências: socialidades, emoções e políticas em uma rede social on-line*. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe179821>. Acesso em: 9 out. 2023.

MELO, Petra Pastl Montarroyos de. *Cinema do medo: um estudo sobre as motivações espectatoriais diante dos filmes de horror*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, 2017.

MELLO, Ramon N. (Orgs.) *Tente entender o que tento dizer: poesia + HIV/Aids*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2018.

MEMMI, Dominique; RAVENEAU, Gilles; TAÏEB, Emmanuel. *Introduction. La fabrication du dégoût*. *Ethnologie française*, vol. 41, no. 1, 2011, p. 5-16. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2011-1-page-5.htm> . Acesso em: 14 de julho de 2023.

MEMBRE de la Coalition Internationale Sida. *Morte de Daniel Defert (1937-2023): fundador da aides*. Disponível em: <https://www.aides.org/communique/deces-daniel-defert-fondateur-aides>. Acesso em 5 ago. 2023.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

MCKAY, Richard A. "Patient Zero": the absence of a patient's view of the early North American AIDS epidemic. In: *Bull Hist Med*. 2014 Spring;88(1):161-94. PMID: 24769806; PMCID: PMC4046389. Disponível em: doi: 10.1353/bhm.2014.0005. Acesso em: 4 set. 2023.

MIRANDA, Boris. 'Maria Tifoide', a mulher condenada a viver 26 anos em quarentena por ter doença assintomática. In: *BBC News Brasil*. 7 março 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-51619047?at_custom2=twitter&at_campaign=64&at_custom3=BBC+Brasil&at_custom4=4E92BF9C-6058-11EA-A88D-FAD8923C408C&at_medium=custom7&at_custom1=%5Bpost+type%5D. Acesso em: 2 nov. 2023.

MONNERAT, Alessandra. É falsa a alegação de que os EUA inventaram o vírus HIV como arma biológica. In: *Estadão*. 10/7/2019. Disponível: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/e-falsa-a-afirmacao-de-que-os-eua-inventaram-o-virus-hiv-como-arma-biologica/>. Acesso em: 15 set. 2023.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo – 1 Neurose*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

MOSSERI, Adam. *Explicando melhor o funcionamento do Instagram*, 8 jun. 2021a. Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 15 set. 2023.

MOSSERI, Adam. *Changes are coming to video on Instagram*, 30 de jun. de 2021b. Twitter: @mosseri. Disponível em: https://twitter.com/mosseri/status/1410297743285829632?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1410297743285829632%7Ctwgr%5E5dc4202c8011d3b890e2d32fd9042333ecf475dd%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fd-3052460904124966378.ampproject.net%2F2310301456000%2Fframe.html. Acesso em: 15/10/2023.

MOSSERI, Adam. *Controle seu feed do Instagram com Favoritos e Seguindo*, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 15 set. 2023.

MOSSERI, Adam. *Classificação no Instagram explicada*, 31 mai. 2023. Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 15 set. 2023.

NASCIMENTO, Lili. Jesus, Exu e AZT. p. 11-14. In: PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramon (orgs). *Aids sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-aids*. Salvador: Editora Devires, 2022.

NASCIMENTO, Roseli G. do; BEZERRA, Fábio A. S.; HEBERLE, Viviane M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. In: *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 529-552, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15403>. Acesso em: 14 jul. 2023.

OLIVEIRA NETO, Alfredo. *Internet e HIV/AIDS: o poder da informação e da desinformação*. Tese (doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível: <https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/4738>. Acesso 15 set. 2023.

ORAÇÃO A CONTRAPELO: O TERÇO. *The Red Studio*, São Paulo, 16 dez. 2021. Disponível em: <http://theredstudio.com.br/index.php/portfolio/objetos/658-oracao-a-contrapelo-o-terco>. Acesso em: 15 set. 2023.

PALAVRA Impressa Editora. Pílula De Português Para A Aids. Assim, Com Letras Todas Minúsculas. In: *Pílulas de Português!* 23 de março de 2016. Disponível em: <https://www.palavraimpressa.com.br/2016/03/23/pilula-de-portugues-para-a-aids-assim-com-letras-todas-minusculas/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

PARKER, Richard. *O fim da AIDS?* Rio de Janeiro: ABIA, 2015.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. *Estigma, discriminação e AIDS*. Richard Parker. Rio de Janeiro: ABIA, 2021.

PARKER, Richard; CAMARGO Jr., Kenneth Rochel de. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. In: *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. S89-S102, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2000000700008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 out. 2018.

PARKER, Richard; TERTO Jr., Veriano. *Solidariedade: a ABIA na virada do milênio*. Rio de Janeiro: ABIA; 2001.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PELA VIDA. Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS no Rio de Janeiro em 1994. In: *Grupo Pela Vida RJ*. Disponível em: <http://www.pelavidda.org.br/vivendo.html>. Acesso em: 6 jun. 2023.

PELUCIO, Larissa. Ativismo Soropositivo: A Politização da Aids. In: *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2, p. 119-141, jan. 2007. ISSN 2175-8034. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/7947/14959>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PEPPER. Gaê lança o single “sorria”, canção manifesto sobre pessoas que vivem com HIV em parceria com Aqno e Lui. In: *Portal Pepper*, s/1, 5 dez. 2022. Disponível em: <https://portalpepper.com.br/gae-lanca-o-single-sorria-cancao-manifesto-sobre-pessoas-que-vivem-com-hiv-em-parceria-com-aqno-e-lui/>. Acesso em: 25 set. 2023.

PEREIRA, Adriana J.; NICHATA, Lúcia Y. I. A sociedade civil contra a Aids: demandas coletivas e políticas públicas. In: *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3249-3257, July 2011. *Philadelphia*. Dir. Jonathan Demme. Perf. Tom Hanks, Denzel Washington. TriStar Pictures, 1993. DVD.

PEZERIL, Charlotte. Le dégoût dans les campagnes de lutte contre le sida. In: *Ethnologie française*, v. 41, no. 1, 2011, p. 79-88. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2011-1-page-79.htm>. Acesso em: 14 de julho de 2023.

PODER 360. Pobreza freia o avanço do combate à aids no Brasil, diz estudo. In: *Poder 360°*. 24 set. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/saude/pobreza-freia-o-avanco-do-combate-a-aids-no-brasil-diz-estudo/>. Acesso em: 15 out. 2023.

PORTAL UOL. Leia a transcrição da entrevista de Marco Feliciano à Folha e ao UOL. Brasília, 2 abr. 2013. Política. In: *Portal UOL*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/04/02/leia-a-transcricao-da-entrevista-de-marco-feliciano-a-folha-e-ao-uol.htm>. Acesso em: 15 set. 2023.

PRECIADO, Paul. B. *Testo junkie, Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRIMO, Alê; MATOS, Ludimila; MONTEIRO, Maria Clara. *Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais*. Salvador: EDUFBA, 2021.

PRIMEIRO ENCONTRO. Locução de Raul Nunnes e Emer Conatus. [S/L]: In: *Spotify Studios*, 9 de junho de 2022. Preto Positivo. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6SR49pwTHEoedXaqPMcOTc?si=C7eppXu4RPuPX4PaV0B3uw>. Acesso em: 21 set. 2023.

PRYSTHON, Angela. *Entretenimento como utopia*. Alceu (PUCRJ), v. 10, p. 126-136, 2010.

PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramon. Corpo, memória e aids: diálogos em espiral. In: PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramon (orgs). *Aids sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-aids*. Salvador: Editora Devires, 2022.

RACHID, Marcia. *Sentença de vida*. Rio de Janeiro: Máquina de Livros. Kindle, 2020.

RANIEL, Lucas Raniel - Vivo com HIV. (@lucasraniei_). In: *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/B8Pqv7IHGbK/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre n. 38, abril de 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5309>. Acesso em: 5 jun. 2023.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: *Verso e Reverso*, XXVIII(68):114-124, maio-agosto, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273862385_Curtir_compartilhar_comentar_trabalho_de_face_conversacao_e_redes_sociais_no_Facebook. Acesso em: 2 jul. 2023.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PUTTI, Alexandre. Longe dos estereótipos dos anos 80, como as pessoas com HIV vivem hoje. In: *Carta Capital*. Douglas Reder /reprodução, 05.12.2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/longe-dos-estereotipos-dos-anos-80-como-as-pessoas-com-hiv-vivem-hoje/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

REISIGL, Martin; WODAK, Ruth. The discourse-historical approach (DHA). In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (orgs). *Methods of discourse studies 3rd edition*. London: Sage Publications, 2016, p. 23-61.

RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso Crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada*. In: RESENDE, Viviane de Melo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Orgs.). *Outras perspectivas em Análise de Discurso Crítica*. Campinas (SP): Pontes Editores, 2017.

RESENDE, Viviane de M. (Org.) *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Campinas: Pontes, 2019.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

REVISTA MANCHETE. Rio de janeiro, 1988. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/250957>. Acesso em: 9 set. 2023.

REVISTA VEJA. *AIDS: os que vão morrer contam sua agonia*, 1988.

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/acervo/>. Acesso em: 9 set. 2023.

ROBBINS, Rebecca; STOLBERG, Sheryl G. A farmacêutica atrasou remédio promissor conta o HIV para aumentar os lucros, mostram documentos. In: *The New York Times*, 24/7/2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/07/24/farmacautica-atrasou-remedio-promissor-para-o-hiv-para-aumentar-os-lucros-mostram-documentos-entenda.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RODRIGUES, Carla; GRUMAN, Paula. *Do abjeto ao não-enlutável: o problema da inteligibilidade na filosofia de Butler*. Anuário Antropológico [Online], v.46 n.3 | 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/8933>. Acesso em: 2 nov. 2023.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROSSI, André. Campanha: AIDS Viva Melhor. *Youtube*, 7 de set. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8rTe4TmQLPE>. Acesso em 21 de out. de 2021.

RYAN, Kathleen M. Vertical video: rupturing the aesthetic paradigm. In: *Visual Communication*, 17(2), 245-261. [2018]. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1470357217736660>. Acesso em: 2 nov. 2023.

SÁEZ, Javier. *El contexto sociopolítico de surgimento de la teoría queer*. In: CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier e VIDARTE, Paco. *Teoría queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid: Ed. Egales, 2007.

SAÉZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu: políticas anais*. Tradução: Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SAMPAIO, Paulo. Medo de se expor leva soropositivo a pagar para pegarem coquetel em posto. In: *UOL*. 13/2/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/paulo-sampaio/2020/03/12/medo-de-se-expor-leva-hiv-positivo-a-pagar-para-pegarem-coquetel-em-posto.htm>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SANCHES, Gabriel H. Estas imagens angustiantes capturam a guerra contra a crise da AIDS. In: *BuzzFeedNews*, 25 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/gabrielsanchez/pride-act-up-protest-aids-hiv-lgbt1-history>. Acesso em: 5 jul. 2023.

SANTAELLA, Lucia. Gêneros discursivos híbridos na era da hiperfídia. In: *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 206-216, ago/dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19516>. Acesso em: 10 set. 2023.

SANTAELLA, Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, Lucia. *Neo-Humano: A Sétima Revolução Cognitiva do Sapiens*. São Paulo: Paulus Editora, 2022. Edição do *Kindle*.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. *Paródias, desafios e confissões sobre HIV: os contextos de publicação de vídeos on-line no YouTube*. In: GALENO, A.; FRANÇA, F. T. de (Org.). *Ensaio antropológico: máquinas e humanos*. p. 111-128. Curitiba: CRV, 2019.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. *Luz, câmera, positHIVação! Narrativas audiovisuais como estratégias de visibilidade soropositiva a partir do YouTube*. Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2023. Disponível em: <https://acervo.ufrn.br/Record/ri-123456789-51970/Details>. Acesso em: 21 out. 2023.

SANTOS FILHO, Robson. E. *Narrativas de si e imaginários sobre HIV: uma análise do canal HDiário*. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/28318>. Acesso em: 21 set. 2023.

SHALAN, Mohammad Ali; ALGARNI, Mohammed Ayedh (Ed.). *Innovative and Agile Contracting for Digital Transformation and Industry 4.0*. IGI Global, 2020.

SHILTS, Randy. *And the Band Played On*. London: Souvenir Press, 2011.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2.ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016.

SIDA STUDI Documentació + Prevenció. Barcelona. Disponível em: <https://www.sidastudi.org/es/>. Acesso em: 2 out. 2023.

SILVA, Cristina L. C. *Ativismo, Ajuda-mútua e Assistência: A atuação das Organizações Não-Governamentais na luta contra a Aids*. Tese de Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Phelipe Daniele R. *40 anos depois: relatos no YouTube de comunicadores vivendo com HIV*. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/46326>. Acesso em: 21 out. 2023.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase – orientações pós-seculares*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SPINK, Mary Jane P. et al. A construção da AIDS-notícia. In: *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2001, v. 17, n. 4, p. 851-862. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2001000400019>. Acesso em: 15 jul. 2021.

STOFFEL, Alexander. *The Dialectic of the International: Elaborating the Historical Materialism of the Gay Liberationists*. *International Studies Quarterly*, Volume 66, Issue 3, September 2022.

STOKES, Jennifer; PRICE, Bianca. Social media, visual culture and contemporary identity. *In: Proceedings of the 11th international multi-conference on society, cybernetics and informatics (IMSCI 2017)*. Adelaide: University of South Australia, 2017. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Phsxhp3aCsUJ:scholar.google.com/&hl=en&as_sdt=0,5. Acesso em: 14 jul. 2023.

STOKEL-WALKER, Chris. *TIKTOK BOOM: China's Dynamite App and the Superpower Race for Social Media*. Kingston upon Thames, Surrey, United Kingdom: Canbury Press, 2021. Edição do kindle.

SZULC, Lukasz. A homossexualidade era ilegal na Europa comunista? *In: Entalhes*. 24 de outubro de 2017. Disponível em: <https://notchesblog.com/2017/10/24/was-homosexuality-illegal-in-communist-europe/>. Acesso em: 7 set. 2023/

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

TIME 100 photos The Most Influential Images of All Time, 2016. *In: Time*. Disponível em: <https://time.com/magazine/us/4574474/november-28th-2016-vol-188-no-22-23-u-s/>. Acesso em: 6 out. 2023.

TREVISAN, Joao S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

UNAIDS. *Globo e UNAIDS lançam campanha 'Viver Melhor' sobre prevenção ao HIV entre os jovens*. [2015]. Disponível em: <https://unaid.org.br/2015/09/globo-e-unaid-lancam-campanha-para-alertar-sobre-o-aumento-de-casos-de-aids-entre-jovens-e-importancia-do-teste-do-hiv/>. Acesso em: 28 set. 2023.

UNAIDS. *Estudo revela como o estigma e a discriminação impactam pessoas vivendo com HIV e AIDS no Brasil*. [2019]. Disponível em: <https://unaid.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impactam-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

UNAIDS. *EM PERIGO: Relatório Global sobre AIDS*. Genebra: Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS [2022]. Disponível em: <https://unaid.org.br/estatisticas>. Acesso em: 10 jul. 2023.

UNAIDS. *O caminho que põe fim à AIDS: Relatório Global do UNAIDS 2023*. Genebra: Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, 2023.

UNICEF Brasil. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 5 out. 2023.

VEIGA NETO, Alfredo. Didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. In: *Educação & Realidade*, 21(2). 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71622>

VEUM, Aslaug; UNDRUM, Linda V. M. The selfie as a global discourse. In: *Discourse & Society*, 29(1), 86-103, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0957926517725979>. Acesso em: 15 set. 2023.

VIDARTE, Paco. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. São Paulo: Impresso, 2019.

VILLEGAS, Dino. Political Netnography: A Method for Studying Power and Ideology in Social Media. In: KOZINETTS, Robert; GAMBETTI, Rossella. (eds.). *Netnography Unlimited. Understanding Technoculture Using Qualitative Social Media Research*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2021.

VILLELA, Gustavo. Após descoberta de diagnóstico, em 1981, Aids mata milhões e vira mal do século. In: *O Globo*. 16/7/2014. Disponível: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/apos-descoberta-de-diagnostico-em-1981-aids-mata-milhoes-vira-mal-do-seculo-13276614>. Acesso em: 3 out. 2023.

VIEIRA, Viviane. Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. In: RESENDE, Viviane de M. *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. p. 83-115. Campinas: Pontes, 2019.

VIEIRA, Viviane. Corpos e (con)vivências em pesquisas críticas. In: Almeida, Micheline M. Tomazi; Resende, Viviane de M. (Org.). In: *Estudos do discurso: abordagens em ciência crítica*. Campinas: Pontes, 2022, p. 137-163.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane. *Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2016.

VISUAL AIDS. Imagino o envelhecer nas tarde de quinta-feira (diálogos sobre desobediência e cura). Galeria em destaque - agosto de 2023 - setembro de 2023. *Figura: Untitled, Barton Lidice Benes (Paper and HIV medication), 2006*.

Disponível em: <https://visualaids.org/gallery/imagine-growing-old-on-thursday-afternoons-dialogues-about-disobedience-and-healing-2>. Acesso em: 9 set. 2023.

VITOR | HIV +. @_xramos. Postado em 21/1/2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeYuA78LIwD>. Acesso em: 10 set. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WHITE, Peter. Valoração: linguagem da avaliação e da perspectiva. In: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 178-205, 2004. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/295. Acesso em: 5 jul. 2023.

WILLIAMS, James. *Pós-Estruturalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. Critical discourse studies: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods of discourse studies 3rd edition*. London: Sage Publications, 2016, p. 1-22.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 14.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. p. 7-72.

ZEPPELIANO, Lula. *Cazuza no programa Cara a Cara com Marília Gabriela, 1988*. (Entrevista Completa). Youtube, 11 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dPj543V8xVQ>. Acesso em: 31 ago. 2023.

ZERO Patience (Teaser). In: *Queer Lisboa & Queer Porto*. Youtube. 24 de jul. de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XboL_RWIIAQ. Acesso em: 4 out. 2023.

APÊNDICE A – COLETÂNEA DOS DADOS

Para acessar os dados na íntegra, segue link do drive:

[Dados](#)

https://ufobedubr-my.sharepoint.com/:f:/g/personal/fabio_fernandes_intranet_ufob_edu_br/EiwYY56a7B9Elp3UrpqJ3hsBaxAvcrWoYgPXZ5wfrwIVeG?e=sdqzdG